

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ADRIANA SALAY LEME

**Josué de Castro e a fome:**  
gênese e gestão de uma questão social no Brasil

Versão Corrigida

São Paulo  
2023

ADRIANA SALAY LEME

**Josué de Castro e a fome:**  
gênese e gestão de uma questão social no Brasil

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Miguel Soares Palmeira

Versão Corrigida

São Paulo

2023

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Adriana Salay Leme****Data da defesa: 05/06/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Miguel Soares Palmeira**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 14/07/2023



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Lj Leme, Adriana Salay  
Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma  
questão social no Brasil / Adriana Salay Leme;  
orientador Miguel Soares Palmeira - São Paulo, 2023.  
353 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de História. Área de concentração:  
História Social.

1. Fome. 2. Brasil República. 3. História  
Contemporânea. 4. História da Ciência. 5. Estado  
(Política). I. Palmeira, Miguel Soares, orient. II.  
Título.

LEME, Adriana Salay. **Josué de Castro e a fome**: gênese e gestão de uma questão social no Brasil. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História

Aprovada em: 05/06/2023

### **Banca Examinadora**

Prof. Dr. Eduardo Dimitrov

Instituição: UNB

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Federico Neiburg

Instituição: UFRJ

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Rômulo Andrade

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Àqueles que justificam essa caminhada,  
Maria Alice, Pedro e Rodrigo.

Às mães do Brasil, especialmente às do  
projeto Quebrada Alimentada.

## AGRADECIMENTOS

Esta tese foi um trabalho coletivo de seis anos. Seu resultado só foi possível graças à formação e às trocas incentivadas pelo meu orientador, Miguel Palmeira. O olhar atento às palavras, o cuidado na pesquisa e a preocupação com a formação do conhecimento foram alguns de seus ensinamentos. Não sei se os honrarei na medida em que enxergo a qualidade do orientador que ele foi, mas guardo tudo comigo como um exemplo de profissional. Miguel formou um grupo de orientandos que, assim como ele, foi essencial e tornou a pesquisa bem menos solitária: Branca Zilberleib, Bruno Galeano, Franco Della Valle, Isabela Amatucci, Julio Cesar Silva, Livia Orsati e Mariana Osés. Sem vocês esta tese não existiria.

O tema da fome me levou a criar laços de amizade e aprendizagem que foram importantes para as ideias aqui desenvolvidas. Agradeço ao José Raimundo Ribeiro Junior, à Lis Furlani Blanco e à Livia Antipon, pesquisadores que se tornaram amigos e com os quais partilho os desafios de olhar para um assunto tão árido.

Ainda sobre o trabalho coletivo, agradeço à parceria de tantos anos de Joana Pellerano, Rafaela Basso, Maria Henriqueta Gimenes e Wanessa Asfora, pesquisadoras da alimentação e amigas. Também ao LEHDA, Laboratório de Estudos Históricos das Drogas e da Alimentação da USP, coordenado pelo professor Henrique Carneiro e que reúne pessoas com as quais podemos conversar sobre o assunto: Viviane Aguiar, Nicole Bianchini, Cauê Tanan, Frederico Toscano, Luís Teberga, Lucas Avelar, Carlos Torcato e Alexandre Varela.

Aos professores da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, Guilherme Máximo, Priscila Efraim, Cíntia Cazarin e Marcus Forte, que me convidaram a participar de um edital como professora visitante em um projeto de aprendizagem incrível. À Maria Claudia Hauschild e todo o time da Faculdade de Ciência da Saúde Sírio Libanês, onde começo uma nova jornada.

Às amigas e companheiras de luta, especialmente contra à fome, que conheci através desse percurso: Marina Mattar, Franciele Reche, Carla Bueno, Simone Gomes, Bianca Lima, Fabiana Sanchez, Lina Luz, Gabriel Zei, Edson Leite, Adelia Rodrigues, Thiago Vinícius, Elaine de Azevedo, Thiago Lima, Bel Coelho, Bela Gil, Paola Carosella, Neide Rigo, Thayla Godoy, Marie-France, Patricia Moll, Carolina Arantes, Janaina Fidalgo, Denise De Sordi,

João Ferraz, Carlos Doria, Arnaldo Lorençato e tantas outras pessoas que se dedicam a fazer um mundo menos desigual.

Aos que trabalham no restaurante Mocotó, em especial às pessoas que fazem nosso projeto Quebrada Alimentada existir e permanecer depois de três anos: Maísa Fonseca, José Evandro Junior, Adrielly Dantas, Mariana Branda, Bruno Silva, Ricardo Lima, Silvia Guzela, Gean Rocha e todo o time de logística, Elaine Corinaldesi, assistente social da UBS Vila Medeiros, e Pamela Pollyana, nutricionista parceira.

À professora Dana Simmons, da Universidade da Califórnia Riverside, que me abrigou durante o doutorado sanduíche em sua casa e com quem tive oportunidade de aprender e conversar sobre diversos assuntos. Sua visão foi fundamental para o desenvolvimento da tese. Também aos professores, alunos e alunas das disciplinas cursadas ao longo do doutorado. Na USP, os cursos com Débora Previatti, Ricardo Bechelli, Lidiane Rodrigues e Felipe Brandi; no Museu Nacional da UFRJ, no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, a disciplina “Sobre as políticas da vida” com Federico Neiburg e Eugênia Motta. Aos membros da banca de qualificação, pelas valiosas contribuições: Marcelo Cândido e Eduardo Dimitrov.

Ao Carlindo José, que tornou possível a digitalização da documentação do acervo de Josué de Castro na Fundação Joaquim Nabuco, seu papel foi fundamental. Aos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, pela paciência e trabalho, especialmente Carlos Antonio Ramos de Carvalho. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

Minha formação aconteceu integralmente em escolas públicas. Em um momento no qual essas instituições sofrem ataques constantes, é válido agradecer aos profissionais que dedicam sua vida ao acesso à educação.

À minha família. Meus pais, Alexandre Leme e Maria Cristina Salay, que me ensinaram que é preciso lutar pelo mundo que sonhamos. Aos meus irmãos, Nádia, Joana e Carlos, minha avó, Dione, minha tia Elisabete e minha cunhada Patrícia, que me apoiaram e foram meu amparo para os momentos de ausência. Aos meus sogros, Dona Lourdes e Seu Zé, que me ensinaram sobre a solidariedade sertaneja, o que é bagaceira e que é preciso comer até matar a fome. Ao meu companheiro de vida, Rodrigo Oliveira, pelo apoio irrestrito e por me ouvir falar do tema milhões de vezes. Aos meus filhos e enteadas, Nina, Flor, Pedro, Cora e



Maria Alice, pelo futuro e pelos momentos em que não pude estar. À Angela Dantas, sem a qual esta tese não seria possível.

Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto:  
é não ter o que comer na terra de Canaã.

**José Américo de Almeida**

## RESUMO

LEME, Adriana Salay. **Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma questão social no Brasil**. 2023. 352 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A tese analisa a trajetória de Josué de Castro como um fio condutor para pensar a gênese e a gestão de uma questão social que surgiu como problema público no século XX: a fome endêmica. Josué de Castro (1908-1973), pernambucano, foi um intelectual e político que se consagrou como porta-voz dessa temática. Presidente do Conselho da FAO, deputado federal pelo PTB de Pernambuco e professor em diferentes universidades, ele é uma figura central para entender como a fome cotidiana se tornou um problema público e político que deveria ser solucionado pela sociedade e pelo Estado. Para examinar esse processo, a tese está dividida em dois momentos. No primeiro, "Gênese de uma questão social", percorre-se a modificação dos elementos geradores da fome cotidiana no centro produtor das categorias científicas, como o protagonismo que o mercado adquiriu na sociedade. A partir disso, explora-se como as mudanças científicas permitiram que as novas condições e o fenômeno da fome endêmica fossem capturados e considerados um problema social. Além disso, investiga-se como a fome era representada no Brasil e como o fenômeno, enquanto condição crônica, passou a ser enunciado pelos especialistas. Na segunda parte da tese, "Em nome da fome", investigam-se: (i) a disputa pela definição da fome no espaço público letrado brasileiro e a manutenção das crises de fome e enunciações relacionadas a esse fenômeno; (ii) o papel dos *enunciadores* nesse espaço; (iii) a construção do aparato governamental para lidar com a fome endêmica; e (iv) a gestão desse problema pelo Estado e pela associação de Castro, bem como a conformidade das prescrições científicas com as práticas estabelecidas na sociedade. Por fim, explora-se como Josué de Castro se envolveu com essa temática e construiu sua carreira, tornando-se a grande referência brasileira no assunto. Ao longo da pesquisa, percebeu-se que a eleição da fome endêmica como um problema coletivo, o fortalecimento do aparelho burocrático do Estado e do espaço científico proporcionaram o aumento de profissionais envolvidos nessa temática, que prescreviam e geriam possíveis soluções. A maioria dessas soluções considerava as pessoas em situação de fome como um grupo que deveria se adequar aos preceitos modernos da alimentação propostos pela Nutrição. A tese também aponta que, apesar da aceitação das prescrições para solucionar o problema no espaço público letrado, nem todas eram implementadas e encontravam nas estruturas sociais os seus limites.

Palavras-chave: Fome. Josué de Castro. Brasil República.

## ABSTRACT

LEME, Adriana Salay. **Josué de Castro and hunger: genesis and management of a social issue in Brazil**. 2023. 352 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The thesis analyzes the trajectory of Josué de Castro as a guideline for thinking about the genesis and management of a social issue that emerged as a public problem in the 20th century: endemic hunger. Josué de Castro (1908-1973), from Pernambuco, was an intellectual and politician who established himself as a spokesman for this theme. President of the FAO Council, federal deputy for the PTB of Pernambuco and professor at different universities, he is a key figure in understanding how daily hunger has become a public and political problem that should be solved by society and the State. To examine this process, the thesis is divided into two moments. In the first, "Genesis of a social question", the modification of the elements that generate daily hunger in the production center of scientific categories is covered, such as the protagonism that the market acquired in society. From there, it explores how scientific changes allowed the new conditions and the phenomenon of endemic hunger to be captured and considered a social problem. In addition, it investigates how hunger was represented in Brazil and how the phenomenon, as a chronic condition, came to be stated by specialists. The second part of the thesis, "In the name of hunger", investigates: (i) the dispute over the definition of hunger in the Brazilian literate public space and the maintenance of hunger crises and enunciations related to this phenomenon; (ii) the role of enunciators in this space; (iii) building the government apparatus to deal with endemic hunger; and (iv) the management of this problem by the State and the Castro association, as well as the conformity of scientific prescriptions with established practices in society. Finally, it explores how Josué de Castro got involved with this theme and built his career, becoming the great Brazilian reference in the subject. Throughout the research, it was noticed that the election of endemic hunger as a collective problem, the strengthening of the bureaucratic apparatus of the State and the scientific space provided the increase of professionals involved in this theme, who prescribed and managed possible solutions. Most of these solutions considered people in a situation of hunger as a group that should adapt to the modern precepts of food proposed by Nutrition. The thesis also points out that, despite the acceptance of prescriptions to solve the problem in the literate public space, not all of them were implemented and found their limits in social structures.

Keywords: Hunger. Josué de Castro. Brazil republic.

## LISTA DE IMAGENS

|  |     |
|--|-----|
| Imagem 1 – Série sobre a Seca no Ceará de 1877/78. Foto: José do Patrocínio..... | 37  |
| Imagem 2 – Série sobre a Seca no Ceará de 1877/78. Foto: José do Patrocínio..... | 38  |
| Imagem 3 – Página ilustrada da revista O Besouro.....                            | 38  |
| Imagem 4 – Candido Portinari, Retirantes, 1936.....                              | 87  |
| Imagem 5 – Candido Portinari, Retirantes, 1944.....                              | 88  |
| Imagem 6 – Candido Portinari, Criança morta, 1944.....                           | 88  |
| Imagem 7 – Candido Portinari, Enterro na rede, 1944.....                         | 89  |
| Imagem 8 – Fome secreta ameaça a população em São Paulo.....                     | 143 |
| Imagem 9 – Folheto da ASCOFAM .....  | 168 |
| Imagem 10 – Livro Negro da Fome .....  | 169 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 – <i>Famine e hunger</i> nas publicações de língua inglesa (1760-1973)..... | 51 |
|---|----|

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCAR - Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural

AIA - American International Association for Economic and Social Development

ANL - Aliança Nacional Libertadora

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

ASCOFAM - Associação Mundial de Luta Contra à Fome

BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

CBA - Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco

CID - Centro Internacional para o Desenvolvimento

CNBS - Comissão Nacional de Bem-Estar Social

CNA - Comissão Nacional de Alimentação

CNI - Confederação Nacional da Indústria

CNME - Campanha Nacional da Merenda Escolar

COAP - Comissão de Abastecimento e Preços

CODENO - Conselho de Desenvolvimento do Nordeste

COFAP - Comissão Federal de Abastecimento e Preços

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

DASP - Departamento de Administração do Serviço Público

DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

DNCr - Departamento Nacional da Criança

ENDEF - Estudo Nacional de Despesa Familiar

ETA - Escritório Técnico de Agricultura

ETR - Estatuto do Trabalhador Rural

EUA - Estados Unidos da América

FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

FISI - Fundo Internacional de Socorro à Infância

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco

GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste

IFOCS - Inspeção Federal de Obras contra as Secas  
IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro  
INIC - Instituto Nacional de Imigração e Colonização  
INUB - Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil  
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
IPES - Seção de Informação, Propaganda e Educação Sanitária  
ITA - Instituto de Tecnologia Alimentar  
LBA - Legião Brasileira de Assistência  
MDB - Movimento Democrático Brasileiro  
OIT - Organização Internacional do Trabalho  
OMS - Organização Mundial da Saúde  
ONU - Organização das Nações Unidas  
PCB - Partido Comunista Brasileiro  
PIB - Produto Interno Bruto  
PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar  
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PR - Partido Republicano  
PSB - Partido Socialista Brasileiro  
PSD - Partido Social Democrático  
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro  
SALTE - Saúde, Alimentação, Transporte e Energia  
SAPS - Serviço de Alimentação da Previdência Social  
SCA - Serviço Central de Alimentação  
SESI - Serviço Social da Indústria  
SESP - Serviço Especial de Saúde Pública  
SPES - Serviço de Propaganda e Educação Sanitária do Ministério da Educação  
SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia  
STAN - Serviço Técnico de Alimentação Nacional  
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste  
SUPRA - Superintendência da Política Agrária  
UDF - Universidade do Distrito Federal



UDN - União Democrática Nacional

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - United Nations International Children Emergency Fund

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO  | 20  |
| PARTE I. GÊNESE DE UMA QUESTÃO SOCIAL                                       | 35  |
| 1. A FOME COMO PROBLEMA   | 36  |
| 1.1. Monetização do acesso e a circulação dos alimentos na Europa Ocidental | 42  |
| 1.2. As fomes e suas representações   | 51  |
| 1.3. A racionalização da alimentação  | 57  |
| 1.4. Fome no seu sentido moderno  | 65  |
| 2. JOSUÉ DE CASTRO, UM CIENTISTA DA FOME                                    | 68  |
| 2.1. A fome no paraíso tropical   | 73  |
| 2.2. As formas mais eficazes de analisar a alimentação                      | 100 |
| 2.3. O especialista que chegou ao Rio de Janeiro                            | 118 |
| 2.4. Fome, uma palavra científica   | 131 |
| PARTE II. EM NOME DA FOME   | 136 |
| 3. ENUNCIADOS E ENUNCIADORES DE UM NOVO SENTIDO DE FOME                     | 137 |
| 3.1. A fome endêmica como questão   | 139 |
| 3.2. Um projeto de denúncia   | 145 |
| 3.3. Nordeste, área problema  | 154 |
| 3.4. Quem fala sobre a fome   | 165 |
| 3.5. Os enunciadores  | 177 |
| 4. A FOME ENDÊMICA COMO UM PROBLEMA DO ESTADO                               | 181 |
| 4.1. Gestão da crise e do abastecimento                                     | 183 |
| 4.2. Alimentação do trabalhador   | 187 |
| 4.2.1. Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS)                  | 190 |
| 4.2.2. Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN)                       | 199 |
| 4.2.3. Comissão Nacional de Alimentação (CNA)                               | 206 |
| 4.3. Consolidação do aparato estatal em nome da fome                        | 214 |
| 5. POLÍTICAS E POLÍTICA EM NOME DA FOME                                     | 216 |
| 5.1. O nascimento da Política de Alimentação Escolar                        | 220 |
| 5.2. Um candidato “sem grandes possibilidades econômicas”                   | 226 |
| 5.3. A ASCOFAM e a gestão estatal da fome                                   | 242 |
| 5.4. Debates parlamentares e a questão agrária                              | 255 |

|   |     |
|---|-----|
| 5.5. Da representação às práticas políticas | 271 |
| 6. O PROFETA DA FOME                        | 277 |
| 6.1. O “filho do entregador de leite”       | 281 |
| 6.2. Combatente de Malthus                  | 291 |
| 6.3. Revolucionário comparado a Copérnico   | 302 |
| 6.4. Cidadão do mundo                       | 315 |
| 6. 5. Epílogo                               | 325 |
| CONCLUSÃO                                   | 331 |
| REFERÊNCIAS                                 | 336 |
| Acervos                                     | 336 |
| Referências bibliográficas                  | 336 |

## INTRODUÇÃO

“O ‘profeta da fome mundial’, como seus muitos amigos gostavam de chamá-lo, está morto.”<sup>1</sup> Josué de Castro morreu em Paris, vítima de um ataque cardíaco em 24 de setembro de 1973, aos 65 anos. O Vaticano rezou uma missa em seu nome, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) também lhe prestou homenagem.<sup>2</sup> No Brasil, alguns deputados do partido da ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), apoiaram a iniciativa do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime, para uma nota de pesar pela morte de Josué.<sup>3</sup> Diversas matérias foram publicadas em vários jornais brasileiros como *O Jornal*, *Tribuna da imprensa*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo* e internacionais como *Le Figaro*, *Le Monde* e *The New York Times*.<sup>4</sup> Seu corpo veio para o Brasil para ser enterrado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Castro foi nacional e internacionalmente reconhecido por seus estudos sobre a fome e, quando morreu, embora exilado, gozava de amplo prestígio. As categorias propostas de forma mais acabada por Castro em sua obra de consagração, *Geografia da fome*<sup>5</sup>, lançada em 1946, fornecem-nos uma base importante para entender o percurso do autor: fome epidêmica e fome endêmica. Por fome epidêmica ele compreendia episódios graves, mas momentâneos, que assolavam um lugar: crises de fome que impressionavam os espectadores. Episódios como as secas que devastavam o Nordeste poderiam ser catalisadores de uma fome epidêmica. As crises de fome ocasionadas por guerras também eram epidêmicas. Isso porque, nos momentos de chuva, haveria mais alimento para a população. O mesmo aconteceria quando um território se restabelecesse da guerra. É diferente da fome endêmica, que não está circunscrita a uma fatalidade natural ou momentânea e permanece no tempo. Nesse caso, as pessoas se alimentavam, mas de forma insuficiente.

O que a análise clínica chamava de subnutrição ou má nutrição deveria ser chamado de fome endêmica, propôs Josué. Uma fome produzida socialmente, pela formação do país

---

<sup>1</sup> Josué de Castro est mort. *La Via Catholique*. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Pasta 267.

<sup>2</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 267.

<sup>3</sup> ARENA apoia e MDB aprova pesar por Josué de Castro. *Tribuna da Imprensa*, 26 de setembro de 1973. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 267.

<sup>4</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 267.

<sup>5</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, [1946] 1948.

fundamentada no latifúndio e na monocultura, que não dava acesso ao alimento para uma parte da população cotidianamente.<sup>6</sup> Josué fazia parte do grupo científico que propunha a racionalização da alimentação a partir dos anos 1930 no Brasil. Ele se apropriou das ferramentas para medir a ingestão de alimentos, na formação da ciência da Nutrição, e associou-as de forma mais contundente à fome – a fome endêmica. Essa fome era menos intensa e provocava menor comoção, mas não era de menor importância. Sua proposta elevava o problema estrutural e cotidiano à mesma estatura de problema social das crises de fome.

Apesar de ter obtido destaque no assunto e tornado-se uma personagem privilegiada, ele não foi o único ator nesse processo do alargamento de sentido de fome. A gênese de uma nova questão social engendrou a formação de um universo social - dos *enunciadores* em nome da fome<sup>7</sup> - que encerrava disputas próprias e, derivavam delas, a aplicação de prescrições para lidar com o problema. A proposta desta tese é, através da trajetória de Josué de Castro, analisar a legitimação da fome endêmica como um problema público e político no século XX no Brasil e suas consequências. Castro se tornou um caminho pelo qual analiso a constituição desse espaço: a gênese e a gestão da fome endêmica como questão social.

Nascido no Recife em 1908 e morto em Paris em 1973, Josué de Castro foi um homem de ação. Participou de organizações de combate à fome, tendo sido presidente do conselho da FAO e fundador da Associação Mundial de Luta contra a Fome (ASCOFAM) e do Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID). Castro atuou como professor e intelectual, lecionando na Faculdade de Medicina do Recife, Universidade do Distrito Federal e Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de outras

---

<sup>6</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*, Op. Cit. p. 20-23.

<sup>7</sup> Sendo Josué de Castro o condutor desse caminho, percorri principalmente os usos do termo fome através dos *enunciadores* no *espaço público letrado*. Dessa forma, são coadjuvantes na tese as reivindicações populares, como motins, ou o sentido de fome para aqueles que viveram essa experiência. Ficou também de fora as greves de fome que, individuais ou coletivas, foram instrumentos frequentes de pleitos públicos durante o período analisado, como o caso de Gandhi na Índia. O termo carestia também não foi examinado, já que era uma categoria menos mobilizada pelos atores aqui tratados. As ocorrências de fome na proposta da tese são usadas para entender como elas ajudaram o fenômeno a se tornar um tema debatido publicamente como questão científica e política. Dana Simmons, em um livro sobre fome ainda não publicado, investigou os usos dessa categoria como ferramenta científica no século XX em muitas frentes nos Estados Unidos. Podemos encontrá-la em experimentos feitos sobre comportamento animal. Gatos, cachorros ou ratos, que quando deixados com fome, eram testados em suas reações. Os usos da categoria fome são diversos pela ciência ao longo do século XX. Após a leitura desse texto, entendi que esta tese não era sobre o conceito de fome - era sobre uma determinada categoria de fome - a fome endêmica. Ou seja, eu não estava interessada em saber se nos laboratórios brasileiros existiram experimentos parecidos como esses citados na obra de Simmons e sim em ver como a noção de fome endêmica foi articulada e quais as consequências da reivindicação dessa categoria. In: SIMMONS, Dana. *Scarcity is a lie: hunger stories from the science archive*. [no prelo], p. 52.

instituições internacionais. Publicou diferentes obras que versam sobre alimentação e fome. Sua consagração como protagonista entre aqueles que versavam sobre o tema aconteceu quando lançou o já citado livro *Geografia da fome*, traduzido em diversas línguas. Fora esse, podemos citar *Geopolítica da fome*<sup>8</sup> ou seu livro de ficção *Homens e Caranguejos*<sup>9</sup> como obras de destaque. Também era figura constante na grande imprensa, concedendo entrevistas ou assinando artigos.

No período no qual Josué atuou, entre os anos 1930 e 1960, os intelectuais, em muitos casos, tinham algum cargo público ou exerciam outras profissões, ao mesmo tempo que publicavam livros ou escreviam para os jornais.<sup>10</sup> Era o caso de José Lins do Rego, que atuou como fiscal de renda; Jorge de Lima, que era médico; ou Jorge Amado, que foi importante quadro do Partido Comunista. Josué de Castro, que não havia herdado capital financeiro ou patrimônio de sua família, teve que se valer do seu trabalho e fez um grande investimento nele. Além dos trânsitos acadêmicos, Castro manteve seu consultório no Recife e, mais tarde, no Rio de Janeiro, de 1930 até meados dos anos 1950. Também atuou enquanto articulador de diferentes órgãos governamentais. No Brasil, participou da fundação e gerenciamento do Serviço Técnico de Alimentação Nacional (1942-1945), do Instituto de Tecnologia Alimentar (1944) – depois incorporado pela Universidade do Brasil em 1946 –, do Serviço de Alimentação da Previdência Social, criado em 1940 e extinto em 1967 e da Comissão Nacional de Alimentação (1945-1972). Em 1954, elegeu-se deputado federal por Pernambuco pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sendo reeleito em 1958. Em 1962, renunciou ao mandato para ser embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU). Essa diferentes atuações aumentou ainda mais os espaços que circulou ao longo da vida.

Percebe-se que seu trabalho foi profícuo, reconhecido nacional e internacionalmente. Logo após a sua morte em 1973, exilado em Paris, estudos sobre Josué de Castro e as temáticas que ele discutiu passaram a ser feitos para dar conta do legado do profeta da fome. O primeiro foi lançado no Brasil e escrito por Alain Tobelem – *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Nele, o autor estabeleceu uma estreita relação entre a infância de Josué e seu perfil intelectual na maturidade: “Josué de Castro [...], desde a infância, assumiu o

---

<sup>8</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasiliense, [1952] 1965.

<sup>9</sup> CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1967.

<sup>10</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1979.

partido dos que têm fome, colocando ao seu serviço o seu espírito, as suas forças e o seu gênio. [...] Josué de Castro sentiu o ambiente de sua infância como um estímulo a partir do qual conhece a revolta”.<sup>11</sup> Em 1977, Anna Maria de Castro, filha de Josué, defendeu uma tese para o concurso de livre-docência no Instituto de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro na qual estudou a nutrição, políticas públicas e o desenvolvimentismo no Brasil.<sup>12</sup> Josué não era o objeto central, sendo citado em algumas passagens, mas Anna se tornou intelectual e grande divulgadora do trabalho do pai, participando de diversos estudos e ações posteriores em sua homenagem. Ela colaborou com a fundação do Centro de Estudos e Pesquisa Josué de Castro no Recife, em 1979, para a qual doou parte do acervo pessoal do autor, hoje disponível na Fundação Joaquim Nabuco, também no Recife. Anna organizou em 1983 o livro *Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*, no qual apresentou textos do pai: “foi pensando em reunir esses trabalhos dispersos que organizamos este livro. Expressam, em sua maioria, a maturidade do autor. Encontramos, não raro, as afirmações que foram as linhas mestras do seu pensamento, das quais jamais se afastou [...]”.<sup>13</sup>

Ainda durante a década de 1980, houve uma série de eventos para discutir o autor e suas obras e, em 1992, Rosana Magalhães defendeu uma dissertação na Fiocruz com o nome *Fome no pensamento de Josué de Castro*, que se tornou o livro *Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro*. Este é considerado a primeira pesquisa acadêmica brasileira que se debruçou sobre a obra dele. A partir daqui, intensificaram-se os trabalhos brasileiros, com destaque para o de Tânia Elias Magno da Silva, em 1998,<sup>14</sup> que analisou o acervo pessoal de Josué de Castro e sua vida desde a infância, inclusive seu diário, que teria se iniciado em janeiro de 1957, em posse da família Castro. “Descobri por suas próprias palavras que muito cedo, ainda menino, as imagens da fome haviam moldado os quadros que se fixaram em sua memória

---

<sup>11</sup> TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974. p. 33.

<sup>12</sup> CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento, análise de uma política*. Tese (Livre-docência em Sociologia). Instituto de Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

<sup>13</sup> CASTRO, Anna Maria de (org.). *Fome, um tema proibido*. Últimos escritos de Josué de Castro. Petrópolis: Editora Vozes, 1983. p. 11.

<sup>14</sup> SILVA, Tania E. M. *Josué de Castro: Para uma poética da fome*. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998.

como um encantamento e geraram um estranho fascínio por estas imagens.”<sup>15</sup> Nos últimos anos, diversos outros trabalhos foram publicados e ampliaram o debate sobre Josué de Castro e seu legado.<sup>16</sup>

As pesquisas e publicações variam de escopo e perspectiva teórica, mas a maior parte tem em comum o fato de aceitar como um dado a ideia, acalentada pelo próprio Josué de Castro, de que o tema da fome tornou-se matéria de interesse para ele em razão de seu contato direto com a pobreza nos primeiros anos de vida. Como ele sugeriu no prefácio de *Homens e caranguejos*:

O tema deste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados deste mar de miséria. Procuo mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne [...]<sup>17</sup>

Dessa proximidade ele conquistou a vanguarda e protagonismo nesse assunto, assumindo uma linearidade em sua produção:

Como é que eu ia aprender o que lancei em meus livros? Aprender com quem? O primeiro a falar nisso fui eu. E algumas pessoas até superestimam, exageram tremendamente o que fiz, como naquele dia em que, entregando-me a medalha de Cidadão Honorário de Paris, o ministro disse: “O senhor realizou na Biologia o que Copérnico realizou no campo da Astronomia. Descobriu, intuitivamente, coisa que se comprovou, cientificamente, depois.”<sup>18</sup>

Quando Josué escreveu esse livro de ficção e concedeu essa entrevista tinha grande prestígio internacional, era um autor consagrado. Ao projetar uma autoimagem, Castro, assim como muitas figuras públicas, intelectuais ou não, apagou as incongruências, disputas e

---

<sup>15</sup> SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué por ele mesmo: o diário. In: Silva, Tânia Elias Magno da (org.). *Memória do Saber: Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

<sup>16</sup> Para uma consulta do que foi produzido sobre Josué de Castro, ver a tese de Mercês Silva. Nela, a autora fez um mapeamento das produções científicas sobre o autor, como artigos, dissertações e tese. In: SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: um autor do legado esquecido?* Tese (Doutorado em Ciências Médicas), Universidade de Campinas, 2016. Depois do trabalho de Mercês Silva, outras pesquisas surgiram sobre o autor, como a Helder Amorim: AMORIM, Helder Remigio de. “Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado), Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. A de Marina Mendonça: MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O combatente da fome. Josué de Castro: 1930-1973*. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2021. Ou a de Archie Davies: DAVIES, Archie. *Josué de Castro's Geografia Combatente and the political ecology of hunger*. PhD in Geography at King's College London, 2019.

<sup>17</sup> CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967. p. 12.

<sup>18</sup> CASTRO, Josué de. Entrevista [1964]. Entrevistador: Pedro Bloch. *Revista Manchete*. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados, (Perfil Parlamentar n.52). p. 41.



estratégias que teve no decorrer da vida e construiu uma história linear em retrospectiva, depurada de qualquer contradição. O homem que conheceu a fome na infância procurou extrair disso a autoridade necessária para tratar do tema. Seria, portanto, pioneiro do debate.

Esta tese propõe outro caminho em relação aos trabalhos precedentes em três sentidos. O primeiro é situar o prestígio que Josué conquistou no processo histórico que erigiu a fome enquanto uma questão social, portanto pública e política. Parte-se do princípio que a emergência da fome endêmica como uma questão pertinente naquele momento é um elemento essencial para a compreensão do capital simbólico adquirido por Josué de Castro como um portador da temática. O segundo é que a narrativa proposta por Castro não nos traz outros atores e tensões que são importantes para entendermos por que esse tema ganhou protagonismo.<sup>19</sup> É preciso ter em conta não apenas a importância política de que se revestiu a fome, mas também as estratégias que os atores do combate à fome empenharam para afirmar essa importância e definir um espaço próprio de enunciação e ação. Por isso, uma das preocupações foi mapear quem estava discutindo a questão e disputando os sentidos de fome assim como os projetos políticos que derivavam deles. Para fazer esse percurso, vem o terceiro ponto: transcender a imagem pública do intelectual e construir, dentro do microcosmo social formado pela emergência de um novo sentido de fome, práticas e disputas que eram escamoteadas na construção da personagem reivindicada por Castro.

As pesquisas antecedentes que foram feitas sobre o autor<sup>20</sup> - documentação levantada, entrevistas e mapeamento prévio - permitiram que eu ampliasse o escopo de análise e inserisse a produção de Castro em disputas e alianças com os atores dos espaços que ele circulou. Para entender como Josué construiu seus pressupostos analíticos que o consagraram como profeta da fome, fiz uma escolha metodológica de ler suas publicações em ordem cronológica, fazendo paralelamente a busca sobre sua atuação na imprensa de ampla

---

<sup>19</sup> Para esse mapeamento, utilizei trabalhos como: LIMA, Eronides da Silva. *Mal de fome e não mal de raça*. Gênese, constituição e ação política da educação alimentar no Brasil – 1934-1946. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2000. MUNIZ, Érico Silva Alves. *Comida, trabalho e assistência social: a alimentação na agenda política brasileira (1939-1947)*. Tese (Doutorado), História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2014.

<sup>20</sup> Como a tese de Helder Amorim: AMORIM, Helder Remigio de. “Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado), Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Da mesma forma, as entrevistas e a análise do diário de Josué feitas por Tânia Silva: SILVA, Tânia Elias Magno da (org.). *Memória do Saber: Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. Também o mapeamento de Mercês Silva sobre os trabalhos que tratam do autor: SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: um autor do legado esquecido?* Tese (Doutorado em Ciências Médicas), Universidade de Campinas, 2016.

circulação.<sup>21</sup> Só então analisei seu acervo na Fundação Joaquim Nabuco<sup>22</sup> tendo como apoio a tese de Helder Amorim,<sup>23</sup> historiador que examinou a trajetória de Josué de Castro. O imenso acervo de Castro está separado por tipo (cartas, recortes de jornais, discursos) ou o assunto (ASCOFAM, FAO, Nordeste) dos documentos e, por isso, a análise dos processos de desenvolvimento das ideias dele é mais apurada a partir do momento em que se pode ter uma ideia preliminar de percurso. O percurso diacrônico pelas publicações e imprensa direcionou a interpretação de sua produção e mostrou como o interesse e os modos de enunciação sobre a fome endêmica vieram efetivamente a se apresentar.

A partir dessa constatação, contextualizei seu trabalho pela categoria que ele mais mobilizou: a fome. Para isso, fiz o mesmo percurso em ordem cronológica no *espaço público letrado*: publicações literárias ou científicas, jornais e revistas de maior circulação. Essa categoria foi pensada a partir da intenção de delimitar o que era público e letrado naquele período. *Espaço público* remete a ideia de um espaço social onde indivíduos se engajavam em discussões sobre o bem comum.<sup>24</sup> Por se tratar de um conjunto de pessoas e atividades distintas, intencionalmente me afastei do conceito de campo de Pierre Bourdieu. Além de muito variado, essas diferentes frentes não tinham a espessura necessária para ter uma dinâmica própria. As influências e limitações não eram totalmente refratadas pelos espaços - fossem eles políticos governamentais, intelectuais ou de produção literária - para que se configurassem campos.<sup>25</sup> Tal penetrabilidade entre as áreas permitia maior articulação e

---

<sup>21</sup> A pesquisa na imprensa foi na feita Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O imensurável acervo da instituição, que não pôde ser explorado de forma exaustiva, foi investigado através de buscas por palavras-chaves: Josué de Castro e depois fome. Os resultados analisados foram escolhidos com o intuito de contemplar os jornais e revistas apoiadores e adversários do autor e os que apontavam maior número de resultados na busca: 8 veículos escolhidos a cada década. O recorte temporal analisado foi de 1923, quando Josué iniciou a Faculdade de Medicina na Bahia, até 1973, ano de sua morte. A imprensa foi uma importante fonte para investigar a composição das redes e disputas em torno de Josué, entre elas especialmente a do campo governamental, claro que com a limitação de constar apenas as informações que se tornaram públicas. Uma das vantagens dessa fonte é ter uma dimensão do desencadeamento dos acontecimentos. Esse acervo está disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso 01 de mar. 2023.

<sup>22</sup> O acervo de Josué de Castro na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, tem 718 pastas com documentos variados, como cartas, recortes de jornais e revistas selecionados, discursos, atas de reuniões, documentos da FAO, da ASCOFAM ou do CID e publicações datilografadas e impressas. Com 30 mil documentos, esse acervo tem poucos registros do início de sua carreira e é profícuo de documentos da fase mais avançada.

<sup>23</sup> AMORIM, Helder. *Op. Cit.*

<sup>24</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>25</sup> Tal definição está exposta em Pierre Bourdieu no texto *Campo intelectual e projeto criador*. BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador [1966]. In: POUILLON, J. et all, *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1968. p. 105-145.

influência das temáticas. O termo *letrado* remete às fontes utilizadas e à intenção de localizar o circuito específico de discussão das ideias investigadas nesta tese. Isso porque a palavra fome era mobilizada em outras instâncias, como a dos famintos, dos motins populares, das greves organizadas ou das greves de fome. Os entendimentos sobre o que era fome desses outros espaços, por vezes também públicos, não necessariamente passavam pelos circuitos hegemônicos de circulação de ideias tratados nesta tese. As discussões e representações não eram compartilhadas por toda a população e sim por jornalistas, acadêmicos, políticos, burocratas nacionais e internacionais e o público que lia e ouvia esses grupos. Assim, eram essas as pessoas que definiam os termos e as personagens da discussão a respeito da fome no *espaço público letrado*.

Dessa forma, configurou-se um recorte sobre o grupo com o qual esta tese trabalha: aqueles que gestaram e reivindicavam o sentido *moderno* da fome, sobretudo Josué. A análise das tensões e disputas foi essencial para que fosse possível entender a emergência desse problema como questão social, as consequências desse surgimento e como Josué de Castro se inseriu nesse processo. Por isso, utilizei as categorias de capitais propostas por Bourdieu. Elas foram úteis para entender as possibilidades e efetividade de um movimento de ascensão como o de Josué de Castro e dos embates que envolviam a emergência e os usos de uma nova categoria de fome. Primeiro pelo grande esforço feito por ele para acúmulo de capital cultural incorporado.<sup>26</sup> Josué, vindo de uma família sem grande capital econômico, sem tradição e não pertencente à oligarquia pernambucana, valeu-se do acúmulo de capital cultural para ascender socialmente. Outro capital essencial para compreender a sua trajetória é o social.<sup>27</sup> O êxito de Josué pôde ser traduzido em capital simbólico, o conhecimento e reconhecimento adquirido por ele pelos pares-concorrentes.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Por capital cultural, Bourdieu entende conhecimento, valores e atitudes que são valorizados pelos grupos hegemônicos e que podem ser transmitidos pela educação formal, mas também informal, como a família. Assim, o capital econômico é importante para o acúmulo de capital cultural tanto pelas possibilidades apresentadas na família como o acesso que a pessoa terá ao conhecimento elencado como desejável. Bourdieu trabalhou os conceitos de capitais em diversas obras. Para capital cultural: BOURDIEU, Pierre. "Les trois états du capital culturel". *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n. 30, novembro de 1979. p. 03-06.

<sup>27</sup> Capital social é compreendido como a rede de relações, institucionalizadas ou não, que Josué formou ao longo de sua trajetória e que foi de fundamental importância para sua inserção em diversos espaços, como no Estado. A elaboração desse capital está em: BOURDIEU, Pierre. Le capital social: notes provisoires. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 31, 1980. p. 02-03

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, [1997] 2004. p. 26.

Para entender a emergência da fome endêmica como problema público e a atuação de Josué de Castro, dividi a tese em duas partes: “Gênese de uma questão social” e “Em nome da fome”. Na primeira, examinei como a fome endêmica se constituiu como um objeto de atenção pública preeminente.

No primeiro capítulo, “A fome como problema”, examinei a sociogênese dessa questão. A fome endêmica foi uma categoria mobilizada a partir de discussões científicas travadas na Europa Ocidental. Sua formulação se baseou na ideia de carência polivitamínica, definida à luz das novas exigências de trabalho do contexto europeu. Por isso, pesquisei condicionantes sociais e científicas do alargamento do sentido de fome na Europa Ocidental, especialmente Inglaterra. A análise da construção científica e pública do problema estava bem delimitada em diversas pesquisas, como a de James Vernon.<sup>29</sup> Mas procurei investigar também o que estava mudando no processo produtor da fome que alterou a percepção sobre ela. Com a consolidação do capitalismo, dois fatores passaram a ser essenciais no acesso ao alimento dessa região: (i) a centralidade do mercado e, conseqüentemente, a renda como condicionante do acesso aos alimentos; (ii) a especialização e internacionalização da produção alimentícia. A partir dessa prevalência, as crises de fome diminuíram na Europa Central, pois os países dessa região detinham um maior poder de compra no mercado internacional. Assim, os olhos e pesquisas se voltaram para seu fenômeno crônico. Isso não quer dizer que a fome endêmica foi criada entre os séculos XVIII e XX, mas que novas relações sociais produziram novas condições materiais - um processo diferente de geração de fome -, conseqüentemente, novos enquadramentos sobre o fenômeno. A necessária vinculação à renda e venda da força de trabalho da maior parte da população para a aquisição de alimentos - a consolidação da sociedade centrada no mercado - rearranjou as formas de produção da fome. Fora isso, é necessário mencionar a demanda pelo desempenho dos operários no capitalismo. Eles deveriam ter o mínimo necessário para subsistir, trabalhar e reproduzir<sup>30</sup> para que pudessem melhorar o desempenho do país e se afastar das revoluções socialistas que entraram como ameaças a partir de 1917.

---

<sup>29</sup> VERNON, James. *Hunger, a modern History*. Cambridge, MA/ London: Belknap Press/ Harvard University Press, 2007.

<sup>30</sup> SIMMONS, Dana. *Vital Minimum*. Need, science, and politics in modern France. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

Nas discussões sobre alimentação racional do início do século XX, a ideia de *moderno* se fazia presente. Implicava uma moral que valorizava a família nuclear ou o indivíduo, o trabalho, o crescimento industrial, o urbano, a impessoalidade, a racionalidade, a disciplina e a centralidade do dinheiro e do mercado. Uma parte considerável das prescrições científicas era formulada com o princípio em torno da racionalização do mundo social tendo em vista o *telos moderno*. Para essa perspectiva, colaborou o surgimento da estatística, da economia, das métricas para medir a alimentação cotidiana e o ideal de alimentação derivado dessas pesquisas. Com isso, a fome endêmica passou a ser central para o sentido de fome nos países produtores das categorias científicas e, no começo do século XX, a atenção para esse fenômeno tornou-se maior do que para as crises de fome.

No segundo capítulo, “Josué de Castro, um cientista da fome”, examino o sentido de fome no *espaço público letrado* brasileiro e como ele se alargou a partir das ferramentas científicas e das preocupações em promover a alimentação ideal. Essa análise do *espaço público letrado* mostrou que, até a Segunda Guerra Mundial, fome era mobilizada no Brasil - por intelectuais, literatos, artistas e políticos - especialmente como epidêmica. Essa fome não tinha, naquele momento, o epíteto de epidêmica. O que eles entendiam por fome, pura e simplesmente, foi identificado aqui como epidêmica por sua íntima ligação com crise.

No mesmo período, as discussões sobre a alimentação racional aumentaram no Brasil. As análises sobre hábitos alimentares, a composição dos alimentos e as prescrições que derivavam dessas pesquisas, inicialmente formuladas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, não foram trasladadas para outros espaços da forma como foram gestadas.<sup>31</sup> Eram apropriadas em um sistema desigual de disputas simbólicas e materiais e que, quando aplicadas no Brasil, encontraram diferentes realidades, condições de implementação e contingências. Formaram, dessa forma, um espaço social em torno da consolidação da categoria de fome endêmica no Brasil. O segundo capítulo analisa o início da trajetória de Josué e como ele construiu seus pressupostos analíticos para se tornar um dos protagonistas na constituição do universo social em torno dessa temática.

Sua consagração como profeta da fome se deu quando lançou *Geografia da fome* e propôs que a ausência cotidiana e parcial de alimentos fosse alçada à mesma categoria de problema social das crises. O fato da publicação ter sido lançada em 1946, um ano após o fim

---

<sup>31</sup> POHL-VALERO, Stefan; DOMÍNGUEZ, Joel Vargas (ed.). *El hambre de los otros: ciencia y políticas alimentarias en Latinoamérica, siglos XX y XXI*. Bogotá: Editorial Universidade del Rosario, 2021. p. 06.

da Segunda Guerra Mundial, precisa ser levado em consideração, pois essa guerra foi uma catalisadora do fenômeno e de organismos para lidar com a questão, como a FAO. Após esse período, fome em sua acepção endêmica predominou no *espaço público letrado* em um processo simultâneo à constituição de um grupo dos que falavam em nome da fome. A eleição do fenômeno endêmico como um problema coletivo, o adensamento do aparelho burocrático do Estado e do espaço científico proporcionaram o aumento do número de pessoas profissionalmente vinculadas ao tema que prescreviam e geriam possíveis soluções. Tais personagens, em sua maioria, tinham as pessoas em situação de fome como um grupo que deveria se adequar aos preceitos *modernos* de alimentação, propostos pela nutrição. Esse grupo, suas enunciações e as consequências desse engajamento são objetos de análise da segunda parte da tese.

O terceiro capítulo, “Enunciados e enunciadores de um novo sentido de fome”, examina os *enunciadores* e os enunciados em torno da fome. Ao longo da pesquisa notei que, apesar da visão hegemônica sobre o fenômeno, suas definições eram concomitantes e em disputa, concorrendo no plano dos debates públicos e derivando, delas, determinadas visões e ações políticas. O surgimento das discussões sobre a fome endêmica não solapou completamente outras interpretações. Um exemplo dessa permanência é a visão de que ela é causada pela falta de trabalho ou por ignorância<sup>32</sup>. Outro é a manutenção de sua definição através da ligação com crise, que se dá até hoje.<sup>33</sup> Assim como a permanência da ideia, as próprias crises se mantiveram no Brasil. Como intensificadoras dos elementos preexistentes, tais crises catalisavam também as discussões sobre o assunto. Na emergência, há a compressão, aceleração e incerteza que atinge não apenas a esfera das vidas cotidianas mas também a forma de interpretação dos especialistas, do governo e da legislação sobre tais vidas.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Vernon atribuiu essa visão como derivada de uma moral protestante, que responsabiliza o indivíduo pela fome, sendo ela um elemento disciplinador para o trabalho. Esse tipo de posicionamento esteve presente na época que Josué de Castro atuou e ainda permanece. In: VERNON, James. *Op. Cit.* p. 02.

<sup>33</sup> Basta lembrarmos do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, quando disse que "falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira. Passa-se mal, não come bem. Aí eu concordo. Agora, passar fome, não [...]. Você não vê gente, mesmo pobre, pelas ruas com físico esquelético como a gente vê em alguns outros países pelo mundo". Esse recorte das pessoas em situação de fome como portadores de um “físico esquelético” é a vinculação do termo à inanição e à crise. In: JIMÉNEZ, C. Bolsonaro: “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista”. *El país*, 19 de julho de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685\\_513257.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html) Acesso em 01 de mar. 2023.

<sup>34</sup> NEIBURG, Federico. Buscando a vida na economia e na etnografia. *Mana*, v. 28, n. 2, 2022. p. 04. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a900>

Essas definições disputavam no *espaço público letrado* e a fome endêmica foi se impondo como predominante. As disputas se davam principalmente entre os *enunciadores*, ou seja, espectadores da fome que propunham determinadas interpretações. Essa proposição de uma questão pública e socialmente produzida, em alguns casos, foi o objetivo de atuação de algumas instituições. Examinei a constituição da ASCOFAM e suas estratégias para o projeto de denúncia do problema: atas de constituição, panfletos, a publicação de livros vinculados à associação e outros materiais de divulgação, como encontros e documentários.

O quarto capítulo, “A fome endêmica como um problema de Estado”, dá início à análise sobre as consequências da eleição da fome endêmica como questão política. Nele, examino a constituição do aparato do Estado federal a partir da atuação de Josué de Castro nessa esfera. Até a década de 1930, a gestão da fome era principalmente vinculada ao seu fenômeno epidêmico, já que essa era a acepção em voga. A partir do primeiro governo de Getúlio Vargas, o adensamento do Estado federal como instância administrativa engendrou o surgimento de diferentes órgãos, como o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), o Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) e a Comissão Nacional de Alimentação (CNA). A quantidade de organizações que Josué participou e a aderência que o tema encampado pelo autor teve apontam como havia uma demanda para a discussão e gestão da alimentação e da fome da população brasileira entre os anos 1930 e 1960 no aparato estatal.

As análises sobre políticas públicas brasileiras que propõem intervenções na alimentação são feitas, normalmente, a partir dos atos administrativos de formalização dessas políticas públicas.<sup>35</sup> Dessa forma, elas percorrem, muitas vezes, documentos de formação e de representação pública e trabalham pouco sua implementação e processos escamoteados do discurso. As políticas públicas eram desenvolvidas com base em dados estatísticos e estudos de especialistas que buscavam solucionar os problemas enfrentados pelo Estado em relação ao público-alvo. No entanto, elas, muitas vezes, não eram formadas levando em conta as negociações e acontecimentos que ocorriam para que pudessem ser levadas a cabo. Josué de Castro e outros técnicos tiveram que lidar com essas contingências, em um processo de

---

<sup>35</sup> Cf SILVA, Sandro Pereira. *A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, descontinuidades e consolidação*. Brasília/ Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2014. VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas à Lula. *Revista de Nutrição*, vol. 18 n. 4, ago 2005. p. 441. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732005000400001>. BARROS, Maria Sylvia Carvalho; TARTAGLIA, José Carlos. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alimentos e Nutrição*, Araraquara, v. 14, n. 1, 2003. p. 119.

desenvolvimento negociado, a fim de combater a fome endêmica no Brasil. Por isso, no quinto capítulo, “Políticas e política em nome da fome”, procurei entender como as políticas públicas se tornaram práticas na gestão da qual Josué de Castro participou. Ou seja, como as prescrições científicas se constituíram em aparatos e políticas e como esses eram geridos na luta contra a fome.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que capital social era um elemento central não apenas para o prestígio e capital político, mas também para levar a cabo as propostas advindas do campo científico e governamental. O argumento de que políticas públicas e a atuação dos agentes eram técnicos e impessoais, forjado na moral *moderna*, diferia de uma prática atravessada por laços pessoais e contingências diversas, como insuficiência de verba, resistências às prescrições e problemas administrativos e logísticos.

O quinto capítulo analisa o período de Josué de Castro enquanto deputado federal e a participação de sua associação, a ASCOFAM, nesse trabalho, que em diversos momentos atuava alicerçada em parcerias e verbas públicas. Por fim, investiga os limites sociais impostos pelas prescrições científicas, que também eram políticas, como a realização de uma reforma agrária.

No sexto e último capítulo, “O profeta da fome”, a trajetória de Josué de Castro é analisada para entender as consequências da vinculação ao tema da fome para o autor depois da publicação de *Geografia da fome*. O investimento em acúmulo de capital social e cultural e o domínio das ferramentas de inserção foram estratégias fundamentais para que ele ascendesse socialmente porque não havia herdado o pertencimento entre os estabelecidos.

A partir dessa constatação, era importante entender a posição social que Josué ocupou nos diferentes momentos da vida. Separar os grupos como uma figura estática entre estabelecidos e *outsiders* não resolveu a complexidade das relações sociais colocadas.<sup>36</sup> Primeiro porque, sendo relacionais, não fixas, essas posições variam de acordo com o posicionamento dos interlocutores a depender da figuração. Segundo porque os estabelecidos disputavam entre si, o que fica mais claro nos três últimos capítulos. Apesar de serem um grupo numericamente menor, não eram homogêneos. O material da tese mostrou principalmente a disputa entre os recém-chegados e os que estavam há mais tempo nos grupos dominantes. Da mesma maneira, os *outsiders* formavam um grupo heterogêneo. Eles

---

<sup>36</sup> Essas categorias foram formuladas em: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.



englobavam uma gama diversa de atores que eram categorizados, na verdade, em oposição aos estabelecidos. Por isso, figurações específicas foram construídas, como no Recife, no Rio de Janeiro ou no âmbito internacional dos intelectuais e especialistas em nome da fome. O foco do sexto capítulo é a circulação internacional de Josué. O lançamento do livro *Geopolítica da fome*, sua atuação na FAO, enquanto embaixador do Brasil na ONU e, depois de exilado, na criação do CID e a interlocução com outros atores. Por último, como Josué e seus aliados construíram as indicações dele ao Nobel, sendo possivelmente o brasileiro que mais vezes concorreu ao prêmio. Foram cinco vezes ao Nobel da Paz e uma vez ao Nobel de Medicina.

Ao longo da tese foi possível apreender que a constituição da fome endêmica como uma questão pública se deu a partir de elementos inerentes ao processo de geração no capitalismo e da identificação desse fenômeno como um sinal do atraso pelos *enunciadores do espaço público letrado*. A formação de um país *moderno* e desenvolvido passava pelo combate à fome endêmica. Esse grupo formou um espaço social que engendrava disputas e projetos, como qualquer outro espaço social. A análise da socio-lógica do universo dos *enunciadores* foi fundamental para entender como e por que Josué foi protagonista nessa formulação.

Castro fez um grande investimento para se tornar portador da temática e seus investimentos se deram em um momento em que foi possível para ele ascender, pois o capital cultural passou a ser cada vez mais um elemento do recrutamento para cargos em lugares como a universidade e o Estado. Uma vez cientista e autorizado dentro do *espaço público letrado*, Josué se vinculou ao tema que o consagrou.

A fome se tornou um assunto de primeira grandeza e Castro, seu *enunciador* mais destacado. Jamesson Ferreira Lima, delegado da ASCOFAM em Pernambuco, narrou uma situação em que estavam no interior do estado e um homem se aproximou: “[n]ão sei ler, mas sei que o Sr. é o homem da fome e eu lhe admiro muito.”<sup>37</sup> O “homem da fome” encontrou, no entanto, os limites sociais do alcance das prescrições, aparentemente apenas técnicas, mas que eram também políticas. Exilado pelo golpe militar de 1964, sentiu esse lugar de pária da própria pátria.

---

<sup>37</sup> LIMA, Jamesson Ferreira. Consciência contra a fome. In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983. p. 105.

Entrego esta tese no ano que completa o cinquentenário de sua morte. A fome continua presente em nosso país, principalmente depois de termos enfrentado o acirramento do problema durante a pandemia da COVID-19.<sup>38</sup> Assim como tratado na tese, as crises de fome ainda geram a intensificação da mobilização para sua análise e seu enfrentamento. Na Universidade de São Paulo, criaram-se, pelo menos, duas iniciativas: a Cátedra Josué de Castro na Faculdade de Saúde Pública, fundada em 2021, e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Combate à Fome (INCT-CNPq), formado a partir do Grupo de trabalho “Políticas Públicas de Combate à Insegurança Alimentar e à Fome” que nasceu em setembro de 2021.

Da mesma forma, as ações da sociedade civil contra a fome aumentaram significativamente.<sup>39</sup> Foi nesse contexto que, junto com outras pessoas que trabalham no restaurante Mocotó, fundamos o projeto Quebrada Alimentada, que acontece na Vila Medeiros, no extremo norte da cidade de São Paulo. Nós distribuimos marmitas todos os dias e cestas básicas uma vez por mês para pessoas identificadas pela rede de solidariedade que se formou e pela parceria com trabalhadores da Unidade Básica de Saúde da região. Também passamos a discutir políticas públicas e a fazer campanhas para a sensibilização ao problema, como a campanha *Gente é pra brilhar não para morrer de fome*, que aglutinou mais de 100 grupos da sociedade civil. Tornei-me, nos moldes de Josué de Castro, uma *enunciadora atuante*. Dessa forma, objeto pertencente ao espaço social que analiso nesta tese.

---

<sup>38</sup> Os dois relatórios da Rede PENSSAN revelaram que a fome e a insegurança alimentar aumentaram significativamente nos últimos anos, atingindo, no momento desta publicação, mais da metade da população brasileira se considerarmos todos os níveis e 33 milhões de pessoas se considerarmos apenas o nível mais grave, hoje nomeado como fome pela maioria dos especialistas. REDE PENSSAN. II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]. São Paulo, 2022.

<sup>39</sup> LEME, Adriana Salay; RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo Sousa; BLANCO, Lis Furlani; ANTIPON, Livia Cangiano. *Fome e Assistência Alimentar na Pandemia*. São Paulo: Paulus, 2022.

## **PARTE I. GÊNESE DE UMA QUESTÃO SOCIAL**

## 1. A FOME COMO PROBLEMA

*Precisamos distinguir entre a demanda total por alimento e a demanda por alimento comercializado.*

Charles Tilly

Manoel Apolônio de Castro, pai de Josué de Castro, nasceu em Cabaceiras, na Paraíba, em 12 de abril de 1868. Migrou com a família para Recife durante a seca<sup>40</sup> que ocorreu entre 1877 a 1879 – conhecida como a Grande Seca. Essa dizimou metade da população da região e comprometeu praticamente todo o rebanho bovino e a produção de algodão.<sup>41</sup> Perder o rebanho não era um fato corriqueiro naquele contexto, pois a pecuária constituía um setor econômico essencial para a área, apelidada por Capistrano de Abreu de civilização do couro. Estabelecido no Recife, Manoel de Castro tornou-se comerciante de leite, explorando uma pequena propriedade situada na região de onde veio.

Um dos lugares mais atingidos pela Grande Seca foi o interior do Ceará e, apesar de não ter sido a primeira seca da região,<sup>42</sup> esse episódio teve um impacto não registrado até então. Assim como fez a família de Castro, boa parte da população migrou para os centros urbanos do litoral ou da região amazônica. Fortaleza se converteu na “metrópole da fome”, passando de 21 mil habitantes no Censo de 1872 para 114 mil em setembro de 1878. As mortes foram calculadas em 200 mil para o Ceará e 500 mil para toda a região acometida pela seca, que também incluía as províncias do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e da Paraíba.<sup>43</sup> Tal fenômeno teve uma cobertura ímpar na imprensa. As notícias se espalharam pelos veículos, como a coluna de José do Patrocínio no jornal *Gazeta de notícias*, na qual ele relatava suas impressões sobre o que estava acontecendo:

[...] criancinhas nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos

---

<sup>40</sup> A seca é um fenômeno meteorológico definido pela diferença entre a precipitação de chuvas em determinado território e a sua média anual. Apesar desse recorte estritamente climático, a seca precisa ser entendida para além da sua condição natural, como consequência também da dimensão humana, dado que o impacto desse evento será maior ou menor a depender do acesso a recursos construídos pelas pessoas, como sistemas de armazenamento de água, transporte de pessoas e alimentos e outras disposições materiais. As secas têm, portanto, uma história social. In: DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: a criação do terceiro mundo*. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, [2002] 2022. p. 17.

<sup>41</sup> GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenelle, 1953. p. 189.

<sup>42</sup> Itamar Souza e João Medeiros Filho coletaram os registros de secas ocorridas na região desde o século XVI e constataram pelo menos 26 secas anteriores a essa. Cf. SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. *Os degradados filhos da seca*. Petrópolis: Vozes. 1983.

<sup>43</sup> GIRÃO, Raimundo. *Op. Cit.* p. 185-186.

emaranhados sobre crânios enegrecidos pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida, ventres desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupos, tossindo a sua anemia e invocando, com voz fraquíssima, o nome de Deus em socorro da orfandade.<sup>44</sup>

O jornal *Gazeta de Notícias*, assim como outros da época, reproduziu poucas ilustrações ou fotos daquele cenário. A tecnologia empregada para imagens não estava tão desenvolvida a ponto de ser usada em larga escala em veículos de circulação diária. Mas a então recém-lançada revista *O Besouro*,<sup>45</sup> que tinha mais espaço para imagens, recebeu algumas fotos (Imagens 1 e 2) que Patrocínio<sup>46</sup> havia tirado em sua passagem pelo sertão, as quais viraram ilustração de capa (Imagem 3). A reportagem dessa revista é considerada um marco do fotojornalismo no país pelo seu uso da fotografia.<sup>47</sup>

**Imagem 1 – Série sobre a Seca no Ceará de 1877/78. Foto: José do Patrocínio**



<sup>44</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. São Paulo: LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972. p. 53.

<sup>45</sup> *O Besouro*: folha ilustrada, humorística e satyrica. Rio de Janeiro: Typp. de Leuzinger & Filhos, ano I, n. 16, 20 jul. 1878. Hemeroteca Digital Brasileira, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>46</sup> Foto de José do Patrocínio. Série sobre a Seca no Ceará de 1877/78. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra16655/serie-sobre-a-seca-no-ceara-de-1877-78>. Acesso em: 21 maio. 2019.

<sup>47</sup> ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOBATO, Rosângela. Imagens da seca de 1877-78 no Ceará – contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 114, 1994. p. 71-83.

Imagem 2 – Série sobre a Seca no Ceará de 1877/78. Foto: José do Patrocínio



Imagem 3 – Página ilustrada da revista *O Besouro*



Tanto os relatos como as imagens traziam em primeiro plano os corpos dos famélicos e as descrições do seu sofrimento. Esse tipo de material se tornou predominante na veiculação de notícias sobre a fome, seguindo o modelo da Europa Ocidental de individualização dos relatos por meio de um personagem ou grupo específico – essencialmente crianças e mulheres. Apesar das fotos terem demorado mais para se popularizar na grande imprensa (com poucas exceções, como na revista *O Besouro*), elas foram instrumento central para aproximar os leitores da temática da fome, criando uma sensibilidade ao tema.<sup>48</sup> As imagens, somadas ao recurso narrativo, evocavam uma identificação com o sofrimento e uma posição de testemunha, o que potencializava o impacto público da mensagem.<sup>49</sup> A exposição de pessoas em condições precárias – crianças magérrimas e com a barriga inchada, ou mulheres, principalmente mães, também muito magras – despertava sentimentos de horror e compaixão que contribuíram para fortalecer o debate acerca da fome como questão. Eram personagens que dificilmente poderiam ser responsabilizados pela própria situação.

Com essa especificidade na forma de exibir a fome em uma imprensa que adquiria maior alcance nacional, a Grande Seca causou uma comoção ímpar, suscitando a doação de mantimentos e dinheiro, bem como a organização de transporte para resgatar os famintos das áreas atingidas. Até então a ajuda esteve ligada à Igreja e à atuação local de grupos abastados, na chave da caridade e das obrigações morais. Mas esse episódio gerou a mais contundente resposta do governo central imperial ao fenômeno: os chamados “socorros públicos”. O imperador Dom Pedro II participou de eventos em favor das vítimas das secas. Em um deles, o comendador Félix Peixoto de Brito e Mello lembrou do “preceito divino que manda dar de comer aos que têm fome” e que era preciso “passar de mão em mão o sacco da beneficência, para receber o obulo da caridade em favor das victimas da secca”<sup>50</sup>. Tais doações foram feitas porque, como constatou Rodolfo Teófilo, farmacêutico cearense e escritor que presenciou a seca, “a Constituição garante, é verdade, socorro ao faminto sem lhe exigir serviços”<sup>51</sup>. Os

---

<sup>48</sup> VERNON, James. *Hunger; a modern History*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Belknap Press, 2007.

<sup>49</sup> CALHOUN, Craig. The idea of emergency: humanitarian action and global (dis)order. In: FASSIN, Didier; PANDOLFI, Mariella (org.). *Contemporary States of Emergency*. Cambridge, MA: Zone Books, 2010. p. 23.

<sup>50</sup> Fala retirada do artigo: NEVES, Frederico de Castro. “Desbriamento” e “perversão”: olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. *Projeto História*, São Paulo, n. 27, dez. 2003. p. 171.

<sup>51</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca no Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922. p. 356.

cientistas, entre eles os engenheiros do Instituto Politécnico Brasileiro, também se empenharam em analisar as causas da seca e apontar possíveis soluções. Entre as ações elencadas estava a construção de sistemas de açude e estradas de ferro, além da contratação dos flagelados para trabalhar em obras públicas.<sup>52</sup>

Teófilo, além de ter ajudado muitos retirantes em Fortaleza, registrou suas observações. A partir delas, escreveu alguns textos científicos<sup>53</sup> e sua obra de ficção inaugural, *A fome*, publicada em 1890, que é considerada o primeiro romance sobre as secas. O livro não teve grande repercussão na época, e muitos críticos se detiveram nos erros gramaticais que ela continha e na extrema crueza de suas descrições. Baseado na vivência do autor, a obra narrava a história de um retirante, Manuel de Freitas, que, apesar de possuir terras no sertão do Ceará, perdeu tudo com a seca e migrou para Fortaleza. “Poucos eram os que não estavam reduzidos à magreza extrema. No leito da estrada encontravam-se, a cada passo, ossos humanos, cuja pele seca e colada os conservava articulados”.<sup>54</sup> Nesse caminho, Manuel presenciou cenas estarrecedoras, como autofagia; um recém-nascido que mamava na mãe morta; uma mulher devorada ainda viva por urubus; e casos de canibalismo, incluindo crianças. Apesar de não ter sido um sucesso de vendas, o livro influenciou escritores do chamado “Romance de 1930”, como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz.

A proporção tomada pela Grande Seca que provocou a migração do pai de Josué, assim como outras secas do final do século XIX no Brasil e em países como Índia e China, não se deve apenas ao fenômeno climático. Os episódios foram socialmente intensificados pelo processo de incorporação desses territórios às dinâmicas internacionais do sistema capitalista.<sup>55</sup> Contudo, isso não significa que as crises<sup>56</sup> de fome fossem produto exclusivo do

---

<sup>52</sup> GONÇALVES, Paulo Cesar. O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2018, p. 515-539. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702018000200012>

<sup>53</sup> Entre eles, *História da Sêca do Ceará (1877 a 1880)*, publicado em 1883, e *Monografia da Mucunã*, publicado em 1888.

<sup>54</sup> TEÓFILO, Rodolfo. *A fome: cenas da seca do Ceará*. São Paulo: Tordesilhas, [1890] 2011. p. 47.

<sup>55</sup> Esse é o tema do livro *Holocaustos coloniais*, de Mike Davis. *Op. Cit.*

<sup>56</sup> A palavra “crise” era entendida na época como algo atípico, eventual, fora de controle a partir do contraste com uma situação “normal”. Esse sentido de exceção, a visão espasmódica da história, somava-se à intensificação do tempo e dos fatos. A ideia de crise adquiriu esse sentido a partir do século XVII. Cf. KOSELLECK, Reinhart. Crisis. *Journal of the History of Ideas*, v. 67, n. 2, abril 2006. p. 357-400.



capitalismo, pois ocorreram em períodos anteriores, dos quais temos vastos registros.<sup>57</sup> Elas podiam acontecer por conta de fatores naturais, como estiagens e alagamentos, ou por ações humanas, a exemplo das guerras. Mas há certo consenso de que as crises de fome se intensificaram em países periféricos no século XIX e diminuíram ao longo do século XX.<sup>58</sup>

O episódio da Grande Seca, mesmo que anterior à atuação de Josué de Castro, envolve alguns elementos importantes para a compreensão do tema. O primeiro deles é o papel do *espaço público letrado* e dos especialistas no enquadramento, na exposição e na proposição de soluções para o problema da fome. O segundo diz respeito aos desencadeadores dessa crise. O terceiro é o Estado<sup>59</sup> centralizado nacionalmente como um agente que deveria solucionar a questão. E o quarto é a própria ideia de região Nordeste, que passou a ser constituída a partir de uma perspectiva de regionalização gestada no final do século XIX e consolidada no século XX.<sup>60</sup>

Os dois últimos elementos serão trabalhados ao longo da tese e, neste capítulo, focaremos nos dois primeiros enquanto gênese de uma questão social: a fome endêmica. Cabe ressaltar que a palavra “questão”, para além de uma pergunta, significava um problema a resolver. Portanto, questão social era um problema a ser resolvido coletivamente.<sup>61</sup> Para entender a origem desse enquadramento, precisamos examinar o centro produtor das bases

---

<sup>57</sup> No caso da Europa temos um mapeamento na obra de Fernand Braudel, *cf. Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: Volume 1 – As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível*. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1995. p. 63-65. O livro *Hunger in History* examina a fome na pré-história e em sociedades complexas na Antiguidade, como romanos, gregos, chineses e maias. In: NEWMAN, Lucile F. (org.). *Hunger in History*. Oxford: Blackwell, 1995. Os trabalhos de Marcelo Cândido analisam as crises de fome e a sua gestão na Alta Idade Média. In: SILVA, Marcelo Cândido da. Os agentes públicos e a fome nos primeiros séculos da Idade Média. *Varia*, v. 32, n. 60, set-dez. 2016. p. 780-805 DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752016000300008>; SILVA, Marcelo Cândido da. Crise e fome na Alta Idade Média: o exemplo dos capitularmos calolíngios. *Anos 90*, v. 24, n. 45, jul. 2017. p. 185-207. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.64442>

<sup>58</sup> GRÁDA, Cormac Ó. Famine Past, Famine's Future. *Development and Change*, v. 42, n. 1, 2011. p. 49-69. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2010.01677.x>

<sup>59</sup> Agentes da administração pública lidavam com as crises de fome há bastante tempo. O que mudou aqui foi o adensamento e o tamanho dessa administração em paralelo à formação do Estado-nação, alterando assim a forma de administração. Para ver mais sobre a atuação de agentes públicos em outros períodos, *cf.* SILVA, Marcelo Cândido da. Os agentes públicos e a fome nos primeiros séculos da Idade Média. *Op. Cit.*

<sup>60</sup> Segundo Durval Muniz, a primeira menção ao termo Nordeste é de 1891, ainda sem a definição que passou a ter no século XX. *Cf.* ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2018.

<sup>61</sup> Holly Case examinou a consolidação da “questão social” entre 1820-1920 a partir das discussões na imprensa e em panfletos. Podemos admitir que, enquanto se consolidavam as condicionantes para a noção de fome endêmica, também se estabelecia a própria acepção de “questão social” por intermédio dos “questionadores insaciáveis”, como identificou a autora. *Cf.* CASE, Holly. The “social question”, 1820-1920. *Modern Intellectual History*, Cambridge, v. 13, n. 3, 2016. p. 747-775. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1479244315000037>

analíticas daqueles que estavam falando sobre o assunto no *espaço público letrado*, fossem eles cientistas, agentes do Estado ou literatos – a Europa Ocidental. A proposta deste capítulo é analisar quais transformações estavam ocorrendo na sociedade geradora das categorias científicas que foram centrais para o alargamento interpretativo da fome e a legitimação dos especialistas como aqueles que deveriam definir e propor soluções para esse fenômeno.

### **1.1. Monetização do acesso e a circulação dos alimentos na Europa Ocidental**

É preciso examinar as especificidades que o epicentro do sistema capitalista apresentava naquele momento para que possamos compreender o que mudou e quais disposições dessa organização social basearam interpretações científicas e discursivas que impactaram a definição e o entendimento acerca da fome. Como afirmou Josué de Castro, “a literatura ocidental, indissolúvelmente ligada ao patrimônio mental desta mesma cultura, servindo aos seus interesses [...]”,<sup>62</sup> era produto do ambiente onde foi gestada. Assim, ela baseou uma produção científica singular que deu as diretrizes analíticas para o enquadramento do que foi chamado de fome endêmica, ou seja, um alargamento da acepção de fome coletiva que estava intimamente vinculada à definição de crise.

Josué escreveu em *Geopolítica da fome* que, “no mundo das realidades sociais, as ideias só se propagam quando se sobrepõem a alguma necessidade indiscutível de determinado momento histórico”.<sup>63</sup> Corroborando essa visão, cabe-nos indagar: quais seriam as necessidades indiscutíveis para que suas ideias fossem tão propagadas? Esse contexto, que tinha como centro a Europa Ocidental, especialmente Londres, abarca dois elementos que nos interessam diretamente para entender o processo de geração da fome e sua representação: (i) a centralidade que o mercado adquiriu na sociedade, com a aquisição de alimentos ocorrendo a partir da compra; e (ii) o crescimento da internacionalização e especialização da produção dos alimentos. Vejamos os dois casos.

Circuitos de trocas não monetárias constituíam uma ferramenta importante contra a fome endêmica. A esse respeito, Karl Polanyi descreveu três mecanismos de acesso ao alimento que eram centrais antes do que ele chamou de *a grande transformação* (iniciada em

---

<sup>62</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante, 1952. p. 20.

<sup>63</sup> *Ibidem*. p. 34.

meados do século XVIII): a reciprocidade e a redistribuição, vinculadas a uma obrigação moral entre os membros da comunidade; e a domesticidade, ou seja, a produção de alimentos para uso próprio, sem passar necessariamente pelo mercado.

Reciprocidade referia-se às trocas e obrigações entre pessoas que tinham laços. Nessa lógica os alimentos eram oferecidos como presentes, e esperava-se sua retribuição em outro momento. Ademais, a ideia de reciprocidade carregava a obrigação do cuidado com mulheres e crianças de outros núcleos. Na redistribuição, por sua vez, chefes tribais ou outras autoridades coletavam, armazenavam e ofereciam os alimentos em banquetes e outras situações coletivas. Por isso, as ações tidas como generosas e sem motivações econômicas (como o compartilhamento de uma pesca) garantiam prestígio social e acesso ao alimento que era compartilhado.

Quanto à domesticidade, fosse para consumo da família ou da comunidade, era significativo o uso de florestas e áreas comuns para plantação e pastagem, dando acesso direto aos víveres. Em sociedades não regidas pelo mercado, a venda dos excedentes não excluía o núcleo da produção para esse tipo de uso.<sup>64</sup> Ao mesmo tempo em que essas formas de acesso ao alimento - reciprocidade, redistribuição e domesticidade - promoviam o acesso, faziam com que a comunidade estivesse em risco coletivo. Isso quer dizer que, caso sofresse um desarranjo que alterasse seu curso, como uma seca, o grupo estaria em risco. Essas formas de garantir acesso coletivo ao alimento se deram em várias organizações sociais, como a tribal e a feudal.

Mesmo com o advento do mercantilismo, que atendia o comércio em longas distâncias, as trocas monetárias não ocupavam um lugar central na sociedade, pois não supriam as necessidades vitais da população e, por isso, coexistiam com outras formas de aquisição de alimentos. O comércio ainda era majoritariamente local e descentralizado, com negociações submetidas a mecanismos morais de regulação.<sup>65</sup>

Na Europa pré-industrial, as crises climáticas podiam ter grande impacto local, visto

---

<sup>64</sup> POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nossa época*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1944] 2021. p. 99-113.

<sup>65</sup> Para Thompson, a economia moral diz respeito a um conjunto de obrigações que regiam as trocas e a venda, submetendo-as aos preceitos morais de proteção social. Essa submissão à moralidade fica clara quando o autor descreve uma série de práticas lidas como legítimas ou ilegítimas nas atividades do mercado, por exemplo, a preferência que os pobres tinham na compra; o veto à retenção dos grãos pelos agricultores, à espera de elevação do preço; e a proibição de compras para futuras revendas. Cf. THOMPSON, Edward. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, [1980] 1998. p. 152-156.

que a circulação de alimentos não estava tão encorpada e com cadeias de longa distância fortalecidas. Em sociedades hierarquizadas, como as do Antigo Regime, as camadas mais ricas encontravam saída diante da escassez, fosse o deslocamento, a importação ou aquisição dos produtos. Porém, de modo geral, a população estava mais suscetível a crises.

Algumas partes da Europa, no entanto, dependiam de mercados complexos há mais tempo.<sup>66</sup> Esses locais foram aumentando e ficando gradativamente mais dependentes de alimentos produzidos em outras localidades, formando complexas redes de abastecimento. Com o tempo as redes de circulação dos alimentos se complexificaram e alongaram. A produção do campo respondia a uma demanda crescente por alimento comercializado, a qual se devia a três motivos: (i) o crescimento da burocracia estatal e das forças armadas; (ii) o aumento das cidades; e (iii) a existência de trabalhadores do campo sem terra. O número de trabalhadores que dependiam de alimentos oriundos do mercado crescia significativamente, ao mesmo tempo que se formavam os Estados nacionais e se consolidava o impedimento do uso de terras comuns.<sup>67</sup> Apesar de esse processo ter ocorrido de formas diferentes em cada país, no século XIX já estava estabelecido na Europa Ocidental.<sup>68</sup>

Assim, no contexto europeu oitocentista, o acesso ao alimento se tornou primordialmente monetizado e, com isso, o que antes era essencialmente produzido para se consumir na família ou na comunidade virou mercadoria,<sup>69</sup> transformando o dinheiro no meio de acesso ao alimento. A inserção de boa parte da população na economia de mercado alterou aos poucos os mecanismos morais de prevenção e reparação da carestia. A produção de alimentos deixava de ser regida pelo engajamento coletivo e passou atender ao mercado, lógica que prevaleceu na organização econômica da Europa Ocidental. Invertia, portanto, a dinâmica anterior. Nos termos de Polanyi, se antes o mercado se enraizava na sociedade,

---

<sup>66</sup> Segundo Charles Tilly, isso ocorria pelo menos desde 1500, que é o período inicial de sua pesquisa. Cf. TILLY, Charles. *Food Supply and Public Order in Modern Europe*. In: TILLY, Charles (org.). *The Formation of National States in Western Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1975. p. 397.

<sup>67</sup> O cercamento das terras foi um elemento importante na desestabilização dos trabalhadores. Impedir seu uso para hortas, pastagem ou coleta nas florestas, além da diminuição das áreas domésticas para plantio de consumo próprio, privava o ambiente doméstico do esteio alimentar de acesso direto. Cf. POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 158.

<sup>68</sup> TILLY, Charles. *Op. Cit.* p. 397.

<sup>69</sup> Polanyi define mercadoria como objeto produzido para venda no mercado, que “proporciona um princípio organizador vital que abrange a sociedade como um todo e afeta quase todas as suas instituições das maneiras mais variadas [...]”. In: POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 134.

agora a sociedade que passou a se enraizar no mercado.<sup>70</sup> Assim, com a monetização do acesso os meios de subsistência, o dinheiro - além de meio de acesso principal - virou a unidade de medida para quantificar o necessário para a manutenção da vida, como o alimento.

A aplicação do princípio de liberdade colaborou para isso. As organizações sociais não contratuais (vínculos de parentesco e comunidade) perderam força sob o argumento de que restringiam a liberdade na relação contratual de venda, incluindo a força de trabalho. Conseqüentemente, o trabalho – que cumpria um papel essencial e não poderia ser limitado por quaisquer condições – foi separado das demais atividades da vida e submetido às leis do mercado. Portanto, terra, trabalho e dinheiro também se tornaram mercadorias. Cabe destacar que o termo “trabalho” era usado para falar das pessoas enquanto detentoras da força laboral comercializada. Nesse sentido, submeter o trabalho e a terra à lógica capitalista significava enraizar no mercado as pessoas e o meio onde viviam. As trocas não monetárias e o uso de áreas comuns para plantio não serviam ao capitalismo, por isso passaram a ser restringidos, e a fome virou uma ameaça para que todos aderissem ao novo sistema. Instalou-se uma sociedade de mercado.

No processo de consolidação do capitalismo, as condições laborais em países da Europa Ocidental, como Inglaterra, eram péssimas e já foram tratadas em diferentes estudos.<sup>71</sup> A situação dos operários, sobretudo os urbanos, era motivo de atenção, e a organização dos trabalhadores pressionava o governo e empresas por melhorias no ambiente fabril. Com isso, as cidades passaram a ter mais atenção governamental e sua população foi mais protegida por dispositivos legais e políticas públicas, porque as reivindicações ou motins articulavam-se mais facilmente no meio urbano.<sup>72</sup> As cidades se tornaram pontos de interligação entre diferentes espaços rurais, dado que suas cadeias de provisionamento ficaram mais resilientes e permitiam a abertura de outras frentes de abastecimento quando havia uma crise,

---

<sup>70</sup> *Ibidem.* p. 116.

<sup>71</sup> “Autores de todas as opiniões e partidos, conservadores e liberais, capitalistas e socialistas, referiram-se invariavelmente às condições sociais da Revolução Industrial como um verdadeiro abismo da degradação humana.” In: POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 94. Além dele, podemos citar outros trabalhos como: ENGELS, Friedrich. *The Condition of the Working Class in England*. London: Penguin Books, [1845] 1987. O tema é motivo de controvérsia e foi discutido também em: HOBBSAWM, Eric J. *Os Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

<sup>72</sup> LIPTON, Michael. *Why poor people stay poor: a study of urban bias in world development*. London: Temple-Smith, 1977. p. 70.

diferentemente do que ocorria no campo.<sup>73</sup>

Com todas essas mudanças e o desenvolvimento de meios de transporte mais rápidos, muitos países, como a Inglaterra, epicentro desse processo, começaram a se especializar em determinadas culturas agrícolas, dependendo cada vez mais do mercado externo para adquirir outros alimentos.<sup>74</sup> Para se ter uma ideia, na década de 1870 os ingleses passaram a produzir 50% dos seus víveres, quando o saldo anterior era de 80%.<sup>75</sup> Assim, boa parte da produção dos alimentos essenciais à população passou a integrar o circuito internacional de mercadorias.

A partir daí diminuiu em países centrais a ocorrência das crises de fome resultantes de fenômenos naturais.<sup>76</sup> Falta de chuva e quebra da produção alimentícia local ainda aconteciam, mas outros lugares podiam suprir os territórios acometidos por tais adversidades. Um problema climático em países como a Inglaterra não necessariamente afetaria o fornecimento de alimentos a ponto de gerar uma crise. Poderia haver elevações de preço, afetando o poder aquisitivo das pessoas de baixa renda, mas, como o país tinha poder de compra maior que os outros, continuava a importar alimentos. Por outro lado, nos países periféricos que se tornaram grandes fornecedores de alimentos, as crises climáticas somavam-se a problemas estruturais de acesso e não eram remediadas pela redistribuição local, visto que uma parte importante da produção estava inserida no circuito internacional. Diante do exposto é possível deduzir que a intensificação do comércio em escala internacional passou a ser “a verdadeira fonte da fome”.<sup>77</sup>

---

<sup>73</sup> Esse tema foi desenvolvido por Braudel em dois volumes diferentes da sua obra *Civilização material, economia e capitalismo*, publicada originalmente em 1967. Um referente ao mercado: BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII*: Volume 2 – Os Jogos de Trocas. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1996. p. 195-197. Outro, às cidades: BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII*: Volume 1 – As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1995, p. 441-463.

<sup>74</sup> O assunto é caro a Karl Marx, que analisou esse processo no livro *O Capital*, descrevendo-o como uma ruptura metabólica, uma quebra entre o local da produção, do consumo e da restituição ao solo da fertilidade necessária para manter a produção de alimentos. Cf. MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006. Esse tema foi recuperado por estudiosos de Marx, como John Bellamy Foster. Cf. FOSTER, John Bellamy. Marx's Theory of Metabolic Rift: Classical Foundations for Environmental Sociology. *American Journal of Sociology*, v.105, n. 2, 1999. p. 366-405. DOI: <https://doi.org/10.1086/210315>

<sup>75</sup> FRIEDMANN, Harriet. International Regimes of Food and Agriculture Since 1870. In: SHANIN, Teodor (org.). *Peasants and Peasant Societies*. Oxford: Blackwell, 1987. p. 258-276.

<sup>76</sup> “A eficiência da produção e distribuição do alimento cresceu o suficiente durante o século XIX para reduzir, em grande medida, a pressão nos consumidores, mesmo nos anos ruins”. In: TILLY, Charles. *Op. Cit.* p. 389.

<sup>77</sup> COGGIOLA, Osvaldo. Programas Sociais Compensatórios: a experiência brasileira. *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social*, v. 23, n. 01, jan-jun 2013. p. 08.

A princípio pode parecer uma questão de quantidade da produção, mas estamos falando de um redirecionamento da produção: quando o alimento se estabeleceu como mercadoria. Dentro do mercado internacional, o poder de compra passou a determinar a possibilidade de adquirir alimentos. Isso valia tanto para países quanto para indivíduos. A população local não conseguia comprar os alimentos exportáveis e competir com os países centrais. Por isso milhões morriam de fome em regiões afetadas pela seca, enquanto os portos de outros lugares no mesmo país estavam cheios de alimentos, sem alterar o seu fluxo.<sup>78</sup>

Houve, portanto, uma mudança significativa na dinâmica de produção da fome nos países centrais. Os dois mecanismos consolidados no estabelecimento do capitalismo – a centralidade do mercado e da renda para aquisição de alimentos e a internacionalização da produção de alimentos básicos –, somados ainda às mudanças tecnológicas e ao aumento da produção, permitiram que países centrais de grande poder aquisitivo ficassem mais seguros em relação às crises de fome – exceto daquelas provocadas por guerras. A última grande crise de fome da Europa Ocidental foi na Irlanda, entre 1845-1849, não por acaso um território anexado à Grã-Bretanha.

Isso não significa que o déficit alimentar cotidiano não existisse antes, nem podemos presumir que essa dinâmica foi instituída em todos os territórios. Defendemos a ideia de que a mudança sistêmica de acesso ao alimento no epicentro do capitalismo empurrou as crises de fome para a periferia e, ao mesmo tempo, abriu espaço para a discussão sobre a fome endêmica. Sendo a Inglaterra “a oficina do mundo”,<sup>79</sup> o entendimento da fome enquanto problema cotidiano (e não como crise) projetou-se para os espaços letrados de outros países.

Se a obrigação moral não regulava mais as relações econômicas cotidianas com tanta força e se o mercado virou o meio de acesso aos itens essenciais, o Estado entrou como um ente para regular, pressionar e orientar a vida econômica, o que poderia se dar de duas maneiras: na primeira, pressionando para o *laissez-faire*, com o conseqüente desenraizamento do mercado;<sup>80</sup> na segunda, a partir do contramovimento que tentava proteger a sociedade e a natureza dos efeitos corrosivos do mercado.<sup>81</sup> Em alguns momentos um lado estava mais forte

---

<sup>78</sup> DAVIS, Mike. *Op. Cit.* p. 09.

<sup>79</sup> POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 26.

<sup>80</sup> POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 36.

<sup>81</sup> *Ibidem.* p. 206.

que o outro, mas são partes do mesmo movimento.<sup>82</sup>

Começou a se formar um conjunto de leis centralizadas para reger essa sociedade complexa. Foi nesse contexto que se acirrou a discussão sobre a Lei dos Pobres na Inglaterra – um dispositivo criado em 1601 que repassava verbas à Igreja para amparar em suas paróquias os pobres, suplementando seus salários a partir do preço dos alimentos e do número de filhos e sustentando as famílias quando não houvesse trabalho.<sup>83</sup> Para os defensores do livre mercado, essa lei não condizia com os objetivos do novo sistema. A discussão de como a administração estatal deveria lidar com os desprovidos do mínimo necessário culminou no Ato de Emenda em 1834, que instituiu uma nova legislação a partir dos preceitos de controle social e desobrigação com os pobres.<sup>84</sup>

No bojo dessa discussão formou-se o pensamento de Thomas Malthus, Joseph Townsend, Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx. Em uma parcela das obras sobre o assunto, a fome era central. O reverendo Townsend acreditava que a ajuda aos pobres prejudicava a disciplina para o trabalho: “A fome domesticará os animais mais ferozes, ensinará decência e civilidade, obediência e sujeição, ao mais bruto, ao mais obstinado e ao mais perverso”<sup>85</sup> No seu entendimento, a privação era um mal necessário para que as pessoas se dispusessem a entrar no mercado do trabalho.

Na mesma chave interpretativa estava inserido Adam Smith. Ambos acreditavam que o mercado deveria ser livre para produzir, sem a intervenção do Estado. Porém, para Adam Smith, a fome era uma criação do homem que, por não deixar o mercado agir livremente, acabava gerando pobreza. Sem a interferência do Estado, o mercado encontraria seu ritmo natural, o que geraria riqueza e acabaria com esse problema, dado que a “fome nunca surgiu

---

<sup>82</sup> Alguns autores apontam que o contramovimento, como o Estado de bem-estar social, era uma forma de proteger o sistema contra os movimentos revolucionários. Cf. HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 268.

<sup>83</sup> COGGIOLA, Osvaldo. *Op. Cit.* p. 03.

<sup>84</sup> BASTOS, Daniel Schneider. O direito à subsistência em xeque: um olhar sobre a lei dos pobres e o ato de emenda de 1934. *História Econômica & história de empresas*, v. 21, n. 01, 2018. p. 135.

<sup>85</sup> TOWNSEND, Joseph A. *Dissertation on the Poor Laws*. Berkeley: University of California Press, [1786] 1971. p. 23.



de qualquer outra causa, a não ser da violência do governo tentando, por meios impróprios, remediar os inconvenientes de uma escassez”.<sup>86</sup>

Thomas Malthus se inspirou nessa fonte para elaborar uma análise que ligava fome com abastecimento de alimentos e disponibilidade. Malthus foi um dos primeiros a estabelecer uma política econômica baseada no balanceamento da escassez, atualmente ainda muito difundida e utilizada por algumas correntes teóricas no entendimento do tema. O economista inglês, que propôs a teoria no fim do século XVIII, acreditava que as crises de fome eram um mal necessário para controlar a densidade demográfica. Uma vez que a população crescia em progressão geométrica e o alimento em progressão aritmética, havia mais pessoas do que comida, então a escassez causava mortes para balancear esse descompasso. “Fome, o último e mais terrível modo pelo qual a natureza suprime uma população excedente”.<sup>87</sup> Nos termos malthusianos, a fome também representava um castigo natural pela preguiça, pela falta de esforço individual ou coletivo. Por isso ela iria ensinar e disciplinar os pobres na moderação até para o controle de natalidade. Malthus, contraponto central de Josué de Castro em *Geopolítica da fome*, não previu as revoluções tecnológicas e agrícolas que aumentaram a passos largos a produção de alimentos, sem, entretanto, acabar com a fome, mas desmoralizando sua interpretação.

A partir de diversos fatores no século XX, como a Revolução Russa em 1917, a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, o liberalismo perdeu espaço para propostas em que o Estado protegeria a sociedade dos efeitos corrosivos da centralidade que o mercado havia adquirido – entre elas, a ideia que depois foi nomeada como Estado de bem-estar social. Essa regulação deixava de ser local, na província, município ou paróquia para se tornar nacional. Isso não impediu, entretanto, que a economia de mercado<sup>88</sup> continuasse a penetrar espaços que ela ainda não ocupava. Durante a Revolução Russa, a Europa viveu uma série de greves e motins com reivindicação dos trabalhadores. As necessidades básicas desse grupo se tornaram um ponto de atenção, pois era preciso garantir o mínimo para impedir revoltas e melhorar a

---

<sup>86</sup> Tradução livre do original: “a famine has never arisen from any other cause but the violence of government attempting, by improper means, to remedy the inconveniences of a dearth”. In: SMITH, Adam. *Wealth of Nations*. Lausanne: Metalibri, [1776] 2007. p. 527.

<sup>87</sup> “Famine, the last and most dreadful mode by which nature represses a redundant population” In: MALTHUS, Thomas. *An Essay on the Principle of Population*. [1798] 1998. Capítulo VII. Disponível em: <http://www.esp.org/books/malthus/population/malthus.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2019.

<sup>88</sup> Definida por Polanyi como o contato entre compradores e vendedores. In: POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 133.

produtividade.<sup>89</sup>

Além disso, o suprimento de itens essenciais abria a oportunidade para que as pessoas adquirissem outros bens de consumo oriundos da industrialização. Esse era um dos motivos pelos quais se tornava importante garantir que os gastos com alimentação representassem um percentual menor da renda do trabalhador.

Nenhum homem faminto e sóbrio pode ser convencido a gastar seu último dólar em outra coisa senão comida. Mas uma pessoa bem alimentada, bem vestida, bem abrigada e em tudo mais bem cuidada pode ser convencida a escolher entre um barbeador e uma escova de dentes elétrica. Juntamente com os preços e custos, a demanda do consumidor se torna sujeita a administração.<sup>90</sup>

Essa breve explicação sobre um longo processo de mudança na forma de aquisição dos alimentos na consolidação do capitalismo e a preocupação dos agentes do espaço público em lidar com essa questão mostram-nos que, ao passo que o capitalismo reorganizou o processo de geração da fome, ele também balizou as diretrizes de sua interpretação. Como vimos até aqui, havia diferentes apreciações acerca da fome, e o assunto passou a figurar em trabalhos que versavam sobre a sociedade que se consolidava. É preciso, no entanto, entender como o termo “fome” era visto por essa produção intelectual ao longo desse período para que possamos localizar a gênese de uma nova questão social.

---

<sup>89</sup> GLASMAN, Joël. *Humanitarianism and the Quantification of Human Needs*. London: Routledge, 1999. p. 42.

<sup>90</sup> GALBRAITH, John Kenneth. *The new industrial state*. Houghton: Mifflin and Company, 1967. p. 24.

## 1.2. As fomes e suas representações

Gráfico 1 – *Famine e hunger* nas publicações de língua inglesa (1760-1973)<sup>91</sup>



O Gráfico 1 apresenta elementos para entender como a fome era encarada entre os anos 1760 e 1973 nas produções de língua inglesa. Este recorte permite identificar o advento de produções relevantes no assunto, como as de Thomas Malthus, até a data da morte de Josué de Castro, em 1973. A partir do cruzamento de dados dos termos *hunger* e *famine* é possível vislumbrar um pouco do movimento de escrita sobre a fome e em que sentido essa palavra era usada. O inglês tem recursos úteis para a análise das interpretações do fenômeno, em razão do idioma possuir três termos para o que, em português, chamamos de fome: *hunger*, *starvation*<sup>92</sup> e *famine*.

*Hunger* engloba uma série de significados, sendo o mais elementar deles a biológica. Trata-se da sensação momentânea quando o organismo necessita de calorias e manda uma mensagem ao cérebro pedindo comida. Provavelmente a leitora ou o leitor, caso sinta fome, pode saciá-la com um simples movimento – encaminhar-se à cozinha, preparar uma refeição, ir a um restaurante ou ao mercado. Isso seria *hunger* – você tem fome, mas pode eliminá-la

<sup>91</sup> Gráfico gerado pela ferramenta Google Ngram Viewer em 20 de março de 2023. Essa é uma ferramenta do Google que permite a visualização da frequência de termos no acervo do Google Books que tem cerca de 15 milhões de livros (algo como 12% dos livros publicados) através de parcerias com 40 universidades. Importante ressaltar que o resultado é calculado a partir do número de ocorrências do termo escolhido dentro de todas as ocorrências do mesmo ano e não de uma média total. Disponível em: [https://books.google.com/ngrams/graph?content=famine%2Chunger&year\\_start=1760&year\\_end=1973&corpus=en-2019&smoothing=3](https://books.google.com/ngrams/graph?content=famine%2Chunger&year_start=1760&year_end=1973&corpus=en-2019&smoothing=3). Acesso em: 7 abr. 2023.

<sup>92</sup> *Starvation* não era um termo utilizado até o século XIX e tem uma frequência bem menor do que os outros dois até o século XX, quando se igualou à *famine*. Como estamos tratando da oposição entre crise e fome endêmica, optamos por trabalhar apenas os dois termos (*famine* e *hunger*). Ver: [https://books.google.com/ngrams/graph?content=hunger%2Cstarvation%2Cfamine&year\\_start=1750&year\\_end=1973&corpus=en-2019&smoothing=3](https://books.google.com/ngrams/graph?content=hunger%2Cstarvation%2Cfamine&year_start=1750&year_end=1973&corpus=en-2019&smoothing=3). Acesso em: 20 mar. 2023.

em sua completude. Os ricos podem sentir essa fome tanto quanto os pobres. A diferença está na possibilidade de cessar essa sensação. Quem tem acesso ao alimento poderá saciar a fome, quem não tem, permanecerá nessa condição e terá essa sensação agravada. O termo também pode ser usado a um problema social de um indivíduo, uma família ou um grupo, mas não remete à noção de crise. Ou seja, *hunger* se refere ao fenômeno cotidiano da fome que não mata por inanição – o que estamos chamando aqui de fome endêmica. *Hunger* também pode estar vinculada a motivações do indivíduo para o trabalho, a experiências sobre saciedade com humanos ou animais, ou ainda a reivindicações, como *hunger strike* (greve de fome).<sup>93</sup>

A inanição está mais vinculada ao termo *starvation*, remetendo à falta de alimentos até um ponto crítico, seja individual ou coletivo. Uma pessoa perdida no deserto pode morrer por *starvation*, mas isso não implica *famine*. Por *famine* entende-se uma crise que culmina na impossibilidade de um grupo se alimentar durante um período, pois não tem acesso ao alimento. É um fenômeno intenso e coletivo. Portanto, quando há *famine* necessariamente há *starvation*, com mortes provocadas pela fome e por doenças associadas a ela, mas o oposto não é verdadeiro. Nesse caso, se você sentir fome, será incapaz de aplacá-la porque não tem acesso ao alimento.<sup>94</sup>

Os termos *famine* e *starvation* estão ligados à crise. Thomas Keneally, autor do livro *Three famines*, estava preocupado em analisar as famosas crises de fome da Irlanda, entre 1845 e 1852; de Bengal, em 1943 e 1944; e da Etiópia, nos anos 1970 e 1980.<sup>95</sup> A associação entre crise e fome continua até hoje, ambas estão vinculadas em muitas de suas definições. Essa junção fica evidente quando Cormac Ó Gráda descreve uma crise de fome (*famine*) na Nigéria em 2005, que deixou de ser classificada como tal porque, apesar da alta mortalidade naquele ano, a taxa de óbitos não superou a média do país.<sup>96</sup> Dito de outro modo, não era a taxa de mortalidade em si que importava, e sim o aumento dela.

Na ampla discussão sobre o assunto, entende-se que uma situação de escassez se

---

<sup>93</sup> Os significados da palavra fome mudaram ao longo do tempo e essa acepção da palavra “fome” circulou principalmente na virada do século XIX para o XX. Sobre as representações de fome nas publicações de língua inglesa, cf. VERNON, James. *Op. Cit.*

<sup>94</sup> Cf. DEVEREUX, Stephen. *Theories of famine*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1993; SEN, Amartya. *Poverty and Famines. An essay on entitlement and deprivation*. Oxford: Oxford University Press, 1982; NEWMAN, Lucile F. (org.). *Op. Cit.*

<sup>95</sup> KENEALLY, Thomas. *Three famines*. New York: Public Affairs, 2011.

<sup>96</sup> GRADA, Cormac Ó. *Famine: a short history*. Princeton: Princeton University Press, 2009. p. 01-02.

configura como crise de fome a partir de alguns indícios que identificam uma necessária mudança do *status quo*, a saber: aumento do preço do alimento, da imigração e do crime. Esses sinais elevarão a mortalidade, inclusive infantil e neonatal, bem como o *Kwashiorkor*, termo da costa oeste africana que designa extrema subnutrição infantil e baixo consumo proteico.<sup>97</sup> A associação de *famine* com crise se deu também nas grandes fomes que ganharam nomes específicos, como Chalisa e Doji Bara, na Índia, em 1783-1784 e 1790-1791; Mtunya, no Quênia, em 1917-1920; ou Manori, em Burundi, em 1943-1944.

Voltando ao Gráfico 1, nota-se que o interesse pelo tema cresceu na segunda metade do século XVIII, acompanhando a reverberação das discussões tratadas aqui sobre a Lei dos Pobres e autores como Townsend e Malthus. A partir do século XIX o assunto vai perdendo espaço nas publicações, mas o termo *famine* apresenta picos de aparição, os quais coincidem com grandes crises de fome, como o episódio na Irlanda (1845-1852), as secas provocadas pelo fenômeno *El Niño* (1876-1879) – a Grande Seca no Brasil, na Índia e na China –, além de outros episódios na virada para o século XX nos mesmos países. Notam-se também pequenos picos nas duas guerras mundiais (1914-1918) e (1939-1945) e pode-se observar que *famine* e *hunger* fizeram um movimento semelhante até os anos 1920, quando o número de menções passou a ser significativamente diferente.

Esses picos indicam que a intensificação das crises de fome, capturadas pelo *espaço público letrado*, cumpria um papel essencial para a visibilização do problema e sua elaboração enquanto questão social. Relatos de crianças morrendo por inanição, mães que não conseguiam alimentar sua prole, enfim, uma personificação dos relatos da fome, eram trazidos por *enunciadores* – pessoas que acompanhavam e falavam sobre a situação, mas estavam fora dela. Narrar a fome no século XIX gerou engajamento e sensibilização maiores no público, com reportagens e livros que traziam indivíduos e famílias imersos nessa realidade. Ainda mais contundente, a foto do faminto foi fundamental para desafiar a lógica malthusiana e conferir humanidade às pessoas acometidas pela fome. Essa visão ganhou muitos adeptos em meados do século XIX.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> HOWE, Paul; DEVEREUX, Stephen. *Famine Intensity and Magnitude Scales: A proposal for an instrumental definition of famine*. *Disasters*. n. 24, v. 4. 2004. p. 353-372.

<sup>98</sup> VERNON, James. *Op. Cit.* p. 02-03.

No bojo de importantes transformações sociais e tecnológicas da Europa Ocidental oitocentista, como o adensamento da imprensa e da capacidade de fotografar num mundo que se globalizava, formou-se a noção de emergência humanitária. O termo “humanitário”, que antes do século XIX tinha uma conotação pejorativa e remetia ao excesso de princípios humanistas, passou a ser visto como positivo. Com o desenvolvimento tecnológico desse período, qualquer sofrimento parecia evitável, tornando moralmente errado que outro ser humano morresse literalmente de fome. Essas crises representavam a antítese do desenvolvimento, por isso a assistência aos famintos e outras formas de ajuda começaram a ser entendidas como meios para promover o avanço da humanidade. Desta forma, a culpa deixou de recair sobre a pessoa faminta, vista a partir de então como uma vítima inocente do sistema político e econômico ou de um infortúnio sobre o qual ela não tinha controle.<sup>99</sup> Em resumo, a compaixão para com o faminto se modificou e foi catapultada pelos momentos de crise.

Muitas vezes aqueles que registravam os eventos viam as crises como acontecimentos inevitáveis, causados por elemento externo, imprevisível e imediato que demandava rápida resposta. Essa sensação de urgência se reforçava pela forma como o acontecimento era exposto, alinhado à ideia de exceção, ausente de história. Emergências eram, na verdade, problemas sociais agudos apropriados por aqueles que escreviam e fotografavam apenas no seu ponto crítico, mesmo que esse ponto não fosse lido enquanto tal pelas pessoas que viviam as crises. As notícias e demais publicações não apresentavam, portanto, o processo de geração da fome, apenas um retrato do seu momento dramático e, com isso, causavam grande impacto no público leitor. Na emergência, a ideia de caridade informava a necessidade de trazer alívio àqueles que sofriam. Por isso, a mudança na percepção de emergência e do lugar dos famintos se conformou na manutenção do papel cristão de doar alimentos aos despossuídos, causando grande comoção e intensificando a aparição dos casos de fome no *espaço público letrado*.<sup>100</sup>

O Gráfico 1 revela ainda um fenômeno essencial à nossa análise: a desvinculação das publicações contendo os termos *famine* e *hunger*. Até os anos 1920, mesmo que apresentassem números distintos, havia movimentos semelhantes entre essas palavras.

---

<sup>99</sup> *Ibidem.* p. 18-40.

<sup>100</sup> CALHOUN, Craig. *The idea of emergency...* *Op. Cit.* p. 22-27.

Posteriormente houve uma separação, e *hunger* passou a figurar com mais frequência do que *famine*, o que fica evidente. Como entender essa mudança?

Dana Simmons, em seu livro ainda não publicado, analisa os sentidos da palavra *hunger* para a ciência na virada e ao longo do século XX. As definições de *hunger* discutidas, como seu uso em experimentos científicos, foram consolidadas no período analisado pela autora, um dos elementos que explicam por que o termo passou a figurar mais nas produções escritas do que *famine*.<sup>101</sup> Somam-se a isso as transformações decorrentes da consolidação do capitalismo, que contribuíram para diminuir as crises de fome nos espaços centrais dessas mudanças, como a Europa Ocidental. As crises de fome se mantiveram no século XX, mas em menor intensidade e localizadas na periferia do sistema capitalista, reverberando menos na produção escrita sobre o assunto.

*Famine* passou a ser, portanto, um problema social menos relevante do que a fome cotidiana. Além disso, *famine* é necessariamente um fenômeno coletivo, ao contrário de *hunger*. Sendo o indivíduo e a família as unidades de análise no capitalismo, *hunger* servia melhor ao olhar daqueles que se debruçavam sobre esse fenômeno no centro produtor de tais categorias analíticas. Aos poucos a fome cotidiana entrava nas discussões do *espaço público letrado* e no foco das produções sobre o assunto. Em 1904, o periódico *Daily Telegraph* publicou “*The land of starvation*” com um mapa de Londres apresentando os pontos de pobreza da cidade.<sup>102</sup> Não havia uma crise em curso. Essa fome era vinculada à pobreza e às condições de vida daquela população. Formava-se uma questão social em torno da fome endêmica forjada em princípios que emergiam da reorganização social,<sup>103</sup> nos quais a fome era indesejável.

Na virada do século XIX para o XX, predominavam os princípios e condutas socialmente desejáveis da modernidade, produto e produtora de muitas análises e proposições sobre um *dever ser*. O *telos* passou a ser o *moderno*. O científico, dentro dessa racionalidade, deveria carregar alguns desses preceitos, entre eles, de forma explícita, a impessoalidade, a racionalidade e a disciplina. O trabalho, a renda e a família converteram-se nos princípios

---

<sup>101</sup> SIMMONS, Dana. *Scarcity is a lie: hunger stories from the science archive*. [no prelo]

<sup>102</sup> VERNON, James. *Op. Cit.* p. 22.

<sup>103</sup> Essa visão norteadora não solapou práticas que não se encaixavam em tais premissas. Moore Jr. mostrou como a valorização desses preceitos morais acompanhou certas continuidades, como a fraude. Cf. MOORE Jr., Barrington. *Aspectos morais do crescimento econômico*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 70-79.

ordenadores da sociedade e, através deles, muitos enquadramentos analíticos foram feitos. Com o epicentro na Inglaterra, essa moralidade tornou-se hegemônica e passou a abranger uma parte considerável dos países, reivindicando uma universalidade, assim como o olhar científico que se estabelecera a partir dela.

Dessa forma, se as crises de fome foram essenciais para consolidar o tema enquanto público, a formação dessa nova organização social capitalista viabilizou o enquadramento da fome como condição crônica. As novas ferramentas fizeram crer que seria possível acabar com a fome, e o que antes parecia um fenômeno natural que vitimava milhões de pessoas, agora se inscrevia no plano do social, tornando-se um mal solucionável. O fim da fome passou a ter o sentido de avanço da civilização e a fome deixou de ser elemento propulsor da civilização se afastando do pensamento malthusiano. Por isso, a fome endêmica passou a ocupar mais espaço nas produções do que as crises de fome.<sup>104</sup>

Fenômenos climáticos continuaram a assolar países centrais. Enquanto Josué de Castro presidia o conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), na década de 1950, publicou um texto em parceria com o escritor estadunidense Marshall McClintock, em que analisaram como uma seca no Sul dos Estados Unidos, potencialmente causadora de uma crise de fome, foi tratada naquele país:

[...] os Estados Unidos têm os alimentos, os fundos e a maquinaria de distribuição para evitar muitos desastres. Transferir a seca para a Índia ou a China e a história teria sido muito diferente, com mortes murmuradas aos milhões em vez de milhares. [...] Vamos ver o que realmente aconteceu. Uma agência meteorológica eficiente avisou sobre uma longa seca. Agentes do Departamento de Agricultura e funcionários do Estado relataram piora das condições. Mas ninguém temia a fome como tal. As pessoas se preocupavam com a morte das formigas, com o resultado do ressecamento dos pastos e da seca das plantações. O presidente então proclamou os estados de seca como “áreas de desastre” e fez empréstimos de milhões de dólares à disposição dos agricultores para a compra de alimentos, dos quais havia muitos estocados. O gado tinha alimentos à mão, além do maquinário para levá-los à costa de que eram necessários. Os fazendeiros do Sul, como as vítimas das enchentes no vale do Missouri e dos terremotos na Califórnia, guardavam comida no banco para um dia chuvoso ou um dia sem chuva. O mundo não pode fazer por todos os seus povos o que muitas nações fizeram por si?<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> A ideia de que o faminto não era o responsável pela sua condição não necessariamente foi operada em todas as análises sobre a fome endêmica. Como veremos no decorrer da tese, uma parte das interpretações considerava o fenômeno como produto de fracassos, inabilidades, ignorância ou incapacidade de se inserir no sistema de acesso ao alimento.

<sup>105</sup> CASTRO, Josué de; McClintock, Marshall. *Fighting famine with a World Food Bank*. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 180.



Não apenas o termo *famine* deixava de figurar com protagonismo na produção letrada desses países, mas o próprio fenômeno. O alargamento do significado de fome e a ênfase dada no seu sentido crônico ou estrutural são fundamentais para compreender a discussão proposta por Josué de Castro sobre o assunto. Como ele mesmo observou:

No passado, empregava-se a palavra “fome” para exprimir a falta de alimentos para a satisfação do apetite e o número de mortos pela fome restringia-se então aos indivíduos esqueléticos que morriam por completa inanição. O autor [Josué de Castro], porém, usa essa palavra no seu *sentido moderno*, no sentido de falta de quaisquer dos quarenta ou mais elementos nutritivos indispensáveis à manutenção da saúde. A falta de qualquer deles ocasiona morte prematura, embora não acarrete, necessariamente, a inanição por falta absoluta de alimento. A carência total de alimento, tal como se verifica nas épocas de fome em massa, sempre constituiu uma causa importante de mortalidade. Mesmo nos últimos tempos a fome tem matado mais gente do que a própria guerra. Mas o número dos que assim se morre ainda é pequeno, em comparação com os que vivem num regime alimentar inadequado para manter a saúde e que, por isso mesmo, sofrem, em maior ou menor grau, de doenças da nutrição. Dando-se à palavra fome essa acepção, de acordo com as estimativas feitas antes da guerra, dois terços da população do mundo vivem em regime de fome. Recente trabalho elaborado por uma comissão norte-americana calcula esse número em 85%. (grifo nosso)<sup>106</sup>

O *sentido moderno de fome*, segundo Josué, abrangia a alimentação deficitária, indo além das crises e da morte por inanição. Para enquadrar essa falta cotidiana, Josué mencionou a ausência de “quarenta ou mais elementos nutritivos indispensáveis à manutenção da saúde”. Tal mapeamento de nutrientes também ocorreu no bojo do que estamos tratando aqui. Restamos entender quais ferramentas científicas contribuíram para alargar a interpretação da fome e como elas surgiram.

### 1.3. A racionalização da alimentação

Embora comportasse suas próprias dinâmicas, a ciência não formava um campo asilado do mundo ao qual pertencia.<sup>107</sup> Por isso, o novo entendimento acerca da fome e a preocupação com a fome endêmica decorreram das mudanças materiais nas condições de existência, e não apenas do aprimoramento das ferramentas científicas.<sup>108</sup> Mas é preciso considerar que tais instrumentos deram base e uma interpretação específica à fome e, dessa

---

<sup>106</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome. Op. Cit.* p. 08.

<sup>107</sup> Essa é uma formulação cara a toda a sociologia de Pierre Bourdieu. Ver, por exemplo: BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.* São Paulo: Editora Unesp, [1997] 2004. p. 21.

<sup>108</sup> Examinando o caso do Egito, Timothy Mitchell analisou algo semelhante. Cf. MITCHELL, Timothy. *Rule of experts: Egypt, techno-politics and modernity.* Los Angeles: University of California Press, 2002. p. 35.

forma, são essenciais para a compreensão do alargamento de seu sentido. O uso desse aparato se deu primeiro na Europa, principalmente na Inglaterra e na França, e nos Estados Unidos, alastrando-se depois para outros territórios, como o Brasil.

A ciência se consolidou no *espaço público letrado* como um paradigma analítico que se opunha à rotina e à tradição.<sup>109</sup> Em meio a esse processo de racionalização do mundo, como diria Max Weber, os cientistas se converteram em atores sociais autorizados a identificar problemas coletivos e propor soluções para eles. A profissionalização de pessoas habilitadas a essa função se adensou entre os séculos XIX e XX.<sup>110</sup>

Para enumerar e solucionar problemas sociais era preciso enquadrá-los de forma objetiva e mensurável. Foi assim que a estatística se tornou essencial para tratar os objetos dignos de estudo, pois permitia fazer recortes específicos dos diferentes elementos da vida em fatias analisáveis que deveriam ser olhados pela ciência.<sup>111</sup> O método estatístico que quantificava e analisava dados em grande amostragem emergiu do mundo industrializado,<sup>112</sup> no final do século XIX, e se intensificou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A estatística revestia de técnica e norma as moralidades envolvidas na resolução de questões sociais. Nos anos 1950 o repertório da estatística macroeconômica já havia se espalhado por diversos países. A quantificação das abordagens sobre o mundo social se deu maioritariamente através de análises que tinham como unidade de medida o indivíduo ou a família. Como vimos, esse enquadramento não acontecia por acaso e se dava em um momento em que a família virou um ponto fundamental para a implantar a ideia de desenvolvimento.<sup>113</sup>

É preciso delimitar a produção científica em sua especificidade, pois as representações propostas revelavam seus objetivos.<sup>114</sup> Se algumas ciências forjavam prescrições de modo

---

<sup>109</sup> POLANYI, Karl. *Op. Cit.* p. 191.

<sup>110</sup> Certos atores sociais acreditavam poder ordenar o mundo a partir da racionalização científica. Cf. WEBER, Max. A ciência como vocação. In: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1917] 1982. p. 154-183.

<sup>111</sup> MITCHELL, Timothy. *Op. Cit.* p. 80.

<sup>112</sup> A respeito da gênese do método estatístico, cf: TOOZE, Adam. *Statistics and the German State, 1900-1945. The Making of Modern Economic Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

<sup>113</sup> FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Martins Fontes: São Paulo, [1978] 2008. p. 145.

<sup>114</sup> Segundo Pierre Bourdieu, a produção científica prescrevia sob a aparência de apenas descrever. Com isso ele afirmou que as representações do mundo social produzidas pelo espaço científico, os esquemas de classificação, revelavam prescrições implícitas. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1982] 1996. p. 118.

implícito, outras propunham explicitamente ações de intervenção no mundo social por meio de normas e condutas desejáveis, e a nutrição foi uma dessas. Para as prescrições, a estatística se tornou uma ferramenta importante que enquadrava, justificava e revestia de técnica e norma as moralidades envolvidas nesse processo.<sup>115</sup>

Na nascente ciência da nutrição, isso se apresentou como a racionalização da alimentação: uma série de prescrições quanto ao modo de se alimentar no mundo moderno. Podemos citar como exemplo a indicação de consumo de carne bovina, leite e ovos, alimentos baseados na cultura alimentar europeia. Tais prescrições, apesar de vinculadas à ideia de *modernidade*, tinham uma ambição universalizante. Seu caráter normativo criava um modelo de alimentação, desligado de contextos históricos e sociais para além do centro onde tais concepções se forjaram. Assim, uma vez estabelecida a norma, um ideal de alimentação, foi possível também constatar quando esse ideal não era atingido – a ausência cotidiana e parcial de alimentos. Tal modelo se tornou a régua para medir as mais diversas situações alimentares.

Foi nesse cenário, a partir da segunda metade do século XIX, que cientistas passaram a mapear indicadores estatísticos de pobreza e hábitos domésticos. Nesse assunto se destacaram os médicos e higienistas, mas também outros profissionais se ocuparam de questões correlatas à pobreza e à alimentação, como agrônomos, antropólogos, sociólogos e químicos. Dessas discussões surgiram duas questões norteadoras do que virá a seguir: (i) como determinar o necessário para a manutenção da vida, o mínimo vital, e (ii) como analisar quimicamente os alimentos e seu valor nutritivo.<sup>116</sup>

Em uma sociedade na qual a renda tinha se tornado fundamental para o acesso aos elementos de manutenção da vida, a noção de necessidade básica ganhou contornos mais nítidos através de um valor calculável e passou a ser alvo de amplo debate, atravessando de marxistas a grupos mais conservadores.<sup>117</sup> Os termos do debate compreendiam o mínimo vital ou *Existenzminimum* – o necessário para a manutenção e reprodução da vida, traduzido em um valor monetário e elástico. Por ser um tema sobre o qual diferentes grupos se debruçavam, a definição de essencial poderia abarcar alimentação, vestuário e habitação, mas também, em

---

<sup>115</sup> Essa enunciação está ancorada na proposta de: DESRORIÈRES, Alain. *The Politics of Large Numbers: A History of Statistical Reasoning*. Boston: Harvard University Press, 2010.

<sup>116</sup> SIMMONS, Dana. *Vital Minimum: need, science, and politics in modern France*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015. p. 37.

<sup>117</sup> Como o engenheiro e sociólogo francês Frédéric Le Play.

propostas mais amplas, gastos com lazer, religião e educação.<sup>118</sup>

As propostas que derivavam da ideia de mínimo vital poderiam se associar tanto à contestação do sistema capitalista<sup>119</sup> quanto ao aprimoramento desse mesmo sistema, buscando melhorar o desempenho dos trabalhadores, dos soldados e das famílias que amparavam e reproduziam a força produtiva.<sup>120</sup> A família se tornou o centro do tecido social, por isso o trabalho doméstico não remunerado, como a alimentação e o cuidado, era condicionante essencial de manutenção da força de trabalho e alvo de prescrições.

Para definir os alimentos desejáveis no consumo mínimo da população, ou seja, basear as proposições sobre a fome endêmica na classificação dos alimentos e na identificação do que seria ideal consumir, ocorreram dois movimentos científicos: um dentro do laboratório, que identificava a composição dos alimentos a fim de compreender como eles eram aproveitados pelo corpo; e o segundo externo ao laboratório, que mapeava os hábitos alimentares da população por meio de inquéritos.

A nutrição surgiu a partir desses estudos e Josué de Castro, por sua vez, havia mapeado-os, versando sobre ela em seus primeiros trabalhos. “A calorimetria direta foi o método introduzido por Lavoisier [...]”, escreveu Josué em *O problema da alimentação no Brasil*.<sup>121</sup> O químico francês Antoine Lavoisier (1743-1794) percebeu que a respiração funcionava como uma espécie de combustão no corpo para o consumo dos alimentos e produção de energia. Sua pesquisa foi propulsora de diversas outras que partiam desse princípio. Com a intensificação dos estudos sobre o tema, a nutrição ganhou corpo e alguma sistematização em 1840, quando profissionais de diferentes áreas, como médicos e químicos, associaram o alimento à fisiologia animal.

Desdobraram-se então trabalhos envolvendo diversos aspectos da composição e do consumo de alimentos. Segundo Kamminga e Cunningham, o primeiro passo para a compreensão desse assunto e a formação da ciência da nutrição foi dado pelo médico e

---

<sup>118</sup> SIMMONS, Dana. *Vital Minimum... Op. Cit.* p. 66-75.

<sup>119</sup> Pensar o mínimo vital, para alguns socialistas, escondia a verdadeira questão: a expropriação do trabalhador de seus meios de produção; “mais vale dizer que nós determinamos cientificamente as rações de um trabalhador como determinamos as rações para os animais da fazenda!”. In: *Ibidem.* p. 64.

<sup>120</sup> FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 61.

<sup>121</sup> CASTRO, Josué de. *O problema da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939. p. 36.

químico britânico William Prout, em 1827, quando dividiu a composição do leite em sacarina, oleosa e albuminosa.<sup>122</sup> Anos depois, em 1842, o químico alemão Justus Liebig<sup>123</sup> lançou o livro tido como marco inicial da nutrição enquanto ciência moderna: *Animal Chemistry*. A partir desses estudos, pôde-se analisar quantitativamente a ingestão de alimentos e a energia gasta pelo corpo no trabalho e em outras atividades, momento que o historiador Harvey Levenstein chamou de nova nutrição (*new nutrition*).<sup>124</sup> Essa medição foi ficando cada vez mais precisa, com pesquisas também citadas por Castro:

Nenhum trabalho funcional pode ser executado pela matéria viva sem consumo de energia. Graças aos trabalhos experimentais de Chauveau, Zuntz, Atwater, Rubner, etc., ficou patentemente demonstrado que é sempre sensível o aumento de energia vital sob a ação do trabalho. Um indivíduo submetido às experiências de Atwater, e que gastava em repouso (despesa de base) 1600 calorias diárias, submetido á ação de um trabalho muscular intenso, chegou a gastar nas 24 horas a formidável cifra de 9314 calorias.<sup>125</sup>

Portanto, essa nova perspectiva científica forneceu uma ferramenta primordial para que Josué e seus pares pudessem olhar a questão alimentar no Brasil: o paradigma calórico, ou seja, a análise da alimentação dos indivíduos a partir da contagem de calorias, o que até então não era usado. Isso permitiu medir as calorias necessárias à vida e, assim, calcular o mínimo vital.

No início do século XX surgiu outro elemento nesse debate: as vitaminas. Pesquisadores perceberam que os alimentos não eram totalmente equivalentes e que a falta de alguns poderia provocar doenças. Casimir Funk, em 1912, deu o nome de *vitamine* (*vital + amine*) a essas substâncias. Alguns anos depois, Jack Drummond mudou o termo para *vitamin*, pois percebeu que esses componentes não pertenciam ao grupo das aminas.<sup>126</sup>

As pesquisas relacionadas às vitaminas se desenvolveram em especial nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo um de seus expoentes Frederick Gowland Hopkins, que montou a escola de bioquímica de Cambridge. Tais estudos ganharam grande importância, como apontou Castro citando o trabalho de Hopkins: “O estudo das vitaminas tem atraído de

---

<sup>122</sup> KAMMINGA, Harmke; CUNNINGHAM, Andrew. *Science and Culture of Nutrition, 1840-1940*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1995.

<sup>123</sup> LIEBIG, Justus. *Animal Chemistry*. London: Cambridge University Press, 1842.

<sup>124</sup> LEVENSTEIN, Harvey. *Revolution at the table*. The transformation of the American Diet. Berkeley: University of California Press, 2003.

<sup>125</sup> CASTRO, Josué de. *O Problema da Alimentação no Brasil*. Op. Cit. p. 59.

<sup>126</sup> KAMMINGA, Harmke; CUNNINGHAM, Andrew. Op. Cit. p. 235-259.

tal modo a atenção dos cientistas que já se organizam as bases de uma nova ciência, a vitamologia, cuja trajetória se dirige paralelamente à da endocrinologia”.<sup>127</sup>

Hoje sabemos que a vitamologia não se tornou um campo científico, mas adquiriu grande espaço nos estudos fisiológicos. A partir do paradigma vitamínico, os cientistas da área calcularam os nutrientes entendidos como necessários ao corpo humano e identificaram os alimentos provedores desses nutrientes, para então estimar um consumo ideal. Isso permitiu mapear os grupos que consumiam alimentos aquém da norma e associar com mais clareza algumas doenças à falta de determinados nutrientes. Assim ocorreu a segunda revolução da nutrição, chamada pelo bioquímico Elmer McCollum de a mais nova nutrição (*the newer nutrition*).<sup>128</sup>

Tais discussões se intensificaram durante e após a Primeira Guerra Mundial. Com as dificuldades e resistências no campo de batalha, a ingestão de nutrientes se mostrou indispensável para as estratégias nacionais. Atreladas a isso, as condições adversas impostas tanto à população civil quanto aos militares demonstraram que a escassez poderia causar diversas doenças. No contexto bélico, em que os desempenhos nacionais eram decisivos, diferentes grupos se formaram para estudar o problema alimentar, e muitos países (como Inglaterra, França, Estados Unidos, Japão e Alemanha) criaram institutos voltados à temática. A alimentação entrou no debate como chave interpretativa dos desempenhos de soldados e trabalhadores, reposicionando o debate racial em muitos casos.

Com esse cabedal científico, as pesquisas para quantificar e avaliar a alimentação das classes populares ganharam força. No entanto, não se tratava apenas de representar sua situação. Essas representações precisavam se enquadrar na forma científica de mensurar a realidade, atendendo uma demanda por levantamentos estatísticos sobre determinados aspectos da vida social. Já existiam pesquisas que abordavam o orçamento familiar, a aquisição de alimentos e seu consumo, mas foi no final do século XIX e início do XX que a preocupação com a compra de alimentos aumentou consideravelmente. Prova disso é que, na Europa Ocidental e na América do Norte, entre os anos 1850 e 1930 foram feitos

---

<sup>127</sup> Castro descreve descobertas das vitaminas em diferentes trabalhos, não apenas em sua tese. O tema também está em *Alimentação e raça e A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana*. Cf. CASTRO, Josué de. *O Problema da Alimentação no Brasil*. Op. Cit. p. 101.

<sup>128</sup> BILTEKOF, Charlotte. Critical Nutrition Studies. In: PILCHER, Jeffrey (org.). *The Oxford Handbook of Food History*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 177.

cerca de 1.500 estudos sobre o tema.<sup>129</sup> Além do interesse científico, o Estado também demandava esse tipo de inquérito, e tão importante quanto coletar os dados era ordená-los e divulgá-los, torná-los públicos. Com isso, a representação legitimada pelo saber técnico e científico serviria para intervir no mundo social e justificar determinadas políticas públicas.

Entre as diversas pesquisas que surgiram nesse momento destacou-se a do sociólogo britânico Seebohm Rowntree, *Poverty: a study of town life*, feita em 1901. Rowntree estimou a ingestão calórica e nutricional necessária para manter a vida e, a partir desses dados, calculou o mínimo vital. Incluindo outras necessidades humanas, como vestuário e habitação, criou uma linha da pobreza a partir da renda que determinava as famílias impossibilitadas de manter “a eficiência física”. Os alimentos essenciais foram separados em proteínas, gorduras, carboidratos, sal e água, e o cálculo de calorias necessárias foi estabelecido pelo trabalho: nos casos dos homens, variando entre 3.000 e 4.500 calorias. Com isso, Rowntree calculou que 28% da população de York, na Inglaterra, vivia abaixo dessa linha.<sup>130</sup> Pouco depois, em 1913, foram criados os primeiros Índices de Preços ao Consumidor na Grã-Bretanha.<sup>131</sup> Se, por um lado, a renda era um fator determinante para acesso aos alimentos, o preço deles também era fundamental para medir o seu consumo pela população.

No pós-guerra surgiram diversas instituições para combater problemas de saúde, incluindo aqueles relacionados à nutrição, a exemplo da Organização de Saúde da Liga das Nações (League of Nations Health Organization) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A atuação dessas organizações refinou as medições nutricionais para um programa de padronização, identificando os componentes de uma dieta saudável e determinando a quantidade necessária ao consumo.<sup>132</sup> A reunião de informações de pesquisas em 25 países estabeleceu um padrão alimentar para a manutenção de um trabalhador adulto,<sup>133</sup> e a Liga das Nações incentivou o treinamento de pesquisadores em Washington e Londres para que pudessem se enquadrar nos moldes de medição propostos por esses países, no sistema anglo-

---

<sup>129</sup> Esses dados foram coletados por Joël Glasman a partir de pesquisas sobre orçamento familiar. Cf. GLASMAN, Joël. *Humanitarianism and the Quantification...* Op. Cit. p. 34.

<sup>130</sup> ROWNTREE, Seebohm. *Poverty, a study of town life*. London: Macmillan and Co, 1901. p. 85-95.

<sup>131</sup> NEIBURG, Federico. Buscando a vida na economia e na etnografia. *Mana*, v. 28, n. 2, 2022. p. 09. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a900>

<sup>132</sup> WEINDLING, Paul. The Role of International Organizations in Setting Nutritional Standards in the 1920s and 1930s. KAMMINGA, Harmke; CUNNINGHAM, Andrew. Op. Cit. p. 354.

<sup>133</sup> GLASMAN, Joël. Op. Cit. p. 44.

saxão.<sup>134</sup>

Em matéria publicada no *Diário Carioca*, Helion Póvoa, médico especialista em nutrição brasileiro, registrou esse momento, sinalizando que os cientistas do Brasil engajados no tema estavam acompanhando as discussões internacionais:

[...] se outros méritos não possuísse a Liga das Nações, a ella, sobretudo, coube o melhor na urgente tarefa de sustentar desde 1925 que o problema alimentar das collectividades é uma das mais relevantes questões de hygiene publica. Até então, o máximo dos esforços dos estudiosos da physiologia dos alimentos era captado no sentido puramente clínico, casado em applicações dietéticas as mais felizes.<sup>135</sup>

Após a crise de 1929, as abordagens que consideravam aspectos sociais para acesso ao alimento se tornaram mais frequentes e passaram a ser chamadas de nutrição social. Um marco nesse sentido foi o relatório encomendado pela Liga das Nações em 1932 e levado a cabo pelos nutricionistas Étienne Burnet e Wallace Rudell Aykroyd. O documento avaliou as exigências nutricionais dos indivíduos, quais recursos estavam disponíveis para atender tais demandas e em que medida a produção de alimentos deveria aumentar para atendê-las. Esse relatório, intitulado *Diet in relation to low income* e lançado em 1933, reconhecia a abundância produtiva e atribuía o problema da fome à distribuição, ou seja, à pobreza.<sup>136</sup>

Entre os que observavam o consumo de alimentos no laboratório e nas cidades, falando de acesso e pobreza, encontrava-se John Boyd Orr, médico escocês cujas pesquisas e políticas públicas sobre o tema se destacaram no debate durante o entreguerras. Ele participou dos esforços da Liga das Nações e foi o primeiro diretor-geral da FAO quando fundada, em 1945. Também participou desse primeiro momento da FAO Wallace Aykroyd, nutricionista irlandês. Ambos deram o tom do começo da agência internacional e foram profissionais importantes na atuação que Josué de Castro teve nesse espaço.

Toda essa produção reverberou no Brasil, e a pobreza passou a incomodar uma sociedade que se pretendia moderna. Esse valor *moderno* era reivindicado sobretudo pelos grupos ascendentes das camadas urbanas e industriais como a antítese do mundo rural, onde o “atrasado” imperava. A pobreza era um passado que o país precisava superar, e as análises feitas aqui não estavam enquadradas necessariamente na esfera do direito do pobre ou do

---

<sup>134</sup> MITCHELL, Timothy. *Op. Cit.* p. 101.

<sup>135</sup> A questão alimentar no Brasil. *Diário Carioca*, 17 de maio de 1936, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>136</sup> RODRIGUES, Jaime. *Alimentação, vida material e privacidade*. Uma história social de trabalhadores em São Paulo nas décadas de 1920 a 1960. São Paulo: Alameda, 2011. p. 58-59.



trabalhador.<sup>137</sup> Aliás, os pobres – ou, no caso que nos interessa, os famintos – não participavam desse debate. Eles eram, na verdade, objetos de discussão.<sup>138</sup> Sendo indesejada, a pobreza era entendida como uma doença que não afetava apenas à população desfavorecida, mas o destino do Estado-nação.<sup>139</sup> Dessa forma, os cientistas foram legitimados como aqueles que fariam uma investigação profunda sobre as mazelas do Brasil e poderiam propor soluções a partir dos preceitos de “modernidade” trazidos pela ciência.<sup>140</sup>

#### 1.4. Fome no seu sentido *moderno*

O movimento centrado na Europa Ocidental interessa nesta tese porque, a partir das mudanças nas relações sociais, econômicas e materiais europeias e da formação de ferramentas científicas específicas desse território, criou-se a base interpretativa que possibilitou o alargamento do sentido de fome. Conforme exposto anteriormente, essa nova acepção foi gestada entre cientistas, agências internacionais e o Estado, longe de ser uma categoria oriunda daqueles que vivenciavam a situação. Apesar de ter apresentado especificidades no Brasil, esse processo foi fruto principalmente dos fatores descritos neste capítulo. Josué de Castro se valeu desses estudos na sua produção e usou essas ferramentas como uma gramática na qual ele aplicou um vocabulário do território brasileiro.

Por isso, foi necessário não apenas olhar a representação do fenômeno, mas inscrevê-la em uma análise sobre o que chamamos aqui de processo de formação da fome no sistema capitalista.<sup>141</sup> Com isso, visamos argumentar que a diminuição das crises de fome nos países centrais fez a produção científica e o debate público se voltarem para a fome endêmica como

---

<sup>137</sup> Havia uma “preocupação de cunho sanitário e moral, tendo a família como seu objetivo e a casa como seu campo de atuação” In: GOMES, Angela de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil, 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979. p. 102.

<sup>138</sup> Vera Telles descreveu o modo como as classes dirigentes brasileiras identificavam o pobre e a pobreza nesse momento. Nas palavras da autora, “A destituição do ‘pobre’ encontra aqui sua tradução mais completa: privação da palavra, ou seja, a privação de um mundo de significações no qual suas vontades, necessidades e aspirações pudessem ser elaboradas e reconhecidas nas suas próprias razões”. In: TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 46.

<sup>139</sup> SIMMONS, Dana. *Vital Minimum... Op Cit.* p. 33-34.

<sup>140</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 85.

<sup>141</sup> Junto com aqueles que defendem que o desenvolvimento da economia de mercado da Europa Ocidental dependia da exploração de países periféricos dentro do sistema de internacionalização da aquisição dos alimentos básicos e especialização da produção. Essa perspectiva é cara a DAVIS, Mike. *Op. Cit.* Também pode ser vista em outras análises, como na obra de VERNON, James. *Op. Cit.* p. 51.

uma questão social relevante. Essa fome foi enquadrada a partir dos elementos que a formavam no sistema *moderno*: a capacidade de comprar alimentos e o mapeamento destes através dos paradigmas nutricionais. As ferramentas científicas criadas para a análise desse enquadramento foram elas também fruto do capitalismo.

James Vernon, em seu livro *Hunger: a modern history*, estava interessado na história cultural da fome para além da sua materialidade.<sup>142</sup> Acrescenta-se a esse pensamento a formação de novas posições culturais e políticas enraizadas em mudanças sociais e econômicas que precisam ser consideradas. Não estamos afirmando que a fome é mera ilustração do capitalismo e do imperialismo, nem pretendemos negar suas especificidades históricas, marcadas por dinâmicas próprias de territórios e contextos variados. É justamente nessa tensão entre a consolidação do sistema capitalista, a produção de categorias científicas intrínsecas e a reivindicação de um problema que passou a ser debatida publicamente - a fome endêmica - que mora nosso interesse. Situar o debate é válido considerando que o sentido de fome, antes apresentado como universal, na verdade era específico. Vimos que a linha divisória do que é ou não fome varia em cada sociedade, estabelecendo a compreensão cultural desse conceito. Recorrer a determinadas categorias, como calorias, para definir esse fenômeno já é enquadrar a sua interpretação a partir de balizas específicas.

Ainda assim, se assumirmos a categoria caloria, por exemplo, teremos diferentes interpretações. Em primeiro lugar, o motivo pelo qual o condicionamento biológico faria um corpo gastar mais ou menos calorias está embasado em hábitos como trabalho e comportamento cotidiano. Dito de outro modo, uma pessoa gastará mais calorias quanto mais árduo for seu trabalho e seu dia a dia, o que lhe exigirá maior consumo de alimento para não se encontrar em estado de fome endêmica. Sabemos que as atividades como trabalho, remunerado ou não, são elas também fruto da sociedade em que o sujeito está inserido e pode variar. Em segundo lugar, a assimilação ideal de nutrientes era uma aceção eurocentrada. Outras culturas, como a Bemba, no Zimbábue, consumiam poucos alimentos e não entendiam isso como fome.<sup>143</sup> Para esses povos, o baixo consumo calórico era o ideal, pois o aumento do consumo demandaria maior gasto de energia para sua produção. Localizar as ferramentas que forjaram as análises discutidas nesta tese é, além de apontar seus limites, situar o *telos*

---

<sup>142</sup> VERNON, James. *Op. Cit.* p. 07.

<sup>143</sup> EDKINS, Jenny. *Whose Hunger? Concepts of famine, practices of aid.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000. Posição 432 [e-book – kindle].

desejado e entender por que as prescrições científicas e propostas políticas para o combate à fome endêmica eram representadas em termos do que se definia como *moderno*.

## 2. JOSUÉ DE CASTRO, UM CIENTISTA DA FOME

*As duas descobertas do século XX foram a  
fome e a bomba atômica  
Josué de Castro*

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908, na casa 1 da rua Joaquim Nabuco, no Recife. Sua mãe, Josepha, foi criada por uma família tradicional na Zona da Mata pernambucana – os Carneiro da Cunha, donos de engenho na região – e tinha boa base educacional. Seu pai, Manuel de Castro, mudou-se do sertão da Paraíba para Recife, onde passou a vender leite e gado. Não era rico, mas conseguiu formar uma vida estável, além de obter certa mobilidade na elite local.

Seus pais se separaram quando Castro tinha 4 anos; Josepha passou a viver com grandes dificuldades perto de Neco, como era conhecido o pai de Josué, e dos mocambos do mangue. Josepha era professora de filhos de operários e obtinha dessa atividade uma remuneração modesta.<sup>144</sup> Castro viveu com a mãe até os 8 anos, depois foi morar com o pai para completar os estudos. Essa experiência aparece em seu diário, como no trecho a seguir:

Estudei em dois colégios no Recife, nos quais personifiquei duas atitudes estereotipadas: numa a de anjo, noutra a de demônio. Comecei como demônio. Arrancado de minha selvageria de banho de rio, de jogo de pião e de castanha e de pés descalços na rua, para a disciplina rigidamente estúpida de um colégio, onde o aluno interessava apenas como um contribuinte ao seu orçamento, me rebelei profundamente e personifiquei o menino mau [...].<sup>145</sup>

Em seguida, mudou-se para o Instituto Carneiro Leão, tradicional escola de Recife, onde conheceu Pedro Augusto Carneiro Leão, o diretor, uma figura importante na sua formação. A configuração familiar em que Castro cresceu, incomum para as classes abastadas da época, parece ter se tornado um assunto delicado na sua biografia. No começo da carreira, ele não mencionava esse aspecto nem a condição financeira da mãe. Poucos depoimentos apareceram depois, como este:

[...] O mundo não era o que eu desejava. Eu era uma criança infeliz. Sentia que os outros falavam de suas famílias e aquilo não era assunto para mim. Não podia convidar os colegas. Convidar para onde? Prá casa de meu pai ou de minha mãe? Na casa de meu pai perguntavam pela minha mãe; na casa de minha mãe perguntavam pelo meu pai. [Os meninos da rua] compreendiam a

---

<sup>144</sup> LUDEMIR, Bernardo. Josué e as circunstâncias. In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro*: depoimentos. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1983. p. 59.

<sup>145</sup> CASTRO, Josué de. Diário. *Apud* SILVA, Tania Elias Magno da (org.). *Memória do Saber*: Josué de Castro. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p. 59.

minha situação e nada perguntavam. Eu queria era a rua.<sup>146</sup>

A trajetória de Josué foi condicionada por um forte esforço familiar e pessoal voltado à educação. A contestação do regime oligárquico e sua crise de hegemonia, no início da década de 1930, permitiram que novas camadas sociais ascendessem, como as classes médias urbanas.<sup>147</sup> Apesar de depender ainda das relações sociais, a partir da Era Vargas, o recrutamento de intelectuais para diferentes esferas da sociedade passou a ser cada vez mais determinado por trunfos obtidos na educação formal e acúmulo de capital cultural. Sem uma definição clara do que era a atividade intelectual dessa época, a posição social como condição relevante para galgar o sucesso continuava valendo, mas o capital cultural passou a ocupar um lugar maior nas disputas acadêmicas.<sup>148</sup> Tais disputas significavam assumir ou não um cargo como professor universitário, legislador, no Executivo ou funcionário público. A política do período teve um papel essencial em alçar a cultura como preocupação oficial, promovendo-a em diferentes esferas. Boa parte dos intelectuais, literatos e artistas encamparam esse projeto.

Soma-se a isso a consolidação dos campos científico e educacional, atrelados à criação e ao fortalecimento das faculdades e universidades<sup>149</sup> bem como à industrialização que permitiu a expansão do mercado editorial e da imprensa<sup>150</sup>. Castro se beneficiou dessas mudanças, e existiam poucos casos como o dele, mas o novo contexto abria brecha para a ascensão em ambientes onde antes as relações sociais eram o principal componente do recrutamento. Podemos citar Cassiano Ricardo, Paulo Duarte, Menotti Del Picchia<sup>151</sup> e

---

<sup>146</sup> Entrevista de Josué de Castro concedida a Pedro Bloch na revista *Manchete*, nº 625. Rio de Janeiro, em abril de 1964. In: MELO, Marcelo Mário de; Neves, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados, (Perfil Parlamentar n.52). p. 39-40.

<sup>147</sup> Miceli mencionou uma série de mudanças econômicas, sociais e políticas que contribuíram para essa abertura: crise do setor agrícola voltado para exportação, aceleração dos processos de industrialização e urbanização, crescente intervenção do Estado em setores-chave da economia, consolidação da classe operária e de empresários industriais, expansão de profissões de nível superior, de técnicos e da administração pública, abertura de novas organizações partidárias e outras. MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 77.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>149</sup> FARIA, Luiz de Castro. *Oliveira Vianna*. De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41 – Niterói: o autor, os livros, a obra. Rio de Janeiro: Relume Dumará:, Coleção de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. p. 16.

<sup>150</sup> Heloisa Pontes analisou as “Coleções Brasileiras”, das quais faz parte a obra de Castro *O problema da alimentação no Brasil*, e mostrou como esse esforço editorial também esteve ligado a uma tentativa de compor o retrato de um Brasil que estava se . A realidade brasileira se tornou central para as produções do período, sendo a chave interpretativa para as publicações literárias e as diferentes disciplinas nascentes (História, Geografia, Sociologia, etc.). In: PONTES, Heloisa. *Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das “Coleções Brasileiras” nas décadas de 1930-1940 e 50*. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 26, p. 56-89, 1988. p. 58.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 108-109.

Cesarino Junior, que se tornou professor da Faculdade de Direito de São Paulo.<sup>152</sup>

O enorme esforço tanto de Castro como de seus pais para acumular capital intelectual é notável. Ele ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia aos 15 anos de idade, com documentos falsificados pelos pais, o que demonstra a urgência desse investimento.<sup>153</sup> Apesar de não pertencer à oligarquia pernambucana, Josué transitava entre os membros desse grupo, fosse pelo colégio de elite que frequentou ou pelas relações familiares. Neste último caso vale destacar seu padrinho, Arthur Dubeux, quase sempre escamoteado na recuperação de sua trajetória. Arthur era presidente da bolsa dos corretores de Recife e costumava ser mencionado como coronel<sup>154</sup> nos jornais da época, figurando entre as pessoas ilustres da cidade. Além de apoio material para que Josué estudasse, o padrinho também é um indício de que seus pais tinham algum trânsito na oligarquia pernambucana, o que lhe permitia almejar a ascensão pela educação.

No periódico *Pequeno Jornal*, em 3 de dezembro de 1927, consta a seguinte nota: “Acaba de prestar exames do 5. anno medico na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio, obtendo distinção em todas as cadeiras, o nosso jovem e talentoso conterraneo Josué de Castro, filho do estimado cavalheiro sr. Manuel Castro, commerciante nesta cidade”.<sup>155</sup> A menção no jornal, que surge mais algumas vezes durante a graduação do “jovem e talentoso conterrâneo”, indica a presença de Manuel nos altos círculos recifenses, ainda que essas relações fossem marcadas pelo fato, decisivo nesse mundo social, de ele ter sido um pequeno comerciante destituído de estirpe. Estar perto não era pertencer e, em entrevistas de pessoas próximas a Josué, encontra-se mais de um relato em que seus adversários pernambucanos usavam sua origem popular como elemento desqualificador em diversas disputas nas quais Castro se envolveu. Discorreremos mais detidamente sobre esse tema no sexto capítulo, mas é válido apontar como se iniciou o movimento de ascensão de Castro.

A dupla vivência, nos mangues e entre a oligarquia pernambucana, permitiu que

---

<sup>152</sup> Cf. VALLE, Franco Della. *A construção da autoridade de jurista: Cesarino Junior, a Faculdade de Direito da USP e o Direito do Trabalho (1938-1976)*. Tese (Doutorado) em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

<sup>153</sup> MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Op. Cit.* p. 277.

<sup>154</sup> O termo como empregado aqui, e muito comum no Brasil da época, não remete necessariamente a um título militar, e sim a uma liderança civil de grande influência local.

<sup>155</sup> Josué de Castro. *Pequeno Jornal*, Recife, 03 de dezembro de 1927, edição 274. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

Castro conhecesse a pobreza e adquirisse a educação formal por meio do suporte financeiro necessário para cursar Medicina, inicialmente na Bahia e mais tarde no Rio de Janeiro.<sup>156</sup> Essa experiência na pobreza, escamoteada no começo da carreira para que pudesse circular na classe dirigente recifense, ganhou força no seu discurso ao final da vida, como forma de mostrar que os atributos de seu pioneirismo nos estudos da fome não estavam no círculo científico da época e sim na sua biografia, distinguindo-se assim de seus pares.

O percurso de um conterrâneo e contemporâneo de Josué que também se tornou intelectual destacado, Gilberto Freyre (1900-1987), ajuda-nos a compreender o movimento de ascensão de Castro. Filho de um professor e juiz e neto de donos de engenho, Freyre foi alfabetizado em inglês por um preceptor e estudou no colégio americano Gilreath, sendo mandado aos Estados Unidos para fazer a graduação em Baylor e pós-graduação em Columbia, além de ter passado um tempo na Europa logo depois. Quando graduado já dominava, além do inglês, o latim, o espanhol e o francês. Colaborou com o *Diário de Pernambuco* e, quando voltou ao Recife, já era influente entre os jovens pernambucanos, incluindo<sup>157</sup> Josué, que guardava recortes das colunas que Freyre publicava.<sup>158</sup> Josué de Castro, com cerca de 17 anos e aspirante a médico, provavelmente não tinha entrado no radar de Freyre, oito anos mais velho e no centro de uma sociologia nascente. O encontro se daria um pouco depois.

Josué, ainda estudante de Medicina, passou a escrever para jornais e revistas de grande circulação no Recife e alguns poucos no Rio de Janeiro, além de frequentar eventos e participar da vida intelectual.<sup>159</sup> Na Bahia, dividiu a pensão estudantil com Arthur Ramos. Castro revelou, anos mais tarde, que ficou com inveja do colega que publicara em outro veículo. Esse, que se tornou um importante intelectual do cenário brasileiro, teve relevância na formação estudantil do pensamento de Castro.<sup>160</sup> Por essa proximidade, Castro também

---

<sup>156</sup> SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação. A gênese do Plano de Segurança Alimentar*. Dissertação (Mestrado), Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2010. p. 60.

<sup>157</sup> Cf. BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unes, 2005.

<sup>158</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>159</sup> Por exemplo, participou em 1928 da vernissage da primeira exposição de Cícero Dias, no Rio de Janeiro, onde estavam Graça Aranha, Murilo Mendes, Otávio de Faria, entre outros. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 345.

<sup>160</sup> SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação... Op. Cit.* p. 62.

queria ser psiquiatra, assim como Arthur Ramos.

Seu primeiro texto foi para a *Revista de Pernambuco*, “A Doutrina de Freud e a Literatura Moderna”, publicado em setembro de 1925, quando tinha 17 anos.<sup>161</sup> No texto em questão, Castro defendia a estética modernista como expressão legítima, exaltando seu olhar para o inconsciente, e as três raças brasileiras enquanto formadoras da efervescência nacional. Depois desse artigo, muitos outros vieram, e parte deles foi compilada na primeira edição do livro *Documentário do Nordeste*.<sup>162</sup>

Ao que sua produção inicial indica, Castro era um leitor voraz, indo de Edgar Allan Poe a Rachel de Queiroz, além de também ser um frequentador assíduo dos cinemas de Salvador e do Rio de Janeiro. Escreveu sobre Charles Chaplin<sup>163</sup> e as novas possibilidades do teatro a partir da oposição entre o teatro novo de Pirandello e os russos, como Stanislavski.<sup>164</sup> Nesse primeiro momento, seus textos tratavam de psiquiatria, literatura – poemas e romance – cinema e teatro.<sup>165</sup>

Portanto, Josué não era um espectador inerte das produções artísticas e literárias da época, mas alguém que se inseria na imprensa através delas, valendo-se do seu capital cultural e investindo em assuntos discutidos nos circuitos hegemônicos. Tal lugar conquistado na imprensa é outro indicativo do capital social que Castro tinha naquele momento, pois publicar nos jornais permitia transitar nos grupos hegemônicos, investimento que Josué fez ao longo de toda a sua carreira.

A alimentação e a fome não apareciam, àquela altura, entre os temas abordados pelo jovem autor. Apesar de o problema figurar no Brasil havia muito tempo, a fome enquanto questão social ainda não estava nos debates com tanta força. Neste capítulo vamos analisar como a fome era vista no *espaço público letrado* no Brasil – jornais e revistas de grande circulação, obras literárias e produções artísticas e científicas – a fim de entender como e em

---

<sup>161</sup> CASTRO, Josué de. A Doutrina de Freud e a Literatura Moderna. *Revista de Pernambuco*, setembro de 1925. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>162</sup> Na segunda edição da obra, em 1959, o autor suprime boa parte dos textos sobre crítica literária e foca nos textos sociológicos e médicos CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

<sup>163</sup> CASTRO, Josué de. *Escolas Cinematográficas*. S/ref., 1929.

<sup>164</sup> CASTRO, Josué de. Renovação da Arte. Theatro Antigo, Theatro Novo. *Diário da Manhã*, 26 de maio de 1929.

<sup>165</sup> MELO, Normando Jorge de Albuquerque. Josué de Castro antes da fome. *Aurora*. Marília: Unesp, v. 7, 2011. p. 140-152. DOI: <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2010.v4n1.1251>



que termos Josué de Castro adentrou esse assunto.

## 2.1. A fome no paraíso tropical

Em 1663, o padre Simão de Vasconcelos, na *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, atestou presenciar nas terras portuguesas da América um “espanto da natureza”, tamanha a grandiosidade observada, que seria comparável apenas com o paraíso “onde Deus pôs o pai Adão”.<sup>166</sup> A imagem edênica figurou em muitas cartas de viajantes europeus<sup>167</sup> às terras portuguesas e tem sua forma mais completa no que é considerado o primeiro livro de história escrito em terras luso-americanas: *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita, publicado em 1730. Nessa obra Rocha fez um verdadeiro hino ufanista,<sup>168</sup> nas palavras de Silvio Romero, e não escondeu que escrevera para a glória da pátria. Seu ufanismo se tornou cânone para obras posteriores, carregando o ideal do paraíso terrestre.

Essa imagem ganhou mais espaço no Romantismo e perdurou no período imperial, pelo menos para o público letrado. Tal representação permaneceu no senso comum, embora tenha concorrido com outras interpretações propostas na literatura, na imprensa ou em outras formas de expressão cultural, como a música e as artes plásticas. Ao que nos interessa, é pertinente frisar que o imaginário coletivo em torno do lugar edênico<sup>169</sup> remetia à abundância,

---

<sup>166</sup> LISBOA, João Francisco. Obras. São Luiz do Maranhão: Typ. de B. de Mattos, 4 vols, 1865. Vol v. II2, p. 191.

<sup>167</sup> “[...] quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo, assim, a bondade do ar, a abundância dos animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta do Salmo 101 [...] em suma, a terra está plena de tua magnificência.” In: DE LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1578. p. 163.

<sup>168</sup> “Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasce o sol, ou se sepulta, estão sempre claros; as águas, ou se tomam nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde tem nascimento e curso os maiores rios; domina salutaríssimo clima; influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes.” In: ROCHA PITA, Sebastião da. *História da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*. Lisboa: Officina de Joseph Antônio da Silva, 1730. p. 03-04.

<sup>169</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959; VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991; CARVALHO, José Murilo de. O Motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 13 n. 38. São Paulo, Oct. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300004>

a um espaço onde a fome não existia. A ideia de Brasil como paraíso tropical tem sido revista, e nesta seção do capítulo apresentamos a construção de representações a partir dessa escolha.

A fome não foi um produto exclusivo do século XX,<sup>170</sup> mas não era objeto de estudo em proporções significativas antes dos anos 1930 e 1940 como uma questão social crônica no Brasil. Para entender como o tema se tornou aceito e amplamente discutido nessas décadas, precisamos recuperar os temas das discussões naquele período.

As representações do Brasil estavam, desde o século XIX, intimamente associadas à noção das três raças humanas – branca, negra e amarela.<sup>171</sup> Uma das questões daquele momento era entender o Brasil, e a temática racial centralizava o argumento tanto do nosso atraso como da nossa especificidade: a mestiçagem nos tornava únicos. Imbricada no conceito de progresso, os autores entendiam que havia uma hierarquia entre as raças, uma classificação que determinava quem era civilizado e quem era bárbaro – usada no Brasil para justificar a escravidão e a discriminação racial, dado que civilizado era o modelo europeu. Se a civilização progredia em etapas, cada grupo estaria em um nível de desenvolvimento, e esses “atrasos” se explicavam de inúmeras formas, mas principalmente pela raça e pelo determinismo geográfico. Essa abordagem se personificou em intelectuais como Nina Rodrigues, que estudou os negros e sua relação com a criminalidade a partir de elementos biológicos.

Alguns autores iniciaram a problematização dessa perspectiva ainda no século XIX, como Manoel Bomfim. Na virada do século XX, Euclides da Cunha e Edgard Roquette-Pinto

---

<sup>170</sup> Muitas pesquisas tratam da fome em períodos anteriores. Maria Yedda Linhares é pioneira nessa área e atribui a fome no Brasil entre os séculos XVIII e XIX a três motivos: causas naturais; foco na agricultura exportadora – que gerava um déficit na produção para subsistência –; e as dificuldades encontradas pelo produtor para a comercialização de gêneros alimentícios. Evidentemente, o abastecimento e o acesso aos alimentos não eram homogêneos, podendo variar por região, período e nível social, realidade que fugia em muito do imaginário edênico coletivo e também da carestia completa. In: LINHARES, Maria Yedda. *História do abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918)*. Brasília: Binagri, 1979. Apesar de sua importância, parte desse argumento foi questionada por autores que abordam a economia e a sociedade colonial e que descrevem as relações da América portuguesa como mais complexas, com trocas comerciais e produção que iam além da exportação e do latifúndio. Ver o contraponto em: MOURA, Denise Aparecida Soares de. *Consumo e Abastecimento na História*. São Paulo: Alameda, 2001.

<sup>171</sup> Essa interpretação ganhou força depois do concurso para contar a história do Brasil feito pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838. O vencedor, Karl von Martius, apresentou como nosso grande trunfo a miscigenação. Em suas palavras, “devia ser um ponto capital para o historiador reflexivo mostrar como no desenvolvimento sucessivo do Brasil se acham estabelecidas as condições para o aperfeiçoamento das três raças humanas [...]”. Essa proposta sobre a miscigenação não foi uma criação de Von Martius, ela já estava sendo amplamente discutida nesse período a partir de autores como o francês Arthur de Gobineau e influenciou uma parte significativa das produções latino-americanas. Sobre o debate racial no Brasil, cf. SCHWARCZ, Lília Katri Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

propuseram diferentes interpretações da questão racial. As abordagens científicas ganhavam força para entender o Brasil a partir de diferentes frentes, e nas primeiras décadas do século XX, a partir da Era Vargas, a mestiçagem ganhou contornos positivos. Uma das contribuições nesse sentido foi a obra de Gilberto Freyre,<sup>172</sup> que situava mestiçagem como um diferencial do Brasil em relação a outros países, tornando-se, na verdade, uma vantagem.

Essa discussão, com seus diferentes matizes, teve um papel essencial no país para o imaginário da nação e constituiu diversos trabalhos em instituições científicas, desde o Museu Nacional até as faculdades de Medicina. Assim, os pensadores sociais brasileiros do período começaram a questionar, de distintas formas, tanto a imagem idílica quanto as teorias eugênicas que hierarquizavam as raças.

Foi nesse cenário que surgiram abordagens para justificar o atraso brasileiro em relação a países centrais para além da chave racial, perspectivas que falavam em especial da condição de vida da população. Mesmo que fosse para combatê-lo, o tema racial ainda apareceu com força nos primeiros escritos de Josué de Castro e de sua geração. Se as teses raciais com contornos eugênicos predominaram até meados da década de 1920, depois o assunto passou a ser abordado de outra forma: o mestiço já não era um ser inferior; inferior era a sua alimentação, que não lhe permitia uma capacidade plena – era preciso criar um Brasil e trabalhadores adequados<sup>173</sup> à *modernidade*.<sup>174</sup> A fome veio no bojo do descrédito do

---

<sup>172</sup> Freyre bebeu na nova Antropologia proposta na Universidade de Columbia, com autores como William Shepherd e Franz Boas, que contestavam as teses raciais de Gobineau e Charles Davenport. In: BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unes, 2005. p. 55-58.

<sup>173</sup> Paralelamente a essas discussões, houve uma forte industrialização e urbanização no início do século XX no Brasil, trazendo à tona os temas do trabalho e do trabalhador brasileiro. Se a terra era generosa e fornecia tudo, como no cenário edênico apresentado, o povo não adquiria o necessário por falta de interesse ou preguiça, características bem apresentadas em personagens como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e Macunaíma, de Mário de Andrade. Essa noção de preguiça para o trabalho também estava embasada na visão europeia acerca da dinâmica indígena, que não fazia uma contraposição entre pessoa e natureza, não tinha propriedade privada e não acumulava bens. Cf. AZEVEDO, Carmen Lucia de. *Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Porém, esse tipo de trabalhador não cabia mais na nova ordem colocada no início do século XX. Eram necessários homens preparados para o tempo da máquina, cada vez mais acelerado. Nicolau Sevchenko indicou esse movimento a partir da Revolução Científico-Tecnológica, por volta de 1870. Cf. SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 14-15. O tema também é caro a Thompson, quando analisou o tempo entre os trabalhadores ingleses, a adequação ao ritmo do relógio e das máquinas no capítulo “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, [1980] 2009. p. 267-304.

<sup>174</sup> Um forte movimento de medicalização da sociedade se iniciou nesse contexto, com propostas de higienização e de correção de hábitos que estariam nas raízes dos problemas brasileiros. O Estado de bem-estar social e muitos estudos que propunham soluções coletivas derivam dessa tentativa de corrigir os rumos da nação degenerada. In: BORGES, Dain. “Inchado, feio, preguiçoso e inerte”: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. *Teoria e pesquisa*, n. 47, jul/dez 2005. p. 43-70.

discurso racialista nos moldes eugênicos e na contestação do “país da Cocanha”,<sup>175</sup> insinuando-se como parte da representação da realidade brasileira.

Para entender como a fome era percebida e a que ela estava atrelada, fizemos um levantamento da literatura de grande circulação na época, bem como em manifestações artísticas e na imprensa, o que chamamos aqui de *espaço público letrado*. Partimos de circuitos em que Josué de Castro estava inserido, para assim examinar a interpretação da fome entre seus pares.

Josué de Castro dedicou seu livro *Geografia da fome* a Rachel de Queiroz e a José Américo de Almeida, respectivamente autores de *O quinze* e *A bagaceira*, “romances da fome no Brasil”, e à memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, “sociólogos das áreas de fome no Brasil”.<sup>176</sup> Para entender porque Josué encarava Euclides da Cunha como o sociólogo da fome, precisamos nos deter um pouco na trajetória desse escritor.

Como sabemos, parte importante da obra euclidiana esteve centrada no sertão. Nascido no Rio de Janeiro em 1866, Euclides se formou em Matemática e Ciências Físicas. Começou a colaborar com alguns jornais quando foi enviado a Canudos com duas funções – jornalista e adido ao Estado-Maior do Ministério da Guerra. O acontecimento que mais tarde baseou o livro *Os Sertões*, lançado em 1902, dizia respeito à batalha de 1896 a 1897 entre os sertanejos de Canudos, uma comunidade que pregava autonomia em relação à República, e o Exército brasileiro. Euclides da Cunha, apesar de não tomar a alimentação ou suas carências como temas principais, enxergava a fome enquanto cobria a Guerra de Canudos. Em carta enviada ao jornal *O Estado de S.Paulo* em 7 de agosto de 1897, relatou:

Em grande parte assediado, Canudos liga-se agóra aos sertões que o aviventam apenas pela estrada do Cambaio; fechada esta ultima pelas forças que seguem, os sitiados cederão pela fome. E esta ultima já se faz sentir entre elles, em que pese á sobriedade spartana que os garante. Vivem, inanidos quasi. Diversos soldados que ínqueri affirmam – surprehendidos, que o jagunço degollado não verte uma chicara de sangue.<sup>177</sup>

Na obra *Os Sertões* a fome apareceu timidamente, mais como produto da guerra do que da condição estrutural daquelas terras e da população. É sabido que aquelas pessoas

---

<sup>175</sup> Cocanha é um país mitológico, difundido principalmente na Idade Média, onde havia abundância, clima sempre ameno e nenhuma necessidade de trabalho.

<sup>176</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, [1946] 1948. [s.p.]

<sup>177</sup> CUNHA, Euclides da. Carta expedida em 07 de agosto de 1887 ao Jornal *O Estado de S.Paulo*. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,canudos-diario-de-uma-expedicao-euclides-da-cunha-781897,11951,0.htm>. Acesso em: 05 dez. 2018.

sofriam privação de alimentos, sobretudo depois do cerco, como podemos notar no trecho acima. O que não sabemos são os detalhes dessa fome. Em uma descrição sobre uma prisioneira, Euclides escreveu:

Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas trambolhos incômodos no acampamento, atravessando-o, como bruacas imprestáveis. Era o caso de uma velha que se aboletara com dois netos de cerca de dez anos junto à vertente em que acampava o piquete de cavalaria. Os pequenos, tolhiços, num definhamento absoluto, não andavam mais; tinham volvido a engatinhar. Choravam desapoderadamente, de fome. E a avó, desatinada, esmolando pelas tendas os restos das marmitas, e correndo logo a acalentá-los, aconchegando-lhes dos corpos os frangalhos das camisas; e deixando-os outra vez, agitante, infatigável no desvelo, andando aqui, ali, à cata de uma blusa velha, de uma bolacha caída do bolso dos soldados, ou de um pouco d'água; acurvada pelo sofrimento e pela idade, titubeando de um para outro lado, indo e vindo, cambeteante e sacudida sempre por uma tosse renitente, de tísica — constrangia os corações mais duros.<sup>178</sup>

Ainda conforme relatos do autor, a fome também acometia os militares: “A penúria de uns como prenúncios de fome condenavam à imobilidade a divisão em que se achava o principal chefe da campanha”.<sup>179</sup>

Euclides, que pagou a primeira edição do livro do próprio bolso, teve um papel importante na constituição da imagem do sertão e do sertanejo, ajudando a associar o termo “sertão” (que antes significava interior) à caatinga, como hoje utilizamos. Seu livro marcou o advento de análises científicas “aplicadas aos aspectos mais importantes da realidade brasileira”.<sup>180</sup> Daí o termo “sociólogo” na dedicatória de Josué.

A escritora cearense Rachel de Queiroz, assim como Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, também abordou o sertão. Contudo, a autora considerava o livro de Teófilo, *A fome*, pesado demais, com muitos cadáveres; ela queria apresentar uma seca mais amena.<sup>181</sup> Aos 19 anos lançou seu romance de estreia, *O quinze*, em 1930, narrando a seca de 1915. Por meio da protagonista, Conceição, professora de Fortaleza que vai passar férias no interior do estado, a autora abordou os dramas do desastre climático, da migração e da fome, que estavam postos na dúvida dos personagens entre partir ou ficar. Chico Bento, vaqueiro que perdeu o trabalho devido à seca, decidiu partir: “Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não

---

<sup>178</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Penguin-Companhia, [1902] 2019. p. 335.

<sup>179</sup> *Ibidem*. p. 224.

<sup>180</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965] 2006. p. 155.

<sup>181</sup> Essa percepção aparece no discurso de posse de José Murilo de Carvalho, sucessor de Raquel de Queiroz na 5ª cadeira da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-murilo-de-carvalho/discurso-de-posse>. Acesso em: 10 mai. 2019.

havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse”.<sup>182</sup> Como não conseguiu ajuda do governo para a travessia, Chico fez o percurso a pé. O caminho até Fortaleza representava, na obra, a luta pela sobrevivência. “Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando Deus fosse servido.”<sup>183</sup> Quando finalmente chegou à capital, foi para um campo de concentração para retirantes, Alagadiço, onde a miséria e a fome não os deixavam. Por fim, Conceição comprou passagens para a família de Chico Bento se mudar para São Paulo. O romance teve ótima aceitação de público e crítica, apesar da pouca idade da autora. Normalista recém-formada, a jovem cearense impressionou. Rachel se mudou para o Rio de Janeiro, tornou-se jornalista e escreveu outros romances, consagrando-se como uma das grandes escritoras de sua geração e uma das pouquíssimas mulheres a ganhar notoriedade.

Pouco antes, em 1928, um paraibano formado em direito, José Américo de Almeida (1887-1980), lançou *A bagaceira*. O livro começa na seca de 1898 e termina na de 1915, com o enredo baseado no triângulo amoroso entre Soledade, retirante que chegou à fazenda de Dagoberto Marçau, o senhor de engenho viúvo, que iniciou um caso com ela, e seu filho Lúcio, idealista, que mantinha a uma paixão não concretizada pela moça. Trata-se de um romance da seca por escrever sobre os retirantes que “chegavam mastigando em seco, para enganar a fome, nas mais grotescas atitudes da miséria”.<sup>184</sup> Mas também era um romance sobre os problemas sociais dos engenhos de cana na Zona da Mata. Soledade fugiu com Dagoberto para outra fazenda, e este acabou morrendo, deixando um filho. Na seca de 1915, a protagonista voltou ao engenho Marzagão para entregar o irmão a Lúcio, que os aceita novamente.

A publicação foi um sucesso e teve quatro edições só no primeiro ano, duas pela Imprensa Oficial da Paraíba e duas pela Livraria Castilho. Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), importante crítico literário da época, foi um dos entusiastas da obra. Em sua crítica elogiosa, transcreveu a dedicatória do livro mal impresso que recebera com desconfiança: “Se nem mesmo a epopeia admirável do Euclides da Cunha pode ainda traduzir o ‘horror da realidade’, eu, bicho do matto, não alcançaria exprimi-lo. Mas senti-o,

---

<sup>182</sup> QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1930] 2012. p. 30.

<sup>183</sup> *Ibidem*. p. 67.

<sup>184</sup> AMÉRICO DE ALMEIDA, José. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1928] 2010. Posição: 1180-1181 [e-book – kindle].

senti-o como ninguém”.<sup>185</sup>

José Américo teve intensa carreira política. Tornou-se promotor público na comarca do Recife, depois na de Sousa, na Paraíba. Mais tarde assumiu cargos como procurador-geral da Paraíba, secretário do governo, deputado federal, senador e interventor. Integrou também os governos de Getúlio Vargas como ministro da Viação e Obras Públicas e do Tribunal de Contas da União, e em 1945 participou da formação da União Democrática Nacional (UDN).

Tais obras, elencadas por Josué de Castro entre as produções sobre a fome e a seca, – *A fome, O quinze e A bagaceira*, e análises “sociológicas”, como *Os sertões* e outros trabalhos de Teófilo<sup>186</sup>– não eram ignoradas como fonte para entender a realidade brasileira. Elas expressavam certa ideia dos males que flagelavam parte da população, e sua ampla aceitação indica como esse retrato tinha aderência entre o público leitor.

No livro *Documentário do Nordeste*, Castro afirmou que a literatura brasileira até a década de 1930 era, em geral, importada, de influência tardia, e que não existia enquanto arte, apenas como técnica. Somente a partir desse período teria surgido, do Nordeste, “a primeira fornada de verdadeiros romancistas brasileiros”. Nessa geração ele incluiu José Lins do Rego, Jorge Amado, Jorge de Lima, José Américo, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Aos olhos de Josué, tal literatura, preocupada com os dilemas do país, não poderia ser acusada de sectária porque não existia literatura neutra ou sem tendências. Essa corrente retrataria o Brasil de forma “mais crua”, como pobre, faminto e carente.<sup>187</sup>

Carlos Lacerda, em 1935, então um jovem líder estudantil carioca, atraiu atenção para esse movimento, também chamado de regionalista:<sup>188</sup>

Já é necessário, porque já é possível, encarar a questão de uma literatura do Nordeste. Ela já está existindo. É preciso reconhecê-la e dar-lhe direito de cidadania, direito de aparecer como tal. E não há dúvida que ela é a mais impressionante do Brasil. Mais sofrimento, mais condensação, literatura

---

<sup>185</sup> ATHAYDE, Tristão. Uma Revelação. *O Jornal*, 18 de março de 1928, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>186</sup> Como exemplo: TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca no Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

<sup>187</sup> CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1937. p. 67-73.

<sup>188</sup> Eduardo Dimitrov, ao olhar para os artistas pernambucanos de 1920 a 1970, refere-se a certa convenção, um “repertório de signos e representações compartilhado por artistas imersos em uma tradição” que implicou na valorização do regional. Dentro dessa lógica, Rio de Janeiro e São Paulo funcionavam como espelhos que esses artistas usavam ora para se diferenciar ora para se integrar. In: DIMITROV, Eduardo. *Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. p. 13-14.

mais intensa, caldearam esse romance do Nordeste.<sup>189</sup>

Os grupos intelectuais de estados do Nordeste reforçavam essa imagem, admitindo ou não os temas legítimos ao movimento regionalista, como Lacerda fez no trecho citado. Quase todos os autores tratados neste capítulo, não por acaso, fazem parte do chamado regionalismo. Suas origens, redes de sociabilidade e classes sociais diferentes não os impediram de olhar para temas semelhantes, como a fome e outros problemas decorrentes da seca.

A análise a partir da unidade nacional não dava conta das especificidades e desigualdades da relação entre os territórios. A região Nordeste perdia investimentos públicos e privados se comparado a São Paulo que se industrializava a passos largos. O Nordeste único passou a ser marcado em sua representação pela antítese ao *moderno*, pela ausência, pobreza e fome; a região detentora do modelo no qual o país deveria superar: o latifúndio formado pela escravidão e pelas relações centradas na família patriarcal.<sup>190</sup>

Na esteira dessa temática foram os primeiros escritos ficcionais de Castro, os contos “O ciclo dos caranguejos”,<sup>191</sup> lançado em 1935 – mesmo ano em que saíram *Calunga*, de Jorge de Lima, e *Cacau*, de Jorge Amado – e “João Paulo”, ambos embriões do que mais tarde se tornou seu romance *Homens e caranguejos*.<sup>192</sup> Eles narravam a história de uma família retirante da seca que não se adaptou à Zona da Mata. Com os salários baixos e a impossibilidade de plantar qualquer coisa senão cana, a família foi para a cidade com esperança de fazer uma refeição que saciasse a fome. “Mas a vida do operário era apertada como sempre. Muita coisa prôs olhos, pouca coisa prá barriga.”<sup>193</sup> Como também não podiam pagar aluguel, foram para o mangue, que fornecia não só o barro para construção dos mocambos, mas também alimento: o caranguejo. “O que o organismo rejeita, volta como

---

<sup>189</sup> LACERDA, Carlos. *Diário de Notícias*. 25 de novembro de, 1935, p. 4. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>190</sup> PALMEIRA, Moacir. Nordeste: violência e política no Século XX. *Revista de Ciências Sociais*. vol. 37, n. 1, 2006. p. 53-62. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/554>

<sup>191</sup> Em entrevista concedida a Pedro Bloch, Castro comenta que escreveu o conto “Ciclo dos caranguejos” aos 21 anos, ou seja, em 1929: “Aos 21 anos escrevi O ciclo do caranguejo, que tanto impressionou tanta gente. [...] Este ciclo, Pedro Bloch, explica a você a origem da minha preocupação com a fome. A paisagem que descrevi, há mais de trinta anos, ainda está lá igualzinha. Não mudou nada. O meu mérito, se ele existe, foi conseguir ver como ainda não tinham visto”. O conto aparece na primeira edição do livro *Documentário do Nordeste*. Até o momento, entretanto, o registro mais antigo desse texto está no periódico *A Platéia*, em 1935, quando Castro tinha 26 ou 27 anos. In: MELO Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). *Op. Cit.* p. 41.

<sup>192</sup> O livro *Homens e Caranguejos* foi lançado em 1967, quando Castro estava no exílio por causa da ditadura militar de 1964. CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

<sup>193</sup> CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. *Op. Cit.* p. 27.



detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez”.<sup>194</sup> Esse é o ciclo do caranguejo.

A identidade, construída em grande medida através da alteridade, no caso da região Nordeste baseava-se na contraposição ao *moderno* e nos eventos específicos do território, como a seca no semiárido. Em 1932, ano no qual Josué de Castro defendeu sua tese para ingressar na Faculdade de Medicina de Recife a fim de lecionar Fisiologia, aconteceu uma seca ímpar, uma das maiores que esse território enfrentou. Embora não ocupassem a primeira página, as notícias da aflição daquela população foram constantes na imprensa, variando entre as mais simples menções à ausência de chuva e muitas descrições detalhadas do que estava acontecendo nas regiões afetadas: “Os filhos dos sertões desolados se embrenham pelas caatingas, á cata de macambira com que mitiguem a sêde e a fome. Muitos morrem de inanição. À margem das estradas não raro encontram-se um, dois, tres cadaveres.”<sup>195</sup> O deslocamento da população das zonas atingidas era um dos assuntos frequentes, uma preocupação dos que moravam no litoral e dos administradores públicos:

Um grupo, interrogado, contou coisas impressionantes. Vinha de longe. Das proximidades do Novo Oriente, no municipio de Crateús. Já andara 40 leguas, comendo raizes de mucuman, como único alimento. As crianças, com ventres dilatados e pernas deformadas pela inchação, choravam de fome e de sêde e recusavam a caminhar. Algumas dellas haviam morrido intoxicadas por terem comido uma papa feita de gomma extrahida de uma raiz qualquer. Iam todos para Senador Pompeu, onde acreditavam haver serviço do Governo. O jornalista não quis dessilludi-los e essa pobre gente continua a jornada.<sup>196</sup>

Eram constantes as menções à grande quantidade de retirantes que se deslocavam para o litoral caminhando ou por trem, e que, no meio do caminho, quando podiam, furtavam algum boi que tivesse conseguido sobreviver à seca ou saqueavam mercados. No jornal *O Povo* apareceu naquele ano a manchete: “Mais dois trens entulhados de famintos se dirigem a esta capital”.<sup>197</sup> Quando não conseguiam passagem de trem, que às vezes o governo distribuía, os flagelados da seca invadiam ou saqueavam o meio de transporte. Esses episódios passaram a figurar com frequência, como uma reação dos flagelados à seca e à fome:

---

<sup>194</sup> *Ibidem*. p. 27.

<sup>195</sup> Quadro de dor e miséria que apresentam os sertões cearenses. *Jornal do Brasil*, 16 de janeiro de 1932. p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>196</sup> Ceará. *Jornal do Commercio*, 27 de janeiro de 1932. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>197</sup> Mais dois trens entulhados de famintos se dirigem a esta capital. *O Povo*, 13 de abril de 1932. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

Os flagellados estão assaltando os trens. Em Praiano, atacaram um comboio, armados de cacetes e ferramentas. Os famintos tomaram um trem de passageiros em Senador Pompeu. Os famintos já desesperados estão lançando mão de todo tipo de ato como meio de solução para a fome que os devora. [...] Scenas impressionantes como estas, resultantes da grande crise de chuvas em 1932, nos são contadas diariamente.<sup>198</sup>

Depredações e atentados ocasionados pela fome. Em consequencia da horrorosa secca que continua assolando os sertões, têm-se verificado, nos depositos de mercadorias, vários roubos praticados por flagellados, que não encontram meios modestos de subsistencia. [...] Hontem, ás 18 horas, falleceu de inanição o sexagenario Antonio Jesuino, a segunda victima da fome neste municipio.<sup>199</sup>

Com a crise instalada, o aumento da mortalidade, dos retirantes e das reações da população afetada, o número de relatos cresceu significativamente nos jornais e, com eles, as notícias sobre a crise de fome e suas consequências: “Uma pobre mãe, vendo seus filhos chorar á fome, num gesto de desespero, matou quatro delles”<sup>200</sup>.

“Diario de Noticias” lembra, a proposito, scena de canibalismo que se verificou na ultima secca, proximo a cidade de Joazeiro: allucinados pela sêde, os paes de uma creancinha agonizante sangraram-na para chupar-lhe o sangue.<sup>201</sup>

Situações de fome extrema traziam consigo atitudes dificilmente cogitadas em uma conjuntura na qual o acesso ao alimento estivesse suficientemente equilibrado. Por isso, assim como as cenas mencionadas por Rodolfo Teófilo no livro *A fome*, tais situações chocantes não eram descoladas da realidade. Podemos assumir isso após comparar os fatos relatados na imprensa brasileira com os de outras crises de fome, como os coletados por Piero Camporesi em que pessoas fechavam o ânus com algum objeto para deixar os intestinos cheios, bebiam urina e praticavam canibalismo nas mais variadas formas.<sup>202</sup> Testemunhos dessa envergadura aparecem também em *A cultural history of famine*, na explanação do historiador Shah Jahan, do século XVII, sobre a fome de 1630-1632: “o sangue de um filho era considerado mais

---

<sup>198</sup> *O Nordeste*, 08 de abril de 1932, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>199</sup> Os horrores da secca no nordeste. *Correio da Manhã*. 13 de janeiro de 1932. p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>200</sup> O Nordeste trágico! *A noite*, 19 de fevereiro de 1932. p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>201</sup> Os horrores da secca nos sertões nordestinos. *Correio da Manhã*. 03 de fevereiro de 1932. p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>202</sup> *Apud* VERNON, James. *Hunger, a modern history*. Cambridge, Massachusetts, London: Belknap Press/Harvard University Press, 2007. p. 10-18.

doce do que o seu amor”.<sup>203</sup> Somados a esses relatos estavam os corpos jogados pelas ruas, os motins para assaltar mercados, centros de abastecimento ou para reivindicar alimento.

Se as condições não fossem de extremo flagelo, como as descritas, tais cenas seriam impensáveis. Dito de outro modo, a forma de trazer os relatos proposta pela imprensa nesses casos trazia empatia pelo famélico ou a justificativa de atos que não teriam o mesmo tratamento se ocorressem em um contexto distinto. O saque a um armazém, por exemplo, não receberia complacência da mídia se não fossem as circunstâncias que o geraram. Raciocínio semelhante é empregado às histórias sobre os indivíduos afetados e suas atitudes. Os relatos de testemunhas oculares dos acontecimentos extremos de fome se mostraram fundamentais para aproximar o público do fato em si. E não por acaso eles preferem tratar de mulheres e crianças, grupos que causam mais comoção.<sup>204</sup> Assim como no caso do saque, a história da mãe que matou os quatro filhos não teria sido contada da mesma forma se não fosse a situação extrema em que a família se encontrava. A narração revela empatia aos flagelados da seca. Apesar de atualmente dada, tal empatia não é uma constante histórica, como vimos.

Na tentativa de conter a horda de retirantes fugindo da fome, o governo federal, na época sob comando de Getúlio Vargas, com apoio do interventor federal do Ceará, criou sete campos de concentração<sup>205</sup> para reter essas pessoas: os “currais do governo”, cinco nas vias de acesso à capital e dois na capital. Uma vez dentro, a população não poderia mais sair e deveria obedecer às duras regras impostas pelos dirigentes indicados pelo interventor. O maior desses espaços, na cidade do Crato, chegou a abrigar quase 60 mil pessoas.<sup>206</sup> Os relatos colhidos sobre a memória desses campos e as notícias da imprensa davam conta de

---

<sup>203</sup> Tradução livre do original: “the flesh of a son was considered sweeter than his love”. In: MUKHERJE, Ayesha (ed.). *A cultural history of famine: food security and the environment in India and Britain*. Oxon: Routledge, 2019. p. 01.

<sup>204</sup> Margaret Kelleher chamou esses retratos de “feminização da fome” – a representação da fome e de seus efeitos por meio de imagens de mulheres. Cf. KELLEHER, Margaret. *The Feminisation of Famine: Expressions of the Inexpressible?* Cork: Cork University Press, 1997.

<sup>205</sup> Os campos de concentração também haviam sido um recurso utilizado pela administração pública na seca de 1915. Cf. NEVES, Frederico de Castro. Curral dos bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 29, 1995. p. 93-122. PINHEIRO NETO, Armando. De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

<sup>206</sup> Cf. RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014; NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 40, 2001. p. 107-131.

suas péssimas condições, que causavam mais mortes.<sup>207</sup> Em 26 de abril daquele ano, o jornal carioca *A Noite* publicou uma notícia a esse respeito, intitulada “O Nordeste trágico!”:

Em Fortaleza, apesar da sobrecarga de enorme população de adventícios, não se vê, entretanto, um só retirante nas ruas da cidade. Nos campos de concentração, os emigrantes são obrigados a se banhar, diariamente, a cortar os cabellos, etc.<sup>208</sup>

O cenário era diferente da Fortaleza que aparecera no romance de Rodolfo Teófilo, quando os famélicos perambulavam e ocupavam a capital do Ceará. Apesar de ser o estado mais atingido, não era, entretanto, o único. Notícias descreviam situação similar em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Assim, surgiam registros de migrações da região afetada para os centros urbanos, como do sertão do Rio Grande do Norte para Natal ou Recife, ou dentro dos estados da Bahia e do Piauí.<sup>209</sup>

Cobranças pela ação do Estado também estavam presentes na imprensa, como esta: “[q]ue os poderes publicos e as classes conservadoras da Bahia não fiquem inertes, impassíveis, ante o espetáculo pungente, que se desenrola pelo sertão de nossa terra. Urgem providencias em favor dos infelizes flagellados do interior”.<sup>210</sup> Nota-se que os famélicos não eram vistos como responsáveis pela situação na qual se encontravam, advinda de uma catástrofe climática. O Estado era acionado como aquele que poderia solucionar o problema. Media-se a eficácia do governo por sua capacidade de conter as crises de fome em um momento em que se consolidava a visão dele como agente responsável pelo bem-estar da população. Essa cobrança estava presente na imprensa como um aceno, sem, no entanto, responsabilizar o Estado pelas crises, que eram atribuídas a causas naturais.

Sem as defesas corporais necessárias, as epidemias tornaram-se frequentes em áreas de fome, inclusive nos campos de concentração montados pelo Estado. A ausência de alimentos matava ora por inanição, ora por doenças associadas. Jaguaribe, no interior do Ceará, por exemplo, teve um surto de paludismo em 1938. Ao longo da matéria sobre o surto

---

<sup>207</sup> KENNY, Mary Lorena. Landscapes of Memory Concentration Camps and Drought in Northeastern Brazil. *Latin American Perspectives*. vol. 36, n. 05, 2009. p. 21-38. DOI: <https://doi.org/10.1177/0094582X09341977>

<sup>208</sup> O Nordeste tragico. *A Noite*, 26 de abril de 1932. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>209</sup> Cf. O exodo dos flagellados pela seca do nordeste. *Correio da Manhã*, 19 de fevereiro de 1932, p. 03; Os horrores da secca. *Correio da Manhã*, 21 de setembro de 1932. p. 09. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>210</sup> Os terríveis efeitos da secca no sertão bahiano. *Correio da Manhã*, 25 de março de 1933. p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

publicada naquele ano pelo *Diário de Pernambuco*, então o maior jornal em circulação no Nordeste, o repórter narrou a visita à cidade acometida pela doença. Lá se encontrava Lourenço Pereira, um dos afetados, que relatou:

Toda a minha família morreu implorando o que comer. O único que ainda vive sou eu, e penso que não viverei mais por muitos dias. Tudo o que eu possuía, já vendi, inclusive as minhas alpergatas velhas, por 500 réis. Não tenho mais nada. Ninguém se importa comigo. Vejo pois que o meu caminho é a morte pela fome.<sup>211</sup>

Há notícias da seca até 1937, porém de forma menos intensa. Em 1938 e 1939 uma estiagem no norte de Minas Gerais e no interior da Bahia provocou o êxodo de 40% da população daquela região. Percebe-se que, ao contrário do que acontecia na Europa Ocidental com o encerramento das crises de fome por causas lidas com naturais, no Brasil uma mudança climática expressiva poderia significar o acirramento desses problemas. Pela constância e intensidade dos relatos, vemos que as crises de fome se mantiveram no século XX apesar de terem arrefecido no centro produtor das categorias analíticas sobre o fenômeno da fome.

Em 1938, Graciliano Ramos (1892-1953), um dos autores citados por Josué de Castro como verdadeiro romancista brasileiro, lançou *Vidas secas*, seu quarto romance. O alagoano, que iniciou sua carreira como jornalista, teve grande atuação política, a princípio como prefeito de Palmeira dos Índios, município de Alagoas, depois como membro do Partido Comunista na década de 1940, ao lado de Luís Carlos Prestes e Jorge Amado. Graciliano, que havia estreado com *Caetés* em 1933, narrou em *Vidas secas* a história da família de Fabiano, vaqueiro que ao fugir da seca encontrou abrigo em uma fazenda pelo caminho. “Chegara naquele estado com a família morrendo de fome, comendo raízes”.<sup>212</sup> Por lá ficou com sua esposa, dois filhos e a cachorra Baleia, que pensava e sonhava como gente, até que a seca os levou, novamente, para a estrada. O paraíso que procuravam aparecia sempre, como expressão verbal, no condicional.<sup>213</sup> O livro, com linguagem elaborada e enxuta, fez sucesso de crítica e público.<sup>214</sup> “Talvez nenhum outro escritor brasileiro possa exibir tão grande

---

<sup>211</sup> *Diário de Pernambuco*, 15 de agosto de 1938, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>212</sup> RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins Fontes, [1938] 1970. p. 53.

<sup>213</sup> BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo e Facioli, Valentim. *Graciliano Ramos*. São Paulo, Ática, 1987. p. 386.

<sup>214</sup> Cf. MELLO, Marisa S. Breve história da consagração literária de Graciliano Ramos: a recepção de *Vidas Secas*. *Revista Língua & Literatura*. v. 14, n. 22, ago. 2012. p. 13-62. Recuperado de: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguae-literatura/article/view/319>

número de apreciações críticas como as que têm merecido os livros de Graciliano Ramos – todas unânimes em reconhecer-lhe os méritos de um grande ficcionista”,<sup>215</sup> elogiou uma resenha do jornal *A tarde* em 1938. Josué era próximo de Graciliano, e os dois se encontraram diversas vezes no Rio de Janeiro.<sup>216</sup>

Um amigo em comum, que também se ocupou da temática, foi Candido Portinari (1903-1962). Considerado um dos artistas plásticos mais importantes do seu período, Portinari produziu mais de cinco mil obras, desde um retrato de Josué de Castro<sup>217</sup> até um painel para a sede da ONU em Nova York, *Guerra e paz*, em 1956. Um dos temas que o acompanharam em toda sua carreira foi o do retirante, resultando em inúmeros quadros de diferentes expressões. Em uma resenha para o *Diário carioca*, Antonio Bento afirmou que Portinari teria visto os retirantes da seca de 1915 – a mesma que Rachel de Queiroz retratou – passarem por Brodowski, sua cidade natal no interior de São Paulo, quando era garoto. Segundo Bento, eles buscavam trabalho nas fazendas de café e ficavam perambulando pelas cidades, esqueléticos, carregando seus filhos com o ventre inchado.<sup>218</sup>

A primeira obra intitulada *Retirantes* data de 1936 e em nada representa a magreza vista no famélico (Imagem 4). Ao contrário, os corpos são roliços como os de outros tantos personagens que apareceram nessa fase do artista e revelam mais uma preocupação com o domínio estético do começo da carreira do que com uma denúncia social. A série com o mesmo nome pintada em 1944 e composta por três quadros – *Retirantes*, *Criança morta* e *Enterro na rede* (Imagens 5, 6 e 7) – apresentou personagens mais próximos à temática, com ênfase nas expressões de tristeza, nos corpos magros de adultos e crianças, descalços e maltrapilhos, deformados pelo sofrimento.<sup>219</sup> Nesse sentido, o segundo momento estava mais próximo do que propôs Graciliano em *Vidas secas*, pela fusão do erudito com o popular e pela

---

<sup>215</sup> Graciliano Ramos. *A Tarde*, 27 de abril de 1938, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>216</sup> Um exemplo foi o aniversário de Luis Carlos Prestes O ANIVERSÁRIO de Prestes, comemorado em todo Brasil. *Tribuna Popular*, 03 de janeiro de 1947. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 16.

<sup>217</sup> Portinari e Josué participaram de diversas atividades juntos. Dessa proximidade, o pintor fez um retrato do cientista que está disponível no livro *O drama universal da fome* e no site <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/2924>.

<sup>218</sup> BENTO, Antonio. As artes: Os retirantes. *Diário Carioca*, 24 de agosto de 1946. p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>219</sup> Há diversas outras telas do artista que se relacionam com o tema. Cf. OLIVEIRA, Marina Colli de. *Os retirantes de Portinari*: crítica comentada sobre as obras da série pertencente ao MASP. Dissertação (Mestrado) em Artes, Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

apresentação da realidade social de forma tão direta e crua em uma narrativa. A sequência de quadros expressa a morte das crianças pela seca e o enterro em uma paisagem mais verde, o que representa a volta das chuvas no sertão ou a chegada a um novo lugar.<sup>220</sup>

**Imagem 4 – Candido Portinari, *Retirantes*, 1936.**



Nota: Óleo sobre tela, 73.00 cm x 60.00 cm<sup>221</sup>

---

<sup>220</sup> Cf. FABRIS, Annateresa; FABRIS Mariarosaria. A função social da arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 38. São Paulo, 1995. p. 11-19. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i38p11-19>

<sup>221</sup> Esses trabalhos de Portinari estão disponíveis em: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural.

**Imagem 5 – Candido Portinari, *Retirantes*, 1944.**



Nota: Óleo sobre tela, 190.00 cm x 180.00 cm.

**Imagem 6 – Candido Portinari, *Criança morta*, 1944.**



Nota: Óleo sobre tela, 180.00 cm x 190.00 cm



**Imagem 7 – Candido Portinari, *Enterro na rede*, 1944.**



Nota: Óleo sobre tela, 180.00 cm x 220.00 cm

Os quadros tiveram significativa repercussão na imprensa, com notas nos jornais *O Estado de S.Paulo* e *Diário de S.Paulo* e nas revistas *O cruzeiro* e *Revista da semana*.<sup>222</sup> Marco Morel, na ocasião da reedição de *Geografia da fome*, em 2001, afirmou que a série *Retirantes* estava para a arte assim como *Vidas secas* estava para a literatura e *Geografia da fome* para as ciências humanas – uma lúcida contestação à sociedade contemporânea que parte do regional e tem alcance universal.<sup>223</sup> Graciliano relatou o que sentiu ao ver a série *Retirantes*, de 1944, em uma carta dirigida a Portinari:

Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e essa miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram. [...] O que às vezes pergunto a mim mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças?<sup>224</sup>

Pinçar a pobreza e a fome como elementos para representar a realidade brasileira não acontecia sem questionamentos, os quais poderiam partir dos próprios artistas, como no caso de Graciliano, mas maiormente de grupos adversários que alegavam oportunismo ou

---

<sup>222</sup> Cf. COELHO, Tiago da Silva. Candido Portinari e Graciliano Ramos: diálogos de *Vidas Secas* com os *Retirantes*. *Baleia na rede* – estudos em arte e sociedade. n. 11, vol. 1, 2014. p. 36-51.

<sup>223</sup> Cf. MOREL, Marco. Luz sobre os grotões da fome no Brasil. *O Globo*, 23 de junho de 2001, [s.p.]

<sup>224</sup> Carta de Graciliano Ramos a Candido Portinari. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro e 1946. Disponível em: <[www.graciliano.com.br](http://www.graciliano.com.br)> Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

propaganda negativa.<sup>225</sup> Outras secas aconteceram durante o período pesquisado, como entre 1942 e 1945, mas com menor presença na imprensa,<sup>226</sup> uma vez que àquela altura os olhos estavam voltados às guerras, outra circunstância na qual a crise de fome se instalava.

As primeiras notícias de fome no mundo europeu são da Guerra Civil Espanhola.<sup>227</sup> A capa do jornal *A noite*, em 24 de janeiro de 1939, trouxe a manchete: “Tétrica a situação de Barcelona. A fome impera na capital catalã – toda a população a caminho dos postos de defesa”.<sup>228</sup> E 24 de março, pouco antes do fim do conflito, a capa trazia “2.000 mortos de fome por dia em Madrid”.<sup>229</sup> A política de não intervenção feita pelos países vizinhos fez com que pouca comida chegasse. Não havia mais pombos e gatos nas ruas, e o pouco que vinha do México dava para 100 gramas de alimento por habitante.<sup>230</sup>

Com o fim do conflito em 1939 e a vitória de Franco, iniciou-se no mesmo ano a Segunda Guerra Mundial, que impactou a dinâmica de boa parte do mundo, sobretudo Europa e Ásia. As notícias sobre a fome pululavam nos jornais com enorme frequência e iam aumentando conforme o conflito avançava.

Com milhões no bolso – como se estivesse em pleno o deserto – o indivíduo tem que passar a fome imposta pelo racionamento, a fome oficial – 360 gramas de carne por semana; 50 gramas de queijo por mês; 350 gramas de pão por dia; 500 gramas de açúcar por mês; 100 gramas de arroz por mês; e 125 gramas de sabão por mês.<sup>231</sup>

Quando o exército alemão de Hitler invadiu a França, o país começou a enfrentar problemas de abastecimento que eram intensificados pelo bloqueio inglês, e as notícias sobre

---

<sup>225</sup> “Propaganda negativa” foi uma matéria do *Diário Carioca* citada por Josué de Castro no plenário enquanto deputado federal. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 265.

<sup>226</sup> Houve algumas exceções, a exemplo desta: “Como se não bastasse as preocupações da guerra, a natureza hostil vem castigar-nos com esse outro cataclisma das secas. E o que presenciemos nesta cidade [Rio Branco] faz cortar os corações. Levas e levadas de retirantes esqueléticos e famintos que transitam em caminhões em busca de refrigério nas zonas do litoral.” *In: A seca no sertão. Levas de retirantes esqueléticos e famintos em busca de refrigério do litoral. Diário de Pernambuco*, 2 de abril de 1942. p. 07.

<sup>227</sup> Esse conflito durou de 1936 a 1939, entre os nacionalistas, em torno do general Francisco Franco, e os republicanos, um grupo misto de pessoas leais à Segunda República espanhola, com anarquistas e comunistas. As forças nacionalistas iniciam a tomada de poder contra os republicanos, começando por cidades menores da Espanha. Restaram isoladas Barcelona e Madri, que padeceram com um cerco.

<sup>228</sup> Tétrica a situação de Barcelona. *A Noite*, 24 de janeiro de 1939, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>229</sup> 2.000 mortos de fome por dia em Madrid. *A Noite*, 24 de março de 1939, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>230</sup> GIL, Rebeca de Lemos Gonzalez. Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. p. 55.

<sup>231</sup> Fome e resistência. *Jornal do Brasil*, 22 de setembro de 1940. p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

dificuldades de acesso ao alimento apareceram nos jornais. A situação se revelava ainda mais crítica na Grécia.

“Tenho a impressão de ter feito uma visita ao inferno” – foram as palavras de um membro da tripulação do “Kurultusch”, quando entrevistado por um dos jornais dessa capital. Esse navio foi enviado à Grécia por uma sociedade turca de beneficência. “O que vi na Grécia é centenas de vezes mais terríveis do que tudo que havia lido sobre o assunto”, disse o entrevistado. “Tive ocasião de falar a um homem que me declarou que havia perdido a metade do seu peso. E, de fato, suas roupas pareciam encobrir apenas um feixe de ossos. Há três dias que não comia coisa alguma e os 300 gramas de pão que conseguiu, deu-as a duas criancinhas. Quando desembarcamos, fomos logo cercados por centenas de pessoas que só tinham um grito: – ‘Dê-nos um pouco de pão! Nós morremos de fome!’ Um pouco depois, os guardas alemães dispersaram essa multidão faminta”.<sup>232</sup>

É em momentos de extrema escassez que o entendimento do que é comida se amplia ao máximo, abarcando, a título de exemplo, animais dificilmente comestíveis na cultura ocidental contemporânea, como cães e gatos, além de plantas não apreciadas por serem tóxicas ou servirem de alimento a animais, como mucunã e macambira.

Os franceses devoraram todo o estoque de forragem e nabos, comeram todos os corvos e pardais. Os habitantes do sul da França comem capim, que eles denominam salada Laval. Os do norte subsistem com cascas de árvore. Enlouquecidos pela fome, os gregos devoram arbustos. [...] Não há mais cachorros, todos já foram devorados. [...] Vários casos de canibalismo foram observados entre as crianças vadias da Grécia.<sup>233</sup>

Mais uma vez o canibalismo apareceu como solução quando a vida foi colocada em risco. Para algumas culturas, como a Ocidental, o canibalismo é a última barreira entre o que é ou não alimento, considerada uma ação repugnante e um dos maiores tabus culturais, junto com o incesto.<sup>234</sup> Mas quando a vida foi posta à prova, o canibalismo apareceu em situações distintas no contemporâneo e em lugares que não o tinham como parte da cultura, a exemplo da Rússia em 1920, da China entre 1958 e 1961 e da Ucrânia entre 1932 e 1933, em uma fome que ficou conhecida como Holodomor.

---

<sup>232</sup> *Correio da Manhã*, 1941, 13 de novembro de 1941. p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>233</sup> EHRENBURG, Ilya. Os habitantes do Sul da França comem capim. *Diário de Pernambuco*. 11 de maio de 1944, p. 14. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>234</sup> O interesse pelo canibalismo rendeu vasta bibliografia, principalmente na Antropologia, que segue, majoritariamente duas tendências interpretativas: a culturalista e simbólica, de autores como Marshall Sahlins; e a biológica, focada na adaptação proposta por Marvin Harris, entre outros. Não acredito que ambas se apliquem aos casos relatados no capítulo, já que foram exceções ao hábito cotidiano e não uma prática frequente. Foram levadas a cabo apenas nos momentos críticos, apesar de Malthus ter afirmado que foram essas situações de extrema escassez que tornaram o canibalismo parte de algumas culturas: “cannibalism must have had its origin in extreme want, though the custom might afterwards be continued from other motives”. In: GRÁDA, Cormac Ó. *Famine, a short history*. Princeton: Princeton University Press 2009, p. 37. Sobre estudos que interpretam o canibalismo, cf. MILLAN-FUERTES, Amado A. Cannibalisme. In: POULAIN, Jean-Pierre (ed.). *Dictionnaire des cultures alimentaires*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012. p. 232-240.

Na cobertura da Segunda Guerra Mundial feita pela imprensa brasileira, os testemunhos vinham tanto de civis quanto de militares. Uma cena de canibalismo foi relatada em Tóquio por soldados japoneses que se encontravam na ilha de Saipan quando os americanos invadiram o país.<sup>235</sup> Também ocorriam casos semelhantes dentro dos campos de concentração nazistas, como o descrito a seguir:

Um médico alemão vítima do nazismo declarou esta tarde, com impressionantes detalhes, como a fome forçou a cometer atos de canibalismo numerosos internados no campo de concentração em Belsen. [...] “Lembro-me de um cadáver que apresentava uma fenda no ventre por onde lhe extraíram o fígado” – disse o médico. Recordo-me de outros cinco casos semelhantes e de numerosos outros de diferentes facetas: cadáveres sem orelhas, joelhos, parte dos braços ou das costas, que os infelizes internados, desesperados de fome, arrancavam para comer.<sup>236</sup>

Por isso, assim como os relatos que ocorreram no Brasil, fazem sentido no contexto em que foram apresentados e não parecem ser exageros da imprensa. Eram cenas de canibalismo de exceção.

Nos últimos anos da guerra começaram a surgir notícias da situação dos judeus exterminados pelos nazistas nos campos de concentração e nos guetos formados nas cidades.<sup>237</sup> A Segunda Guerra trouxe, além da imensa fome nos territórios afetados, carestia significativa para outros lugares, a exemplo da América Latina. Como parte das terras agricultáveis da Europa e da Ásia ficava na região do conflito, e muita mão de obra voltou-se aos esforços de guerra, alguns países de outros continentes aumentaram a exportação de alimentos, o que afetou o mercado interno, até mesmo no Brasil. Se em 1941, quando tropas norte-americanas desembarcaram em Recife, havia uma quantidade razoável de alimento, o mesmo não pode ser dito com a intensificação da guerra. Em 1944 a marinha dos Estados Unidos emitiu relatórios expondo sua preocupação com o abastecimento alimentar no Brasil e a consequente escalada dos preços. No Rio de Janeiro houve racionamento de açúcar, leite e carne, cujas quantidades eram limitadas por pessoa. Além disso, o fluxo de dólar promovido pelos militares estadunidenses inflacionava os preços dos serviços e das refeições em cidades

---

<sup>235</sup> Comiam carne humana para não perecer de fome. *A noite*, 15 de julho e 1945. p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>236</sup> Canibalismo em Belsen. O que narra um médico vítima do nazismo. *Correio da Manhã*, 29 de setembro de 1945. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>237</sup> “Cadáveres esqueléticos estão sendo frequentemente encontrados nas sarjetas dos ghettos hitleristas”. *In*: Milhares de judeus morrem de fome. *Correio Paulistano*, 03 de setembro de 1943. p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

como Recife, Rio de Janeiro e Belém.<sup>238</sup> No Natal desse mesmo ano, a imprensa divulgou queixas da população sobre a falta de alimentos tradicionais da festa ou sobre os preços deles no mercado formal e clandestino – esta prática corriqueira, em maior ou menor grau, em épocas de racionamento. “Castanhas, arma secreta dos gananciosos”, denunciava uma manchete do *Correio paulistano*.<sup>239</sup>

No Brasil, a carestia era mais fruto de pessoas e mercadorias mobilizadas em torno da guerra do que do conflito em si. A guerra não só ocasionou a exportação de recursos nacionais, como foi usada para justificar a especulação dos comerciantes.<sup>240</sup> A alta dos preços é o primeiro entrave no acesso da população pobre ao alimento. Assim, enquanto os abastados se privavam de poucos itens – ou nem isso, uma vez que podiam encontrá-los no mercado paralelo –, os que não tinham recursos se tornavam mais vulneráveis às flutuações.

Depois de declarado o fim da guerra, em 1945, ainda circulavam notícias sobre a fome em territórios que começavam a tentar se restabelecer. Os Estados Unidos se afirmaram como o país que auxiliaria a Europa e a Ásia, ainda sem recursos, a matar a fome da população. “O presidente Truman declarou: “O governo dos Estados Unidos está tomando enérgicas providencias para exportar durante a primeira metade desse ano, um milhão de toneladas de trigo por mês para as massas famintas da Ásia e Europa, que morrem de fome”. Chegara o tempo de agir, declarou o ex-presidente norte-americano Hoover,<sup>241</sup> escalado por Truman como presidente e representante do Comitê Emergencial da Fome (Famine Emergency Committee).

O esforço de guerra tinha deixado uma situação grave: milhões de pessoas estavam desalojadas e desempregadas e outros milhões sob uma intensa crise de fome. Em países como Polônia, Itália, Grécia e Espanha, havia centenas de milhares de crianças famintas e descalças.<sup>242</sup> Entre as ações de Hoover estava uma aproximação com a América Latina para

---

<sup>238</sup> TOSCANO, Frederico de Oliveira. *Yes, Nós Temos Coca-Cola: O Ideal da Fatura Norte- Americana na Mesa do Nordeste (1930-1964)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 485.

<sup>239</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra: A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: EDUSP, 2000.

<sup>240</sup> FERRAZ, Francisco César. *Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

<sup>241</sup> *Diário de Pernambuco*, 21 de abril de 1946, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>242</sup> As condições de varios países europeus. *Jornal do Brasil*, 01 de janeiro de 1946. p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

estabelecer parcerias que forneceriam alimentos aos países afetados. Segundos os jornais da época, eram 150 milhões de europeus na iminência da fome. Dois terços recebiam menos de 1.000 calorias por dia e 25% das crianças estavam morrendo. Truman declarou que iria “cumprir com o seu dever de humanidade para socorrer os povos famintos na maior crise de alimentação da história”.<sup>243</sup> O foco, entretanto, era a Europa; havia pouquíssimas notícias, entre outros casos, da fome em Bengal, na Índia, que matou 3 milhões de pessoas em 1943.

Apesar de não se passar no Brasil, a Segunda Guerra teve papel fundamental na imprensa nacional para a constituição da fome enquanto tema pertinente. Em primeiro lugar, por sua magnitude, pois estima-se que pelo menos 20 milhões de pessoas tenham morrido de fome ou doenças associadas, quase a mesma quantidade em decorrência da ação militar, que girou em torno de 19 milhões.<sup>244</sup> Em segundo lugar, por trazer o tema ao cotidiano do público letrado, com notícias frequentes nos jornais. Não por acaso, em 1946 foram publicados dois livros com a palavra “fome” no título: *Fome de pão*,<sup>245</sup> de Adolfo Porto; e o já citado *Geografia da fome*, de Josué de Castro. O primeiro teve pouca repercussão, apesar de algumas críticas favoráveis. Porto, jornalista de tradicional família pernambucana que havia se radicado no Rio de Janeiro, organizou uma coletânea de textos diversos centrados na fome. “Adolfo Porto quis fixar seu depoimento objetivo e inteligente acêrca das condições de vida daquelas populações, condições, ademais, muito iguais em todo o Brasil”.<sup>246</sup> Já o livro de Josué teria uma repercussão substancial não apenas para a carreira do autor, mas também para a formulação do debate.

A guerra serviu como elemento propulsor do combate à fome, tanto por situar o tema na ordem do dia quanto por estimular a fundação de órgãos voltados à extinção desse problema. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), por exemplo, nasceu nesse contexto.

A maioria dos relatos aqui elencados tem em comum a fome epidêmica, ligada à inanição e a algum desvio no curso regular dos acontecimentos, como desastres climáticos e

---

<sup>243</sup> 150 milhões de europeus nas garras da fome. *A noite*, 1946, 20 de abril de 1946. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>244</sup> COLLINGHAM, Lizzie. *The taste of war – World War II and the battle for food*. New York: The Penguin Press, 2012. p. 01.

<sup>245</sup> PORTO, Adolfo. *Fome de pão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1946.

<sup>246</sup> *Diário de Pernambuco*, 1946, 20 de junho de 1946. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

guerras. De qualquer forma, ambas as situações são momentâneas e esvaziadas da ação humana, fazendo a fome parecer uma fatalidade. No Brasil, como um fenômeno ainda fortemente presente, as crises de fome dominavam as inserções do fenômeno no *espaço público letrado*, ao contrário do que ocorria na Europa Central, onde o debate passou a focar a fome cotidiana conforme exposto anteriormente.

Apesar do destaque que o assunto recebia na imprensa brasileira, o aspecto social – determinante nas diferentes soluções para o problema – ficava em segundo plano. A pobreza figurava na literatura e nas representações das classes populares vinculando-se timidamente à fome. Era preciso considerar que, mesmo em uma fome epidêmica, a população não seria atingida de maneira uniforme. Diante de uma seca aguda, o sertanejo com dinheiro conseguia acumular mais provisões ou migrar mais confortável e rapidamente que o pobre. Este, por outro lado, muitas vezes precisava fazer o percurso a pé até alguma cidade do litoral, podendo sucumbir no caminho e sem nenhuma garantia de que, chegando ao destino, sua fome seria saciada. Na iminência de uma guerra, as chances de uma família abastada se desvencilhar da zona de conflito superavam as das famílias desprovidas de recurso. Sem contar o mercado clandestino, que se instalava a partir do fechamento ou congelamento do mercado oficial.

A representação da fome estava vinculada, portanto, na emergência, intensidade e no esvaziamento dos processos geradores. A fome vinculada à pobreza ia se anunciando na literatura e enquanto notícia aos poucos, como casos isolados. Em 12 de agosto de 1941, o *Diário de Pernambuco* publicou a matéria “Com sete filhos menores para sustentar e passando fome!”.<sup>247</sup> Três anos depois, foi a vez do *Jornal do Brasil*:

Ontem, na rua 24 de maio, caiu na via publica um menor, de 2 anos, que vinha em companhia de seu pai Carlos Araujo Ceva, residente da rua Bahia, na Pavuna. De primeiro, pensando tratar-se de um caso de insolação o pai da criança a conduziu ao Posto de Assistência do Meyer, onde então foi constatado ser o mal da criança inanição, sendo-lhe proporcionado tônicos restauradores.<sup>248</sup>

Em alguns artigos marcadamente opinativos apareceriam tímidas análises da fome

---

<sup>247</sup> Com sete filhos menores para sustentar e passando fome. *A noite*, 1941, 15 de julho de 1943. p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>248</sup> Era fome. *Jornal do Brasil*, 26 de outubro de 1944. p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

endêmica enquanto questão coletiva.<sup>249</sup> O movimento literário da época, apesar de vincular tais mazelas à crise, também passou associá-las à pobreza. Exemplo disso foi José Américo de Almeida, que cunhou, em *A bagaceira*, a frase emblemática: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã”<sup>250</sup>. Conforme já apontado, na migração por causa da seca nem sempre chegar à capital ou a terras menos afetadas era sinônimo de alívio. No livro, João Troçulho, trabalhador da fazenda na Zona da Mata que era palco da ação, quando indagado sobre seu maior desejo, respondeu: “comer até matar a vontade”.<sup>251</sup> A diferença entre ele e os flagelados da seca é que João estava empregado como cortador de cana e tinha moradia, mas não tinha comida suficiente. Essa falta de alimento não era fruto de descompasso climático ou de algum conflito, mas sim de uma realidade inerente à posição social de João. O mesmo ocorria com a família de Manuel de Freitas, no livro *A fome*, e com a de Fabiano, em *Vidas secas*. Em ambos os enredos os personagens também buscavam um paraíso que nunca chegou, mas essas histórias estavam condicionadas a um acontecimento climático gerador da crise.

Alguns intelectuais e escritores identificavam, dentro do movimento chamado romance de 1930, o romance proletário. O termo surgiu no segundo livro de Jorge Amado, *Cacau*, lançado no mesmo ano.<sup>252</sup> Na nota inicial, o autor explica: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?”<sup>253</sup> Não é possível uniformizar todo um movimento, mas pode-se afirmar que os autores estavam interessados em mostrar a vida dos trabalhadores por meio dos dramas sociais e do retrato realista das

---

<sup>249</sup> Pode-se citar a série “Pelos Subúrbios”, publicada no *Jornal do Brasil* em 1938: “Dissemos acima que a fome ronda às portas do pobre, não é bem isso. Ela já se apoderou de muita gente. Ha lares onde o pão falta. Ha famílias inteiras, por esse mundo que são os suburbios, passando serias dificuldades. Procurem conhecer com os médicos dos subúrbios dos serviços de assistência gratuita, qual o mal maior que assola a população infantil. Eles dirão: a miséria orgânica.” In: “Pelos Subúrbios”. *Jornal do Brasil*, 15 de fevereiro de 1938. p. 14. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>250</sup> AMÉRICO DE ALMEIDA, José. *A Bagaceira*. *Op. Cit.* Posição 1101 [e-book – kindle].

<sup>251</sup> *Ibidem*. Posição 2674 [e-book – kindle].

<sup>252</sup> O termo teria surgido também aparece em 1933, da publicação, em 1933, de *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, que passou quase despercebido pela crítica, mas cuja capa traz na capa a inscrição “romance proletário”. In: BORDINI, Maria Isabel. Conflito de visões em *Calunga*, um romance proletário de Jorge de Lima. *VirtuaJus*, v. 2, n. 3, Belo Horizonte, 2o sem. 2017. p. 140-156. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/17042>

<sup>253</sup> AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, [1933] 2010. [s. p.]



ausências.<sup>254</sup> Como diria Jorge Amado:

[...] acho que as fronteiras que separam o romance proletário do romance burguês não estão ainda perfeitamente delimitadas. Mas já se adivinham algumas. A literatura proletária é uma literatura de luta e de revolta. E de movimento de massa. Sem herói nem heróis de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando vidas miseráveis sem piedade mas com revolta.<sup>255</sup>

Para o romance proletário,<sup>256</sup> os problemas eram coletivos e seus retratos individuais vinham como fragmentos dos dilemas socialmente constituídos, dentre eles, a fome. O personagem José Cordeiro, de *Cacau*, expressa tal problemática. Ele foi demitido da fazenda do tio em Sergipe e passou por uma série de privações. Por isso decidiu tentar a sorte em Ilhéus, terra do cacau, mas não encontrou trabalho imediatamente. E quando José conseguiu um trabalho, o salário mal dava para se alimentar.

Então comecei a sentir fome. Assim como uma legião de ratos a me roer o estômago. Uma coisa esquisita que me dava vontade de chorar e furtar [...] não via mais Jesus. Via a fome. E a fome com os cabelos de Jesus e seus olhos suaves. [...] Eu sorria confuso, quase com vergonha de ter fome.<sup>257</sup>

Cada personagem na obra em questão representava um nível social, demonstrando a preocupação do autor em denunciar a exploração dos trabalhadores e o modo como estavam condicionados a essa posição. O primeiro de vários romances engajados de Jorge Amado fez sucesso e alçou o autor internacionalmente.<sup>258</sup>

Outro escritor que abordava o assunto e estava no radar de Josué de Castro era José Lins do Rego (1901-1957). O fiscal de renda paraibano que brilhou na cena literária do Rio de Janeiro lançou seu primeiro livro aos 31 anos, *Menino de engenho*, custeado pelo próprio autor porque nenhuma editora havia se interessado em publicá-lo. A obra narrava em primeira pessoa a história de Carlos Melo, o menino que foi morar no engenho Santa Rosa, do avô, e por lá se deparou com a dualidade daquele mundo: os habitantes da casa-grande e os trabalhadores. Estes haviam perdido seus poucos pertences devido a uma enchente, e,

---

<sup>254</sup> BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 161.

<sup>255</sup> Jorge Amado, "P.S.", *Boletim de Ariel*, ago. 1933 (II, 11), p. 292. *Apud Ibidem*, p. 164.

<sup>256</sup> As fronteiras que separam os movimentos culturais nunca chegam a se formar, porque as influências, trocas e o próprio fazer que as caracterizam são mais complexos que as divisões dadas a elas a posteriori. Numa tentativa de sistematização, buscamos distanciar o olhar para compor uma geometria na qual se entrelaçam concepções. Ela é necessária para o entendimento inicial do que estava sendo produzido naquele momento. Dito de outro modo, se olharmos de perto os movimentos literários da época vamos encontrar traços característicos de um no outro, mas o olhar panorâmico também é importante para a compreensão de uma tendência.

<sup>257</sup> AMADO, Jorge. *Op. Cit.* Posição 230-241 [e-book – kindle]

<sup>258</sup> Suas obras publicadas no estrangeiro aumentariam consideravelmente durante seu exílio na Europa do pós-guerra, quando se aproximou do leste comunista, chegando a ganhar o Prêmio Stalin da Paz, em 1951.

passando muita fome, se refugiaram na fazenda.<sup>259</sup>

Em 1935, José Lins do Rego tornou-se fiscal de imposto de consumo e se mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a colaborar com diferentes jornais da capital e de outros lugares. Na década de 1940 observava o cotidiano do Distrito Federal em sua coluna no *Correio paulistano*, intitulada “Vida no Rio”. Os relatos sobre a penúria da população “que passa fome”<sup>260</sup> eram frequentes. Apesar de recusar o título de crítico social, ele admitia que:

[...] se fosse, tomaria o carioca para um curioso estudo de um povo que não se deixa dominar pela fome. Porque fome existe por aqui, fome no duro, e me espanta que exista tanta gente em futebol, a pagar arquibancada de 10 cruzeiros, e cadeira de 50.<sup>261</sup>

Como se vê, a temática popular e dos trabalhadores perpassou a obra do autor. Em comentário sobre *O moleque Ricardo*, Graciliano Ramos compara a produção de José Lins do Rego à de Jorge Amado, salientando que o primeiro

[...] também fez literatura revolucionária [...] É certo que adotou processo diferente [em relação a Jorge Amado], mas chegou-se muito aos trabalhadores, e seu livro não perdeu por isso. Afinal, todos vão marchando para a esquerda, cada qual no seu caminho.<sup>262</sup>

A quantidade de autores citados demonstra que existia um movimento significativo na literatura brasileira olhando para a desigualdade, fossem no campo ou na cidade. Boa parte desses escritores, como afirmou Graciliano, estava ligada aos movimentos de esquerda.

De outro modo era visto Jorge de Lima, alagoano citado por Josué que, em 1935, ano de tensão política ímpar, declarou-se católico nos poemas de *Tempo e eternidade*.<sup>263</sup> Porém, no mesmo ano Lima publicou *Calunga*, romance proletário e centrado nos problemas sociais

---

<sup>259</sup> Com o sucesso desse e do segundo romance de Rego, *Doidinho*, José Olympio, novo editor com grande tino comercial, ofereceu-se para relançar o primeiro livro em uma tiragem de 5 mil exemplares e o terceiro, *Banguê*, então ainda inédito, de 10 mil, algo inusual para a época. A inauguração da livraria de Olympio foi marcada por um grande evento, inédito no Brasil, com sessão de autógrafos para os dois romances. REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1932] 2001.

<sup>260</sup> REGO, José Lins do. Vida no Rio. A mentira. *Correio Paulistano*, 15 de outubro de 1946, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>261</sup> REGO, José Lins do. Vida no Rio. Um povo paciente. *Correio Paulistano*, 29 de outubro de 1946. p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>262</sup> *Apud* AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018. p. 99.

<sup>263</sup> Sendo a intelectualidade católica majoritariamente conservadora, a declaração de Jorge de Lima foi compreendida como um posicionamento contrário à maioria das produções literárias daquele momento. LIMA, Jorge de; MENDES, Murilo. *Tempo e Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1935.

nordestinos que suscitou acalorado debate sobre o posicionamento ideológico do autor.<sup>264</sup> À época da publicação, Lima já morava no Rio de Janeiro e vivia da Medicina, apesar de se arriscar nas letras e nas artes plásticas. Seu consultório, na Cinelândia, era um dos pontos da capital fluminense que reuniam a intelectualidade.

Em *Calunga* contou a história de Lula Bernardo e a sua volta à terra natal, Alagoas, depois de uma temporada no Recife. Ao regressar, o personagem percebeu que nada mudara, “tudo andava o mesmo”: a tirania, a imensa miséria em volta da lama – elemento central da narrativa sobre os mangues do estado. Vale lembrar que a lama e o mangue compunham o cenário do conto “Ciclo do Caranguejo”, de Josué de Castro, mas em Jorge de Lima a lama também era alimento:

O habito de comer terra era natural entre os cambembes: nas bodegas do Pontal da Barra se vendia ao lado da meia quarta de bacalhao, dos dois-tões de sabão marmorizado, o tijolinho de massapé cozido, vermelhinho, até doce; tinha um gosto que só se comendo se podia dar uma opinião sincera.<sup>265</sup>

Um ano mais tarde, Castro, sobre os personagens desse romance, resumiu: do que essas pessoas realmente precisavam era um copo de leite.<sup>266</sup> Por fim, o protagonista de *Calunga*, que pretendia levar o progresso para seu local de origem, uma pequena cidade nordestina, acabou adquirindo os mesmos hábitos que condenava: beber demais e comer terra.

Com o fim da guerra, intensificou-se a exposição dos problemas sociais no Brasil. David Nasser (1917-1980), jornalista de grande repercussão na época, apontou o desabastecimento de pão e outros gêneros alimentícios no Rio de Janeiro, na revista de maior circulação no país, *O cruzeiro*: “Com a fome que aí está, a carência absoluta de alimentos, as longas filas de pão e de leite, a falta de elementos essenciais à alimentação, o Brasil está às vésperas da maior catástrofe nacional”.<sup>267</sup> A partir de então, as notícias sobre a pobreza no país, que eram raras nessa revista, passaram a aparecer com mais frequência, muitas vezes trazendo fotografias da população pobre. No poema sob o título “O relógio do morro”, com

---

<sup>264</sup> De um lado, o jovem militante comunista Abelardo de Araújo Jurema, que mais tarde se tornaria ministro da Justiça no governo João Goulart, afirmou que o autor só teria escrito esse livro para poder ser lido por todos. Mas muitos viram com bons olhos o romance, como Carlos Lacerda, na época também comunista: “Calunga é um livro e tanto, pela beleza das suas palavras. E um livro pela força que ele traz dentro de si.” In: LACERDA, Carlos. O cordeiro de Deus sai da lama. *Revista Acadêmica*, n. 13, ago. 1935. p. 07-09.

<sup>265</sup> LIMA, Jorge de. *Calunga*. São Paulo: Cosac Naify, [1935] 2014. p. 75.

<sup>266</sup> CASTRO, Josué de. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936. p. 43.

<sup>267</sup> NASSER, David. Brasil, campeão da tuberculose. *O Cruzeiro*, 21 de janeiro de 1946. p. 34. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

fotos de Jean Manzon, Nasser teceu uma crítica a essa realidade:

Não ouve seus cantos, seus sambas de  
fome, Seus cantos de amor, de amor  
ao feijão, Luiz Carlos Prestes: não faz  
muito tempo, Maria Angélica morreu  
de vergonha, jogando-se do morro,  
porque tinha tido  
o décimo terceiro dos seus bacuris,  
o décimo terceiro soldado da fome.<sup>268</sup>

No *espaço público letrado*, o tema da fome foi ganhando protagonismo para se entender o Brasil e passou a ser inserido nas interpretações sobre a realidade do país. Quando Castro lançou *Geografia da fome*, em 1946, Rachel de Queiroz, que aparecia na dedicatória, escreveu uma resenha no *Diário de notícias* em que dizia:

Já antes Euclides, o seco engenheiro, fazendo o pretense relatório de uma campanha, também com mascara de técnico, nos roubara definitivamente o tema do cangaceiro. E agora vem esse novo “ladrão de cenas”, como se diz em cinema, ou antes, ladrão de temas, roubar dos pobres romancistas o tema da fome.<sup>269</sup>

A fome aparecia na literatura e refletia um ponto de interesse e atenção desses autores, mas tal produção não estava deslocada da esfera científica, ao contrário; muitos dos literatos aqui tratados também participaram do circuito acadêmico. Começar a presente análise por esse espectro maior permite compreender em que termos as discussões se davam e conformavam determinada enunciação sobre a fome. Assim, é importante localizar tais tendências a fim de entender como a fome se tornou um tema pertinente à interpretação do Brasil em meados do século XX e de que modo as ferramentas científicas se inseriram na discussão pública.

## 2.2. As formas mais eficazes de analisar a alimentação

Quando se formou, no fim de 1929, aos 21 anos, Castro viajou ao México enquanto representante da Embaixada dos Universitários Brasileiros para a posse como presidente do ex-embaixador no Brasil Ortiz Rubio. Depois partiu para um estágio de quatro meses na Universidade de Columbia e no Medical Center de Nova York, onde se aprofundou em

---

<sup>268</sup> NASSER, David; Manzon, Jean. O relógio do morro. *O Cruzeiro*, 4 de agosto de 1945. p. 09. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>269</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Geografia da Fome*. *Diário de Notícias*. 22 de dezembro de 1946. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

fisiologia e nutrição.<sup>270</sup> Apesar de essa passagem ser pouco mencionada por Castro, ela foi significativa na sua vida profissional, pois propiciou seu estágio com o químico e nutricionista Henry Sherman, que pesquisava alimentação focado em temas como composição dos alimentos e ingestão de ferro.<sup>271</sup> O trabalho de Sherman na New York Association for Improving the Condition of the Poor resultou, de acordo com a revista *Science*, na melhora média da qualidade da alimentação das famílias em Nova York.<sup>272</sup> Nesse estágio, Castro entrou em contato com a produção científica pujante a respeito dos alimentos e de sua ingestão.<sup>273</sup>

Quando voltou ao Brasil, no ano seguinte, montou sua clínica no Recife para assuntos relacionados à nutrição, com dinheiro emprestado de agiota.<sup>274</sup> O primeiro anúncio para divulgar o novo estabelecimento, feito no *Pequeno jornal*, data de 29 de agosto de 1930:

Dr. Josué de Castro. Molestias da Nutrição. Tratamento moderno de Diabete, Obesidade, Magreza, Rachitismo, Gotta (acido urico), e demais desvios do metabolismo. Intoxicações e vícios alimentares. Perturbações do crescimento, alterações osseas. Rheumatismos agudos e chronicos [...].<sup>275</sup>

Como uma das primeiras clínicas especializadas em endocrinologia do Nordeste, teve um volume de pacientes enorme apesar da pouca idade do médico, 22 anos.<sup>276</sup> Castro dizia

---

<sup>270</sup> CASTRO, Josué de. *O Brasil é uma grande invenção*, [s. d.] [recorte sem nome de veículo]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 295.

<sup>271</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 635.

<sup>272</sup> Award to professor H. C. Sherman. *Science*, Vol. 77, Abril de 1997. p. 346. DOI: 10.1126/science.77.1997.346.a

<sup>273</sup> Apesar desse percurso, o autor costumava afirmar que havia entrado na área da nutrição por acaso: “Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas o Uchôa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição. Um só livro, *O Tratado*, de Umber, figurava na biblioteca. As doenças da nutrição eram cinco na época: obesidade, magreza, diabete, gôta, reumatismo. Como era coisa nova, passei a ter uma clínica brutal, apesar de minha cara de menino que assustava os primeiros clientes.” In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Op. Cit.* p. 42.

<sup>274</sup> Tinham proposto a ele, quando voltasse a Recife, um cargo na Secretaria da Educação junto com outros intelectuais pernambucanos, mas o projeto não deu certo: “Formado fui para Recife. Ia para a Secretaria da Educação. Olívio Montenegro, Silvio Rabelo, Gilberto Freyre e outros eram do grupo de José Maria Belo, que ia ser governador. Um cargo na Educação me estava destinado por todos êles. Foi quando estalou a Revolução de 30. Com a vitória da revolução foram-se os sonhos de um bom emprego na administração de Pernambuco”. *Apud.* SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué de Castro: Para uma poética da fome. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998. p. 47.

<sup>275</sup> Dr. Josué de Castro. *Pequeno Jornal*, Recife, 29 de agosto de 1930. Edição 195, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>276</sup> Os anúncios que Castro fazia nos jornais da época, com grande frequência, mostravam como ele foi adaptando a linguagem à resposta do público. No ano seguinte, 1931, o mesmo anúncio no *Pequeno Jornal* começava em grandes letras: “Obesidade e magreza – tratamento moderno para emagrecer e engordar. Dr. Josué de Castro”. Nota-se que o jovem médico tinha percebido qual era a demanda e direcionou sua clínica para tal. In: Obesidade e Magreza. *Pequeno Jornal*. 13 de maio de 1931. Recife. Edição 108, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

não gostar de clinicar,<sup>277</sup> mas o fato é que manteve seu consultório no Recife e mais tarde no Rio de Janeiro até meados dos anos 1950,<sup>278</sup> embora tenha começado a conciliá-lo com outras atividades. Como filho de um pequeno comerciante, Castro precisava exercer uma atividade remunerada<sup>279</sup> e, dessa forma, se diferenciava de outros intelectuais que pertenciam a famílias abastadas e não dependiam da venda da sua força de trabalho. Entre seus diversos empregos, clinicou no Hospital do Centenário (hoje Hospital dos Servidores do Estado Pernambuco), desligando-se em agosto de 1932.<sup>280</sup> Nesse momento, se enveredou também para a universidade. Com ênfase em endocrinologia na sua prática médica, Josué de Castro prestou concurso para a cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife em 1932, aos 24 anos. A princípio teve sua candidatura ao cargo vetada “sob alegação de que [lhe] faltava a idade legal para realizar o concurso. Foi o diretor da Faculdade, prof. Otávio de Freitas, que defendeu [sua] pretensão [...]”.<sup>281</sup> Por fim, Castro foi aprovado em 22 de novembro daquele ano, com a defesa da tese *O problema fisiológico da alimentação no Brasil*. O trabalho foi publicado no ano seguinte, na *Revista de Medicina de Pernambuco*<sup>282</sup> sob o mesmo título; em 1934, como *O problema da alimentação no Brasil*, na Coleção Brasileira da Biblioteca Pedagógica Brasileira em São Paulo, pela Companhia Editora Nacional, com mais uma edição em 1939.<sup>283</sup>

A Coleção Brasileira, da maior editora da época, foi um veículo importante para divulgação dos trabalhos dos intelectuais de diferentes áreas que estavam pensando o Brasil, dentre os quais podemos elencar nomes como Roquette-Pinto, Gilberto Freyre e Oliveira Viana. Ter uma obra lançada aos 26 anos ao lado de autores consagrados indica como Castro logrou um lugar de destaque ainda no Recife, sua cidade natal. Sua tese chamou a atenção de

---

<sup>277</sup> “Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo.” In: MELO Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Op. Cit.* p. 43.

<sup>278</sup> SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação... Op. Cit.* p. 71.

<sup>279</sup> Quando voltou ao Recife, passou a cuidar da mãe até o fim da vida dela, levando-a para morar consigo no Rio de Janeiro. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). *Op. Cit.* p. 30.

<sup>280</sup> Carta da Associação Mantenedora do Hospital do Centenário a Josué de Castro. Recife, 15 de agosto de 1932. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 179.

<sup>281</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 06 de junho de 1947. p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>282</sup> SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação... Op. Cit.* p. 65.

<sup>283</sup> CASTRO, Josué de. *O problema da alimentação no Brasil. Op. Cit.*

Gilberto Freyre, que incluiu críticas a Castro em notas de rodapé já na primeira edição de seu *Casa-Grande e Senzala*.<sup>284</sup> Ora, só se entra num debate, ainda que seja para uma crítica, com aqueles que se considera como pares, “igualado na honra”.<sup>285</sup> Portanto, nesse gesto, Freyre habilitava Castro à legitimidade. Sendo uma figura reconhecida entre a intelectualidade Pernambucana, Freyre nos revela como Castro ganhava protagonismo nesse contexto. A resposta à crítica feita em nota de rodapé não tardou; apareceu no *Diário da manhã* de 3 de fevereiro de 1934, em que Castro afirmou:

Gilberto Freyre era a última esperança que me restava de que o Brasil possuísse um sociólogo que fizesse sociologia científica, mas diante da revelação do seu livro onde ele demonstra uma ausência completa dos conhecimentos elementares da ciência, só posso admirá-lo de hoje em diante como um dos nossos “magníficos literatos”.<sup>286</sup>

A controvérsia estava instaurada, permaneceria e seria retomada diversas outras vezes.<sup>287</sup> Suas diferenças se expressavam também politicamente. Castro viraria, tempos depois, deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Freyre, deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN). Dizia-se que Recife era pequena demais para os dois.

Na tese, Castro apresentou uma sistematização das noções básicas que “a fisiologia atual fornece para a compreensão do problema alimentar”<sup>288</sup> e fez um grande apanhado

---

<sup>284</sup> “Inteiramente errado, a nosso ver, o Sr. Josué de Castro no seu trabalho ‘O problema Fisiológico da Alimentação Brasileira’ – no qual chega, aliás, do ponto de vista physiologico e atravez da technica mais recente na sua especialidade, ás mesmas conclusões geraes que nós, neste ensaio, pelo critério sociológico e pela sondagem dos antecedentes sociaes do brasileiro, isto é, 'muitas das consequências mórbidas incriminadas aos effeitos desfavoráveis do nosso clima são o resultado do pouco caso dado aos problemas básicos do regimen alimentar’ – quando considera os alimentos ricos de carbono os ‘... de aquisição mais barata pela sua abundância natural, num paíz agricola como o nosso'. 'A alimentação intuitiva, habitual, das classes pobres, trabalhadoras', acrescenta, 'está, sob este ponto, de accordo com os fundamentos physiologicos'. Procuramos indicar neste ensaio justamente o contrário: que a monocultura sempre dificultou entre nós a cultura de vegetaes destinados á alimentação. Do que ainda hoje se sente o effeito na dieta brasileira – na do rico e especialmente na do pobre. Nesta o legume entra raramente; uma fruta ou outra, a rapadura ou o mel de furo, um peixinho fresco ou a carne de caça, quebra, quando Deus é servido, a rigidez do regimen alimentar do brasileiro pobre: farinha, charque e bacalhau. O próprio feijão já é um luxo”. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1933. p. 65-66.

<sup>285</sup> Palmeira utilizou a expressão de Lygia Segaud, “igual na honra” para falar da inserção de Moses Fynley como um interlocutor entre os classicistas britânicos. In: PALMEIRA, Miguel Soares. Dos efeitos de um exílio: Moses Finley na Inglaterra. *Revista de História*. n° 176, a01117, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127336. p. 27.

<sup>286</sup> CASTRO, Josué de. *Casa-Grande e Senzala*. *Diário da manhã*. 03 de fevereiro de 1934. p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>287</sup> Sobre essa controvérsia, cf: MARTINS, André Luiz de Miranda. Alimentando pejejas: notas sobre a polêmica travada entre Josué de Castro e Gilberto Freyre acerca da dieta do escravo brasileiro. ANPUH – 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553688191\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Anpuh\\_2019\\_MARTINS\\_ALM\\_versao\\_final.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553688191_ARQUIVO_Artigo_Anpuh_2019_MARTINS_ALM_versao_final.pdf) Acesso em: 01 ago. 2022.

<sup>288</sup> CASTRO, Josué de. *O problema da alimentação no Brasil*. Op. Cit. p. 09.

bibliográfico, sobretudo internacional, relacionado a fisiologia e nutrição. O autor se valeu de uma interpretação consolidada nos grandes centros de produção, como já vimos, para legitimar sua posição interna. Esse estudo teve pouco a contribuir para o debate internacional, mas marcou seu lugar dentro dos diálogos nacionais de uma área nascente, na tentativa de legislar sobre determinado assunto. O ponto de partida da obra foi atribuir à fisiologia a base do entendimento da alimentação:

O problema da alimentação é vastíssimo, como disse Dastre – ele é culinário e gastrônomo mas também econômico, social, higiênico, médico e até moral. Mas é antes de tudo e principalmente fisiológico. A concepção do que seja alimento em fisiologia geral é o ponto de partida de todo o conhecimento rigorosamente científico da questão alimentar.<sup>289</sup>

Para prestar o concurso para a cadeira de Fisiologia, Castro argumentou que esta era a ciência base para a compreensão das questões alimentares, inclusive brasileiras. Embasado nos estudos da área, Castro queria demonstrar que o metabolismo basal<sup>290</sup> era menor nos trópicos em consequência do clima quente. A novidade que ele atribuiu a sua tese foi que essa diferença de metabolismo basal também precisava ser relacionada com a umidade do ar. Para isso, elaborou um estudo com 15 habitantes de Recife, na faixa de 19 a 40 anos, que apresentaram a média de consumo de 34,6 calorias gastas por hora. Um estudo semelhante feito no Rio de Janeiro por Alvaro Osorio de Almeida trouxe a cifra de 31,6 calorias, inferior à apresentada por Castro e bem menor do que a de 39,7 que é a média dos países de clima frio. Assim, a hipótese levantada por Castro para números diferentes entre Recife e Rio de Janeiro era justamente a umidade relativa do ar. Climas secos, como o de Recife, alegava Josué de Castro, faziam o corpo trabalhar mais para manter a temperatura do que regiões úmidas como Rio de Janeiro, embora ambas as capitais tivessem números menores que o europeu por terem temperaturas médias elevadas.<sup>291</sup>

A obra foi muito criticada, segundo Orlando Valverde, pelo número baixo de amostras para compor uma generalização.<sup>292</sup> A crítica aponta para um adensamento no uso do método estatístico e para a necessidade de aumentar as amostras para a composição das pesquisas

---

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>290</sup> Metabolismo basal é a energia despendida pelo ser no estado máximo de repouso, calculando-se, assim, a quantidade mínima de calor usada pelo animal em suas funções vitais básicas estando em repouso absoluto, jejum e em um estado de neutralidade térmica. *Ibidem*. p. 34.

<sup>291</sup> *Ibidem*, p. 42-58.

<sup>292</sup> VALVERDE, Orlando. Entrevista [1996]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber: Josué de Castro...* Op. Cit. p. 568.



sobre alimentação. No entanto, Josué mostrou que tinha mapeado o aumento de estudos internacionais acerca do assunto:

[...] em muitos outros países de diferentes formações culturais reina um grande interesse pelos problemas da alimentação, como testemunham a existência de instituições oficiais que cuidam do assunto e o grande numero de publicações concernentes a esse problema.<sup>293</sup>

O autor argumentava que, no Brasil, os estudos e as ações sobre a alimentação da população não recebiam a mesma atenção. “Esta ignorância entre nós é profundamente lastimável porque no desenvolvimento econômico e social do nosso país o problema alimentar é básico e indispensável.”<sup>294</sup> Poucos brasileiros são citados por ele em sua primeira publicação, como os irmãos Osorio de Almeida e Anne Dias. Eles não figuravam, contudo, na bibliografia final. Castro queria dar conta dos estudos feitos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, e mostrou sua pretensão em se posicionar como representante dessa temática no Brasil.

Apesar de não ser, de fato, uma área consolidada, podem-se encontrar alguns trabalhos sobre alimentação no Brasil ainda no século XIX. Um deles é a tese de Francisco Fernandes Padilha defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro feita em 1842 e intitulada “Qual o regime alimentar das classes pobres do Rio de Janeiro? Quais as moléstias que comumente grassam sobre elas? Que relações de causalidade se encontram entre regime e moléstias?”. Também é o caso de Manoel da Gama Lobo, de 1865, quando apontou a má alimentação dos escravizados como o motivo principal de seus problemas oftalmológicos – o que mais tarde descobriu-se ser deficiência da vitamina A.<sup>295</sup> Outra análise importante para a temática foi a desenvolvida pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo, que, antes do romance *A fome*, publicou, em 1883, o livro *História da seca do Ceará – 1887 a 1880*, no qual investigou as consequências para o organismo da fome aguda causada pela grande seca sertaneja. No começo do século XX, mais precisamente em 1908, Eduardo Magalhães lançou uma obra de maior fôlego, *Higiene alimentar*, que abordava problemas da alimentação brasileira a partir de um olhar clínico e dietético. No mesmo ano foram realizadas as pesquisas de Álvaro Osório

---

<sup>293</sup> CASTRO, Josué de. *O Problema da Alimentação no Brasil... Op. Cit.* p. 12.

<sup>294</sup> *Ibidem.* p. 13.

<sup>295</sup> Gama Lobo, Manoel da. Da ophthalmia braziliana. *Gazeta Médica de Lisboa*, Lisboa, v.28, n.16, 1865. p.430-434. Sobre esse autor, ver: VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. Tributo a Manoel da Gama Lobo (1835-1883), pioneiro na epidemiologia da deficiência de vitamina A no Brasil. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. 14 (4). Out-dez de 2007. p. 1341-1356.

de Almeida<sup>296</sup> sobre alimentação e fisiologia. Houve também a pesquisa coordenada por Arthur Neiva e Belisário Penna em 1912, sobre as condições de saúde da população pelos sertões de Pernambuco, Piauí e Goiás.<sup>297</sup>

Portanto, o assunto começou a ganhar protagonismo na área médica e, dentre os vinte temas escolhidos no I Congresso Brasileiro de Higiene, em 1923, quatro tratavam da alimentação: princípios da fiscalização sanitária dos gêneros alimentícios; abastecimento do leite; alimentação escolar e pré-escolar; e alimentação dos soldados brasileiros.<sup>298</sup> Em 1932, Oscar de Souza publicou *Fisiologia da alimentação* e, em 1933, foi criada a primeira cadeira de Nutrição na Faculdade de Medicina da Universidade do Distrito Federal, ministrada por Anne Dias.<sup>299</sup>

Tais investigações, de cunho higienista em certa medida, pretendiam olhar os hábitos da população – escravizados ou pobres, a depender da época – para adequá-los aos preceitos modernos.<sup>300</sup> Essas pesquisas começaram a surgir no Brasil com abordagens mais qualitativas ou com pequena amostragem e sem o enquadramento estatístico que veremos depois. As discussões higienistas formaram a base interpretativa na qual se assentou o mapeamento da alimentação no Brasil de cientistas como Josué de Castro, mesmo que tenham deslocado suas análises para enfatizar os contextos sociais das famílias.

Também com viés mais estatístico, mas sem grande amostragem, houve o trabalho realizado em 1931 de Ruy Coutinho sobre regimes alimentares em estabelecimentos escolares do Rio de Janeiro.<sup>301</sup> A propósito, na década de 1930 tais pesquisas cresceram consideravelmente, e ganharam sistematização, como a promovida pelo Instituto de Higiene

---

<sup>296</sup> Verbete do Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/almalvoz.htm>. Acesso em: 25 jan. 2019.

<sup>297</sup> Cf. <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/12/28/ciencia-no-sertao/>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

<sup>298</sup> *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Higiene, v 1: Sessão inaugural e temas oficiais*. Rio de Janeiro: Of. Gráfica da Inspetoria de Demografia Sanitária, 1926. p. 99-138. *Apud*: RODRIGUES, Jaime. *Alimentação, vida material e privacidade*. *Op. Cit.* p. 37-38.

<sup>299</sup> Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Fome Zero: Uma História Brasileira*. Brasília, 2010.

<sup>300</sup> A emergência de um movimento higienista vem de pesquisas por médicos no final do século XVIII na França e na Inglaterra principalmente. Essa produção tem um modo específico de reverberação no Brasil, já tratada por outros autores. Ver Couto Cristiana Loureiro de Mendonça. *Alimentação no Brasil Imperial: elementos para um estudo de questões dietéticas, químico-médicas e da fisiologia do gosto*. Tese (Doutorado) em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2011.

<sup>301</sup> COUTINHO, Ruy. *Valor Social da Alimentação*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca de Divulgação Científica, 1937.

de São Paulo e conduzida por Geraldo Horácio de Paula Souza em parceria com Ulhôa Cintra e Pedro Egídio de Carvalho, entre 1932 e 1933, com 491 famílias de um bairro da cidade de São Paulo. Publicado em 1935, o inquérito chamava atenção para a alimentação deficitária:

[...] o salário em geral não lhe permitia melhores condições [...] principalmente no concernente à fome qualitativa, ou seja de determinados alimentos. Somente inquéritos bem conduzidos e múltiplos, atingindo os mais diversos grupos sociais, e em diferentes pontos do país, poderão traduzir aproximadamente a realidade da situação.<sup>302</sup>

Com público-alvo distinto, as pesquisas corroboravam a visão de que, no geral, o brasileiro não se alimentava bem – ora faltavam-lhe nutrientes; ora faltavam-lhe calorias. Esses inquéritos foram amplamente noticiados pela imprensa nacional, como apontou Helion Póvoa:

Toda a imprensa em coro unanime tem patrioticamente ecoado todas as afirmativas bem avisadas de Alexandre Moscoso, Josué de Castro, Arthur de Vasconcellos, A. Leão Velloso, e, sobretudo, o admirável inquérito recentemente realizado em São Paulo pelo prof. Paula Souza e dos. Ulhôa Cintra e Pedro Egídio de Carvalho. Nesse inquérito ficou provado em mais de quatro centenas (454) de famílias da camada média de determinada zona da cidade bandeirante, existirem vícios alimentares de indisfarçável significação como sejam baixo consumo de carnes, pobreza de cálcio e ferro, e abstenção em 32% das pessoas inquiridas com relação ao uso habitual de legumes e verduras.<sup>303</sup>

Foi nesse contexto que Castro passou a atuar na área da alimentação. Em 30 de agosto de 1933, o *Correio da manhã* noticiou que ele voltara de um curso de especialização com Pedro Escudero, em Buenos Aires, patrocinado pelo governo de Pernambuco e que este iria prefaciá-lo seu mais novo livro, *O problema da alimentação no Brasil*. O fato se concretizou e Castro publicou sua tese em 1934 pela Coleção Brasileira. No próprio texto do prefácio da obra de Josué de Castro, Escudero sentenciou:

Para poder comparar la alimentación de los países en relación a su clima, no es indispensable averiguar las características locales de su metabolismo basal. Esto parecerá, á primera vista, un error grave; no es así sin embargo. Todos sabemos que el valor calórico de la alimentación de un individuo, se establece agregando al gasto calórico de su metabolismo basal el que exige el trabajo y otras exigencias fisiológicas. Pero el metabolismo se calcula estando el sujeto en reposo, en ayunas y en neutralidad térmica; y en estas condiciones el ambiente tiene una influencia mucho menor que la tendría estando en movimiento. Por eso creemos que el establecimiento de la alimentación de los países tropicales puede conocerse a hondo partiendo de las cifras del metabolismo aceptadas para los países templados. No creemos que merezca atención práctica la determinación del metabolismo regional;

---

<sup>302</sup> SOUSA, Geraldo de Paula; CINTRA, Ulhôa.; CARVALHO, Pedro E. Inquérito sobre alimentação popular em um bairro de São Paulo. *Boletim do Instituto de Higiene de São Paulo*, n. 58, 1935. p. 04.

<sup>303</sup> A questão alimentar no Brasil. *Diário Carioca*, 17 de maio de 1936. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

interesa mucho más el estudio de la ración alimenticia del hombre en su diversas edades, condiciones de vida y exigencias de trabajo, y ello será determinado, no en los laboratorios de fisiología, sino en las comedores y cocinas dietéticas de las fábricas, asilos, hospitales y en los hogares del hombre modesto como en el del pidiere. Las bases de la ciencia de la nutrición han llegado a tal grado de perfección que es necesario que sean aplicadas por todos los médicos, sociólogos e industriales para resolver, de manera utilitaria, uno de los grandes problemas que agitan la sociedad en estos momentos: la alimentación racional y económica de los pueblos.<sup>304</sup>

O lançamento da tese no formato de livro coincidiu com a estada de Castro em Buenos Aires e a crítica de Escudero em relação a sua abordagem. Como vimos, ele disse no prefácio que o argumento central da obra – metabolismos basais em climas diferentes – não era o principal elemento que deveria ser levado em consideração para a análise da alimentação. O título perdeu, então, o termo fisiológico – supressão que pode ser entendida como uma resposta à crítica de Escudero, além de indicar a direção pretendida por Castro. Agora, já professor de fisiologia e em contato com a análise de viés sociológico proposta pelo nutricionista argentino, Castro diminuiu o peso da fisiologia nos seus estudos posteriores. Porém, tanto a supressão quanto a crítica não alteraram o conteúdo dessa publicação, que se manteve como um tratado sobre os estudos fisiológicos e sua aplicabilidade no Brasil.

Essa tensão entre o conteúdo da tese e o posicionamento de Escudero exemplifica a divergência, dentro do campo nascente da nutrição, entre posições que enfatizavam questões biológicas ou comportamentais e outras que faziam uma abordagem externa ao laboratório, como defendeu Escudero, evidenciando os aspectos sociais. Em *O problema da alimentação no Brasil*, Castro não mencionou em nenhum momento a pesquisa feita por ele, que afirma ter tido início no mesmo ano, 1932.<sup>305</sup> *As condições de vida das classes operárias de Recife* foi lançada pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho em 1935 e mais tarde compôs tanto o livro *Alimentação e Raça* como o *Documentário do Nordeste* após a segunda edição. Trata-se de um inquérito feito no Departamento de Saúde Pública do governo de Pernambuco para avaliar principalmente os gastos com alimentação e a quantidade de alimentos consumidos pela população periférica de Recife. Referendando o discurso do autor depois de consagrado, boa parte dos pesquisadores da obra de Josué de

---

<sup>304</sup> CASTRO, Josué de. *O problema da alimentação no Brasil*. *Op. Cit.* p. XVI-XVII.

<sup>305</sup> Cf. SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação...* *Op. Cit.* p. 65.

Castro considera que essa pesquisa foi feita em 1932.<sup>306</sup> Mas, em *A alimentação brasileira à luz da geografia humana*, lançado em 1937, ele afirmou que: “Preocupados, há vários anos, com o problema da alimentação no Brasil, procedemos em 1934, a um inquérito sobre as condições alimentares das classes operárias de Recife [...]”.<sup>307</sup> Para corroborar a datação que o autor assumiu nesta última publicação, o *Diário de Pernambuco* escreveu em 1935:

As autoridades sanitárias precisam tomar conhecimento do folheto que o sr. Josué de Castro acaba de fazer editar pelo Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho e dedicado ao Sr. Jarbas Peixoto, funcionário desse mesmo ministério, sobre as condições de vida das classes operárias no Recife.<sup>308</sup>

Essa perspectiva cronológica é relevante, pois a ordem dos fatos refletiu em sua obra. Há, entre os dois trabalhos, uma diferença metodológica e argumentativa significativa, o que realça que o início do uso das categorias analíticas da pesquisa quantitativa com os operários de Recife ocorreu entre essas duas produções. Sendo a coleta e tratamento dos dados da pesquisa *As condições de vida das classes operárias de Recife* em 1933 e 1934,<sup>309</sup> podemos supor que a estada de Castro com Pedro Escudero em 1933 foi um dos elementos centrais de sua mudança interpretativa. Também é preciso levar em consideração que ele argumentou em 1959 ser este “o primeiro inquérito realizado no Brasil sobre as condições de vida do nosso povo”.<sup>310</sup> Sendo esse período profícuo em inquéritos alimentares, antecipar os fatos poderia colocá-lo na vanguarda das pesquisas.

Outro dado sintomático da construção argumentativa do autor foi a fundação, com outros intelectuais de Pernambuco, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais de Recife em 1933, da qual Castro foi vice-diretor e professor de Geografia. A pretensão era formar pessoas habilitadas e desenvolver uma bibliografia específica para pesquisas sociais. Entretanto, ao que tudo indica o curso não durou muito tempo e, a partir de 1934, as notícias sobre a

---

<sup>306</sup> Essa data aparece em uma nota de rodapé do texto que foi incluído na segunda edição do livro *Documentário do Nordeste*: “Este estudo foi levado a efeito em 1932 na cidade do Recife [...]” In: CASTRO, Josué. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959. p. 75.

<sup>307</sup> CASTRO, Josué de. *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Edições Globo, 1937. p. 134.

<sup>308</sup> Cousas da cidade. As condições de vida no Recife. *Diário de Pernambuco*, 05 de fevereiro de 1935. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>309</sup> “A primeira tentativa realizada nesse sentido foi o inquérito sobre alimentação das classes operárias de Recife efetuado no decorrer de 1933. O Dr. Decio Pereira, então diretor de Saúde Pública daquele Estado, atendendo as minhas sugestões para a realização desse trabalho, forneceu-me todos os elementos indispensáveis à sua execução.” In: *Alimentação, raça, salário mínimo. Diário da Tarde*, Recife, 11 de novembro de 1936. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 110.

<sup>310</sup> CASTRO, Josué. *Documentário do Nordeste*. ed. 1959. p. 75.

faculdade sumiram da imprensa. O curso de ciências sociais só seria efetivamente implantado na década de 1950, após a fundação da Universidade de Pernambuco. Mas o ato inicial teve grande repercussão na imprensa. Em 18 de agosto de 1933, o *Diário de Pernambuco* noticiara:

Fundou-se ante-ontem nesta cidade mais um estabelecimento de ensino superior: a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. [...] A diretoria da nova escola, foi eleita em assembléia, ficando assim constituída: diretor, dr. Aníbal Bruno; vice-diretor, Josué de Castro e tesoureiro, dr. Silvio Rabelo. Fazem parte do corpo docente da escola os professores Olívio Montenegro, Aníbal Bruno, Josué de Castro, Ulisses Pernambucano, Nelson Coutinho, Silvio Rabelo e Bezerra Coutinho.<sup>311</sup>

A preocupação em fundar um curso de ciências sociais indica a direção que tomou o autor e, somada à experiência de Escudero, repercutiu em seu trabalho *As condições de vida das classes operárias de Recife*. Na introdução do texto, Castro negou que a mestiçagem fosse a culpada pela baixa vitalidade dos indivíduos. “Se a maioria dos mulatos se compõe de sêres estiolados, com deficit mental e incapacidade física, não é por efeito duma tara racial, é por causa do estômago vazio. Não é mal de raça, é mal da fome.”<sup>312</sup> Castro refutou a ideia de inferioridade racial para introduzir uma análise das condições da alimentação da população como elemento interpretativo do atraso no desenvolvimento. “Não é a máquina que seja ruim de qualidade; e se o seu trabalho rende pouco, ela estanca e pára a cada passo e se despedaça cedo é por falta de combustível suficiente e adequado.”<sup>313</sup> Essa nova ótica, expressada aqui pela primeira vez, se tornou o argumento central de seus trabalhos nessa primeira fase, quando a discussão racial era chave essencial para entender o Brasil. Ele dialogava com intérpretes do Brasil que estavam olhando para a raça e mestiçagem para entender o lugar desse país. Logo depois afirmou:

Também o higienista não pode lançar as bases duma campanha eficaz de melhoramentos sanitários do nosso meio, sem um conhecimento perfeito das fontes locais de alimentação e do seu aproveitamento pelo povo. A Higiene tem que cotejar os seus dados com os da Estatística e os da Economia Política para apurar até onde lhe caberá remediar os erros duma alimentação

---

<sup>311</sup> Faz falta nessa lista o nome de Gilberto Freyre. Naquele ano ele estava entre Recife e Rio de Janeiro para lançar *Casa-Grande e Senzala*, sua obra de maior repercussão. À essa época ele já havia se consagrado como uma das figuras centrais do pensamento social pernambucano e, com essa publicação, nacional. Freyre lecionou em dois momentos – primeiro na Escola Normal de Pernambuco, entre 1929 e 1930, e depois na Universidade do Distrito Federal, de 1935 a 1937. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. *Diário de Pernambuco*, 18 de agosto de 1933. p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>312</sup> CASTRO, Josué de. As condições de vida das classes operárias no Nordeste. In: *Documentário do Nordeste. Op. Cit.* p. 75-76.

<sup>313</sup> *Ibidem*, p. 76.

imprópria e insuficiente [...].<sup>314</sup>

Se voltarmos ao trabalho anterior, *O problema da alimentação no Brasil*, podemos perceber a mudança que o autor fez. Nessa obra ele escreveu que é preciso “resolver o problema da alimentação tropical e o esse caminho eficaz é o estudo das funções da nutrição no habitante dos trópicos”. Castro deu um peso para a fisiologia que ele não poderia assumir quando analisou as condições dos trabalhadores. No inquérito alimentar, Castro entendeu que a fisiologia tem um limite para “remediar os erros numa alimentação imprópria”. Na primeira obra, *O problema da alimentação no Brasil*, a palavra fome não apareceu; já no inquérito, ele considerou que seu “mérito único reside no propósito de revelar aos dirigentes do país e aos interessados em conhecer nossas realidades sociais, como vive, ou melhor será dizer, como morre de fome a maioria da nossa população”.<sup>315</sup> O autor descolou a ótica para abordar a alimentação levando em consideração elementos da composição social e com isso transbordou o entendimento apenas fisiológico da questão.

Castro analisou as condições de vida do operário urbano por meio do salário médio, da distribuição proporcional dos seus gastos e, particularmente, dos gastos em alimentação. Os dados foram obtidos a partir de questionários aplicados por visitantes dos centros de saúde de três zonas proletárias de Recife. Constatou-se que a família média era composta por 5,17 pessoas, sendo a média universal na época de 5 pessoas. O salário médio era de 3\$700, enquanto as despesas médias giram em torno de 3\$866, ou seja, as famílias gastavam mais do que ganhavam. Desse montante, 71,6% voltava-se para a alimentação. Segundo Castro,

[...] estudos oficiais procedidos nos Estados Unidos estabeleceram que o salário mínimo deve despende 55% em sua alimentação. Estatísticas argentinas, publicadas pelo Departamento Nacional de Trabalho, indicam para o operário de Buenos Aires uma quota alimentar de 52,7%.<sup>316</sup>

Os dados deixavam clara a precariedade das condições de vida dessa população, que gastava a maior parte de seu salário com alimento, quase nada restando para outras despesas, como remédios, moradia ou lazer.

O que essas famílias comiam? Todas consumiam feijão, farinha, charque, café e açúcar, muitas também pão – tudo em pouca quantidade, com exceção da farinha de mandioca, cujo consumo costumava ser de 1,5 kg por dia. “O leite entra no regime alimentar

---

<sup>314</sup> *Ibidem*.

<sup>315</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 82.

apenas em 19% das famílias operárias e em quantidade mínima”. Em uma família composta por pai e quatro filhos, por exemplo, verificou-se que eles consumiam ao todo um copo de leite por dia. A ingestão de frutas, legumes e verduras era rara. A média de calorias consumidas era de 1.645, quando o indicado variava de 3.000 a 4.000 calorias diárias.<sup>317</sup>

Qualquer pessoa que possua noções gerais de dietética e diante de um regime desta ordem, só tem uma pergunta a formular: ‘Como se pode comer assim e não morrer de fome?’ E só há uma resposta a dar, se bem que um tanto desconcertante: ‘Como? Morrendo de fome.’ Realmente é esta alimentação insuficiente, carencial e desarmônica, usada pelas classes operárias, na área urbana, a causa principal do seu elevado índice de mortalidade.<sup>318</sup>

Após essa análise, Castro passou a interpretar o problema da alimentação sob outra ótica: “vê-se quanto é urgente a organização de um plano de combate à má alimentação que possa minorar os seus malefícios, produto de nossa defeituosa organização econômico-social e da orientação unilateral que até hoje se tem dado, entre nós, aos objetivos da higiene pública”.<sup>319</sup> Comparando as duas obras percebemos a importância dessa pesquisa quantitativa, bem como do momento em que foi produzida, para a construção do pensamento de Castro sobre a fome no país, com a diminuição do destaque conferido a fatores dietéticos e o ganho de relevância de aspectos socioeconômicos em sua análise. Seu inquérito alimentar entrou como referência em muitos trabalhos de outros pesquisadores e passou a ser citado como precursor no Brasil.<sup>320</sup>

Deslocar o problema da alimentação da seara fisiológica para a esfera social e econômica – tratando de desigualdade – foi a grande bandeira de Castro, iniciada no inquérito alimentar. Apesar de haver outras pesquisas com o mesmo escopo prontas ou em andamento no período, essa trouxe algo importante e pioneiro para o cenário: seu objeto. Ela tratava, diferentemente das anteriores, de um recorte específico de proletários periféricos e mostrou uma ligação direta entre renda e acesso ao alimento, algo que não fora exposto de forma tão clara em outros inquéritos até então no Brasil. O Nordeste gestava o romance social, ou, como

---

<sup>317</sup> *Ibidem*, p. 83-87.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>320</sup> Cf. COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (orgs.). *Comer e aprender: uma história da Alimentação escolar no Brasil*. Belo Horizonte: MEC, 1982. p. 152-154. VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas à Lula. *Revista de Nutrição*, vol. 18 n. 4, ago 2005. p. 441. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732005000400001>



Rachel de Queiroz preferia chamar, romance-documentário. Apareciam figuras como José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego. Josué de Castro, que lia e escrevia nos jornais sobre esses escritores, participava de uma guinada parecida para os problemas sociais dentro de outra base epistemológica: a fisiologia.

Com esse horizonte, a alimentação tornou-se uma categoria analítica essencial para a interpretar a sociedade. No bojo da ideia de evolução, os estudos sobre o tema eram usados para mostrar o caminho para o progresso. Durante as décadas de 1930 e 1940, pôde-se identificar dois polos interpretativos na tensão entre as duas análises de Castro – da tese e do inquérito alimentar. O primeiro priorizava uma perspectiva individual e biológica, preocupada sobretudo com a ingestão e aspectos clínico-fisiológicos. Aqui podemos citar Paulo Santos, Silva Mello, Olavo Rocha, Alexandre Moscoso, Franklin de Moura Campos, Dutra de Oliveira e Dante Costa, profissionais influenciados principalmente pela escola estadunidense de dietética. A segunda, bebendo da perspectiva das ciências humanas, prestava mais atenção aos aspectos sociais e propunha análises externas ao laboratório e que levassem em conta as condições de vida da população. Neste grupo, cientistas da Grã-Bretanha já mencionados e a obra de Pedro Escudero tiveram profunda influência. Escudero é considerado um dos pioneiros na América Latina entre os que ligaram a nutrição a questões sociais da alimentação. Ele fundou em 1926 o Instituto de Nutrição de Buenos Aires e em 1933, a Escola Municipal de Dietistas, que ganhou status universitário com o Instituto Nacional de La Nutrición, em 1939, e recebeu inúmeros brasileiros.<sup>321</sup> Aqui podemos destacar autores como Heitor Anne Dias, Thales de Azevedo, Ruy Coutinho, Thalino Botelho, Peregrino Junior, Seabra Velloso, Helion Póvoa, Orlando Parahym e Josué de Castro.<sup>322</sup>

Tais abordagens não tinham uma clara divisão e, mesmo com bases diferentes, as obras concordavam que a alimentação do brasileiro era inadequada, quantitativa e qualitativamente, com excesso de carboidratos simples e falta de proteínas, vitaminas e minerais (presentes no leite, nos ovos e na carne vermelha), além da falta de consumo de

---

<sup>321</sup> Cf. BUSCHINI, José. La alimentación como problema científico y objeto de políticas públicas en la Argentina: Pedro Escudero y el Instituto Nacional de la Nutrición, 1928-1946. Apuntes, n. 79, Vol. XLIII, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.21678/apuntes.79.868>. NASCIMENTO, Claudia Louback do. Entre Homens e Caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. p. 39.

<sup>322</sup> VASCONCELOS, Francisco de A. G. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. *Revista de Nutrição*. Campinas, vol. 15. n. 2, maio/ago, 2002. p. 127-138. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732002000200001>

verduras, legumes e frutas. Nota-se que o padrão alimentar ideal é essencialmente europeu, conforme discutimos no primeiro capítulo. Até então, ignoravam-se em grande medida os saberes e ingredientes nativos, elementos que ganharão força nos estudos posteriores. A moralidade *moderna*, gestada na consolidação do capitalismo e supostamente afastada da prática científica, permaneceu e se transformou em normas nutricionais, derivando as diferentes abordagens.

Assim, percebia-se que no Brasil o atraso era o resultado da organização econômico-social e dos hábitos e não do clima e da descendência: “como já tivemos oportunidade de dizer uma vez – é mais um mal de fome do que um mal de raça”<sup>323</sup>. Aqui está o argumento central desse primeiro período. Dialogando com um discurso vigente até então, mas em decadência – o de que a raça e o clima explicavam nosso atraso econômico –, essas novas publicações argumentavam que, na verdade, era uma questão de fome. Como as pessoas podiam produzir se estavam literalmente morrendo de fome?

Está feito o diagnostico da endemia nacional – milhares de brasileiros morrem de fome, num paiz de abundancias como o nosso. Os technicos já o disseram e já repetiram.

– E o clima, insinuamos, não tem uma relação íntima com esta questão?

O professor Helion Póvoa sorri maliciosamente, e responde, fazendo humor: - O clima, tão villipendiado, alforriou-se... Póbre tropico! Mal alimentado, o homem expõe-se perigosamente às aggressões do meio, seja qual fôr sua raça... E deixa livre a entrada para os agentes das doenças.<sup>324</sup>

Havia um debate muito recorrente entre aqueles que olhavam para a má alimentação: alguns intelectuais a entendiam como efeito da falta de conhecimento (a população não sabia comer), ao passo que outros apontavam como causa da fome a falta de acesso ao alimento (a família não poderia adquiri-lo). Apesar de tocarem ambos os pontos, uns enfatizavam mais a pobreza enquanto outros focavam a educação. A abordagem social tem por expoente o próprio Josué de Castro. Na introdução da obra *Alimentação e raça*, lançado em 1936, o autor levantou essa questão:

Há dois fatores que acarretam o uso da alimentação imprópria: o fator econômico – pobreza – e o fator social – falta de conhecimento do público das bases da alimentação racional. O fator econômico atua claramente: com os salários miseráveis que recebem, não podem os trabalhadores adquirir para consumo da sua família, a quantidade suficiente de alimentos indispensáveis [...] A ignorância do povo em matéria de alimentação contribui para piorar ainda mais as condições alimentares do nosso país. Se

---

<sup>323</sup> CASTRO, Josué de. *A alimentação Brasileira á luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Edições Globo, 1937. p. 118.

<sup>324</sup> Um grande problema nacional. *Diário Carioca*, 20 de novembro de 1938, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

apenas os pobres se alimentam mal, por falta de dinheiro, pobres e ricos comem mal por ignorância completa do que seja comer bem.<sup>325</sup>

Posição semelhante tinha Ruy Coutinho, médico, autor da obra *Valor social da alimentação*, de 1937. Foi ele quem mais relativizou a eficácia de uma campanha educacional, dada a importância do fator econômico na capacidade de se alimentar bem. Um projeto de educação alimentar favoreceria mais as classes abastadas, capazes de mudar seus hábitos de consumo, enquanto traria efeitos mínimos aos pobres.<sup>326</sup> Sobre seu trabalho, escreveu Edgard Roquette-Pinto:

[...] é grave erro pensar que a nutrição viciada ou falha deriva apenas da ignorância; o autor mostra claramente que muita gente sabe, mas não pode. E acerta em cheio no problema, quando afirma que o brasileiro produz relativamente pouco porque vive mal alimentado.<sup>327</sup>

Na mesma toada estava José Messias do Carmo, marinho, médico e farmacêutico, que dirigiu o setor de Higiene Pública do Estado de Pernambuco e foi professor do curso de Saúde Pública da Faculdade de Ciências Médicas, da atual Universidade Federal de Pernambuco. Em 1937, ele publicou *Política alimentar brasileira* com inúmeras propostas para combater o problema da má alimentação, desde a produção de alimentos até a criação de um instituto de nutrição, de uma revista especializada no tema e da organização de congressos sobre o assunto.<sup>328</sup>

Esses intelectuais, apesar de entenderem que a ignorância não era o principal motivo da fome, davam importância a esse fator. Se não era possível dar dinheiro a todos para que comessem de maneira suficiente, era preciso educá-los.<sup>329</sup> Corroborando essa visão, cabe citar o livro de poemas que Castro lançou com a escritora Cecília Meireles, em 1937, direcionado ao público infantil, *A festa das letras*, em cuja introdução lemos:

O tipo de alimentação de cada indivíduo é o resultado de hábitos que, uma vez adquiridos, dificilmente se modificam na vida adulta. Pouca influência têm os conselhos científicos dados no meio da vida – por mais sugestivos que sejam: são tentativas tardias, porque a resistência do hábito inconsciente é bem mais forte do que a lógica da ciência. [...] Ora, se os bons hábitos da alimentação devem ser formados na infância, ninguém mais necessitado de uma disciplina dessa natureza que a criança brasileira, submetida,

---

<sup>325</sup> CASTRO, Josué de. *Alimentação e Raça...* Op. Cit. p. 18-19.

<sup>326</sup> COUTINHO, Ruy. *Valor Social da Alimentação*. Rio de Janeiro: Edit. Bib. Divulgação Científica. 1937.

<sup>327</sup> ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Valor Social da Alimentação*. *O Jornal*, 24 de janeiro de 1937. p. 37.

<sup>328</sup> CARMO, José Messias do. *Política Alimentar Brasileira*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Nutrição, 1937.

<sup>329</sup> CASTRO, Josué de. *Alimentação e Raça...* Op. Cit. p. 19.

comumente, a um regime precário e impróprio [...].<sup>330</sup>

Os poemas valorizavam frutas, verduras, carne, leite e derivados, deixando de lado, intencionalmente, alimentos pilares da alimentação na época, como mandioca, milho, feijão e as diversas farinhas. O propósito era incentivar o consumo daquilo que faltava na mesa do brasileiro. Na obra *Alimentação e raça*, Josué abordou um tópico essencial nas propostas para combater a fome: a alimentação escolar. Se o indivíduo precisava de uma alimentação balanceada, os especialistas deviam dar mais atenção à criança, que necessitava de nutrientes e fontes de energia para o seu crescimento. Além da boa saúde pela alimentação na escola, a educação alimentar correta possibilitaria ao indivíduo fazer boas escolhas nesse sentido. Da mesma forma, tal conhecimento poderia influenciar a dinâmica doméstica, em especial entre os trabalhadores.

José Messias do Carmo e Ruy Coutinho também fizeram uma série de observações sobre a educação alimentar de crianças e adultos. Para Carmo, era preciso dissociar os fatores pobreza e ignorância, que podem coexistir ou agir separadamente.<sup>331</sup> Dentro desse debate havia outro grupo, que estava mais preocupado com a educação alimentar com foco no indivíduo e atribuía à ignorância causa primeira da má alimentação. Dante Costa, médico e autor de *Bases da alimentação racional*, em 1938, reiterava a importância da educação – a pobreza era limitada, mas a ignorância não, era geral: “A maioria comia erradamente, nutria-se mal, quando era fácil se alimentar bem, desde que se aprendesse, na escola, a comer. Conhecendo, como se conheciam na época, as bases científicas da alimentação, era fácil começar em cada casa brasileira um trabalho de reeducação alimentar”.<sup>332</sup>

Posição semelhante era defendida por Alexandre Moscoso, médico de formação e também especialista em nutrição, que em 1939 publicou *Alimentação do trabalhador*:

É o uso monótono e constante da farinha, do feijão, do arroz, às vezes da carne seca, com o abuso nocivo da cachaça. O trabalhador não usa legumes, não se utiliza de frutas, não toma leite e não come ovos, embora possa encontrá-los ao alcance, sem grande esforço, oferecidos pela uberdade do solo nacional a trôco de um diminuto trabalho, ou mesmo sem êle, pela sua espontânea fertilidade. É o lastimável contraste entre a pujança da terra e o depauperamento orgânico do homem, conduzindo ao enfraquecimento da raça, resultantes da ignorância, da falta de educação e do descaso público na

---

<sup>330</sup> CASTRO, Josué de; Meireles, Cecília; *A Festa das Letras*. 4. ed. São Paulo: Global, [1937] 2015. [s.p.]

<sup>331</sup> CARMO, José Messias do. *Política Alimentar Brasileira*. *Op. Cit.*

<sup>332</sup> LIMA, Eronides da Silva. *Mal de fome e não mal de raça*. Gênese, constituição e ação política da educação alimentar no Brasil – 1934-1946. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2000. p. 111.

orientação de uma política alimentar para a solução do problema.<sup>333</sup>

O nutrólogo, que tinha feito uma especialização em Saúde Pública na Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health, nos Estados Unidos com bolsa da Fundação Rockefeller<sup>334</sup>, explicitou uma análise que angariava uma parte dos especialistas – havia disponibilidade de alimento, era a gente que não sabia se alimentar. O “enfraquecimento da raça”, portanto, vinha dos hábitos.

A nutrição moderna nasceu no laboratório e se tornou uma ferramenta de análise dos hábitos da população a partir da racionalização da alimentação. O aumento dos relatos estatísticos e da enumeração de um problema social – a falta de alimentos – eram embebidos de moralidade, determinando qual deveria ser a melhor conduta a ser seguida. Valorizavam determinados hábitos – como o consumo de leite e carne bovina (alimentos trazidos pelos europeus) – e condenavam outros – como o baixo consumo de proteína animal. Tais preceitos haviam sido forjados na ciência europeia e estadunidense e contestavam os hábitos consolidados da população. A casa e seus habitantes passaram a ser vistos como elementos-chave para a produtividade e por isso era preciso agir sobre eles para que o país pudesse alcançar o desenvolvimento orientado pelo mundo Ocidental.

Formou-se uma nova gramática para a análise de diferentes realidades. A essa gramática eram encaixadas um vocabulário distinto. Ou seja, apesar de observar o território brasileiro e o consumo de alimentos nativos específicos do país, como castanha-do-pará ou mandioca, as bases analíticas, como uma gramática, foram forjadas em realidades outras – contagem calórica, proteica, consumo ideal desses elementos – o paradigma nutricional. Eram categorias construídas na Europa Ocidental e Estados Unidos que não apenas balizavam a análise mas orientavam o que era tido como desejável. O que era identificado como problema na alimentação passou a ser chamado de má alimentação e subnutrição. Alguns especialistas chamavam atenção para a especificidade do sistema capitalista que se consolidava e determinava o acesso aos alimentos, sobretudo nas cidades – renda era um fator fundamental e a qualidade da alimentação dependia do acesso. Com isso, a percepção da monetização da vida ganhou força nesses estudos. A pobreza passou a ser um elemento debatido no *espaço*

---

<sup>333</sup> MOSCOSO, Alexandre. Alimentação do Trabalhador. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde / Serviço Nacional de Educação Sanitária. 5. ed. 1944. p. 67.

<sup>334</sup> MUNIZ, Érico Silva Alves. Comida, trabalho e assistência social: a alimentação na agenda política brasileira (1939-1947). Tese (Doutorado), História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2014. p. 171.

*público letrado*, como um problema a ser revolvido.

Dessa forma, o termo fome paulatinamente aparecia como algo não apenas vinculado à crise, mas também ao cotidiano. Esse deslocamento ocorreu a partir das ferramentas forjadas pelos especialistas aqui explicitadas e que construíram um modo específico de interpretação do fenômeno da fome. Uma parte das análises sobre alimentação no Brasil vinculou as categorias formuladas na nascente nutrição à pobreza como problema social, ressaltando os aspectos sociais do acesso ao alimento e as deficiências alimentares. Josué foi um dos que se apropriaram desse conhecimento e se inseriu no debate, no qual se destacou.

### **2.3. O especialista que chegou ao Rio de Janeiro**

*Legitimação só pode ser operada por procuração.*

Pierre Bourdieu

Pelas posições conquistadas na imprensa, na faculdade, com duas cadeiras universitárias – Fisiologia e Geografia Humana –, e pelo sucesso de seu consultório, nota-se que Josué de Castro, apesar de não ser de uma família que pertencesse à classe dirigente recifense, de alguma forma circulava nesse meio. Os serviços prestados pelo pai, comerciante na cidade, permitiram que ele criasse algum capital dessas relações sociais antes de consolidar sua carreira. A isso podemos somar seu padrinho, figura influente na cidade e, especialmente, a habilidade do próprio Josué de Castro em tecer essas relações, algo importante para a constituição do intelectual.<sup>335</sup> Ao mesmo tempo que construía alianças, também se afastava de outros grupos. Ainda sem grande participação governamental, Castro fez inimizades, segundo ele mesmo, pela postura iconoclasta quando voltou da capital – “que eu reconheço como de desnecessário exagero demolidor”<sup>336</sup>.

Josué acabara de romper um noivado com uma moça que pertencia às elites, o que pode ter adicionado mais alguns desafetos.<sup>337</sup> A penetração de Castro na classe dirigente enfrentava barreiras. Ele tinha acesso limitado às instâncias da elite da pequena cidade do

---

<sup>335</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Op. Cit. p. 81.

<sup>336</sup> SILVA, Tania E. M. *Josué de Castro: Para uma poética da fome...* Op. Cit. p. 48.

<sup>337</sup> *Ibidem*. p. 57.

Recife<sup>338</sup> e esse é um fator que precisa ser considerado em sua biografia. Não se pode separar as circunstâncias sociais que fizeram Castro se tornar um intelectual das disposições intelectuais que estavam em jogo sendo ele filho de um pequeno comerciante sertanejo que migrara para a cidade. O caminho para a intelectualidade era uma forma de ascender socialmente, mas Recife era pequena demais tanto para se esquivar de tais rótulos quanto para os objetivos pretendidos. Em momentos de intensas atividades e muita carga, Castro passava por crises, problema que lhe acompanhou a vida toda. Havia sido acometido por crises de pânico em diversos momentos, como no período da formatura e também em 1934, quando decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, movido, segundo ele, pelo tratamento da doença.

O Distrito Federal era o núcleo da discussão intelectual e política da época no Brasil e poderia colocar Josué de Castro no centro da teia que estava sendo criada com o crescimento de estabelecimentos de ensino superior, o aquecimento da indústria editorial e a preocupação governamental com a alimentação. O *Diário carioca* publicou uma propaganda do consultório montado pelo pernambucano em 22 de setembro de 1935: “Clínicas de doenças da Nutrição, Dr. Josué de Castro. Cursos de especialização na América e Argentina – diabete, obesidade, estômago, intestino, fígado, medida do metabolismo basal”.<sup>339</sup> Anúncios como esse se tornaram muito frequentes, quase diários, entre 1935 e 1938. Apesar deles, Castro relatou que o começo profissional no Rio de Janeiro foi difícil financeiramente: “começou para nós uma vida difícil. Escrevia contos para os jornais. Era mais literato que médico”.<sup>340</sup> Ele já era conhecido entre os intelectuais da época, tinha publicado em uma grande editora e era citado com frequência como referência, mas ainda não era, para a sociedade carioca, o médico o qual procuravam para tratar as doenças relacionadas à nutrição.

O jornal *A manhã*, em 1º de maio de 1935, trouxe na capa uma entrevista com o autor na qual mencionava sua mudança para a capital federal e apresentava como manchete: “Mais da metade dos trabalhadores brasileiros morre até os 30 anos por falta de alimentação. O professor Josué de Castro faz ‘A Manhã’ revelações impressionantes sobre as tristes

---

<sup>338</sup> HOUAISS, Antonio. Entrevista [2006]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: Silva, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber: Josué de Castro...* Op. Cit. p. 651.

<sup>339</sup> Clínicas de doenças da Nutrição, *Diário Carioca*, 22 de setembro de 1935. p. 13. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>340</sup> Castro se mudou para o Rio de Janeiro com sua mãe e sua esposa, Glauce. MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley, (orgs.). Op. Cit. p. 44.

condições de vida do nosso povo. O salário mínimo, medida de salvação nacional”.<sup>341</sup> Além do capital simbólico que já tinha conquistado em alguma medida entre os especialistas que lidavam com alimentação, era preciso também se estabelecer financeiramente. Por isso, o ano de 1935 foi agitado para o autor na capital do país. Entre as diversas atividades, como a colaboração na clínica do professor Anne Dias, a publicação de artigos para jornais e a tentativa de instalar um novo consultório, Castro prestou concurso para assistente na Diretoria de Estatística da Produção. O cargo de baixo prestígio corrobora a análise de que Castro tinha dificuldades em se manter na capital e recorria a diversas frentes. A prova foi uma defesa de tese escrita e oral, obtendo na primeira fase a nota 6,6, sendo, então, reprovado.<sup>342</sup> Desse concurso que veio o texto *A questão do salário mínimo*, lançado no mesmo ano pelo do Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no Rio de Janeiro.<sup>343</sup>

O salário mínimo tinha se tornado uma das questões importantes e a proposta do trabalho era apresentar a base de uma pesquisa estatística – um inquérito – que fornecesse dados para conhecer o trabalho agrícola e os atores que o determinavam, suas oscilações e sua produtividade. O objetivo central era discorrer sobre as diretrizes de uma proposta de pesquisa sobre a população e, nessa empreitada, a alimentação deveria ter um lugar especial:

[...] nas nossas condições de paiz tropical, a habitação e o vestuario são necessidades muito menos imperiosas do que a alimentação, pelo que devemos formar uma ‘lista de provisões’ exclusivamente de generos alimenticios. Cada lista terá um valor que será convencional, porém uniforme em todas elas; assim, por exemplo, podemos estabelecer que nossas ‘listas de provisões’ em generos alimenticios conterão sempre um total de cerca de 3.000 calorías e quantitativamente cerca de 120 a 150 grammas de albuminas.<sup>344</sup>

A questão que leva o título – salário mínimo – foi abordada, mas não como assunto central. Assim como ele tinha defendido que a fisiologia era a base para falar sobre alimentação, aqui aparece o método estatístico como o único responsável por organizar os dados plurais de forma que fossem compreendidos:

---

<sup>341</sup> Mais da metade dos trabalhadores brasileiros morre até os 30 anos por falta de alimentação. *A Manhã*, em 1º de maio de 1935. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>342</sup> Concurso de Assistente. *Jornal do Brasil*, 11 de dezembro de 1935. p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>343</sup> O texto também aparece no livro *Alimentação e Raça*, publicado em 1936. Cf. CASTRO, Josué de. *A questão do salário mínimo*. Departamento de Estatística e Publicidade. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1935.

<sup>344</sup> *Ibidem*. p. 23.



Muitas zonas territoriais ricas naturalmente, são exploradas sem que o nível económico do seu povo seja melhorado, sem que essa riqueza natural venha a contribuir como causa directa de sua prosperidade económica. [...] Na utilização de nossas riquezas devemos proceder com uma base científica para que ellas possam dar o seu rendimento máximo, o que exige de nossa parte um conhecimento profundo de nossa realidade, e o unico methodo que poderá disciplinar a multiplicidade de factos económico-sociaes, que constituem os traços de maior relevo dessa realidade, formando um graphico de significação concreto e utilizavel a cada momento, é o methodo estatístico.<sup>345</sup>

Na publicação apareceu pela primeira vez esboçado um traço importante que marcou os estudos de Josué de Castro sobre os hábitos alimentares no Brasil. Trata-se do zoneamento, ou seja, a divisão das diferentes regiões que levava em conta a complexidade e pluralidade do vasto território nacional, admitindo que não há como olhá-lo enquanto unidade – “faz-se necessario antes de tudo um conhecimento integral das varias características regionaes do territorio brasileiro”.<sup>346</sup> O Brasil teria, assim, cinco tipos básicos de alimentação e era preciso conhecer os itens essenciais dessa composição para prever o custo de vida e conseguir calcular o salário real.<sup>347</sup>

Manuel Correia de Andrade, em entrevista, disse que provavelmente Josué de Castro teve algum contato com Delgado de Carvalho, geógrafo francês radicado no Brasil.<sup>348</sup> A proposta que Delgado de Carvalho fez em *Le Brésil meridional: étude économique sur les états du sud: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, de 1910, e depois desenvolveu na publicação em português *A geographia do Brasil*, em 1913, foi a análise do país a partir do modelo de La Blache<sup>349</sup> e das regiões que não correspondiam à divisão política administrativa, mas levava em consideração elementos naturais e humanos e sua relação, formando, assim, cinco grandes regiões.<sup>350</sup> A proposta era inovadora para os estudos geográficos da época, e Delgado de Carvalho foi um dos pioneiros no Brasil, participando da

---

<sup>345</sup> CASTRO, Josué de. *A questão do salário mínimo. Op. Cit.* 1935. p. 27.

<sup>346</sup> *Ibidem.* p. 10.

<sup>347</sup> *Ibidem.* p. 25-26.

<sup>348</sup> “A minha impressão é que Josué leu esse livro” ANDRADE, Manuel Correia de. Entrevista [julho de 1996]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber: Josué de Castro...* *Op. Cit.* p. 550.

<sup>349</sup> Vidal de La Blache (1845-1918) foi um geógrafo francês que se consagrou como expoente de uma corrente geográfica possibilista. Lecionou na École Normale Supérieure e na Université de Paris.

<sup>350</sup> COSTA, Patrícia Coelho. Delgado de Carvalho: a trajetória de um educador. Trabalho apresentado no II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador. In: IBGE. *Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro.* 2008. p. 39-51.

fundação do curso de Geografia na Universidade do Distrito Federal (UDF) e se tornando catedrático de História Moderna e Contemporânea na Universidade do Brasil.<sup>351</sup> Vidal de La Blache, importante geógrafo francês, influenciou uma série de intelectuais brasileiros, entre eles os que estavam preocupados com alimentação. As diferentes interações do homem com o meio e como as sociedades encontraram soluções para viver em um determinado espaço geográfico foram o foco dessa escola, da qual Castro sofreu forte influência.<sup>352</sup>

A UDF foi fundada em 1935 por Anísio Teixeira nos moldes do manifesto da Educação Nova, que propunha um ensino mais abrangente do que os cursos tradicionais e técnicos. Nessa nova universidade a formação era voltada para pesquisadores e professores.<sup>353</sup> Josué, que já tinha experiência como docente no Recife, queria lecionar na nova instituição e, para isso, procurou Anísio para tentar uma posição:

Já o tenho procurado várias vezes para saber a resposta da promessa de assistente da Universidade que recebi da sua parte, por intermédio do Paulo Carneiro, mas infelizmente não o tenho encontrado. Creio noutras partes tudo continua no mesmo, desejava antes de resolver-me a não esperar mais aqui no Rio, ter uma resposta sua definitiva. Sendo difícil falar-lhe pessoalmente dado seus múltiplos afazeres, ficarei muito grato, deixasse a resposta aqui na diretoria onde passarei dentro de dois dias e procurarei seu secretário.<sup>354</sup>

Mas o cargo veio através de Edgard Roquette-Pinto.<sup>355</sup> Um dos precursores da Antropologia no Brasil, ele foi convidado para assumir a cadeira de Antropologia Física na UDF. Tendo negado o convite do então diretor Edmundo Pinto, indicou Josué de Castro para o cargo.<sup>356</sup> Assim, Castro assumiu a disciplina na universidade recém-criada. Foi nesse contexto que publicou seu próximo livro, *Alimentação e raça*, que tinha o prefácio de Roquette-Pinto.

---

<sup>351</sup> CASTRO, Therezinha de. Carlos Delgado de Carvalho. In: IBGE. *Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro*, 2008. p. 32.

<sup>352</sup> LA BLACHE. Vidal de. *Principes de Geographie Humaine*. Paris: Librairie Armand Colin, 1936.

<sup>353</sup> Cf. XAVIER, Libânia N. Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2. abr.-jun. 2012. p. 669-682. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000200017>

<sup>354</sup> Carta de Josué de Castro a Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, 1935. Acervo Anísio Teixeira. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

<sup>355</sup> Cf. LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. *Antropologia Brasileira*. Ciência e Educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

<sup>356</sup> AMORIM, Helder Remigio de. "Um pequeno pedaço do incomensurável": a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado), Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. p. 87.

O livro foi bem recebido pela crítica nacional, com resenhas elogiosas na imprensa, como a de Figueiredo Mendes – “Um livro patriótico”<sup>357</sup> – ou a de Humberto Carneiro, ambas publicadas ainda em 1935.<sup>358</sup> A proposta da obra era evidenciar a alimentação como o entrave para o desenvolvimento do país. Para isso, ele expôs a base fisiológica da interpretação, lançada em sua tese de 1932 e abordou em passagens pontuais, como na questão da adaptação da população aos climas tropicais. Não eram qualidades intrínsecas à etnia que promoveriam ou não tal adequação, e sim a mudança de comportamento, particularmente a alimentação, que deveria ser ajustada pela utilização científica e racional.

Em 1936 José Campello escreveu sobre *Alimentação e raça* no *Pequeno jornal* de Recife: “O Sr. Josué de Castro é hoje, sem exagero, o nosso mais autorizado especialista em assuntos de nutrição, sciencia que se pode dizer dos nossos dias, mas que conta com um volumoso acervo de verdade”.<sup>359</sup> O reconhecimento também foi feito por Luís da Câmara Cascudo, importante intelectual potiguar da época.<sup>360</sup> Josué de Castro estava consagrado como um dos grandes especialistas nos estudos da alimentação, mas alimentação não era a fome. Dentro da nascente nutrição, o termo fome aparecia timidamente. O olhar para os carecentes se dava por outras palavras, como desnutrição, má alimentação ou alimentação insuficiente. Apesar disso, as bases epistemológicas das quais Castro se valeu estavam postas e é preciso entender como ele foi direcionando esse cabedal de conhecimento para construir a análise do Brasil a partir da ausência de alimentos e como se tornou o portador da temática da fome.

Se por um lado, o uso das ferramentas da Geografia ganhava espaço em sua análise, por outro as bases nutricionais de classificação também ocupavam um lugar de destaque em sua produção e eram balizas de pesquisas que promovia. Nos moldes da investigação feita no Recife, junto com João de Barros Barreto e Almir Castro, Josué fez entre 1936 e 1937 um

---

<sup>357</sup> FIGUEIREDO MENDES, T. Um livro patriótico. *Diario Carioca*, 15 de dezembro de 1935. p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>358</sup> CARNEIRO, Humberto. Alimentação e Raça. *Diário Carioca*, 15 de dezembro de 1935. p. 19. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>359</sup> CAMPELLO, José. Alimentação e Raça. *Pequeno Jornal*, 17 de fevereiro de 1936. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>360</sup> “A Revista Potiguar publicará neste outubro um meu artigo sobre Caicó, município daqui. Ao tratar da indústria do queijo-do-Seridó na alimentação sertaneja, terminei que era assunto do Josué de Castro, a autoridade nesses temas gostosos e esquecidos”. In: Carta de Câmara Cascudo a Josué de Castro. Natal, 01º de setembro de 1937. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 85.

inquérito sobre as condições da alimentação popular do Distrito Federal. A pesquisa teve uma amostragem maior, foram 12.769 inquéritos familiares preenchidos, com um total de 60.149 pessoas. Além disso, não focaram apenas em famílias de baixa renda e selecionaram grupos variados, analisando os alimentos ingeridos e os convertendo em aportes calóricos e nutricionais. Com isso, concluíram que os grupos de menor rendimento consumiam 2.439 calorias e de maior 3.295 calorias. O consumo de carne dobrava em famílias de maior renda e era também muito díspare no caso de leite e ovos. O gasto médio da família com alimentação era de 54%, sendo que a faixa de menor rendimento gastava 71%, número parecido com as famílias de Recife. Os países que entraram como comparação para consumo de legumes e frutas eram Estados Unidos, Suíça, Checoslováquia e Itália.<sup>361</sup>

Em 1937, ele lançou o livro *Documentário do Nordeste*. Sua primeira edição era formada por textos que teria publicado nos anos precedentes e foi dividida em três partes. A primeira, que carregava o nome do livro, era composta por uma série de contos sobre o Nordeste. A segunda, “Motivos Sociais”, tinha alguns poucos artigos de análise sociológica e antropológica. E a terceira, Valores Humanos, era constituída por um conjunto de críticas literárias. Foi uma proposta muito diferente da segunda edição, de 1959, na qual as críticas literárias foram suprimidas e entraram em cena alguns ensaios científicos, como “Os ‘alimentos bárbaros’ do Sertão do Nordeste”, e sua pesquisa “As condições de vida das classes operárias no Recife” que passou a se chamar “As condições de vida das classes operárias no Nordeste”. A supressão do Castro crítico para a ênfase no Castro intelectual que se preocupava com temáticas relacionadas à pobreza, Nordeste e alimentação nos indica os caminhos das reconstruções que o autor se propôs a fazer sobre sua obra, nos mostra como Castro reeditou seu conteúdo, direcionando-o para aquilo em que ele almejava ter protagonismo.

O ano de 1937 foi muito produtivo para o autor. Ele lançou, além deste, o livro *A festa das letras*, escrito com Cecília Meireles. A autora era uma das pouquíssimas mulheres reconhecidas entre os intelectuais, como Rachel de Queiroz, e era colega de Castro enquanto professora de literatura da UDF. Com o perfil mais conservador e religioso, sua obra era dirigida preferencialmente ao público infantil, assim como era a publicação com Josué de Castro. No mesmo ano o autor organizou uma obra em francês do Ministério da Educação –

---

<sup>361</sup> BARRETO, João de Barros; CASTRO, Josué de; CASTRO, Almir. Inquérito sobre as condições da alimentação popular do distrito federal. 1937. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 201.

*Science et technique* – com o objetivo de divulgar a ciência brasileira no exterior<sup>362</sup> e lançou *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana*.<sup>363</sup>

Nessa publicação, ele assumiu o método geográfico como base analítica para entender a alimentação no Brasil. Castro deixou ainda mais claras as indicações daquilo que seria desenvolvido em *Geografia da fome*, sua obra de consagração. Ele produziu seu primeiro esforço de síntese para falar dos problemas alimentares do Brasil separando-o por regiões, identificando os alimentos básicos e propondo uma nova dieta para corrigir os “defeitos da alimentação”. Houve uma mudança interpretativa substancial. Se antes a base era a fisiologia e depois a estatística, aqui Castro afirmou “que o único método eficaz de análise da questão é o método geográfico”.<sup>364</sup> Castro trouxe mais uma vez uma nova forma de abordagem e, para ele, o método geográfico proporcionaria uma visão global do problema, em contraponto a outras bases interpretativas que acarretavam visões parciais.

Só a geografia, que considera a terra como um todo, e que ensina a saber ver os fenômenos que se passam em sua superfície, a observá-los, agrupá-los e classificá-los, tendo em vista a sua localização, extensão, coordenação e causalidade, pode orientar o espírito humano na análise do vasto problema na alimentação, como um fenômeno ligado, através de influências recíprocas, à ação do homem, do solo, do clima, da vegetação e do horizonte de trabalho.<sup>365</sup>

Aderindo definitivamente às análises com base socioeconômica, Castro mostrou como definida a mudança metodológica que estava mais tímida em trabalhos anteriores.

As carências alimentares entraram na ordem do dia como causa principal do atraso nacional, e Josué de Castro era expoente desse debate que abrangia as diferentes disciplinas ainda em formação no Brasil – Geografia, Antropologia, Filosofia, Nutrição. No prefácio de *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana*, Afrânio Peixoto (1876-1947), médico e escritor, tituló-o como um dos modernos nutricionistas brasileiros e o pioneiro em nutrologia. E disse que já havia estudos em outros países que faziam concluir, sem esforço, “que a crise política e moral do mundo é uma doença de nutrição. Supernutridos, violentos e atemorizados; subnutridos, irritáveis e pervertidos... em vez de polícia, revoluções, anátemas,

---

<sup>362</sup> CASTRO, Josué de. *Science et Technique*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1937.

<sup>363</sup> Segundo o autor, tratava-se de um estudo “para todos os que vivem em inquietação intelectual, em busca de soluções práticas para os nossos problemas primários, trabalho, pois, para os nossos sociólogos, educadores, políticos, higienistas, médicos e cientistas em geral”. In: CASTRO, Josué de. *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana... Op. Cit.* p. 24.

<sup>364</sup> *Ibidem.* p. 24.

<sup>365</sup> CASTRO, Josué de. *A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana... Op. Cit.* p. 25.

que não curam nada, higiene, que previne tudo...”<sup>366</sup> Esse livro de Castro não teve muita repercussão na imprensa, comparado com as obras anteriores.<sup>367</sup> Apareceu em uma entrevista do autor para o *Diário carioca*, em 1938, que tinha como manchete: “Um problema que toca de perto com o futuro da própria nacionalidade. Hoje ninguém mais pôde contestar a influencia da alimentação sobre a eficiencia de um grupo racial”.<sup>368</sup> Outras citações ficaram por conta de Afrânio Peixoto, que publicou seu prefácio n’*O Jornal*<sup>369</sup> e no *Diário de Pernambuco*.<sup>370</sup>

Josué de Castro teve permanência curta na cadeira de Antropologia Física da Universidade do Distrito Federal. Com as agitações políticas dos anos 1930 e o golpe de Estado do governo por Getúlio Vargas, em 1937, a UDF foi paulatinamente dissolvida, sendo criada, no seu lugar, a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.<sup>371</sup> No mesmo ano, a cadeira de Antropologia Física foi extinta e Josué de Castro, em 1938, foi convidado a lecionar Geografia Física como professor adjunto. A mudança de posição hierárquica – de catedrático para adjunto – não lhe agradou. Escreveu a Alceu Amoroso Lima, que naquele momento era Reitor da UDF:

Quando há quatro meses atrás, tive o primeiro contacto com V.S. para tratar sobre o caso da supressão da minha cadeira de Antropologia Física da

---

<sup>366</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>367</sup> Outra obra que também não foi recebida com grande entusiasmo pela crítica e pelos pares, sendo pouco citada no momento do lançamento ou como referência futura, foi *Geografia Humana*, editada pela livraria do Globo, em Porto Alegre. Lançado em 1939, tratava-se de um livro didático para o terceiro ano do então curso secundário fundamental. Para Aziz Ab’Saber, apesar de não ser original, “ele [o livro] representou uma revolução muito grande em relação aos padrões de livros didáticos”. In: AB’SABER, Aziz. Entrevista [março de 2015]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: Silva, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber: Josué de Castro...* Op. Cit. 2012. p. 561.

<sup>368</sup> Um problema que toca de perto ... *Diário Carioca*, 18 de novembro de 1938. p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>369</sup> Peixoto, Afranio. A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1937. p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>370</sup> Peixoto, Afranio. A alimentação brasileira à luz da Geografia Humana. *Diário de Pernambuco*, 15 de janeiro de 1937. p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>371</sup> As questões que levaram à sua dissolução começaram desde a implantação, em 1935, quando Anísio Teixeira e alguns professores foram apontados como comunistas. Uma parte do corpo docente foi demitida e Teixeira escreveu sua carta de demissão no mesmo ano. Aos poucos, por conflito ideológico com o poder executivo federal, a UDF, que era administrada pelo município, começou a ser dissolvida para dar lugar a uma universidade gerida pelo executivo federal, controlada pelo Ministério da Educação. Segundo Capanema, ministro que articulou essa mudança: “A existência da UDF constitui uma situação de indisciplina e de desordem no seio da administração pública do país. O Ministério da Educação é, ou deve ser, o mantenedor da ordem e disciplina do terreno da educação [...]” In: CAPANEMA, Gustavo. Exposição de motivos de 28 de junho de 1938, encaminhando projetos de decretos-lei. GC filme 43, fotograma 0613 ou GC 36.09.18, doc.13, série g. CPDOCI FGY. *Apud*: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A UDF, sua vocação política e científica: um legado para se pensar a universidade hoje. *Pro-Posições*. v. 15, n. 3 (45) set./dez., 2004.

Universidade do Distrito Federal, levada a efeito pela recente reforma, explicou-me V.S. as razões de ordem econômica que impuseram esta supressão, Ao mesmo tempo manifestou V.S. um vivo desejo de solucionar a situação decorrente desta supressão, tendo-me feito várias propostas, que por motivos pessoais não me foi possível aceitar. Num segundo encontro marcado por V.S. tive então a honra de receber de V.S. convite para reger como catedrático a cadeira de Geografia Física, Geofísica e Cosmografia, convite que aceitei sob a condição de ser nomeado um professor adjunto encarregado da parte de Cosmografia. Em posteriores encontros foi isto definitivamente assentado, a ponto que cheguei a apresentar a V.S. e ao professor Chefe da secção, o Prof. Pierre Deffontaines um esboço do programa da disciplina em questão. Constituiu, pois, para mim, uma enorme surpresa, ler nos Jornais a minha nomeação para Professor Adjunto da 11<sup>a</sup>. secção, em vez de Professor Catedrático de Geografia Física. Tal surpresa de ser nomeado para outro cargo, que não o que me fôra por V.S. oferecido, me inibe de tomar a deliberação de aceita-lo, sem compreender claramente as razões que acarretaram esta situação para mim sobremodo desagradável.<sup>372</sup>

Com o fim definitivo da instituição e sem destino acadêmico mais uma vez, em novembro daquele ano ele viajou para conferências e pesquisas na Itália (Nápoles, Roma e Milão) através do convite de um cientista italiano que estava proferindo palestras no Rio de Janeiro. A viagem foi patrocinada pelo Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura<sup>373</sup> e Castro aproveitou para visitar outros países.<sup>374</sup> Diante do cenário incerto e durante uma passagem pela Universidade de Roma, já no ano de 1939, Castro não sabia em qual laboratório desse estabelecimento italiano poderia fixar seus estudos temporários – se em Antropologia, Biologia ou Geografia. E escreveu uma carta ao professor Luiz Camillo, um dos criadores da UDF no Rio de Janeiro: “resta-me saber apenas, em qual deles devo permanecer, e isso depende das decisões tomadas aí e que só você poderá me transmitir”.<sup>375</sup> As incertezas sobre a nova instituição deixaram os rumos acadêmicos do autor indefinidos. Ele mostrou que seus passos ainda não estavam decididos e que a disciplina que ele iria focar dependia da direção que sua carreira e a universidade iriam tomar. Sua abordagem não estava fechada e poderia

---

<sup>372</sup> Carta de Josué de Castro a Alceu Amoroso Lima (Reitor da Universidade do Distrito Federal). Rio de Janeiro, em 1º de julho de 1938. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 484.

<sup>373</sup> Um brasileiro fará conferencias nas universidades italianas. *A Noite*, 11 de novembro de 1938. p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. Em uma entrevista, Castro narra o fato: “Um dia o professor Lorenzini, numa conferência, citou dez ou quinze vezes o meu nome. Ninguém sabia quem era o tal de Josué de Castro, tão mencionado pelo cientista italiano. Ao terminar a palestra, me apresentou. Fez uma grande festa e me transmitiu o convite para, com passagem paga, estada e remuneração condigna, eu ir dar um curso na Universidade de Roma e de Milão”. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley, (orgs.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. *Op. Cit.* p 44.

<sup>374</sup> Dessa viagem surgiu uma publicação em italiano sobre o conjunto de palestras que ministrou. CASTRO, Josué de. *Alimentazione e acclimatazione umana nei tropici*. Milão: [s.n.], 1939.

<sup>375</sup> Carta de Josué de Castro a Luiz Camillo. Arquivo pessoal Luiz Camillo. Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ. LCON Código, p. 162. *Apud* AMORIM, Helder Remigio. “Um pequeno pedaço do incomensurável”... *Op. Cit.* p. 92.

ser reeditada conforme sua posição na universidade. Atualmente seria difícil conceber mudança de tal monta, como de Antropologia para Geografia, mas é preciso levar em consideração que, naquele momento, as disciplinas não eram campos consolidados como presenciamos hoje e recebiam profissionais com diferentes referenciais. Além disso, era comum encontrar profissionais polissêmicos, como médicos escritores, críticos literários advogados – esse tipo de trânsito era praticado com frequência entre os intelectuais da época.

Castro notou que até então ele não era um homem conhecido no Distrito Federal. Depois da estada na Itália, ele passou a ser “‘o homem que tinha chegado da Europa’. A clínica abarrotou”.<sup>376</sup> O consultório, além de ser uma fonte de renda necessária, era uma forma de criar capital social, elemento essencial do prestígio:

Ele tinha uma coisa extraordinária no consultório dele aqui no Rio de Janeiro, às cinco horas da tarde havia um chá, uma coisa magnífica. As senhoras que estavam e os senhores que tomavam aquele chá com aquela elegância toda. Ele interrompia meia hora, ele fazia aquilo. Isso jamais a gente pode esquecer.<sup>377</sup>

Na nova cidade, relações estavam sendo estabelecidas, como apontou Antonio Houaiss, “‘a maior clínica particular do Rio de Janeiro naquele tempo era o consultório dele, uma coisa incrível”.<sup>378</sup> Foi no consultório que ele se aproximou da família Vargas, especialmente de Alzira Vargas, filha de Getúlio. Essa ligação se manteve e se estendeu para os aparatos da burocracia estatal e a política partidária, como veremos.

Muitos professores que haviam saído da antiga UDF foram reaproveitados na recém-criada Universidade do Brasil. Castro, preocupado com seu lugar nesse rearranjo, escreveu uma carta ao ministro Gustavo Capanema, em 1939, quando foi criada a Faculdade de Filosofia, na qual dizia que se preparara na Itália para manter-se na cadeira de Antropologia. Portanto, teria escolhido por fazer suas pesquisas na Europa nesse tópico, com esperança de permanecer na disciplina que já havia lecionado.

Verifiquei, porém, com prazer que na Escola de Filosofia, Ciências e Letras faz parte de seu curriculum uma cadeira de Antropologia e Etnografia. Esta verificação me leva a preparar-me com entusiasmo para um futuro concurso. [...] segundo o regulamento publicado, venho submeter a apreciação de V.Excia. esta minha aspiração a reger esta Cadeira na qual poderia continuar

---

<sup>376</sup> MELO, Marcelo Mário de; Neves, Teresa Cristina Wanderley, (Orgs.). Josué de Castro: série perfis parlamentares. *Op. Cit.* p. 45.

<sup>377</sup> O médico Nogueira Lima foi aluno de Josué de Castro e entrevistado por Tânia Silva. LIMA, Nogueira. Entrevista [2006]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber: Josué de Castro...* *Op. Cit.* p. 650.

<sup>378</sup> HOUAISS, Antonio. Entrevista [2006]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: *Ibidem*, p. 651.



as pesquisas que há tempo me venho dedicado no estudo da raça, dos biótipos, do crescimento, da nutrição e de outros aspectos da antropologia brasileira.<sup>379</sup>

Porém, Arthur Ramos, amigo com o qual tinha dividido casa na Bahia e então presidente do Museu Nacional, foi nomeado para a cadeira de Antropologia. Josué de Castro só foi designado em 1940 para lecionar Geografia Humana como catedrático interino para substituir Pierre Deffontaines, que voltara à França.<sup>380</sup> Como médico de Alzira Vargas, filha mais próxima a Getúlio Vargas, sua nomeação ocorreu, segundo Orlando Valverde, geógrafo e aluno de Castro, por indicação do próprio presidente durante o Estado Novo.<sup>381</sup> “Eu vou lhe dizer com franqueza, eu achava ele brilhante, mas ele estava muito fraco em Geografia propriamente. Eu sabia que ele era um médico em alimentação, mas em outras coisas ele estava apenas começando, como outros que foram nomeados por Getúlio.”<sup>382</sup>

A partir de outros elementos que não estavam diretamente colocados nas disputas acadêmicas intrínsecas ao campo em formação – sua relação como médico e amigo da família Vargas –, Josué passou a lecionar Geografia Humana na nova universidade. Até então, ele havia tateado também outras abordagens, como a fisiologia, a estatística e a antropologia. Josué se efetivou no cargo somente em 1948, quando defendeu a tese *Fatores de localização da cidade do Recife*. O campo da Geografia ainda não estava definido enquanto tal, assim, muitos profissionais que passaram a lecionar nessa área vinham de outras formações, como Medicina ou Engenharia. Castro centrou suas análises nessa área, tratando a alimentação enquanto um fenômeno que envolvia o meio e a interação com o homem.

Por intermédio das universidades brasileiras Josué iniciou seu relacionamento com cientistas de outros países, principalmente os franceses que estavam no Brasil para implantar disciplinas que começavam a se institucionalizar, como os geógrafos Pierre Monbeig<sup>383</sup> e

---

<sup>379</sup> Carta de Josué de Castro ao ministro Gustavo Capanema. Acervo PROEDES-UFRJ. UDF. Documento 125. Pasta 12. *Apud*: AMORIM, Helder Remigio. “Um pequeno pedaço do incomensurável”... *Op. Cit.* p. 93.

<sup>380</sup> O jornal *A Noite* divulgou o corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia recém-criada e aprovada pelo chefe de governo e nele aparecia Josué de Castro com Geografia Humana. In: O corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia. *A Noite*, 29 de maio de 1940. p. 5. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. Sobre a formação do curso de Geografia no Rio de Janeiro, ver: MACHADO, Mônica Sampaio. A implantação da Geografia Universitária no Rio de Janeiro. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales. vol. 69. n. 5, 1 de agosto de 2000.

<sup>381</sup> SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do saber: Josué de Castro ... Op.Cit.* 1998. p. 92-93.

<sup>382</sup> VALVERDE, Orlando. Entrevista [1996]. Entrevistadora: Tânia Elias Magno. In: *Ibidem*, p. 571.

<sup>383</sup> Pierre Monbeig (1908-1987) lecionou geografia física e humana na Universidade de São Paulo entre 1935 e 1946. Também assumiu a presidência da Associação de Geógrafos Brasileiros até 1946 e era um dos que difundiam a obra de Vidal de La Blache.

Pierre Deffontaines<sup>384</sup> e o sociólogo Roger Bastide.<sup>385</sup> Essa rede se manteve e foi se fortalecendo ao longo do tempo, sendo fundamental para que Josué se estabelecesse na França no período de exílio, após o golpe militar de 1964.<sup>386</sup> Outro geógrafo importante para Castro foi o estadunidense Preston James (1899-1986), professor da Universidade de Michigan, que se especializou em América Latina, escrevia sobre o Brasil e prefaciou o livro de Castro, *Geografia humana*, de 1939. Sua permanência na universidade se estendeu até 1955, ano de sua eleição para deputado federal pelo PTB de Pernambuco.

Além da cadeira de Geografia Humana, na Universidade do Brasil, Josué ministrou cursos de especialização para médicos em alimentação e nutrição e criou o Instituto de Tecnologia Alimentar.<sup>387</sup> Mas isso não significa que Castro se via apenas enquanto geógrafo ou nutricionista. Quando instruía seu agente nos Estados Unidos de como deveria ser chamado, no começo da década de 1950, Josué disse: “que nenhuma ênfase especial seja dada ao livro como trabalho de um nutricionista. O autor deve ser apresentado como biólogo e sociólogo. O livro não é sobre a nutrição propriamente dita, mas é uma interpretação social do fenômeno da fome universal”<sup>388</sup> Nem nutricionista, nem geógrafo. Com o passar do tempo, muitas identificações em encontros internacionais foram feitas de Josué enquanto sociólogo.<sup>389</sup>

Ele não era mais validado apenas entre os especialistas como aquele que dominava o assunto da alimentação, ele transpôs o circuito científico e passou a gozar de prestígio entre as classes dirigentes do Rio de Janeiro. Ser o médico da família do presidente da República não

---

<sup>384</sup> Pierre Deffontaines (1894-1978) participou da fundação dos cursos de História e Geografia da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal. Foi um dos responsáveis pela criação da Associação de Geógrafos Brasileiros.

<sup>385</sup> Roger Bastide (1898-1974) veio ao Brasil em 1938 para assumir a cadeira de sociologia da Universidade de São Paulo, substituindo Claude Lévi-Strauss.

<sup>386</sup> A Geografia no Brasil, enquanto disciplina institucionalizada, surgiu a partir da Faculdade de Geografia e História da Universidade de São Paulo, em 1934, e logo depois na UDF, em 1935. Esse processo contou com um corpo docente estrangeiro, principalmente franceses como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, influenciados pelo pensamento vidalino, que predominou até a década de 1950. Cf. CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Josué de Castro na perspectiva da Geografia brasileira – 1934/1956 (Uma contribuição a historiografia do pensamento geográfico nacional). Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001. p. 53.

<sup>387</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 683.

<sup>388</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

<sup>389</sup> Como exemplo, no jornal italiano *L’Ora*, de 1963, aparece: “‘A fome não se satisfaz com palavras’. O famoso sociólogo brasileiro fez o discurso introdutório à conferência sobre condições de vida.” In: Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 526.

era um dado menor. Indica que Castro estava inserido e havia se estabelecido, reconhecido por seus pares especialistas e pelo *espaço público letrado* como uma autoridade de destaque na questão alimentar. O capital simbólico adquirido pode ser identificado pela relação com a família Vargas, pelos prefaciadores dos livros lançados, pelas indicações e acessos que tinha nesse espaço e pela validação dos pares concorrentes. O reconhecimento se deu, por exemplo, por Pedro Escudero, que enviou uma carta a Josué pedindo foto e currículo para colocá-lo entre os mais ilustres pesquisadores do campo da nutrição.<sup>390</sup> Mas alimentação não era fome.

#### **2.4. Fome, uma palavra científica**

Vimos que as pesquisas produzidas em outros países, como Inglaterra e Estados Unidos, enquadraram o problema de acesso aos alimentos da população através de métricas e estatísticas que apontavam o ponto ideal e, conseqüentemente, aqueles casos que estavam aquém. A economia política e a saúde difundiram um novo entendimento das necessidades como categoria individual e quantificável: “nos anos 1940, todo o mundo estava falando de necessidades”.<sup>391</sup> Apesar de serem vistas como universais, a classificação e numerificação das necessidades básicas da população e a criação da noção de mínimo vital foram objetos de grande discussão e oriundas do conhecimento gerado pelas ciências europeias e estadunidenses. Com essas ferramentas, o consumo de alimentos pela família passou a ser uma questão social que deveria ser encarada publicamente. A ausência parcial de alimentos era chamada de má nutrição ou subnutrição.

O tema estava na ordem do dia no Brasil, ganhando, com frequência, as capas dos jornais. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, houve um grande congresso de Medicina na Bahia com médicos de todo o país para discutir as questões do pós-guerra. Os assuntos eram divididos em três, com oito subtemas cada um: o primeiro, chamado “exercício da profissão médica no Brasil pós-guerra”; o segundo “questões de saúde e assistência na cidade e no campo” e o terceiro era inteiramente dedicado à alimentação – “o problema da alimentação de após-guerra”, coordenado por Josué de Castro. Este era dividido em:

---

<sup>390</sup> “Como Ud. verá, dedicamos la tapa y la biografía de aquellos eminentes investigadores que se han especializado en el campo de la nutrición. [...] Deseamos rendir el mismo homenaje a su gran país y a sus distinguidos hombres de ciencia. Por esto le ruego me haga llegar, lo antes posible, un retrato suyo dedicado y un resumen de su curriculum vitae, e fin de darlos a publicidad en esa revista.” *In*: Carta de Pedro Escudero a Josué de Castro. Buenos Aires, 2 de dezembro de 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 241.

<sup>391</sup> GLASMAN, Joël. *Op. Cit.* p. 29.

inquéritos alimentares no Brasil, com Peregrino Junior; as grandes carências alimentares no Brasil e sua profilaxia, por Pedro Borges; o problema da alimentação no Norte do Brasil, com Clodomir Millet; desnaturação de alimentos no Brasil, de Castro Barreto; propaganda sanitária e educação alimentar do povo, por Laerte Manhães; recursos e hábitos alimentares das populações rurais do Brasil, sem relator definido; as vitaminas e seu futuro como arma de defesa nacional, também sem relator definido; e a tecnologia alimentar do Brasil no pós-guerra, com Benoni Ribas.<sup>392</sup>

No caso brasileiro, com a contestação das teses vigentes sobre raça, os hábitos entraram como justificativa sobre o “atraso” do Brasil – o grande mal do país era a subnutrição. Mas não necessariamente ela era chamada de fome. A fome também era problema público de primeira grandeza, com o termo maiormente vinculado à crise e associado, naquele momento, à Segunda Guerra Mundial e as secas no semiárido. A fome, durante esse período, estava muito mais ligada à crise do que à estrutura. Quando a fome vai se impondo como problema político, portanto coletivo, ela estava intimamente associada a episódios críticos no Brasil.

Castro, bebendo nas produções internacionais, emprestou à fome uma condição estruturante de forma mais evidente do que estava posto na época – em certo sentido, ele uniu as representações de fome que estavam dadas naquele momento com o novo olhar científico para a questão alimentar: a fome se tornou uma palavra da ciência *moderna*. Essa temática não estava dada desde o início de suas publicações. Inúmeros fatores se conjugaram para que sua obra se tornasse possível – novas ferramentas científicas, as produções literárias, a exposição das crises de fome na imprensa, a influência de alguns atores, como Pedro Escudero e Edgard Roquette-Pinto, sua penetração na imprensa nacional e seu capital social adquirido.

Se o conceito é obra da comunidade, como afirma Durkheim,<sup>393</sup> o alargamento do conceito de fome precisava ser partilhado entre os pares. Não necessariamente aceito em todos os pontos por toda a sociedade, mas, mesmo em disputa, se basear em elementos essenciais que norteavam as discordâncias. Isso significa que Castro partilhava as bases

---

<sup>392</sup> Para discutir as questões médico-sociais do pós-guerra. *Diário de Notícias*, 14 de junho de 1945. p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>393</sup> “Se ele é comum a todos, é porque é a obra da comunidade.” In: DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa* (o sistema totêmico na Austrália). São Paulo: Paulus, [1912] 2021. p. 512.

propostas por ele de forma mais acabada em *Geografia da fome* com outros atores em cena no *espaço público letrado* naquele momento. Nesse contexto, Josué assumiu a vanguarda da constituição da fome crônica como questão social.

Os pressupostos do livro *Geografia da fome*, lançado em 1946 pelas Edições Cruzeiro no Rio de Janeiro, partiam da geografia possibilista, interpretação proposta por autores como Vidal de la Blache. Castro propôs uma divisão do Brasil que entendia a ação da sociedade como fundamental para a formação dos espaços a partir da interação com elementos naturais (tal como solo, vegetação e clima). Essa abordagem, que ele já havia esboçado, tornou-se elemento central no livro de 1946. Josué usou os dados obtidos a partir das métricas da nutrição, como consumo de proteínas, média de aquisição calórica ou deficiências nutricionais específicas e hábitos alimentares da população para elaborar o retrato do Brasil separado em áreas alimentares.<sup>394</sup>

*Geografia da fome* dividiu o Brasil em áreas de fome (epidêmica e endêmica) e de subnutrição. Nestas últimas, as pessoas apresentavam sinais de subnutrição, mas em menor escala. Já nas áreas de fome, pelo menos metade da população tinha sinais claros de subnutrição. Seria a fome característica do Nordeste açucareiro e da região amazônica. Já o sertão nordestino corresponderia a uma área de fome epidêmica – o que estamos designando aqui como crises de fome, um fenômeno global que culmina em inanição. Dentro do recorte temporal estudado, os surtos epidêmicos eram agudos, temporários, chamavam atenção, mas, segundo Castro, não podiam ser considerados de maior relevância que as outras situações de fome. Castro argumentava que a fome causada pela seca, como em 1932, ou pela Segunda Guerra Mundial não constituía um problema maior do que aquilo que a ciência chamava de subnutrição, condensada em seu livro a partir de diversas pesquisas já formuladas sobre alimentação no Brasil. Ambas eram fome.<sup>395</sup>

---

<sup>394</sup> Josué define a área alimentar como “certa extensão territorial onde os habitantes dessa região têm um tipo característico de vida alimentar, com certos alimentos básicos, com certa composição de certos alimentos complementares, que se denomina dieta típica ou tipo de dieta peculiar”. In: CASTRO, Josué de. *Problema da alimentação e defesa nacional*. Conferência no Club Militar, 4 de novembro de 1948. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 231.

<sup>395</sup> Essa interpretação da fome fazia parte de uma linha da nutrição social que tinha como um dos expoentes o inglês Lord John Boyd Orr, médico e nutricionista. Orr afirmava que “A riqueza da Inglaterra foi criada pela importação de alimentos baratos e matérias-primas produzidas por nativos com salários tão baixos que viviam em pobreza abismal e pagos por produtos industriais caros”. In: ORR, Lord John Boyd. *As I Recall*. London: Macgibbon & Kee, 1966. p. 193.

O que Castro logrou renomear é que a fome não era meramente uma questão de abastecimento ou advinda de problemas naturais. Tratava-se também de uma questão de capacidade de acesso aos alimentos, um problema socialmente constituído que estava relacionado ao lugar social ao qual pertencia determinado grupo. Nesse sentido, a fome era produto das relações sociais e econômicas, portanto também históricas, daquele grupo. A partir daí, intensificou-se o debate público e político dentro dessa chave, como o apoio à reforma agrária e às ligas camponesas.

É na assimilação do conceito em processo de formação que mora a importância da obra de Josué de Castro. Nesse momento, ele passou a ser atrelado à fome na construção de seu personagem público. A fome se tornou, assim, elemento essencial de sua biografia, consagrando-o como aquele que lançou luz à fome enquanto fenômeno biológico de um problema social. O prestígio nacional e internacional que lhe foram conferido, tema do capítulo seis, é a comprovação de que essa reorganização da categoria de fome por seus pares e por ele, capturada por Josué, fazia sentido naquele momento.

O tema tinha tamanha aderência, entre outros motivos, porque era preciso eliminar a fome cotidiana para a entrada na *modernidade*.<sup>396</sup> Nesse sentido, os famintos não eram então as únicas vítimas da fome. Essa passou a ser um problema coletivo que atrapalhava todos enquanto nação. Por isso, ele afirmou que a fome teria sido descoberta no século XX:

A fome – fome crônica e endêmica em escala universal – é a característica mais típica da miséria que domina nosso mundo. A revelação desta fome constitui sem dúvida a grande descoberta – descoberta trágica e promissora – da ciência e da cultura do século XX. Esta revelação está sendo imposta a nós pela pressão das circunstâncias, porque a fome se impõe como o problema mais agressivamente sério que os governantes de hoje têm que enfrentar. Ela carrega uma carga tão explosiva de perigo e ameaça à civilização quanto as armas nucleares de destruição em massa.<sup>397</sup>

No projeto de nação *moderna* não havia fome. Foi então que surgiu outro elemento nas ações propostas: o Estado como um regulador social.<sup>398</sup> Era preciso que os cidadãos estivessem alimentados e aptos ao trabalho, por isso os intelectuais que estavam pensando na alimentação do brasileiro aproximaram-se do Estado para aplicar as prescrições científicas

---

<sup>396</sup> “The most important question today is whether man has attained the wisdom to adjust the old systems to suit the new powers of science and to realize that we are now one world in which all nations will ultimately share the same fate.” In: ORR, Lord John Boyd. *As I Recall*. London, MacGibbon & Kee, 1966. p. 288.

<sup>397</sup> CASTRO, Josué de. Hunger – the great discovery of the 20th century. [s.d.] Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 180.

<sup>398</sup> BARONA, Josep L. Nutrition and Health. The international Context During the Inter-war Crisis. *Social History of Medicine*. vol. 21, n.1. abr. 2005. p. 87. DOI: <https://doi.org/10.1093/shm/hkm114>

que gestaram. Se por um lado havia uma estratégia desse grupo para se inserir no âmbito estatal como uma possível carreira, havia também uma aderência do governo para que tais políticas fossem postas em prática – aderência adquirida pelas características do governo da época, que almejava *modernizar* o país e ampliação do papel do Estado nacional.<sup>399</sup> Assim, as palavras dos nutricionistas encontraram um terreno fértil no sistema governamental brasileiro.

---

<sup>399</sup> “O bem-estar das populações passou a ser objeto de conhecimento e governo.” *In*: GLASMAN, Joël. *Op. Cit.* p. 35.

## **PARTE II. EM NOME DA FOME**



### 3. ENUNCIADOS E *ENUNCIADORES* DE UM NOVO SENTIDO DE FOME

*Trabalhei a manhã na preparação do documento denunciando a miséria mundial.*  
Josué de Castro

As proposições científicas se firmaram como as detentoras das soluções para os problemas sociais a partir da enorme quantidade de dados (muitos deles estatísticos) e análises que produziam. Com isso, depois da Segunda Guerra Mundial a representação da fome em seu sentido *moderno* – formada a partir dos paradigmas científicos propostos pelos especialistas da alimentação – ganhou preeminência no *espaço público letrado* no Brasil. Se as crises de fome estavam vinculadas a infortúnios e fatalidades não previstas, a interpretação *moderna* permitiu conectar a fome à organização da sociedade,<sup>400</sup> expressão da pobreza cotidiana. A fome endêmica passou a figurar nesse espaço em amplo debate, intensificando as publicações e a discussão sobre o fenômeno.

Nunca se falou tanto da fome no mundo. É um assunto da ordem do dia. Chega a parecer que outrora não havia fome e que só no século XX haja essa calamidade no mundo. No entanto esta é uma impressão errônea. Na verdade, a fome sempre existiu ao lado da riqueza e da abundância.<sup>401</sup>

A proposta de *Geografia da fome* foi muito bem recebida. O etnólogo Edison Carneiro (1912-1972) escreveu no *Diário de Notícias* que “A grande lição do novo livro de Josué de Castro é que a fome não é um fenômeno natural”.<sup>402</sup> Lembrando o autor, o astrofísico Rômulo Argentièri (1916-1995), em um artigo no *Correio Paulistano*, afirmou que a “fome secreta” era a ameaça para grande parte da população de São Paulo. A cada grupo de dez operários, cinco eram portadores de sintomas atenuados e cinco revelavam avitaminoses mistas.<sup>403</sup>

Em 1949, três anos após a publicação de *Geografia da fome*, Josué de Castro, Helio de Souza Luz e Pedro Borges publicaram um estudo sobre o estado nutritivo de escolas no

---

<sup>400</sup> “A dualidade da civilização brasileira, com a sua estrutura econômica bem integrada e próspera no setor da indústria e sua estrutura agrária arcaica, de tipo semicolonial, com manifesta tendência à monocultura latifundiária, é a principal responsável pela sobrevivência da fome no quadro social brasileiro.” In: CASTRO, Josué de. Desenvolvimento Econômico e a fome no Brasil – VII. *Diário de Notícias*, 5 de março de 1961, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>401</sup> Transcrição de entrevista com Josué de Castro: A fome no Brasil e no mundo. [s. d.] [s. a.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 83.

<sup>402</sup> CARNEIRO, Edison. Fome, produto humano. *Diário de Notícias*. [s. d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 30.

<sup>403</sup> ARGENTIÈRI, Rômulo. A ‘fome secreta’ ameaça a população de São Paulo. *Correio Paulistano*, 25 de agosto de 1946, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

Distrito Federal. Examinaram quatro escolas – duas em bairros de classe média, o grupo A, e duas em favelas (Santa Tereza e Catumbi), o grupo B. Ao todo colheram dados de 1.036 escolares, sendo 509 do grupo A e 527 do grupo B. A medição da fome endêmica consistiu

[...] na tomada de peso e altura e na verificação da existência de sinais físicos, constatáveis à inspeção, denunciadores de carências de sais minerais e vitaminas. O peso e a altura eram tomados sempre pela manhã, antes da merenda escolar, estando os examinandos descalços, trajando o uniforme oficial e desembaraçados de qualquer excesso de vestuário. Os sinais físicos de deficiência vitamínico-mineral, pesquisados em número de 10 (dez), só eram admitidos como presentes quando absolutamente característicos e reconhecidos por todos os responsáveis pela investigação. [...] Os sinais para medição de carência alimentar são palidez, conjuntivite, gengivite, cáries (com números de 82 a 96% dos alunos apresentando esse sintoma) entre outros fatores clínicos.

Os pesquisadores concluíram que “os resultados falam em favor da existência da carência polivitamínica.”<sup>404</sup> Apesar de adotarem uma abordagem voltada às raízes sociais da fome, Castro e seus pares ainda mensuravam o fenômeno com uma régua clínica: a deficiência vitamínico-mineral.

Ao eleger a variante endêmica da fome o principal problema, causada por fatores sociais, Castro e seus pares estavam propondo uma subversão da *doxa* dos debates sobre o tema, uma vez que predominava no senso comum a imagem de que fome era uma crise. A aderência a essa proposta, fazendo com que ela passasse de herética a preeminente, revela que as disposições sociais naquele momento eram favoráveis a essa perspectiva. Contribuiu para isso uma conjuntura marcada pela racionalização da alimentação, pela preocupação com o desempenho dos trabalhadores e por projetos *modernos* de nação que condicionavam a alimentação do povo aos resultados de desenvolvimento do país. Com isso, construiu-se em certos círculos a abertura para esse tipo de abordagem e formou-se uma camada de pessoas envolvidas nesse projeto de denúncia.

Ao mesmo tempo em que o discurso sobre a fome endêmica ganhava autoridade, produzindo assim um novo senso comum, conquistava espaço também quem o discursava. Por isso, os *enunciadores* dessa interpretação também estavam interessados em consolidar essa nova enunciação social,<sup>405</sup> não apenas pela subversão discursiva, mas sobretudo pelas consequências possíveis desse processo, como o aumento dos espaços políticos de atuação e a

---

<sup>404</sup> CASTRO, Josué de; LUZ, Helio de Souza; BORGES, Pedro. Pesquisa sobre o estado nutritivo de escolas no Distrito Federal. *Separata dos Arquivos Brasileiros de Nutrição*. jan.-fev. 1949, tomo 6. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 199.

<sup>405</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1982] 1996. p. 119.

possibilidade de investimentos materiais para essa empreitada, a concretização das prescrições de combate à fome endêmica.

Assim, neste capítulo analisaremos as discussões sobre fome endêmica e epidêmica como definidoras de um sentido de fome no *espaço público letrado*. Observaremos ainda os projetos associados ao alargamento do sentido de fome e em que medida tais propostas se circunscreviam a um espaço específico de debate. As disputas que buscavam estabelecer os sentidos da fome envolviam aspectos cognitivos, técnicos, políticos e morais. Apesar de muitas vezes identificada como um fato duro em si, a luta contra a fome não existia independentemente do universo da moralidade. Ela estava entrelaçada a esse universo e era moldada por ele. Portanto, compreender as disputas em torno de um sentido de fome no *espaço público letrado* também significa entender a concepção moral que as fundamentava.

### 3.1. A fome endêmica como questão

A gênese da camada dos especialistas vinculados à alimentação e seu protagonismo nas prescrições sobre a fome não significaram a exclusividade desses atores no tratamento do tema, pois outros grupos sociais continuaram a exercer um papel ativo na área, mesmo que baseados em outras premissas. Um deles foi a Igreja Católica, da qual Castro foi próximo ao longo de sua trajetória. A partir dos anos 1950, Dom Helder Câmara<sup>406</sup> (1909-1999), na época no Rio de Janeiro, participou de diversos eventos para discutir a temática com Josué. No plano internacional, a Igreja também se destacava nas discussões sobre o assunto e tinha como protagonistas figuras como Padre Lebre e Abade Pierre, de quem Castro se aproximou.

Louis-Joseph Lebre (1897-1966), economista francês e padre católico dominicano,<sup>407</sup> veio ao Brasil em 1947 e escreveu um artigo em 1948 sobre a situação da fome no país

---

<sup>406</sup> Dom Helder Câmara foi um bispo católico nascido em Fortaleza em 1909 e atuou nessa cidade, no Rio de Janeiro, Olinda e Recife. Participou da Ação Integralista Brasileira e mais tarde fundou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, e passou a figurar em debates sobre a fome. Cf. VELOSO, Verônica. Helder Câmara. In: CENTRO de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, [s. d.]. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara>. Acesso em: 1º mar. 2023.

<sup>407</sup> Lebre foi o criador da associação francesa *Économie et humanisme* em 1942 que reuniu intelectuais, da Igreja ou não, e baseava sua atuação através da chave desenvolvimentista. Cf. GODOY, José Henrique Artigas de. Economia Humana e desenvolvimentismo católico: o pensamento e a ação de Louis-Joseph Lebre no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 24, n. 1, 2015. p. 40-53. DOI:10.4322/tp.24104

baseado no livro *Geografia da fome* e no discurso de José Américo de Almeida no senado.<sup>408</sup>

[...] os [cadernos de contas] que conservam as donas de casa, são os verdadeiros dados de que precisamos para provar porque os bolsos e as dispensas se esvaziam, sem esperança de salvação, enquanto os exploradores se aperfeiçoam na arte de furtar. Até a laranja e a banana que eram o que já chamei de “vitaminas baratas”, o alimento dos pobres, sem cerimônia, em casa e na rua, a toda hora e em toda a parte, já custam tanto quanto as frutas estrangeiras [...].<sup>409</sup>

O artigo de Lebret reverberou no *espaço público letrado* brasileiro, como se observa no discurso do senador da União Democrática Nacional (UDN) Hamilton Nogueira:

É preciso, então, realizar aquilo que o Padre Lebret chama de subida do povo. Essa subida ele considera o problema número um, o problema essencial. “O povo subirá quando for suficientemente nutrido, suficientemente vestido, suficientemente alojado, suficientemente cuidado, suficientemente instruído”.<sup>410</sup>

Na “subida do povo”, o *telos* almejado era direcionado por outros países, os *modernos*. Para que os “atrasados” cumprissem essa “subida”, fazia-se necessária a cooperação daqueles que já haviam alcançado o desenvolvimento. Isso se materializava, entre outras iniciativas, nos acordos de assistência técnica, configurados a partir do estudo de situações-problema nos países em desenvolvimento e da proposição de soluções pelos técnicos estrangeiros em colaboração com os do território, no caso, brasileiros. Tais acordos visavam o aumento da produtividade, a entrada em um sistema de mercado, a racionalização dos processos de produção e a solução dos problemas nacionais. No assunto examinado, a superação da fome, acordos foram firmados sobretudo através da FAO, e bilaterais, entre o Brasil e os Estados Unidos. No caso deste país, acordos de cooperação técnica aconteciam por diferentes redes, como a American International Association for Economic and Social Development (AIA), criada por Nelson Rockefeller, e o Serviço de Alimentação da

---

<sup>408</sup> O discurso proferido em maio de 1947 está disponível em: [https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais\\_Republica/1947/1947%20Livro%203.pdf](https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais_Republica/1947/1947%20Livro%203.pdf). Acesso em: 1º mar. 2023.

<sup>409</sup> A marcha da fome no Brasil. [s.v.] 1º outubro de 1948 [s.a.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>410</sup> No Senado Federal. Em longo discurso, o Sr. Hamilton Nogueira analisa o livro do Padre Joseph Lebret sobre o nosso País, apontando a solução mais indicada para vários problemas brasileiros. *O Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1948. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

Previdência Social (SAPS) nos anos 1940.<sup>411</sup> No contexto da Guerra Fria<sup>412</sup> esses acordos se intensificaram, em especial após o discurso do presidente estadunidense Harry Truman em janeiro de 1949 que ficou conhecido como “Ponto IV”. Nele, o presidente enfatizava a necessidade de programas de cooperação técnica entre os Estados Unidos e países latino-americanos.<sup>413</sup> Desse direcionamento derivou, entre outros, o Escritório Técnico de Agricultura (ETA).<sup>414</sup>

A FAO também atuou de forma significativa em acordos de cooperação técnica. Pode-se citar pesquisas sobre *kwashiorkor* na década de 1950, que, segundo a FAO, era a marca do subdesenvolvimento. Tais pesquisas focaram na deficiência de proteína, que em sua fase aguda ganhava o nome usado na região de Gana, *kwashiorkor*. Como resultado, diversos projetos mudaram o foco: de análises e proposições para deficiências vitamínicas, passaram a priorizar a distribuição de alimentos ricos em proteína, como o leite em pó.<sup>415</sup>

Na mesma década, a FAO divulgou resultados de um inquérito sobre alimentação, segundo o qual apenas 28% da população mundial dispunham de uma dieta calórica suficiente (entre 2.200 e 2.700 calorias) e 60% não chegavam a consumir 2.200 calorias, “vivendo quase em crônico jejum, se consumindo numa espécie de auto-destruição”.<sup>416</sup> Àquela altura Josué de Castro era presidente do Conselho da instituição, e foi desse estudo que ele tirou a fórmula,

---

<sup>411</sup> SILVA, Claiton Marcio; ANDRADE, Rômulo de Paula. O SAPS e a cooperação técnica entre o Brasil e Estados Unidos (1945-1950). *Estudios Sociales del Estado*, Buenos Aires, v. 8, n. 16, 2022. p. 151-174. DOI: 10.35305/esse.v8i16.305

<sup>412</sup> Com o crescimento dos países do bloco comunista e o protagonismo da União Soviética no fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos intensificaram sua atuação nos países latino-americanos em uma disputa pela hegemonia ideológica. Tal disputa arregimentou agências, técnicos e intelectuais que circulavam nos dois sentidos – havia a presença elevada de europeus e estadunidenses dando aula e treinando pessoas no Brasil, ao passo que alguns brasileiros buscavam treinamento no exterior. Por uma questão de ênfase e de espaço, esse tema deverá ser explorado em futuros trabalhos. No caso dos intelectuais, esse assunto foi examinado por: RIDENTI, Marcelo. *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

<sup>413</sup> O livro *El hambre de los otros* mostra como se deu esse processo em diferentes países da América Latina. Cf. POHL-VALERO, Stefan; DOMÍNGUEZ, Joel Vargas (ed.). *El hambre de los otros: ciência y políticas alimentarias en Latinoamérica, siglos XX y XXI*. Bogotá: Editorial Universidade del Rosario, 2021. p. 08.

<sup>414</sup> ABREU, Alzira Alves. Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS). In: CENTRO de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, [s. d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/141nciclopédi/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-secas-dnoes>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>415</sup> BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964). 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2012. p. 155-165.

<sup>416</sup> FREITAS, Honorato. Fome: problema do mundo moderno [recorte de jornal sem nome nem data]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

muito repetida, segundo a qual dois terços do mundo passavam fome.<sup>417</sup>

Assim como na proposta da FAO, a fome endêmica virou assunto de primeira grandeza no Brasil. O *Diário de Pernambuco* publicou um artigo de Zacarias Maciel, médico e professor pernambucano:

A fome crônica – essa de que se ocupa em particular o Sr. Josué de Castro nos seus livros – é, porém, a pior, porque devasta lenta e silenciosamente as populações [...] O problema parece-nos, portanto, muito mais técnico, social e econômico do que efeito de uma região ou uma zona hostil [...] Essa fome é, portanto, muito mais o resultado das más condições econômico-sociais (sub-desenvolvimento) desses grupos humanos do que uma região hostil ou inabitável. Em outras palavras: depende mais das condições do habitante do que do habitat...<sup>418</sup>

Uma manchete do *Diário de notícias* chamou atenção para a “Fome Crônica de um povo” e sua associação com tuberculose e mortalidade infantil.<sup>419</sup> O relatório do Brasil divulgado na Conferência Latino-Americana de Nutrição, que se baseou em pesquisas realizadas com crianças de 7 a 14 anos no Distrito Federal, constatou que 80% das crianças não faziam um desjejum adequado e 63% apresentavam palidez. Além disso, foi observado que a deficiência de proteínas afetava 80,6% das crianças, assim como a deficiência de ferro e cálcio, que também era elevada.<sup>420</sup> O Jeca Tatu,<sup>421</sup> na verdade, era um sujeito desnutrido, um representante do Brasil que vivia em situação de fome endêmica.

A moléstia do Jeca Tatu, por exemplo, tem vários nomes científicos, como “anemia ancilostomática”, também conhecida como anemia tropical, opilação e amarelção. No fundo, consiste em uma anemia produzida pela carência de ferro, resultante do parasitismo intestinal pelos vermes, associado a uma alimentação deficiente naquele mineral. É uma doença enquadrada na patologia da miséria e da fome, um problema de medicina social, sem cuja solução corremos o risco do aniquilamento dos nossos recursos humanos.<sup>422</sup>

O problema da alimentação cotidiana também foi debate na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. “Estamos realmente dentro de uma vasta epidemia de fome”, declarou o escritor

---

<sup>417</sup> Correspondência de Josué de Castro aos Ministros de relações exteriores dos países da América Latina. 2 de abril de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 401.

<sup>418</sup> MACIEL, Zacarias. Luta contra a fome. *Diário de Pernambuco*, 7 de dezembro de 1957, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>419</sup> Fome Crônica de um povo. *Diário de Notícias*, 20 de maio de 1951, p. 18. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>420</sup> Melancólica constatação! *O Globo*, 9 de junho de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 58.

<sup>421</sup> Jeca Tatu, personagem do escritor Monteiro Lobato em *Urupês*, simbolizava o trabalhador rural caipira, visto como preguiçoso e de baixo desempenho. Era a antítese, portanto, do *moderno*.

<sup>422</sup> Jeca Tatu e o Governo. [recorte de jornal sem nome nem data]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

Jorge de Lima.

Esse conceito encerra a tragédia surda, anônima, oculta da fome coletiva, da chamada fome secreta em que a ausência repetida e constante de certos alimentos produz tremendos malefícios, pois lentamente faz as massas humanas definharem, abater-se, morrer na ilusão de que come todos os dias. Come todos os dias mas come pouquíssimo ou come errado.<sup>423</sup>

Os relatos centrados em sujeitos e no seu sofrimento, o mesmo instrumento de sensibilização com que as crises de fome eram enunciadas, nesse período retratavam também a fome cotidiana. O sentido *moderno* de fome, forjado nos pressupostos científicos e no bojo da preocupação com a pobreza, no *espaço público letrado* passou a informar relatos sobre a fome coletiva que gerava o “atraso”. Assim, o termo não era mais reivindicado apenas por especialistas e passou a figurar com frequência nas histórias cotidianas que apresentavam os sujeitos em situação de fome. A fotografia, mais uma vez, foi um recurso importante nessa sensibilização.

#### Imagem 8 – Fome secreta ameaça a população em São Paulo<sup>424</sup>



<sup>423</sup> Debatido, na Câmara Municipal, o problema da Alimentação. *Diário de Notícias*, 12 de junho de 1947, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>424</sup> Fotografia de João Pieri. A ‘fome secreta’ ameaça a população de São Paulo. *Correio Paulistano*, 25 de agosto de 1946, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

A foto não era dos retirantes ou dos flagelados da seca, mas do trabalhador urbano almoçando. A legenda dizia:

A “fome secreta” ameaça grande parte da população de São Paulo. Trabalhadores como esses principalmente, que comem às 11 horas o que trazem de casa, às 6 da manhã, são os mais atingidos. Alimentação parca, geralmente constituída apenas de arroz feijão, sem as vitaminas e calorias necessárias à sua subsistência, eles têm, forçosamente, de ser vítimas da “fome secreta”.<sup>425</sup>

A ênfase em sua manifestação endêmica não quer dizer que fosse a única. Mesmo que o alargamento da noção de fome tenha ganhado muitos adeptos, isso não solapou toda e qualquer definição diferente. Seu significado passou a ser disputado, e a contestação à fome endêmica vinha de diferentes formas. Em uma discussão noticiada na imprensa, o deputado federal do PSD por Minas Gerais, Último de Carvalho, argumentou que:

Fome há nos países onde existe o desemprego. E esse problema não temos. Está tudo muito ruim, muito mal, mas o que há no Brasil são malandros demais. Certa gente não gosta de trabalhar e não quer trabalhar. Essa história de fome é conversa. [...] Fome no Brasil é só a do malandro que não quer trabalhar. [...] a fome conhecida dos cientistas não é fome, é subnutrição. É claro que não podemos alimentar o povo com proteínas nem com o catálogo do SAPS. O fato é que os brasileiros têm com que encher o estômago, portanto, se há fome é só para os malandros que não querem trabalhar para comer.<sup>426</sup>

Josué de Castro e o Padre Arruda Câmara retrucaram. O primeiro afirmou que a fome era um fato. Mesmo que fosse verdadeiro o argumento da malandragem ou da preguiça, tal realidade decorreria da fome hereditária em que vivia o povo. “O combustível da máquina humana é o alimento. Não há milagre que faça um homem ser produtivo e industrioso, sem comer.” O padre convidou o deputado Último de Carvalho a visitar o Nordeste e retratar-se.<sup>427</sup>

Em um artigo, o *Diário de Pernambuco* contestava a visão ampla de fome:

[...] conclusões por demais apressadas, e sem muita base, do Sr. Josué de Castro, vendo “fome” em toda parte, e dando “essa fome” como motivo de tudo. Certo a seca, a fome é um fator, mas não aquele predominante para as manifestações sociais de fanatismo e banditismo [...].<sup>428</sup>

---

<sup>425</sup> ARGENTIÈRI, Rômulo. A ‘fome secreta’ ameaça a população de São Paulo. *Correio Paulistano*, 25 de agosto de 1946, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>426</sup> Fome e Alkmim. *Correio da Manhã*, 1 de janeiro de 1959, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>427</sup> *Ibidem*.

<sup>428</sup> DOMINGUES, Octavio. Brasil, terra dos contrastes. *Diário de Pernambuco*, 23 de janeiro de 1959, p. 18. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.



Em outro texto, o escritor Nonnato Masson<sup>429</sup> dissertou sobre os hábitos alimentares no Brasil e defendia a opinião de que “brasileiro é gente de boa boca, não morre de fome, come de tudo, a *Geografia da fome*, de Josué de Castro, tem mais em exagero do que o Brasil tem em comidas”.<sup>430</sup>

A construção de uma nova enunciação sobre a fome deu-se contra um estatuto vigente – a ligação entre crise e fome. Por isso, contava com a resistência sobretudo dos grupos tradicionalmente hegemônicos. Com a mudança de quem passou a frequentar o *espaço público letrado*, ou seja, a entrada maior de pessoas recrutadas nas classes médias urbanas, as representações de fome vigentes nesse espaço também passaram a ser confrontadas com outras propostas. Os grupos dirigentes há mais tempo, como as famílias oligárquicas e latifundiárias, tinham interesse em manter as categorias de percepção da ordem social – não apenas pela representação em si, mas também pelas consequências materiais dessa mudança, como as exigências de solução para a fome endêmica. Seu movimento reativo, entretanto, baseava-se muitas vezes no contra-argumento da definição que se tornava a principal. Isso quer dizer que, ao contestar a definição de fome enquanto um fenômeno endêmico, seus adversários acabavam por colocar o tema ainda mais em evidência, mostrando que a proposta do alargamento do sentido de fome tinha um espaço amplo. Portanto, os termos de Josué e seus associados se tornaram as balizas das discussões.

### 3.2. Um projeto de denúncia

Josué de Castro e Padre Lebret, depois do encontro no Brasil, aproximaram-se, passaram a trocar cartas e fazer projetos juntos. O mais central deles era conscientizar as pessoas sobre as mazelas do mundo: “Aconteça o que acontecer, não vamos desistir do nosso projeto de um grande choque a dar aos ‘civilizados’ para que se mantenham humanos à miséria do mundo.”<sup>431</sup> Para que pudessem levar a cabo esse projeto, se uniram a Henri

---

<sup>429</sup> Nome literário de Raimundo Nonato da Silva Santos (1924-1998), escritor nascido em Araiões, no Maranhão. Disponível em: <https://academiamaranhense.org.br/ocupantes/nonnato-masson/> Acesso em: 10 abr. 2023.

<sup>430</sup> MASSON, Nonnato. Brasil para seu governo. *Jornal do Brasil*, 25 de outubro de 1961, p. 17. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>431</sup> Carta de Padre Lebret a Josué de Castro. 12 de dezembro de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 575.

Antoine Groués (1912-2007), conhecido como Abade Pierre, padre franciscano e deputado francês:

O mundo precisa muito, e mais do que nunca neste momento, da concretização das nossas aspirações de paz e bem-estar das comunidades. Aqui chegamos, a meu ver, a duas grandes divisões da humanidade: o grupo dos que têm medo e não consegue mais dormir e quem tem fome e não consegue mais comer. E o que é triste e trágico é que o grupo que tem medo tem sobretudo medo do grupo que tem fome. Para acabar com o medo e com a fome, devemos conceber uma política que, desarmando a fome, a miséria e a injustiça social, gere o sentimento de revolta dos povos oprimidos, principal causa do medo dos grupos opressores. Cada dia mais me convenço da grandeza de sua missão no momento histórico em que vivemos, tão catalisadora e capaz de despertar a opinião pública em todo o mundo em torno desta trágica realidade e de buscar a saída para a solução de tal problema sério. No entanto, devo dizer-vos com toda a sinceridade que não basta denunciar este estado de coisas: não basta sensibilizar para esta triste realidade; para moldar algo substancialmente possível e alcançável é necessário atrair o interesse coletivo e a cooperação universal e transformá-los em uma realidade social. E é isso que considero essencial, a criação de um plano de ação objetivo, um plano prático e simples como ainda não tive o prazer de ver formulado. [...] Não se trata de um projeto utópico, nem de um ideal no sentido lírico, mas sim de integrar num sistema de ação social diversos princípios e leis hoje cientificamente conhecidos e comprovados. Este projeto encontra-se em fase de preparação muito avançada e aproxima-se da sua fase final.<sup>432</sup>

O projeto passou a ser possível depois que Josué de Castro foi laureado com o Prêmio Internacional da Paz em 1955 organizado pela União Soviética.<sup>433</sup> Com o valor do prêmio, ele criou o Fundo Internacional de Luta contra a Fome, que deu origem à Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM), fundada em março de 1957 a partir da aproximação com

---

<sup>432</sup> Carta de Josué de Castro a Abade Pierre. Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 567.

<sup>433</sup> O Prêmio Internacional da Paz foi criado em 1949 pela União Soviética para laurear aqueles que contribuíam para a paz mundial. As reuniões do Conselho Mundial da Paz, que deliberava sobre o prêmio, aconteciam em Estocolmo, e Jorge Amado era um de seus membros e laureados. Esse lugar que Amado ocupava foi importante para Josué também ser contemplado com o prêmio. Josué recebeu muitas felicitações pelo feito, mas também foi muito criticado pela imprensa adversária devido à origem comunista do prêmio, apelidado de Prêmio Stalin da Paz. O fato gerou reação da Cruzada Brasileira Anti-Comunista com propaganda na imprensa e de opositores na Câmara, pois Castro estava em seu primeiro mandato como deputado federal de Pernambuco pelo PTB. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

Padre Lebret e Abade Pierre.<sup>434</sup> Sua sede se fixou em Genebra<sup>435</sup> e a ideia era ter um escritório em cada continente. Estabeleceram-se escritórios em Paris<sup>436</sup> e no Rio de Janeiro com personalidades jurídicas distintas. A composição dos membros variou significativamente ao longo da existência da associação, e era atualizada em assembleias.<sup>437</sup> Josué ficou como presidente da ASCOFAM mundial. A ASCOFAM europeia tinha como objetivo promover, incentivar e organizar a luta contra a fome, suas causas e consequências, bem como todas as formas de carência ou deficiência. Segundo o estatuto, as tarefas essenciais incluíam: (i) conscientizar a sociedade e convencê-la de seus deveres diante do aumento da disparidade nos padrões de vida; (ii) incentivar, realizar e coordenar estudos e experimentos, bem como estimular, promover ou apoiar projetos-piloto e microdemonstrações; (iii) tomar medidas para contribuir para o desenvolvimento equilibrado dos países em desenvolvimento.<sup>438</sup>

Nos chamados países subdesenvolvidos, certas precauções devem ser tomadas para não prejudicar suas populações e para não despertar esperanças ilusórias. A luta contra a fome só poderá ser bem-sucedida através de um esforço associado em que os países da fome terão uma parte decisiva. Mas é

---

<sup>434</sup> “Inicialmente, a organização internacional seria mantida por um legado de um milhão de dólares deixado para esse fim por um milionário canadense e por outro os quais um que ele próprio ofereceu, resultante do ‘Premio Internacional da Paz’ que ganhou.” *In*: O Brasil vai participar do combate à fome no mundo. *Jornal do Commercio*, Fortaleza, p. 8, 5 de julho de 1957. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. Não temos notícia de que o dinheiro deixado pelo milionário canadense efetivamente foi usado. Em diversas ocasiões os recursos financeiros eram apontados como entrave. “nós não dispomos de dinheiro para colocar sobre uma base com um mínimo de segurança um organismo imediatamente poderoso”. *In*: Carta [sem nome]. Paris, 11 de agosto de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 420. “Devo confessar que estou começando a me sentir desanimado em poder levar adiante a obra ou esta Fundação, diante de todos os obstáculos que surgem de tempos em tempos. Nas minhas viagens ao Canadá sempre tenho a impressão de que tudo está prestes a tomar forma – e depois tudo se desintegra novamente.” *In*: Carta de Josué de Castro a Jean Claude Arès. 15 de junho de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 544.

<sup>435</sup> A ASCOFAM foi uma fundação internacional de direito público. A direção era composta por três órgãos: a Diretoria Executiva, o Conselho Patrocinador e o Conselho Técnico Consultivo. A Diretoria Executiva foi liderada pelo presidente Josué de Castro, com os vice-presidentes Scheyven, relator do projeto de assistência financeira aos países subdesenvolvidos na ONU, Kuo-Mo-Jo, presidente da Academia de Ciências da China, e Maire, ex-presidente do Comitê Financeiro da FAO. Os membros incluíam Abade Pierre, Padre Lebret e Lord Boyd Orr, laureado com o prêmio Nobel da Paz. O Comitê Patrocinador era composto por Albert Schweitzer e Ralph Bunche, ambos premiados com o Nobel da Paz, Max Habicht, suíço especialista em direito, Sra. Pandit, embaixatriz da Índia em Londres, Pearl Buck, escritora norte-americana, Clement Davies, presidente do Partido Liberal britânico, Stringfellow Barr, sociólogo americano, entre outras personalidades. O Conselho Técnico Consultivo foi formado pelos professores Platt (Grã-Bretanha), Dols (Holanda), René Dumont e Robert Lebré (França), Sarkisow e Markachenko (União Soviética), Rajchmann (Polônia), Terroine (França), Joseph Masek (Checoslováquia) e Yan-Hen-Fu (China). *Cf.* Entrevista de Josué de Castro: A criação da Associação Mundial de Luta contra a Fome. [recorte sem data nem nome do veículo]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 87.

<sup>436</sup> Fundo Internacional de Luta contra a fome. *Correio Paulistano*, 22 de fevereiro de 1957, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>437</sup> Temos notícias de pelo menos dois secretários-gerais: Jean Claude Arès e Georges Saint-Mileux. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 689.

<sup>438</sup> Caderno de divulgação: *L'Association Française de Lutte contre la Faim*. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 101.

fundamental que sejam auxiliados, principalmente durante o período inicial de desenvolvimento.<sup>439</sup>

A ASCOFAM brasileira foi fundada em julho de 1957, em um evento no Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil.<sup>440</sup> A presidência ficou, no primeiro momento, com Oswaldo Aranha.<sup>441</sup> As finalidades da associação no Brasil eram parecidas com as da sede europeia, “compreendendo tanto a fome aguda como a fome crônica ou oculta; a fome qualitativa como a fome energética; a fome epidêmica como a endêmica”. Suas metas se resumiam em: (i) conscientizar a população brasileira sobre os problemas da fome e da subnutrição; (ii) realizar pesquisas, organizar documentação e fornecer formação técnica e humana para especialistas, assistentes e voluntários; (iii) realizar campanhas e outras ações necessárias para alcançar seus objetivos, incluindo campanhas assistenciais; (iv) identificar e classificar as áreas do Brasil com diferentes níveis de carência alimentar; (v) criar projetos de desenvolvimento econômico que pudessem contribuir direta ou indiretamente no combate à fome; (vi) ajudar a aumentar a capacidade e a produtividade dos brasileiros por meio do combate sistemático à subnutrição.<sup>442</sup>

A maior diferença entre a atuação da ASCOFAM na Europa e no Brasil estava nos projetos aplicados para a contenção da fome. Enquanto a ASCOFAM europeia focava em fazer a fome endêmica adquirir forma para os tomadores de decisão, nos estudos e na formação relacionados ao tema, a brasileira, além desse caráter, dedicava-se também a projetos de desenvolvimento econômico voltados à assistência alimentar. Na prática, isso significou, por exemplo, a distribuição de leite em pó e de farinha de mandioca fortificada.

---

<sup>439</sup> *Ibidem*.

<sup>440</sup> No Brasil, a composição da ASCOFAM era dividida entre Comitê Diretor, Comitê Patrocinador, Comitê Científico e o secretário-geral. A primeira composição foi a seguinte: Comitê Diretor – Oswaldo Aranha, deputada Nita Costa, Walter Santos (Conselho Coordenador de Abastecimento), Lydio Lunardi (CNI), Beatriz Magalhaes de Chacel, Mario Pinotti (LBA), Anísio Teixeira (INIC), Pompeu de Souza (*Diário Carioca*), Wanderbilt Duarte (Divisão de Fomento da Produção Vegetal do Ministério da Agricultura) e Carlos Mancini; Comitê Patrocinador – Helder Câmara, José Gayoso Neves (CNA), Oswaldo Balarini (Nestlé), Pedro Calmon (Universidade do Brasil), Maurício de Medeiros (Ministério da Saúde), Ana Almeida Carneiro de Mendonça e Zygmund Damm; Comitê Científico – Moura Campos, Francisco Cardoso, Ignez Correia de Araujo, Pompeu Acioly Borges, Orlando Parahym, Aureliano Brandão, General Severino Sombra, Romulo Almeida, João Gonçalves de Souza, Cel. Alberto Bittencourt, Alarico J. da Cunha Jr. O secretário-geral foi Souza Barros. Cf. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 413.

<sup>441</sup> Eleito o comitê brasileiro da ASCOFAM. Oswaldo Aranha preside a ‘luta contra a fome’. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

<sup>442</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 333.

Quanto ao projeto de sensibilização, ele abrangia as diferentes frentes das atividades e devia ser permanente “para atingir as elites e as massas de cada país”.<sup>443</sup> Para promover a conscientização, além de conferências, era necessário incluir campanhas na imprensa, no rádio, na televisão e no cinema. Todos esses projetos de divulgação seriam respaldados por estudos sobre as condições de vida e alimentação da população. A aposta na estratégia de Josué de sensibilizar os *espectadores* para a fome tinha como objetivo atingir a resposta humanitária dos países entendidos como desenvolvidos. A partir da conscientização do mundo, da pressão pública por uma solução e da igualdade da humanidade – somos todos humanos e merecemos comer –, a fome seria então solucionada. Josué de Castro entendia que quanto mais a fome estivesse em discussão no *espaço público letrado*, mais o problema seria debatido e, conseqüentemente, combatido. Um projeto de denúncia: este era o centro da ASCOFAM.

A inauguração da ASCOFAM brasileira aconteceu em setembro, com a vinda do Padre Lebret para ministrar palestras e a posse de Oswaldo Aranha (1894-1960) como presidente. A apresentação da associação “foi realmente um sucesso espetacular”,<sup>444</sup> com a presença de quatro ministros, outras autoridades e mais de mil pessoas que lotaram o auditório do Ministério da Educação. O Padre Lebret declarou aquela noite que

[...] a mais importante descoberta feita no século XX, foi a descoberta da fome [...] Cerca de dois terços da humanidade passam fome. Contudo, o que há de novo sobre a terra não são os povos famintos, mas a consciência que eles tomaram da sua própria fome. E é a revolta desses povos famintos que pesa sobre a nossa civilização como uma ameaça maior do que a da bomba atômica. E mesmo o antagonismo existente entre o Oriente e o Ocidente não é tão acentuado quanto o antagonismo existente entre os povos bem nutridos e os povos mal nutridos [...] Consideramos a fome sob um aspecto amplo, e não somente sob um aspecto agudo ou ocasional, o que seria uma deficiência parcial. Consideramos a fome sob um aspecto menos dramático, talvez, mas que grassa, implacável, no mundo. Há os que sofrem de uma subnutrição crônica, e, entre outras coisas, apresentam um índice de mortalidade infantil sete vezes maior do que o dos povos mais favorecidos [...].<sup>445</sup>

Oswaldo Aranha era uma figura de prestígio na época. Vinha da carreira diplomática e havia se afastado da política em 1954 após a morte de Getúlio Vargas, de quem era ministro

---

<sup>443</sup> Dossiê ASCOFAM. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 283.

<sup>444</sup> Carta de Josué de Castro a Maria Olivia. 6 de setembro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 565.

<sup>445</sup> LIMA, Marita. Fome – a mais importante descoberta do século XX. [recorte sem data nem veículo]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

da Fazenda.<sup>446</sup> Enquanto presidente da ASCOFAM, proferia palestras em que discursava sobre a luta contra a fome.<sup>447</sup> Josué faria 50 anos em setembro de 1958. Aranha e Souza Barros, secretário-geral da ASCOFAM Brasil, decidiram fazer uma homenagem a Castro. Souza Barros enviou instruções a Jamesson Ferreira Lima, responsável pela delegacia da ASCOFAM no Nordeste, sediada no Recife, dizendo que havia “a necessidade de reforçar a posição do nosso ilustre amigo na atual emergência política. Esta coisa é importante, dada a corrente forte de interesses reacionários que procuram sempre denegrir o nosso amigo, sobretudo com fins políticos”<sup>448</sup>. Para preparar essa homenagem, foi recomendado a Jamesson que ele procurasse os amigos em comum e formasse uma comissão organizadora. Foram enviados convites a diversos escritores das mais diferentes frentes para que mandassem textos, inéditos ou não, sobre fome ou sobre Josué para a publicação de um livro em homenagem ao autor e à ASCOFAM. Dessa forma foi lançado *O drama universal da fome*.<sup>449</sup>

Oswaldo Aranha organizou um banquete para o evento de lançamento do livro e o aniversário de 50 anos de Josué de Castro. Josué ficou sabendo da comemoração e mandou uma carta a Aranha:

Chegando ao meu conhecimento, através do noticiário da imprensa, que um grupo de amigos e colegas, tendo à frente o nome ilustre de V. Exa., havia tomado a generosa iniciativa de realizar um banquete comemorativo do meu 50º aniversário, venho por meio desta manifestar a todos minha profunda gratidão por tão espontânea prova de amizade, mas encarecer com razões ponderáveis para que não seja levada a efeito esta comemoração. [...] porque, mesmo procurando justificar a iniciativa como um gesto de cordialidade afetuosa, como uma fórmula de estímulo e incentivo dos meus amigos para que eu prossiga com coragem minha modesta obra de soldado da cruzada de luta contra a fome, permita-me que não concorde em aceitar um banquete como a forma mais adequada de receber o seu apoio e a sua

---

<sup>446</sup> LIMA, Sérgio Eduardo Moreira; ALMEIDA, Paulo Roberto de; FARIAS, Rogério de Souza (org.). *Oswaldo Aranha: um estadista brasileiro*. Brasília: FUNAG, 2017. v. 2. p. 661.

<sup>447</sup> Luta contra a fome vai iniciar suas atividades no Brasil. Palestra de Aranha sobre fome. *A Noite*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1957, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>448</sup> Carta de Souza Barros a Jamesson Ferreira Lima. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

<sup>449</sup> O livro estava dividido em três partes. Parte I – Estudos promocionais e planejamento para combate às causas de fome e de miséria, com textos de Padre Joseph Lebret, Jacques Duboin, Kurt Ritter, James Patton, Vittorio Marrama, Maurice Lengellé, Odile Rouillet, Robert Guillian, Souza Barros, Hubert D’Herouville, Stringfellow Barr, Yves Goussault, Gregório Bermann; Parte II – Estudos específicos sobre fome, com textos de Roger Bastide, Robert Debret, José Gonzales Gale, Etienne Berthet, Carlos Monge e Mário C. Vazquez, e Samuel Pessoa; Parte III – Análise crítica da obra de Josué de Castro, incluindo resenhas já publicadas sobre livros do autor, textos de Lord John Boyd Orr, Stefan Kurowski, Barbara Cadbury, Olívio Montenegro, Jacques Madaule, Max Sorre, Russel Lord, Rachel de Queiroz, Mark Holloway, Marcel Niedergang, Earl Parker Hanson, Sergio Millet, Joyce Butler, André Toulemon, Arab-Oglu, Maria Yêda Leite Linhares, Daniel Rops, George Compton, Tullio Seppilli, Luis da Câmara Cascudo, Pearl Buck, André Mayer, Antônio Salvat Navarro, Jorge Amado. Cf. ASCOFAM. *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1958.

solidariedade fraternal. Considerando que, desde o início de minha vida intelectual tomei a deliberação de denunciar publicamente o flagelo da fome universal e de buscar solução para minorar os seus trágicos efeitos, não me sentiria muito à vontade em comemorar o cinquentenário de minha vida com um banquete, quando tenho conhecimento de que até hoje, apesar de todos os esforços dos homens de boa vontade, dois terços da humanidade continuam passando fome, e mais ainda quando no nosso próprio país os flagelados da seca do Nordeste lutam neste momento desesperadamente para escapar das garras dêsta terrível calamidade. [...] em lugar da lista do banquete assinem a lista de adesão de membros da Associação Brasileira de Luta Contra a Fome – a ASCOFAM Brasileira, onde as suas contribuições serão de inestimável valia para prosseguimento de nossa cruzada.<sup>450</sup>

Menos de uma semana depois, a carta foi publicada no *Jornal do Brasil*.<sup>451</sup> Castro construía sua figura pública enquanto um soldado que lutava contra a fome e via esse posicionamento como incompatível com banquetes, a antítese da fome. Para isso, sacrificou sua relação com Oswaldo Aranha, que se afastou da ASCOFAM após a divulgação da carta nos jornais. Assim, a ASCOFAM promoveu o Simpósio sobre “O drama universal da fome” e lançou o livro de mesmo nome sem o banquete planejado.<sup>452</sup> Depois da homenagem, ficaram as contas do livro. Tinham sido informados de que a edição seria quase gratuita, pois o diretor do IBGE, Jurandyr Pires Ferreira, comprometera-se a tornar o IBGE um membro remido da ASCOFAM, possibilitando um ajuste de contas favorável. “Mas, vieram as eleições – as críticas de jornais –, para recuperar a moral no frigir dos ovos, nós é que sobramos, sem ter nada com o peixe.”<sup>453</sup> Além desse livro, a ASCOFAM promoveu o lançamento d’*O livro negro da fome*, publicado pela editora Brasiliense em 1960,<sup>454</sup> um resultado da compilação dos textos de fundação da ASCOFAM.

Para o projeto de fazer a fome endêmica figurar como assunto no *espaço público letrado*, Josué de Castro trabalhou para viabilizar outros instrumentos de divulgação além dos livros, como um documentário baseado na obra *Geopolítica da fome*. Chegou a convidar

---

<sup>450</sup> Carta de Josué de Castro a Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

<sup>451</sup> Cruzada contra a fome é incompatível com banquetes. *Jornal do Brasil*, 2 de setembro de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.

<sup>452</sup> Fome. *Diário de Notícias*, 07 de dezembro de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>453</sup> Carta [sem remetente] a Pedro [sem sobrenome]. 29 de janeiro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

<sup>454</sup> CASTRO, Josué de. *O Livro Negro da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.

Charles Chaplin (1889-1977) para atuar,<sup>455</sup> mas o ator declinou, pois estava comprometido com outro projeto. Para a adaptação, convidou Cesare Zavattini (1902-1989), roteirista e escritor italiano. “O slogan de Josué de Castro e de Zavattini é o seguinte: ‘A fome faz mais vítimas que a guerra. Antes de lutar pela paz, demos batalha á miséria!’”<sup>456</sup> Na ideia inicial, o italiano Roberto Rossellini (1906-1977) seria o diretor. Veio ao Brasil em 1958 para organizar o filme e conhecer algumas regiões, indo ao Recife com Josué de Castro e Di Cavalcanti.<sup>457</sup> Enquanto diversos jornais felicitavam a vinda do diretor, nomeado como o ex-marido de Ingrid Bergman, os jornais adversários se mostravam apreensivos. Eles argumentavam estar preocupados com o impacto das filmagens sobre a imagem que o Brasil tinha no exterior, servindo apenas para reforçar a estigmatização de sua indesejável posição como povo faminto.<sup>458</sup>

Que vai fazer Rossellini no Brasil? Vai fazer uma obra comunista. Vai mostrar, ao mundo, através do cinema, que o Brasil – a que Stefan Zweig chamou “o País do Futuro” – é o “País do presente”, o país da miséria e da fome. Que, sem embargo de suas imensas riquezas naturais, é uma terra desgraçada: porque não adotou ainda o regime comunista, o único que faz a felicidade dos povos. [...] Hoje, só duas coisas despertam, no estrangeiro, alguma admiração pelo Brasil: a audaciosa fundação de Brasília e o título de campeão de futebol. Mas, se aparecer no cinema um filme mostrando, ou querendo mostrar, que o Brasil é o País da miséria e da fome, o mundo, achando inoportuna a construção da nova capital, pensará que o Brasil está louco.<sup>459</sup>

O custo da vinda de Rossellini, segundo o *Diário de Pernambuco*, foi pago pelo Ministério das Relações Exteriores. Corroborando a visão dos jornais adversários, a Divisão Cultural desse Ministério expressou a opinião de que a adaptação cinematográfica do livro *Geopolítica da fome* podia ter um impacto negativo na imagem do Brasil no exterior e que o filme podia ser visto como um retrocesso na promoção do país, dado que a ênfase era na luta

---

<sup>455</sup> “É a mais grandiosa aquisição para o nosso movimento a colaboração de um homem da envergadura de Chaplin. Ele, que sempre teve consciência do papel social da sua obra, consentiu em colaborar conosco.” In: TAVARES, Flávio. Josué de Castro e Chaplin unidos no combate à fome. *A Hora*, 25 de outubro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

<sup>456</sup> “Geografia da Fome” será vertido para o cinema. *Diário de Pernambuco*, 23 de junho de 1957, p. 36. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>457</sup> Rossellini no Brasil. *Folha da Noite*, 2 de setembro de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.

<sup>458</sup> OLIVEIRA, Dutra. O problema da subnutrição no mundo. *A Gazeta*, 2 de abril de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.

<sup>459</sup> MONTEIRO, Mozart. E o mundo pensará que o Brasil está louco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.



contra o subdesenvolvimento e não na divulgação da miséria brasileira. Além disso, enfatizou a percepção de que o cineasta Rossellini estava em declínio.<sup>460</sup>

Rossellini acabou saindo do projeto por divergências com Zavattini. A participação deste na escrita do roteiro era, segundo Josué, condição *sine qua non*. Sem dinheiro público para concluir o projeto, Josué fez grandes esforços a fim de obter outros financiadores para o filme, chegando a contratar o produtor Michael Altman, da empresa britânica Co Production Limited, para quem escreveu:

Até a minha última viagem a Londres fiz de tudo, me esforcei para ajudá-lo a obter os recursos mínimos necessários para a realização do filme. Trabalhei com Zavattini para que ele preparasse o roteiro. Furneci a você uma lista de amigos meus que, quando abordados por meio de sua carta, concordaram em participar de um Comitê patrocinador do projeto. Coloquei você em contato com a FAO e falei sobre seu projeto em outros ramos das Nações Unidas. Fiz tudo isso com um único objetivo: difundir e divulgar o mais amplamente possível as idéias que me parecem mais adequadas para continuar a luta contra o flagelo da fome no mundo.<sup>461</sup>

Mas o projeto não saiu do papel. As tratativas com o roteirista italiano não foram efetivadas por falta de recursos, por mais que Josué tenha se esforçado pessoalmente nessa empreitada. Com o filme inviabilizado, Josué produziu outro documentário, *O drama das secas*, lançado em 1959, patrocinado pelo embaixador Walther Moreira Salles e dirigido por Rodolfo Nanni.<sup>462</sup> O lançamento aconteceu em um grande evento no apartamento de Josué de Castro para ministros, embaixadores, políticos, deputados, senadores, escritores, jornalistas e diversos membros das forças armadas, entre eles o marechal Lott, candidato a presidência que

---

<sup>460</sup> “[...] oito meses de despachos e informações no Ministério das Relações Exteriores, aceitou convidá-lo a pedido da Casa Civil da Presidência da República, em nome do Sr. Vitor Nunes Leal. Pagou passagem e hospedagem por 15 dias no Copacabana Palace.” *In*: A vinda de Rossellini ao Brasil custou oito meses de discussões. *Diário de Pernambuco*, 24 de agosto de 1958, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>461</sup> Carta de Josué de Castro a Michael Altman (Co Production Limited). 14 de junho de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

<sup>462</sup> As gravações aconteceram durante uma longa estiagem que intensificou os problemas sociais da região, como a fome. Em Pernambuco, filmaram em Caruaru, Garanhuns, Águas Belas, Itaíba, Ibimirim e Manari; na Bahia, em Serra Talhada e Salgueiro; no Ceará, filmaram em Juazeiro do Norte, Icó e Iguatu. A equipe se sentiu “como correspondentes de guerra, no qual o inimigo era a fome”. A narração foi feita por Josué e a trilha sonora por Heitor Villa-Lobos. *In*: NANNI, Rodolfo. *Quase um século: imagens da memória*. São Paulo: Akron, 2014. p. 138. A análise sobre o filme está em: LIRA, Augusto. “O Drama das Secas”: alegorias da fome no filme documentário de Rodolfo Nanni. *Bilros*, Fortaleza, v. 6, n. 12, 2018. p. 33-56.

Josué queria emplacar. Ao todo, mais de cem pessoas assistiram nessa noite ao documentário que ganhou o primeiro prêmio do Festival de Cinema de São Paulo daquele ano.<sup>463</sup>

Josué acreditava que o esforço em publicizar a fome, por meio de publicações, filmes, conferências, palestras e seminários, era uma grande vitória da ASCOFAM. Todo esse trabalho, segundo ele, levou o problema da fome ao primeiro plano da atenção mundial, “quando há cerca de 15 anos a palavra fome era uma palavra tabu”.<sup>464</sup>

### 3.3. Nordeste, área problema

Entre os projetos de sensibilização para o problema da fome, o Nordeste era a área protagonista tanto em sua manifestação endêmica quanto epidêmica. Um estudo sobre as condições da situação alimentar no Nordeste mostrou que, entre 1954 e 1956, se a média de consumo no Brasil era de 2.946 calorias, no Nordeste esse número caía para 1.865.<sup>465</sup> Os estudos sobre consumo de alimentos que tinham surgido na década de 1930, como *As condições de vida das classes operárias de Recife*, se mantiveram e tratavam de expor a alimentação insuficiente da população. Da mesma forma, as crises de fome permaneceram. A década de 1950 foi marcada por duas delas, entre 1951 e 1954 e depois, de 1957 a 1959, ou seja, quase todo o período. Em 1962 houve mais uma. Nos momentos em que a fome se intensificava, seu registro enquanto crise aparecia mais evidente e acendia a discussão sobre o fenômeno. Assim como nas outras secas, as notícias da crise apareciam nos jornais:

Obrigado o prefeito pelos famintos a entregar-lhes farinha e rapadura e todo o dinheiro existente no cofre. Se o governo não amparar aos retirantes, serão assaltados o comércio e residências – propõe a Comissão Nacional de Alimentação o envio imediato de leite em pó e milho para o Nordeste. Na Prefeitura de Campos Sales, 1000 indivíduos saquearam. Os retirantes deram um prazo para solucionar o problema [...].<sup>466</sup>

---

<sup>463</sup> “O Nordeste viveu ontem, no Rio, uma ‘noite de gala’, ao ser mostrado (uma só face) a ministros, marechais, generais, embaixadores, políticos, deputados, senadores, escritores, jornalistas na residência do deputado Josué de Castro, as 22 horas.” *In*: Muita gente assás importante para ver um filme nordestino. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de junho de 1959, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>464</sup> Entrevista com Josué de Castro. A fome, grande descoberta do século XX. [texto datilografado sem data]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 127.

<sup>465</sup> Correspondência de Pedro Borges, Coordenador da II Comissão para VII Conferência da FAO. Estudo sobre condições da situação alimentar no Nordeste [s. d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 286.

<sup>466</sup> Assaltam os flagelados uma prefeitura no Ceará. *Diário de Notícias*, 23 de março de 1951, p. 09. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

Assim como o retrato das mazelas vividas pela população, os gestos de compaixão também eram noticiados: “Doaram um dia de soldo – solidariedade dos oficiais, sargentos e praças do 5.R.C. aos flagelados”.<sup>467</sup> Quando a imprensa se impressionava e expunha ao espectador uma nova seca no Nordeste, desencadeava-se uma nova onda de sensibilização no *espaço público letrado*: muitos se comoviam e procuravam ajudar, num grande impulso de solidariedade. Arrecadava-se dinheiro, mobilizavam-se socorros e promoviam-se festas beneficentes, enquanto o governo decretava providências urgentes.

Entre as notícias veiculadas na imprensa sobre essa crise, havia menções à Hospedaria Getúlio Vargas, montada em 1943 no bairro de São Gerardo, em Fortaleza, a princípio para abrigar até 1.200 retirantes que seriam encaminhados à Amazônia. Em 1958 a hospedaria chegou a abrigar 14 mil pessoas que não necessariamente iriam para a região Norte.<sup>468</sup> Entre janeiro e junho de 1958, das 23.300 que passaram por essa hospedaria, 517 morreram ali devido à combinação de superlotação, doenças e fome.<sup>469</sup> Muitas crianças morriam dentro da hospedaria por não ter o que comer, e diversos eram os relatos sobre as péssimas condições do local:<sup>470</sup>

Da Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, saíram cerca de dez mil flagelados mandados pelo INIC [Instituto Nacional de Imigração e Colonização] para as terras amazonenses, que tem sido o cemitério de milhares de nordestinos desamparados, que ali chegam sem forças para a luta árdua com a selva. [...] Parece até que eles foram retirados de Fortaleza para não sucumbirem à vista de toda a gente, sendo preferível que sucumbam, perdidos, anônimos, na imensidão das selvas. Assim não haverá testemunho para que se diga que no Brasil morre gente de fome, coisas que

---

<sup>467</sup> Consumida pela fome e pela seca toda uma população sertaneja. *Diário de Notícias*, 6 de março de 1953, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>468</sup> MONTEIRO, Renata Felipe. Deslocados da seca: o cotidiano dos flagelados na hospedaria Getúlio Vargas e a migração para diversas paragens (1943-1959). In: *Anais 30. Simpósio Nacional de História*, Recife: ANPUH, 2019.

<sup>469</sup> ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. *A miséria e os dias: história social da mendicância no Ceará*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 85.

<sup>470</sup> Relatos das péssimas condições da Hospedaria são abundantes, como: “a menina Marinete, de dois anos de idade, morreu de fome na Hospedaria Getúlio Vargas”. In: *Tribuna de Imprensa*, 23 de abril de 1953, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. “Ora, já não havia gêneros na Hospedaria para continuar alimentando os retirantes e o último almoço que lhes fora servido consistira apenas numa escassa ração de feijão. O recurso era ir mesmo a Palácio. Não pude impedir aquela marcha dos famintos.” In: *O Povo*, 31 de agosto de 1951, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. “em ambiente infecto e humilhante à condição humana; pés cruzando-se com cabeça na hora de dormir [...] crianças jazem como espectros visitados pelas moscas de morte, olhos cerrados porque a subnutrição não lhes dá o luxo de ver a luz do dia.” In: *Revelado relatório a Kubistchek sobre escândalos das secas. Jornal do Brasil*, 10 de fevereiro de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 709.

muitos potentados que deslizam no asfalto em custosos automóveis e banqueteiam-se fartamente, não acreditam.<sup>471</sup>

Na seca de 1957-1959, no mesmo período em que se construía Brasília, as discussões se repetiram. Muitos chamavam a atenção para o caráter emergencial e climático do fenômeno. Um relatório produzido pelo coronel Orlando Ramagem, então subchefe da Casa Militar da Presidência da República, enviado ao Nordeste em 1958 para inteirar-se do andamento dos serviços de combate às secas e do auxílio aos flagelados, apresentou ao presidente Juscelino o que se passava nas regiões afetadas:

Não sabemos porém, ficamos até em dúvida sôbre que mais nos estarreceu: se o quadro dantesco da região da seca, se a figura humilhante do flagelado ou se a miséria moral dos aproveitadores da desgraça alheia. [...] O FLAGELADO – Podemos cognominá-lo o pária brasileiro, por onde passamos encontrâmo-lo faminto, maltrapilho, esquelético, olhar triste em busca de auxílio que não vem. Já sem fé, porque sua única ambição é um pouco de farinha para matar a fome que lhe mina dia a dia o organismo e o mínimo de consideração que merece um ser humano. Não precisamos mais ler histórias da China ou da Índia para conhecermos o que é miséria, seu significado, sua extensão. [...] Explorado pela ganância insofreável de negociantes inescrupulosos, aviltado pelo político que lhe compra o voto, sem forças para resistir [...] Em todas as regiões onde o pagamento de flagelados é feito em gêneros, estes não lhes são entregues à base do salário de 40 cruzeiros, pois que o fornecedor, segundo declarações gerais, retira inicialmente 20 por cento para o pagamento de juros do capital que toma emprestado e de diversos impostos, pertinentes a operações do comércio. Essa é a regra geral. E, se considerarmos que os gêneros são vendidos pelos comerciantes a preços exorbitantes podemos sentir nitidamente o sofrimento do flagelado que paga com seu salário o lucro do intermediário, do fornecedor, do agiota ou do banco que empresta dinheiro, os impostos, enfim, tudo. Vê assim, seu já minguado salário reduzir-se, vezes há, a sua metade ou a um terço.<sup>472</sup>

A visão de que a fome deveria ser tratada enquanto um problema para além da crise em curso, ou seja, enquanto um fenômeno estrutural, ganhava força. Os que defendiam a ideia da fome crônica chamavam a atenção para a ação espasmódica ao lidar com essa mazela. Rachel de Queiroz foi uma das pessoas que escreveram artigos a respeito. Para ela, não bastava a caridade:

As esmolas vão matar muita fome, os socorros prevenirão muitas desgraças. E as providências do governo, se executadas, virão demonstrar que ainda está certo dizer – antes tarde do que nunca. Contudo, creio que aqui, como na parte do país, ainda não se compreendeu bem o fenômeno que está acontecendo no Nordeste. Esta seca de 1953 não é como uma enchente, ou o maremoto que ataca as terras baixas da Europa Ocidental. A seca não aconteceu, a seca apenas continuou. A crise que atingimos agora, não é

---

<sup>471</sup> Crimes que não se punem no nordeste atormentado. *Diário de Notícias*, 11 de janeiro de 1959, p. 22. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>472</sup> Revelado relatório a Kubistchek sobre escândalos das secas. *Jornal do Brasil*, 10 de fevereiro de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 709.

propriamente uma crise material, desencadeada por um acontecimento enquadrado no tempo ou no espaço. A crise, o clímax, é mais propriamente um clímax psicológico. A novidade que sucedeu não é a falta de chuvas: o que sucedeu foi o desespero. O fim da paciência, o rebotar de todas as resistências. Talvez a fome esteja maior do que antes. Mas aquela gente já há três anos – seguidos – passa fome. Contudo, se houvesse chovido em janeiro ou fevereiro, eles apertariam mais um pouco a barriga, enganariam como pudessem a fome dos filhos – esperaríamos os três meses da colheita e não haveria este clamor de desastres que horroriza o país. [...] a desgraça do Nordeste não é uma catástrofe súbita, que possa se curar com as medidas de emergência. O Nordeste vem passando fome há anos [...] o carinho consola, a esmola ajuda, – mas caridade nenhuma resolverá o nosso problema, a nossa tísica. Vocês não desconfiavam da profundidade do nosso mal, porque afinal de contas tal como o moço magro, nós vivíamos, criávamos alguma coisa [...].<sup>473</sup>

Rachel enfatizava a fome enquanto um processo que era capturado pelo *espaço público letrado* apenas em seu ponto crítico, mas que permanecia para além desse momento.

Da mesma forma fazia Josué de Castro ao destacar a fome como um fenômeno perene:

[...] vive o nordeste brasileiro, na hora presente, um dos seus trágicos dramas de época de calamidades; o trágico drama da fome e da miséria que assolam periodicamente as populações sertanejas. Através da imprensa, do rádio e dos comentários de toda ordem, da tribuna desta Casa, tem sido projetado por todos os horizontes do País este trágico e melancólico drama nordestino. As cores negras com que ele é pintado têm impressionado sentimentalmente um povo como o nosso de tendência predominantemente sentimental. [...] não encará-lo apenas em seu aspecto restrito, em seu aspecto regional, em sua singularidade local, mas estudá-lo em sua correlação com o problema da carestia de vida e da crise econômica e social por que atravessa o país inteiro. [...] para que nos unamos no afã de obter, para o problema do Nordeste Brasileiro, soluções que não sejam apenas paliativas, que não sejam pura emergência, ditadas pelo sentimentalismo do drama calamitoso, mas que sejam soluções de base e profundidade, capazes de resolver ou, senão, de minorar as consequências periódicas, cataclísmicas e devastadoras das chamadas secas do Nordeste [...] O que notei, no momento, no Nordeste, foi um ano de seca relativa, não de seca intensa, mesmo porque não está abrangendo o Nordeste inteiro, mas partes dessa região.<sup>474</sup>

As declarações de Josué na Câmara fizeram a oposição reagir, com a requisição de um voto de protesto formal pela afirmação de Josué “de que não há propriamente seca no sertão, mas apenas um ano ruim”.<sup>475</sup>

---

<sup>473</sup> QUEIROZ, Rachel de. Não basta caridade. *Diário de Notícias*, 1º de março de 1953, p. 44. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>474</sup> CASTRO, Josué de. O problema das secas do Nordeste e o desequilíbrio econômico nacional. Discurso pronunciado na Câmara Federal no dia 11 de julho de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 705.

<sup>475</sup> “Nesta casa, colegas nossos, representantes da zona sertaneja, homens dignos, pronunciaram os mais veementes discursos, declarando que a seca era terrível. O Governador do Estado enviou emissários à zona do flagelo e estes voltaram impressionados com a situação desesperadora do sertanejo.” *In*: Requerimento nº 709 de 1956, Assembléia Legislativa. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 567.

O Nordeste congregava as crises de fome, que haviam se afastado de áreas como a Europa Ocidental, com a fome endêmica, objeto de atenção naquele momento. As estruturas sociais “feudais”, nos termos de Josué e seus pares, transformavam aquela área em “explosiva”. Foi nesses termos que o autor escreveu o texto “Nordeste, área problema”, prefácio do livro de Souza Barros, *O Nordeste*, e que o *Jornal do commercio* publicou em agosto de 1957.

Não me parece, nem justo nem produtivo que se ponha tanta ênfase em torno deste fenômeno da seca, porque há cousas muito piores do que a sêca no Nordeste: o latifundiarismo e o feudalismo agrário, por exemplo. A seca é um fenômeno transitório, mas o pauperismo do Nordeste é permanente. Não bastam, portanto, medidas transitórias de emergência contra a suposta seca: são necessárias medidas de profundidade, medidas estruturais que modifiquem realmente os alicerces econômicos da região nordestina.<sup>476</sup>

Identificar o Nordeste dessa forma não visava apenas a construção da sua imagem como antítese do *moderno* almejado. Era também um meio de obter recursos materiais e políticos para a solução dos problemas sociais elencados como causa da fome enquanto manifestação endêmica. Uma das demandas que Castro apresentou para lidar com as crises eram reservas alimentares para o Nordeste. Assim haveria a garantia de suprimento nos períodos prolongados de estiagem, e as secas não resultariam no trágico espetáculo das populações deslocadas em busca de refúgio contra a fome.<sup>477</sup> Mas era preciso mudar a estrutura social da região, e a reforma agrária passou a ser um dos seus principais assuntos.

O apelo de Josué somava-se a uma tendência de abordagens desenvolvimentistas como as do presidente Juscelino Kubitschek e de Celso Furtado. Esse autor argumentava que o Nordeste “constitui a mais extensa dentre as zonas de baixo desenvolvimento, ou mais agudamente subdesenvolvidas, de todo Hemisfério Ocidental.”<sup>478</sup> O presidente Juscelino procurou Furtado para lidar com a questão:

Houve a seca de 1958. Por causa dela, Juscelino me chamou, pois precisava fazer alguma coisa. Eu era diretor do BNDE [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico] naquele momento. Então disseram ao presidente que havia uma pessoa que entendia daquilo tudo e de

---

<sup>476</sup> CASTRO, Josué de. Nordeste, área problema. *Jornal do Commercio*, Recife, 4 de agosto de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

<sup>477</sup> Reservas alimentares para atacar a fome no Nordeste. *Jornal do Commercio*, Recife, 13 de julho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.

<sup>478</sup> FURTADO, Celso. *Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959. p. 20.

planejamento. [...] Disseram-lhe que eu poderia fazer um plano para o Nordeste.<sup>479</sup>

Assim, a grande repercussão da seca de 1958 fez com que movimentações acontecessem para a criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), que se transformou no Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno), e o conjunto de propostas denominada Operação Nordeste.

Josué de Castro encontrou Furtado para um debate no programa “Cartas na Mesa” da rádio nacional – *Operação Nordeste: dois nomes e duas opiniões*. Os principais pontos de divergência em relação à proposta de Furtado giravam em torno de atribuir “pobreza física” ao semiárido, da falta de ênfase na reforma agrária e do deslocamento das populações rurais. Segundo Castro, Furtado afirmou que a defasagem econômica da região teria como principal causa a “pobreza física”, sem, no entanto, frisar a estrutura agrária que seria, na visão de Castro, o principal entrave. Continuou dizendo que era discutível esse excesso populacional relativo que Furtado via na região, sendo portanto discutível também a solução de deslocamento populacional para outras áreas. Furtado reiterou os pressupostos do seu ponto de vista e, além disso, defendeu o deslocamento da fronteira agrícola do Nordeste.<sup>480</sup>

A diferença nas ênfases e nas soluções para os problemas do Nordeste não impediram a aproximação de Celso Furtado e Josué de Castro. Este felicitava o outro pela criação de um plano para a região: “Já era tempo de que o Nordeste passasse da fase das lamentações e das esmolas para uma fase de reivindicações coletivas à base dos direitos que a Constituição nos outorga”.<sup>481</sup> Em 1959, a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), resultado dessas articulações em torno do trabalho de Celso Furtado, também foi aplaudida por Castro.

A criação de SUDENE como órgão de promoção e coordenação do desenvolvimento do Nordeste constitui, sem nenhuma dúvida, um passo significativo na marcha contra o subdesenvolvimento e a fome no Nordeste brasileiro. Ao planejar e coordenar os investimentos públicos e privados na região, a SUDENE representa a primeira tentativa de dar disciplina e organicidade àquilo que até hoje se fez de maneira empírica, com um índice de rendimento extremamente baixo. Tenho a impressão de que por seu intermédio e através de uma estreita cooperação das iniciativas públicas e privadas, poderá o Nordeste sair do seu marasmo econômico e ir

---

<sup>479</sup> TAVARES, Maria da Conceição; ANDRADE, Manuel Corrêa de; PEREIRA, Raimundo Rodrigues. *Seca e poder*, entrevista com Celso Furtado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 61.

<sup>480</sup> FURTADO, Celso; CASTRO, Josué de. *Operação Nordeste: dois nomes e duas opiniões*. *O observador econômico e financeiro*. n. 278, abr. de 1959. p. 26-33.

<sup>481</sup> Entrevista feita com Josué de Castro [s. d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 76.

progressivamente clareando as negras manchas de fome que hoje representam a maioria dos seus grupos populacionais.<sup>482</sup>

Celso Furtado, figura central da SUDENE, participou do Conselho Técnico e Científico<sup>483</sup> da ASCOFAM, e Castro, por sua vez, apoiava as ações da SUDENE na Câmara. A ASCOFAM chegou a pedir cooperação com a SUDENE em projetos, como o *Plano de nutrição para o Nordeste*.<sup>484</sup> As ações previstas no plano englobavam, além do mapeamento já realizado pela associação, o aumento da produção, a industrialização, o enriquecimento alimentar e a educação alimentar.

A partir dos anos 1950 o *telos moderno* foi majoritariamente chamado de desenvolvido. Tratava-se de um modelo a partir do qual se determinava os estágios anteriores a ele, os modos imperfeitos de funcionamento de um país ou região. Era preciso acelerar os processos de desenvolvimento para atingir o ideal.

A distinção entre regiões do mundo “desenvolvidas” e “em desenvolvimento” [...] é uma distinção ampla entre dois grupos de países que estão, na verdade, em estágios diferentes de desenvolvimento, e que vão se desenvolver [...] a taxas diferentes. Não obstante, [...] a diferença no nível de desenvolvimento entre os mais desenvolvidos e os mais em desenvolvimento é tão gritante e tem tal implicação para o futuro, que requer que essa diferença seja reconhecida.<sup>485</sup>

Contudo, desenvolvimento não era um conceito definido, e sim uma visão para enquadrar programas rumo ao *moderno*, sendo associado a termos como melhoria, progresso, crescimento, evolução ou elevação dos padrões de vida. A economia e suas políticas foram elencadas como parte dos saberes que promoveriam essa elevação.<sup>486</sup> Josué, assim como outros intelectuais da época, adotou esse termo e passou a ligar fome com subdesenvolvimento:

O Brasil, como país subdesenvolvido, em fase de desenvolvimento autônomo e de acelerado processo de industrialização, não conseguiu ainda

---

<sup>482</sup> CASTRO, Josué de. O Nordeste brasileiro: problema regional e problema nacional. [s. d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 309.

<sup>483</sup> FAO e SUDENE juntas na luta contra a fome. *Jornal do Commercio*, Recife, 3 de agosto de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>484</sup> Plano de nutrição para o Nordeste. ASCOFAM. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 643.

<sup>485</sup> FAO. Forestry and Forest products Division. Wood: World trends and prospects, an international review of forestry and forest industries. *Unasylva*, v. 20, n. 1-2, p. 3-76, 1966. *Apud* BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2012. p. 137.

<sup>486</sup> “Em geral, o ‘desenvolvimento’ não foi precisamente definido ou conceituado.” *In*: ESCOBAR, Arturo. *Encountering development: the making and unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 04.



se libertar da fome e da subnutrição que durante séculos marcaram duramente a sua evolução social, entravando o seu progresso e o bem-estar social do seu povo.<sup>487</sup>

Em 1959, a FAO lançou a Campanha Mundial contra a Fome para os anos 1960-1965.<sup>488</sup> No Brasil ela foi encampada pelo Ministério das Relações Exteriores, que designou uma comissão com representantes de diversos órgãos.<sup>489</sup> Josué participou ativamente da campanha da FAO em Roma e articulou para que o Nordeste fosse a área demonstrativa.

Com estas características encontramos poucas regiões no mundo tão propícias a uma experiência demonstrativa da luta contra a fome, como o Nordeste brasileiro: Zona densamente povoada, sofrendo de vários tipos de fome, socialmente explosiva pela consciência que tem suas populações das razões dos seus sofrimentos, com possibilidades no entanto de recuperação e dispondo de organismos técnicos, como a SUDENE e outros, equipados para por em marcha projetos de envergadura, devidamente planejados. Acrescenta-se a este conjunto de virtualidades para o caso, o fato de que já se iniciou no Nordeste, há alguns anos, um plano de luta contra a fome, organizado sob nossa inspiração através da ASCOFAM [...] informação e tomada de consciência do problema, da investigação e formulação de uma filosofia de ação realista e na execução de projetos capazes de acelerar as reações sociais indispensáveis à transformação da economia regional.<sup>490</sup>

Assim, conseguiu a verba de 30 milhões de dólares da FAO para o Nordeste, que foi designado como área piloto na luta contra a fome em 1962.<sup>491</sup> Josué trabalhava para apresentar o Nordeste como “uma área problema” que deveria ser também a área modelo de implementação de projetos da FAO. De acordo com Hernán Santa Cruz, a FAO selecionou o Nordeste brasileiro como uma área demonstrativa global de subdesenvolvimento,

---

<sup>487</sup> CASTRO, Josué de. Desenvolvimento Econômico e a fome no Brasil – VII. *Diário de Notícias*, 5 de março de 1961, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>488</sup> Essa campanha tinha três pontos de atuação: “o primeiro, poderemos chamá-lo de Atividades Informativas e Educacionais; o segundo, que se refere a matérias financeiras, de Levantamento de Recursos; e o terceiro, por fim, traduz-se nos chamados Projetos de Ação”. Os recursos não vinham da arrecadação permanente da FAO, mas de doações específicas para essa campanha. A ideia era que o Brasil doasse sacas excedentes de café para compor a campanha, mas encontrou dificuldade com o presidente do Instituto Brasileiro de Café (IBC). *In*: Campanha Mundial contra a Fome. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 333.

<sup>489</sup> São eles: Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Agricultura, Ministério da Educação e Cultura, Ministério da Saúde, Ministério da Indústria e Comércio, Banco do Brasil, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), Superintendência do Desenvolvimento Econômico do Nordeste (SUDENE), Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Serviço Social Rural, Conselho de Desenvolvimento de Pesca, Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, ASCOFAM, Confederação Nacional do Comércio, Confederação Nacional da Indústria, Confederação Rural Brasileira. *In*: Ministério das Relações Exteriores. Regulamento da Comissão Nacional da Campanha Mundial Contra a Fome. Acervo pessoal da autora.

<sup>490</sup> Discurso de Josué de Castro. O Nordeste brasileiro – área demonstrativa da campanha mundial contra a fome. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 251.

<sup>491</sup> Coluna Sociedade & Adjacências. *Última Hora*, 22 de dezembro de 1961, p. 13. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

reconhecendo a situação extremamente crítica da região, mas também levando em conta os esforços enormes dos brasileiros para “libertar as populações nordestinas dos flagelos da fome e do atraso”.<sup>492</sup> Desse acordo resultou o projeto Tracunhaém, um distrito de Nazaré da Mata, em Pernambuco. O local foi eleito como comunidade representativa para uma experiência de desenvolvimento comunitário “a fim de libertá-la do subdesenvolvimento acentuado que mantém sua população num regime de fome crônica ou de subnutrição.”<sup>493</sup> O projeto consistia em um: (i) enquête preliminar para o diagnóstico; (ii) análise das alternativas de ação, entre elas a correção das práticas alimentares e sanitárias, melhora da produção agrícola, expansão dos empregos e implementação técnica; (iii) por fim, as recomendações, com planejamento e cronograma.<sup>494</sup>

Criar um projeto piloto era estratégico porque mobilizava a opinião pública, ponto central da atuação da ASCOFAM.<sup>495</sup> Para intensificar esse propósito de publicização da fome e o papel que a ASCOFAM ocupava nele, Josué também passou a participar<sup>496</sup> e elaborar programas de rádio e de televisão, principalmente na região Nordeste.<sup>497</sup> Foi com esse propósito que Josué e Jamesson Ferreira Lima criaram o programa “ASCOFAM a serviço do Nordeste” no Canal 02.<sup>498</sup> Cada episódio tinha um conteúdo diferente. Um foi sobre “o valor

---

<sup>492</sup> Pobreza modelo. *Jornal do Brasil*, 9 de fevereiro de 1962, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>493</sup> CASTRO, Josué de. O Nordeste do Brasil e a Campanha Mundial contra a Fome – Projeto Tracunhaém. In: ANDRADE, Manuel Correia de (et al.). *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 133.

<sup>494</sup> *Ibidem*, p. 146-148.

<sup>495</sup> “[...] em certos casos, uma ação piloto pode e deve ser realizada, com o objetivo de galvanizar a opinião pública por meio dos resultados capazes de move-la. É o caso dos programas de fortificação da farinha de mandioca que vem sendo realizados no Nordeste do Brasil.” In: Carta de Josué de Castro a Odile Roulet [ASCOFAM Suíça]. 3 de setembro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>496</sup> Josué de Castro no “Preto no Branco”. *Tribuna da Imprensa*, 22 de fevereiro de 1961. p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>497</sup> “Preocupado pelo destino do programa de televisão, do qual depende, a meu ver, em grande parte, o futuro da ASCOFAM no Nordeste, apressei-me ao chegar, em preparar o material que lhe envio para o próximo programa de terça-feira. Dentro da ordem de idéias que aí expus, creio que o programa pode ser dividido em três partes: 1) A sua entrevista [de Jamesson Ferreira Lima] [...] 2) A projeção de um documentário sobre a fome [...] 3) Finalmente, o noticiário ASCOFAM que completará o programa. Desta forma torna-se mais variado e poderá captar melhor o interesse do público.” In: Carta de Josué de Castro a Jamesson Ferreira Lima. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

<sup>498</sup> Patrocinado por “Alimonda Irmãos”, “Sociedade de Moagens do Recife” e “Cia de Produtos Pillar”. In: Programa Ascofam no Canal 2: Jamesson-Bancowsky e Parahym. *Diário da Noite*, Recife, 30 de agosto de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

desses princípios nutritivos”.<sup>499</sup> Em outro, com participação especial Jameson e Orlando Parahym, os apresentadores falaram sobre as fomes aguda e crônica. Para demonstrar a fome crônica, mencionaram uma pesquisa em que foram coletadas amostras de 5.000 pacientes do Ambulatório Jarbas Maranhão, localizado em Santo Amaro, bairro do Recife. Em mais de 90% dos casos identificaram-se diversas deficiências nutricionais, com destaque para a falta de ferro e a deficiência de vitaminas A e B.<sup>500</sup>

Enquadrar o Nordeste dessa forma causava reação contrária. Uma matéria no *Diário carioca* publicou que o Nordeste estava “em ordem” e não em clima pré-revolucionário, como argumentavam alguns:

O governador Virgílio Távora falou para colocar a verdade nos seus devidos termos. São os Josué, os Jofili, os Furtado, os Julião, no campo social, e os “industriais da seca”, na área de negócios, que dramatizam a situação nordestina, servindo às suas ideologias e aos seus interesses econômicos.<sup>501</sup>

A embaixada brasileira em Washington também se pronunciou sobre os problemas do Nordeste que estavam aparecendo com frequência na imprensa estadunidense. Para isso, elaborou um livreto com os programas de desenvolvimento daquela região, no qual descrevia os trabalhos realizados pela SUDENE, pela Petrobras, pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) e pela Comissão do Rio São Francisco.<sup>502</sup>

Entre 1963 e 1964 Josué planejou um livro, intitulado *Nordeste, área explosiva*. Escreveu a Francisco Julião, líder do movimento Ligas Camponesas, pedindo material:

Estou escrevendo um livro, “Nordeste, área Explosiva”, e queria muito dispor do máximo material a respeito das Ligas Camponesas e de sua ação nesse movimento de libertação dos camponeses nordestinos. Peço que me envie tudo o que puder, seja por correio aéreo, seja por portador de confiança, seja entregando ao meu colaborador da ASCOFAM Ajax Pereira.<sup>503</sup>

Escreveu também ao filho Josué Fernando:

Estou fazendo esforço um tanto exagerado para terminar o livro sobre o Nordeste. [...] quero lhe dar dois encargos importantes: a. Procurar o

---

<sup>499</sup> Roteiro: “ASCOFAM a serviço do Nordeste”. 6. Programa de TV, 12 de setembro de 1961. ASCOFAM. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 643.

<sup>500</sup> Roteiro: “ASCOFAM a serviço do Nordeste”. 2. Programa de TV, 29 de agosto de 1961. ASCOFAM. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 643.

<sup>501</sup> A verdade sobre o Nordeste. *Diário Carioca*, 15 de dezembro de 1962. p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>502</sup> Brazilian Embassy Washigton. The Brazilian Northeast: problems and protects. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 600.

<sup>503</sup> Carta de Josué de Castro a Francisco Julião. Genebra, 04 de janeiro de 1964. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 573.

Pompeu Acioly Borges e consultar-lhe se lhe convém ou não em face da atual situação que eu associe o seu nome ao livro que será publicado nos Estados Unidos e no qual utilizarei materiais por ele elaborados. A minha idéia é pôr numa explicação inicial que este livro foi escrito com a colaboração do Sr. Pompeu..... Caso não lhe convenha, transformarei este material sem referência ao seu nome; b) A outra consulta seria ao escritor Alberto Passos Guimarães, que não conheço mas que escreveu, a meu ver, um livro excelente sob o título “Quatro séculos de Latifúndio”. Neste caso seria necessário o seguinte: 1) apurar quem é o autor, a sua posição política, a sua atual situação diante da política do golpe; 2) conforme você julgue o assunto consultá-lo se ele concordaria que fossem utilizados no meu livro uma parte do seu onde ele trata das origens da pré-história e da história da propriedade no Brasil. O seu nome figuraria de forma idêntica ao do Pompeu Accioly, como um colaborador do livro e receberia ele uma parte dos direitos autorais a combinar. Entre 1/3 ou 1/4 destes direitos, dependendo do material utilizado.<sup>504</sup>

O golpe militar acabara de acontecer e Josué era um exilado político em Paris, por isso a preocupação em mencionar ou não os nomes. A edição saiu em 1966 com o nome *Death in the Northeast: poverty and revolution in the Northeast Brazil*.<sup>505</sup> No Brasil, saiu em 1969 com o título *Sete Palmos de Terra e um Caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva*.<sup>506</sup> No livro, agradecia “a colaboração do sociólogo brasileiro Alberto Passos Guimarães, a quem se deve a fundamentação dos capítulos dedicados ao estudo do feudalismo agrário brasileiro e sua evolução sociológica. Contou, também, com a cooperação de vários amigos e colegas do Nordeste [...]”.<sup>507</sup> Provavelmente pela conjuntura do golpe, Josué não citou Julião e Pompeu Acioly, os amigos do Nordeste. O livro pôde ser materializado pela colaboração dos outros autores, mas não temos informações se os direitos autorais foram divididos e em qual proporção. Tornou-se um ensaio sobre as estruturas “feudais” da região Nordeste, a história das Ligas Camponesas e a defesa da reforma agrária. Nele, Josué apontou para tamanho interesse dos Estados Unidos na região nos anos 1960, que chamou de “segunda descoberta”: “muitos foram os registros na imprensa norte-americana”.<sup>508</sup> Os estadunidenses estavam preocupados com o caráter revolucionário que crescia pressionado pela miséria. No contexto de acirramento da Guerra Fria, os pontos possíveis de influência comunista na América Latina

---

<sup>504</sup> Carta de Josué de Castro a Josué Fernando de Castro. Paris, 17 de junho de 1964. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 290.

<sup>505</sup> CASTRO, Josué de. *Death in the Northeast: Poverty and Revolution in the Northeast Brazil*. New York: Random House, 1966.

<sup>506</sup> CASTRO, Josué de. *Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

<sup>507</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>508</sup> *Ibidem*, p. 148.

se tornavam de cuidado especial para os estadunidenses. Por isso, identificar essa área como potencialmente revolucionária poderia fazer com que a atenção e projetos fossem atraídos para o Nordeste.

A proposta de Josué nesse livro, como homem de ação, era olhar para a região através de “um estudo de sociologia participante ou comprometida.”<sup>509</sup> Assim como evidenciou o autor, as representações do Nordeste pretendiam agir sobre aquela realidade social de determinada maneira – no que interessava a Josué e seus pares, aumentando o aporte de recursos fora dos momentos de crise e gerando reformas de base, como a agrária. Contribuía para que esse discurso tivesse efetividade não apenas o ato de enunciar, mas também o sujeito que enunciava. Josué, figura de prestígio naquele momento, a partir do seu discurso que se configurava como herético para alguns, mas respaldado por uma série de grupos e discussões em outros espaços, como a FAO, conseguia materializar alguns de seus objetivos.

### 3.4. Quem fala sobre a fome

A fome endêmica figurava entre as causas do “atraso” brasileiro. Para solucionar esse problema era preciso desenvolver o país, e quem formulava as prescrições necessárias para isso eram os técnicos, os especialistas como Josué de Castro. O reconhecimento de sua autoridade nesse assunto apareceu em uma entrevista publicada no *Diário de notícias*, na qual Castro analisava a conjuntura do país: “[t]rata-se, como se vê, de um técnico que, no analisar as condições de vida do povo, fornece o verdadeiro panorama da situação nacional.”<sup>510</sup>

O saber científico, portanto, era um pressuposto importante para os *enunciadores* que prescreviam soluções para a fome endêmica. Usado enquanto chancela de uma ideia ou de um *enunciador, ser científico* poderia, da mesma forma, ser um argumento utilizado em sua negativa para invalidar alguma autoridade constituída - *não ser científico*. Por exemplo, o físico Cesar Lattes (1924-2005), um dos desafetos de Josué, afirmou que “[e]nquanto no Brasil homens como Josué de Castro forem considerados cientistas e prestigiados pelas autoridades, acho difícil fazer-se pesquisa séria [...] Aponto [Josué de Castro] como exemplo

---

<sup>509</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>510</sup> Fixadas em erros acumulados as raízes da crise econômico-social brasileira. *Diário de Notícias*, 16 de março de 1955, p. 09. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

de charlatanismo científico, hoje, generalizado.”<sup>511</sup> Josué também referendava ou rechaçava ideias a partir do mesmo pressuposto. “A campanha não tem por isso base científica e vem sendo desmascarada pela intelectualidade honesta e progressista”.<sup>512</sup> Essa alegação tinha por objetivo colocar os portadores desse debate para fora do universo da excelência científica, portanto, do rol de sujeitos autorizados a opinar sobre determinado assunto. Josué e Lattes mobilizavam os mesmos critérios de autoridade na enunciação para rechaçar ideias, projetos e sujeitos.

Os encontros entre cientistas eram outra das muitas frentes de atuação da ASCOFAM em nome da luta contra a fome. A associação organizou, por exemplo, o Seminário de Endemias e Desnutrição no Nordeste com uma centena de médicos em Garanhuns, Pernambuco. As conclusões foram publicadas nos boletins da associação.<sup>513</sup> Também promoveu o Simpósio sobre Enriquecimento de Farinha, assunto que ganhou centralidade na execução de ações contra a fome da ASCOFAM,<sup>514</sup> e o I Congresso Mundial de Alimentação, que aconteceu em 1963, em Washington, tendo como palestrantes Josué de Castro e Dom Helder Câmara, com a participação de Celso Furtado, Pedro Borges, Clementino Fraga, Sousa Barros, Walter Santos, Dante Costa, Antonio Balbino, Rômulo de Almeida, entre outros.

O Congresso tem o duplo propósito de despertar no mundo uma consciência mais clara do drama da fome e da miséria que aflige mais da metade da população humana e da inadiável necessidade de mobilizar todos os recursos técnicos e materiais disponíveis para assegurar a alimentação adequada a todos os habitantes da terra [...].<sup>515</sup>

O jornal adversário *Tribuna da imprensa* publicou uma anedota sobre um congresso contra a fome:

Com um maltrapilho pedindo pão de minuto a minuto e diante do ministro da Educação, professor Pedro Calmon, Bispo D. Hélder Câmara e o

---

<sup>511</sup> Importantes declarações de Cesar Lattes á reportagem do ‘Diário’. *Diário de Pernambuco*, 22 de junho de 1955, p. 16. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>512</sup> CAMPOS, Domar. Demografia e Desespero. Coluna Do ponto-de-vista nacional. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1961, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>513</sup> ASCOFAM. *Como vem trabalhando a Ascofam no Brasil*. [s. d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 128.

<sup>514</sup> “A ASCOFAM, ao patrocinar o Simpósio sobre enriquecimento alimentar, visa, principalmente, a discutir métodos e processos capazes de mobilizar a opinião pública sobre as grandes vantagens em ingerir alimento enriquecido sem que isso importe em pagamento dos produtos por um preço proibitivo. Para o Nordeste, onde a farinha de mandioca é um alimento básico, o enriquecimento desse alimento constitui uma das maneiras mais eficazes de luta contra as carências de proteínas, vitaminas e certos minerais de que a população padece.” In: ASCOFAM. Simpósio sobre enriquecimento da farinha. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 52.

<sup>515</sup> I Congresso Mundial de Alimentação estudará o drama da fome no mundo. *Correio da Manhã*, 2 de junho de 1963, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

embaixador francês no Rio, Sr. Bernard Hardion, o Abade Pierre anunciou ontem, no auditório do Ministério, a explosão iminente da fome. [...] Continuando, disse: – O faminto não é feliz. (Nesse ponto, o maltrapilho gritou ‘apoiado’ e o ministro Pedro Calmon fez-lhe um gesto pedindo silêncio). Sua família – continuou o abade – também não é. (O maltrapilho repetiu o aplauso e dois funcionários, por ordem de Calmon, o retiraram do auditório).<sup>516</sup>

A anedota do jornal comandado por Carlos Lacerda trazia um ponto central dessa “descoberta da fome”,<sup>517</sup> como foi chamada por alguns: ela era enunciada pelos espectadores, que focalizavam uma representação específica do fenômeno. Em um dos eventos de que Josué de Castro participou no Canadá, havia 500 delegados para discutir pobreza e subdesenvolvimento. Grupos dos movimentos sociais da cidade de Montreal entraram no auditório para protestar contra a falta de representatividade dos pobres nessas discussões.

Nós protestamos pelo fato de que o número de trabalhadores participando dessa conferência é muito baixo. Nós somos mais de 50% da população e não somos nem 10% entre vocês. [...] Vocês deveriam discutir o problema da pobreza com participação real e não simbólica com quem consegue sobreviver apesar da pobreza e das injustiças da nossa sociedade.<sup>518</sup>

Aos que viviam apesar de sua pobreza era reservado um lugar específico, enquanto foco de análise pelos *enunciadores*. Em um panfleto da ASCOFAM europeia via-se a imagem de crianças, duas esqueléticas e uma mais encorpada, representando a crise de fome e a fome endêmica, e lia-se: “A A.S.C.O.F.A.M., para ajudar as pessoas a se alimentarem melhor, acha que elas devem ser ensinadas a complementar suas dietas e a produzir uma quantidade diária de alimentos em quantidade e variedade adequadas.” Uma das causas da fome era a ignorância. O folheto mencionava a aderência da associação à Campanha Mundial Contra a Fome e os membros da organização, como Josué de Castro e Padre Lebreton.<sup>519</sup>

---

<sup>516</sup> Fome pode levar mundo à explosão. *Tribuna da Imprensa*, 16 de julho de 1959, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>517</sup> TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

<sup>518</sup> Poverty appears in person at conference for the poor. *The Montreal Star*. 29 de maio de 1968. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 112.

<sup>519</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 673.

Imagem 9 – Folheto da ASCOFAM<sup>520</sup>



Em muitos casos, as entrevistas, os materiais de divulgação, como panfletos, os livros e os textos dos especialistas no assunto vinham acompanhados da imagem do famélico. Além disso, não era raro a foto de Josué de Castro, o cientista, aparecer ao lado das pessoas famintas, especialmente crianças, mas também mulheres e homens.

<sup>520</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 673.





A maioria dos que versavam sobre as definições de fome – se endêmica ou epidêmica – atribuía causas e soluções no *espaço público letrado* sem ter experienciado a fome. Aqueles que tinham voz nesse espaço, os cientistas, estavam na condição de observadores, falando sobre o sofrimento alheio. Apesar de os relatos centrados em algum indivíduo ou família terem ganhado espaço para gerar comoção, ainda assim os famintos se situavam nesse debate como uma massa sem rosto, através do seu sofrimento compartilhado.<sup>522</sup> Seu nome importava menos do que a descrição dos fatos. A análise cabia aos especialistas. A distância desse objeto era, portanto, preeminente no *espaço público letrado*. Isso evidencia a formação de um mundo social daqueles que estavam engajados e autorizados a discutir e prescrever sobre o fenômeno da fome dentro de um universo que não vivia a situação.

Josué, em dezembro de 1960, passou duas semanas em Pernambuco, precisamente no Recife e no interior, para debater e propor a recuperação do Nordeste baseado no que tinha visto em uma viagem a Israel.<sup>523</sup> Nessa ocasião, foi a uma tarde de autógrafos de uma

<sup>521</sup> Castro, Josué de. Livro negro della fame. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 529.

<sup>522</sup> BOLTANSKI, Luc. *Distant suffering...* Op. Cit.

<sup>523</sup> Recuperação do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, 15 de novembro de 1960, p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

escritora que publicava seu primeiro livro, *Quarto de despejo*: Carolina Maria de Jesus.<sup>524</sup> Castro, poucos dias após sua volta ao Rio de Janeiro, fez um pronunciamento no Congresso Nacional no qual felicitava

[...] uma nova literatura que surge no Brasil, de caráter social, analisando os problemas brasileiros, cujos autores não são nem sábios, nem eruditos, nem professores, nem literatos profissionais, mas representantes do povo, na autenticidade do conhecimento direto dos problemas brasileiros. Refiro-me ao livro que acaba de aparecer, de Carolina Maria de Jesus, cujo título, *Quarto de despejo*, mostra bem que trata da miséria reinante no país. [...] Presto homenagem a essa autora, a essa pobre mulher que viveu a fome e que sofreu a fome, não cerebralmente, como interpretação, mas que sofreu na sua própria carne a fome no seu estômago e não no seu cérebro.<sup>525</sup>

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, pequena cidade de Minas Gerais, em 1914. Era uma mulher negra descendente de escravizados. Coursou até o segundo ano primário e mudou-se para São Paulo em 1937, onde exerceu diversos trabalhos. Em uma das casas em que foi empregada doméstica, havia uma biblioteca grande à qual ela tinha acesso. Assim entrou em contato com diferentes gêneros literários, como poemas e ficção, interesse que havia sido despertado pelo seu avô. Em 1948 engravidou do primeiro filho, e o pai, um marinheiro português, não assumiu a criança. Perdendo o emprego por estar grávida, Carolina foi morar na favela. *Quarto de despejo*, seu diário, começa em 1955, quando já estava instalada na favela do Canindé,<sup>526</sup> às margens do rio Tietê, próximo a um depósito de lixo. Ali, com três filhos, ela catava recicláveis, profissão que possibilitava mais tempo para escrever e certa flexibilidade para cuidar das crianças.

Audálio Dantas, um repórter que cobria uma matéria sobre o parquinho perto da favela do Canindé, entrou em contato com os cadernos da autora e viu ali uma oportunidade editorial. Pouco tempo depois, publicou trechos do diário de Carolina no jornal *Folha da*

---

<sup>524</sup> Tarde de autógrafos de Carolina interrompeu trânsito na Imperatriz. *Diário de Pernambuco*, 15 de dezembro de 1960, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>525</sup> *Quarto de despejo*. Diário do Congresso Nacional, Seção I, de 26/11/1960, p. 8679-80. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Josué de Castro*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados, 2007. p. 39-40. (Perfis Parlamentares, n. 52).

<sup>526</sup> A favela do Canindé teve tempo curto na cidade, existindo entre 1948 e 1961. Ela surgiu por estímulo da própria prefeitura, que assentou ali 99 famílias desalojadas da ocupação de um terreno particular. Depois de algum tempo chegou a abrigar 300 famílias. In: BARONE, Ana Claudia Castilho. Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana. *Anais XVI Enanpur*. Belo Horizonte, 2015.

*noite*.<sup>527</sup> Audálio dizia que não estava “apresentando uma nova história [...] e sim uma revolução”.<sup>528</sup> Assim, *Quarto de despejo* foi publicado em 1960 com fragmentos dos diários de Carolina de Jesus. No livro, Carolina falava do seu cotidiano na favela, da vida com os filhos e do trabalho diário para conseguir alimento e itens necessários para a subsistência. A favela era relativamente nova em São Paulo e pouco conhecida dentro das discussões sobre a cidade. As reformas urbanas feitas nos anos 1940 fizeram com que os pobres saíssem das áreas centrais e dos cortiços.<sup>529</sup> Por isso, seu texto foi consumido como um produto que permitia às elites letradas conhecer essa forma de habitação que não tinha sido ainda apreendida por essa camada da sociedade, principalmente em São Paulo. Pela dificuldade de conseguir alimento, a fome não era fruto de uma calamidade, mas uma constante causada pela posição social de Carolina. “Deixei o leito as 4 horas. Eu não dormi porque deitei com fome. E quem deita com fome não dorme.”<sup>530</sup> Era essa a fome endêmica, que tinha protagonismo no debate público no começo dos anos 1960, assim como a pobreza e as discussões sobre as reformas de base.

A diferença de *Quarto de despejo* em relação aos outros livros publicados sobre o assunto era que a enunciação partia da personagem que havia vivido a experiência da fome. Como vimos, o sujeito da fome não tinha a autoridade para enunciar e aparecia no *espaço público letrado* majoritariamente a partir dos relatos trazidos pelos *enunciadores*. Essa era a revolução identificada por Audálio. “É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”, escreveu Carolina.<sup>531</sup> A escritora constituiu essa autoridade a partir do destaque que a fome e a pobreza tinham adquirido no *espaço público letrado*. Além disso, o gênero literário de *Quarto de despejo*, o diário, com a individualização dos relatos sobre fome havia se comprovado eficaz para a sensibilização ao problema. De fato, como previra Audálio, o livro foi um

---

<sup>527</sup> O livro *Quarto de despejo* não tinha sido a primeira empreitada de publicação da autora. Biografias mostram que ela havia levado seus poemas para jornais e que havia publicado um poema no jornal *Folha da Manhã* em 1941 entre outros textos. A diferença estava no jornalista Audálio Dantas, que foi o caminho para que ela conseguisse publicar seu primeiro livro. In: FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 177-187.

<sup>528</sup> RANGEL, Carlos. Após a glória, solidão e felicidade. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de junho, 1975. p. 08.

<sup>529</sup> O lugar era desprovido de estrutura, não tinha água encanada e apenas uma torneira supria os habitantes da favela. A fila da água aparecia com frequência no diário, se tornando também um dos cenários onde as pessoas se encontravam. Não havia esgoto e a energia era controlada por um homem que cobrava mensalmente pelos serviços.

<sup>530</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, [1960] 2014. p. 107.

<sup>531</sup> *Ibidem*, p. 26.

fenômeno editorial. No dia do lançamento, 600 pessoas compareceram à livraria Francisco Alves. O livro vendeu 10 mil cópias nos três primeiros dias e 90 mil cópias em seis meses, equiparando-se a autores como Jorge Amado. Foi o primeiro livro de uma autora negra traduzido, e essas traduções começaram a circular menos de um ano depois do lançamento nacional.<sup>532</sup>

Essa revolução, porém, foi também uma amarra que vinculou Carolina a um papel bem específico no *espaço público letrado*. Em outras palavras, o capital simbólico adquirido por ela era limitado àquele lugar onde a colocaram. Após a publicação de *Quarto de despejo*, ela se tornou a escritora favelada, com lenço na cabeça, retratada em um ambiente de muita miséria. Essa imagem prevalecia, tirando de cena muitas outras facetas da autora que também a constituíam.<sup>533</sup> Carolina foi chancelada no *espaço público letrado* com base na condição de autora favelada negra que viveu a fome. Ao mesmo tempo que esse lugar lhe conferiu sucesso, tornou-se o único em que ela era autorizada a enunciar.

Quando tentou se desfazer dessa imagem, não conseguiu. Exemplo disso foi o romance publicado como *Pedaços da fome*, em 1963, mas que ela tinha nomeado como *A felizarda*.<sup>534</sup> A fome não ocupava o centro da trama para justificar aquele título. Este foi então sugerido não pelo conteúdo, mas pelo lugar que Carolina ocupava no cenário literário – o de ser exótico, no sentido de externo mas também de excêntrico, a ser observado –, uma posição validada apenas a partir de temas como pobreza e fome<sup>535</sup>. O projeto que Carolina desenhou para si, o de sair desse lugar e escrever diversos gêneros literários, como poemas e ficção, não condizia com o de escritora favelada. Depois do sucesso, Carolina desabafou: “triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que

---

<sup>532</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sebe; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Bertolucci, 1994. p. 30.

<sup>533</sup> NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. *Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

<sup>534</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Pedaços da fome*. São Paulo: Aquila, 1963.

<sup>535</sup> FERNANDEZ, Rafaella Andréa. Edição crítico-genética de três narrativas carolinianas: o caráter proverbial nos cenários do devir-fome amarela. *Manuscritica*, Campinas, n. 32, 2017. p. 116-117. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177857>

pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora?”<sup>536</sup> A autora tinha se tornado o produto das discussões sobre as mazelas do Brasil.<sup>537</sup>

A pobreza cotidiana era notícia no Brasil e em diversos outros países.<sup>538</sup> Em 1961, o fotógrafo Gordon Parks, da revista estadunidense *Life*, visitou a América Latina para uma série de reportagens sobre as mazelas da população. O resultado da viagem está na matéria “O terrível inimigo: a pobreza” (*Fearful Foe: Poverty*), publicada em 16 de junho. O centro da reportagem era uma família moradora de uma favela no Rio de Janeiro, os Silva, composta por José, Nair e seus oito filhos. Parks, a exemplo de outros *enunciadores*, trazia empatia no relato falando que aquela família, “vista como indivíduos, evoca a compaixão humana”.<sup>539</sup> José era nordestino, “um refugiado do pobre nordeste do Brasil”,<sup>540</sup> que sofreu um acidente de trabalho e não pode mais exercer essa atividade. Quem cuidava dos irmãos era Flávio, o mais velho, um menino malnutrido e asmático de 12 anos:

[...] tomado pelas necessidades e queixas de seus irmãos e irmãs sempre com um pouco de fome, ele trava uma batalha perdida contra a selvageria e a desordem. A família tem três pratos. Ele lava estes, bem como os rostos das crianças mais novas. Cozinha o feijão preto e o arroz que compõem quase todas as refeições.<sup>541</sup>

A reportagem teve imensa repercussão, e os leitores, sensibilizados pela história, mandaram cartas com doações para a família. Com isso, os Silva compraram uma casa fora da favela, e organizou-se a ida de Flávio aos Estados Unidos para tratamento da asma. No dia 21 de julho, Flávio apareceu na capa da *Life* deitado em lençóis brancos e limpos com um bicho de pelúcia, sobre o título: “Resgate do Flávio: americanos trazem ele do Rio para se curar”<sup>542</sup>.

---

<sup>536</sup> LOYOLA, Ignacio. Estou cansada de tudo. *Última Hora*, 20 de março de 1961, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>537</sup> Com o sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina saiu da favela e comprou uma casa de alvenaria em Santana, também na zona norte de São Paulo. Depois que caiu no esquecimento, vendeu essa casa e comprou um pequeno sítio em Parelheiros, no extremo sul da cidade, na área rural. Terminou seus dias como fez em parte da infância, plantando e criando galinhas e porcos.

<sup>538</sup> Segundo Vernon, no mesmo período, na Inglaterra, surgiram diversos trabalhos que documentavam o cotidiano dos trabalhadores e sua luta para alimentar os filhos. Entre as obras havia também autobiografias. In: VERNON, James. *Hunger, a modern history*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Belknap Press, 2007. p. 261-267.

<sup>539</sup> “seen as individuals, evokes human compassion.” As reportagens estão disponíveis em: <https://ims.com.br/oposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/> Acesso em: 5 mar. 2023.

<sup>540</sup> “an refugee from dirtpoor northeast Brazil.” *Ibidem*.

<sup>541</sup> “assailed by the needs and complains os his sisters and brothers who are always a little hungry, he fights a losing battle against savagery and disorder. The family has three plates. He washes these as well as the faces of younger children. He cooks the black beans and rice which make up almost every meal.” *Ibidem*.

<sup>542</sup> “Flavio’s rescue: Americans bring him from Rio slam to be cured”. *Ibidem*.

A repercussão também foi grande no Brasil e muitos ficaram incomodados com o fato de uma revista estadunidense ter vindo procurar pobreza aqui. Foi então que a revista *O cruzeiro* mandou o fotógrafo brasileiro Henri Ballot a Manhattan para retratar a miséria nos Estados Unidos. Quando chegou, foi recebido no jornal *El diário de Nueva York*, voltado aos porto-riquenhos, e o secretário disse: “Então, veio buscar um Flávio em Nova York? Você teve uma boa ideia. Aqui encontrará coisas bem piores do que no Rio, em matéria de favela”. Henri Ballot passou a visitar casas em busca de histórias. Essa viagem virou a reportagem intitulada “O repórter Henri Ballot descobre em N. York novo recorde americano: miséria”, nos mesmos moldes da *Life*. Tão empenhados estavam em responder à revista estadunidense, que diagramaram a reportagem reproduzindo fotos da *Life* e, ao lado, as que encontraram no Harlem: “Favela sem samba e sem sol”. “Não podemos negar aqui a existência das favelas cariocas. Conhecemos o seu drama e o seu problema. Mas a miséria não é exclusividade nossa”. A família escolhida era formada por 16 pessoas, das quais a única que trabalhava ganhava 49 dólares por semana, sendo o aluguel 71 por mês. Assim, o dinheiro para alimentação era escasso. “No Bowery, na Rua Christie, um parque abandonado, as calçadas recobertas de lixo. Acha um pedaço de pão, que cheira e, em seguida, come”. Em outra casa, onde estava a família Gonzales, o repórter foi acompanhado de uma criança, que comentou: “eu gostaria tanto de morar lá em cima! [...] Me disseram que lá em cima, na casa dos anjos, tudo é bonito e a gente pode beber leite à vontade...”. Assim como a revista estadunidense tinha eleito Flávio como seu protagonista, *O cruzeiro* elegeu Ely-Samuel, um menino de 9 anos com aparência de 4: “Quase não sabe sorrir. [...] Sua magreza e sua apatia deixam crer que ele sofre de uma profunda anemia”.

A controvérsia rendeu editoriais no *New York Times*, na revista *Time* e em outros meios, alguns duvidando da reportagem feita pelo brasileiro e outras atestando a miséria e a fome. O mesmo aconteceu com a reportagem de Gordon Parks. Henri Ballot voltou à favela carioca afirmando que “criaram uma história irreal, onde não havia necessidade de farsa para apresentar miséria”.<sup>543</sup>

As propostas sobre modos de enunciação da fome no *espaço público letrado* eram forjadas por observadores externos ao fenômeno. As pesquisas científicas que balizavam a fome endêmica - carência polivitamínica - foram constituídas sobretudo na nascente nutrição.

---

<sup>543</sup> Edições d’*O Cruzeiro* de 7 de outubro a 18 de novembro de 1961, disponíveis em: <https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/> Acesso em: 5 mar. 2023.

Nesse sentido, observavam elementos específicos dos modos de se alimentar, enfatizando alguns aspectos e diminuindo outros. Uma das ausências nessas abordagens era o papel que cumpriam os laços sociais comunitários. Eles se enfraqueceram pela entrada da moral capitalista, como vimos nos capítulos anteriores,<sup>544</sup> mas os princípios norteadores *modernos* não solaparam de uma vez todas as práticas. Essa percepção se dá através do diário de Carolina Maria de Jesus. Vemos por seus relatos que as mulheres muitas vezes se apoiavam através de redes de reciprocidade, com a troca cotidiana de alimentos: “fui pedir um pouco de banha a dona Alice. Ela me deu a banha e arroz”.<sup>545</sup>

Esse é um tema tratado por Antonio Candido em *Parceiros do Rio Bonito*. Candido examinou na sua tese de doutorado o problema da subsistência entre os caipiras nos anos de 1947 e 1954. Ao descrever o que ele chamou de decomposição da vida caipira, salientou a sociabilidade nesse grupo, algo que deveria ser considerado em investigações econômicas.<sup>546</sup> Sua abordagem enfatizava a organização social comunitária para garantia de acesso ao alimento, demonstrando que a sociedade centrada no mercado foi entrando em um tipo de vida social fechado que era baseado na subsistência e no compartilhamento.<sup>547</sup> Pode-se perceber a manutenção de acordos sociais de compartilhamento dentro de um grupo estendido para além da família nuclear, mesmo que essa população estivesse pressionada por outra

---

<sup>544</sup> Uma pesquisa liderada por Klaas Woortman, feita entre 1975 e 1976, abordou hábitos alimentares em grupos de baixa renda em diversas regiões do Brasil e mostrou como as práticas estavam se transformando. “Cada vez mais, as populações rurais brasileiras se vêem alcançadas pela economia de mercado. Com isso, transformam-se as relações de produção e as formas de trabalho: o agregado é, praticamente, uma figura do passado. Transformado em parceiro, tende rapidamente a se tornar um proletário rural.” Para algumas comunidades, a mata cumpria uma função importante ao fornecer variedade de alimentos a partir da caça, da pesca e da coleta. Quando a mata virou mercadoria e propriedade, deixou de ser acessada pela pessoa rural, pelo campesinato. A trilogia casa, roçado e mata garantia a alimentação, parte da qual se dava em dinâmicas não monetárias de uma economia moral. O agricultor, vedado a outros meios de acesso ao alimento, passou a depender da mercadoria para se alimentar e da venda da sua força de trabalho. “Mais do que uma oposição entre o urbano e o rural, são diferentes modos de relacionamento para com o mercado, e as diferentes formas ou momentos históricos pelos quais o mercado atinge distintos grupos sociais, que determinam as condições de acesso ao alimento e as estratégias de subsistência alimentar, estas últimas compreensíveis nos termos de padrões de consumo globais.” O sistema monetário do mercado passou a conformar práticas de acesso ao alimento que não necessariamente eram mapeadas nas pesquisas formadas a partir da racionalidade europeia. In: WOORTMAN, Klas. Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda Relatório Final. Brasília: Editora da UnB, 1978. (Série Antropologia). p. 19-107.

<sup>545</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, [1960] 2014. p. 30.

<sup>546</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. [1964] 2010. p. 13.

<sup>547</sup> *Ibidem*, p. 59-69.

orientação do modo de vida.<sup>548</sup> A comunidade cumpria um papel importante, mas não era considerada, em boa parte, pelos estudos científicos que se fazia sobre o assunto.

Além disso, o significado da enunciação da palavra fome para os que viviam essa situação não era a ausência dos nutrientes essenciais para a manutenção da vida saudável: carência polivitamínica. Uma das categorias êmicas dessas populações para expressar o nível desejado de alimentação era *comer até matar a fome*:<sup>549</sup>

[...] ouvi há muitos anos que o seu maior desejo seria comer e fazer comer aos seus filhos e netos de tal maneira que se esquecessem do que era fome. No limiar da morte, o seu papel de mãe lhe parecia falhado na medida em que dera à luz tanta gente que não podia comer à vontade.<sup>550</sup>

Fome correspondia à incompletude de um desejo, à impossibilidade de estar saciado, como o menino que disse ao repórter que gostaria de ir ao céu, onde “tudo é bonito e a gente pode beber leite à vontade”<sup>551</sup>. Nesse sentido, diferia da linha de alimentação ideal dos cientistas que era montada por quantidade de proteínas, nutrientes e calorias.

... Na redação, eu fiquei emocionada. (...) O senhor Antonio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand [sic]. Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho.<sup>552</sup>

*Comer até matar a fome* falava de uma fome sentida pela ausência de alimentos em disponibilidade suficiente para dispensar o racionamento, o acesso àquilo que se desejava e não da régua fisiológica identificada pelos especialistas.<sup>553</sup> Essa discrepância é um sintoma da circunscrição do espaço social que estamos olhando nesta tese: dos *enunciadores do espaço público letrado*.

---

<sup>548</sup> Assim como registraram Elias e Scotson: “A imagem da pequena família nuclear auto-suficiente como arquétipo da família não se coadunava com as observações feitas [...]”. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders...* Op. Cit. p. 95.

<sup>549</sup> Essa expressão está em alguns livros de literatura, como *A Bagaceira*, e também foi ouvida pela autora a partir dos relatos de retirantes sertanejos que se deslocaram para São Paulo. In: AMÉRICO DE ALMEIDA, José. Op. Cit. Posição 2674 [e-book – kindle].

<sup>550</sup> CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 36.

<sup>551</sup> BALLOT, Henri. O repórter Henri Ballot descobre em N. York novo recorde americano: Miséria. *O Cruzeiro*, 07 de outubro de 1961. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/o-caso-flavio-o-cruzeiro-life-gordon-parks-henri-ballot/> Acesso em: 5 mar. 2023.

<sup>552</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo...* Op. Cit. p. 173.

<sup>553</sup> *Ibidem*, p. 80.



### 3.5. Os *enunciadores*

Josué e seus pares inseriram no debate público a fome enquanto fenômeno cotidiano e endêmico que afetava a maior parcela da população. Para isso, propuseram um alargamento do seu sentido para que englobasse também a ausência parcial de alimentos. Esse enquadramento partiu de uma definição do mínimo necessário para a subsistência. As balizas formadas na ciência, como calorias, estudos estatísticos, a ligação entre alimentação e renda e a centralidade da família nuclear serviram de bases para esse discurso. Nesses termos era manifestada a dimensão do problema com um estatuto científico, permitindo estabelecer como ele deveria ser enfrentado.

Ao longo deste capítulo, vimos que a individualização do sujeito em situação de fome como recurso narrativo para causar comoção se manteve. O que mudou foi o foco do *enunciador*. Se antes as histórias sobre a fome eram maioritariamente vinculadas à crise, após a Segunda Guerra Mundial a pobreza e a fome cotidiana ganharam protagonismo no *espaço público letrado* no Brasil. Os casos particulares relatados vinham para aproximar o leitor do assunto e causar comoção. Diante do sofrimento, algumas vezes havia o imperativo da ação, como vimos no caso do menino Flávio retratado pela revista *Life* ou das crises de fome, como a de 1958.

Os filmes e projetos de divulgação propostos por Castro através da ASCOFAM tinham como objetivo expandir os espaços de conhecimento e discussão da fome para além dos meios científicos e políticos. Divulgar a fome era estratégico para a aderência aos projetos que a combatiam. Mas a publicização da fome endêmica não necessariamente gerava comoção ou ações para combatê-la. As descrições e prescrições propostas por Castro e seus pares sobre a fome endêmica envolviam três tipos ideais de pessoas que nos ajudam a entender as aderências e resistências à proposta de sensibilização para o problema da fome que se desenhava no *espaço público letrado*: o *sujeito*, o *espectador* e o *enunciador*, que poderiam se subdividir em outras categorias.

O primeiro era o *sujeito* em situação de fome. Embora os relatos que se concentravam em indivíduos ou famílias tenham ganhado destaque na tentativa de gerar comoção, os famintos ainda eram vistos nesse debate pela mazela partilhada entre eles. Fossem números ou relatos, o nome e a opinião de cada indivíduo importava menos do que a descrição dos

fatos que viviam. Poucos eram os *sujeitos* que falavam nesse espaço, como Carolina Maria de Jesus.

Quanto ao *espectador*, pode-se referir, por exemplo, ao leitor de um jornal que noticiava a fome, mais distante dos relatos narrados. O *espectador* até poderia se sensibilizar com o sofrimento alheio, mas é preciso considerar que as denúncias conviviam com a indiferença e a negação do fenômeno, o que nos leva ao segundo tipo de *espectador*: o *negacionista*. Dessa postura vinha opiniões como a de que no país havia malandro e não fome. Por outro lado, o *espectador* poderia se sensibilizar com a situação a ponto de agir sobre ela, tornando-se um *espectador atuante*, como os trabalhadores que doaram um dia de seu salário para os flagelados da seca. Em torno da publicização da fome, havia mais um *espectador*. O *espectador ocular* era aquele que presenciava os fatos e depois poderia transmiti-los, como um jornalista.

O jornalista que relatava a fome, o *espectador ocular*, com o ato de narrar tornava-se um *enunciador*, pois propunha determinada apresentação e interpretação do que havia presenciado. Ainda assim, ele podia ser de dois tipos. O primeiro era aquele que apenas enunciava, normalmente se sensibilizando com os relatos que transmitia e usando expressões como “uma pobre mãe”. Também era *enunciador* o cientista que, por exemplo, divulgou uma pesquisa segundo a qual 60% da população mundial não chegavam a consumir 2.200 calorias. Mas ambos diferiam de um segundo tipo de *enunciador*: o *enunciador atuante*, aquele que não apenas propunha determinado discurso, mas também agia naquela realidade. Era o caso de Josué, um homem de ação. Ele criava políticas públicas, montou uma associação para lutar contra a fome e se dizia um “soldado da cruzada da luta contra a fome”.<sup>554</sup> Isso lhe conferia prestígio, porque partia da moral compartilhada segundo a qual era desejável agir quando se constatasse o sofrimento alheio.<sup>555</sup> Os *enunciadores*, seu universo de constituição e seus desdobramentos são os objetos centrais desta tese.

Ao mesmo tempo em que as denúncias da fome endêmica aumentavam, essas abordagens eram vistas também como redutoras de uma realidade que passava a ser circunscrita ao sofrimento, como em dois casos aqui tratados. Um era o de Carolina,

---

<sup>554</sup> Carta de Josué de Castro a Oswaldo Aranha. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

<sup>555</sup> Esses tipos ideais foram baseados na reflexão de Boltanski. O autor não os define dessa forma, mas a leitura do livro viabilizou a formulação aqui apresentada. Cf. BOLTANSKI, Luc. *Distant suffering: morality, media and politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 08.

vinculada a esse estatuto e autorizada apenas enquanto representante da fome e da pobreza. Outro era a disputa na expressão de uma ideia de Brasil, como o incômodo mostrado pelos meios de comunicação brasileiros com a reportagem da revista *Life*. Vale ressaltar ainda a acusação dos adversários de Josué de Castro e seus pares sobre evidenciar a fome (tanto do Brasil no exterior quanto do Nordeste no Brasil e no exterior). Essas disputas sobre o que deveria ser exibido carregavam implícitas moralidades e projetos políticos. Se fossem evidenciadas somente pessoas saudáveis, o futebol e Brasília, como defendiam os adversários de Josué, as demandas materiais e por espaço político seriam atendidas? Em que medida e como a miséria deveria ser exibida? Esse era o dilema do *enunciador*.<sup>556</sup>

Aqueles que desejavam desenvolver e *modernizar* o país, como Josué de Castro, acreditavam que valia a pena apontar os problemas sociais. Apesar de menos explícitos que os relatos centrados em pessoas ou famílias, as estatísticas e os dados de renda da população eram um recorte específico de uma realidade, assim como a definição de fome proposta pelos *enunciadores*. Uma definição que partia da ciência *moderna* que circulava em circuitos específicos: “na agenda da imprensa mundial, assembleias plenárias de congressos, discursos políticos e dos grandes encontros internacionais”.<sup>557</sup> Como um *enunciador atuante*, Josué evidenciava as ausências para propor projetos de desenvolvimento e angariar recursos materiais e simbólicos para a suas realizações. Já os que negavam o fenômeno, negavam-se também a atuar no fenômeno pois “ele não existia”. Partiam, portanto, da manutenção da ordem vigente e da estrutura social apresentada naquele momento.

As crises de fome não cessaram no Brasil. Em 1962, 1.300 flagelados invadiram a cidade de Limoeiro, em Pernambuco, para conseguir alimentos.<sup>558</sup> A cidade de Arcoverde, no mesmo estado, também se alarmou com a possibilidade de invasão:

[...] a situação do município é precária em matéria de abastecimento. O feijão está sendo vendido por preço exorbitante, cobrando-se por quilo até

---

<sup>556</sup> Essa formulação está baseada no livro de Luc Boltanski, *Distant Suffering*, que discorre sobre o dilema do espectador. Aqui consideramos que os agentes do *espaço público letrado*, além de espectadores do sofrimento alheio, eram também *enunciadores* das formulações sobre esse sofrimento. Nesse sentido, difere-se de outro espectador que assiste e não faz proposições públicas. No caso de Boltanski, o dilema é: “[e]m que condições o espetáculo do sofrimento que a mídia nos traz é moralmente aceitável?” In: BOLTANSKI, Luc. *Distant suffering... Op. Cit.* p. xv.

<sup>557</sup> CASTRO, Josué de. La lutte contre la faim et la conquête de la paix. 1963. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>558</sup> Mais de 1.300 flagelados invadiram Limoeiro ontem: grave situação. *Diário de Pernambuco*, 6 de maio de 1962, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

150 cruzeiros. A farinha, alimento (como o feijão) básico da classe pobre, também se adquire aqui por preço alarmante.<sup>559</sup>

Após o golpe militar de 1964, Alceu de Amoroso Lima na imprensa resumiu:

Há quase um século, em 1877, houve no Nordeste uma seca tão calamitosa que os próprios pássaros morriam, e até hoje se fala como de um flagelo apocalíptico. Desde então o drama se vem repetindo regularmente, até mesmo por ciclos de, mais ou menos, 11 anos. E uma parte importante de nossa história literária, e a literatura é o melhor reflexo da realidade social e humana de um povo, vem girando em torno desse fenômeno monstruoso. Quem não se lembra, em sua infância sulista, de ver passar no início do século, pelas ruas das grandes cidades, grupos segurando a Bandeira Nacional estendida, pedindo recursos para os “flagelados da seca do Nordeste”?<sup>560</sup>

As enunciações sobre as crises de fome passaram a conviver com um novo sentido para o termo, seu fenômeno endêmico. A realidade pode ser alterada através da representação não pelo simples ato da enunciação, como se a realidade derivasse dessa representação, mas pela possibilidade de atuação que se configura nessa realidade a partir de sua nova enunciação, como uma viabilização simbólica das práticas. Por isso, somente após a definição de fome endêmica e a identificação de suas causas pôde-se atuar e modificar um problema que não foi inaugurado nessa enunciação. Mas o enquadramento é o primeiro passo de um processo de alteração.

O que veremos a partir de agora é como as prescrições se tornaram práticas e foram implementadas. Primeiro, na formação de aparatos administrativos no Estado; depois, na gestão da fome endêmica e em políticas derivadas, proporcionadas por essa gestão. Por fim, analisaremos como esse novo enquadramento reverberou na vida de Josué de Castro.

---

<sup>559</sup> População de Arcoverde temeu assalto que não se realizou. *Diário de Pernambuco*, 6 de maio de 1962, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>560</sup> ATHAYDE, Tristão de [pseudônimo de Alceu Amoroso Lima]. Revelação ou confirmação. *Jornal do Brasil*, 9 de julho de 1970. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 28.

#### 4. A FOME ENDÊMICA COMO UM PROBLEMA DO ESTADO

*O afirmado hoje em dia é: sem comida, não é possível tranquilidade social e impossível se torna, portanto, um bom governo.*  
Otto Prazeres

A alimentação cotidiana e deficitária passaram a ser alvo das discussões científicas e trouxeram consigo atenção especial esses fenômenos nas propostas governamentais. Era preciso implantar a alimentação ideal, eliminar o que não condizia com os preceitos *modernos* e orientar para uma alimentação eficiente – consolidar, assim, uma tutela do faminto. O ideal era o modelo europeu universalizado.<sup>561</sup> Por esse ângulo, o *moderno* era urbano, industrial e racionalizado a partir dos padrões científicos europeus, entre eles, o da alimentação. Esse *telos* específico foi reivindicado sobretudo pelos grupos em ascensão, como as camadas urbanas das quais Josué de Castro fazia parte. Com o problema social da má alimentação, principalmente do trabalhador, na ordem do dia, era preciso resolvê-lo, ou, pelo menos, formar aparatos necessários para atuar nessa questão. O nome fome endêmica veio com força após 1946, mas as premissas desse enquadramento já mobilizavam ações antes desse período sob nomes como má alimentação ou subnutrição, como as que examinaremos.

Neste capítulo, vamos olhar para o adensamento das estruturas governamentais que respondiam à demanda pública – a “governamentalização” da gestão da alimentação deficitária.<sup>562</sup> E assim, entender como as discussões já analisadas e a conjuntura daquele momento permitiram e construíram políticas públicas nas décadas de 1930 e 1940, observando as políticas de Estado federais nas quais Josué de Castro se envolveu, principalmente durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Ou seja, vamos analisar a institucionalização pública dos espaços de solução para os problemas sociais, no caso a ausência parcial de alimentos, em um momento de expansão da intervenção do Estado nacional na gestão de diversas atividades no país, entre elas a alimentação.

---

<sup>561</sup> MITCHELL, Timothy. *Rule of experts: Egypt, techno-politics and modernity*. Los Angeles: University of California Press, 2002. p. 54.

<sup>562</sup> “O que há de importante para a nossa modernidade, isto é, para a nossa atualidade, não é portanto a estatização da sociedade, mas o que eu chamaria de ‘governamentalização’ do Estado.” In: FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, [1978] 2008. p. 145.

Apesar da imagem que se constituiu do Estado como um aparato à parte da sociedade, consideramos esse espaço como inerente às relações sociais, um lugar de lutas políticas e disputas pelo acesso a recursos materiais e simbólicos, mais uma ideia de *continuum* do que de oposição.<sup>563</sup> Na República Velha, o Estado era acessado particularmente pela oligarquia tradicional em uma relação em que os grupos políticos regionais tinham forte ingerência. A partir da Era Vargas, o aparato burocrático passou a contar cada vez mais com grupos emergentes, compostos por pessoas como Josué de Castro, que formavam e reforçavam “painéis burocráticos” das quais faziam parte e adensavam esse aparato administrativo como um lugar menos atrelado, em alguma medida, às negociações regionais.<sup>564</sup>

Olharemos ainda para a formulação de planos de ação governamental como processos que se propunham intervir na sociedade<sup>565</sup> para lidar com esse problema alçado a uma questão pública – a ausência parcial de alimentos. As políticas públicas, entendidas como as propostas de atuação feitas por pessoas autorizadas dentro do aparato administrativo estatal,<sup>566</sup> partiam da premissa de que a fome parcial era um problema a ser solucionado pelo governo, que assim passou a recrutar recursos, projetos e agentes. O volume de instituições formadas, como veremos, aponta a importância que o tema adquiriu, bem como as disputas em torno dele. Os projetos comprometidos com essa ideia de desenvolvimento foram se especializando cada vez mais, o que explica as divisões administrativas que estão aqui descritas. Era preciso aplicar o conhecimento adquirido aos problemas sociais<sup>567</sup> para que o paradigma da política pública como solução se solidificasse ao longo desse século.

Como vimos no capítulo anterior, havia uma separação entre os que viviam a fome e aqueles que elegiam os fatos sociais como problemas públicos que exigiam soluções na esfera estatal, que eram autorizados a falar publicamente sobre a fome. Por isso, os recursos e estratégias das pessoas em situação de fome ou as suas perspectivas sobre o problema, como

---

<sup>563</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado*: Cursos no Collège de France (1989-1992). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 70.

<sup>564</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 198.

<sup>565</sup> LIMA, Antonio Carlos de Souza. Apresentação. *Revista de Antropologia*, v. 55, n. 2, 2013. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2012.59295.

<sup>566</sup> BLANCO, Lis Furlani. *Dar forma à fome*: uma etnografia das políticas públicas de segurança alimentar na trajetória do Programa Fome Zero. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, 2022.

<sup>567</sup> CALHOUN, Craig. The idea of emergency: humanitarian action and global (dis)order. In: FASSIN, Didier; PANDOLFI, Mariella (org.). *Contemporary States of Emergency*. Cambridge, MA: Zone Books, 2010. p. 28.

motins, greves e soluções cotidianas de acesso ao alimento, não estavam, necessariamente, contemplados nas propostas de gestão da fome. Os intelectuais, cada vez mais especializados, foram recrutados pelo Estado para lidar com assuntos enquadrados como técnicos em suas respectivas áreas,<sup>568</sup> como Josué de Castro. O desenvolvimento de argumentos causais que justificavam a implementação dessas políticas era feito por esse grupo específico, mesmo quando estavam em disputa por tais relações causais e soluções. Os números e estatísticas da fome endêmica formulados pelos cientistas, como já vimos, formaram categorias legitimadoras das ações governamentais analisadas nesta tese. Esse era o espaço do qual Josué fazia parte e, através dele, vamos percorrer alguns aparatos específicos aos quais ele se engajou, mostrar como se formavam e quais eram as soluções propostas para lidar com esse problema.

Aqui não vamos fazer uma linha temporal das políticas públicas relacionadas à alimentação. Da mesma forma, não pretendemos dar conta de todas as incursões de Josué de Castro no Estado ou de todas as temáticas que defendeu. Para ambas as frentes, já encontramos trabalhos que desenvolvem tais abordagens.<sup>569</sup> Pretendemos olhar a institucionalização de um discurso sobre a alimentação e a fome no Brasil que primeiro se fez científico. Em outras palavras, perceber como, de diferentes maneiras, a ciência foi sendo incorporada pela gestão governamental federal e se tornando uma prática. Isso para depois, no próximo capítulo, olhar as operações dessas práticas em aparatos específicos. Josué de Castro vai chamar de “etapa de aplicação social”, momento “em que o Governo se associa aos técnicos para a solução do magno problema da alimentação popular”<sup>570</sup>.

#### **4.1. Gestão da crise e do abastecimento**

A validação do saber científico como o meio de resolver os problemas do Brasil se intensificou nas últimas décadas do século XIX. Segundo Nicolau Sevcenko, foi nesse período, acelerado na *Belle Époque*, que a ciência se tornou a mais importante fonte na qual

---

<sup>568</sup> MICELO, Sergio. *Op. Cit.*

<sup>569</sup> Sobre políticas públicas relacionadas à alimentação, ver: VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 18, n. 4, jul./ago. 2005, p. 439-457. Sobre trajetória e atuação política de Josué de Castro, ver: AMORIM, Helder Remigio de. “*Um pequeno pedaço do incomensurável*”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

<sup>570</sup> A Campanha da Nutrição no Brasil. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 75.

se poderia encontrar instrumentos para gerir o país, o espaço onde se reduzia a realidade a leis, interpretações e práticas governamentais. A ciência brasileira era a garantia de uma gestão eficiente para questões sociais.<sup>571</sup>

Assim, partia-se do princípio de que as discussões científicas em torno do alimento foram um dos propulsores da construção da fome enquanto um problema social, que passava a ser objeto de gestão do Estado.<sup>572</sup> Nesse momento, as respostas governamentais ao problema eram orientadas pela vinculação e entendimento da fome enquanto crise. Essa afirmação se comprova se olharmos quais eram as ações do Estado em torno da fome antes do período no qual Josué de Castro se engajou.

As propostas estatais para lidar com a fome no fim do século XIX, já amparadas pelo saber científico, focavam no domínio e controle da natureza como meio para alcançar o progresso. Por isso o objetivo das ações políticas derivadas desse pensamento não era a gestão das questões sociais, mas a adequação do ambiente à racionalidade científica. Para entender essa diferença, é preciso olhar como a alimentação e, em especial, como a falta dela era tratada. Se *fome* estava vinculada a uma noção de *crise* cuja solução passava pela adequação da natureza e das formas de produção, as políticas que tratavam de alimentação também reverberavam essa visão. Aqui citamos três exemplos.

O primeiro foi trazido por Maria Yedda Linhares, no livro *História do Abastecimento: uma problemática em Questão (1530-1918)*, em que a gestão da questão alimentar cotidiana existia e estava circunscrita a orientações sanitárias, fiscais e de produção. Como exemplo, podemos elencar a figura do almotacé, funcionário eleito pelas câmaras que tinha por função fixar pesos e medidas, taxar e, se fosse necessário, distribuir alimentos. O profissional lidava com a venda de alimentos podres, falsificados e que disseminavam doenças. Estava mais preocupado com a fiscalização da qualidade, logística e elementos vinculados ao alimento do que com condicionantes sociais que davam acesso a ele. Claro que a fiscalização do comércio e seus produtos continuou no século XX, mas criaram-se outras instâncias de administração pública para lidar com a fome a partir de uma nova perspectiva que surgiu.

O segundo exemplo era a forma de contenção dos problemas sociais ligados à alimentação que eram encarados como de abastecimento e enunciado pelo termo carestia.

---

<sup>571</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 85.

<sup>572</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado... Op. Cit.* p 59.



Como a autora mostrou, a gestão da crise de abastecimento se fazia com leis que exigiam determinadas áreas de plantação de alimentos consumidos pela população, como mandioca, para atender à demanda interna.<sup>573</sup> Em 1918, o Estado criou a primeira agência especializada em abastecimento, o Comissariado de Alimentação Pública, para responder aos movimentos sociais contra a carestia que se intensificaram em 1917. Criar um órgão focado em abastecimento indica o entendimento que se tinha da questão. A fome era encarada como um problema de produção e logística de alimentos. A função do Comissariado era controlar estoques e tabelas de preços quando fosse possível, mas sofreu grande resistência na execução dessas políticas pelos grandes produtores.<sup>574</sup> Com os ânimos das revoltas por carestia acalmados, o Comissariado perdeu força e foi substituído em 1920 pela Superintendência do Abastecimento, que passou a ser um órgão de fomento às classes produtoras.<sup>575</sup>

Como terceiro e último exemplo, temos as crises climáticas, particularmente as secas no semiárido, que já aconteciam durante o período colonial, mas que começaram a ser alvo de atenção estatal principalmente no período do presidente Rodrigues Alves (1902-1906), quando as campanhas de erradicação de febre amarela fizeram emergir tentativas de controle e erradicação também de outras moléstias. Os episódios de secas intensas eram o principal gatilho do uso do termo fome na imprensa nas primeiras décadas do século XX. Tentativas pontuais de atuação estatal para sua contenção se mostraram insuficientes e foi preciso criar uma agência permanente. Assim, criou-se, em 1909, um órgão vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspetoria de Obras contra as Secas que, em 1919, teve o nome alterado para Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e, em 1945, recebeu o nome de Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Na sua primeira formação, em 1909, era composto por uma equipe de engenheiros, botânicos, agrônomos, pedologistas, geólogos e hidrólogos.<sup>576</sup> Contava também com técnicos estrangeiros que compunham o primeiro estudo sistemático da região do semiárido.

---

<sup>573</sup> LINHARES, Maria Yedda. *História do Abastecimento: uma problemática em Questão (1530-1918)*. Brasília: BINAGRI, 1979. p. 84-85.

<sup>574</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Comer e aprender: uma história da alimentação escolar no Brasil*. Belo Horizonte: MEC, 1982. p. 170.

<sup>575</sup> LINHARES, Maria Yedda; Silva, Francisco Carlos Teixeira da. *História Política do Abastecimento (1918-1974)*. Brasília: BINAGRI, 1979. p. 51-52.

<sup>576</sup> ABREU, Alzira Alves. Departamento nacional de obras contra as secas. *Verbete CPDOC*, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-as-secas-dnocs> Acesso em: 24 ago. 2021.

Concentrando-se em aspectos físicos, tinham como propostas sobretudo soluções que eram de infraestrutura hidrológica, agrícola e de transporte. A ênfase era em questões tecnológicas e naturais do território, as relações sociais assim não eram levadas em consideração, ao contrário, as elites locais usavam as recomendações dos cientistas quando lhes interessavam, mas as afastavam quando entravam em contato com as contradições sociais da região.<sup>577</sup> Se a causa da fome era natural, como a seca, sua solução passava, entre outros, por projetos de irrigação e ferrovias para facilitar a circulação – projetos de infraestrutura.

É preciso enfatizar que a preponderância de uma forma de atuação não significa que fosse a única, mas a hegemônica. Nesse sentido, não há uma sequência cronológica de formas de pensar e agir sobre a alimentação e sua ausência, ou seja, não é porque a gestão das questões naturais para lidar com o problema era o principal caminho que encontrava o Estado, que não coexistiam outras visões distintas. Diferentes enfoques estavam colocados e foram mais ou menos desenvolvidos conforme a época, as ferramentas disponíveis para que fossem operacionalizados e os grupos que estavam dirigindo o Estado e que poderiam colocar em prática esta ou aquela visão do problema. É possível ver a coexistência de formas divergentes de tratar os problemas sociais que estavam em tensão e negociação constante. Os embates científicos em certa medida se faziam políticos também. Sem entrar no detalhamento desse período que é anterior à pesquisa, é importante localizar que, ao mesmo tempo em que havia uma orientação para lidar com as crises olhando para o domínio tecnológico dos fenômenos naturais e dos espaços, cresciam perspectivas que apontavam para os hábitos e a forma de organização da sociedade como elementos fundamentais do controle de epidemias e doenças.

Um exemplo é o movimento sanitário, do qual fazia parte Belisário Penna (1868-1939). Ele discursava sobre a necessidade de adequar os hábitos da população aos preceitos de higiene para a construção de uma nação saudável e próspera. Como Inspetor Sanitário do Rio de Janeiro, em 1916 instalou o primeiro posto de profilaxia rural do Brasil e em 1927, como chefe do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, organizou um centro de educação sanitária.<sup>578</sup> Foi por meio de suas incursões pelo Brasil e pelo sertão que Belisário Penna apontou a necessidade de melhorar as condições de vida das pessoas para

---

<sup>577</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortes, 2018. p. 179-181.

<sup>578</sup> SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Plano de Educação Higiênica de Belisário Penna. 1900-1930. *Dynamis*, Granada, v.32, n.1, 2012. DOI: <https://dx.doi.org/10.4321/S0211-95362012000100003>

que saíssem da marginalidade social e política.<sup>579</sup> É nessa tentativa de ingerência sobre os hábitos e modos de vida que se gestou o que mais tarde se transformou nas ferramentas de orientação para alimentação do trabalhador.<sup>580</sup>

## 4.2. Alimentação do trabalhador

As preocupações públicas voltadas para soluções de estrutura física e de abastecimento não eram o caminho de uma parcela dos cientistas para a crescente necessidade de inserir o país em parâmetros *modernos*. A nutrição que nasceu no laboratório, fez da população seu objeto e depois virou instrumento para a adequação dessa sociedade aos modelos industrializados e racionalizados da produção capitalista, passou a ser vista como uma via para a eficiência do trabalhador. Por isso, encontrava um campo fértil para se tornar prática governamental, principalmente a partir do governo de Getúlio Vargas, que buscava o desenvolvimento do país através da valorização do trabalho industrial e urbano.<sup>581</sup>

Vimos que, no período que vai do começo da década de 1930 até o fim da Segunda Guerra Mundial e a publicação do livro *Geografia da fome* de Josué de Castro, em 1946, o alargamento do uso do termo fome foi gestado e a análise da alimentação passou ser quantificada. Os preceitos criados pelos estudos da nova ciência, a nutrição, como o paradigma calórico e o paradigma vitamínico, forneceram a capacidade de medir a alimentação cotidiana com mais precisão e, com isso, se aprofundar também na análise de suas ausências. Boa parte dessas discussões se deram no âmbito da nutrição social, que ganhava adeptos na Europa e partia do princípio de que as condições materiais de existência da família, traduzida pela renda, eram elementos centrais e determinavam a capacidade de se alimentar. Esse olhar se voltava em especial para os centros urbanos e para uma economia monetarizada. A ligação entre renda e alimentação reverberou com intensidade nos trabalhos de Josué de Castro e outros nutrólogos.

Os estudos desses cientistas participaram da reivindicação da ausência parcial de alimentos como um problema público que deveria ser solucionado. Importante observar que,

---

<sup>579</sup> BUCKLEY, Eve Elizabeth. Drought in the *sertão* as a natural or social phenomenon: establishing the Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, 1909-1923. *Boletim do Museu do Pará Emílio Goeldi*, Belém, v. 5, n. 2, maio-ago. 2010. p. 379-398. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200011>

<sup>580</sup> FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.*

<sup>581</sup> GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

nesse momento, o direito ao alimento não era para todas as pessoas, era para os trabalhadores, particularmente para aqueles formalizados, uma parcela menor da população. A valorização do trabalho carregava em seu bojo o projeto de diminuição da pobreza. Era preciso diminuir a pobreza para que o país pudesse melhorar o desempenho e seguir para a modernidade pretendida como o futuro do Brasil.<sup>582</sup> Nessa perspectiva, era preciso viver para produzir e reproduzir outros trabalhadores e o oposto desse viver ou do “mínimo vital” necessário, nos termos de Dana Simmons, não era a morte, mas a improdutividade.<sup>583</sup> Para o exercício dessa produtividade eram necessárias condições materiais mínimas – roupas, habitação e, claro, alimentação. Nesse momento, a ideia de que deveríamos entrar na modernidade pelo trabalho teve ampla adesão dos grupos dirigentes. Além disso, havia a pressão dos movimentos populares para que melhores condições de vida fossem garantidas.

No processo de reorganização do Estado na Era Vargas estava também a nacionalização das políticas públicas, entre elas as de alimentação, como colocou o ministro Gustavo Capanema<sup>584</sup>: naquele momento, “todos os problemas são importantes e essenciais. Entretanto, se algum devesse ser apontado em primeiro lugar, esse certamente seria o da alimentação. O governo, dentro dos limites de suas possibilidades, obrigará determinados núcleos sociais a comer bem”<sup>585</sup>.

Ao legislar sobre a alimentação e as relações de trabalho, o Estado tentava acomodar as tensões e propostas dos grupos em questão, como trabalhadores, sindicatos e proprietários. Além da mediação na relação trabalhista, o Estado abriu um caminho de atuação direta através dos seus próprios programas. A sua atuação não era em torno do conceito de cidadão ou de direitos igualitários, mas dentro do espectro do trabalho, por onde a cidadania passou a ser exercida como uma recompensa pelo esforço.<sup>586</sup>

Exemplo dessa perspectiva foi a formulação do Salário Mínimo. Em 1938, foi criado o Decreto-Lei nº 399, de 30 de abril de 1938, que estabeleceu o que era chamado na época de

---

<sup>582</sup> TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 15.

<sup>583</sup> SIMMONS, Dana. *Vital Minimum*. Need, science, and politics in modern France. Chicago: The University of Chicago Press, 2015. p. 05.

<sup>584</sup> Gustavo Capanema foi ministro da Educação e Saúde do presidente Getúlio Vargas entre 1934 e 1945. Era um articulador de destaque no cenário político e cultural daquele momento, sendo um dos responsáveis pelo fechamento da Universidade do Distrito Federal e a criação da Universidade do Brasil.

<sup>585</sup> Política Nacional de Alimentação. *A Noite*, 3 de julho de 1940. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 349.

<sup>586</sup> TELLES, Vera da Silva. *Op. Cit.* p. 22-23.

ração essencial mínima, ou seja, o mínimo que o trabalhador adulto deveria comer para ter uma alimentação em qualidade e quantidade suficientes.<sup>587</sup> Disso derivou a criação do Salário Mínimo, através Decreto-Lei nº 2.162, de 1º de maio de 1940, baseado, em alguma medida, nas pesquisas sobre alimentação das classes operárias que surgiram nesse período.<sup>588</sup> A alimentação diária que seria contemplada pelo salário precisava atender às necessidades mínimas do trabalhador, que, na época, estava estabelecida em torno de 3.400 calorias por dia. Em 1946, na Constituinte, passou-se a considerar que o salário deveria ser suficiente não apenas para o trabalhador, mas para sua família.<sup>589</sup>

Isso não quer dizer que a gestão das crises de fome cessou. Como o governo de Getúlio Vargas, que teve que lidar com uma grande seca em 1932 e a fome oriunda da intensificação dos problemas sociais que ela trouxe, como já foi abordado nesta tese. Entre as medidas para a contenção da crise de fome, pode-se elencar os campos de concentração para conter os refugiados ou a atuação do Comissariado de Alimentação Pública, que intervinha no preço, quantidade e contagem dos alimentos nas áreas afetadas pela seca, principalmente o Ceará.<sup>590</sup> As secas, como a de 1932 ou a de 1942, eram geridas pelo DNOCS. Essas áreas do Estado tinham o engajamento dos especialistas envolvidos no assunto, com destaque aos engenheiros<sup>591</sup> que configuravam um circuito específico de circulação no governo e engendravam disputas próprias. Nesse sentido, as dinâmicas envolvidas na gestão das crises não necessariamente estavam relacionadas aos aparatos burocráticos que estavam sendo gestados pelo entendimento da fome endêmica como problema social e dos quais participou Josué: formavam circuitos distintos que nem sempre se tocavam.

---

<sup>587</sup> Decreto-Lei nº 399, de 30 de abril de 1938. Disponível em: [<sup>588</sup> Decreto-Lei nº 2162, de 1 de maio de 1940. Disponível em: \[<sup>589</sup> De acordo com o documento: “salário mínimo capaz de satisfazer, conforme as condições de cada região, as necessidades normais do trabalhador e de sua família”. Disponível em: \\[<sup>590</sup> NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. Dossiê Estado e Controle Social, \\\*Revista Brasileira de História\\\*, v. 21, n. 40, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000100006>\\]\\(https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 05 fev. 2023.</a></p></div><div data-bbox=\\)\]\(https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2162-1-maio-1940-412194-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Institue%20o%20sal%C3%A1rio%20m%C3%ADnimo%20e,Com%C3%A9rcio%20em%20cumprimento%20dos%20arts. Acesso em: 05 fev. 2023.</a></p></div><div data-bbox=\)](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-399-30-abril-1938-348733-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=DO%20SAL%C3%81RIO%20M%C3%8DNIMO-,Art.,atribui%C3%A7%C3%B5es%20discriminadas%20no%20presente%20regulamento. Acesso em: 05 fev. 2023.</a></p></div><div data-bbox=)

<sup>591</sup> BUCKLEY, Eve. *Technocrats and the Politics of Drought and Development in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017.

Se fôssemos dar conta de todas as formas de gestão da fome pelo governo e seus desdobramentos, teríamos que dedicar uma tese inteira a esse tema. Por isso, o nosso percurso se dá pelos caminhos trilhados por Josué de Castro, fazendo, através dele, um recorte necessário. Ele é um guia privilegiado para entender essas intersecções entre ciência e política governamental, em razão de personificar esse trânsito em uma série de frentes em que atuou, não tendo, contudo, lidado tão enfaticamente com as contenções das crises de fome. Afirmou, até o fim da vida, ser contra as ajudas chamadas de assistencialistas que só mantinham os problemas. Suas ações para a distribuição direta de alimentos foram específicas, voltadas para leite em pó e farinha de mandioca no Nordeste, como veremos.

O investimento do Estado foi tamanho que gerou uma profusão de aparatos administrativos com essa finalidade, causando uma certa confusão de nomes. Mesmo se restringindo apenas aos órgãos em que Josué de Castro atuou, ainda assim é fácil se perder em nomes e siglas. Neste capítulo vamos tratar do nascimento de três: o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), o Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) e a Comissão Nacional de Alimentação (CNA).

#### **4.2.1. Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS)**

Foi nos aparatos estatais formados para a previdência que surgiram as primeiras agências da política de alimentação brasileira para o trabalhador,<sup>592</sup> incluindo a publicação de trabalhos dos cientistas que produziam sobre a temática, mapeados no segundo capítulo desta tese. Peregrino Júnior compilou, em 1941, 47 trabalhos sobre alimentação feitos nos cinco anos anteriores, sendo que onze deles tinham sido lançados no Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.<sup>593</sup> E foi através desse ministério que se formou o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS)<sup>594</sup>. O primeiro passo para o surgimento do SAPS seria a criação do Serviço Central de Alimentação (SCA) através do Instituto de

---

<sup>592</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 156.

<sup>593</sup> FAGUNDES JÚNIOR, João Peregrino da Rocha. *Alimentação: problema nacional*. Rio de Janeiro: Mauá, 1941.

<sup>594</sup> O serviço durou até 28 de fevereiro de 1967 e foi extinto através do decreto-lei nº 224, no governo Castello Branco. Cf. FOGAGNOLI, Marcela Martins. *“Almoçar bem é no SAPS!”: os trabalhadores e o Serviço de Alimentação da Previdência Social (1940-1950)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 14.

Aposentadorias e Pensões dos Industriários em 25 de outubro de 1939, pela portaria SCm163, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.<sup>595</sup> Este serviço tinha como objetivo orientar a alimentação dos trabalhadores para um modelo de racionalidade científica, visto que julgavam precária a forma como a população comia e isso interferia diretamente na economia nacional.<sup>596</sup> A mudança de SCA para o SAPS estava inscrita na ampliação do público, que não era mais apenas de industriários, passando a atender outros trabalhadores formais e suas famílias e estar diretamente ligado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio: “O trabalhador ocupa lugar de destaque, porque do seu esforço, da sua capacidade, do seu vigor físico, da sua saúde, depende o nosso futuro. Basta que ele saiba alimentar-se”<sup>597</sup>.

Josué de Castro ficou no comando do Serviço e foi criado um conselho consultivo com quatro membros. Quando mudou de nome para SAPS, Josué se manteve no mesmo posto. Enquanto ele foi designado como diretor, o conselho tinha como membros Helion Póvoa, Edson Cavalcanti, Ulhôa Cintra e Paulo Seabra, todos personagens de destaque na área nascente da nutrição, com intensa produção acadêmica. Destacava-se, ainda, Alexandre Moscoso, que ficou na presidência do conselho. Médico de São Paulo, ele também teve profícua participação nos aparatos governamentais, era um dos técnicos com mais prestígio na época e defendia sobretudo a educação alimentar para a classe trabalhadora.

Josué ascendia na burocracia estatal pelo crescimento do seu capital simbólico como um especialista no tema e pela proximidade que tinha com a família Vargas. Helion Póvoa, médico e nutricionista de destaque nesse período, disse que além de chefe, Castro era o maior inspirador na criação e estruturação do Serviço Central de Alimentação, o embrião do SAPS. No começo, o órgão responsável por gerenciar o serviço público, o Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), não concordou com a existência do conselho e o dissolveu. Mas como Helion Póvoa e Edson Cavalcanti também tinham uma relação próxima com Getúlio Vargas, conseguiram voltar com o conselho consultivo.

Com essas mudanças, Castro ficou com a diretoria do Setor de Nutrição, mas lá permaneceu por apenas um ano. Segundo Anna Maria de Castro, sua filha, o pai “não

---

<sup>595</sup> *Jornal do Commercio*, 09 de novembro de 1939, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>596</sup> Serviço central de alimentação. *Jornal do Commercio*, 27 de março de 1940. p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>597</sup> *Boletim do SAPS*, v. 2, n. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

suportou as mazelas do serviço público, especialmente no que se refere às intrigas e disputas internas”<sup>598</sup>, “se desinteressou e abandonou o projeto ao se indispor com membros da direção da autarquia”<sup>599</sup>. Mesmo não tendo durado muito tempo no SAPS, a imagem da importância que Castro teve para sua constituição ficou marcada nos relatos sobre esse órgão.<sup>600</sup>

As disputas internas de que falou a filha de Josué apareceram em debates públicos no período e denotam que o confronto era com Alexandre Moscoso. Em 26 de julho de 1940, Castro publicou n’*O jornal* um artigo em que atacou em um tom agressivo as obras de divulgação escritas por Moscoso. Sem citar o nome, ele disse:

Esses trabalhos [publicados recentemente] intitulam-se ‘Alimentação e Saúde’ e ‘Alimentação do Trabalhador’. Infelizmente, além da suposta boa intenção, nada mais resta ao seu autor para o desempenho da tarefa incumbida. Sem a menor inclinação para escriptor, os seus folhetos se apresentam num estylo confuso e obscuro, articulado em uma linguagem inacessível mesmo aos técnicos do assumpto. Escrevendo penosamente, sem conseguir exprimir um só pensamento de maneira inteiramente clara, os seus trabalhos, longe de serem livros de divulgação, estão a necessitar uma decifração prévia para que lhes entenda seu nebuloso sentido. A dificuldade do autor em se exprimir é tanta que, no auge do esforço, a phrase lhe sae em sentido opposto ao que elle queria dar. [...] Mas, se a clareza e a simplicidade são qualidades indispensaveis a quem se propõe a fazer obra de divulgação, não menos indispensável é o conhecimento absoluto e integral da materia a vulgarizar. Só dominando muito bem o assumpto é possível synthetiza-lo numa exposição accessível ao publico não especializado sem sacrificar os pontos básicos de sua estrutura scientifica. Infelizmente o nosso autor está longe de conhecer o assumpto, já não digo em profundeza mas ao menos regularmente.<sup>601</sup>

Castro passou então, no texto, a rebater uma série de argumentos dos títulos mencionados – *Alimentação e Saúde* e *Alimentação do Trabalhador*. Em resposta ao ataque de Josué, um artigo foi escrito e assinado institucionalmente enquanto Serviço de Propaganda e Educação Sanitária do Ministério da Educação (SPES), agência que havia publicado os trabalhos de Moscoso. Em 12 de setembro de 1940, o texto defendia o paulista do ataque no mesmo tom com o qual escreveu Josué de Castro. Começa desqualificando toda a exposição do pernambucano, que teria feito uma citação entre aspas inexistente no trabalho original.

---

<sup>598</sup> EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e Feijão, Discos e Livros: história e memória do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS (1940-1967)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2012. p. 30.

<sup>599</sup> *Ibidem*, p. 233.

<sup>600</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 195.

<sup>601</sup> CASTRO, Josué de. A sciencia popular da divulgação ou a falsa divulgação científica. *O Jornal*, 26 de julho de 1940, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.



“Caso típico de citação falsa. Tal pedra de toque tem tanto valor que, só por si, deveria alienar a confiança nas afirmativas do crítico, invalidar-lhe todo o longo esforço destruidor e dispensar o exame dos ataques restantes.”<sup>602</sup> A resposta ainda gerou um encarte de 13 páginas publicado em 1940 pelo serviço, como consta na nota sobre publicações recebidas d’*O jornal*.<sup>603</sup>

O tom da crítica de Castro sinaliza que havia outros possíveis fatores que compunham essa dinâmica entre os dois autores. Moscoso teve um papel de destaque na formulação do salário mínimo, sendo membro da comissão elaboradora do projeto de regulamentação da lei sobre o assunto. Além disso, Moscoso tornou-se, em 1939, diretor do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento Nacional de Saúde, órgão que publicou os livros referidos na crítica de Castro e que assinou a resposta no jornal. Ainda teria sido consultado por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, sobre a criação de um Instituto Nacional de Nutrição, sem contar a presidência do conselho do SAPS para a qual foi chamado.<sup>604</sup> Podemos notar então que, apesar de Castro ter dito que Moscoso “está longe de conhecer o assunto”, ele tinha um papel de protagonista nas discussões sobre alimentação no Brasil e nas ações governamentais a respeito desse assunto. Ruy Coutinho, outro nutrólogo de destaque da época, tinha uma opinião diferente de Josué sobre a obra, quando disse que “o Dr. Alexandre Moscoso publicou um longo e bem documentado estudo sobre a dieta brasileira, cheio de sugestões interessantes para a solução do problema”<sup>605</sup>. Essa controvérsia indica que os agentes que disputavam por cargos, recursos e prestígio com Josué eram os que estavam abordando o tema da alimentação cotidiana. As disputas por espaços institucionais se faziam argumentos científicos e nos revelam como as redes científicas e governamentais estavam conectadas pelos técnicos que circulavam e formavam esses lugares. Aqueles que tratavam das crises de fome, como os engenheiros do DNOCS, estavam em seus próprios circuitos de

---

<sup>602</sup> A ciência popular da divulgação ou a falsa divulgação científica. *O Jornal*, 12 de setembro de 1940, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>603</sup> Alimentação do trabalhador (resposta ao dr. Josué de Castro) do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária do Ministério da Educação e Saúde. *O Jornal*, 4 de maio de 1941, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>604</sup> SILVA, Nauber Gavski da. *O “mínimo” em disputa: Salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre (c. 1940 – c. 1968)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. p. 89-91.

<sup>605</sup> COUTINHO, Ruy. Monocultura e alimentação. *O Jornal*, 07 de julho de 1937, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

disputa. Os dois grupos divergiam na definição do conceito, suas causas e ações necessárias, mas, por estarem vinculados a aparatos diferentes, disputavam de forma mais distante ou indireta, seja por capital simbólico via imprensa, ou em outras situações que veremos mais adiante. Assim, percebemos que as disputas se davam de forma mais acirrada entre pares que atuavam na mesma temática, como a fome endêmica. Além de pares, tornavam-se também concorrentes diretos por cargos e verbas.

A criação e gestão do SAPS nos mostram também que não são apenas as ideias e propostas dos nutrólogos que entraram no Estado, mas eles próprios passaram a fazer parte da máquina pública de gestão da alimentação. Os problemas deveriam ser resolvidos por técnicos, sendo eles engenheiros ou nutrólogos, mais tarde nutricionistas. A solução para a fome endêmica era organizada assim através de programas de desenvolvimento tecnológico, promoção da saúde, iniciativas de alimentação direta ou educação, tudo dentro da conduta científica desses técnicos.<sup>606</sup> Dante Costa, que teve um importante papel no SAPS, disse que o serviço “apresenta o início de um grande passo no sentido de solucionar o grave problema da alimentação no Brasil. Começamos, agora, também nós uma verdadeira política da alimentação”<sup>607</sup>. O que se iniciava, porém, não era a política de alimentação, mas essa nova orientação para uma outra política de alimentação.

Como atribuições desse novo serviço estavam: pesquisar a composição dos alimentos; estabelecer alimentação mínima dos grupos sociais por idade e profissão; realizar inquéritos econômicos; investigar os fatores que determinam a alimentação; estabelecer elementos para a criação de restaurantes populares, de refeitórios e de serviços de distribuição de alimentos; divulgar princípios básicos de higiene e padrões dietéticos racionais; e formar um corpo técnico.<sup>608</sup> Antes de se tornar o SAPS, o Serviço criou um restaurante na Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro, e iniciou um curso de “Auxiliares de Alimentação”.

O Serviço tinha dois braços principais, um era formação de profissionais e pesquisas relacionadas ao tema e o outro era fornecimento de alimentos à classe trabalhadora e a fiscalização dos serviços de alimentação. Para dar acesso ao alimento a um preço menor, o SAPS tinha o que era chamado Postos de Subsistência. A proposta era comprar alimentos

---

<sup>606</sup> MITCHELL, Timothy. *Op. Cit.* p. 43.

<sup>607</sup> COSTA, Dante. *Alimentação e Progresso*. Rio de Janeiro: SAPS, 1951. p. 60.

<sup>608</sup> Portaria n. SCm 163 de 25 de outubro de 1939. *Apud.* COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 176.

essenciais para o trabalhador direto do produtor e revender com apenas 10% de acréscimo para cobrir os custos de transporte e administração. Para ter acesso era preciso ter ligação com algum sistema de previdência e fazer um cartão, garantindo exclusividade para a população trabalhadora formalizada e deixando à margem a maior parcela que não tinha esse tipo de vínculo. Ao todo, foram criados 14 postos na cidade do Rio de Janeiro, 6 em demais cidades deste estado e 19 em outros quatro estados brasileiros – 18 no Espírito Santo, 12 em Minas Gerais, 4 em São Paulo e 3 no Rio Grande do Sul.<sup>609</sup> Não deixa de chamar atenção o fato de que, formados para dar mais acesso ao alimento para as classes empobrecidas, os primeiros equipamentos foram abertos em Copacabana e na Gávea e todos se encontravam em estados do eixo Sul do país. O foco era o trabalhador urbano em um país que se industrializava. Josué de Castro, depois de eleito deputado federal por Pernambuco, articulou para que os serviços fossem abertos também em seu estado e apontava frequentemente para a desigualdade de aporte entre as regiões.

Com cinco anos de funcionamento, a autarquia chegou a ter 5 restaurantes próprios no Rio de Janeiro,<sup>610</sup> servir refeições transportadas para mais de 55 empresas e fiscalizar o funcionamento de 45 restaurantes em empresas ou órgãos públicos. Também havia um Setor de encaminhamento a Empregos, que fornecia refeições àqueles que estavam desempregados e procurando emprego, e o Auxílio Alimentar, que levava alimentos em caminhões do SAPS para as casas das famílias por um tempo determinado (não há indicação de quanto) para coibir a “prática do ócio”.<sup>611</sup> Por fim, o serviço também contava com um Consultório de Alimentação Econômica, onde o trabalhador dava dados sobre sua composição familiar e recebia uma orientação de quanto poderia comprar e quais alimentos deveria consumir.<sup>612</sup>

O restaurante central, da Praça da Bandeira, o primeiro a ser criado, abrigou diversas iniciativas que o SAPS capitaneou, como uma biblioteca popular cujo acervo diverso poderia ser acessado pelos trabalhadores, uma sala de música, sessões de cinema aos sábados, curso

---

<sup>609</sup> FOGAGNOLI, Marcela Martins. *Op. Cit.* p. 15.

<sup>610</sup> Um central, na Praça da Bandeira, e os outros na Imprensa Nacional, na União Nacional dos Estudantes, no Cais do Porto e em uma empresa privada. In: BARROS, Maria Sylvania Carvalho; TARTAGLIA, José Carlos. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alimentos e Nutrição*, Araraquara, v. 14, n. 1, 2003. p. 119.

<sup>611</sup> *Boletim do SAPS*, v. 1, n. 3. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>612</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 182.

de corte e costura para as filhas dos trabalhadores, aulas de alfabetização para os trabalhadores, um projeto de desjejum escolar, o já citado Consultório de Alimentação Econômica e o setor de encaminhamento a empregos e assistência social.<sup>613</sup>

O nome Consultório de Alimentação Econômica era também uma seção de um dos dois periódicos publicados pelo órgão: o *Boletim do SAPS* e o *SAPS: Boletim Mensal do Serviço de Alimentação da Previdência Social*. O primeiro era quinzenal e pequeno, que queria dar conta do funcionamento do Serviço. O segundo era maior e mensal, trazia artigos sobre alimentação ideal, informes e uma página com poesias e músicas dos frequentadores. O foco era orientar um público amplo, como a coluna *Para a mulher do lar*, depois rebatizada de *Para o lar do trabalhador*, com informes de como melhorar a alimentação da família. Os periódicos de divulgação e a biblioteca colocavam em prática a prescrição de que era preciso educar a população e dar acesso ao conhecimento científico da alimentação racional.

Na atuação como órgão de formação, o SAPS criou, além do curso de *Auxiliares de Alimentação*, cursos de *Voluntárias da Alimentação*, *Nutrólogos*, *Nutricionistas*, *Profissionais de sala, copa e cozinha* e *Visitadoras de Alimentação*. Josué deu aulas de fisiologia da Nutrição e boa parte dos outros nutrólogos envolvidos no projeto também deu aulas nesses cursos.<sup>614</sup> Para área de pesquisa, existia um laboratório e um biotério, além de uma escola-cozinha onde Dante Costa comandava as pesquisas. Segundo Coimbra, em 1945 o SAPS tinha 7 projetos experimentais já realizados e 24 trabalhos técnico-científicos. Os agentes do espaço científico, validado como o meio pelo qual se encontraria o caminho de desenvolvimento do Brasil, criavam equipamentos na administração para colocar em prática suas prescrições. E nessas práticas havia a noção de que era preciso um diálogo com a população alvo, com seus hábitos e modos de vida. A prescrição eurocêntrica não poderia ser diretamente transplantada sem considerar os hábitos locais. Uma das preocupações era fazer com que pratos típicos das cozinhas brasileiras fossem vistos como possíveis referências de alimentação ideal, a “descaracterização nociva da cozinha brasileira”<sup>615</sup>. Para a divulgação de trabalhos científicos foi criada, em 1950, a *Revista de Nutrição*, também sob comando de Dante Costa.

---

<sup>613</sup> FOGAGNOLI, Marcela Martins. *Op. Cit.* p. 06.

<sup>614</sup> *Jornal do Commercio*, 09 de março de 1946, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>615</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 182.

A partir do SAPS, começou a se formar uma rede para implementar projetos sobre nutrição e alimentação em parceria com os Estados Unidos, que com sua atenção para o bem-estar social evidenciava um esforço em orientar padrões de alimentação desse país. Criaram-se alguns acordos, entre eles um com a Universidade de Austin, em 1944, trazendo a professora e técnica em alimentação Ruth Leslie para fazer pesquisas referentes ao tema. Muitos pesquisadores ligados ao SAPS foram aos Estados Unidos financiados pela Fundação Rockefeller para fazer estágio e aprender novos métodos de pesquisa, como o então diretor, Edison Cavalcanti, e Clara Sambaquy, que foi ao *Home Economics Extension Service*, serviço destinado a ensinar às mulheres estadunidenses a preparar alimentos de forma racional.<sup>616</sup> Fundaram ainda a Comissão Brasileiro-Americana de Produção de Gêneros Alimentícios (CBA) após uma série de acordos entre os dois países, que atuava principalmente no Norte e Nordeste e visava o estímulo à produção agrícola através de treinamento ao trabalhador rural.<sup>617</sup> Após o estágio, o SAPS criou a Escola do Serviço de Visitação Alimentar em Fortaleza, Ceará, com a ajuda da CBA, para formar moças que pudessem atuar na tarefa de educar a população.<sup>618</sup> Distintas redes com os Estados Unidos foram se formando pelos aparatos criados no Estado, a depender das pessoas que estavam inseridas nelas.

O SAPS se tornou o maior serviço de alimentação em operação no Brasil, com grande dotação orçamentária e, por isso, um centro também de busca por prestígio. Percebe-se que havia disputas pelo papel de protagonista no debate sobre alimentação e sua orientação racional. Como já mencionado, uma delas era entre Moscoso, que já tinha construído um capital simbólico significativo representando o Brasil em reuniões internacionais, e Josué de Castro, em ascensão naquele período. Castro se sentia confiante o suficiente em sua posição nesse estágio da sua carreira para lançar uma controvérsia científica que era também política e uma disputa por prestígio. Essa postura se manteve em relação ao SAPS ao longo de sua carreira, causando, inclusive, a separação entre a equipe deste serviço e outra que se aglutinou em torno de Josué de Castro, o que veremos mais adiante.

---

<sup>616</sup> FOGAGNOLI, Marcela Martins. *Op. Cit.* p. 31-33. A cooperação técnica entre o SAPS e os Estados Unidos pode ser conferida em: SILVA, Claiton Marcio; ANDRADE, Rômulo de Paula. O SAPS e a cooperação técnica entre o Brasil e Estados Unidos (1945-1950). *Estudios Sociales del Estado*. v. 8, n. 16, 2022. p. 151-174. DOI: 10.35305/esse.v8i16.305

<sup>617</sup> MENDONÇA, Sonia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945- 1961). *Tempo, Revista do Departamento de História da UFF*, v. 15, n. 29, jul.-dez. 2010.

<sup>618</sup> FOGAGNOLI, Marcela Martins. *Op. Cit.* p. 34.

Em uma palestra proferida em um congresso médico sobre o pós-guerra, em 1945, Castro lamentou os rumos do SAPS, afirmando que ele tinha se afastado dos seus objetivos iniciais e passara a ser instrumento político de “exploração demagógica”<sup>619</sup>. O SAPS foi alvo de comentários negativos em vários momentos na trajetória pública de Josué. Enquanto deputado federal, na década de 1950, propôs a criação de uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito – para apurar irregularidades no serviço:

Infelizmente, porém, logo de início, o SAPS teve a má sorte de, através de desastrosas administrações sucessivas, cair no descrédito público, descrédito que continua até o momento, simbolizando o SAPS o centro, o núcleo de desregramentos e irregularidades administrativas tão escandalosas, que hoje propõe-se ao Parlamento a criação de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar essas irregularidades. [...] O SAPS se mantém em grande parte pela quota de previdência parcialmente tirada do salário dos trabalhadores. É um organismo que, portanto, deve fazer reverter essa quota no benefício das classes trabalhadoras, e, infelizmente, tenho absoluta convicção de que isso não vem sendo cumprido.<sup>620</sup>

Apesar das críticas, Josué estava frequentemente em torno desse serviço, afinal, era o de maior orçamento e maior extensão na área de alimentação. Por um breve momento ele voltou como chefe da Seção de Cursos, em 1946, dizendo que novos ventos o conduziam ao serviço.<sup>621</sup> Depois de eleito deputado federal, conforme foi aumentando seu capital simbólico, Josué indicava novos funcionários, como o delegado do SAPS em Pernambuco, Antônio Rêgo Villar,<sup>622</sup> ou articulava para a abertura do refeitório desse serviço para os trabalhadores do estado pernambucano.<sup>623</sup> Em 1957, uma propaganda do SAPS no jornal *Diário de Pernambuco* dizia que era preciso salientar o papel de protagonista de Josué de Castro e do coronel Benedito Arcanjo da Costa Lima na abertura de um posto de subsistência do município de Vitória de Santo Antão, “a fim de integrar Pernambuco como Estado líder do

---

<sup>619</sup> BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. Ação política e pensamento social em Josué de Castro. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 3, p. 401-420, set.-dez. 2009. p. 408.

<sup>620</sup> *Diário do Congresso Nacional*, Seção I, de 30 de abril de 1955, p. 2089.

<sup>621</sup> EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Op. Cit.* p. 233.

<sup>622</sup> *Diário de Pernambuco*, 26 de abril de 1956, p. 1. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>623</sup> “O delegado do SAPS em Pernambuco recebeu hoje, do deputado Josué de Castro, o seguinte telegrama: ‘Conseguí autorização formal do diretor geral dos Correios e Telégrafos para a instalação do restaurante popular do SAPS no Edifício dos Correios e Telégrafos desta capital. Propus entendimento com o diretor regional. Chegarei domingo pelo vôo 202 da Cruzeiro do Sul. Abraços.’ A propósito desse telegrama, o Sr. Antonio Villar, delegado do SAPS, encarregado de encaminhar as medidas necessárias à urgente instalação do refeitório que será denominado Restaurante Popular do Recife. O restaurante terá capacidade para 5 mil refeições, ao preço de 15 cruzeiros cada.” *In: Restaurante do SAPS nos correios. Diário de Pernambuco*, 2 de agosto de 1957, p. 03.

Norte, na resolução dos problemas da nutrição”<sup>624</sup>. No próximo capítulo veremos como isso se dava.

O SAPS demonstra a constituição de um espaço, no seio da burocracia do Estado, de definição da nutrição e das técnicas de administração do problema da fome endêmica. Esse termo não necessariamente era mobilizado por todos os atores que muitas vezes utilizavam subnutrição ou má nutrição para falar da alimentação deficitária cotidiana da população. Percebe-se, pela sua extensão e seus diversos segmentos formados, que o SAPS foi uma ferramenta importante para que o Estado pudesse atuar na alimentação do trabalhador em atividade e daqueles trabalhadores que viriam depois dele, a sua família. Josué, que fez parte do seu início mas não obteve o protagonismo que desejava, não deixou de reagir a esse crescimento do Serviço e da sua centralidade no aparelho estatal como o órgão de referência na área. Foi, a partir de outras redes, que surgiram aparatos burocráticos de incidência na alimentação da população e que passaram a concorrer por recursos materiais e simbólicos dos espaços institucionais de aplicação das prescrições do combate à fome endêmica no país.

#### **4.2.2. Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN)**

Vários aparatos governamentais foram criados para lidar com a alimentação da população após a década de 1930, frutos da importância que o tema obteve naquele momento, do crescimento no papel do Estado na gestão da vida cotidiana, das disputas pelo protagonismo na administração estatal e por capital simbólico associado à alimentação. As disputas também reforçavam a criação de outras frentes porque a não acomodação de parte dos especialistas em determinado instrumento formado fazia com que pressionassem para a criação de novos espaços nos quais pudessem se alocar.

Dessa forma, veremos outras instâncias que surgiram com objetos correlatos ao SAPS, envolvendo o mesmo grupo de profissionais, os nutrólogos, que foram se alocando nos serviços estatais conforme as diferentes redes de relações formadas fora e pela burocracia estatal. Essa semelhança entre os objetivos dos serviços e as formas de implementação reforça a ideia de que os órgãos eram criados não apenas pela necessidade de solucionar um problema

---

<sup>624</sup> SAPS. *Diário de Pernambuco*, 27 de outubro de 1957, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

ou implementar um projeto, mas também como resultado do capital social estabelecido pelos agentes envolvidos e pelos grupos em disputa.

Entre os novos órgãos, estava o Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) – criado pela Portaria nº. 5-42, de 19 de outubro de 1942, e extinto em 1945 – e subordinado à Coordenação da Mobilização Econômica do Governo Federal. Formulada no meio da Segunda Guerra Mundial, a proposta dessa Coordenação era dar informação técnica para a produção agrícola e para a indústria de alimentos no que se refere à eficiência da guerra.<sup>625</sup> A Coordenação da Mobilização Econômica era um ministério robusto ligado diretamente à presidência da República, organizado por causa da entrada do Brasil na guerra e que mobilizou uma parte expressiva do governo. Era chefiada por João Alberto Lins de Barros,<sup>626</sup> com quem Josué tinha estreita relação,<sup>627</sup> passando então a chefiar o novo serviço.

A portaria nº. 5-42 dizia que o STAN surgia da “[...] necessidade de que se estabeleça para todo o país um plano de economia alimentar cientificamente dirigido”.<sup>628</sup> Josué ficou a cargo de escrever a regulamentação, que foi aprovada em 1943. Formou-se uma Divisão Técnica que era organizada em “consultorias”: Política Econômica da Alimentação, Produção Agrícola e Indústrias Alimentares, Investigações Biológicas e Propaganda Alimentar e Organização Social. Havia também a Divisão Administrativa, que deveria ter uma regional de serviço em cada estado. A empreitada foi chamada por Joel Silveira de “guerra contra a fome” através dos “mistérios de uma nova ciência”.<sup>629</sup>

No geral, as atribuições eram bem parecidas com a do SAPS e, apesar de existir em função da guerra, o caminho para a eficiência alimentar era o mesmo. Agora, no comando de um serviço robusto, com recursos e submetido a um órgão ligado à presidência e em função da Segunda Guerra Mundial, Castro pôde reunir um grupo ao seu redor. As propostas eram: fazer pesquisa sobre as condições de vida; conhecer as necessidades nutritivas do brasileiro;

---

<sup>625</sup> BARROS, Maria Sylvia Carvalho; TARTAGLIA, José Carlos. *Op. Cit.* p. 119.

<sup>626</sup> João Alberto Lins de Barros, pernambucano, era militar, participou da Coluna Prestes e foi interventor de São Paulo em 1930 e 1931, permanecendo ligado a Getúlio Vargas.

<sup>627</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 204.

<sup>628</sup> Coordenação da Mobilização Econômica. *Serviço Técnico da Alimentação Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Perfecta, 1943. p. 01.

<sup>629</sup> Joel Silveira (1918-2007) foi um jornalista e escritor de destaque no período. Escreveu para a revista *Diretrizes*, *Diários Associados*, *Última Hora*, *O Estado de São Paulo*, *Manchete*, entre outros periódicos. In: SILVEIRA, Joel. *A Guerra Contra a Fome*. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, abril de 1943.



saber o valor nutricional dos alimentos consumidos no país; divulgar conhecimento sobre alimentação ideal e os problemas alimentares dos brasileiros em publicações, rádio e filmes; e orientar tecnicamente a produção, distribuição e consumo de alimentos.

Por existir em função da guerra, esse serviço, assim como a Coordenação da Mobilização Econômica, tinha ligação estreita com os Estados Unidos, aliado e principal país americano nesse conflito. Assim, Josué foi convidado por Nelson Rockefeller, coordenador estadunidense dos assuntos Inter-Americanos, para ficar um mês no país e se atualizar sobre o direcionamento dado às questões da alimentação.<sup>630</sup> Castro passou esse período nos Estados Unidos a serviço da STAN e estava interessado nos processos de transformação industrial dos alimentos, em especial a desidratação e a vitaminização.<sup>631</sup> Seu plano era montar indústrias no Norte, Nordeste e no Sul para que fosse possível alimentar as “distantes regiões do Brasil”, além de fornecer alimentos aos aliados na guerra.<sup>632</sup> Para isso, pediu que técnicos o acompanhassem na missão, em especial o bacteriologista estadunidense Harry Goresline, com o qual estava estreitando relações. Outros técnicos brasileiros seriam treinados nos centros de tecnologia estadunidenses e se preparariam para reproduzir essas formas de transformar o alimento no Brasil.

Era nesse último item, processamento dos alimentos, que residia uma novidade e, nesse sentido, o documento elaborado por Castro nos traz indícios da sua concepção de política alimentar naquele momento. Somadas às atribuições já descritas, entrava em cena um grupo de agentes que foi importante para a construção da política alimentar: as indústrias de alimentos. Segundo Coimbra, essa foi a primeira menção clara à indústria alimentar por uma agência de política de alimentação.<sup>633</sup> A consultoria técnica de produção agrícola e de indústrias alimentares pretendia “orientar tecnicamente a produção [...] de acordo com as necessidades da nutrição nacional”, fomentando o “controle racional da produção” e promovendo “estudos experimentais sobre alimentação em escala laboratorial e semi-

---

<sup>630</sup> Carta de Josué de Castro ao Senhor Coordenador [s.n.], 5 de maio de 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 391.

<sup>631</sup> Carta de Josué de Castro a Artur Hehl Neiva, 31 de maio de 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 288.

<sup>632</sup> Fábricas, no Brasil, de alimentos desidratados. *A noite*, 5 de agosto de 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 349.

<sup>633</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 203.

industrial”.<sup>634</sup> Para Josué, as indústrias seriam parceiras de projetos e financiamentos em diversos momentos, desde o patrocínio da publicação de seu livro *Fisiologia dos tabus*, pela Nestlé em 1938, até o exílio, quando pedia financiamento para sua associação, o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID). Além disso, a indústria alimentar tinha se tornado uma importante ferramenta da estratégia de guerra, com alimentos que podiam ser armazenados por mais tempo, como os enlatados, vitaminas em cápsulas e rações padronizadas. Essa ligação com a indústria estava em sintonia com os movimentos internacionais da época e era parte da entrada do país nos moldes modernos preconizados pela ciência, promovendo a vinda de técnicos estadunidenses para trabalhar em uma cooperação.

A viagem aos Estados Unidos também serviu para o mapeamento de equipamentos para a instalação do Instituto de Tecnologia Alimentar (ITA), fundado por iniciativa das indústrias alimentares do Brasil, em estreita colaboração com o governo federal,<sup>635</sup> especificamente com Josué de Castro. “Este Instituto de Tecnologia Alimentar terá o mais alto alcance na realização do nosso plano de racionalização da produção de alimentos no Brasil.”<sup>636</sup> Dessa forma nasceu esse laboratório vinculado ao STAN, o ITA.

A criação do Instituto é um indício inegável do espírito de agregação, união e solidariedade das indústrias brasileiras que demonstram à sociedade o equilíbrio financeiro e humanístico em que giram seus múltiplos negócios [...] é assim uma pura expressão de patriotismo sadio, de nacionalismo sem retórica.<sup>637</sup>

Patriotismo e nacionalismo seriam duas expressões que ganhavam cada vez mais espaço dentro do discurso ligado à alimentação.<sup>638</sup> Os rendimentos desse alinhamento com as indústrias alimentícias não eram apenas simbólicos porque corroboravam com um modelo de desenvolvimento para o país em um momento que a indústria ganhava protagonismo, eram

---

<sup>634</sup> Coordenação da mobilização econômica. *Serviço Técnico da Alimentação Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Perfecta, 1943. p. 06-07.

<sup>635</sup> Carta de Josué de Castro a Nelson Rockefeller, 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 420.

<sup>636</sup> Carta de Josué de Castro a Barent Friele (Institute of Inter-American Affairs), 17 de maio de 1943. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 420.

<sup>637</sup> Instituto de Tecnologia Alimentar. In: *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, v. 02, n. 1, junho, 1944. p. 157.

<sup>638</sup> Não apenas no campo da alimentação, como vai mostrar Vânia Maria Losada Moreira. In: MOREIRA, Vânia Maria. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 1950. *Revista Brasileira de História*, v.18. n. 35, 1998.

também materiais. No caso de Josué, além do patrocínio do livro e do Instituto de Tecnologia Alimentar, ele fez propagandas para complexos vitamínicos industrializados nos jornais.<sup>639</sup>

A proposta era aplicar as descobertas da nutrição na indústria, entre elas a desidratação e compressão dos alimentos, técnicas de preservação e conservação, vitaminização e mineralização. Foi a partir daqui que, em 1944, o serviço, através da Comissão de Mobilização Econômica, baixou uma portaria que obrigava a iodação do sal de cozinha em regiões com bócio endêmico (hoje aplicada em todo o território nacional). Tal feito seria atribuído a Josué e reivindicado por ele, na medida em que, naquele momento, era chefe do serviço. Mas o principal pesquisador envolvido era Álvaro Lobo Leite Pereira, do Instituto Oswaldo Cruz, que vinha pregando havia tempo que se colocasse iodo no sal como medida de prevenção ao bócio.<sup>640</sup> A portaria foi adiada a pedido do Instituto Nacional do Sal e depois revogada, virando lei apenas em 1953.<sup>641</sup> Tentou-se o enriquecimento do arroz polido com Vitamina B1, projeto que não foi aprovado.<sup>642</sup> Algumas investidas na desidratação de alimentos para transporte também ocorreram, como foi o caso da carne.

Além das pesquisas para a industrialização dos alimentos, foi lançada pelo STAN, em 1944, a revista científica *Arquivos Brasileiros de Nutrição* em um convênio com a *Nutrition Foundation*, órgão que publicava a *Nutrition Reviews* divulgada por Castro como “a mais conceituada publicação mundial em Nutrição”<sup>643</sup>. A ideia era que as publicações brasileiras também circulassem nos Estados Unidos. A revista era dividida em Grandes Vultos da Nutrologia, Editorial, Artigos Originais, Recentes Aquisições em Nutrologia, Resenha Nacional de Nutrição, Cursos e Conferências e Notas e informações, com notícias do grupo que a organizava. Grandes Vultos da Nutrologia era uma seção que se dedicava a homenagear figuras em torno da nutrição. O primeiro personagem escolhido foi Henry Sherman, então

---

<sup>639</sup> Afirmou Josué de Castro: “[...] as maiores deficiências da alimentação do brasileiro são as de vitamina B, vitamina A, proteínas, cálcio e ferro. Foi para corrigir os efeitos desses regimes carenciais que os técnicos da Invar estudaram e encontraram, finalmente, uma fórmula científica destinada a aumentar o teor vitamínico e mineral da alimentação comum. Essa fórmula é Complexal – tabletes de vitaminas e sais minerais”. In: *Correio paulistano*, 22 de junho de 1946, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>640</sup> Movimento Científico Profilaxia do Bócio Endêmico pela Iodetação do Sal. *Diário de São Paulo*, 6 de julho de 1944. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 349.

<sup>641</sup> Lei nº 1.944, de 14 de agosto de 1953. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128787/lei-1944-53>. Acesso em: 07 fev. 2023.

<sup>642</sup> CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento, análise de uma política*. Tese (Livre-docência em Sociologia). Instituto de Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977. p. 136-137.

<sup>643</sup> CASTRO, Josué de. O Serviço Técnico da Alimentação Nacional e os Arquivos Brasileiros de Nutrição. *Arquivos Brasileiros da Nutrição*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, maio, 1944. p. 05.

chefe do *Bureau* de Nutrição Humana do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, algo muito parecido com o STAN que Castro desejava e, portanto, alguém que lhe interessava se aproximar. Josué, com essas articulações internacionais, como as que formou através do STAN, tornou-se um dos interlocutores brasileiros do assunto no exterior, e consolidou uma significativa rede internacional que foi importante para sua carreira, como para a nomeação da presidência do Conselho da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) em 1951, assunto do sexto capítulo. Como podemos ver, a formação das redes internacionais não se dava apenas por um canal. Aquela que se formava através do STAN, com a revista e Josué de Castro, era diferente dos laços criados pelo SAPS no mesmo país, os Estados Unidos. Formou-se, assim como em outras instâncias, uma rede – um circuito de relações de colaboração – política e científica no seio e através da burocracia estatal.

A revista, que era para ser mensal, teve que ser interrompida depois de quatro números pelo fim da guerra, que acarretou o encerramento da Coordenação de Mobilização Econômica e do STAN. A publicação voltou a circular em novembro de 1946 sob tutela do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (INUB). Francisco Vasconcelos, ao analisar a produção da revista em um artigo, mostrou que o periódico era um instrumento de divulgação dos pesquisadores do próprio instituto, uma vez que os que mais publicaram eram os técnicos da Seção de Pesquisa Biológica, o secretário, o relator e o diretor da revista.<sup>644</sup> Das vinte pessoas mais assíduas, quinze pelo menos tinham ligação com o INUB ou com Castro. Orlando Parahym e Jamesson Ferreira Lima, por exemplo, não eram formalmente vinculados ao Instituto, mas eram muito próximos de Josué. Essa organização de publicações endógenas denota que o periódico servia como um propagador e impulsionador das ideias e projetos do grupo que se consolidava em torno de Castro. Os pesquisadores do SAPS não publicavam neste veículo e chegaram a criar os *Arquivos Brasileiros de Alimentação*, que não prosperou.

Com a saída do ministro da Coordenação de Mobilização Econômica, João Alberto Barros, Castro se exonerou do STAN em agosto de 1944. O Instituto de Tecnologia Alimentar, aquele laboratório criado com patrocínio da indústria, manteve seu funcionamento com dificuldades e com Castro no comando da Diretoria Técnica. Em 1946, com a queda de Getúlio, o ITA acabou sendo incorporado à Universidade do Brasil, após hábil negociação de

---

<sup>644</sup> VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968). *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 303-316, abr.-jun, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1999000200015>

Castro. Foi assim que Josué fundou o Instituto de Nutrição na Universidade do Brasil que hoje leva seu nome na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo o decreto de 16 de janeiro de 1946, essa inclusão aconteceu sem nenhum ônus para a Universidade e a manutenção do Instituto ficou a cargo do governo federal a partir de 1947. Josué de Castro foi convidado para organizar e dirigir o novo órgão universitário e um ano depois, em 1948, Castro efetivou-se como professor catedrático nesta universidade, na Faculdade Nacional de Filosofia na cadeira de Geografia Humana, onde já lecionava.

Cleto Seabra Veloso, nutrólogo de destaque na época e que participava do Instituto, declarou aos jornais que o INUB vinha “imprimir ordem a desordem reinante” pela dispersão de atividades em diferentes aparatos governamentais:

Daqui por diante, é do novo Instituto que deverão promanar todas as iniciativas. E com relação aos futuros técnicos que dali espero sair brevemente às centenas, pedimos, desde já ao novo presidente espalhá-los por esses Brasis afora, a fim de levarem aqui e ali assistência alimentar a milhões de nossos irmãos sub-nutridos e doentes. Só por esse modo criaremos uma civilização e uma cultura dignas de figurar entre as mais desenvolvidas do mundo.<sup>645</sup>

Os objetivos do Inub continuavam muito semelhantes aos declarados pelo STAN: pesquisa de natureza biológica, econômica e social, pesquisas para a melhoria da alimentação, formar técnicos e difundir conhecimento.<sup>646</sup> Para tal direcionamento, foram criadas quatro áreas, uma de pesquisa biológica chefiada por Emília Pechnick, pesquisas sociais por Pedro Borges, educação alimentar por Rubens Siqueira e patologia clínica por Clementino Braga Filho. Mesmo com a negativa do governo de custear a manutenção do instituto em 1946, o lugar funcionou e voltou a publicar os *Arquivos Brasileiros de Alimentação*, o que indica outras fontes de renda para manutenção das atividades. Manteve-se também como um espaço de articulação internacional, como quando recebeu a diretora do *Bureau* de Economia Doméstica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Louise Stanley.<sup>647</sup>

A existência, extinção e constantes mudanças dentro dos aparatos públicos, fossem eles na administração federal ou na universidade, indicam como esses espaços estavam ainda se consolidando, eram instáveis e voláteis. Por isso, esse novo lugar institucional, a

---

<sup>645</sup> Instituto Nacional de Nutrição. *Diário de Notícias*, 3 de fevereiro de 1946, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>646</sup> Instituto de Nutrição. In: *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, v. 1, n. 2, novembro de 1946, p. 72.

<sup>647</sup> No Instituto de Nutrição, a Dra. Louise Stanley. *Diário de Notícias*, 12 de abril de 1947, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

universidade, se tornou central para que Castro pudesse formar um grupo coeso e permanente ao seu redor. Além disso, essa posição no instituto dependia menos das circunstâncias políticas conjunturais e dos presidentes eleitos. Com a saída do presidente Vargas em 1945 e a entrada de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, Castro, que não tinha influência política com o segundo, perdeu força para estar na burocracia administrativa ligada aos ministérios. Por isso, a universidade era um lugar mais estável para que ele constituísse seu grupo. Ali se construiu um centro da formação de novos nutricionistas no Brasil e um espaço aglutinador desses profissionais ligados a Castro. Dar corpo institucional aos seus trabalhos e proposições era fundamental para Josué, uma vez que ele não vinha de uma família com grande capital econômico e precisava da renda do seu trabalho. Depois de encerradas as atividades do STAN e antes da queda de Getúlio, porém, Josué articulou a criação de outro aparato, a Comissão Nacional de Alimentação (CNA).

#### **4.2.3. Comissão Nacional de Alimentação (CNA)**

O fim da Segunda Guerra trouxe a ampliação do protagonismo da União Soviética no cenário internacional e, com isso, o aumento do discurso de uma ameaça comunista. Apesar da união momentânea entre países como os EUA e a União Soviética em torno da derrota dos países do Eixo, a divisão passou a se dar entre capitalistas e o bloco soviético. Nas décadas de 1940 e 1950, ainda tiveram dois avanços importantes na corrida comunista: quando o Partido Comunista assumiu o poder na China, em 1949 e, em 1959, com a Revolução Cubana. Até o começo da década 1970 esse cenário de ameaça teve significativo peso nos debates no *espaço público letrado* e era ponto de atenção dos governos capitalistas.<sup>648</sup> Polanyi e Hobsbawm chamam atenção para como a pressão por melhores condições de vida dos trabalhadores se tornou uma estratégia para fazer frente à ampliação da aderência ao comunismo e foi um fator importante para o papel ativo do Estado na esfera social e na criação do modelo de Estado de bem-estar social.<sup>649</sup> Por isso, a ideia de que o Estado deveria fornecer alguns serviços sociais essenciais tinha adesão entre diversos grupos da sociedade. Entre esses serviços, estava a alimentação.

---

<sup>648</sup> HOBASBAM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 223.

<sup>649</sup> POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas da nossa época*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1944] 2021; HOBASBAM, Eric. *Op. Cit.*

O objetivo aqui não é dizer ou medir quão real era a ameaça de uma revolução comunista e sim entender quais efeitos essa leitura teve para as políticas relacionadas à alimentação e à fome, inclusive com o surgimento da social-democracia na Europa. Se a princípio a única saída de um modelo de governo liberal à esquerda era a revolução, depois de 1917 foram se desenhando propostas políticas de partidos e coalizões que eram ligados aos trabalhadores mas não eram comunistas e que defendiam um governo capitalista mais à esquerda, ou seja, reformado. A revolução e a ameaça comunista deram, direta ou indiretamente, ferramentas para que o capitalismo se reformasse e abandonasse a ortodoxia do livre mercado em um contramovimento de proteção das relações sociais e condições mínimas de existência. Josué de Castro se afinava a essa posição, como veremos mais adiante, e esse é um dos fatores que levou o tema da alimentação do trabalhador à ordem do dia.

A instabilidade fazia-se sentir nas ruas, com um número significativo de greves. Só em São Paulo, em 1945, foram registradas 491 greves.<sup>650</sup> A ameaça comunista aparecia frequentemente na imprensa e nos discursos e deve ser considerada como um fator importante para a constituição de tantos aparatos burocráticos de gestão da alimentação e da fome. Tornava-se essencial governar os problemas sociais e a via estatal mostrava-se como o principal caminho para lidar com esses problemas.

Como já dito, com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a Comissão de Mobilização Econômica deixou de existir, assim como a STAN. Apesar de ter transferido uma parte dos projetos para o instituto ligado à universidade, o INUB, Castro também começou a articular um novo aparato na burocracia administrativa do governo federal onde pudesse alocar seus projetos. Nesse cenário, foi no Conselho Federal de Comércio Exterior que se criou a Comissão Nacional de Alimentação (CNA), na qual ele exerceu o cargo de diretor. Essa Comissão foi fundada em fevereiro e começou a funcionar em setembro de 1945, um mês antes de Getúlio cair.<sup>651</sup> A Comissão não teve muito poder e, depois da queda de Getúlio, não conseguiu ter força nem orçamento. A queda do presidente esvaziou uma parte significativa das conexões que Josué tinha dentro no aparato estatal federal até então. Assim,

---

<sup>650</sup> MAGALHÃES, Mário. *Marighella - O Guerrilheiro Que Incendiou o Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 159.

<sup>651</sup> Decreto-Lei nº. 7328, 17 fevereiro de 1945. Cria-se, no Conselho Federal de Comércio Exterior, a Comissão Nacional de Alimentação. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 371.

durante o governo provisório de Dutra, não conseguiu colocar muitos projetos em prática através da CNA.

O grupo da primeira composição da CNA fora sugerido pelo presidente da República e composto, em seu início, por nutrólogos como Josué, Silva Mello e Edson Cavalcanti, então diretor do SAPS, e representantes das classes de proprietários agrícolas, como Arthur Tavares de Moura e José Eurico Dias Martins. Alexandre Moscoso foi chamado, mas se recusou a fazer parte da Comissão, alegando não se tratar de um grupo formado apenas por especialistas em nutrição.<sup>652</sup> Apesar de imaginarmos que esse não era o real motivo de Moscoso, a composição mista da Comissão não era um problema para Castro, ao contrário. A saída da fome para ele passava pela aliança com tais grupos, como aponta sua atuação em outras frentes e parcerias com a indústria de alimentos.

As atribuições formais da CNA não eram diferentes da STAN. Em algum sentido, era a continuação desse serviço que tinha sido extinto com o fim da guerra e onde aparecia a preocupação com a industrialização dos alimentos. Com a experiência adquirida na instância anterior, Castro propôs ações concretas a curto prazo que já estavam sendo desenvolvidas no outro órgão, como pesquisa sobre desidratação de alimentos, montagem de fábricas de desidratação e auxílio na implementação operacional.<sup>653</sup> Os projetos não foram em grande medida efetivados, pois a CNA teve seu poder esvaziado logo no início das operações.

Com a saída de Getúlio Vargas em 1945, foram fundados dois partidos com pessoas do seu entorno. O primeiro foi o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), formado pelas bases sindicais alinhadas ao governo e no qual Josué se filiou e passou a participar ativamente a partir de 1950, e o segundo, Partido Social Democrático (PSD), agremiava as elites alinhadas a Getúlio e seus interventores estaduais e com o qual Josué manteve relações estreitas, seja apoiando Juscelino Kubitschek ou o Marechal Lott. Olharemos para a política partidária e legislativa no próximo capítulo, mas é válido considerar aqui como Josué se inseriu cada vez mais na política governamental não apenas como técnico especialista nos assuntos da alimentação, mas também como um importante articulador da política partidária do PTB. Isso

---

<sup>652</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 214.

<sup>653</sup> Art. 8. do Decreto-lei nº. 7.328, de 17 de fevereiro de 1945. Disponível em: [208](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del7328.htm#:~:text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%207.328%2C%20DE%2017%20DE%20FEVEREIRO%20DE%201945.&text=Cria%2C%20no%20Conselho%20Federal%20de,Art. Acesso em: 05 fev. 2023.</a></p></div><div data-bbox=)



deu a ele uma aproximação ainda maior com quadros de destaque, não apenas com Vargas, mas com ministros e outras figuras influentes. Por isso, quando Vargas voltou à presidência em 1951, Castro tinha ainda mais capital simbólico para sua inserção na administração federal.

Assim, a CNA, que antes não teve relevo, passou a ser um canal de destaque no tema da alimentação e combate à fome. Ainda em 1949 ela saiu do Conselho Federal de Comércio Exterior e passou a ser parte do Ministério da Educação e Saúde. No novo cenário de 1951, duas mudanças significativas aconteceram. A primeira é que, enfim, a CNA foi regulamentada,<sup>654</sup> com Josué de Castro sendo nomeado presidente. A segunda é que ficou a cargo da CNA as funções do Comitê Nacional da FAO, função trazida em grande medida por Castro e que será comentada no capítulo seis.

O novo regulamento não mudava as atribuições já estabelecidas de implantação da alimentação racional através de pesquisa, aproximação e auxílio à indústria, divulgação de hábitos alimentares saudáveis e também articulação entre órgãos da administração pública para campanhas que mobilizassem a utilização dos alimentos regionais. O corpo técnico se reunia regularmente, sendo composto por oito membros e o grupo era formado por médicos das forças armadas como Walter Joaquim Santos, que dirigia a assessoria técnica, Jair Montedonio, José João Barbosa e Geraldo Francisco Maldonado; o engenheiro José Gayoso Neves, do Ministério da Aviação e Obras Públicas, a representante do Ministério do Trabalho, Ersinia Jensen, e Jayme Frejat, encarregado da infraestrutura. Apesar de Castro também fazer parte dele, não comparecia com frequência às reuniões.<sup>655</sup> Além de professor catedrático, também assumira a presidência do conselho da FAO em 1951 e estava fazendo investimentos de grande monta para construir capital simbólico entre os *enunciadores* do cenário internacional.

O grupo de trabalho era pequeno e isso ficava claro na comparação orçamentária com o SAPS, que teve 115 milhões em 1951 alocados pelo Plano Salte<sup>656</sup> para a expansão dos restaurantes em contraposição aos 15 milhões que possivelmente foram reivindicados pela

---

<sup>654</sup> Plano Nacional de Alimentação. *A noite*, 27 de maio de 1953, p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>655</sup> Depoimento de Geraldo Francisco Maldonado dado a Coimbra. In: COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 224.

<sup>656</sup> Elaborado durante o governo Dutra (1946-1950), o Plano SALTE tinha o nome composto pelas iniciais de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia. A ideia era estimular esses setores e reorganizar os gastos públicos.

CNA para estudos nesse mesmo ano. Em 1953, a CNA teve um orçamento de 5 milhões para estudos e pesquisas, gastos de funcionamento geral e representação às sessões da FAO.<sup>657</sup>

Walter Santos, vindo das forças armadas para a CNA, foi oficial-médico do período de guerra e recebia os soldados feridos em combate. Reparando que os soldados americanos eram mais resistentes e fortes que os brasileiros, atribuiu isso à alimentação e voltou com o intuito de ingressar nessa área. Aproximou-se então de Castro, fazendo o curso de formação para médicos nutrólogos no Instituto de Nutrição recém-fundado, e formou-se em 1950. Walter se tornou muito próximo à Castro, segundo ele mesmo, seu maior discípulo, e passaram a integrar o aparelho estatal em uma série de iniciativas que foram surgiram.<sup>658</sup>

As conexões internacionais continuaram nessa nova comissão. Logo que regularizada, a CNA anunciou parceria com Robert Harris, do *Massachusetts Institute of Technology*, o prof. Norman Jolliffe, do departamento de Nutrição de Nova York, Robert Williams, especializado em vitaminologia, Waterlow, da seção de alimentação do conselho de pesquisa da Grã-Bretanha, e Arturo Vergara, da FAO.<sup>659</sup> Nessa relação assimétrica da produção científica, os planos de Castro e dos membros da CNA para enriquecimento de alimentos e pesquisas sobre alimentação da população, chamados na época de inquéritos alimentares, nem sempre eram aprovados sem ressalvas. Em 1951, por exemplo, foram apresentados alguns planos de enriquecimento de farinha de mandioca para a *Williams-Waterman Fund for the Combat of Dietary Diseases* e, logo depois, veio uma indicação a Castro para que ele mandasse alguém treinar na Califórnia, no *Clemson Agricultural College*, com a alegação de que os “brasileiros estão inclinados a meramente agitar a mistura com um pedaço de pau”<sup>660</sup> quando queriam enriquecer algum alimento. Com os inquéritos aconteceu algo parecido. No começo de 1952, Robert Harris, do *Massachusetts Institute of Technology* em nome de uma parceria com a *Kellogg Foundation*, veio para, junto com a CNA e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), realizar uma pesquisa sobre alimentação na Amazônia. Logo depois orientou-se que fossem mandados técnicos brasileiros aos Estados Unidos para treinamento,

---

<sup>657</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 226.

<sup>658</sup> Depoimento de Walter Santos dado a Coimbra. *In: Ibidem.* p. 225.

<sup>659</sup> Plano Nacional de Alimentação. *A noite*, 27 de maio de 1953, p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>660</sup> Carta de R.R. Willians a Josué de Castro, 28 de setembro de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 309.

tendo Walter Santos como indicado.<sup>661</sup> A transplantação das produções científicas e práticas governamentais que tinham como centro os Estados Unidos e países europeus, como Inglaterra e França, não se dava sem tensão e diferenças de atuação, mesmo tendo como chefe do serviço o então presidente do Conselho da FAO.

Foi nesse contexto que a CNA elaborou o Plano Geral de Trabalho para 1953 e 1954, chamado *A conjuntura alimentar e o problema de nutrição no Brasil*. O texto de abertura assinado por Castro ressaltava “os efeitos da escassez alimentar sobre o estado de nutrição das coletividades” e a necessidade de mobilizar “todas as forças vivas da Nação” para a execução de um plano para acabar com “um dos problemas mais graves do país: o problema da subnutrição”.<sup>662</sup> A proposta era indicar um caminho para a solução do problema da fome que não fosse investindo naquilo que eles chamaram de superestrutura, como a assistência médica-sanitária. A saída era melhorar as condições de vida da população, por meio da alimentação, habitação e vestuário, e assim diminuir a necessidade de instalações médicas. Seria possível promover “a profilaxia inespecífica de inúmeros males e doenças pelo uso de uma alimentação racional”<sup>663</sup>. Ainda que a solução definitiva para esse grupo estivesse vinculada à estrutura da sociedade, seria necessário associá-la a outras medidas para o combate à subnutrição, termo que aqui ganhou mais espaço que a fome. A solução do problema passava assim por um programa de medidas de acesso direto ao alimento que a CNA propôs no campo específico da “nutrição nacional”. Para o argumento desta tese, faz-se necessária uma análise detida desse documento lançado pela CNA, pois ele foi base para ações governamentais importantes que surgiram posteriormente, além de revelar a visão de estratégia governamental que deveria ser adotada, mesmo que boa parte do que estava escrito nele não chegasse a ser implementada de fato.

O plano estava dividido em duas fases. Uma primeira preliminar, para testar em algumas áreas e grupos da população, durante o ano 1953. Depois viria a fase geral, com a ampliação para toda a população em uma “Campanha Nacional de Alimentação”, em 1954.<sup>664</sup> Na fase preliminar o foco era, em primeiro lugar, um plano de assistência e educação

---

<sup>661</sup> Carta de Walter Santos a Josué de Castro, [s.d]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 309.

<sup>662</sup> Ministério da Educação e Saúde. *A conjuntura alimentar e o problema de nutrição no Brasil. Plano geral de trabalho - 1953/54*. p. 03

<sup>663</sup> *Ibidem*. p. 12.

<sup>664</sup> *Ibidem*. p. 19.

alimentar para crianças e adolescentes. Começaria com um inquérito para que depois se formasse um “Programa Nacional de Merenda Escolar” com um “Fundo Nacional de Merenda Escolar”. Chama atenção o destaque dado à alimentação escolar de crianças e adolescentes, política que não tinha tanto espaço no debate público até então e que também examinaremos no próximo capítulo. Segundo o relatório, já estava em fase final um inquérito sobre a situação da desnutrição infantil no Brasil com a participação da CNA, FAO e Organização Mundial da Saúde (OMS), além de nutrólogos e pediatras. Através dessa e de outras pesquisas ficou clara a imensa desnutrição em que estavam as crianças brasileiras e, citando Thomas Parran, diretor do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos:

Estamos perdendo dinheiro tentando educar crianças subnutridas. Elas não podem assimilar os ensinamentos, atrasam as classes, requerem um tempo extra dos professores e repetem os ciclos. É isto uma estupidez dispendiosa, porém o seu custo imediato para o nosso sistema educacional nada representa comparado com o custo final para a nação. [...] Um plano para alimentar estas crianças devidamente pagaria incalculáveis dividendos.<sup>665</sup>

Assim, a merenda escolar passou a ser uma política importante para o combate à fome, a exemplo de países que usavam esse caminho, como os Estados Unidos. Ela já existia em algumas escolas, mas não era ainda uma política pública que abrangesse o território nacional e que fosse entendida como responsabilidade do Estado. Além disso, houve a percepção de que ela precisava ser ampliada para alunos e alunas dos cursos secundários e superiores. Através da alimentação direta da criança na escola seria possível cumprir o papel assistencial e educacional, ensinando preceitos da boa alimentação. A partir desse Plano, a CNA pretendia “racionalizar os programas já existentes e estendê-los a todo o país, dando-lhe orientação técnica e assistência econômica”<sup>666</sup>.

O segundo ponto levantado pelo documento foram os planos regionais de política alimentar por áreas demonstrativas da Amazônia, do Sertão do Nordeste, da Baixada Fluminense e do Planalto Central. Era necessário que se aplicasse uma política que levasse em consideração a pluralidade do país, mesmo que assentada em uma base comum. Para tal, seriam feitos, em primeiro lugar, inquéritos para saber os recursos alimentares locais, o estado nutritivo e socioeconômico da população e as condições de abastecimento dos gêneros alimentícios. Só então seria montado um programa de trabalho que estivesse separado em um programa educativo e um programa de assistência alimentar. Este se desdobrava em várias

---

<sup>665</sup> *Ibidem.* p. 26.

<sup>666</sup> *Ibidem.* p. 27.

ações, como o enriquecimento de alimentos de forma natural e artificial, a própria merenda escolar, a distribuição direta de alimentos e a venda dos gêneros a baixo preço.

Ainda havia, como objetivo, a atuação dentro da produção, industrialização e distribuição de alimentos para a racionalização dos processos, visando o abastecimento local e nacional. Esse item era dividido em três: (i) planos de tecnologia alimentar através de projetos de enriquecimento natural de alimentos como a farinha de mandioca, milho, arroz, trigo, leite com vitaminas A e D e sal com iodo; (ii) projeto para administração de cloreto de sódio e tiamina a operários, “a fim de diminuir os efeitos do calor e da fadiga”<sup>667</sup>; (iii) plano de estudos sobre a criação de novas indústrias alimentares, sobre alimentação e defesa nacional. O foco era a instalação de indústrias de alimentação “capazes de incentivar a produção dos gêneros mais aconselháveis”<sup>668</sup>. Nesse último ponto o objetivo era, entre outras coisas, “despertar o interesse das indústrias alimentares e químico-farmacêuticas sobre as vantagens recíprocas das investigações científicas de campo e de laboratório no setor de nutrição”. Com isso, seria possível demonstrar “a possibilidade do aumento rápido do potencial de energia humana de uma região, de modo a proporcionar ao governo melhor base biológica para o estabelecimento das medidas de aspectos propriamente econômico”<sup>669</sup>.

Pouco disso foi efetivamente levado a cabo devido ao orçamento da CNA ser bem menor que a ambição do Plano. Do que estava previsto, foi efetivado o estudo para o qual Walter Santos foi mandado em treinamento sobre alimentação na Amazônia, mas a coleta de dados demorou dois anos e os resultados não foram divulgados logo, aconteceu somente em 1956. Em nota, Marcos Coimbra disse que “consta que o retardo na publicação se deve a que o inquérito divergia do diagnóstico que Castro havia feito em *Geografia da fome*, sobre ser protéico o principal déficit alimentar na região. Só depois que Castro deixou a CNA é que foi feita a divulgação”<sup>670</sup>. Apesar de não ter sido desenvolvido plenamente, o Plano carregava o embrião de um braço das políticas públicas sobre alimentação e gestão da fome endêmica no Brasil que foi central para a compreensão desse assunto no país: a alimentação escolar.

---

<sup>667</sup> *Ibidem.* p. 23.

<sup>668</sup> *Ibidem.* p. 25.

<sup>669</sup> *Ibidem.* p. 32.

<sup>670</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 233.

### 4.3. Consolidação do aparato estatal em nome da fome

Ao longo deste capítulo vimos como aparatos foram gestados para lidar com a fome endêmica dentro da burocracia estatal federal. Eles passaram a existir a partir da reivindicação da fome endêmica como problema público que deveria ser cuidado pelo Estado e através da produção de determinadas métricas que enquadraram a falta de alimento em termos específicos. Em outras palavras, foi esse enquadramento do problema social que direcionou a política pública derivada dele. As métricas específicas, como quantidade de proteína e calorias consumidas, as ausências de determinadas vitaminas, dados antropométricos e estatísticos, não eram produzidas dentro de um campo científico fechado em si mesmo, mas com porosidades e conexões com a administração federal, agências e convênios internacionais. Essas conexões se davam pela circulação dos atores envolvidos e pelos novos aparatos criados, como revistas e pesquisas ligadas à burocracia estatal, a exemplo do *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*. Assim, a fome endêmica se tornou um argumento respaldado cientificamente que passou a ser gerido por técnicos que entraram e formaram espaços específicos no aparato burocrático do Estado.

Isso não quer dizer que antes nada existia. Como veremos mais adiante no caso da alimentação escolar, algumas políticas governamentais ou ações sob a tutela de outras instituições, como a Igreja, aconteciam, mas eram localizadas e não sistemáticas. O que se observou nesse período foi a nacionalização e intensificação em esfera federal de políticas voltadas para o acesso ao alimento. Josué de Castro, nosso condutor nesse percurso, teve intensa circulação e trabalhou ativamente na formação do que se criava em nome da fome, assim como outros intelectuais engajados na administração pública e na política governamental. De fato, seria incompleto entender a transplantação do saber nutricional para o Estado sem levar em conta suas ações. Por isso, focamos em algumas articulações e discussões políticas específicas nas quais Castro estava envolvido para assim jogar luz em como se deu a formação de práticas políticas dentro do Estado respaldadas pelo saber científico sobre a fome endêmica.

Nessa época, se fortaleceram instrumentos governamentais robustos, enxergados cada vez mais como separados da vida social, ao passo que, ao mesmo tempo, deveriam gerir tais vidas. O esforço dos especialistas foi produzir uma autoridade tal para suas prescrições sobre as soluções para a fome, a ponto de torná-las, assim, a visão legítima e oficial desses

equipamentos de gestão criados.<sup>671</sup> A saúde pública teve um papel central na regulação da vida nesse novo cenário, e entre os temas a ela relacionados, a alimentação e a sua gestão se tornaram de suma importância e passaram a figurar com frequência no debate governamental.

Isso porque os mecanismos de proteção social, que antes estavam ancorados em uma economia moral, como falamos no capítulo um, foram enfraquecidos em uma sociedade centralizada na economia de mercado.<sup>672</sup> Com isso, alguns grupos passaram a demandar do Estado a necessidade de proteção social, como as classes médias urbanas ascendentes da qual fazia parte Josué. Ou seja, houve a formação de um aparato estatal de intervenção na vida cotidiana das pessoas que se deu através de diferentes esferas.<sup>673</sup>

O período após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a crise do liberalismo, a pressão comunista e o adensamento do aparato do Estado, era um momento propício para o crescimento dos mecanismos de proteção social, entre eles aqueles que se preocupavam com o acesso ao alimento. Quando as categorias de fome construídas por meio de paradigmas científicos formados em países europeus e nos Estados Unidos tornaram-se prescrições para as políticas administrativas, essas prescrições eram inseridas em outros espaços de disputas e práticas políticas, a exemplo da esfera governamental federal. Assim, as ideias e pessoas envolvidas nessa gestão da fome endêmica se modularam a partir das tensões e modos de operação já existentes em tais espaços, e passaram a ser conformadas por esse meio, ao mesmo tempo em que também construíam novos aparatos em nome da fome, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>671</sup> BOUDIEU, Pierre. *Sobre o Estado ... Op. Cit.* p. 61.

<sup>672</sup> POLANYI, Karl. *Op. Cit.*

<sup>673</sup> LIMA, Antonio Carlos de Souza (org.). *Gestar e Gerir: estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. p. 15.

## 5. POLÍTICAS E POLÍTICA EM NOME DA FOME

*Fui deputado duas vezes. Oito anos. Na segunda eleição tive a maior votação do estado. Só na capital, vinte e tantos mil votos. Não sou homem de partido e fui mau deputado. (Não pedi emprego pra ninguém!) Sabe a quem devo essa vitória? Ao povo, votando numa idéia – a luta contra a fome.*  
Josué de Castro

No capítulo passado, vimos a criação de aparatos estatais que visavam transformar as prescrições científicas em programas e estrutura de governo. Neste capítulo, vamos ver como algumas dessas propostas foram operadas e como proposições baseadas no conhecimento científico de combate à fome endêmica, que também se consolidava, conformaram-se às políticas, institucionais ou não, e contingências dos lugares em que foram implantadas.

Apesar dessas conformações estarem ligadas à manutenção de redes políticas e ao entrelaçamento de diferentes interesses, as operações sustentavam uma dimensão discursiva enquanto impessoais e técnicas. O objetivo não é fazer um julgamento de sua eficácia ou propor um *dever ser*, mas entender como se deu esse processo que primeiro foi de formulação e chegou à implementação das prescrições. Ou seja, como as proposições para combater a fome endêmica se desdobraram em práticas e foram se moldando e sendo moldadas por práticas outras, para além da proposição.

Os estudos sobre as políticas relacionadas à alimentação nesse período são abundantes e dão conta da formulação e surgimento de tais políticas.<sup>674</sup> Porém, análises da administração e da operação que elas desencadearam ainda são incipientes. Para além de suas prescrições, as políticas governamentais e de “desenvolvimento” precisam ser consideradas a partir das pessoas que se mobilizaram em torno delas, dos consensos e práticas que se estabeleceram como consequências de suas formulações sobre os problemas sociais.

As políticas públicas eram concebidas levando em consideração os dados sobre o público alvo – como aqueles reunidos nas estatísticas mencionadas no capítulo 2 – e os estudos dos especialistas sobre causas e caminhos para a solução dos problemas que o Estado

---

<sup>674</sup> Cf SILVA, Sandro Pereira. *A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, descontinuidades e consolidação*. Brasília/ Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2014. VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas à Lula. *Revista de Nutrição*, vol. 18 n. 4, ago 2005. p. 441. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732005000400001>. BARROS, Maria Sylvia Carvalho; TARTAGLIA, José Carlos. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alimentos e Nutrição*, Araraquara, v. 14, n. 1, 2003. p. 119.



precisava gerir. A formulação de tais políticas não tinha em seu horizonte os acontecimentos e negociações outras que davam forma a suas práticas. Josué de Castro e os demais técnicos se viram em relação com essas contingências, em uma espécie de desenvolvimento negociado que precisa ser mapeado para que possamos ter a dimensão de como as prescrições contra a fome endêmica foram operadas no Brasil – o que a Antropologia chama de etnografia de uma política pública<sup>675</sup> ou a vida social dos projetos<sup>676</sup>.

Nesse sentido, política aqui não significa apenas a política institucional feita no jogo partidário ou aparato estatal. Vamos observar também as políticas cotidianas, negociações diárias, organizações não governamentais e redes com agências internacionais.<sup>677</sup> Este capítulo se concentra em três eixos do que estava sendo proposto para o combate à fome endêmica naquele momento: a Política Nacional de Alimentação Escolar, em um primeiro momento através da Comissão Nacional de Alimentação (CNA) e depois desmembrada na Campanha Nacional de Merenda Escolar (CNME); a relação entre a Associação Mundial de Luta contra a Fome (ASCOFAM), os aparatos governamentais e as operações do Estado contra a fome endêmica; e, por fim, a questão agrária no Brasil até o golpe militar de 1964. Como durante a tese nos detivemos nas redes ligadas a Josué de Castro, nesta análise nos centramos nas políticas das quais participou, mas isso não significa que o que será examinado fosse exclusivo de tais redes.

Esse recorte é perpassado pela atuação político-partidária e parlamentar de Josué de Castro, que se filou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1950 a convite de Danton Coelho, presidente do partido naquele momento:

Um dos fatores que me levaram a aceitar o convite [...] foi a conclusão a que cheguei de que todos os esforços realizados por mim, no sentido de promover melhoria das condições de vida de nosso povo – seja através de estudos de laboratório, buscando soluções para o seu problema alimentar, seja através da cátedra, procurando colaborar na formação de uma elite brasileira conhecedora de nossos problemas, seja através de livros que escrevi, denunciando as terríveis condições de pauperismo de nossas

---

<sup>675</sup> FONSECA, Claudia; SCALCO, Lucia Mury; CASTRO, Heloisa Canfield de. Etnografia de uma política pública: controle social pela mobilização popular. *Horizontes antropológicos*, v. 24, n. 50, p. 271-303, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000100010>

<sup>676</sup> MOSSE, David. *Cultivating Development: an ethnography of aid policy and practice*. London: Pluton Press, 2005. p. 4.

<sup>677</sup> TEIXEIRA, Carla Costa; LIMA, Antonio Carlos de Souza. A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão? In: Duarte, Luiz Fernando Dias; Martins, Carlos Benedito (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 55.

populações – todos esses esforços, repito, têm sido praticamente inoperantes.<sup>678</sup>

Entre os nutrólogos e nutricionistas, Castro não foi o único a se filiar a um partido. Dante Costa foi um dos fundadores da “esquerda democrática”, de onde surgiria o Partido Socialista Brasileiro (PSB) em 1947, do qual também participaram Rui Coutinho, Cleto Seabra Veloso e Nelson Chaves. Como observamos no capítulo anterior, ocorria a institucionalização das prescrições sobre os problemas alimentares em aparatos governamentais. Assim, nesse movimento de inserção na administração feita pelo Estado de um problema que antes era enfrentado de forma dispersa por instituições outras, como a Igreja católica ou ações filantrópicas, os cientistas vinculados ao assunto viram que uma das estratégias possíveis era a disputa partidária.

Em 1950, Josué foi candidato pela primeira vez a deputado federal por Pernambuco em uma coligação chamada “Democrática Pernambucana” (formada pela UDN, Partido Republicano, Partido da Representação Popular, Partido Democrata Cristão, Partido Libertador e o PTB). Fez campanha para Getúlio Vargas, que concorria à presidência da República. Durante o pleito, Castro foi coordenador eleitoral e vice-presidente do PTB em Pernambuco.<sup>679</sup> Naquele ano, Josué não foi eleito, tendo recebido 4.770 votos e ficado na sexta suplência.<sup>680</sup> Mas Vargas venceu e Josué, seu apoiador de primeira hora, ganhou um novo estatuto no governo federal, como ele vai dizer:

o Senador Getúlio Vargas, que iniciou a política de assistência social e alimentação popular no Brasil, acaba de ser eleito Presidente da República para o período 1951-1956. Ele considera a alimentação do povo o problema número um do Brasil. Vargas acaba de me responsabilizar pela elaboração de um plano geral de uma política nacional de nutrição, incluindo a criação de uma estrutura administrativa adequada para colocar o plano em operação eficiente. Agora que minha saúde está completamente restabelecida, estou

---

<sup>678</sup> O senhor Josué de Castro aderiu à política. *Jornal do Comércio*, 26 de agosto de 1950, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>679</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Greenburer, 26 de outubro de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>680</sup> Em 1950, o PTB apoiou a candidatura para governador em Pernambuco de João Cleófas, da UDN, que tinha como concorrente Agamenon Magalhães, pelo PSD. “Quanto a minha eleição em Pernambuco, como você sabe, nunca tive a ilusão de ganhá-la, principalmente quando compreendi melhor as qualidades políticas do Cleofas. Aí então compreendi que não havia a menor esperança. E os resultados confirmaram minha impressão. Tendo eu agido com o Cleofas com a extrema lealdade que você bem conhece, tudo sacrificando para manter-me leal ao convênio idiota, em retribuição ele não cumpriu a menor fração de suas promessas. Em compensação, uma das maiores alegrias que tenho tido, foi a de ter notícia da sua derrota e ver assim Pernambuco livre do perigo de ser governado por um chefe político tão vazio de sentido e de qualidade. A vitória do Agamenon – a sua invencibilidade – é produto de sua espetacular superioridade como político e homem público sobre adversários anões, como este João Cleofas.” *In*: Carta de Josué de Castro a Jamesson Ferreira Lima, 23 de novembro de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

trabalhando neste plano com entusiasmo, e com grandes esperanças de que o Brasil poderá dar passos largos nos próximos anos no problema de fornecer alimentos adequados para sua população.<sup>681</sup>

Josué fazia diversas visitas ao presidente, fosse em audiências formais no gabinete ou em encontros informais, a exemplo de um churrasco na casa de verão de Eduardo Fasanelo. Com isso, Castro passou a ter um lugar de destaque no governo federal, o que não tinha no governo anterior, o de Eurico Gaspar Dutra. No novo cenário, ainda em janeiro de 1951, Josué foi designado para a diretoria do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), mas ficou por um breve período<sup>682</sup> porque foi nomeado em março para chefiar a CNA.<sup>683</sup> Nesse contexto, a representação da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) passou para essa comissão e, assim, Josué também dirigia a atuação do país nessa agência internacional e nomeava seus representantes.<sup>684</sup> Vargas fundou em dezembro de 1951 a Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP), que tinha comissões auxiliares nos estados, as Comissões de Abastecimento e Preços (COAPS). Josué não teve um cargo nessas comissões, mas indicava pessoas e tinha trânsito nelas.

Junto com Alzira Vargas, filha de Getúlio e amiga, Castro fundou a Comissão Nacional de Bem-Estar Social (CNBS), vinculada ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. A Comissão era presidida pelo ministro em exercício e tinha como vice-presidentes Josué de Castro e Alzira Vargas, que se tornaram as vozes desse novo órgão. Alzira estava na CNBS enquanto representante da Legião Brasileira de Assistência, a LBA, que foi um aparato importante para a execução das ações propostas por Josué. Apesar da tentativa inicial de fazer dessa comissão um órgão que reorganizasse as políticas de bem-estar social, como

---

<sup>681</sup> Carta de Josué de Castro a Norris E. Dodd, 24 de outubro de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>682</sup> *Diário de Pernambuco*, 28 de janeiro de 1951, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>683</sup> *Diário de Pernambuco*, 07 de março de 1951 p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>684</sup> “Ao exercer minha influência, como já lhe disse, no cargo público apropriado, consegui que o governo nomeasse um novo representante brasileiro para o Conselho da FAO [...]”. No caso, o nomeado foi Dr. João Gonçalves. In: Carta de Josué de Castro a Norris E. Dodd, 24 de outubro de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

previdência, habitação e alimentação, a CNBS sofreu grande resistência<sup>685</sup> dos aparatos já existentes, como o SAPS, e se tornou uma comissão consultiva que promoveu a *Pesquisa de Padrões de Vida* para orientar o valor do salário mínimo.<sup>686</sup>

Com essa nomeação para vice-presidência, em 1952, Josué acumulava diversas funções: presidente da CNA, vice-presidente da CNBS, presidente do Conselho da FAO, representante do Brasil na FAO, professor da Universidade do Brasil, diretor do Instituto de Nutrição e membro do PTB, na vice-presidência do diretório de Pernambuco. Essa profusão de atribuições denota que Josué tinha intenso trânsito nos aparatos federais e um acúmulo significativo de capital social que foram importantes para as operações que ocorreram através dessa inserção e de sua associação, a ASCOFAM.

### 5.1. O nascimento da Política de Alimentação Escolar

Nesse mesmo período, Josué e outros especialistas da CNA estavam colocando em operação a Campanha Nacional da Merenda Escolar (CNME). Apesar de não ter tido grande espaço ou protagonismo na obra de Josué de Castro, o tema já era discutido em maior ou menor grau dentro da nascente nutrição. Alexandre Moscoso, por exemplo, quando recebeu a incumbência de fazer um folheto sobre merenda escolar em 1935 da Seção de Informação, Propaganda e Educação Sanitária (IPES), colocou a necessidade de uma integração nacional para o programa de merenda escolar, que poderia tornar a escola fornecedora de alimentação direta ao estudante. Havia, porém, uma atribuição de causa para o problema distinta da visão de Castro e seu grupo, já que estes relacionavam alimentação à renda e pobreza. Disse

---

<sup>685</sup> “Tendo declarado o Sr. Josué de Castro que a CNBS orientará sua política, coordenando as tarefas dos órgãos governamentais já existentes, corrigindo, alterando, e suprimindo o desnecessário, entenderam os Srs. Benjamim Cabello e Edson Cavalcanti que isto implicaria na intromissão de elementos estranhos na administração dos órgãos de que são titulares. O sr. Edson Cavalcanti [...] declarou que não admitirá de forma alguma a ingerência de qualquer elemento estranho na orientação que vem imprimindo à sua administração na direção do SAPS. Replicou o Sr. Josué de Castro, esclarecendo que o decreto criador do novo órgão cuja leitura fez na ocasião é que o sobrepõe aos demais, sujeitando estes à sua orientação. [O Ministro do Trabalho Segadas Viana disse] que a Comissão de Bem-Estar Social funcionará como mero órgão consultivo, não lhe sobrando autoridade para ditar determinações aos demais.” *In*: Não admitem a intervenção da Comissão de Bem-Estar. *Diário Carioca*, 2 de novembro de 1951, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>686</sup> Nas discussões para o aumento do salário mínimo, o quarto Ministro do Trabalho na época, João Goulart, defendeu o seu aumento em 100% – de Cr\$1.200,00 para Cr\$2.400,00 –, e foi corroborado por Josué. Essa proposta gerou uma reação de industriais, militares, comerciantes e imprensa adversária. O salário mínimo foi reajustado em 100% em maio de 1954, mas João Goulart teve que deixar o cargo de ministro, reassumindo a presidência do PTB. *Cf.* MARTINS, Luis Carlos dos Passos. Salário, Inflação e Subversão: a visão da grande imprensa do Rio de Janeiro sobre o aumento de 100% do salário mínimo durante o segundo governo Vargas. *Historiae*, v. 2, n. 1, 2011. p. 137-152. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2405>

Moscoso: “à pobreza atribui-se, muitas vezes, a culpa (da má alimentação do escolar), mas, de fato, a responsabilidade é devida com maior certeza à ignorância e à indiferença dos pais”<sup>687</sup>. Esse posicionamento de Moscoso sobre as causas da má alimentação ou fome endêmica marcava dois polos entre aqueles que pensavam alimentação e suas questões: os que atribuíam os problemas alimentares à ignorância, como Moscoso, ou aqueles que os vinculavam à pobreza, como Josué. Em ambos os casos, a merenda escolar cumpria um papel importante em função do fornecimento de alimentos baseados nos preceitos científicos e respaldados pelos técnicos da nutrição.

O folheto elaborado por Moscoso também mostrou que já havia o serviço de merenda em algumas escolas, fornecido pelas próprias ou gerido por outras instâncias governamentais, como a prefeitura do Rio de Janeiro. Ele citou 136 escolas nesta cidade que ofereciam o serviço de alimentação.<sup>688</sup> Havia, da mesma forma, iniciativas estaduais, como a de São Paulo, que teria surgido na década de 1940, ainda que em uma extensão bem menor que o projeto da prefeitura do Rio de Janeiro. Dentro da autogestão da escola para o fornecimento de alimentação escolar, o formato mais utilizado era o das Caixas Escolares, organização da própria escola em parceria com os responsáveis pelos alunos e outros doadores, que pretendiam fornecer alimentos e itens básicos para os escolares de baixa renda. A captação de recursos poderia vir de festas, grupos filantrópicos ou doações privadas. Tem-se notícia de Caixas Escolares ainda no período imperial e eram de tal modo diversas que não podem ser atribuídas como uma regra nas unidades de ensino.<sup>689</sup>

Dante Costa foi um dos nutrólogos que mais tempo dedicou ao assunto da alimentação escolar, tendo publicado muitos trabalhos e se engajado em 1935 na Campanha Nacional de Alimentação da Criança, feita pela Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância e capitaneada pelo médico Olinto de Oliveira. A campanha não gerou frutos, mas no SAPS ele conseguiu implantar sua atuação na alimentação escolar. Assumindo a chefia da Seção Técnica em 1942, com a saída de Josué de Castro, Costa realizou um inquérito com crianças em idade escolar. A conclusão foi que 80,4% das crianças consumiam desjejum de forma

---

<sup>687</sup> MOSCOSO, Alexandre. Alimentação dos Escolares. *Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico Social*. Seção de Informação, Propaganda e Educação Sanitária. Rio de Janeiro, 1935. p 05.

<sup>688</sup> *Ibidem*. p. 30.

<sup>689</sup> FOGAGNOLI, Marcela. *Alimentar também é educar: a merenda escolar no Brasil*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2017. p. 152.

deficiente e havia claros sinais de fome endêmica, como tonicidade muscular prejudicada, palidez, entre outros.<sup>690</sup> Também criou um “serviço de desjejum escolar” que provavelmente operou entre 1942 e 1944 para mil crianças que pudessem comprovar que levavam merenda para a escola ou que recebiam a alimentação da instituição. Essas crianças também deveriam comparecer ao SAPS para serem examinadas por médicos.<sup>691</sup> A obrigatoriedade de comprovar que se tinha acesso à comida de alguma forma não deixa de chamar atenção, por fazer um recorte e escolha das crianças para as quais já se tinha disponível alguma alimentação, deixando de fora aquelas em maior vulnerabilidade. O corte adotado aqui converge com a orientação de alimentar o trabalhador e sua família, mostrando que o importante não era acabar com a fome de toda a população, mas sim do grupo específico dos trabalhadores formalizados, sobretudo os urbanos.

Costa escreveu um pequeno texto, *Merendas Escolares*, que pretendia direcionar os lanches mandados para a escola. É nessa orientação sobre o fazer nas cozinhas que reside o consenso dos debates nutricionais sobre alimentação escolar. Era preciso criar uma alimentação escolar racional, que levasse à criança e ao adolescente não apenas mais vitalidade, mas também o conhecimento sobre a alimentação ideal.

Nos anos 1940 começou-se a levantar a necessidade de uma gestão nacional feita pelo Estado da alimentação escolar, como mostrou a conclusão de um trabalho liderado por Walter Santos, que trouxe a “convicção de que a melhor solução para o problema da merenda escolar seria sua instituição em todos os estabelecimentos de ensino”<sup>692</sup>. Santos passou a se dedicar ao tema, publicando em 1951 um estudo sobre educação alimentar que enquadrava os limites de uma educação alimentar sem acesso a alimentos: “uma campanha educativa popular numa época em que escasseiam alimentos, onde os preços se elevam progressivamente, onde dominam o mercado negro, as falsificações e adulterações de gêneros de primeira necessidade, certamente terminará em fracasso por falta de base material e moral para a sua efetivação”<sup>693</sup>. Em outras palavras, era preciso orientar e fornecer alimentos. Walter Santos se

---

<sup>690</sup> COSTA, Dante. *Principais deficiências nutritivas de crianças em idade escolar no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SAPS, 1960. p. 3-30.

<sup>691</sup> COSTA, Dante. *Alimentação do Escolar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949. p. 43.

<sup>692</sup> SANTOS, Walter. Merenda escolar. *Ciência Médica*, 1948. p. 407.

<sup>693</sup> SANTOS, Walter. O problema da Educação Alimentar no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, tomo 7, 1951. p.149.

tornou o grande articulador do programa de alimentação escolar que começou na CNA a partir do Plano mencionado. Também formou chefias regionais da CNA em um curso na cidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, para que pudessem operacionalizar a atuação nos estados e publicou a *Cartilha da Merenda Escolar*. O texto trazia orientações sobre instalações, equipe, planejamento, preparação, tipo de alimentos e receitas.<sup>694</sup>

Foi no começo da década de 1950 que surgiu o Departamento Nacional da Criança (DNCr) dentro do Ministério da Educação e Saúde, a pedido de Getúlio Vargas, que considerava que “o problema da infância é, antes de mais nada, um problema social”<sup>695</sup>. O departamento atuou na alimentação de lactantes e gestantes com uma parceria que seria fundamental para a constituição da política de alimentação escolar no Brasil com a *United Nations International Children Emergency Fund* (UNICEF) órgão da ONU, chamado na época no Brasil de Fundo Internacional de Socorro à Infância (FISI), nome esse que adotaremos daqui em diante. Criado em 1946 para socorrer crianças europeias vítimas da Segunda Guerra, o FISI se tornou um organismo importante para atuação com crianças em países da América Latina, Ásia e África, entre eles o Brasil. Segundo Coimbra, no começo foi o Itamaraty que se aproximou do FISI e possibilitou os primeiros programas voltados para o grupo materno-infantil que depois se deslocaram para os escolares.<sup>696</sup> O acordo foi assinado em 1950. Em 1951, o Brasil tinha o maior programa apoiado pelo FISI da América Latina e em 1953 representou 44% dos repasses para essa região. A entrada do FISI nessa frente permitia uma alocação de recursos que foi essencial para que as diretrizes expostas nos diversos trabalhos técnicos feitos até então pudessem ser colocadas em prática.

O primeiro programa tinha cinco milhões de dólares em recursos com a contrapartida de que o Brasil também mandaria dinheiro ao FISI. Em seu primeiro ano eram atendidos os estados do Ceará, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte, mas foi preciso ampliar por causa da pressão de outros estados. Isso resultou na diminuição do público atendido no primeiro recorte, pois os recursos não aumentaram na mesma medida. O FISI instalou uma representação local em João Pessoa que logo depois mudou para o Rio de Janeiro, onde a

---

<sup>694</sup> SANTOS, Walter; PAES, Jitia Dias. *Cartilha da Merenda Escolar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

<sup>695</sup> MOTA FILHO, Cândido. *Contagem Regressiva: memórias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972. p. 17.

<sup>696</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Comer e aprender: uma história da Alimentação escolar no Brasil*. Belo Horizonte: MEC, 1982. p. 309.

representante Gertrude Lutz acabou por estreitar relações com Josué de Castro. Nesse primeiro repasse via DNCR, destinou-se quase metade para leite em pó, margarina e cápsulas de vitaminas. O restante do recurso foi para melhoria de hospitais, vacinas, treinamento de parteiras e campanha de educação e saúde. Nos anos seguintes, o repasse permaneceu constante. Os programas elaborados àquela altura previam a implantação de uma usina de pasteurização de leite em João Pessoa, a criação de fábricas de leite em pó e o estabelecimento da alimentação regular para crianças e gestantes. As fábricas eram o foco do FISI pois se gastava uma grande quantia para transportar os produtos do programa de alimentação, como o leite em pó. O governo brasileiro deveria arcar com os custos de transporte, que, no entanto, eram ocasionalmente pagos com o dinheiro que o poder público destinava ao próprio FISI. Com inúmeras dificuldades na gestão nacional da implantação do programa, apenas uma fábrica de leite em pó chegou a ser montada em Pelotas, no Rio Grande do Sul em 1960.<sup>697</sup>

A partir de 1953, os Estados Unidos, maior financiador do FISI, começaram a pressionar para que seu excedente de produção agrícola fosse comprado e repassado aos países atendidos, mesmo que a preços módicos. Ao mesmo tempo que davam destino para seus excedentes, construía influência política através deles e de assistência técnica.<sup>698</sup> Os programas escolares de alimentação começaram a entrar no horizonte de atuação do FISI, sendo aprovados para acontecer na Colômbia, Honduras, El Salvador, Guatemala e outros países da América Latina. No Brasil, essa diretriz estava em consonância com os planos de Josué de Castro e seu grupo, do qual fazia parte também Walter Santos, como indica o relatório apresentado na reunião do FISI:

há um plano da Comissão Nacional de Bem-Estar Social, já apresentado pelo professor Josué de Castro, à representante do FISI, que embora vasto e muito superior aos recursos que o FISI poderia devotar a um programa desse tipo no Brasil, constitui sem dúvida uma base para a elaboração de um projeto, em menor escala, de caráter experimental.<sup>699</sup>

---

<sup>697</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 320-332.

<sup>698</sup> MITCHELL, Timothy. *Rule of experts: Egypt, techno-politics and modernity*. Los Angeles: University of California Press, 2002. p. 41.

<sup>699</sup> Relatório apresentado pelo Representante Brasileiro à reunião do FISI, parágrafos 52 e 55, p 20 e 21, Anexo do Ofício de 10/03/1954 do representante brasileiro à delegação da ONU. Arquivo do Ministério das Relações Exteriores. Pasta 70.837.



O plano citado era, na verdade, aquele que fora construído pela CNA um pouco antes (conforme explicado no capítulo anterior), e não pela CNBS, da qual Castro também participou. Nesse mesmo ano, para que a CNA ganhasse força, houve um pedido de emenda no orçamento que retirava verba do SAPS para destinar à CNA, que passaria a ter em vez de 2 milhões, 5 milhões de cruzeiros. Estes foram retirados do Plano SALTE por autorização de Vargas, para que a comissão pudesse realizar as atividades previstas, entre elas o programa de alimentação escolar.<sup>700</sup> Assim, entre março ou abril de 1954, foram feitos os primeiros repasses de leite em pó para a campanha nacional de alimentação escolar através da CNA. Até então, o órgão interlocutor brasileiro era o DNCr e essa mudança foi, segundo depoimentos da época, inicialmente não oficial por conta dos laços pessoais de Gertrude Lutz com os técnicos da CNA, em especial Walter Santos.<sup>701</sup> Logo Josué de Castro começou a organizar a distribuição do leite em pó como se vê em uma carta a Mário Pinotti, então ministro da Saúde:

A minha Comissão da Alimentação está levando a efeito uma Campanha de Alimentação visando principalmente proporcionar assistência alimentar ao escolar com alimentos obtidos através de programa de assistência técnica das Nações Unidas. [...] Como seu serviço dispõe, provavelmente, destes meios [de transporte], venho, a título de colaboração, solicitar sua boa vontade em ceder, por empréstimo, quaisquer viaturas que possam ser utilizadas no Nordeste, um dos centros em que vamos desenvolver a campanha.<sup>702</sup>

A distribuição do leite em pó parece ter começado em agosto de 1954, mas sobre essa primeira fase não há muita documentação. O que se sabe é que poucos lugares foram escolhidos, entre eles estavam Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. As notícias correram na imprensa, dando conta do convênio entre a CNA e o FISI e os estados atendidos.<sup>703</sup> Josué mandou uma mensagem a Vargas avisando sobre o início da operação:

Tenho a honra de informar V. Excelência que foi inaugurada hoje em Recife Campanha Nacional de Alimentação neste Estado com a distribuição de merendas escolares a todas escolas da cidade. Diariamente quarenta mil merendas complementarão a dieta escolar para o combate a subnutrição infantil. Com esta iniciativa alarga-se num campo vital a política do bem-estar social preconizada por V. Excelência.<sup>704</sup>

---

<sup>700</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 371.

<sup>701</sup> COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 361.

<sup>702</sup> Carta de Josué de Castro a Mario Pinotti, 3 de maio de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>703</sup> MESQUITA FILHO. *Merenda Escolar*, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>704</sup> Telegrama de Josué de Castro a Getúlio Vargas, 15 de agosto de 1954. Acervo CPDOC, Fundação Getúlio Vargas.

Poucos dias depois desse telegrama, Vargas tirou a própria vida. Com a ascensão de Café Filho à presidência, Castro perdeu uma parte considerável da rede política que tinha no governo federal e se viu sem capital político para manter sua influência nesse e em outros espaços que circulava.

## 5.2. Um candidato “sem grandes possibilidades econômicas”

O ano de 1954 era também de campanha eleitoral e Josué de Castro novamente se candidatou a deputado federal em uma coligação chamada “Movimento Popular Autonomista”, com o PTB, seu partido, o Partido Social Democrático (PSD) e outros menores. Ele era o “candidato capaz de satisfazer as elites e as massas”<sup>705</sup>:

A minha candidatura se justifica pelo desejo de ação social que sempre motivou minhas atividades visando libertar as massas trabalhadoras da fome e da miséria que as esmagam e oprimem. [...] Só através de uma participação pessoal no poder público me seria possível contribuir de maneira decisiva para mudar esse estado de coisas. Aceitei a oferta do Partido Trabalhista Brasileiro de incluir meu nome na lista de candidatos a deputado federal. [...] Logo recebi substancial apoio de forças populares que se exprimiram através da solidariedade de alguns dos mais expressivos líderes dos trabalhadores de Pernambuco. Isto me dá o direito de considerar minha candidatura como uma candidatura de base popular.<sup>706</sup>

Dessa vez ele teve o apoio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que havia sido cassado em 1947, durante o governo Dutra, e não pôde lançar candidatos. Para essa eleição, ele articulou o apoio com os sindicatos,<sup>707</sup> especificamente o Conselho Consultivo dos Trabalhadores de Pernambuco formado por quatro federações e 47 sindicatos de trabalhadores do estado.<sup>708</sup> Também contou com o apoio de uma parcela dos intelectuais de Pernambuco, que fizeram um manifesto em prol de sua candidatura.<sup>709</sup>

Nas eleições, Castro fez dobradinha com o advogado Francisco Julião para deputado estadual. Esse viria a ser o líder das Ligas Camponesas e de quem Castro se tornaria grande

---

<sup>705</sup> Professor Josué de Castro, provável candidato do PTB. *Folha da Manhã*, 18 de abril de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>706</sup> Entrevista à *Folha do Povo*, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 649.

<sup>707</sup> “Compareceram à reunião representantes de cinquenta e um sindicatos da capital e interior, que numa unanimidade impressionante aclamaram o nome do cientista pernambucano professor Josué de Castro, candidato das classes trabalhadoras para as próximas eleições”. In: *Jornal do Commercio*, 11 de agosto de 1954, p 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>708</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 265.

<sup>709</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 682.

amigo e parceiro, adensando a entrada de Josué na temática da reforma agrária e fazendo de Julião e das Ligas um dos temas de seu livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*.<sup>710</sup> Com isso, Castro tinha o apoio dos trabalhadores organizados em entidades representativas na área urbana e rural e de intelectuais à esquerda. Para a campanha, adotou comitês descentralizados em áreas periféricas e centrais do Recife e no interior de Pernambuco.

Josué, que ascendia das classes médias, não era o candidato com mais verba, ao contrário: era um candidato “sem grandes possibilidades econômicas”. Wilson de Barros Leal, que concorria a vereador no Recife pelo PTB esperava um aporte financeiro de Castro para apoiá-lo. Em uma carta, relatava as dificuldades financeiras em ser sua base e lembrou Castro que, para ter possíveis apoiadores com potencial eleitorado, era preciso suporte pecuniário:

Não fosse a situação crítica que atravesso, estaria nesse momento lhe devolvendo os Cr\$ 20.000,00 ontem recebidos pelos motivos que passarei a expor: reconheço no amigo um candidato de convicções e sem grandes possibilidades econômicas, daí meu desejo de eleger-lo sem recompensas de caráter pessoal, na certeza que o amigo como deputado será uma voz levantada em protesto contra o predomínio e exploração do capital reacionário. Todavia, é sabido que, mesmo com sacrifícios só fazemos o possível. Repugna-me o pensamento de chapas minhas acompanhadas com outros nomes que não seja o seu, no caso candidatos alheios aos problemas e reivindicações dessas classes trabalhadoras a quem sem hipocrisia, dedico toda minha atividade e atenção. Por isso, para que no futuro não possa ser considerado mentiroso ou traidor é que repito os meus argumentos e dificuldades, para com calma o amigo meditar e ver se não tenho razão. Tenho uma despesa certa, conforme poderá verificar pelas notas em anexo, de 28 mil cruzeiros por mês, para sustentar os diretórios, núcleos e escolas que mantenho para o eleitorado. Não podendo, como é óbvio, cobrir com os subsídios esta despesa, endividei-me em Cr\$64.000,00 nos Bancos Industrial e Funcionários Públicos, Cr\$13.000,00 no Sindicato, Cr\$2.000,00 na Papelaria Vitoria e Cr\$12.000,00 de um amplificador de som. Como pagar isto tudo com CR\$20.000,00? [...] Torna-se indispensável o amigo receber e acertar os ponteiros com as seguintes pessoas que a meu conselho estão esperando o seu ‘grito’: vereador de Tiuma (300 votos), 1 de Camaragibe (200 votos), 1 de Brejo da Madre Deus (400 votos), dois de Aliança (500 votos), 1 suplente de Olinda (400 votos), 2 suplentes de Recife (500 votos). O presidente dos Sindicatos Garções, Metalúrgicos, Paulista, 3 de Garanhuns etc. 1 grande família de Serra Talhada (650 votos), 1 de São Francisco de Pageú (800 votos) e 1 de São Bento (300 votos). Faltando dois meses para eleições, posso continuar segurando esta turma com conversa?<sup>711</sup>

Não sabemos se as outras verbas vieram ou não, mas em 1956, Josué escreveu ao presidente do PTB, João Goulart, e falou “que era indispensável considerar-se a necessidade

---

<sup>710</sup> Sobre a relação de Josué com as Ligas e o livro, cf: RIBEIRO Jr., José Raimundo S. Uma resposta política para a fome: Josué de Castro e as ligas camponesas. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, 2020. p. 107-119. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a34734>

<sup>711</sup> Carta de Wilson de Barros Leal a Josué de Castro, 11 de julho de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 557.

de destinar a delegacia de uma das autarquias ao Wilson Barros Leal, em consideração aos inestimáveis e constantes serviços que ele vem prestando com capacidade e lealdade ao Partido”<sup>712</sup>. A construção da rede de relações de Josué não se dava a partir da simples troca de dinheiro e cargo por voto. Era uma relação cultivada em cartas e conversas em que ambos os lados carregavam obrigações morais no cumprimento dos estabelecidos. Nesse caso, não tendo grande capital financeiro como recurso, Josué se valia de seu capital social para angariar aliados, indicando-os a cargos. Alguns boatos difamatórios falavam sobre as táticas de Josué:

Quando se aproximam das eleições lembraram-se de criar, em Pernambuco, uma seção dessa inutilidade que Josué de Castro comanda [CNBS]. Josué, claro, é candidato a deputado federal pelo PTB pernambucano. [...] Mande verificar o que há e ficará estarecido. Cabos eleitorais estão sendo pagos pelas suas verbas a setenta mil cruzeiros por cabeça, pelo menos, pois só digo os casos que sei de testemunho real. Estou dando o caso, dando os nomes, dando os fatos. Josué de Castro está no Rio onde foi conseguir mudar, por gente sua, os altos funcionários do ministério do Trabalho aqui. Um dos cargos ele o pedirá para um rapaz que era candidato, também pelo PTB, a deputado federal. Pelo cargo que Josué lhe prometeu o rapaz desistirá da candidatura e passará a ser, como funcionário novo no Ministério, cabo eleitoral de Josué.<sup>713</sup>

Outra tática foi a vinculação com o seu papel enquanto intelectual, transferindo o capital simbólico adquirido ao longo da carreira científica para a disputa no legislativo. Nos pronunciamentos e na campanha era frequentemente chamado de Professor Josué de Castro, com um slogan – “Vote no professor!” – que o afastava da figura típica da “política tradicional” advinda das oligarquias que não tinha, necessariamente, carreira na universidade. Como ele dizia, não era um homem de partido.<sup>714</sup> Segundo ele e seus apoiadores, sua vida estava “consagrada ao bem-estar da humanidade” e seu “passado de lutas, sua abnegação, seu caráter íntegro e seu grande coração são a garantia de nossas mais ardentes esperanças nacionalistas”.<sup>715</sup> Em 1954, Castro foi eleito com 14.076 votos sendo que “8.000 deles provieram do alto sertão, de zonas de voto de cabresto” que, segundo Josué, teriam sido

---

<sup>712</sup> Carta de Josué de Castro ao Cel. S. Mendes de Holanda, 24 de fevereiro de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 587.

<sup>713</sup> Tribuna parlamentar. *Tribuna da Imprensa*, 01 de setembro de 1954, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>714</sup> MENEZES, Anna Waleska N. Cunha de. *Os embates entre ciência e política na experiência parlamentar de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. p. 94.

<sup>715</sup> Material de Campanha de Josué de Castro. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 113.

arrancados com discursos e propaganda.<sup>716</sup> Josué criava uma representação de si como alheio ao modo de operação da política partidária e do Estado vinculada à pessoalidade e à troca de favores.

Castro deixou o comando da CNA depois de assumir a cadeira no legislativo em 1955. Mesmo se não tivesse saído, as circunstâncias não eram mais tão favoráveis. Com o suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954, seu grupo ficou desprotegido na CNA, que agora tinha como ministro responsável pela comissão Cândido Mota Filho, do Partido Republicano (PR) e de oposição ao PTB. O programa de merenda escolar se ampliava cada vez mais e ter na CNA um programa em franca expansão que ainda abrigava um grupo de Castro não era interesse do ministro. Assim, Mota Filho apresentou à presidência um anteprojeto para criar a Campanha da Merenda Escolar sob gestão do Ministério da Educação, dizendo que uma campanha experimental tinha sido feita “com a cooperação da Comissão Nacional de Alimentação”<sup>717</sup>. Em 1955, através do decreto nº 37.106 foi criada a Campanha de Merenda Escolar dentro do Ministério de Educação e Cultura sob comando de Salvador Julianelli, membro trazido pelo novo ministro. Entre as justificativas estava:

a grande percentagem de escolares brasileiros não atingiam níveis normais de crescimento e de desenvolvimento físico e mental; o elevado número de crianças que chegava às escolas em completo jejum; alunos desmaiavam de fome durante as atividades escolares; por sua alimentação insuficiente, muitos escolares eram desatentos e demonstravam sono durante as aulas; as crianças subnutridas, além de se fatigarem com facilidade de não possuírem resistência às enfermidades, não retinham com facilidade as lições; o índice de frequência nas escolas que serviam merendas era muito mais elevado.<sup>718</sup>

Era uma política que tinha como principal componente “seu corpo de técnicos, constituído de especialistas de alto padrão, e que são responsáveis diretos pelo bom êxito de

---

<sup>716</sup> Carta de Josué de Castro a João Goulart, 3 de novembro de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 558.

<sup>717</sup> Julianelli, Salvador. “Relatório das atividades do CNME, apresentado ao Sr. Ministro da Educação e Cultura”. *Apud* COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (org.). *Op. Cit.* p. 377.

<sup>718</sup> Decreto nº 37.106. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

seu programa assistencial e educativo”<sup>719</sup>. O corpo técnico<sup>720</sup> era o esteio da criação desse novo aparato, a apresentação pública que justificava sua criação.

Eis por que Josué de Castro, Walter Santos e o time vinculado a eles, que tiveram papel central na criação dessa política pública, não são lembrados quando se fala sobre o tema. Aos membros da CNA só restou se estabelecer como assessores, como foi o caso de Walter Santos. O salário, porém, não foi pago pelo menos entre janeiro e maio.<sup>721</sup> Os aluguéis dos imóveis nos quais funcionavam os aparatos também sofriam atrasos nos pagamentos<sup>722</sup> e com frequência as remessas prometidas de leite não chegavam ou atrasavam.<sup>723</sup>

Apesar do cenário desfavorável, a Comissão continuava sob influência de Castro, e diversas demandas iam para ele, como a ampliação do programa de merenda escolar.<sup>724</sup> Também passavam por ele as nomeações, principalmente em Pernambuco. A Jameson Ferreira Lima, o principal aliado de Josué e seu articulador em Pernambuco, Castro disse que, em janeiro de 1955, “atendendo a uma solicitação feita ao Ministro da Educação, pelo Costa Porto, será nomeado Delegado Regional em Recife, o Sr. Mário Andrade [...]”.<sup>725</sup> Provavelmente Jameson esperava uma promoção pois já era aliado de Josué e assistente técnico da CNA em Pernambuco, cargo de baixo prestígio. Mas ela foi concedida a Mario

---

<sup>719</sup> Decreto nº 37.106. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

<sup>720</sup> “Compete aos Nutrólogos, através do Setor Técnico, planejamento, a execução e fiscalização dos serviços referentes não só à parte assistencial (prescrição, preparo, distribuição consumo das merendas), como às que dizem respeito à educação alimentar, aos inquéritos, pesquisas de alimentos, etc. Aos Representantes regionais cabem, em suas áreas, as tarefas de orientação e controle dos serviços técnicos e administrativos da C.N.M.E. As Supervisoras, que são diretoras ou professoras de escolas, também elementos credenciados pela C.N.M.E., desempenham funções de vigilância sobre o preparo e distribuição das merendas e o preenchimento dos mapas de controle, que registram o movimento das preparações fornecidas. Aos Professores está afeto o labor de formar técnicos através de cursos de preparação, conferências etc., e divulgar conhecimentos básicos sobre alimentação. Os pesquisadores estatísticos são encarregados, respectivamente, das pesquisas de alimentos e de produtos empregados na confecção da merenda, na colheita de material, na interpretação dos inquéritos nutricionais e no levantamento e coleta de dados estatístico. As Merendeiras estão distribuídas as tarefas da confecção e parte da distribuição das merendas, no que são auxiliadas pelos escolares ajudantes. O pessoal administrativo da CNME se incumbem de importantes trabalhos dos quais depende o perfeito entrosamento todas as atividades gerais.” *In*: Decreto nº 37.106. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

<sup>721</sup> Carta de Mario Andrade a Josué de Castro, 19 de março de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 72.

<sup>722</sup> Carta de Mario Andrade a Josué de Castro, 21 de abril de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 572.

<sup>723</sup> *Ibidem*.

<sup>724</sup> “Estivemos com o secretário do dr. Josué de Castro conversando a respeito de merenda escolar e fizemos-lhe ver a nossa estranheza pelo fato de uma cidade como Limoeiro não haver, ainda, sido incluída na distribuição de tais benefícios.” *In*: Limoeiro - um busto do ex-presidente Vargas para a cidade. *Diário de Pernambuco*, 29 de agosto de 1954, p. 20. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>725</sup> Carta de Josué de Castro a Jameson Ferreira Lima, 19 de Janeiro de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 572.

Andrade e ele se tornou também seu aliado de primeira hora, ampliando a rede política de Castro. Josué teve que interferir na representação da Campanha de Merenda Escolar em Pernambuco para que ele pudesse permanecer: “Depois de luta árdua consegui obter definitivamente sua permanência a frente da Campanha de Merenda Escolar”<sup>726</sup>.

Castro se empenhava para a liberação de verba e manutenção da campanha em Pernambuco. Nesse esforço, também estava a destinação de dinheiro à CNA:

Ja empreguei além do que o Sr deixou mais de 10 mil cruzeiros que estão fazendo falta. Os funcionários estão em situação de aperto incrível e por essa razão tenho atendido na medida do possível. Por outro lado quase que diariamente vem o proprietário do Depósito e do Edifício receber os aluguéis atrasados sendo que o ultimo ainda não recebeu o mês de dezembro conforme foi o Sr informado quando aqui esteve pessoalmente. Sei que o Sr tem feito o possível porém gostaria de receber uma noticia certa a respeito.<sup>727</sup>

Josué teve que interferir, escrevendo uma carta ao ministro Cândido Mota Filho:

[...] não desejo intervir indevidamente na orientação a ser dada a Campanha de Alimentação, desde o momento em que deixei a sua direção. Como deputado Federal, no entanto, devo e sou forçado a defender os interesses do Estado que represento. Não discuto a necessidade de que se reestruture a Campanha em novos moldes, mas não me parece justo, nem humano demitir sumariamente funcionários que vinham cumprindo com os seus deveres, sem o Estado cumprir com o seu mais elementar dever de pagar a estes funcionários seus vencimentos. Por isto, solicitei a V. Exa. que antes de proceder-se às demissões julgadas necessárias pela atual administração que se processasse o pagamento dos funcionários que não recebem desde janeiro deste ano e caso não fosse possível pagá-los no momento, que se aguardasse um melhor momento psicológico para demiti-los. Infelizmente, julgou a atual direção da Campanha oportuno proceder a demissão imediata. Nestas condições, venho informar a V. Exa. que como Deputado devo tomar a defesa destes pobres funcionários que perdendo a confiança nos poderes públicos, vão aumentar o número dos que já não crêem mais no nosso regime.<sup>728</sup>

Agora, como deputado federal, Josué era cobrado pela rede política que tinha formado: “Reconheço sua atual situação frente ao Governo, mas afinal de contas, a palavra do Josué de Castro é sempre a palavra do Josué de Castro [...]”<sup>729</sup>. Porém, essa posição no legislativo não lhe dava a inserção necessária para atender aos diferentes pedidos que surgiam, visto que no executivo federal ele tinha perdido parte considerável do capital

---

<sup>726</sup> Carta de Josué de Castro a Mário Andrade, 10 de abril de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 587.

<sup>727</sup> Carta de Josué de Castro a Mário Andrade, 21 de abril de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 572.

<sup>728</sup> Carta de Josué de Castro ao Exmo. Sr. Dr. Candido Mota Filho, 02 de maio de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 303.

<sup>729</sup> Carta a Josué de Castro [sem nome do remetente], 27 abril de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 436.

político. Sobre isso, escreveu ao seu aliado do PTB de Afogados da Ingazeira em Pernambuco, Artur Alves Feitosa:

Infelizmente tenho que lhe comunicar que não posso interferir junto à Campanha Nacional de Alimentação, para que seja mantida sua quota de leite destinada às crianças escolares de Afogados de Ingazeira. A mudança das circunstâncias políticas fez com que cessasse meu prestígio e interferência na CNA. Um deputado da oposição fica em situação difícil para ajudar seus amigos. De qualquer forma enviarei ao atual Delegado uma nota sobre o assunto para que dentro da nova orientação que foi dada à Campanha ele atenda o seu pedido na medida do possível. Quanto à Comissão Nacional de Bem-Estar Social foi extinta pelo atual governo, não havendo portanto nenhuma possibilidade de atender o aspecto de sua gratificação por parte deste órgão. Esperando que o amigo compreenda a situação, principalmente porque as circunstâncias tendem a se modificar e com a sucessão presidencial melhorarão as perspectivas. Então poderei voltar a atender, no plano de medidas executivas, os companheiros que me ajudarem no plano político. Em relação a emprego, as coisas estão no mesmo pé, com as mesmas possibilidades. Devemos, porém, ter esperança.<sup>730</sup>

Em resposta, Artur Alves Feitosa disse:

[você] me deixou ciente dos acontecimentos acerca do Bem-Estar Social e da Campanha Nacional da Alimentação respectivamente. Quanto a v. interferência neste sentido, reconheço que mal sucedida, em virtude da v. posição política que no momento estar ao lado esquerdo, mas, contudo, espero da v. parte todo esforço no sentido de ser conseguido a cota de leite, para este Município e a Vila de Tigre, pois sou candidato a Vereador por aquele distrito e preciso fazer a minha campanha.<sup>731</sup>

O programa de leite em pó, excedente dos Estados Unidos comprado pelo FISI e encaminhado aos países subdesenvolvidos, nos termos da época, entrava, assim como os empregos no aparato estatal, na estrutura para aumento de capital político, como uma ferramenta para angariar aliados e votos. Inseria-se no sistema de obrigações morais criado que mobilizava recursos das mais diferentes frentes para se sustentar.

O fato de Pernambuco ter sido o estado escolhido para abrigar o fornecimento de leite em pó em um ano eleitoral no qual Castro se candidatava não passou batido pelas pessoas com as quais ele disputava dentro do cenário político. Entre elas estava Estácio Souto Maior, deputado federal eleito no mesmo ano também pelo PTB, que não deixou de enfatizar na Câmara e na imprensa tempos depois o acontecido: “há cerca de cinco anos, [o leite] vem sendo distribuído na base de uma irregularidade gritante, sendo acumulado nas vésperas das

---

<sup>730</sup> Carta de Josué de Castro a Artur Alves Feitosa, Afogados da Ingazeira, 29 de abril de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 572.

<sup>731</sup> Carta de Artur Alves Feitosa a Josué de Castro, Afogados da Ingazeira, 7 de maio de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 572.



eleições de 1954 e 1958 para serem trocados barris e barris de leite em pó por votos, para a eleição do Sr. Josué de Castro”<sup>732</sup>. Não foi só ele que levantou essa questão.

Se por um lado a distribuição do leite rendeu notícias na imprensa elogiando o programa,<sup>733</sup> por outro as críticas apareceram em jornais de claro antagonismo, como era o caso do *Diário de Pernambuco*, aliado às oligarquias usineiras: “esse leite do FISI já tem sido objeto aqui de várias controvérsias: disseram os comunistas que o leite cegava; descobriu-se agora que o leite andou sendo oferecido às fábricas de sorvete; e andam dizendo também que o dito leite chegou a eleger deputado, de tão gordo e nutritivo que é”<sup>734</sup>.

A relação entre os poderes locais, dos exemplos acima, e central, concentrado no executivo federal e, em menor grau, no legislativo, é importante para que possamos entender a construção do capital político de Josué. Ambos os espaços eram interdependentes – ele precisava das lideranças locais para ser eleito e necessitava estar inserido no governo federal para que pudesse retribuir o apoio com verbas e favores de diferentes ordens.

Com a eleição de Juscelino Kubitschek em 1955, Castro voltou a fazer parte do grupo hegemônico no executivo federal e, com isso, com muito mais possibilidade de atuação. Membro do PSD de Minas Gerais, Juscelino fora apoiado pelo PTB durante a campanha. Não se sabe quando ocorreu a aproximação com Josué, mas esse se tornou conselheiro do presidente para assuntos de alimentação e foi incumbido por Juscelino de formular um plano no tema.<sup>735</sup> Um documento e um discurso foram preparados e chamados de *A batalha da alimentação*:

De todos os problemas que o Governo tem de enfrentar, este é o que mais punge no meu coração como um apelo de dever sagrado: o drama cotidiano das famílias humildes com seus modestos orçamentos devorados pela inflação, pela desordem financeira, pela moléstia crônica de nosso organismo corroído pela acumulação de residuais de um desenvolvimento econômico-social desordenado e impetuoso. [...] Diante desta situação, recomendei acurado estudo por parte de técnicos e especialistas no assunto,

---

<sup>732</sup> A fome mata milhões e engorda Josué. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>733</sup> No Recife o Sr. Josué de Castro. *Correio da Manhã*, 10 de fevereiro de 1954, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>734</sup> O leite do FISI. *Diário de Pernambuco*, 17 de março de 1955, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>735</sup> “O Presidente Juscelino pediu-me para preparar um plano de ação governamental no campo da alimentação e agricultura e assim autorizado por ele reuni um pequeno grupo de técnicos que estão trabalhando para dar base econômica a uma política trabalhista rural, base de nosso desenvolvimento econômico desequilibrado e de consolidação do trabalhismo no Brasil.” In: Carta de Josué de Castro ao “Meu caro chefe e amigo”, 31 de dezembro de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 552.

ouvi pessoas identificadas com a matéria, auscultei produtores e consumidores e de posse desses elementos elaboramos um programa de ação que visa desafogar a carestia, pelo menos de início, de um certo número de produtos alimentares que são considerados de importância vital para a população. Se conseguimos, como temos fundadas esperanças, conter o encarecimento e abastecermos suficientemente os consumidores dos produtos de importância vital como o feijão, a farinha, a carne, a batata e o arroz, já teremos obtido uma vitória fulminante contra terrível espectro da fome e da subnutrição que ronda sordidamente por toda a parte. E para esta batalha decisiva que eu desejo convocar e mobilizar todos os brasileiros, acima de divergências políticas ou ideológicas, irmanados todos no propósito elevado de suprimir a maior causa de perturbação de nossa existência, de agitação social e de marasmo econômico.<sup>736</sup>

Não temos o registro de que este documento tenha sido lido publicamente por Juscelino em algum momento, mas ele é um indício da proximidade que os dois tinham, criando um laço de amizade que permaneceu até nos tempos de exílio, com trocas de cartas e visitas. Durante o governo de Kubitschek, Josué quase foi Ministro da Agricultura, mas foi rejeitado por membros do seu partido, como os desafetos de Pernambuco e o grupo do Rio Grande do Sul que controlava a pasta (sob comando de Mário Meneghetti), além da ala conservadora da Igreja Católica.<sup>737</sup> Para Castro, essas conexões eram centrais. Sem grande capital financeiro como parte de seus opositores e sem ter nascido dentro da oligarquia pernambucana, Josué investiu significativamente na formação de capital social tanto no governo federal quanto no seu estado natal.

No começo de 1957, como vimos no capítulo três, a ASCOFAM foi fundada por Josué com o dinheiro que ele ganhou quando foi laureado com o Prêmio Internacional da Paz. Dela participaram outros atores do Brasil, como Oswaldo Aranha, e da França, como o padre Joseph Leuret. A associação funcionava concentrada em três núcleos: um europeu, centrado na França e na Suíça; um núcleo no Rio de Janeiro, onde estava a sede nacional e tinha como secretário Souza Barros, pernambucano que morava na cidade; e um último centrado no

---

<sup>736</sup> Castro, Josué de. *Subsídios para o discurso sobre a batalha da alimentação*. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 280.

<sup>737</sup> Castro foi cotado para ministro diversas vezes. Com a derrota das eleições em 1950, foi cogitado para Ministro da Agricultura no governo Vargas, mas não chegou de fato ao cargo. Em 1958, ele foi nomeado para o cargo por Juscelino Kubitschek por indicação de João Goulart, na época vice-presidente. Mas o presidente teve que voltar atrás por pressão do próprio partido de Castro, o PTB, que detinha a pasta com Mário Meneghetti, e da ala conservadora da igreja católica. Segundo um artigo, o maior adversário era o senador Apolônio Sales, do Partido Social Democrático (PSD) de Pernambuco, o mesmo do presidente. Depois disso, as matérias passaram a trazer declarações que o acontecido era apenas boato e que Meneghetti não deixou o cargo. Tais boatos sobre assumir a pasta da Agricultura surgiram também nos governos de Jânio Quadros e João Goulart. Esse tema pode ser conferido na tese de: MENEZES, Anna Waleska N. Cunha de Menezes. *Op. Cit.* p. 79. Também está presente na imprensa, como: Permanecerá no Ministério da Agricultura Mario Meneghetti. *Estado de São Paulo*, 21 de janeiro de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 34.

Recife que tinha atuação na capital e nas cidades do interior de Pernambuco e, em casos isolados, em algumas outras cidades do Nordeste.

Quem trabalhava para sua existência era Josué de Castro e Souza Barros, no Rio de Janeiro, e, no Recife, Gilberto Costa Carvalho (que foi o primeiro delegado regional por um breve período), Jameson Ferreira Lima (que substituiu Gilberto) e Mário Andrade. Essa associação teve dois papéis de destaque: um como mobilizadora da sensibilização para a fome, como vimos no capítulo três, e outro na atuação em políticas de assistência alimentar no estado de Pernambuco, em especial na distribuição de leite em pó e enriquecimento de farinha de mandioca com soja, ambos em parceria com aparatos governamentais nos quais Josué tinha ingerência, como CNA, LBA e o Ministério da Saúde, e agências internacionais, como o FISI e a FAO.

O assistente técnico regional da CNA em Pernambuco, Jameson Ferreira Lima, tornou-se o secretário regional da ASCOFAM no Nordeste<sup>738</sup> e fazia a gestão da associação regional. Assim como Mário Andrade, que era o representante da Campanha Nacional de Merenda Escolar em Pernambuco e assumiu a posição de tesoureiro da ASCOFAM regional.<sup>739</sup> Esse acúmulo de funções das mesmas pessoas e a relação delas com Josué – presidente internacional e criador da ASCOFAM – levaram a diversos acordos públicos de cooperação entre a associação e aparatos estatais, como a CNA.<sup>740</sup> Por isso, parte dos “acordos de cooperação” se davam, na verdade, por esses agentes que representavam os dois grupos.

Com essa participação ativa nos aparatos, Josué discursava em diversas inaugurações das novas unidades de atendimento da CNA.<sup>741</sup> Fora isso, é preciso considerar que Josué indicava cargos em outras áreas que lidavam com a questão alimentar. Em junho de 1958, ele

---

<sup>738</sup> No primeiro momento, quem ocupou esse cargo foi Gilberto Costa Carvalho e não temos registro de quando exatamente se deu a troca. *In*: Leite em pó - 200 toneladas para Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 5 de junho de 1957, p. 16. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>739</sup> 405 escolas desta capital foram atendidas com a merenda escolar. *Correio do Povo*, 20 de dezembro de 1960, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>740</sup> Carta de Pedro [sem sobrenome] a Josué de Castro, Ouricuri, 29 de junho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

<sup>741</sup> Inaugurados ontem postos alimentares. *Jornal do Comércio*, 23 de outubro de 1957, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

conseguiu a nomeação de Jamesson para o comando da COAP em Pernambuco,<sup>742</sup> posto hierarquicamente superior e de melhor salário. Para o SAPS, designou Antonio Rego Vilar, em 1956, para chefiar a delegacia regional no mesmo estado.<sup>743</sup> Toda essa circulação, somada ao prestígio de Josué na área, fazia com que os acordos pudessem ser operados e facilitava os trabalhos entre as distintas instâncias. Não eram, portanto, acordos impessoais, como faria supor uma visão idealizada da burocracia. Eles aconteciam através dos agentes envolvidos nos diversos níveis da burocracia estatal e também nas associações não governamentais, como a ASCOFAM. Em resumo, mesmo sem fazer parte formalmente, Castro tinha forte influência na CNA e no SAPS, que eram “os órgãos que obedec[iam] à orientação do Professor Josué de Castro”<sup>744</sup>.

Indicação de cargos a padrinhos e pedido de mudança de função ou de cidade era algo corriqueiro e não apenas feito por Josué. Como na carta em que José do Patrocínio Guedes da Cruz pedia a interferência de Souza Barros, secretário nacional da ASCOFAM:

Estou trabalhando na Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco, como auxiliar de arrecadação, nível 4, lotado na Seção de Expediente, da Superintendência da Fiscalização de Rendas com o novo governo; tem havido reforma no quadro do pessoal e vários companheiros já foram contemplados, eu porém, sem um padrinho, nada arranjei até agora e o Dr Miguel Arres vai deixar a Fazenda para ir à Prefeitura; se não lhe causar nenhum inconveniente e se for possível, escreva ao Dr Arraes, para que eu tenha qualquer melhora, pois o padrão de vida atual, com os vencimentos que recebo, não é possível enfrentar.<sup>745</sup>

Esse fluxo de favores e cargos não se dava apenas em Pernambuco. Através do presidente Juscelino Kubitschek, por exemplo, Castro conseguiu a promoção de um aliado.<sup>746</sup> Com Juscelino, Josué viajava pelo Brasil para inaugurar obras. Em 1958, foi a Pernambuco e Maranhão no avião presidencial.<sup>747</sup> Josué estava em campanha para a eleição na qual concorreu novamente como deputado federal pelo PTB de Pernambuco.

---

<sup>742</sup> O Caso da COAP. *Diário de Pernambuco*, 24 de junho de 1958, p. 3. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>743</sup> *Diário de Pernambuco*, 26 de abril de 1956, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>744</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Souza Barros, 01 de abril de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 288.

<sup>745</sup> Carta de José do Patrocínio Guedes da Cruz a Souza Barros, 24 de maio de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 286.

<sup>746</sup> Telegrama de Josué de Castro a Juscelino Kubitschek, 30 de junho de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 565.

<sup>747</sup> *Tribuna da Imprensa*, 10 de fevereiro de 1958, p. 15. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

Foram montados comitês nas periferias do Recife organizados e coordenados por José Vicente Rodrigues Lima. A base da campanha era os sindicatos e comitês intelectuais, separados em grupos da capital e do interior, em que o foco era nas associações rurais. Ou seja, a mesma estrutura da eleição de 1954: comitê dos subúrbios, como eram chamados, comitê estudantil, comitê dos intelectuais e comitê dos sindicatos e associações, contemplando áreas urbanas e rurais.<sup>748</sup> Os agentes envolvidos na campanha eram orientados a distribuir os livros e panfletos de Josué de Castro, conquistando os indecisos. Além disso, o PTB, para entrar em uma aliança com outros partidos, pediu como contrapartida o lançamento de apenas Castro e Barros Carvalho como deputados federais em Pernambuco, o que deixava o primeiro em evidência.

Nesse período, o SAPS também se tornou um parceiro da ASCOFAM e um serviço de intensa incidência de Josué. Nos anos de 1957 e 1958 houve um programa de expansão do SAPS em Pernambuco cuja verba era pedida por Josué diretamente ao presidente da República.<sup>749</sup> As inaugurações eram propagandeadas na imprensa em publicação paga pelo serviço, a exemplo do posto de subsistência no município de Vitória de Santo Antão, aberto em outubro de 1957 com agradecimentos ao presidente, a Josué de Castro e ao coronel Benedito Arcanjo da Costa Lima, diretor geral do SAPS.<sup>750</sup> Em março de 1958, foi inaugurado um “supermercado nos moldes mais modernos, montado em Caruaru. O povo da Capital do Agreste vai ter assim, o ‘self-service’, servindo-se a si mesmo, como se faz na América do Norte”<sup>751</sup>. Josué de Castro tinha sido o responsável por conseguir as verbas necessárias para o projeto e visitou a cidade:

Trazendo cartões do professor Elisio Condé, procurou alguns políticos e fez promessas. Entre elas, figura a doação de uma ambulância para a Casa dos Pobres São Francisco de Assis, o que encheu de contentamento o dinâmico Delmont Limeira. Afirmou que telegrafaria a Sara Kubitschek e o assunto estaria resolvido em poucas semanas. Prometeu também uma máquina de

---

<sup>748</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 113.

<sup>749</sup> “Presidente ordenou ao diretor SAPS remessa imediata três milhões que chegarão aí na próxima semana”. Telegrama de Josué de Castro para SAPS RECIFE, 12 de dezembro de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 401.

<sup>750</sup> Aviso [propaganda do SAPS]. *Diário de Pernambuco*, 27 de outubro de 1957, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>751</sup> O SAPS em Caruaru. *Diário de Pernambuco*, 4 de março de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

vitaminar farinha que será instalada no mercado de farinha, coisa que vai surpreender os nossos matutos que ali vendem o produto.<sup>752</sup>

Outros postos do SAPS foram inaugurados: em junho de 1958, na cidade de Pesqueira,<sup>753</sup> interior de Pernambuco, e em Boa Vista<sup>754</sup> e Casa Forte<sup>755</sup>, bairros do Recife. Todas as inaugurações eram propagandeadas na imprensa local por Antonio Rego Vilar e vinham com os agradecimentos ao deputado Josué de Castro e ao coronel Benedito Archanjo da Costa Lima. Em agosto de 1958, duas usinas de beneficiamento de farinha de mandioca enriquecida também foram inauguradas em Caruaru e Araripina em uma parceria do SAPS, COAP e ASCOFAM: “Primeira remessa dos produtos vitaminados foi doada pelo ‘Laboratório Roche’ ficando a cargo as posteriores aquisições da ASCOFAM e LBA”<sup>756</sup>.

Aliados de Josué de outras localidades, como o governador do Ceará Flávio Marcílio,<sup>757</sup> também se interessaram pelas expansões que Castro conseguia, como os supermercados do SAPS. O pedido veio de um funcionário do Ministério da Saúde, da Delegacia Federal de Saúde de Fortaleza, que dizia que Marcílio precisava dessa política “pois é candidato a prefeito de Fortaleza”<sup>758</sup>. Josué respondeu em dezembro, depois de voltar da Europa:

comuniquei-me com o Secretário do Conselho Nacional de Abastecimento para ver como se podia encaminhar o assunto com a maior brevidade. O

---

<sup>752</sup> O SAPS em Caruaru. O deputado Josué de Castro faz promessas. *Diário de Pernambuco*, 23 de abril de 1958, p. 19. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>753</sup> Posto do SAPS. *Diário de Pernambuco*, 30 de maio de 1958, p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>754</sup> SAPS Auto-Serviço da Boa Vista [propaganda]. *Diário de Pernambuco*, 14 de junho de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>755</sup> SAPS Auto-Serviço da Casa Forte [propaganda]. *Diário de Pernambuco*, 21 de junho de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>756</sup> Já se acha funcionando o posto de beneficiamento de farinha de mandioca. *Diário de Pernambuco*, 10 de agosto de 1958, p. 14. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>757</sup> Flávio Portela Marcílio (1917-1992) foi eleito vice-governador do Ceará pelo PTB em 1955 e assumiu o governo em 1958. Não venceu o pleito para a prefeitura nesse ano e depois tornou-se deputado federal pelo mesmo partido e, no período da ditadura, pelo ARENA. Ver: [https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/Ex\\_presidentesCD\\_Republica/marcilio.html](https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/Ex_presidentesCD_Republica/marcilio.html). Acesso em: 01 mar. 2023.

<sup>758</sup> “A respeito, peço-lhe que apresse a vinda dos técnicos que você enviou a Recife, pois, agora com a presença do Flávio Marcílio à frente do Governo, conto, muito poderá ser feito para encontrarmos uma solução. [...] Quanto ao caso de Dona Zeneide Franca Chaves de Magalhães, aquela senhora que você me deixou encarregado de ver o que era possível fazer em favor dela - informo que a mesma trabalha no DNERu, percebendo por serviços prestados e que naquela repartição, bem assim em todas as outras do Ministério da Saúde aqui, não existe nenhuma vaga em que a mesma pudesse ser aproveitada. A única sugestão que no momento me ocorre seria a de você conseguir com Pinotti o aproveitamento de D. Zeneide na verba 3 com melhoria de vencimentos.” In: Carta de Hyder Correia Lima a Josué de Castro, 31 de outubro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 561.

Presidente aprovou uma verba de Cr\$ 500.000.000,00 para construção de mercados, restaurantes e outras obras ligadas ao plano de abastecimento, entre as quais se incluem estas obras de Fortaleza. Infelizmente esta verba deverá ser aplicada por intermédio de uma Comissão cujo presidente é o atual Ministro do Trabalho, o que dificulta sobremodo, como você logo vê pelas ligações com a Prefeitura de Fortaleza. Tudo que pude fazer foi retardar a marcha do assunto, aguardando que se processe uma eventual mudança que volte a facilitar os planos de realização concebido antes da criação desta Comissão. Já transmiti tudo isso ao Crisanto e peço-lhe explicar também ao vice-governador Flavio Marcílio em que pé se encontra o assunto.<sup>759</sup>

O ministro do trabalho na época era José Parsifal Barroso, político de Fortaleza e filiado ao PTB que se candidatou ao governo do estado, e o prefeito de Fortaleza era Acrício Moreira da Rocha, do Partido Republicano (PR). Parsifal havia sido eleito senador em 1954 em uma coligação com o PR e, por isso, os dois eram aliados. Josué tinha mais capacidade de interferência quando se tratava de Pernambuco. Já no caso do Ceará, a verba seria gerida pelo ministro do trabalho e candidato ao governo, e por isso não atendia às demandas feitas a Josué porque o ministro tinha, ele mesmo, interesse em inaugurar os serviços.

A troca de favores ocorria nas duas vias, como podemos observar, e era uma das ocupações na qual os políticos despendiam tempo significativo. Diversas missivas que recebia eram para pedir uma colocação para algum parente, conhecido ou para o próprio remetente. Esse tipo de relação tinha se intensificado a partir da sua segunda campanha para deputado federal em 1954. Apesar de não ser exclusividade do período eleitoral, os pedidos se intensificavam nesse.

Estou chegando de Exu, onde estou dirigindo uns trabalhos de estrada, com os flagelados, e com as ordens do Dr. Guilherme, o engenheiro do DNOCS, onde trabalho há sete anos. Tinha recebido um chamado do prof. Arlindo, meu diretor no Ginásio, que me queira falar da candidatura do Professor Josué de Castro, pedindo-me para eu apoiar o deputado, entre a minha gente, pequena, mas, grande em número e em coração. Meu trabalho, Dr., é com gente humilde, pobres cassacos de açude, ou, agora, flagelados de estrada. Mas eu sei lidar com essa gente, apertando ou abrindo, quando preciso, e eles gostam de mim. [...] O Prof. Arlindo me disse que ninguém merecia mais que o Professor Josué de Castro, ser deputado pelo sertão, e estou pensando como ele, Dr. O que eu queria, fora a garantia de não perder o meu emprego, (sou da Verba 3, e não tenho garantias, mesmo com 8 anos firme e se o Dr. vendo o meu serviço, e as minhas possibilidades, o prof. Arlindo dirá ao Dr. o que faço), ver se consegue com o Dr. Josué de Castro passar para efetivo, mesmo no DNOCS, ou noutra repartição do Ministério.<sup>760</sup>

---

<sup>759</sup> Carta de Josué de Castro a Hyder Correia Lima, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 561.

<sup>760</sup> Carta de Pedro [sem sobrenome] a Josué de Castro, Ouricuri, 29 de junho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

Ainda em 1958, ano da campanha para deputado federal, além das diversas inaugurações dos serviços do SAPS, Josué continuava como figura central para a distribuição de leite em pó. Os pedidos para o envio de remessas de leite eram expedidos por Josué em telegramas e diziam que deveriam ser endereçados ao SAPS.<sup>761</sup> Sua atuação estava concentrada em Pernambuco, mas era encarado nacionalmente como aquele que comandava a distribuição do produto. Como Leonel Brizola, que recorreu a ele quando precisava que 164 toneladas de leite em pó não fossem distribuídas pelos postos de saúde e sim pelas prefeituras e subprefeituras no Rio Grande do Sul.<sup>762</sup> Josué também organizava doações específicas de leite, como uma para a cidade pernambucana de Santo Amaro, em junho de 1958.<sup>763</sup>

Como elemento ligado à Associação Mundial Contra a Fome, Sr. Josué de Castro afirmou que, no dia 18 do corrente mês, viajará para o interior do estado a fim de realizar a distribuição de leite em pó, vitaminas, farinhas vitaminadas e outros produtos, enviados pela ASCOFAM para os flagelados do sertão pernambucano. Parte desses gêneros já se encontra nas docas do Recife e outro tanto deverá chegar proveniente do Rio de Janeiro por via aérea.<sup>764</sup>

A distribuição de leite foi usada nas eleições novamente. Como escreveu em carta Dorgival de Oliveira, aliado que, em troca do apoio que deu a Josué nas eleições, queria uma transferência para o Rio de Janeiro como assistente:

O leite obtido antes das eleições e distribuído ao pessoal do Clube foi uma maneira de satisfação para eles sufragarem o nome do professor embora eu não tenha condicionado a entrega do leite somente aqueles que votassem no amigo. O leite foi distribuído com a informação apenas de ter sido obtido por intermédio do Prof. Josué de Castro, nada mais, para evitar explorações.<sup>765</sup>

Josué também destinou leite em pó através da CNA para trabalhadores da indústria têxtil que estavam em greve<sup>766</sup> e para áreas no semiárido atingidas pela seca daquele ano:

Com a colaboração de várias instituições públicas e privadas para as quais apelamos, tais como a Confederação Nacional da Indústria, Legião Brasileira de Assistência, Comissão Nacional de Alimentação e diversos grupos de indústrias sulistas, foi possível obtermos várias dezenas de toneladas de leite em pó, algumas dezenas de toneladas de farinha

---

<sup>761</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 561.

<sup>762</sup> Telegrama de Leonel Brizola a Josué de Castro, 13 de agosto de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 569.

<sup>763</sup> Leite para Santo Amaro. *Diário de Pernambuco*, 13 de junho de 1958, p. 16. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>764</sup> Chegará no dia 23, ao Recife, a Missão Técnico-Agrícola Francesa. *Diário de Pernambuco*, 15 de abril de 1958, p.3. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>765</sup> Carta de Dorgival de Oliveira a Josué de Castro, [s.d]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 583.

<sup>766</sup> Grevistas agradecem Colaboração da CNA. *Jornal do Commercio*, 29 de março de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.



alimentícia, além de complementos vitamínicos suficientes para enriquecimento do leite em pó.<sup>767</sup>

Essas movimentações não passaram despercebidas por seus adversários que atribuíram sua vitória nas eleições de 1958 em primeiro lugar como deputado federal em Pernambuco, com 33.657 votos, ao leite do FISI.<sup>768</sup> Josué foi eleito com o maior número de votos da história de Pernambuco e de todo o Nordeste. Foi acusado pelos jornais de prometer empregos na ASCOFAM e usar a associação para empregar cabos eleitorais.<sup>769</sup> Além disso, o apoio do PCB também foi apontado como um fator importante para a vitória.<sup>770</sup>

Um dos procedimentos previstos pelos deputados federais era a destinação de verbas, as emendas parlamentares, através dos orçamentos dos ministérios. Havia grande investimento entre os legisladores para que suas bases fossem contempladas pelo orçamento federal e Josué era um dos que usavam esse mecanismo. Via Ministério do Trabalho, no Recife Castro destinou verba para sindicatos de profissões ligadas especialmente ao trabalho urbano, como jornalistas e portuários.<sup>771</sup> Através do Ministério da Saúde, pelo Departamento Nacional da Criança, priorizou obras para sociedades de amparo à criança realizadas por associações dos mais diferentes tipos para cidades como Recife, Garanhuns, Pesqueira e Nazaré da Mata. Pelo Ministério da Educação e Cultura destinou subvenções extraordinárias para diferentes ginásios no interior de Pernambuco, como Ouricuri e Arcoverde, para a Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro, e para o jornal do seu aliado Joel Silveira, *O Semanário*. Os valores iam de CR\$50.000,00 a CR\$300.000,00.<sup>772</sup> Essas eram

---

<sup>767</sup> O deputado JC fala sobre a seca do sertão. *Correio do Povo*, 19 de abril de 1958, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>768</sup> Votação para deputado federal em Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 31 de outubro de 1958, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>769</sup> Josué utiliza o conto do emprego. *O Jornal*, 16 de agosto de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>770</sup> “Josué foi eleito porque o líder comunista Luiz Carlos Prestes, embora desprestigiado, mandou que os comunistas descarregassem no prêmio Stalin da Fome, o que, efetivamente, foi feito. Mas Josué, além dos comunistas, tinha as toneladas de leite do FISI, o monopólio do farelo de farinha de trigo da COAP local, o SAPS e alguns empregos para distribuir. Conseguiu algumas nomeações através de portarias, poucos dias antes do pleito, algumas das quais já foram anuladas. Só recebia leite em pó o prefeito que desse votos a Josué, como o de Ouricuri, porque o de Garanhuns, Sr. Francisco Filgueira, reagiu com violência ao suborno leiteiro do parlamentar petebista”. In: Vaca de Josué. *Tribuna da Imprensa*, 17 de outubro de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>771</sup> Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife; Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Radio-difusão de Pernambuco; Sindicato dos Portuários do Recife; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico. In: Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 233.

<sup>772</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 233.

transferências de verbas para manter sua rede política e atender às demandas de lideranças políticas locais, do seu estado natal, e alguns poucos casos do Rio de Janeiro. Com isso, vemos que parte importante das atividades que Josué operava no plano federal estava relacionada com sua rede política de Pernambuco.

### 5.3. A ASCOFAM e a gestão estatal da fome

A distribuição de leite em pó pela ASCOFAM foi mais simples de se estabelecer do que a de farinha enriquecida.<sup>773</sup> Isso ocorreu porque o canal de fornecimento de leite já havia sido formado antes e tinha financiamento constante. Josué era o interlocutor brasileiro no FISU, não só pelo contato com a representante no Brasil, Gertrude Lutz, mas também pelas reuniões que fazia em Nova York.<sup>774</sup> Já a proposta de enriquecimento de farinha com alimentos de alta carga proteica, como soja, era experimental e começou a ser testada em 1958 como medida contra a fome endêmica. A insuficiência de proteínas, conhecida em seu estado grave como *Kwashiorkor*<sup>775</sup>, era um dado constante nas pesquisas científicas sobre alimentação e tanto o leite quanto a soja eram para lidar com essa característica da fome endêmica. O tema havia sido tratado no Brasil em parceria com a FAO no começo da década de 1950 com a realização de uma pesquisa feita por médicos brasileiros.<sup>776</sup>

Em 1958, um convênio firmado entre a ASCOFAM e a LBA destinou 3 milhões de cruzeiros para execução do projeto de enriquecimento de farinha por um ano. O projeto foi executado pela ASCOFAM e o valor recebido estava dividido em Cr\$500.000,00 para instalação e aparelhos; Cr\$1.500.000,00 para alimentos e produtos químicos enriquecedores; e Cr\$1.000.000,00 para pagar as pessoas e serviços envolvidos no projeto.<sup>777</sup> Assim, a

---

<sup>773</sup> O enriquecimento era com adição de farinha de soja panificável (10%), vitaminas do complexo B, ferro, fósforo e cálcio. Com isso, ficava com cerca de 7% de proteína. In: A ASCOFAM enriquecerá alimentos. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 52.

<sup>774</sup> Coluna Diplomacia & tratados. *Tribuna da Imprensa*, 27-28 de fevereiro de 1960, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>775</sup> BROCK, John. F.; AUTRET, Marcel. *Kwashiorkor in Africa*. *World Health Organization, Monograph Series*, n. 8, 1952.

<sup>776</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 371.

<sup>777</sup> Carta de Josué de Castro a Padre Joseph Lebret, 24 de julho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

associação ia criando cargos próprios a partir desses acordos, na medida em que uma parte expressiva do valor era destinada ao pagamento da equipe envolvida.

Para o início dos trabalhos com farinha enriquecida foi escolhida uma área teste que precisava apresentar condições específicas.<sup>778</sup> A comunidade selecionada foi em Surubim, município de Pernambuco. Dessa comunidade, foram definidas nove famílias, ao todo 51 pessoas, que recebiam um quilo de farinha fortificada por pessoa a cada semana e eram acompanhadas pelo nutrólogo Nivaldo Barbosa de Souza para medir o efeito da dieta em quadros clínicos manifestados pela fome endêmica, como a pelagra, doença causada pela deficiência no consumo de vitamina B3.<sup>779</sup> Os resultados foram positivos e comprovaram a diminuição de avitaminose, principalmente a falta de vitamina B2, e a melhora na incidência de pelagra e anemia.<sup>780</sup> Assim, o projeto de enriquecimento se estabeleceu em outras cidades a partir do que eles chamavam de usinas de enriquecimento. Tais usinas consistiam em máquinas para misturar a farinha que funcionavam em locais onde a ASCOFAM conseguia parceria para que os equipamentos fossem instalados.

A ideia era expandir o fornecimento para a venda do produto em postos dos SAPS, em escolas e refeitórios de fábricas em convênio com a LBA. A entrega gratuita da farinha que sobrasse, caso ocorresse, deveria ser feita para orfanatos e devidamente publicizada.<sup>781</sup> “Cientificamente preparada, atenderá um terço das necessidades diárias das crianças, em

---

<sup>778</sup> Eram elas: “a) escolha de uma comunidade estagnada, em área, com aglomerado de famílias nunca superior a 300 unidades; b) este aglomerado não deve ser produtor autônomo de farinha de mandioca e sim consumidor, tendo realmente o hábito diário em 1 ou mais de 1 refeição da farinha de mandioca (um aglomerado também produtor dificilmente se sujeitaria ao uso da farinha enriquecida ou mesmo passaria a alterar a composição, juntando farinha de lavra ou “pura” à farinha experimental). Escolhida a comunidade para a experiência teria lugar uma pesquisa de hábitos da aglomeração, da composição das – famílias, estado de saúde, número de filhos havidos vivos e mortos e todos os demais aspectos de interesse clínico e dietético, para se ter uma visão perfeita do grupo, antes de iniciado o teste.” In: Carta de Josué de Castro a Gilberto [sem sobrenome], Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

<sup>779</sup> “Vale destacar que na localidade de Mimoso, onde selecionamos sete famílias, a pelagra vem recidivando quase todos os anos, a partir do ano de 1952 quando teve a maior seca no Agreste, trazendo a sua inclemência. [...] uma família selecionada na localidade de Lagoa da Vaca, tem na ‘dona da casa’, uma vítima, talvez irreparável, de uma pelagra crônica, que vem recidivando há 12 anos. Esta senhora já era nossa conhecida desde 1952, quando a fotografamos com lesões pelagrosas clássicas, tendo inclusive o ‘colar de casal’. Apresentava no início da atual observação, infiltração edematosa sobretudo nos pés, pernas e face, anemia profunda, embotamento da atividade psíquica, descamação pelagrosa com hiperpigmentação e hiperkeratose sobretudo no dorso dos pés e mãos, nos ante-braços, face e região esternal (paquidermia)”. In: Relatório dos três primeiros meses de observação com farinha enriquecida sob o patrocínio da ASCOFAM. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 647.

<sup>780</sup> Ascofam diz: mudança alimentar do Nordeste é uma tarefa de todos. [recorte sem data e sem nome do veículo]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>781</sup> Programa da Delegacia da ASCOFAM no Nordeste. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 436.

proteína, vitaminas, cálcio, ferro e fósforo. Ainda este ano, beneficiará 800 mil alunos, distribuídos em treze unidades da Federação – declarações do dr. Walter Santos, assessor técnico da Comissão Nacional de Alimentação.”<sup>782</sup>

O projeto aconteceu em pelo menos três cidades que temos notícia: Recife, Caruaru e Araripina. “A localização dessas usinas corresponde a um rigoroso critério científico obedecendo tanto ao problema de produção local de farinha de mandioca como ao seu consumo habitual pela população local.”<sup>783</sup> Apesar da justificativa científica, sabemos que o sistema de relações do qual fazia parte Josué ocupava um lugar central para a tomada de decisão sobre onde seriam instalados os serviços, quais instituições seriam beneficiadas e qual seria o público final atendido.

Depois do ano eleitoral, as parcerias entre SAPS, ASCOFAM e CNA continuaram, como para fabricação, distribuição e venda de farinha vitaminada.<sup>784</sup> O mesmo acontecia para a distribuição do leite na merenda escolar, que era feita em Pernambuco através da parceria firmada entre a ASCOFAM e a Campanha Nacional de Merenda Escolar, ou seja, a partir da articulação entre Josué de Castro, Jamesson e Walter Santos, que era superintendente da CNME na época. O convênio era para distribuição em instituições do Nordeste do “leite em pó adquirido mediante ajuste com o governo norte-americano, de acordo com um programa elaborado em comum e as possibilidades da CNME”.<sup>785</sup>

A instalação física da ASCOFAM no Recife, ou seja, em que local a associação funcionaria, estava sendo cotada entre alguns prédios públicos:

Quando regresssei do Rio, encontrei as maiores dificuldades para conseguir um local em que pudesse instalar a ASCOFAM. A antiga sede na Delegacia Federal de Saúde estava e está ocupada pelo CODENO e o material é usado pela mesma instituição. Mário Andrade não alugou ainda o prédio da Merenda Escolar, local onde espero fique em definitivo a ASCOFAM. Quanto à COAP, que realmente poderia ser o local ideal, a título precário, não pude aproveitá-la legalmente, pois ainda não obtive a resposta de um ofício que fiz, a conselho do Gal. Ururahy, sobre o assunto. quero dizer que não instalei à revelia, oficialmente, a ASCOFAM na COAP, para evitar posteriores problemas, na eventualidade de ser rejeitado o meu pedido sobre

---

<sup>782</sup> Três milhões de escolares receberão merenda no próximo ano. [recorte sem data e sem nome do veículo]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>783</sup> Carta de Josué de Castro a Mario Pinotti, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 571.

<sup>784</sup> *Diário de Pernambuco*, 14 de fevereiro de 1959, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>785</sup> Leite em pó para as Instituições Particulares de Ensino Gratuito. *Diário de Notícias*, 11 de fevereiro de 1960, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

o assunto. Vale dizer porém, que, na verdade, a ASCOFAM funciona clandestinamente no meu gabinete. Agora mesmo, vou tirar os moveis da Delegacia para um prédio que aluguei para a parte de abastecimento da COAP, nas Graças. Lá, espero que o funcionamento seja mais regular e se a resposta da COFAP for favorável, a sede poderá lá permanecer indefinidamente.<sup>786</sup>

Com isso, a distribuição de leite em pó se concentrou no Nordeste. De acordo com uma entrevista de Walter Santos ao jornal *Diário de notícias*, o “FISI fornece leite em pó para 400 mil escolares nordestinos, para 20 mil pré-escolares na Amazônia e 40 mil no Brasil Central através da Campanha Nacional de Merenda Escolar”<sup>787</sup>. Josué interferia para que o leite fosse destinado a Pernambuco, como comentou Valério de Castro Rodrigues, da CNA de Pernambuco:

pretendo reiterar ao eminente conterrâneo, os meus mais sinceros e efusivos agradecimentos pelo concurso de sua decisiva e eficiente atuação junto ao cel. Walter Santos, sem o que, não se teria concretizado o empréstimo de 1.000 sacas correspondentes a 210 tambores de leite em pó, por parte da Merenda Escolar, para atendermos aos compromissos que nos assoberbam perante essa legião de necessitados que nos procuram afim de atenuar a sua fome.<sup>788</sup>

Apesar de sabermos que Pernambuco era um estado intensamente afetado pela fome crônica, não eram as pesquisas científicas o fator determinante para direcionar os critérios de distribuição do leite e sim as relações sociais entre os agentes que compunham o projeto. Apesar de formalmente a política ter sido criada a partir de especialistas e da elaboração de métricas da fome endêmica que a justificavam, a execução obedecia outras dinâmicas que não estavam previstas em sua concepção. Essa concentração em Pernambuco se dava por dois motivos entrelaçados: primeiro, era o estado pelo qual Josué de Castro tinha se eleito e, pelo

---

<sup>786</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Souza Barros, 23 de novembro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 288.

<sup>787</sup> Paralelamente, a Campanha de Merenda Escolar ampliou em número de atendidos e em orçamento. Em novembro de 1954 funcionava em treze estados e o leite do FISI adquirido pela CNA ia para 250 mil escolares no Nordeste. Em 1958, ela atendia dois milhões e meio de crianças. Em um dos boatos difamatórios, Estácio Souto Maior, oponente de Josué, disse que a merenda escolar teve, entre 1955 e 1959, Cr\$ 73.416.000,80 por ano e atendia 1 milhão e 800 mil escolares. Quando Walter Santos assumiu, em 1959, a dotação orçamentária foi para Cr\$ 295.669.167,40 e depois aumentou para Cr\$ 400.000.000,00 em 1960. Ou seja, aumentou significativamente em importância ao longo dos anos, sendo a política pública relacionada à alimentação que ficou mais tempo em operação. Passou-se também a distribuir farinhas enriquecidas, feitas pelas indústrias parceiras no Brasil, diferentemente do leite em pó, que vinha dos Estados Unidos. In: Milhões de cruzeiros desviados da merenda escolar e leite do FISI para eleger Josué de Castro. *Diário de Pernambuco*, 12 de março de 1961, p. 14; e Terão Brasil uma grande indústria de leite em pó. *Diário de Notícias*, 17 de abril de 1960, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>788</sup> Carta de Valério de Castro Rodrigues a Josué de Castro, Recife, 19 de maio de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 565.

“dever parlamentar”, era necessário angariar recursos para seu estado.<sup>789</sup> Mas também, e principalmente, era preciso nutrir o sistema de relações sociais que ele foi estabelecendo ao longo da sua trajetória, um investimento para que pudesse mantê-lo e ampliá-lo.

Vemos isso não apenas pela interferência de Castro para que a concentração da operação acontecesse em Pernambuco, mas também porque além dos aparatos estatais, outras instituições passaram a ser atendidas depois de conversas e parcerias estabelecidas entre o responsável regional e o representante da entidade.<sup>790</sup> Isso quer dizer que, associações, Igrejas e outras instituições faziam a distribuição do leite em pó com base nos seus modos específicos de operação. Quando recebido o alimento, a entidade em questão distribuía entre os seus beneficiários, fosse ela Igreja, associação ou sindicato. Nesse sentido, eram estabelecidos seus próprios critérios e não necessariamente aquele público-alvo delimitado pelos especialistas para que esses programas fossem criados.

As parcerias também se davam em outra esfera. Assim como vimos no capítulo anterior, acordos para capacitação técnica feitos com estrangeiros continuaram na CNA, ASCOFAM, SAPS e outros aparatos. Como a missão francesa de cooperação técnico-agrícola enviada pela parceria organizada por Josué<sup>791</sup> com a Direção Geral dos Negócios Culturais e Técnicos da França e indústrias alimentícias, entre elas

a Sociedade Anônima ‘Sanders’, especializada na fabricação de rações balanceadas para animais e com experiência do assunto em vários países tropicais e subtropicais do mundo. Esta companhia ofereceu-se para enviar ao Brasil uma missão de técnicos para estudar com os nossos especialistas as possibilidades de novas indústrias de rações balanceadas à base de matérias primas locais de varias zonas do país tais como a farinha de mandioca, a farinha de folhas da mandioca, a farinha de peixe, o melaço, etc.<sup>792</sup>

As indústrias que processavam alimentos diversos e vitaminas, a exemplo da Sanders e do Laboratório Roche já citado, investiam significativamente para abrir novas fronteiras de negócios nos países periféricos. Muitas dessas entradas no mercado brasileiro se dava por parcerias com o poder público, como vimos. Josué era contratado da Confederação Nacional

---

<sup>789</sup> O trabalho de Marcos Otávio Bezerra sobre o período de redemocratização apresenta dinâmicas similares que estavam acontecendo no recorte temporal desta tese. Cf. BEZERRA, Marcos Otávio. *Em nome das “bases”*: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 12.

<sup>790</sup> Carta de Valério de Castro Rodrigues a Josué de Castro, Recife, 19 de maio de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 565.

<sup>791</sup> Chegará no dia 23, ao Recife, a Missão Técnico-Agrícola Francesa. *Diário de Pernambuco*, 15 de abril de 1958, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>792</sup> Carta de Josué de Castro a Juscelino Kubistchek. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 561.

da Indústria (CNI) e ganhava mensalmente como consultor,<sup>793</sup> seu salário constava na folha de pagamento da CNI com o valor mensal de Cr\$ 35 mil, conforme noticiado pela imprensa adversária.<sup>794</sup> Através dessa aproximação, ele fez um convênio entre a ASCOFAM, a CNI e o Serviço Social da Indústria (SESI) para a entrega de cem toneladas de leite em pó e vitaminas para os filhos dos operários. “Sem saúde não há trabalho e sem trabalho não há desenvolvimento econômico”,<sup>795</sup> justificava. Ainda por meio dessa parceria, a CNI patrocinou um estudo da ASCOFAM para estrutura agrária no Brasil, assunto que falaremos adiante.<sup>796</sup> Também estavam incluídos entre os apoiadores da ASCOFAM: Nestlé, Companhia Siderúrgica Nacional, Instituto do Açúcar e do Alcool, Companhia Harkson, Indústria e Comércio Kibon e Merck Sharp & Dohme.<sup>797</sup>

Ainda que contasse com esses patrocinadores, o financiamento da ASCOFAM se dava maiormente com dinheiro do governo federal.<sup>798</sup> Além dos convênios com a LBA e CNA, Josué destinava diversas verbas para a sua própria associação. Ele propôs emendas orçamentárias no plano federal para que verbas fossem destinadas à ASCOFAM. Vejamos algumas a seguir. Subvenções extraordinárias foram destinadas à associação via Ministério da Saúde no valor de Cr\$2.000.000,00 em ao menos duas situações.<sup>799</sup> Também Cr\$3.000.000,00 foram investidos, via Ministério da Agricultura do Departamento Nacional da Produção Animal, na realização de trabalhos e pesquisas para o desenvolvimento da produção econômica de rações balanceadas para animais utilizando matérias primas agrícolas regionais.

---

<sup>793</sup> Josué de Castro confirma acusações que fez e destrói as que a ele foram feitas. [recorte sem nome do jornal], 31 de março de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>794</sup> SESI ajuda a matar fome de Josué. *Tribuna da Imprensa*, 01 de setembro de 1959, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>795</sup> Cem toneladas de leite em pó e vitaminas para os filhos de operários. *O Jornal*, 8 de fevereiro de 1958, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>796</sup> Carta de Josué de Castro a Jacy Magalhães (Diretor da CNI), 05 de fevereiro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 118.

<sup>797</sup> Como vem trabalhando a ASCOFAM no Brasil [texto de divulgação]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 128.

<sup>798</sup> No ano de 1959 a ASCOFAM declarou em relatório que tinha dois sócios remidos e cinco sócios coletivos, “todos da indústria”. In: Principais realizações da ASCOFAM no Brasil [texto de divulgação]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 205.

<sup>799</sup> Nesse caso as subvenções iam para Recife, Fortaleza (que teve uma breve delegacia da associação) e Rio de Janeiro. In: Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 233.

No mesmo Ministério, Hermógenes Príncipe de Oliveira<sup>800</sup>, que era deputado federal pelo PSD da Bahia, destinou Cr\$10.000.000,00 para realização de trabalhos e pesquisas sobre o aproveitamento integral da mandioca e enriquecimento alimentar artificial da farinha, em regime de convênio com a CNA e a ASCOFAM. Por fim, Cr\$1.000.000,00 foi destinado através de uma emenda também de Hermógenes via Secretaria de Estado do Ministério das Relações Exteriores para subvenções Ordinárias para a ASCOFAM.<sup>801</sup>

Outro aliado de Josué que destinava verbas para ASCOFAM era Sérgio Magalhães,<sup>802</sup> do PTB do Distrito Federal. Em 1958, ele fez um projeto de lei para crédito especial de Cr\$500.000,00 via Ministério da Saúde para auxiliar nas despesas do I Seminário de Desnutrição e Endemias do Nordeste, evento organizado por Josué em Garanhuns, Pernambuco. O projeto foi arquivado, mas demonstra, assim como as emendas parlamentares de diversas naturezas, que, apesar da ASCOFAM ter um canal de financiamento privado, a maioria das verbas vinha do governo a partir de parcerias com aparatos como LBA, CNA ou SAPS e emendas parlamentares. Os acordos com aliados para destinação de verba também eram um recurso importante, fossem eles ministros ou deputados. Ou seja, o funcionamento da associação se dava pela rede de relações construídas por Josué que conseguia verba estatal.<sup>803</sup> Com isso, a ASCOFAM recebia dinheiro público para operar projetos que eram geridos pela associação privada.

Entre os gastos da associação, estava a execução de projetos específicos (como o enriquecimento de farinha), que exigiam insumos, logística e equipe. O pagamento das pessoas contratadas era preocupação constante, devido ao atrasado frequente de salário. Uma carta falava em 19 servidores em Pernambuco, sendo 16 indicados por Josué.<sup>804</sup> Alguns se mantinham na associação por causa dos acordos feitos com aliados de Josué, como aponta uma carta em que Souza Barros, secretário nacional da ASCOFAM, escreveu ao tesoureiro de Pernambuco, Mário Andrade:

---

<sup>800</sup> Hermógenes Príncipe era aliado de Josué e eles fizeram alianças em algumas ocasiões, como na União Parlamentar Norte-Nordeste, um bloco parlamentar criado em 1959 para política regional do qual Josué era presidente e Hermógenes era vice.

<sup>801</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 651.

<sup>802</sup> Sérgio Magalhães foi um dos fundadores da Frente Parlamentar Nacionalista junto com Josué de Castro.

<sup>803</sup> Carta de Souza Barros a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1958. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

<sup>804</sup> Carta [sem remetente] a Souza Barros. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 420.



Quanto ao cunhado de Esmaragdo você use de certa habilidade, pois não devemos ter aí um complicador com o pessoal de jornais contra a ASCOFAM, mas exija que ele faça um serviço de relações públicas, junto aos jornais, sobretudo nesta fase atual da recuperação da soja e do programa intensivo de mistura de farinha.<sup>805</sup>

No caso, era o jornalista Esmaragdo Marroquim, que escrevia no *Jornal do comércio*, de aliados de Josué de Castro.<sup>806</sup> Além disso, constava entre os gastos a impressão de livros, como *O livro negro da fome*, e os custos do envio desse e de *Geografia da fome* para pessoas que Josué julgava importantes.<sup>807</sup> O dinheiro arrecadado também foi usado para os materiais de escritório no Rio de Janeiro, para os pesquisadores do INUB, além de motorista e outros gastos de Josué.<sup>808</sup> Em carta, Jamesson disse que os aliados de Josué no Recife precisavam de “ocupação masculina”.<sup>809</sup>

A imagem oficial das proposições e projetos criados pelos especialistas contrastava com as operações que o adensamento do combate à fome endêmica pelo Estado proporcionava. Poderia ser nos aparatos estatais, como a CNA, mas também nas associações como a ASCOFAM. Enquanto representação pública, era importante manter a imagem de um trabalho técnico e fora das disputas políticas: “essencial para o bem de todos dar à ASCOFAM (ASCOFAM significa Josué de Castro) um cunho técnico, impessoal, um cunho apolítico. Várias pessoas convidadas para patrocinadores e técnicos, condicionaram a aceitação ao desligamento de qualquer orientação política da instituição”.<sup>810</sup> Mas sua operação, como vimos, obedecia a outras dinâmicas que não eram impessoais ou apolíticas. Eram, ao contrário, instrumentos da manutenção da rede política necessária para que os projetos pudessem ser implantados.

---

<sup>805</sup> Carta de Souza Barros a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

<sup>806</sup> Em uma carta, ele sugeriu: “conforme seu desejo, publicá-lo também no *Jornal do Comércio*, já que me parece difícil ou impossível no *Diário de Pernambuco* que, obedecendo à direção deste entreguista Chateaubriand não deve querer publicar coisas a meu favor. E eu mesmo não gostaria de que utilizássemos esses instrumentos de uma política tão nojenta e tão vergonhosa, como são os órgãos da cadeia do Chateaubriand. Use o *Jornal do Comércio*, onde todos são meus amigos, inclusive o Dr. Francisco Pessoa de Queiroz e o Esmaragdo”. In: Carta de Josué de Castro a Abaeté de Medeiros, Rio de Janeiro, 31 de novembro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 237.

<sup>807</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Josué de Castro, 20 de junho de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>808</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pastas 518 e 383.

<sup>809</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Josué de Castro, Recife, 03 de julho de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 564.

<sup>810</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Josué de Castro, Recife, 03 de julho de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 564.

Além dessas características, é preciso considerar que a execução de uma política pública enfrentava diversas situações que não eram usadas na construção de sua imagem, como (i) insuficiência de produto e de verba, (ii) dificuldades operacionais, (iii) desvios de finalidade, (iv) reivindicações ou (v) a negação em seguir as prescrições. Vejamos cada uma dessas situações:

(i) Insuficiência de produto e de verba. Os produtos sempre faltavam. Apesar da concentração do leite em pó em Pernambuco, um estado privilegiado na quantidade recebida, ele ainda era insuficiente frente à demanda.

Sinto-me deveras acabrunhado, em limitar-me a arquivar os constantes pedidos reclamando cotas de leite, que nos chegam às mãos procedentes dos mais diversos recantos do nosso *hinterland*, afora da Capital (creches, hospitais, presídio entidades religiosas, etc.). Constrange-me tomar essa atitude embora justificável face a disponibilidade irrisória com que contamos. [...] é humanamente impossível protelarmos por mais tempo o início da distribuição do leite. Povo na sua incompreensão provocada pela fome, nos responsabiliza pela demora. Os incidentes se avolumam, ultimamente descendo até a agressão física.<sup>811</sup>

A insuficiência da quantidade de leite era tema recorrente nas cartas trocadas entre Josué e os administradores da ASCOFAM e CNA.<sup>812</sup> Por isso, muitas entidades que solicitavam leite em pó não eram atendidas.<sup>813</sup> O problema de falta de verba para pagamento de trabalhadores, instalações e fornecedores não era exclusivo da CNA ou ASCOFAM,<sup>814</sup> acontecia em outras áreas do governo, como o SAPS. Em uma reunião entre os diferentes serviços que lidavam com a questão da alimentação e o combate à fome para a realização da Campanha Mundial contra a Fome, organizada pela FAO e com participação protagonista de Josué e da ASCOFAM, o representante do SAPS, Pedro Borges, “levantou algumas objeções como a de que o problema de todos os órgãos no momento é o de falta de verbas. Disse que o SAPS se encontra em péssima situação financeira, devendo inclusive aos seus

---

<sup>811</sup> Carta de Valério de Castro Rodrigues a Josué de Castro, Recife, 19 de maio de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 565.

<sup>812</sup> “Atualmente o Brasil enfrenta uma escassez de 2.280 toneladas de leite em pó para o Programa de Merenda Escolar apenas nas escolas primárias. Se forem levados em consideração outros grupos vulneráveis, o déficit é muito maior. Assim, qualquer doação neste sentido é da maior importância. O Programa de Merenda Escolar tem convênio com a ASCOPAM para os estados do Nordeste, justamente a área mais carente, com os maiores índices de desnutrição do país.” *In*: Carta de Josué de Castro a Jean Claude Arès, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

<sup>813</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 643.

<sup>814</sup> Carta de Souza Barros a Mario de Andrade, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 298.

fornecedores”.<sup>815</sup> O mesmo relato veio da CNA: “Quanto a Campanha Contra a Fome, afirmou o dr. Walter Santos que o primeiro lance devia consistir na ampliação dos programas já existentes. Falou, então, nos problemas assistenciais, cujo programa não pode ser cumprido por falta de verbas, sendo obrigados inclusive a fechar lactários”, mas Josué disse “que não queria discutir com o Presidente [da República] o problema de verbas” e que “o importante era através de publicações e conferências despertar a consciência do país para o problema da fome”.<sup>816</sup>

(ii) As dificuldades operacionais, algumas já expostas, eram inúmeras. Além da falta de verbas e material que impedia a execução do programa, a burocracia por vezes travava algumas mercadorias e dificultava a saída do porto. Em um caso, alimentos doados pelos Estados Unidos ficaram retidos mais de dois anos no porto do Recife: “centenas de toneladas de fubá, trigo, leite em pó, óleos comestíveis, massas e outros alimentos”.<sup>817</sup> Problemas no transporte de produtos também eram frequentes. Poderia ser a caminhonete quebrada<sup>818</sup> ou falta de automóvel para a retirada da soja do porto do Recife, que era usada para enriquecimento de farinha de mandioca: “a soja ficou mesmo nas Docas do Recife, e nosso pedido não foi atendido. Se não pagamos a multa foi em virtude de havermos solicitado a boa vontade do Secretário de Estado, irmão do Governador”.<sup>819</sup>

Divergências entre os membros das equipes também aconteciam:

os órgãos que obedecem à orientação do Professor Josué de Castro, desentendem-se por motivos de solicitações da ASCOFAM. E como o ‘grupo’ precisa e deve ser ‘coeso’ (a coesão é absolutamente indispensável) as reivindicações mais importantes da ASCOFAM não são atendidas nunca, destacando-se entre elas a aquisição da farinha para enriquecimento e o malfadado transporte, que nem sempre o temos em tempo e a hora.<sup>820</sup>

Outra dificuldade era administrar a quantidade e escoamento dos produtos, como a farinha de soja. Ela apodrecia com facilidade. Misturada com farinha de mandioca, oxidava

---

<sup>815</sup> Ata da reunião de 6 de junho de 1960 para lançamento da Campanha Mundial contra a Fome no Brasil. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 639.

<sup>816</sup> *Ibidem*.

<sup>817</sup> Desídia criminosa. *O jornal*, 15 de janeiro de 1965. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>818</sup> Carta de Souza Barros a Gilberto [sem sobrenome]. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 420.

<sup>819</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Souza Barros, Recife, 01 de abril de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 288.

<sup>820</sup> Carta de Jamesson Ferreira Lima a Souza Barros, Recife, 01 de abril de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 288.

por completo em menos de trinta dias.<sup>821</sup> Em uma situação, quando recebeu grande quantidade de farinha de soja sem conseguir dar o destino esperado, as sacas apodreceram nas docas do porto e deixaram de ser aptas ao consumo humano. A orientação era para que se entendesse “com o Bromatológico para evitar a condenação global da farinha e sim [descartar] aqueles sacos inteiramente estragados”.<sup>822</sup> Em alguns casos foram reaproveitadas como ração animal, mas causavam prejuízo e ausência de material para o enriquecimento feito em lugares como a cidade de Caruaru e o bairro de Peixinhos, no Recife.

(iii) Josué tomou conhecimento de um caso de desvio de finalidade feito por um padre em Cajueiro, bairro do Recife, que recebia o leite para doação mas o vendia para pagamento de dívidas. O intermediário era Olinto Costa, sobrinho de uma figura importante da cidade que conhecemos apenas por Otávio. Quem comprava de Olinto era um conhecido contrabandista, que oferecia o leite para sorveterias. Assim, o leite do FISI, que deveria atender crianças em situação de fome endêmica, foi parar na Sorveteria Xaxa, que fez a denúncia aos jornais *Diário de Pernambuco* e *Folha da manhã*.<sup>823</sup>

(iv) As reivindicações aconteciam pela inadequação do projeto à necessidade ou expectativa do público atendido, como o pedido de sindicatos de Pernambuco para que Josué revogasse a “determinação de só fornecer leite do FISI a menores de 5 anos”.<sup>824</sup> Essa restrição foi criada porque a quantidade de leite não atendia a todas as crianças e era preciso delimitar o público-alvo a partir de algum critério.

(v) As recusas para seguir as prescrições aconteceram em especial com a farinha enriquecida com soja. Algumas escolas diziam que as crianças não aguentavam comer a mesma coisa todo dia e as pessoas que recebiam ou compravam a farinha reclamavam que ela chegava com gorgulho, isso é, caruncho, e larvas, por isso não aceitavam consumi-la.<sup>825</sup>

Há grande recusa por parte de todos que tentaram fazer este enriquecimento. Na verdade, a farinha enriquecida com a farinha de soja, se torna deteriorada em muito pouco tempo, e as instituições ficam receosas de continuar aceitar

---

<sup>821</sup> Relatório Da ASCOFAM para a SUDENE. Plano de Nutrição para o Nordeste - Delegacia Regional. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 643.

<sup>822</sup> Carta [sem remetente] a Josué de Castro e Mário Andrade, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 59.

<sup>823</sup> Carta de Mário Andrade a Josué de Castro, Recife, 19 de março de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 72.

<sup>824</sup> Carta do Sindicato dos Distribuidores e vendedores de jornais e revistas em Pernambuco a Josué de Castro, Recife, 12 de janeiro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 561.

<sup>825</sup> Carta de José Nivaldo a Josué de Castro, Surubim, 10 de abril de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.

o enriquecimento por este processo. [...] Na COAP, por exemplo, o povo recusa a farinha, pois ela azeda com extrema facilidade. Isto tem se constatado como regra. A tal ponto isto é verdade, que o Diretor de Abastecimento da COAP, acha negativo, do ponto de vista financeiro, continuar enriquecendo a farinha.<sup>826</sup>

Isso não quer dizer que os projetos fracassaram. A proposta deste capítulo não é operar a análise dentro da chave do sucesso ou do fracasso, mas apresentar as formas de operação que se estabeleceram a partir das prescrições científicas formuladas para que o Estado lidasse com a gestão da fome endêmica. Eram esquemas de ordenação do mundo rumo ao desenvolvimento, chave central da elaboração dessas prescrições, que se reorganizavam para a prática a partir de outros fatores como negociação partidária, rede política, redistribuição a partir de diferentes atores e contingências diversas.

Em janeiro de 1961, os Estados Unidos enviaram uma comissão ao Brasil para tratar de um programa recém-criado, Alimentos para a Paz.<sup>827</sup> A comitiva era composta pelo diretor do programa, George McGovera, pelo assistente especial do presidente Kennedy e professor da Universidade de Harvard, Arthur Schlesinger Junior, e por Clarence Boonstra, da seção da América do Sul do Departamento de Estado. Foram convocados para a reunião com a presença do recém-empossado presidente brasileiro Jânio Quadros o Ministro da Agricultura, representantes da SUDENE, SAPS, da CNME, Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), Conferência Nacional dos Bispos, Escritório Técnico de Agricultura (ETA), que era o órgão do Programa de Cooperação Técnica no Brasil a partir do Ponto IV estabelecido por Truman, já beneficiária da ajuda estadunidense.

O Senhor McGovera declarou que os Estados Unidos tentariam utilizar o programa ‘Alimentos para a Paz’ para encorajar a reforma agrária na América Latina. A preferência seria dada a países que estivessem executando ou dispostos a executar programas de reforma agrária ou o desenvolvimento rural, sem que isso implique em negar excedentes a países que se recusam a fazê-lo.<sup>828</sup>

Josué criticou o programa estadunidense, chamou-o de colonialista:<sup>829</sup>

a missão, dizia eu, não é mais do que uma missão de negócios, uma missão para vender parte dos espetaculares e gigantescos excedentes de que os

---

<sup>826</sup> Carta de Jameson Ferreira Lima a Josué de Castro, Recife, 29 de janeiro de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 490.

<sup>827</sup> Sobre esse programa, cf: MCDONALD, Bryan L. *Food Power: rise and fall of the postwar American food system*. New York: Oxford University Press, 2017.

<sup>828</sup> Missão norte-americana “Alimentos para a Paz”, em visita à América Latina. 30 janeiro de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 318.

<sup>829</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 642.

Estados Unidos da América dispõem no seu setor agrícola. [...] A missão é feita muito mais no interesse norte-americano do que no interesse dos países da América Latina. [...] temos fome, e precisamos alimentar melhor nossas populações. A fome é um dos fatores que mais entevam nosso desenvolvimento. Ela age, a mesmo tempo, como causa e efeito [...] devemos analisar se essa missão, chamada de Alimentos para a Paz, é realmente capaz de retirar do estado de fome os dois terços de brasileiros até hoje nela atolados.<sup>830</sup>

Josué, que há muitos anos articulava o uso de leite em pó excedente dos Estados Unidos para os diversos projetos nos quais estava inserido, criticava a tentativa dos Estados Unidos de fazer uso político do seu excedente. A aparente incoerência provavelmente se dava porque a rede envolvida nesse novo projeto não era uma na qual Josué tinha forte ingerência e, por isso, não poderia fazer a gestão desses alimentos como fazia com o leite do FISI. O interesse, no sentido de entender por que as pessoas fazem o que fazem, não residia necessariamente nos ganhos materiais diretos para Josué. Era, antes de tudo, a viabilização de um projeto profissional de ascensão e a profissionalização do combate à fome endêmica pelos aparatos burocráticos.

Para isso, Josué se valia de sua posição como deputado, das alianças construídas e de sua associação, a ASCOFAM. Apesar da ideia que se tem de assistência e prática das associações da organização civil separadas da ação estatal,<sup>831</sup> vimos ao longo do capítulo que nesse caso ambas estavam entrelaçadas, como o caso entre ASCOFAM, CNA, LBA e agências internacionais, como o FISI. As propostas técnicas dessas agências internacionais se conformavam às estruturas de relações sociais regionais, e se transformavam a partir dessas estruturas.

As prescrições das políticas públicas voltadas ao combate à fome endêmica eram formuladas e geravam uma concepção idealizada para sua implementação. Esse ideal foi forjado no *moderno*, na eficiência do mercado e na impessoalidade. Publicamente, a escolha

---

<sup>830</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 642.

<sup>831</sup> “Para muitos, a sociedade civil foi repensada não como um domínio de conexão social *per se*, mas como ‘o setor voluntário’ no qual as pessoas empoderadas pela posse de riqueza atuavam (ou contratariam agentes para agir) para promover a humanidade e aliviar os males. Durante duzentos anos, a noção de agir diretamente fora do Estado coexistiu com a de exigir mais ou melhor ação estatal. O estado de bem-estar social foi um produto dessa história tanto quanto a ONG. Mas o estado de bem-estar social foi (pelo menos em parte) a conquista de uma luta em que as pessoas comuns exigiam – por meio de sindicatos, igrejas e movimentos sociais – que suas necessidades fossem melhor atendidas. A ONG e a filantropia científica eram mais frequentemente esforços de cima para baixo em que o dinheiro e a experiência capacitavam alguns a agir para – ou sobre – outros. A maior parte deste trabalho foi organizado internamente em países individuais. Mas também cresceu nas colônias e no trabalho missionário que ultrapassou as fronteiras coloniais e nacionais.” *In*: CALHOUN, Craig. The idea of emergency: humanitarian action and global (dis)order. *In*: FASSIN, Didier; PANDOLFI, Mariella (org.). *Contemporary States of Emergency*. Cambridge, MA: Zone Books, 2010. p. 29.

era feita a partir das diretrizes científicas, no sentido de que aconteciam para além das redes políticas e que levavam apenas em consideração os dados produzidos por especialistas, e da implantação técnica dos mecanismos contra a fome endêmica. Sustentavam um sistema de representações coerente.<sup>832</sup> Mas, como vimos, a implementação e as escolhas obedeciam a outras variáveis e aconteciam em relação a contingências diversas. Havia, portanto, uma imagem pública da concepção de política contra a fome endêmica e “as relações constitutivas do universo político”<sup>833</sup>, diversas vezes escamoteadas. Tais relações, porém, eram centrais e engendravam a operação e execução dos mecanismos criados de combate à fome no governo. Sendo assim, carregavam, nos termos de James Scott, “transcrições públicas” e “transcrições ocultas”.<sup>834</sup> Sem conhecer essa face, não conseguimos ter o entendimento apurado dos modos de implementação dos projetos que pretendiam lidar com a fome endêmica.

A principal característica escamoteada pela representação pública era que esta implementação acontecia em relação a outras lideranças. Na economia deste capítulo, vimos que se tratava principalmente das articulações feitas por Josué entre o poder executivo federal e lideranças locais em Pernambuco. A rede política funcionava como um conjunto de relações de interdependência – relações assimétricas em função dos diferenciais de poder dos atores sociais envolvidos. As lideranças locais possuíam, elas mesmas, poder de barganha com o capital político que ofereciam nessa relação. Isso quer dizer que Josué dependia dessas lideranças para se eleger e manter sua posição, em especial pelo fato de passar pouco tempo em Pernambuco. Ao mesmo tempo, tais lideranças se beneficiavam das alianças com Josué, seja pelos cargos que conseguiam, por emendas no orçamento federal ou pelo leite em pó que redistribuíam para suas bases. Como vimos, essas relações ocupavam um lugar central na execução das políticas públicas elencadas aqui e são estruturantes das relações sociais investigadas. Não eram, portanto, um defeito de rota.

#### **5.4. Debates parlamentares e a questão agrária**

---

<sup>832</sup> MOSSE, David. *Op. Cit.* p. 34.

<sup>833</sup> BEZERRA, Marcos Otávio. *Op. Cit.* p. 16.

<sup>834</sup> SCOTT, James. *Seeing Like a State: how certain schemes to improve human condition have failed.* New Haven: Yale University Press, 1998.

Para além da manutenção da sua rede política em Pernambuco e dos aparatos de gestão da fome endêmica, Josué de Castro atuava em outros temas no parlamento. Sobretudo no segundo mandato, depois de 1958, ocupou-se mais das discussões na Câmara, propondo leis e articulando blocos parlamentares, como a Frente Parlamentar Nacionalista<sup>835</sup> e a Frente Parlamentar do Nordeste. Fora isso, abordou o desenvolvimento do Nordeste com apoio a SUDENE e atuação da FAO no Brasil.<sup>836</sup> Mas seu tema norteador, ao longo dos dois mandatos que exerceu, foi a reforma agrária, assunto que ganhou importância ao longo dos anos no Congresso Nacional. Este era formado sobretudo por famílias vinculadas aos latifúndios:

Quando fui parlamentar no Brasil eu fiz uma pesquisa. Um terço dos parlamentares eram genros dos grandes latifundiários. Eram os advogados que subiram na escalada social verticalmente dinâmica ao se casarem com uma garota rica. O prêmio que receberam foi um assento no parlamento.<sup>837</sup>

Poderiam ser os genros ou eles mesmos proprietários de grandes terras. Além de ingerência nas decisões do Estado, moldavam as relações de trabalho no campo, sob diversas formas personalizadas e sem a regulamentação governamental.<sup>838</sup> Tais relações, porém, contrastavam com a premissa do Estado moderno e de uma sociedade de mercado urbanizada, que preconizava a impessoalidade como valor. Essa visão tinha forte aderência entre os intelectuais emergentes, como Josué. Nos mesmos moldes que os intelectuais que se formavam de grupos externos às tradicionais oligarquias estavam entrando na universidade, esses também entraram nos espaços para a administração federal e no parlamento, como foi o caso dele. Se por um lado ainda prevaleciam os interesses das oligarquias, por outro começaram a entrar na cena do aparelho estatal os quadros formados nos grupos médios – pequenos proprietários e comerciantes, a burguesia ligada à industrialização, filhos de profissionais liberais sem tradição familiar. Essa paulatina mudança trouxe também, como já vimos, outros assuntos para o debate político que pressionavam e entravam em tensão com os

---

<sup>835</sup> Sobre a Frente Parlamentar Nacionalista, ver: RIBEIRO, Guilherme Leite. *Frente Parlamentar Nacionalista: trajetória e ação política (1956-1964)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

<sup>836</sup> MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (org.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados (Perfil Parlamentar n. 52).

<sup>837</sup> CASTRO, Josué de. Développement et Environnement. *Discurso em Nice, França, no Institut du Droit de la Paix et du Développement*, 03 de maio de 1972. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 92.

<sup>838</sup> PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão Agrária. *Estudos Avançados*, v. 3, n. 7, p. 87-108, 1989. p. 92. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300006>



interesses da velha oligarquia. A tensão de ideias era aquela gerada pelo acesso desses novos grupos e seus interesses nesses espaços.<sup>839</sup>

Por isso, era preciso discutir o campo, essencialmente o latifúndio e as relações sociais que ele engendrava para que o Brasil pudesse trilhar o caminho rumo à modernidade preconizada. O atraso estava no mundo rural e o Estado precisava transformar a sociabilidade onde a modernidade não havia alcançado ainda.<sup>840</sup> Essa visão ganhou força desde o primeiro governo Vargas e se acirrou nos anos 1950 e 1960. Isso porque, com a intensa urbanização e industrialização ocorridas no século XX, a partir do governo de Juscelino Kubitschek, entre 1956 e 1961, a participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) ultrapassou a da agricultura pela primeira vez.<sup>841</sup>

Moacir Palmeira chama atenção para dois elementos importantes desse cenário. O primeiro é que o êxodo rural, o aumento da concentração de terras e a piora das condições de trabalho não aconteceram alheias ao Estado, mas também com ele. O Estado ainda teria investido no campo, nas décadas de 1950 e 1960, através de crédito agrícola e modernização para os grupos dirigentes.<sup>842</sup> Isso porque, como vimos, apesar das ideias formadas a partir da modernidade urbana e do mercado de parte dos grupos, o Estado era povoado por representantes de latifundiários que imprimiam seus objetivos na arena política.

Assim, a questão agrária se tornava central, e dentro dessa discussão, as temáticas do trabalho no campo e da distribuição de terras. Se no trabalhismo de Getúlio Vargas o tema era, em grande medida, o trabalhador urbano, essa ótica passou a reverberar no campo nos anos 1950 e 1960, sendo chamada por Stein de “trabalhismo rural”<sup>843</sup> e trazendo a discussão da reforma agrária para ordem do dia.

O tema da reforma agrária não era uma novidade nas discussões sobre as soluções para os problemas brasileiros, nem mesmo em outros países. Durante o século XX, foi

---

<sup>839</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 195-198.

<sup>840</sup> GARCIA, Afrânio; GRZYNSZPAN, Mario. Veredas da questão agrária e enigmas do grande sertão. In: MICELI, Sergio (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-2002)*. São Paulo: ANPOCS/ Editora Sumaré; Brasília: Capes, 2002. p. 314-319.

<sup>841</sup> DEZEMONE, Marcus. A questão agrária, o governo Goulart e golpe de 1964 meio século depois. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 71, 2016. p. 131-154. DOI: [https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n71\\_006](https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n71_006)

<sup>842</sup> PALMEIRA, Moacir. *Modernização... Op. Cit.* p. 93.

<sup>843</sup> STEIN, Leila de Menezes. *Trabalhismo, círculos operários e política: a formação do sindicato dos trabalhadores agrícolas no Brasil (1954-1964)*. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2008.

discutida, e muitas vezes implementada, em diversos países do mundo com diferentes modelos.<sup>844</sup> Josué tinha mapeados exemplos de reforma agrária que aconteceram em países latino-americanos por meio de modelos distintos: Guatemala e Bolívia, em 1952, Cuba, em 1959 e Chile, em 1962.<sup>845</sup>

O pós-guerra tem-se caracterizado pelo aguçamento das reivindicações dos trabalhadores rurais e pequenos proprietários, desejosos de melhor repartição da propriedade agrária. O fenômeno é mundial, estendendo-se da Itália à China, do México ao Uruguai. Na América do Sul o problema vem preocupando os administradores e, também, os latifundiários. [...] a subalimentação no Brasil só será resolvida com a efetivação de uma reforma agrária. A matéria é estudada de longa data pela Comissão Nacional de Política Agrária.<sup>846</sup>

Nesse cenário, é importante considerar a “ameaça” que manifestava a revolução socialista. Era preciso dar o mínimo aos trabalhadores para que eles não fizessem a revolução, argumento utilizado por diferentes espectros políticos após a Revolução Russa de 1917 e que foi se intensificando após as revoluções Chinesa, em 1949, e Cubana, em 1959.<sup>847</sup> Esse medo podia ser visto em matérias de jornais, como “Cumprir realizar hoje a reforma agrária para evitar amanhã a revolução das massas rurais”<sup>848</sup>. Essa tensão não se dava apenas no Brasil. Timothy Mitchell escreveu sobre a pressão que a embaixada dos EUA fazia pela reforma agrária no Egito, por exemplo.<sup>849</sup>

Os técnicos especialistas da FAO também recomendavam a reforma agrária e a agência patrocinou um evento em Campinas, em 1953, junto ao governo brasileiro para tratar do tema. O Seminário Latino-Americano sobre os Problemas da Terra aconteceu em maio do mesmo ano, contou com o Ministro da Agricultura, João Cleófas, o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, e foi organizado por Josué.<sup>850</sup> De um lado, para os novos integrantes das classes dirigentes, a grande concentração de terras passou a ser encarada como um

---

<sup>844</sup> STEDILE, João Pedro (org.). *Experiências históricas de reforma agrária no mundo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

<sup>845</sup> Anotações de Josué de Castro. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 143.

<sup>846</sup> Cumprir realizar hoje a reforma agrária para evitar amanhã a revolução das massas rurais. *Correio Paulistano*, 06 de agosto de 1957, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>847</sup> O combate ao comunismo. *Correio da Manhã*, 12 de fevereiro de 1953, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>848</sup> Cumprir realizar hoje a reforma agrária para evitar amanhã a revolução das massas rurais. *Correio Paulistano*, 06 de agosto de 1957, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>849</sup> MITCHELL, Timothy. *Op. Cit.* p. 43.

<sup>850</sup> Reforma Agrária. *Correio Paulistano*, 19 de março de 1953, p. 16. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

problema, pois não atendia aos seus interesses. Por outro, a reforma agrária se tornou um instrumento para frear movimentos revolucionários socialistas no mundo, sendo este um dos argumentos adotado por Josué – antes da revolução, façamos as reformas de base.

Um grupo expressivo defendia a reforma para maior produção de gêneros alimentícios, a fixação dos trabalhadores no campo, conter o rápido êxodo rural e o inchaço das cidades, o fornecimento de material para a indústria e formação de uma massa de consumidores maior. Essa visão nos indica que a reforma agrária defendida estava, na maioria das vezes, condicionada à busca pelo desenvolvimento econômico e não necessariamente à questão do direito de acesso à terra pelo trabalhador. Ela aparecia nos debates como uma das políticas necessárias para o fim da fome endêmica.

Segundo Laranjeira, no Brasil, as propostas começaram a aparecer com força após a Constituição de 1946 assumir nos artigos 141 e 147 que a propriedade estava condicionada ao bem-estar social e que poderia ser desapropriada por necessidade ou utilidade pública mediante indenização.<sup>851</sup> O tema tinha aderência em um grande espectro político, principalmente dentro da esquerda – comunistas e esquerda nacionalista – e nacionalistas liberais, grupo formado pelo empresariado nacional.<sup>852</sup> Mas não só. Quando o tema se tornou incontornável, chegando a ganhar adesão de mais de 70% em algumas capitais segundo pesquisa realizada pelo Ibope no começo dos anos 1960,<sup>853</sup> grupos de latifundiários passaram a tentar impor o que seria a tal reforma agrária.

Durante a concentração rural realizada em Assis, mais uma vez o patronato agrícola aprovou um relatório sobre a necessidade de efetivar-se com urgência a reforma. A Confederação Rural Brasileira foi encarregada, pelo congresso de Fortaleza, de estudar um anteprojeto de lei a esse propósito. A Sociedade Paulista de Agronomia já realizou trabalho semelhante, com base em projetos de lei em trânsito no Congresso Nacional. Verifica-se pelo exposto, que o patronato agrícola e os técnicos começaram [a] aceitar a ideia da realização de uma reforma agrária.<sup>854</sup>

Entre os mais conservadores dos grupos latifundiários, aqueles que não quiseram entrar na disputa pelo termo, os apoios à reforma agrária eram tachados como a possibilidade do nascimento da revolução comunista e a ligação com esses ideais. No meio dos nutrólogos

---

<sup>851</sup> LARANJEIRA, Raymundo. *Colonização e reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 83.

<sup>852</sup> MOREIRA, Vânia Maria. *Op. Cit.*

<sup>853</sup> LAVAREDA, Antônio. *A democracia nas urnas*. Rio de Janeiro: Rio Fundo; Iuperj, 1991. p. 85.

<sup>854</sup> Principia o Patronato Agrícola a Aceitar a Ideia da Reforma Agrária. *Correio Paulistano*, 1 de maio de 1956, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

inseridos no aparato estatal o tema também se fazia presente. Como Dante Costa, do SAPS, que também trabalhou pela merenda escolar e propôs a reforma agrária no livro *Alimentação e progresso*, de 1951:

A reforma agrária, ampla de molde que nela caibam medidas de ordem econômica, educacional e sanitária, é a iniciativa que, no âmbito da vida nacional deve ser tomada visando melhorar a situação do povo. O Brasil precisa de uma lei agrária [...] justa, que fixe o trabalhador à terra e, [...], que assegure ao país uma produção de gêneros alimentícios que lhe seja suficiente e uma produção de riquezas que faça da massa popular uma poderosa massa de consumidores.<sup>855</sup>

No documento divulgado pela CNA, aquele que baseou o programa de merenda escolar, Josué e seu grupo apontaram que, entre as causas da fome, estava a diminuição de pessoas dedicadas à produção de alimentos por causa da industrialização rápida e do êxodo rural. Os grupos urbanos tinham piorado sua alimentação, com menos acesso ao alimento fresco.<sup>856</sup> Assim, a solução passava por uma “reforma básica das estruturas econômica e agrária do país, de modo que se restabeleça o equilíbrio entre as disponibilidades de terra e a mão de obra, entre as atividades agrícolas e as industriais, entre a produção e as necessidades do consumo dos gêneros alimentícios”.<sup>857</sup>

O que seria a reforma agrária passou então a ser objeto de intensa disputa, refletindo as diferentes visões e interesses de cada proponente. Essas disputas se davam na grande imprensa e em trabalhos de pessoas que estavam pensando o Brasil, como Josué, e também no parlamento. Em 1959, havia 178 projetos de leis que versavam sobre a questão da terra na Câmara dos Deputados.<sup>858</sup> O número dá uma ideia do espaço e das tensões envolvidas nesse tema. Mas, com a composição do Congresso majoritariamente ligada aos latifundiários, os projetos permaneciam paralisados.<sup>859</sup>

Os problemas básicos da nacionalidade dormem nas gavetas do parlamento. [...] A questão da reforma agrária continua a não interessar aos senhores legisladores. Algumas ainda dela se utilizam como mote eleitoral. O problema, porém, não é tratado em profundidade pelos legisladores, que, em sua maioria, também são proprietários rurais. Dar-se-á o caso de que esses

---

<sup>855</sup> COSTA, Dante. *Alimentação e Progresso*: o problema do Brasil. Rio de Janeiro: SAPS, 1951.

<sup>856</sup> Ministério da Educação e Saúde. A conjuntura alimentar e o problema de nutrição no Brasil. Plano geral de trabalho - 1953/54. p. 16.

<sup>857</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>858</sup> O programa da reforma agrária no Brasil. *O Fluminense*, 27 de fevereiro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>859</sup> A Reforma Agrária é uma necessidade histórica. *O Metropolitano*, 22 de fevereiro de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 25.

país da pátria tenham um dia de serem surpreendidos na cama pela revolução?<sup>860</sup>

Dentro do PTB, Castro era uma figura de destaque na defesa da reforma agrária. O centro das propostas que ele levantava era o descaso com a questão rural no Brasil em contraposição ao foco no desenvolvimento industrial que se concentrava na região Sul e Sudeste.<sup>861</sup> Segundo ele, não bastava fomentar a indústria, que tinha crescido 190% desde a década de 1930, era preciso olhar também para o desenvolvimento do campo, que, no mesmo período, chegou a apenas 40%.<sup>862</sup> Josué de Castro argumentava que a estrutura agrária era um freio para a expansão industrial, sendo o latifúndio o principal fator do atraso da agricultura nacional, promovendo o alto custo da matéria prima, escassez de alimentos e o aumento das populações urbanas marginais.<sup>863</sup> Nesse período, Castro elaborou um documento de divulgação chamado *Programa de 10 Pontos para vencer a fome*, no qual o primeiro item era sobre o combate ao latifúndio e depois o combate à monocultura. “Dê instrumentos, mexa na estrutura, e o homem transformará a realidade adversa a que está submetido.”<sup>864</sup> Ele não questionava a industrialização e o enquadramento nos moldes europeus e norte-americanos como o caminho para o desenvolvimento do país. Sua crítica era aos moldes capitalistas que existiam

exclusivamente na dependência do lucro. Mais do que em qualquer outro setor, essa industrialização deve ser orientada no sentido das reais necessidades da coletividade brasileira, porquanto se destina a cobrir exigências biológicas, específicas e inadiáveis, que, sintetizadas nos requisitos nutritivos individuais, expressam, no seu conjunto, as necessidades básicas de sobrevivência de toda a Nação.<sup>865</sup>

---

<sup>860</sup> MARTINS, Araguaya Feitosa. Responsável o latifúndio pelo atraso econômico. *Correio Paulistano*, 12 de janeiro de 1958, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>861</sup> “[...] é hoje de consenso de todas as nações que a estrutura agrária brasileira, arcaica, está superada, e não satisfaz às necessidades da nossa expansão econômica. Todos nós que nos batemos pela emancipação econômica brasileira, estamos certos de que só podemos alcançar nosso objetivo através da industrialização intensiva. Temos consciência de que não se atingirá esse estágio, sem uma agricultura suficientemente forte, estruturada em bases racionais, de modo que forneça as matérias-primas indispensáveis à industrialização e os bens de subsistência necessários à alimentação das massas que se deslocarão do campo para a indústria”. In: Castro, Josué. Discurso Parlamentar. In: *Diário do Congresso Nacional*, março de 1959, p. 1085. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>862</sup> CASTRO, Josué de. A Reforma Agrária e o Desenvolvimento Nacional. *O Semanário*, 29 de maio de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>863</sup> Algumas ideias-chaves expostas na conferência do professor Josué de Castro sobre a reforma agrária do Brasil. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 52.

<sup>864</sup> CASTRO, Josué de. *Discurso na Universidade Nacional de Engenharia*, Peru, 1965. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>865</sup> Ministério da Educação e Saúde. *Op. Cit.* p. 43.

Como podemos ver, o discurso claramente se afastava dos preceitos comunistas que previa necessariamente a desapropriação dos meios de produção, entre eles as indústrias e as terras, além da tomada do poder pelo proletariado.<sup>866</sup> “Sou da esquerda, mas não tolero a ditadura. Por isso nunca fui nem serei do Partido Comunista. Ditadura, nem do proletariado.”<sup>867</sup> A via para levar o Brasil rumo ao mundo desenvolvido, segundo Josué, era a busca por um capitalismo que também olhasse o bem-estar do povo, ou seja, o Estado de bem-estar social. Outros parlamentares também defendiam a reforma agrária nesse sentido, como uma forma de aumentar a massa de consumidores da nação e assim impulsionar a indústria. Como disse o deputado Manoel de Almeida, do PSD de Minas Gerais: “Não podemos olvidar uma grande verdade: se elevarmos o padrão de vida dos quarenta milhões de seres humanos, que temos espalhados pela nossa hinterlândia, estaremos fazendo crescer o nosso mercado interno na mesma proporção.”<sup>868</sup>

Em 1955, Castro participou de dois congressos com Francisco Julião. O primeiro foi o Congresso de Salvação do Nordeste, com 1600 delegados e que resultou na Carta de Salvação do Nordeste. Segundo José Arlindo Soares, esse documento expressava o aumento da aderência que o tema das reformas de base teve no final da década de 1950 e década de 1960.<sup>869</sup> O segundo foi o Primeiro Congresso de Camponeses de Pernambuco, no Recife, organizado pela Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, futuras Ligas Camponesas, com o apoio de Josué de Castro e patrocinado pela FAO, da qual Castro era o presidente do conselho. Além de Francisco Julião, contou com outros parlamentares, como

---

<sup>866</sup>“A conclusão que quero tirar é que não há necessidade de golpe para resolver essa crise. É preciso diferenciar o que é uma revolução do que é um golpe. Eu sou revolucionário e contra-golpista. A explicação é muito fácil. A revolução é o povo que faz. [...] No Brasil o que se ameaça não é uma revolução, porque não há necessidade; quer resolver pacificamente os problemas criados pela inegável crise social que hoje se processa no Brasil e no mundo nessa fase crítica, porque é a fase de adaptação de uma era para outra era; de uma era da economia, do lucro, para uma era da economia que produza para as necessidades; a passagem da fase do homem econômico para o homem social é a fase revolucionária da história do mundo, na qual o Brasil deve se inserir, mas deve se inserir pacificamente. Nós devemos fazer a revolução fria, a revolução seca, a revolução pacífica do mundo”. In: Castro, Josué de. *Discurso no grêmio Politécnico da Faculdade Politécnica de São Paulo*. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 56.

<sup>867</sup> Pedro Bloch entrevista Josué de Castro. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, n. 625, abril de 1964. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley, (org.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados (Perfil Parlamentar n. 52).

<sup>868</sup> MOREIRA, Vânia Maria. *Op. Cit.* p. 15-16.

<sup>869</sup> SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o governo Arraes: nacionalismo em crise 1955-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 45.

Djacir Magalhães, e acabou com desfile pela cidade e um discurso na Assembléia Legislativa sobre a importância da reforma agrária.

As Ligas Camponesas foram um movimento que surgiu nesse ano, em 1955, em torno do Engenho Galiléia, na Zona da Mata em Pernambuco, com o nome inicial de Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco. Foi o jornal *Diário de Pernambuco* que nomeou o movimento de Ligas Camponesas, em referência a organizações do campo que o PCB tinha criado entre 1945 e 1947,<sup>870</sup> designação que acabou sendo incorporada pelo próprio movimento. Depois desses eventos, as Ligas Camponesas se expandiram para outros municípios de Pernambuco e estados brasileiros, mas não era o único movimento estruturado no campo, nem o maior. A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, ligada ao PCB, era outro grupo de importante projeção no meio rural. Esse aumento da organização e a sindicalização dos trabalhadores rurais era sintomático da pressão que o trabalhador rural passou a exercer no debate público do período. Para se ter ideia, em 1963, havia 475 sindicatos de trabalhadores rurais e 29 federações reconhecidos ou em vias de reconhecimento pelo Estado. A maioria dos grupos que surgiram estava vinculada à Igreja Católica e ao PCB, que souberam aproveitar a abertura do governo para a expansão dessas entidades rurais. Segundo Mario Grynszpan, o campesinato afirmou-se como um grupo importante para a conjuntura da década de 1950, o que foi um dos fatores que fez o tema da reforma agrária ganhar centralidade no debate político.<sup>871</sup>

O primeiro projeto de lei que Josué de Castro apresentou no segundo mandato era a partir de um estudo realizado por Pompeu Acioly Borges, Elyseu Alvares Pujol, Pedro Borges, Nelson Coutinho, Ignácio Mourão Rangel, Hélio de Almeida Brum, Souza Barros, Álvaro da Silva Cunha e Waldecir Lopes através da parceria da ASCOFAM com aparatos públicos:

convém desfazer esta confusão que existe no nosso meio entre os conceitos a partir de reforma agrária e política agrária. Ao contrário do que muitos supõem, não é reforma agrária um conjunto de medidas de intervenção oficial na agricultura, tendentes a melhorar e desenvolver a lavoura, tais como, por exemplo, a assistência técnica ou financeira nos pequenos produtores, as disposições visando a proteger o solo, a restringir a prática de determinadas modalidades de exploração da terra, a educar a massa rural etc.

---

<sup>870</sup> SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001 (Perfil Parlamentar, Século XX). p. 22.

<sup>871</sup> GRYSZPAN, Mario. O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores. In: FERREIRA, Marieta. (org.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 60-61.

Reforma agrária, em sua conceituação moderna, é essencialmente a revisão, por processos diversos, das relações jurídicas e econômicas entre aqueles que trabalham e detêm a propriedade rural visando a modificar o domínio e o uso da terra, com o objetivo de desenvolver a produção agrícola, aumentá-la a produtividade e assegurar melhor distribuição da renda. Se, de um lado, há um princípio de justiça social pretender a reforma agrária uma elevação da quota-parto da renda agrícola que toca aos setores menos favorecidos da coletividade agrária pequenos proprietários, rendeiros, parceiros, assalariados etc – do outro lado, nunca se poderá admitir que a reforma agrária deixe de colimar em primeiro plano o incremento do produto agrícola.<sup>872</sup>

O projeto versava sobre casos de desapropriação por interesse social, tema central para a reforma agrária. Havia um impasse sobre a forma de restituição da desapropriação já prevista na Constituição de 1946, era um dos maiores pontos de divergências entre as diferentes propostas. Ainda com base na Constituição de 1946, o artigo 141 mencionava a “justa indenização em dinheiro” e a noção de justo era interpretada de diversas formas. Como disse Josué em um pronunciamento na Câmara: “tudo se resume a examinar mais a fundo a expressão ‘justa indenização’”.<sup>873</sup>

O valor real do imóvel era o que vinha sendo aplicado até então, sendo o ressarcimento pleiteado pelos grupos mais conservadores e a forma interpretada do que seria “a prévia e justa indenização em dinheiro”<sup>874</sup>. Castro defendeu que o ressarcimento deveria ser pelo “valor a ela atribuído no último lançamento de imposto territorial, levando-se em conta as benfeitorias realizadas”,<sup>875</sup> ou seja, o valor venal do imóvel, aquele que é considerado para o pagamento de imposto, sempre abaixo do valor real de venda. Para os grupos mais à esquerda, o ressarcimento pelo valor real do imóvel era negócio e não reforma agrária, negócio esse que o Estado não tinha capacidade de arcar.

Até o começo dos anos 1960, nenhum dos projetos apresentados na Câmara conseguiu ser aprovado apesar do engajamento de diversos atores, até parlamentares da UDN, como Seixas Dória, de Sergipe.<sup>876</sup> Havia a preparação para a eleição presidencial, Josué e seu grupo

---

<sup>872</sup> Relator: Pompeu Accioly Borges. Grupo de trabalho do estatuto da terra. *Relatório do sub-grupo de desapropriação por interesse social* (redação preliminar). Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 406.

<sup>873</sup> CASTRO, Josué de. *Diário do Congresso Nacional*, julho de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>874</sup> *Ibidem*.

<sup>875</sup> CASTRO, Josué de. *Diário do Congresso Nacional*, março de 1959. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>876</sup> Ofensiva para o debate da reforma agrária na Câmara dos Deputados. *Tribuna da Imprensa*, 18 de março de 1959, p. 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.



conseguiram emplacar a candidatura de Henrique Teixeira Lott, marechal e Ministro da Guerra de Juscelino Kubitschek, à presidência da República e João Goulart como vice mais uma vez. Josué foi um dos principais articuladores dessa composição, promovendo encontros em sua casa<sup>877</sup> e advogando em nome de Lott.<sup>878</sup> Lott foi lançado como candidato pela coligação PSD-PTB, mas perdeu para Jânio Quadros. Assim João Goulart tomou posse como presidente, após a renúncia de Jânio em agosto de 1961, e deixou claro o apoio às reformas de base – constitucional, urbana, bancária, tributária e agrária.

Em abril de 1961, Josué escreveu para Jameson dizendo que a ida dele ao Nordeste teve ótima repercussão no Sul, principalmente entre a Frente Nacionalista e a esquerda. Por isso, decidiu focar as ações no Nordeste: “isso reforça a minha convicção de que devemos concentrar o nosso esforço político na região nos próximos meses”.<sup>879</sup> Pede então para Jameson organizar encontros com estudantes, conselhos sindicais e levantar possíveis interlocutores entre os grupos industriais.<sup>880</sup> Em setembro, Josué discursou no parlamento sobre a SUDENE:

Depois de elogiar o economista Celso Furtado à frente da SUDENE, na qual traçou um planejamento adequado aos problemas da região, o parlamentar pernambucano fez uma advertência e um apelo ao atual governo para que

---

<sup>877</sup> Josué promoveu o lançamento de um documentário, *O Drama das Secas*, em sua casa para aproximar o Marechal Lott e outros militares de parlamentares e aliados, como o chefe de gabinete do presidente, Victor Nunes Leal, e o então embaixador Walther Moreira Salles. In: Muita gente assás importante para ver um filme nordestino. *Correio Paulistano*, 24 de junho de 1959, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>878</sup> “Ficou decidido que o Sr. Josué de Castro iria hoje a Porto Alegre, na qualidade de emissário do PTB, para contar tudo ao governador Brizola, convidando-o a juntar-se ao comando do seu partido e aos chamados nacionalistas na ‘luta pela sobrevivência do PTB e da candidatura do Marechal Lott’”. In: “Ala moça” firme com Lott. *Diário de Notícias*, 2 de junho de 1959, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>879</sup> Carta de Josué de Castro a Jameson Ferreira Lima, 03 de abril de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>880</sup> A viagem de quase um mês aconteceu em janeiro de 1962. Os jornais do Rio de Janeiro, como o *Última Hora*, deram notas elogiosas a respeito, como Josué previu: “O Deputado Josué de Castro esteve viajando pelo Nordeste, durante quase um mês, discutindo com autoridades estaduais e municipais da região a melhor maneira de se combater, através dos organismos internacionais, o flagelo da fome”. In: *Última Hora*, 29 de janeiro de 1962, p. 35. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital. Já o mesmo fato não foi bem visto pelos jornais adversários de Pernambuco, como o *Diário de Pernambuco*: “O Deputado Josué de Castro reapareceu no estado em grande estilo, inteiramente voltado para as eleições de outubro. Suas armas eleitorais são quase as mesmas que já o levaram à Câmara federal por dois mandatos: combate à fome, planos de alimentação do SAPS, as conferências sobre a ASCOFAM. O parlamentar e escritor manobra muito bem esses temas e é muito hábil em infiltrar-se nos meios estudantis. Seu ardor combativo só aparece com intensidade nas vésperas dos pleitos. [...] Muitos políticos tarimbados do Recife vivem a matutar sobre a habilidade do deputado Josué e boquiabertos indagam como é possível a um homem desses manobrar o eleitorado apenas com demagogia e por tanto tempo”. In: Coluna Periscópio. *Diário de Pernambuco*, 20 de janeiro de 1962, p. 14. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

não ceda às pressões do empreguismo e do compadrismo políticos procurando atender realmente os interesses do povo nordestino.<sup>881</sup>

Josué tinha relativa proximidade com Celso Furtado, apoiava a SUDENE e seus projetos.<sup>882</sup> Nesse período, depois de terminado o governo de Juscelino de quem era muito próximo, passou a fazer críticas ao modelo de desenvolvimento traçado, “que se preocupou apenas em industrializar o Sul do país, isto é, em desenvolver o já desenvolvido”.<sup>883</sup> Dentre as áreas onde as reformas eram necessárias, o Nordeste se destacava. Primeiro porque os índices de fome endêmica e problemas associados eram grandes:

Já sabemos, por exemplo, que o índice de mortalidade infantil, na região canavieira, é dos maiores do mundo, pois [a] média é: de cada cem crianças que nascem, setenta morrem, de zero a um ano. Por que? Porque os salários são de 20, 30, 40 e 50 cruzeiros; é a fome aguda, já não é mais a fome crônica que atinge essas massas camponesas da região canavieira do Nordeste.<sup>884</sup>

Além disso, 80% dos agricultores do Nordeste trabalhavam em terra alheia e era atribuída a essa região a reminiscência do que era lido como trabalho feudal: “Não me parece justo, nem produtivo que façamos tanta ênfase em torno deste fenômeno da seca. Porque há coisas muito piores do que a seca no Nordeste: o latifundiarismo e o feudalismo agrário”.<sup>885</sup> Fome, Nordeste e reforma agrária eram temas interligados e Josué reivindicava os três.<sup>886</sup>

---

<sup>881</sup> Empreguismo e compadrismo político estão ameaçando a sobrevivência da SUDENE. *A Tarde*, 19 de setembro de 1961. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>882</sup> “O deputado Josué de Castro salientou o fato que só foi possível obter a aprovação unânime da assembleia da FAO para este projeto porque hoje existe a SUDENE em condições de elaborar planos objetivos de retaliações e de supervisioná-los tecnicamente dando a ONU a garantia de uma aplicação idônea dos recursos concedidos”. In: Josué conferência com Celso sobre o combate à fome no Nordeste: existe um plano. *Diário da Noite*, 11 de janeiro de 1962, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>883</sup> Josué acusa JK e diz que a ONU vai ampliar a luta contra a fome: Nordeste. *Diário da Noite*, 9 de janeiro de 1962, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>884</sup> Depoente: Deputado Francisco Julião de Arruda Paula. *Comissão sobre as ligas camponesas*, Congresso Nacional, 25 de outubro de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 170.

<sup>885</sup> MARTINS, Araguaya Feitosa. Responsável o latifúndio pelo atraso econômico. *Correio Paulistano*, 12 de janeiro de 1958, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>886</sup> Como quando articulou a Frente Parlamentar do Nordeste ou quando apresentou um projeto para a criação de uma reserva alimentar de emergência para o semiárido no Banco do Nordeste. In: Coluna Câmara Federal: A situação no Nordeste. *Correio Paulistano*, 26 de junho de 1956, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

Segundo Jameson, o cenário em Pernambuco para a eleição em 1962 era adverso para Josué. Antonio Rego Vilar<sup>887</sup> estava descontente com um cargo de baixo prestígio no SAPS, tendo que cumprir horário fixo e era dúvida como apoiador para a campanha que se aproximava. Outro aliado, José Vicente, também estava descontente por Josué ter ficado completamente alheio em uma disputa com o reitor da atual Universidade Federal Rural de Pernambuco. Muitos apoiadores tinham mudado de candidato por um cargo prometido, como fiscal de renda, ou tinham se tornado candidatos.

[...] a eleição de 62 vai ser – ao que parece até agora – na base do muito dinheiro. Os slogans estão esgotados e os candidatos extraordinariamente dispostos a gastar. Acredito que na sua próxima viagem deve ficar estruturado [sic] uma armadura. [...] É verdade que se você organizar uma campanha contra a fome, dispondo de recursos, tudo ficaria solucionado, ou se o governo lhe prestigiar já é tempo de promover uma irradiação em grandes proporções.<sup>888</sup>

Josué não se candidatou para esse pleito. Além do cenário desfavorável em Pernambuco, a situação mudou com a renúncia de Jânio Quadros e a ascensão de João Goulart à presidência. Josué, que era do mesmo partido de Jango, o PTB, e próximo ao novo presidente, se encontrava agora em posição privilegiada dentro das disputas em torno do governo federal. Com isso, estavam criadas as condições para que se tornasse embaixador do Brasil na ONU. Por consequência, engajou-se em outras temáticas como o desarmamento e as ações de Goulart para a reforma agrária caminharam sem o protagonismo de Castro.

No dia 15 de fevereiro de 1962, o governo criou o Conselho Nacional de Reforma Agrária, que era composto por Pompeu Accioly Borges, Dom Hélder Câmara, Paulo Schilling e Edgar Teixeira Leite. O grupo ficou com a função de estipular as áreas prioritárias para a reforma agrária. Em um discurso ao Congresso Nacional, em março de 1962, Goulart disse:

Quer na imprensa, quer por onde ando, nos diferentes pontos do território nacional, nos comícios que frequento, nas assembleias sindicais a que compareço, quer nas audiências que concedo, quer nas conversas que mantenho com cidadãos de todas as classes, quer nas milhares de cartas e mensagens a mim dirigidas, o reclamo de reformas é permanente, sobretudo da reforma agrária. Também aos ouvidos de Vossas Excelências não é

---

<sup>887</sup> Antonio Rego Vilar deixou o cargo em 1964, acusado de fazer transações comerciais ilegais na compra de feijão e de ter enriquecido ilícitamente. Segundo o boato difamatório do jornal *Diário de Pernambuco*, “ao assumir a direção da Delegacia Regional do SAPS, Antonio do Rego Vilar fez entrega de sua declaração de bens onde constava possuir um patrimônio de Cr\$ 127.000,00. Ao entregar esse cargo, o mesmo diretor já estava com esse patrimônio aumentado para mais de duzentos milhões de cruzeiros, segundo o levantamento feito pela Comissão de Inquérito do Órgão [...]” In: “Quadrilha de gravata” que agia no SAPS avançou em mais de 22 milhões. *Diário de Pernambuco*, 06 de junho de 1964, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>888</sup> Carta de Jameson Ferreira Lima a Josué de Castro, Recife, 17 de julho de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 564.

estranho esse veemente apelo, e por isso creio juntar-me à sensibilidade das correntes políticas do País para pedir, Senhores Congressistas, o melhor da atenção de Vossas Excelências, para a solução do problema do campo, do trabalhador rural, do empresário rural. A gravidade do problema exige que iniciemos, ainda este ano, a grande – e sistemática – campanha de reorganização agrária e de desenvolvimento rural.<sup>889</sup>

Até Tancredo Neves, membro do Partido Social Democrático (PSD), na época como primeiro-ministro no breve tempo de Parlamentarismo instalado quando Jango assumiu, defendia a reforma agrária. Orientou o Ministro da Agricultura a organizar os projetos até então submetidos e fazer uma recomendação. Outra proposta veio de Milton Campos, do partido conservador UDN. Como podemos ver, o tema era central naquele momento e havia uma disputa não apenas pelo significado da reforma agrária mas também por quem seria, afinal, o indivíduo ou o grupo político que melhor representaria esse poderoso contingente.

Nesse período, a Câmara dos Deputados instaurou uma Comissão sobre as Ligas Camponesas. Julião, enquanto líder do movimento e deputado estadual em Pernambuco pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), foi ouvido. Também o Padre Antonio de Melo Costa, que desenvolvia um trabalho de sindicalização rural e de assistência aos trabalhadores do campo.

É com imensa alegria e conforto que vejo o interesse que a Câmara dos Deputados está tomando pelo assunto da época, pelo problema da época: o problema do campo. [...] Agora, eu pergunto: quando 70% do povo passa fome, o regime que os mantém está seguro? Esses homens podem amar um regime que lhes nega tudo? Mas, Padre Melo, é urgente a reforma agrária. É urgente. O senhor não vê fome, revolta, tiro, bala, mortes? [...] Eu dizia a esse Deputado lá em casa: dentro de um mês ou dois, se não sair a reforma agrária, teremos revolução. [...] jornais deram que camponeses invadem a cidade de Pesqueira e começam a saquear as lojas. [...] Mas antigamente havia isso! Sim, mas na época da seca, quando não está chovendo. Em Pesqueira não há seca. Mudou e por outras causas, salário justo e outras coisas.<sup>890</sup>

Havia uma crescente tensão no campo, especialmente no Nordeste. Em abril de 1962, João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas de Sapé, Pernambuco, foi assassinado, provocando manifestações que foram combatidas pelo exército. Ainda nesse ano, um marco regulatório sobre o tema foi aprovado e, em 10 de setembro, foi sancionada a Lei nº. 4.132 que tratava de desapropriação por interesse social, o chamado Estatuto da Terra. O primeiro artigo já dizia que “a desapropriação por interesse social será decretada para promover a justa

---

<sup>889</sup> D'ALENCOURT NOGUEIRA, Marcelo. *As relações políticas de João Goulart e Leonel Brizola no governo Jango (1961-1964)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal Fluminense, 2006. p. 73-74.

<sup>890</sup> Depoente: Padre Antonio de Melo Costa. *Comissão sobre as ligas camponesas*, Congresso Nacional, 04 de maio de 1962. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 170.

distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem-estar social, na forma do art. 147 da Constituição Federal”.<sup>891</sup> O Estatuto admitia os diversos grupos no campo – proprietários rurais, trabalhadores rurais, parceiros, arrendatários, etc. Essa diferenciação também permitia distintas resoluções para cada um, colocando o trabalhador rural como uma categoria profissional.<sup>892</sup> Em outubro do mesmo ano, foi criada a Superintendência da Política Agrária (SUPRA), que unificava num só órgão o Serviço Social Rural, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização, o Conselho Nacional de Reforma Agrária e o Estabelecimento Rural de Tapajós. Um pouco depois, em março de 1963, foi criado o Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), que estendia os direitos trabalhistas ao campo e contemplava a criação de entidades sindicais.<sup>893</sup>

Josué não se engajou nessas implementações e por isso, no âmbito dos propósitos deste capítulo, não cabe avaliar como e se os dispositivos institucionais e leis foram aplicados ou não. Cabe ressaltar que eles eram frutos das tensões entre os grupos políticos, das ferramentas possibilitadas pela ciência e das pressões sociais daquele momento. Não eram, portanto, a visão unilateral de um grupo, mas justamente o resultado desses jogos de conflito.<sup>894</sup> E por ser o saldo dessa tensão que a lei mencionada no Estatuto da Terra não satisfazia o que pretendiam os grupos de esquerda, incluindo João Goulart.<sup>895</sup> Para ele, assim como para o novo diretor da SUPRA, João Pinheiro Neto, que assumiu em 1963, era preciso baixar o valor da restituição pela desapropriação, pagá-la com títulos de dívidas públicas e mirar nos latifúndios improdutivos. A mesma forma de restituição que reivindicava Francisco Julião e que era chamada de radical pelos grupos conservadores.<sup>896</sup>

A tensão entre Jango e o congresso aumentou e ele passou a levar a necessidade de rever a Constituição à população, como no discurso na Central do Brasil, em 13 março de 1964:

---

<sup>891</sup> BRASIL. Lei nº. 4.132 (de 10 de setembro de 1962). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4132.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4132.htm). Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>892</sup> PALMEIRA, Moacir. *Op. Cit.* p. 101.

<sup>893</sup> DEZEMOVE, Marcus. *Op. Cit.*

<sup>894</sup> PALMEIRA, Moacir. *Op. Cit.* p. 94.

<sup>895</sup> D’ALENCOURT NOGUEIRA, Marcelo. *Op. Cit.* p. 31.

<sup>896</sup> JULIÃO, Francisco, 1963. *Apud* BASTOS, Élide Rugai. *As ligas camponesas*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 124.

reforma agrária, como consagrado na Constituição, com pagamento prévio e a dinheiro é negócio agrário, que interessa apenas ao latifundiário, radicalmente oposto aos interesses do povo brasileiro. Por isso o decreto da SUPRA não é a reforma agrária. Sem reforma constitucional, trabalhadores, não há reforma agrária autêntica. Sem emendar a Constituição, que tem acima dela o povo, poderemos ter leis agrárias honestas e bem intencionadas, mas nenhuma delas capaz de modificações estruturais profundas.<sup>897</sup>

A ideia era fazer uma série de discursos como esse. Marcus Dezemone chama atenção para os elementos simbólicos desse dia, quando Jango discursou no mesmo palanque que subiu Getúlio Vargas, que foi invocado em sua fala três vezes como “imortal e grande patriota”.<sup>898</sup> Nesse mesmo dia, João Goulart assinou um decreto no qual desapropriou 10km de terras em torno de rodovias federais, ferrovias e açudes para a reforma agrária. O pagamento seria em títulos de dívidas públicas resgatáveis em 30 anos, a exemplo da Itália.<sup>899</sup>

Sabemos o que aconteceu no fim desse mesmo mês. Com o golpe militar, o projeto da reforma agrária como pensavam Jango e Josué de Castro, que já vinha sendo barrado pelas oligarquias rurais, foi liquidado. O golpe não pode ser entendido sem levar em consideração a pressão pela reforma agrária que estava colocada.<sup>900</sup> Disse Celso Furtado que “quaisquer que hajam sido as intenções dos autores do golpe militar de 1964, o seu efeito principal foi, sem lugar a dúvida, a interrupção do processo de mudanças políticas e sociais, entre elas, em primeiro lugar, a construção que se iniciava de uma nova estrutura agrária em nosso país”.<sup>901</sup> Josué de Castro, que vivia em Genebra como embaixador do Brasil na ONU, estava na primeira lista daqueles que tiveram os direitos políticos suspensos ou cassados, assim como diversos dos atores citados: João Goulart, Francisco Julião, Celso Furtado, Leonel Brizola, Jânio Quadros e Luiz Carlos Prestes. As cassações e repressão também desmobilizaram os grupos do campo, fechando as Ligas Camponesas e intervindo nos sindicatos. Doze dias após o golpe, Ranieri Mazilli, que assumiu como presidente sob a tutela do “Comando Supremo de Revolução” formado pelas forças armadas, revogou o decreto de desapropriação de terras elaborado pela SUPRA. O ministro da justiça Luís Antônio da Gama e Silva deu uma

---

<sup>897</sup> D’ALENCOURT NOGUEIRA, Marcelo. *Op. Cit.* p. 78-79.

<sup>898</sup> DEZEMONE, Marcus. *Op. Cit.*

<sup>899</sup> MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (org.). *Op. Cit.* p. 69.

<sup>900</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 94.

<sup>901</sup> Em entrevista a Bacelar, Tânia. *Desenvolvimento regional no Brasil. In: FURTADO, Celso et al. O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. p. 41-42.

declaração que justificava a revogação do decreto alegando que “a Constituição Federal não admite a desapropriação indiscriminada, generalizada, atentatória ao direito de propriedade”.<sup>902</sup>

Por pressão social interna, mas principalmente externa, ainda em 1964 Castello Branco assinou o Estatuto da Terra, Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964,<sup>903</sup> e a reforma Constitucional n.º 10, na qual estava prevista a desapropriação de terras improdutivas com o pagamento em títulos de dívida pública, como defendia a proposta “radical” de Jango e Julião. Segundo o texto, a questão central não era a concentração de terras e sim a produtividade.<sup>904</sup> A resolução não chegou a ser colocada em prática.<sup>905</sup>

## 5.5. Da representação às práticas políticas

Em 1964, um estudo publicado na *Revista Brasileira de Geografia* intitulado “Alimentação e Subdesenvolvimento no Brasil” fez um compilado dos órgãos governamentais que lidavam com o tema da alimentação, que adaptamos aqui:<sup>906</sup>

TABELA 1 - ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

|  |
|--|
| <b>1- Órgãos no âmbito federal:</b>  |
| <b>1.1 - Presidência da República</b>  |
| 1.11 - Conselho Coordenador do Abastecimento (CCA)                             |
| 1.12 - Cofap e Coap's (Comissão Federal e Estaduais de Abastecimento e Preços) |
| 1.13 - Comissão de Armazéns e Silos (CAES)                                     |
| 1.14 - Comissão Organizadora da Triticultura Nacional (COTRINAG)               |
| 1.15 - Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB)                      |

<sup>902</sup> Mazzilli revoga o decreto da Supra. *Jornal do Brasil*, 12 de abril de 1964. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 706.

<sup>903</sup> Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4504-30-novembro-1964-377628-publicacaooriginal-67105-pl.html>. Acesso em: 06 jan. 2023.

<sup>904</sup> DEZEMONE, Marcus. *Op. Cit.*

<sup>905</sup> OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária*. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 120-121.

<sup>906</sup> Não se trata de uma tabela exaustiva dos aparatos governamentais que lidavam com a questão. A LBA, por exemplo, não foi listada. Ver: SILVA, Geraldo Rosa. Alimentação e Subdesenvolvimento no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, v. XXVI, n. 03, jul./set. de 1964. p. 447-448.

TABELA 1 - ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

|   |
|---|
|   |
| <b>1.2 - Ministério da Saúde</b>                              |
| 1.21 - Comissão Nacional de Alimentação (CNA)                 |
| 1.22 - Departamento Nacional de Saúde (DNS)                   |
| 1.23 - Departamento Nacional da Criança (DNC)                 |
|   |
| <b>1.3 - Ministério do Trabalho</b>                           |
| 1.31 - Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS)    |
|   |
| <b>1.4 - Ministério da Educação e Cultura</b>                 |
| 1.41 - Campanha Nacional da Merenda Escolar (CNME)            |
| 1.42 - Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil (INUB) |
|   |
| <b>1.5 - Ministério da Fazenda</b>                            |
| 1.51 - Laboratório Nacional de Análises (LNA)                 |
|   |
| <b>1.6 - Ministério da Indústria e Comércio</b>               |
| 1.61 - Instituto Brasileiro do Café (IBC)                     |
| 1.62 - Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)                  |
| 1.63 - Instituto Nacional do Sal (INS)                        |
| 1.64 - Instituto Nacional do Mate (INM)                       |
|   |
| <b>1.7 - Ministério da Agricultura</b>                        |
| 1.71 - Departamento Nacional de Produção Animal (DNPA)        |
| 1.72 - Departamento Nacional de Produção Vegetal (DNPV)       |
| 1.73 - Instituto de óleos                                     |
| 1.74 - Instituto de Fermentação                               |
|   |
| <b>2 - Órgãos regionais não específicos</b>                   |



TABELA 1 - ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

|  |
|--|
| 2.1 - Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA) |
| 2.2 - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)     |
| 2.3 - Fundação Brasil Central (FBC)                                |
|  |
| <b>3 - Sociedades estaduais de economia mista:</b>                 |
| 3.1 - CASEC - Comissão de Armazéns e Silos do Estado do Ceará      |
| 3.2 - CASEP - Companhia de Armazéns e Silos do Estado da Paraíba   |
| 3.3 - CAGEP - Companhia de Armazéns Gerais do Estado de Pernambuco |
| 3.4 - CASEB - Companhia de Armazéns e Silos da Bahia               |
| 3.5 - CESMAG - Companhia Espírito Santo-Minas de Armazéns Gerais   |

Com esse compilado, vemos o adensamento dos dispositivos para lidar com a alimentação em seus mais diferentes aspectos e, em alguns casos, com a fome endêmica. Essa profusão de aparatos governamentais é um sintoma do ganho de importância que o Estado nacional passou a ter na gestão dos problemas sociais e a alimentação cotidiana como um desses problemas. Mas é preciso considerar que o processo de institucionalização dos aparatos para lidar com a fome endêmica encontrava seus limites na estrutura de classes e na influência que tinha os latifundiários nas decisões do Estado, como foi para a reforma agrária. Enquanto o direito à propriedade não foi diretamente questionado pelos mesmos grupos chamados de técnicos, havia de alguma forma espaço para a promoção de políticas públicas de acesso ao alimento.

A emergência dos problemas agrários como uma questão amplamente debatida aglutinava uma parte das discussões sobre o problema da fome endêmica nessa nova temática. As soluções para a fome não se resumiram à questão agrária nesse momento, dado que os outros projetos continuaram acontecendo e, eles também eram mobilizadores de pessoas, verbas e recursos diversos. A diferença da questão agrária foi o resultado das reivindicações. Nesse caso, formaram-se equipes e pesquisas sobre o assunto e diversos projetos de lei, mas a implementação não foi efetivada. Com isso, vemos os limites sociais claros do alcance das prescrições aparentemente apenas técnicas, mas que são também políticas. E justamente por

serem políticas, afetavam interesses que estavam colocados na arena pública para a gestão dos problemas alavancados como questões sociais, como era o caso da fome endêmica.

Interessante notar que, para os estudiosos de Josué, ele foi uma das vozes mais proeminentes a defender a reforma agrária, senão a maior.<sup>907</sup> Mas, na maioria dos estudos sobre os debates em torno dessa temática, seu nome é pouco ou nem citado.<sup>908</sup> A clara discrepância de abordagem nos faz pensar que Castro era uma entre outras vozes que estavam disputando o projeto de reforma naquele momento e, ao contrário do que se passou quando conseguiu assimilar seu significativo capital simbólico construído ao longo dos anos em torno das discussões sobre fome, o mesmo não aconteceu de forma tão eficaz na temática da reforma agrária. Isso se devia a uma maior diversificação do trabalho de produção simbólica. Josué era um especialista de um tema, a fome, que já estava bem estabelecido na política e na intelectualidade. A inteligibilidade da questão agrária passou por outros especialistas, como economistas e advogados, e não necessariamente pelas competências que Josué ostentava como distintivas nos debates sobre a fome – como o conhecimento sobre a nutrição.

Alicerçados no mapeamento das instituições que lidavam com a questão da fome, percebemos que não há uma sequência nas formas e políticas públicas derivadas desse pensamento. As ideias não se sucedem umas às outras, como se as anteriores simplesmente desaparecessem. Elas coexistem e terão maior ou menor evidência a partir de quem domina a disputa política e das técnicas que serão desenvolvidas com base em diferentes perspectivas que permitem sua aplicabilidade. Isso quer dizer que os mecanismos discutidos e criados para a alimentação do trabalhador não deixaram de existir quando o tema da reforma agrária ganhou evidência. Programas que versam sobre alimentação do trabalhador e sua família, como o SAPS, permaneceram e alguns existem até hoje, como o atualmente chamado Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

---

<sup>907</sup> Como: “Desta forma, Josué de Castro, ao criticar os métodos de produção agrícola baseados no latifúndio e propor reformas estruturais rurais, produziu impacto, no Brasil e no mundo, pela forma como a questão da fome foi seriamente discutida e apresentada. As verdadeiras causas da fome foram desmascaradas, cientificamente, com base em resultados de exaustivos e meticulosos estudos, quando o intelectual apontou que a problemática da fome, no subdesenvolvimento do Brasil, era decorrente da exploração colonial pela qual passou o país”. In: CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Luta e persistência por um mundo sem fome em Josué de Castro: uma revisão da geografia da alimentação. *Geosul*, v. 21, n. 41, jan./jun. 2006. p. 35. Ver também: MENEZES, Anna Waleska N. Cunha de. *Op. Cit.*

<sup>908</sup> Ver: DEZEMONE, Marcus. *Op. Cit.*; NATIVIDADE, Melissa de Miranda. *A questão agrária no Brasil (1961-1964): uma arena de luta de classe e intraclasse*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2013; MOREIRA, Vânia Maria. *Op. Cit.*

Da mesma forma se deu com o DNOCS, órgão responsável pela gestão das secas e tentativa de controle das crises, e que não consta na tabela. A partir dos anos 1940, começou-se a questionar a solução hidrológica para o problema da seca, mas o órgão foi mantido, fazendo a tentativa de controle das crises, como as de 1951 e 1958. O órgão recebeu recursos para construção de açudes públicos e apoios a açudes particulares, perfuração de postos e construção de rodovias. Em 1959, o departamento passou a ser controlado pela SUDENE.<sup>909</sup>

Percebe-se que ao longo da efetivação das ideias de desenvolvimento para o Brasil, as ações derivadas dessas proposições não se davam em apenas uma direção, tal como foram planejadas. Elas tinham que lidar com diversos outros elementos: poderia ser a necessidade de negociar cargos e verbas, o fato da farinha mandioca enriquecida estragar rápido, o atraso no pagamento dos salários ou a falta de transporte. Vimos que a imagem da construção técnica da política pública se contrastava com as práticas que aconteciam na implementação e que obedeciam outras dinâmicas. Nesse sentido, uma política pública era representada enquanto cientificamente embasada, como motor do desenvolvimento nacional. Mas sua inserção em outras dinâmicas como alojamento de recursos, disputas partidárias ou troca de favores para que pudessem ser efetivadas davam a elas características específicas que deveriam ser escamoteadas de sua imagem. Os mecanismos legais criados, assim como os diversos serviços, órgãos e comissões não significaram automaticamente a garantia de melhoria de vida da população nem a diminuição da fome no país. A formulação legal, como o salário mínimo, não queria dizer aplicação, nem que os direitos fossem garantidos.<sup>910</sup> A criação de serviços, como o SAPS, também não adquiriu abrangência necessária para lidar com a magnitude do problema do acesso ao alimento.

Nessa forma de operação, o capital político e a inserção dos sujeitos envolvidos também eram responsáveis pela viabilidade da implementação das prescrições. Personalizadas, ou seja, formadas por laços pessoais, tais práticas que tinham por objetivo *modernizar* e colocar o Brasil nos moldes preconizados pela ciência e pelos técnicos tinham que operar em modos já estabelecidos e que eram contraditórios aos que modulavam a sua

---

<sup>909</sup> ABREU, Alzira Alves. Departamento nacional de obras contra as secas. *Verbete CPDOC*, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-as-secas-dnocs>. Acesso em: 24 ago. 2021.

<sup>910</sup> TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 47-50.

criação. Os grupos tornavam esses aparatos, esse sistema em volta da resolução do problema social da fome endêmica, um espaço para que pessoas fossem alocadas nos aparelhos.

Castro não foi espectador dessa delimitação, nem seu único autor. Foi co-criador, junto com outros membros das classes dirigentes, as tradicionais e as que recém-ascenderam ao posto, como ele próprio. Para eles, a fome endêmica passou a ser encarada como problema social nos anos 1930, intimamente ligada à renda, e a população alvo era o trabalhador. Depois, o latifúndio passou a ser uma das causas da fome, ligada à desigualdade social e o maior empecilho para o desenvolvimento do Brasil. O que cabe frisar aqui é a diferença de aplicação que teve o tema da alimentação do trabalhador e da reforma agrária no aparato estatal. O primeiro foi posto em prática, mesmo que não na magnitude necessária, mas ganhando espaço significativo no Executivo através da política trabalhista. Já o segundo foi fortemente barrado, ainda que tivesse grande adesão da população. A sua entrada na arena política nos revela que houve um desequilíbrio significativo de poder, com a perda de espaço das elites rurais e aumento da tensão, levando ao golpe militar de 1964.

## 6. O PROFETA DA FOME

*Fome, Fome, Fome!  
Foi o seu grito de guerra  
Que partiu de Pernambuco  
E se estendeu pela terra*  
Francisco Julião

Ao longo da segunda parte da tese, nós vimos as consequências que o surgimento de uma questão social, a fome endêmica, ocasionou nas discussões no *espaço público letrado*, na política federal e também suas imbricações. A proposta deste capítulo é fechar a análise por meio da trajetória de Josué de Castro e entender como ele se vinculou ao surgimento dessa questão social, se tornou o portador dessa temática e quais foram consequências dessa vinculação entre o tema e nossa personagem. Vamos olhar para a construção do prestígio de Josué e as disputas nos circuitos dos quais participou fora do campo governamental. Castro se alimentou do aumento do espaço que a temática obteve, ao mesmo tempo em que conseguiu reforçar o debate sobre a fome endêmica. Quais as consequências dos debates sobre a fome para Castro?

Foi por condições específicas que iam além de Josué que a fome endêmica surgiu como questão social, como vimos na primeira parte da tese. Mas também é preciso considerar que Josué construiu estratégias para obter a posição de protagonista nesse debate, na vanguarda nacional e depois internacional e que conseguiu ascender socialmente através disso. Tais estratégias iam além dos argumentos mobilizados pelo autor e por seus adversários: elas estavam ligadas aos seus trunfos e estigmas, à formação de sua rede de relações sociais e à inserção em espaços de consagração.

Castro começou a vincular seu objeto a sua vida, como aquele que conheceu a fome na infância, distanciando-se, assim, dos estabelecidos e reivindicando o pioneirismo da temática através da sua proximidade com o tema. Essa narrativa que Josué construiu sobre sua trajetória é reverberada por muitos estudos que surgiram sobre ele, inclusive com a adoção do

termo *outsider*<sup>911</sup>. Sendo relacionais e inseridas em determinado contexto, as categorias de estabelecidos e *outsiders*<sup>912</sup> precisam ser recolocadas na vida de Josué não como permanentes, mas entendidas a partir das figurações<sup>913</sup> específicas das quais participou.

Nesta tese, os estabelecidos são encarados como os grupos dominantes dentro dos diferentes espaços de poder nos quais Josué circulou em três esferas. A primeira em Pernambuco, seu estado natal, em parte tratada no capítulo dois e cinco. Depois de sair do Recife, Josué voltou a atuar na cidade quando disputou o cargo de deputado federal e marcou presença intensa através da ASCOFAM. Uma segunda figuração pode ser considerada nacional, em torno da burocracia estatal federal e dos meios científicos, como universidades e revistas com sede na capital brasileira à época. Esses dois espaços, Pernambuco e Rio de Janeiro, que eram geograficamente localizados, também se faziam como espaços de figurações que em muitos momentos se retroalimentavam. Com isso, quero dizer que as notícias e boatos circulavam entre os jornais e atores pernambucanos e também na imprensa e agentes centralizados no Rio de Janeiro. Em alguma medida, essas figurações já foram tratadas na tese e serão retomadas em seus aspectos específicos para apresentar o movimento de ascensão de Josué. Mas o foco central será o último circuito, entendido aqui como internacional. Tratam-se especificamente da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), das associações que Josué fundou, a ASCOFAM ou o Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID), e também dos circuitos científicos. Assim como Castro construiu capital científico na Universidade, ele galgou sua inserção entre os estabelecidos e seu capital simbólico com diferentes estratégias que se somavam aos seus

---

<sup>911</sup> Como o de Giuseppe Di Taranto: “As acusações feitas ao Capitalismo – motivadas, também pelo fato de ser filho daquele mundo privações [...]” In: TARANTO, Giuseppe Di. *Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Belém: CEJUP, 1993. Prefácio. Tânia Elias Magno da Silva escreveu que, “Aquilo que os olhos de menino um dia, ‘viram assustados’, acabou sendo traduzido em uma série de ensaios, tanto de natureza científica – de análise sociológica do problema – quanto de índole ficcional, calcados num realismo gritante.” In: SILVA, Tânia E. M. da. *Josué de Castro, para uma poética da fome*. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 15. Outro exemplo é de Normando Jorge de Albuquerque Melo, que chama Josué de “*outsider vigilante*.” In: ALBUQUERQUE, Normando Jorge de. *Josué de Castro antes da Fome. Autora*, v. 4, n. 1, 2010. p. 140-152.

<sup>912</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>913</sup> Segundo Elias, “por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários.” Embora a tradução portuguesa citada fale em “configuração”, utilizaremos o termo “figuração”, mais usual nas traduções brasileiras. In: ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 142-143.

argumentos. Essas estratégias não eram racionalizadas necessariamente enquanto tal e eram exercidas por diversos atores. Vejamos três exemplos.

O primeiro ponto a ser considerado é que Castro tinha atenção constante com a imprensa. A maior parte do seu acervo é composta por recortes de jornais e revistas, com notícias veiculadas sobre si e sobre assuntos de seu interesse. Desde que cursava Medicina, ele figurava em notas que davam conta dos seus passos, como noivado, aprovação nas disciplinas enquanto aluno e viagens. Isso não acontecia, apenas, por uma relação orgânica com os jornalistas e pessoas que conhecia nos meios de comunicação, mas também por uma postura ativa ao enviar tais notas, por exemplo. Foi um investimento de grande monta que aconteceu ao longo de toda a sua vida.

Em um momento em que os campos científicos não estavam tão consolidados e tinham mais porosidade com outros espaços, a imprensa era um lugar de destaque na construção de capital simbólico. Acontecimentos como encontros, lançamentos de livros, cursos nas universidades, enfim, parte relevante das atividades científicas, eram noticiados pela imprensa. Vimos ao longo da tese, no entanto, que o esforço de Josué não era apenas para se estabelecer no campo científico, mas também no político-governamental e no que chamamos de *espaço público letrado*. Por isso, veículos impressos de maior alcance eram um caminho significativo para ele.

Quando julgava que um assunto era digno de notícia, Josué fazia textos e mandava cópias com instruções para diferentes jornais, como podemos ver em uma das que deixou: “[e]sta nota deve ser datilografada em várias cópias e guardada para ser distribuída no dia 29 corrente, após a eleição, da qual darei confirmação por telegrama. [Ser enviada para] *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, Gilson Amado, Haroldo Holanda, José Mauro, Darwin Brandão, Hermenegildo Sá Cavalcanti [...]”.<sup>914</sup> Algumas notas eram reproduzidas como notícias em diferentes meios de comunicação, o que denota a eficácia dessa estratégia. Seus escritos que eram publicados como livros também eram republicados na imprensa, antes ou depois do lançamento.<sup>915</sup>

---

<sup>914</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 56.

<sup>915</sup> Como contou Barboza de Mello: “No número 27 desta revista, mais precisamente em Março de 1945, Josué de Castro publicava um artigo intitulado ‘Geografia da Fome’. No fim deste, uma nota: ‘Capítulo do livro ‘Geografia da Fome’, a ser lançado pela ‘Cia. Editora Leitura’.” *In*: MELLO, Barboza. Depoimento de uma época. *Leitura*, nov. de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

A segunda estratégia de intenso ganho de capital simbólico era a formação e participação em congressos, simpósios e diferentes encontros. Eles ocorriam não apenas com interlocutores acadêmicos diretos – geógrafos e nutricionistas –, mas médicos de outras especialidades, parlamentares e aqueles que reivindicavam o lugar de autoridade na luta contra a fome. Certa vez, Josué enunciou que:

[sua] experiência em alguns conclaves internacionais levaram a considerar os seus rendimentos relativamente pequenos. Em regra, nessas reuniões discute-se muito, às vezes, por detalhes sem importância, ou por simples pontos de vista doutrinários, aprova-se afinal um mundo de recomendações, as quais, infelizmente, não são a seguir levadas ao campo da aplicação social.<sup>916</sup>

Apesar disso, ele organizou e frequentou muito esses espaços, indicando um claro investimento nessa estratégia de ganho de prestígio e capital social. Alguns encontros eram patrocinados pelo Estado através de emenda parlamentar. Josué, enquanto deputado federal, destinou três milhões de Cruzeiros para levar a delegação brasileira à Conferência Interparlamentar Pré-Governo Mundial.<sup>917</sup> Construir e frequentar esses circuitos poderia estreitar laços e abrir outras possibilidades profissionais.

Meu caro Josué: aqui estou há dois dias. Já tive oportunidade de discutir com os amigos da direção do Conselho Mundial da Paz e com o escritor Jorge Zalamela (ex-Ministro de Educação e ex-Embaixador da Colômbia no México e na Argentina), secretário do Júri dos Prêmios Internacionais da Paz, o problema de tua candidatura. Em princípio, há um acordo geral. Tudo está na dependência, exclusivamente, da tua presença em Estocolmo, na reunião do Conselho, a 18 deste mês. Com isso, tudo estará assegurado.<sup>918</sup>

O último exemplo é com relação a quem participava, ou seja, a composição das associações ligadas ao tema e quais eram aqueles convidados a integrar estes espaços, pois a escolha dos participantes também era um elemento importante para o estabelecimento de capital social. Com frequência, as pessoas com alto prestígio que não participariam da operação do evento ou associação em questão eram chamadas para membro honorário ou presidente de honra. Como Jânio Quadros, que foi presidente de honra da ASCOFAM quando presidente do Brasil, ou Oswaldo Aranha, que foi presidente da ASCOFAM do Brasil.<sup>919</sup>

---

<sup>916</sup> O Brasil Central está fora das fronteiras econômicas da nação. *Diário de Pernambuco*, 13 de abril de 1949, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>917</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 651.

<sup>918</sup> Carta de Jorge [Amado] a Josué de Castro, 30 de outubro de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 389. Apesar da carta não ter sobrenome, Jorge Amado era próximo a Josué e um dos articuladores do Conselho Mundial da Paz. Cf. RIDENTI, Marcelo. *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

<sup>919</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 560.



Formou-se assim, em nome da luta contra a fome, um aparato específico de circulação de pessoas, ideias e recursos. Esse aparato mobilizou aqueles que participavam de encontros e disputavam diferentes capitais entre si formando um circuito dos *enunciadores*. A proposta do capítulo é retomar as estratégias de disputa, legitimação e depreciação desses espaços, desde o momento que Josué de Castro se tornou portador da temática da fome, com a publicação de *Geografia da fome*, em 1946, até o exílio após o golpe de 1964, quando já era consagrado internacionalmente.

### **6.1. O “filho do entregador de leite”**

O sucesso do livro *Geografia da fome* foi imenso mesmo que não unânime. Josué se consagrou como o porta voz da temática ou o “profeta da fome”, como foi chamado por Francisco Julião.<sup>920</sup> Os argumentos para a legitimação de Josué de Castro poderiam parar nesse ponto, porque a obra foi, de fato, uma importante interpretação do Brasil, além de ter sido lançada em um momento propício para o tema: o final da Segunda Guerra Mundial, a imensa crise de fome e a preocupação com alimentação eficiente que ela trouxe. Mas seria incompleto, dado que as estratégias de divulgação, as redes e os atores envolvidos também são componentes fundamentais para entender a eficácia da construção do capital simbólico.

Josué investia nessas formas de acúmulo de capitais da mesma forma que adensava sua proposição sobre fome. A linguagem era propositalmente objetiva e para um público amplo, para que fosse acessível aos não especialistas. O autor enviou seu livro a diversas pessoas e conseguiu mais de 40 resenhas e críticas na imprensa exaltando os aspectos positivos da obra. Entre os resenhadores nacionais estavam pessoas mais próximas ao autor

---

<sup>920</sup> JULIÃO, Francisco. Josué, nosso profeta. *Estrofes* 37-50. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1993. In: MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (org.). *Josué de Castro, perfis parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007. p. 23.

como Olívio Montenegro,<sup>921</sup> Jamesson Ferreira Lima<sup>922</sup> e Orlando Parahym<sup>923</sup>. Mas também o historiador Nelson Werneck Sodré (1911-1999) e a escritora Raquel de Queiroz<sup>924</sup>.

O livro foi laureado com o Pandiá Calógeras, da Associação Brasileira de Escritores, em 1946. Do júri, fazia parte seu amigo Arthur Ramos, que declarou: “[e]ste livro é um dos documentários mais marcantes, e vamos dizer, mais tragicamente exatos que já foram escritos sobre o Brasil e o seu povo”.<sup>925</sup> Humberto Bastos,<sup>926</sup> que se tornou opositor a Josué, chamou atenção para o júri estranhamente reduzido e composto por dois amigos de Castro, Arthur Ramos e Fernando Carneiro,<sup>927</sup> que já haviam resenhado favoravelmente a obra, e por Otávio Tarquínio de Sousa<sup>928</sup>. A proximidade de Castro com os jurados é um componente que precisava ser levado em consideração para que obtivesse êxito na premiação. O capital social adquirido, mesmo que indiretamente, estreitava laços com o júri e influenciava nos resultados dos prêmios que Josué investiu para aumentar seu capital simbólico. Isso ficou evidente no Prêmio Pandiá Calógeras e no Prêmio Internacional da Paz.

*Geografia da fome* também ganhou o prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras em 1947. Em 1948, o livro foi traduzido para o francês pela *Éditions Ouvrières* e no mesmo ano foi resenhado por Pierre Monbeig, então professor na Universidade de Strasbourg, na revista *Les Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. Josué condensou a resenha, traduziu e espalhou pela imprensa brasileira, como nesse trecho transcrito para divulgação:

Nenhum autor havia até hoje acentuado a acuidade do problema como o Prof. Josué de Castro, em seu livro ‘Geografia da Fome’, título belo e cruel. O valor da contribuição do Prof. Josué de Castro provém, antes de tudo, da documentação estritamente brasileira. Contudo, seria diminuir o mérito dessa obra, restringir o seu interesse às questões brasileiras. Ensinamentos de

---

<sup>921</sup> Olívio Montenegro (1896-1962) foi um escritor e jornalista paraibano que se estabeleceu no Recife e foi uma das pessoas mais próximas a Josué.

<sup>922</sup> Médico de formação, Jamesson Ferreira Lima vivia em Pernambuco e foi secretário-geral da ASCOFAM no estado.

<sup>923</sup> Orlando Parahym (1911-1999) foi médico e professor da Faculdade de Medicina do Recife.

<sup>924</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Geografia da Fome*. *Diário de Notícias*, 22 de dezembro de 1946. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>925</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>926</sup> Advogado e jornalista, Humberto Bastos (1914-1978) nasceu em Maceió e se mudou para o Rio de Janeiro. Escrevia romances e atuava na imprensa na área de economia.

<sup>927</sup> Provavelmente trata-se do médico cearense José Fernando Domingues Carneiro (1908-1968), professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

<sup>928</sup> Octavio Tarquínio de Sousa Amarantho (1889-1959) foi um escritor e historiador carioca. Bastos, Humberto. O voto dos Carneiros. *Diário Carioca*, 22 de setembro de 1947. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

perspectivas bem mais vastas dela se despreendem... A ‘Geografia da Fome’ é, pois, apenas um dos múltiplos aspectos de um problema singularmente mais complexo – o do comportamento do homem branco nas regiões tropicais.<sup>929</sup>

As críticas não foram apenas positivas. Humberto Bastos, aquele do boato difamatório sobre o prêmio, publicou uma resenha a pedido de Josué. Segundo Humberto, ele foi consultado pelo autor sobre a obra em dois almoços. No primeiro encontro, quando o livro ainda estava sendo construído, Humberto fez apontamentos e sugestões de autores que deveriam ser incorporados. No segundo, Josué chegou com a publicação em mãos e disse que iria enviar para algumas pessoas centrais no assunto. Queria que Humberto fizesse uma crítica a respeito da obra. A resenha saiu no jornal *Diário de notícias* com comentários depreciativos, questionando diversos argumentos: “[o livro] diz que o imperialismo econômico e o comércio internacional a serviço do mesmo são responsáveis pela fome. Que imperialismo econômico?”<sup>930</sup>

Josué respondeu, em uma nova edição de *Geografia da fome*, em 1948, dizendo que Humberto defendia o imperialismo decadente e os interesses de outros grupos não menos decadentes. Humberto Bastos publicou então uma nova crítica e disse que

esses grupos não menos decadentes a que se refere Josué não serão os mesmos aos quais tem recorrido para solicitar apoio a várias de suas iniciativas e aos quais remete os seus livros com amáveis dedicatórias? [...] Achei isto muito pouco científico. De outro lado me inquietava pelo fato de Josué estar sempre pleiteando representação em Congressos internacionais, como delegado do Brasil. Estaria Josué defendendo essas teses comunizantes, várias delas completamente fora da realidade brasileira?<sup>931</sup>

Quanto mais prestígio Josué adquiria e quanto mais se posicionava politicamente, mais era alvo daqueles que cerravam fileiras para que ele não entrasse nos circuitos hegemônicos, os que haviam se estabelecido há mais tempo e representavam as elites dominantes tradicionais da época. Por isso, era sistematicamente confrontado e o tom da crítica de Humberto Bastos exemplifica quem passa a enfrentar Josué. Esse enfrentamento poderia se dar de diferentes maneiras. Uma delas era a transmutação de disputas morais ou por recursos simbólicos e materiais em argumentos científicos, como vimos a propósito do livro *Geografia da fome*.

---

<sup>929</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 117.

<sup>930</sup> BASTOS, Humberto. O voto dos Carneiros. *Diário Carioca*, 22 de setembro de 1947. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>931</sup> BASTOS, Humberto. Fome - arma demagógica. *O Jornal*, 17 de abril de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

Outro retrato dessa natureza de oposição é o caso da mucunã, planta do semiárido usada como alimento apenas em situações de fome grave. Josué foi a Recife em agosto de 1949 para dar duas palestras sobre fome. A primeira, na Faculdade de Direito, teve a presença do governador Barbosa Lima Sobrinho e diversos secretários em auditório lotado. Entre os espectadores estava o químico pernambucano Oswaldo Gonçalves de Lima (1908-1989), que interpelou Josué sobre a toxicidade da mucunã, assunto distante do tema da palestra. Isso porque, além de ter mencionado em *Geografia da fome* que a planta era atóxica,<sup>932</sup> Josué havia publicado dois artigos nos *Arquivos Brasileiros de nutrição*, em 1947 e 1949, afirmando que a mucunã não apresentava toxicidade. Enquanto isso, uma pesquisa preliminar, liderada por Nelson Chaves (1906-1982), nutricionista em ascensão no Recife, com a participação de Oswaldo Gonçalves de Lima, dizia que ratos que consumiam mucunã crua morriam. O químico lançou a controvérsia na palestra e os jornais adversários de Josué noticiaram amplamente o confronto. Uma série de reportagens do jornal *Diário de Pernambuco*<sup>933</sup> e do *Jornal do comércio*, ambos de famílias tradicionais do Recife, deu conta das críticas a Josué e do respaldo que essas tinham da Sociedade de Biologia. Josué cancelou a outra palestra que iria dar, alegando questões de saúde e escreveu uma enorme resposta aos jornais.<sup>934</sup> Também foi apoiado por uma carta pública dos professores da Faculdade Nacional de Filosofia, na qual ele lecionava, que saíram em sua defesa. Entre eles estavam Arthur Ramos, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Atayde na imprensa), Carlos Delgado de Carvalho<sup>935</sup> e mais 42 nomes.<sup>936</sup> Esses pertenciam ao circuito intelectual carioca, no qual Josué já havia se estabelecido e ganhado suficiente capital simbólico. Ainda em 1949, Nelson Chaves e Oswaldo Lima

---

<sup>932</sup> “[...] trata-se, pois, de uma leguminosa de alto valor nutritivo e atóxica, que, considerando sua extraordinária resistência aos períodos de seca, deveria ser plantada no sertão como um valioso recurso para combate à fome nos períodos de calamidade.” Castro, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 206.

<sup>933</sup> Jornal fundado em 1825 e vendido para os Diários Associados em 1931, de Assis Chateaubriand, que logo assumiu uma postura contra o regime de Vargas. Nos anos seguintes, apoiava os candidatos conservadores, a exemplo da União Democrática Nacional (UDN), o Partido Democrata Cristão (PDC) e o Partido Libertador (PL). Por isso, era um veículo com constante oposição a Josué de Castro. Informações retiradas do verbete de Ricardo Lima Bezerra ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). *Diário de Pernambuco*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DI%C3%81RIO%20DE%20PERNAMBUCO.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2023.

<sup>934</sup> Carta de Josué de Castro ao redator [s.n.], 2 setembro de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 436.

<sup>935</sup> Geógrafo francês radicado no Brasil, Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) atuou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro e na fundação do Conselho Nacional de Geografia.

<sup>936</sup> Cartas dos professores da Faculdade Nacional de Filosofia. Debates em torno da Mucunã. *Separata dos Arquivos Brasileiros de Nutrição*, novembro-dezembro de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 106.

publicaram um artigo em aberta oposição à Josué de Castro, dizendo que, mesmo que não pudesse se comprovar sua toxicidade,

está suficientemente evidenciado que as proteínas da mucunã são incompletas, que esta leguminosa possui um fator de perturbação capaz de produzir lesões em vários órgãos e até mesmo degeneração gorda do fígado e morte em curto espaço de tempo; que é utilizada como alimento, apenas, em situação de extrema penúria, não tendo nunca se fixado, por seu valor nutritivo para o homem, através dos séculos.<sup>937</sup>

Para Nelson Chaves, nutricionista de destaque regional, assim como o químico, a controvérsia com Josué de Castro significava ganho de capital simbólico visto que Josué havia se estabelecido como cientista de destaque na área.<sup>938</sup> Além disso, Chaves descendia da oligarquia tradicional pernambucana, de família produtora de açúcar. Esse era em ponto em comum da maioria daqueles que se colocavam como adversários de Josué: eram, no geral, membros da oligarquia pernambucana. As disputas nesse estado eram mais abertas e violentas do que nos outros espaços que Josué frequentava. A imprensa espalhava os boatos ou críticas, sendo o jornal *Diário do Pernambuco* um dos mais ferrenhos opositores a Josué.<sup>939</sup> No seu lugar de origem, onde os estigmas eram mais conhecidos e onde não se admitia sua ascensão, as pessoas se autorizavam a comentários violentos.

Além da transmutação da crítica política em crítica científica, Josué passou a ser cada vez mais alvo de boatos difamatórios que evidenciavam seus estigmas. Tratava-se de um mecanismo de reforço dos diferenciais de poder entre os dois grupos a partir da identificação por oposição de características que deveriam pertencer aos *outsiders* e que não eram atribuídas aos estabelecidos. Um boato depreciativo que frequentemente aparecia na imprensa era associá-lo a condutas moralmente inaceitáveis, como casos de corrupção e o recebimento impróprio de dinheiro. Estácio Souto Maior, de família tradicional de Caruaru e deputado federal pelo PTB de Pernambuco, mesmo partido de Josué, válido lembrar, era um dos ferrenhos opositores que usavam esse argumento. “O Sr. Josué tem cometido atentados

---

<sup>937</sup> CHAVES, Nelson; LIMA, Oswaldo Gonçalves. *A mucunã vermelha na nutrição: novos comentários*. Recife: Imprensa Oficial, 1949.

<sup>938</sup> VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, v. 8, n. 2, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000300002>

<sup>939</sup> “Era porque Antiógenes que era amicíssimo de Chateaubriand, era amigo íntimo do irmão de Nelson Chaves que era do grupo contrário e então conseguiu que o Antiógenes botasse na cabeça de Chateaubriand pra ser contra, então o Diário de Pernambuco publicou muita coisa contra Josué”, disse Nogueira Lyra em entrevista a Tânia Elias Magno. In: SILVA, Tânia Elias Magno da (org.). *Memória do Saber: Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. p. 376.

diversos ao pudor parlamentar e fez do mandato um dos seus inúmeros ‘bicos’. Ganha quarenta e cinco mil cruzeiros mensais da Confederação Nacional da Indústria, desde 1947. É ‘sinecurista’ num sem número de empresas de economia mista, vivendo da exploração dos cofres públicos.”<sup>940</sup> Também foi acusado de não prestar contas de uma verba de trezentos mil cruzeiros do Fundo Sindical fornecida à Comissão Nacional de Bem-Estar Social, enquanto era presidente.<sup>941</sup>

Os pernambucanos conhecem a vida pregressa do snr. Josué de Castro, a sua situação como presidente do ‘Bem Estar Social’ quando recebeu milhões e milhões de cruzeiros, não prestando contas da importância recebida, o que foi apurado em inquérito e até hoje espera-se por essa prestação prometida.<sup>942</sup>

Outra forma de evidenciar seus estigmas era chamar atenção para elementos de distinção de classe e raça. Em entrevistas de pessoas próximas a Josué de Castro, encontra-se mais de um relato em que os “inimigos” pernambucanos chamavam Josué de “filho de entregador de leite” e “mulato”.<sup>943</sup> Se “mulato” era reservado para qualificar a sua raça, o “filho de entregador de leite” era acionado na chave de diferenciação de uma classe social menos abastada, trabalhadora braçal e não intelectual. Enquanto filho de entregador de leite, Josué estava fora da elite econômica e não poderia acessar as condições materiais dela. Como nessa publicação escrita por Godin da Fonseca, importante jornalista na época, na revista *Diretrizes* que trazia a seguinte anedota:

Eu lá atravessando calmamente a Avenida quando um bruto carro freou quinchando em cima de mim. Imediatamente o chofer desceu furioso por não me ter atropelado, – e ia debater quando dono do veículo interveio.  
– Seu Gondin ! Que diabo foi isso?  
– O sinal estava aberto para mim...  
– Estava. Mas eu tinha pressa. Mandei o chofer avançar os sinais.  
– E a multa?  
– Ninharia. Ando cheio da gaita.

---

<sup>940</sup> Deputado quer cassação para Josué. [sem nome do veículo], [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>941</sup> Carta de Josué de Castro ao redator do Jornal do Comércio, 28 de março de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 436.

<sup>942</sup> A fome mata milhões e engorda Josué. *Diário de Pernambuco*, 02 de fevereiro de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 436.

<sup>943</sup> “A minha impressão é o que eu ouvi aqui, por parte das elites, uma certa reação contra Josué por vários motivos: primeiro, Josué era meio mulato, meio eu não digo, mas era meio moreno, em segundo lugar, dizem que ele era de origem muito humilde, eu não sei a opinião da família, eu nunca o vi falar no assunto. Uma outra coisa, e essa é a maior, talvez a que mais tenha contribuído para as animosidades aqui no Recife, é que Josué de Castro contrariou os interesses das oligarquias, que com o negócio da fome, ele tomou uma posição que não interessava aos grandes latifundiários, incomodava, e também porque ele partiu para uma militância política. Com esta inserção dele na política, agravou-se a situação.” Manuel Correia de Andrade em entrevista de julho de 1996 a Tânia Elias Magno da Silva. In: SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber... Op. Cit.* p 377.

Era o Josué de Castro. Convidado por ele, entrei para o seu carro e logo vi que o meu bom amigo andava, efetivamente, cheio da gaita. Dentro do automóvel havia uma pequena geladeira com bebidas, rádio-vitrola, etc. Que luxo!

Eu fiquei espantado. Tocava-se um botãozinho e pulava um maço de cigarros: noutro botão, uma caixa de charutos. [...]

[disse Josué] Mas a verdade é a verdade. Toda esta fartura foi obtida com um livro que escrevi, a “Geografia da Fome”.<sup>944</sup>

No caminho de ascensão trilhado por Josué, ele era constantemente lembrado pelas elites tradicionais do seu lugar de origem e a ele não era permitido ter chofer e carro de luxo. Outra característica que aparecia eram os traços negros, herdados da mãe. Aqui, uma segunda anedota publicada no *Diário de Pernambuco*:

A secção ‘o que se diz’ do ‘Diário Carioca’ publica hoje: ‘É intenção do sr. Jânio Quadros [...] designar um cidadão de cor para a chefia de uma importante missão diplomática do Brasil, a fim de exibir no exterior a absoluta ausência de preconceitos raciais em nosso país’... QUE ao ser propalada essa notícia nos corredores do Palácio Tiradentes, o deputado Josué de Castro, que sonha com a nossa embaixada em Paris, começou a ser o elemento mais cotado para o posto... QUE a esse respeito o deputado José Sarney comentou que bastaria ele, Josué, recorrer à Companhia Tônia-Celi-Autran para saber qual a graxa usada no cabelo de Otelo, quando da representação da peça de Shakespeare... QUE, no entanto, um jornalista presente replicou que para o dito Josué ostentar o mais encarapinhado dos cabelos seria suficiente apenas que ele desprendesse a sua cabeleira, exibindo-a ao natural e, portanto, sem preparados químicos que usa...<sup>945</sup>

Os adversários declarados e não declarados, em sua maioria, pernambucanos, chamavam Josué de “mulato”. O termo que designa pardos, como filho de uma mulher negra com um homem branco, o caso de Josué, era usado nesses episódios de forma pejorativa e desabonadora. Sendo relacional e histórico, o racismo engendrava os conflitos e tensões das disputas em operação dos circuitos frequentados por Josué. As instituições universitárias e políticas da qual participou produziam e reproduziam as estruturas racistas.<sup>946</sup> Josué não fez frente a esses tipos de declaração, seja por estratégia, autocensura ou silenciamento. A questão racial não foi mobilizada pelo próprio autor nem por seus estudiosos, evidente apenas nesses trechos em que aparecem como boatos pejorativos espalhados por seus opositores. Isso não retira o fato de sua origem social e racial terem se tornado fontes depreciativas para aqueles que, em sua maioria, gozavam dos privilégios das classes dominantes pernambucanas.

---

<sup>944</sup> FONSECA, Gondin da. Fome e Fartura. *Diretrizes*, 2 de julho de 1947. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

<sup>945</sup> Josué aceita o cargo para homem de cor. *Diário de Pernambuco*, 20 de setembro de 1959, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>946</sup> SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Individualmente, havia uma pequena possibilidade de ascensão social quanto mais se aproximasse do padrão proposto pela elite branca dominante, não apenas no tom da pele, mas também no comportamento e discurso. Essa aproximação esperada pelas elites brancas era para trazer ao modo de vida branco, tido como universal,<sup>947</sup> outros grupos. Poderia ser através das roupas, jeito de falar, escolhas alimentares, contenção das formas de se expressar, desenvolvimento de habilidades necessárias como aumentar a quantidade de línguas que domina, enfim, *habitus*, nas palavras de Pierre Bourdieu, desejado e operado pela elite branca como forma de distinção.<sup>948</sup> O negro poderia ser tratado como um par, um branco, se assim fosse conveniente, e também lembrado dessa condição distintiva quando não mais o fosse.

Desta forma, alguns poucos membros lograram ascender, aproximando-se do que a elite buscava, como foi o caso de Josué. Ele lia tão bem os preceitos tidos como universais que ascendeu através disso. São inúmeros relatos que dão conta de como ele conseguiu dominar os símbolos valorizados pelas elites de forma brilhante. Por exemplo, distinguia-se pela oratória e essa característica é um consenso entre todas as pessoas que falavam sobre ele, como Darcy Ribeiro:

Josué foi uma das pessoas que eu mais admirei, eu digo mesmo que Josué é o homem mais brilhante e mais inteligente que eu conheci e o diabo é que me dava uma inveja enorme, Josué era brilhante em todas as línguas. Era em português, em espanhol, era inglês, era francês, incrível. O talento de Josué era ofuscante e olha que eu trabalhei com gente muito inteligente durante anos, como o Anísio Teixeira, como Hermes Lima.<sup>949</sup>

Mas essa ascensão foi marcada pelo conflito, tendo em vista que os grupos dirigentes tradicionais, como vimos, não queriam dar espaço para os grupos sociais que ascendiam naquele momento. No Rio de Janeiro, o jornal de mais franca oposição passou a ser o *Tribuna da Imprensa*, fundado em 1949 por Carlos Lacerda. Os boatos depreciativos intensificaram depois que Josué se tornou deputado federal em 1954, durando até 1962, quando o jornal foi

---

<sup>947</sup> ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. p. 25.

<sup>948</sup> Para Bourdieu, *habitus* pode ser entendido como “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, que dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro.” In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. XLI.

<sup>949</sup> Darcy Ribeiro em entrevista a Tânia Elias Magno da Silva. In: SILVA, Tânia Elias Magno da. *Memória do Saber... Op. Cit.* p. 365.



comprado por Hélio Fernandes<sup>950</sup> e as críticas violentas diminuíram consideravelmente. Ter os jornais *Diário de Pernambuco* ou *Tribuna da Imprensa* como opositores posicionava Josué em um lugar específico. Lacerda vinha de uma família estabelecida, chegou a ter um flerte com o comunismo, mas fez uma guinada, filiou-se à União Democrática Nacional (UDN) e se tornou ferrenho opositor às ideias e aos partidos mais à esquerda. Assis Chateaubriand também tinha aberta oposição a Castro. Apesar de ser o primo pobre, vinha de uma família de senhores de engenho do Nordeste. Fez carreira no jornalismo e montou o Diários Associados, conglomerado de meios de comunicação. Era francamente anti-comunista e ora apoiava partidos conservadores, como a UDN, ora dava apoio a candidatos como Getúlio Vargas. Mantendo-se o padrão das outras disputas, ambos pertenciam aos grupos estabelecidos há mais tempo.

Esse acesso das pessoas formadas nas classes médias, a exemplo de Josué, não se dava sem estar ancorado em mudanças mais profundas da sociedade,<sup>951</sup> e por isso não conseguiram impedir, de todo, a ascensão de novos atores. A eficácia da estigmatização através dos boatos vai depender do posicionamento dos envolvidos. Josué era atacado porque estava ascendendo, e conseguiu fazer esse movimento apesar dos ataques. Como narrou Barboza de Mello em 1957, “o sucesso generalizado impôs, em seguida, várias traduções, que chegam nesse momento a quinze idiomas, mal o livro ultrapassa seu primeiro decênio”.<sup>952</sup> *Geografia da fome* vendeu mais de quatrocentos mil exemplares nos primeiros dez anos. Isso aponta que, apesar do confronto, intelectuais como Josué tinham espaço em uma sociedade que se transformava. As tentativas de Carlos Lacerda, com a *Tribuna da Imprensa*, e dos grupos opositores em Pernambuco de desabonar Josué, que eram estratégias de ressentimento de classe entre os bem-nascidos, surtiram pouco efeito, pois Josué havia se tornado, ele também, um estabelecido. Ele estava suficientemente revestido de autoridade e legitimação e, por isso, esse recurso dos grupos opositores não atingia com força suficiente seu capital simbólico.

---

<sup>950</sup> Jornalista, Hélio Fernandes trabalhou na revista *O Cruzeiro*, foi assessor de imprensa de Juscelino Kubitschek e trabalhou no jornal *Tribuna da Imprensa*. Adquiriu esse jornal quando Carlos Lacerda se tornou governador do estado da Guanabara, onde permaneceu até sua morte, em 2021. Foi perseguido e preso diversas vezes pelo governo durante o golpe militar e tinha um posicionamento mais à esquerda do que Lacerda.

<sup>951</sup> Tais mudanças foram tratadas principalmente nos capítulos um e dois e como elas reverberaram no aparato governamental nos capítulos quatro e cinco.

<sup>952</sup> MELLO, Barboza. Depoimento de uma época. *Leitura*, novembro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

Com isso, convencionou-se dizer que Josué era um *outsider*; o que é, em parte, verdade, dado que ele veio das classes médias urbanas. Mas precisamos entender os limites dessa qualificação e apontar em que momento ela foi válida. Os *outsiders* tendem a ser mais diversos entre si do que os estabelecidos, formando um grupo muito mais heterogêneo porque partem da oposição a estes e são mais numerosos. Todos aqueles que não são estabelecidos são *outsiders*. No campo simbólico, cria-se uma imagem muito mais reduzida dos *outsiders*, como se fossem todos muito parecidos e dotados das mesmas características e oportunidades, sobretudo as depreciativas, como disse Norbert Elias, um retrato em preto e branco de uma diversidade muito maior.<sup>953</sup>

Através dessa simplificação podemos encontrar nesse grupo uma catadora de recicláveis, mãe solo, mulher negra, moradora da favela como Carolina Maria de Jesus, tema do capítulo três, e um filho de comerciante que cursou Medicina, falava quatro línguas, fez estágio nos Estados Unidos, como Josué de Castro. Claramente, as ferramentas para ganho de capitais — materiais ou simbólicos — não eram as mesmas. Além disso, no começo da trajetória, sua rede de relações era muito mais próxima dos grupos dominantes do que a de Carolina Maria, seja pelo padrinho, o coronel, ou pelos contatos que tinha na imprensa de Pernambuco ou do Rio de Janeiro. Josué tinha habilidade para tecer essas redes e tinha consciência disso, o que foi de extrema importância para a sua consagração.

Ainda que ambos partissem dos *outsiders*, isso não significava que partilhavam as mesmas ferramentas de inserção e ascensão. Na tese, vimos que Carolina se inseriu enquanto portadora de histórias sobre a favela e impedida de representar outros universos, não sendo validada nas empreitadas que desejava, como escritora de ficção. Apesar do esforço de Carolina, sua posição precisava ser reiteradamente validada pelo grupo, o que não aconteceu. Não foi o caso de Josué. Além de ter conseguido reverter seu capital simbólico do campo científico para o político, Josué logrou se inserir nacional e internacionalmente e manter essa inserção.<sup>954</sup> Ele dominava os símbolos entendidos como característicos dos grupos hegemônicos, os trunfos sociais já mencionados. Para seu projeto de ascensão, movimento

---

<sup>953</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>954</sup> Nas palavras de Miguel Palmeira para descrever Moses Finley, “alguém que efetivamente faz parte do grupo em que é acolhido, ainda que sua posição nesse universo seja afetada pelo fato de não pertencer ao grupo inicialmente”. In: PALMEIRA, Miguel S. Dos efeitos de um exílio: Moses Finley na Inglaterra. *Revista de História*. n.º 176, a01117, 2017. p. 27. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127336.

não corriqueiro mas possível, ele tinha que se afastar dos estigmas dos *outsiders*, daquelas características que o determinavam enquanto tal, como a pobreza ou a cor da pele. Carolina ascendeu evidenciando atributos socialmente estigmatizados. Por isso ela foi circunscrita a essa temática, autorizada a falar apenas sobre assuntos como a fome, a favela e a pobreza. Já Josué fez um caminho distinto. Primeiro ele ascendeu através da Medicina, tratando de temas como fisiologia, alimentação e depois fome e se assumindo cientista, como um observador externo ao mundo *outsider*. Nesse primeiro momento, ele era *o cientista*, como contou em uma entrevista:

Fui lá em Recife. Andei metido na zona dos mangues, na Ilha do Leite, na Ilha do Bode, na Ilha de Janeiro. Esses nomes são os nomes que o povo dá aqueles lugares. [...] Eu estudei as condições de vida daquela gente. [...] Fui por todos os cantos, com o caderno de notas, a máquina fotográfica e o termômetro na mão. Estudei, tenho dados científicos que podem provar que o mocambo não é uma praga.<sup>955</sup>

“Fui lá”, ou seja, não estava lá. Com caderno, máquina e dados científicos para a interpretação do mundo da pobreza ao qual ele desejava manter uma distância suficientemente segura para se estabelecer. Até sua consagração internacional, Josué fez um grande esforço para estar nesse lugar de cientista.

## 6.2. Combatente de Malthus

Assim que publicou *Geografia da fome*, Josué começou a organizar suas traduções e a continuidade da obra. O projeto inicial era escrever uma coletânea de cinco volumes sobre a fome nas diferentes partes do mundo. Foi assim que conheceu Sanford Jerome Greenburger, da empresa *International Literary Bureau*, em uma viagem a Nova York em 1946. Ele se tornou seu agente e figura essencial na articulação internacional de Josué. Sanford se entusiasmou com a publicação nos Estados Unidos da continuidade de suas análises e com o autor traçou uma estratégia editorial de maior impacto no país.

O primeiro ponto dessa estratégia era que o livro *Geografia da fome*, que tratava apenas do Brasil, não deveria ser publicado nos Estados Unidos antes do estudo sobre os outros países. Isso enquadraria a análise de Josué como regional e diminuiria o impacto no público estadunidense: “seu conceito social de fome seria desperdiçado e o assunto descartado

---

<sup>955</sup> Um higienista defende os mocambos de Recife contra a Picareta Oficial. [sem nome do veículo], [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 349.

como um problema regional”.<sup>956</sup> Por isso, e para não perder a força do lançamento, decidiram lançar apenas um volume dando conta das principais regiões do mundo, sem englobar o caso brasileiro e sem a separação pensada por Castro inicialmente.

O segundo ponto era o nome do livro. Josué queria chamá-lo de *Geopolítica da fome*, mas o termo estava muito vinculado aos nazistas,<sup>957</sup> algo relevante naqueles anos imediatamente posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial. Assim, decidiram chamá-lo de *Geography of hunger*. Nesta tese, a título de separação com o livro brasileiro de 1946, manteremos o nome *Geopolítica da fome*, tal como lançado no Brasil em 1952.

O terceiro ponto a ser destacado na estratégia era a linguagem. Era consenso entre os dois que o livro deveria ser escrito para atingir um público leigo, fora do debate científico: “suas descobertas devem ter a maior circulação possível entre as pessoas em todos os lugares”.<sup>958</sup> Por isso, a linguagem deveria ser objetiva e acessível, sem jargões e de um jeito que pudesse ser compreendida pelos estadunidenses. Pensando nesse longo alcance, fecharam o contrato de publicação com direito a adiantamento com a editora *Little Brown & Co* em fevereiro de 1949, mais de dois anos depois do início das conversas.

Em acordo com a editora, contrataram Allan Chase, escritor, para reescrever o livro e adaptá-lo para o público estadunidense — tanto Sanford quanto a editora temiam que a escrita ficasse técnica demais e incompreensível em uma tradução sem adaptações.<sup>959</sup> No esquema organizado por Castro, ele enviaria os rascunhos para que Chase reescrevesse. Chase receberia 50% da renda do livro além da metade do adiantamento. Josué propôs essa divisão nos rendimentos porque “era tão importante para [ele] finalmente publicar este livro em inglês, que não se importava com a renda que obteria com isso”.<sup>960</sup> Mas, com o desenvolvimento do trabalho, os processos não se deram dessa forma e Castro achou que Chase não precisou reescrever os textos iniciais e, mesmo se tivesse que fazer a adaptação,

---

<sup>956</sup> Carta de Sanford Jerome Greenburger a Josué de Castro, 2 de janeiro de 1948. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 588.

<sup>957</sup> Essa vinculação aconteceu após o alemão Karl Haushofer, precursor da escola *Geopolitik* alemã, adotar o termo que foi apropriado pelo Estado durante o nazismo. Cf. MURPHY, David T. *The Heroic Earth: Geopolitical Thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent: Kent State University Press, 1997.

<sup>958</sup> Carta de Sanford Jerome Greenburger a Josué de Castro, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 581.

<sup>959</sup> Carta de Josué de Castro a Allan Chase e cópia para Sanford Jerome Greenburger, 14 de fevereiro de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 290.

<sup>960</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger, [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 581.

não poderia, pois ele não entendia nada do assunto.<sup>961</sup> A tentativa de retirada do escritor Allan Chase não foi bem aceita pela editora e Sanford, que ficaram receosos de o livro não se adequar ao mercado. Castro, então, tenta mudar a oferta para Chase dizendo que o trabalho que ele faria era bem menor que o esperado e por isso ele deveria ter apenas 25% dos recebimentos pelo livro. Chase não recebeu bem a ideia e abandonou o projeto. Castro acabou escrevendo com a edição do próprio Sanford e comentários de pessoas próximas.

O livro foi se desenvolvendo em um ritmo mais devagar do que o previsto pelos dois. Castro estava assoberbado em suas outras frentes, como a cátedra de Geografia Humana, a atuação no governo federal (particularmente após a eleição de Getúlio Vargas em 1950), e a representação na FAO. Com o ritmo lento, Josué decidiu não incluir a União Soviética na análise do livro: “levando em consideração a atual situação internacional, [...] seria melhor ignorá-la inteiramente usando como desculpa a escassez de dados confiáveis”.<sup>962</sup> Provavelmente, o acirramento da polarização dos Estados Unidos com a União Soviética foi um fator importante para a exclusão.

Com sua atuação na FAO se avolumando cada vez mais, Josué sugeriu que o prefácio deveria ser escrito por Norris Dodd, o então diretor-geral. Sanford achou que Lord John Boyd Orr seria melhor. Josué já tinha uma relação com o inglês, um dos criadores da FAO e seu primeiro diretor-geral, além de prêmio Nobel da Paz em 1946. Por isso, tinha “razões para acreditar que Lord John Boyd Orr pode estar disposto a escrever o prefácio [...]”.<sup>963</sup> Veio então o prefácio de Lord Boyd Orr. A referendação da obra por alguém já estabelecido nos círculos internacionais e de um país hierarquicamente mais bem posicionado no espaço intelectual internacional elevava o valor do livro e de quem o escreveu no mercado do capital simbólico.<sup>964</sup> Josué também se valia dessa estratégia, criando contatos e se associando simbolicamente aos estabelecidos. Destes ele conseguiu uma espécie de validação de seus livros, como evidenciam os prefácios de Pedro Escudero, nutricionista argentino de destaque,

---

<sup>961</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger, 21 de junho de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 581.

<sup>962</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger, 13 de março de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>963</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger, 20 de abril de 1950. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>964</sup> BOLTANSKI, Luc. Note sur les échanges philosophiques internationaux. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 1, n. 5-6, novembre 1975. p. 191-199.

dos geógrafos Preston James e Max Sorre<sup>965</sup> e da escritora Pearl Buck – para citar apenas alguns exemplos.

Em meados de 1951, o livro estava pronto, mas a editora *Little Brown & Co* decidiu adiar o lançamento, esperando o melhor momento do mercado editorial. Josué não aprovou a ideia, pois, além de enfasiado com a espera de anos, estava em vias de ser eleito presidente do Conselho da FAO.

A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) realizará uma reunião em novembro próximo, quando elegerá um novo presidente para seu Conselho Administrativo, devo informar que meu nome foi apresentado para este posto pelo governo brasileiro com o apoio de inúmeros outros países. O lançamento do meu livro naquela época provavelmente não só seria útil para esta eleição, mas também a possibilidade de apresentá-lo durante a reunião será uma oportunidade excepcional para uma verdadeira publicidade mundial, já que 800 especialistas de vários países estarão presentes todos deles interessados no problema [...].<sup>966</sup>

O argumento parece ter funcionado. O livro foi publicado em 1951, mas as vendas demoraram para emplacar. Sanford citou dois motivos:

Não houve falta de esforço de pré-publicação por parte da Little & Brown nem de mim. Tínhamos contra nós duas coisas: a) as opiniões antecipadas (a editora e a Book Find distribuíram 500 exemplares aos chamados “formadores de opinião”) que eram altamente controversas; e b) o leitor geral achou o livro pesado. [...] Todos nós acreditamos, porém, que a importância do livro lhe dará um crescimento lento, mas constante, nos próximos anos.<sup>967</sup>

Josué acreditava que uma premiação poderia impulsionar sua obra e por isso perguntou a Sanford se ele conhecia alguma em que pudessem inscrever seu novo livro. Sanford deve ter intercedido, pois no mesmo ano, em 1952, o livro recebeu o prêmio *Franklin Delano Roosevelt* da Academia Americana de Ciências Políticas. Foi a primeira vez que um estrangeiro ganhou.

A escritora Pearl Buck foi uma figura central na divulgação. O livro foi enviado a ela por Dudley Frasier, editor da *Little Brown & Co*. Na carta que ela mandou à editora sobre suas impressões, assumia que considerava “este o livro mais importante, em suas implicações

---

<sup>965</sup> Maximilien Sorre, mais conhecido como Max Sorre (1880-1962), foi um geógrafo francês de destaque que seguia a escola possibilista de Vidal de La Blache.

<sup>966</sup> Carta de Josué de Castro a Ned Bradford (Little, Brown & Company), 24 de junho de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 563.

<sup>967</sup> Carta de Sanford Jerome Greenburger a Josué de Castro, 06 de maio de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 570.

humanas, que foi publicado por muito tempo”.<sup>968</sup> Josué recebeu uma cópia da carta e fez essa frase específica de Buck percorrer os jornais brasileiros. Buck se tornou uma entusiasta e amiga do autor, sendo outra pessoa importante para as conexões internacionais de Josué. Ela se comprometeu a escrever uma crítica na *Herald Tribune* que acabou sendo escrita por Earl Parker Hanson, então Buck fez seu texto para o *This Week*<sup>969</sup>: “É este o livro mais encorajador, o mais esperançoso e o mais generoso livro que eu já li em toda a minha vida. Livro escrito por um famoso cientista, um técnico que sabe o que está dizendo, um conhecedor dos problemas práticos, um homem do mundo no melhor sentido da palavra [...]”.<sup>970</sup> Aos poucos o livro foi ganhando mais espaço e uma matéria do *Diário de notícias* dizia que *Geopolítica da fome* foi alvo de 300 artigos em língua inglesa.<sup>971</sup>

Em *Geopolítica da fome*, Josué analisou a fome com base em sua definição ampla, para além da crise. O foco incidiu sobre o “novo mundo”, a “velha Ásia”, o “continente negro” e a “Europa faminta”. Josué usou uma boa parte do livro para definir seu conceito de fome nesses termos, apontando para suas causas sociais e da organização da sociedade, como o latifúndio. Também fez uma chamada para ação – “a luta contra a fome, o imperativo número um a que somos todos solicitados”.<sup>972</sup> Esses pontos, amplamente comentados pela crítica, não foram os que chamaram mais atenção. A grande discussão se deu em torno de outra tese – que a fome crônica, sobretudo o baixo consumo de proteína, aumentava a fertilidade e era por isso que os países de fome tinham altas taxas de natalidade. A alta taxa de natalidade era um fenômeno biológico em consequência da fome, fenômeno social. Josué de Castro argumentava que era preciso elevar o padrão de vida das populações com alimentos de qualidade e, assim, as taxas de natalidade cairiam. Batia de frente com as teses malthusianas, tratadas no primeiro capítulo, que diziam exatamente o oposto – o excesso de população causava a fome, um fenômeno natural para equilibrar a população. Era preciso controlar e

---

<sup>968</sup> Carta de Pearl Buck a Dudley Frasier (editor da Little, Brown & Company), 03 de dezembro de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 552.

<sup>969</sup> Carta de Josué de Castro a Pearl Buck, 17 de março de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 585.

<sup>970</sup> “Geopolítica da Fome” Novas apreciações de Pearl Buck, Prêmio Nobel. *Diário de Notícias*, 06 de abril de 1952, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>971</sup> GUERRA, José Augusto. Um livro faz a volta ao mundo. *Diário de Notícias*, 26 de julho de 1959, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>972</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1951. p. 260.

baixar as taxas de natalidade para evitarmos a superpopulação, o fim dos recursos naturais e as grandes fomes no mundo.

Essa controvérsia era vantajosa para Josué, intelectual vindo de um país periférico. Ele ascendia nos circuitos internacionais onde ainda era pouco conhecido e, mesmo com as críticas ferrenhas, passava a figurar nas discussões e arregimentar aliados e opositores. Uma parte do entusiasmo pelo livro era seu confronto direto com o neomalthusianismo, movimento que reivindicava as ideias de Malthus no debate internacional. Havia, como observou Josué, condições favoráveis para a recepção dessa teoria em um momento em que a tecnologia estava em franco avanço, assim como a taxa de natalidade. Mesmo não tendo desaparecido entre Malthus e o período após a Segunda Guerra, existia uma conjuntura propícia para que essas ideias ganhassem mais espaço. Por isso, os termos do debate ao qual Josué se filiou haviam sido definidos por Malthus e seus seguidores e eram incontornáveis naquele momento. Josué ocupou um espaço considerável de *Geopolítica da fome* discutindo natalidade, mortalidade, capacidade de produção agrícola, erosão, qualidade do solo, uso de fertilizantes – temas e termos do debate neomalthusiano.<sup>973</sup>

O mais citado por Castro, William Vogt, era cientista especializado em conservação de solos e diretor do *Planned Parenthood Federation of America* e do *The Population Reference Bureau*. Escreveu o livro *Road to survival*, publicado em 1948 e traduzido para o português em 1951 com o título *O caminho da sobrevivência*. Vogt era um dos mais ferrenhos neomalthusianos e defendia que os recursos naturais eram escassos e, por isso, “mais de um país se encontra em bancarrota”.<sup>974</sup> A produção de alimentos e de outros itens essenciais para a sobrevivência não acompanhava o aumento da população e, se por acaso acontecesse, seria insustentável ambientalmente. Dessa forma, “há poucas esperanças que o mundo escape ao horror de extensas fomes na China nos próximos anos. Mas, do ponto de vista do mundo, isso não é só desejável, como indispensável”.<sup>975</sup> A solução, segundo os neomalthusianos, era o controle populacional.

---

<sup>973</sup> SCHLOSSER, Kolson. Malthus at mid-century: neo-Malthusianism as bio-political governance in the post-WWII. *Cultural Geographies*, v. 16, n. 4. Oct, 2009. p. 465-484. Retirado de: <https://www.jstor.org/stable/44251294>

<sup>974</sup> VOGT, William. *Caminhos para a sobrevivência*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. p.13.

<sup>975</sup> VOGT, William. *Road to Survival*. New York: William Sloane Associates, Inc., 1948. p. 238.



Além de Vogt, outro protagonista dessa linha era Fairfield Osborn Jr. com dois livros, *Our plundered planet*, de 1948, e *The limits of the earth*, de 1953. Mais tarde, nos anos 1960, o que mais se popularizou foi Paul Ehrlich com *Population bomb*. Nesse circuito de ideias malthusianas se formavam associações, congressos, linhas editoriais e cadeiras universitárias próprias que não necessariamente entravam em disputa com seus opositores, em grande medida, por estarem associados a disciplinas e instituições distintas.<sup>976</sup> Como parte desse universo neomalthusiano, podemos citar a *Eugenic Society* com sua revista *Eugenic Review*, editada em Londres, que fez um manifesto dirigido às Nações Unidas pelo controle obrigatório de natalidade no mundo assinado por 34 laureados pelo prêmio Nobel e várias outras personalidades.<sup>977</sup> Ou o Clube de Roma, um grupo de cientistas do *Massachusetts Institute of Technology* liderado por Dennis e Donella Meadows, que se formou em 1965 e publicou o livro *The limits to growth*, atribuindo parte da fome e má nutrição ao aumento vertiginoso da população.<sup>978</sup>

Como podemos perceber por esse recorte a partir do mapeamento de Josué, a emergência de outra forma para interpretar o fenômeno da fome não eliminou a influência de Malthus. Esta, ao contrário, acompanhou o surgimento de outros pontos de vista e em alguns momentos teve maior ou menor aderência. Como lembrou Devereux, a influência de Malthus permaneceu e uma parte da literatura define a existência de uma crise de fome pelo aumento da taxa de mortalidade, ligação proposta por Malthus.<sup>979</sup> A manutenção de sua influência é sentida também pela forte tradição intelectual que se firmou com a vinculação entre população, fome e política, mesmo com posições políticas distintas. Uma parte considerável do movimento ambientalista e por sustentabilidade, as bases das discussões sobre ecologia e preservação, o movimento de conservação da natureza ainda em voga nos dias de hoje vêm do legado dessa corrente malthusiana.<sup>980</sup>

---

<sup>976</sup> SCHLOSSER, Kolson. *Op. Cit.*

<sup>977</sup> SCHOLL, Friedrich. A terra está superpovoada? O neo-malthusianismo e as possibilidades de alimentar o mundo. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 331.

<sup>978</sup> *The club of Rome*. [texto datilografado sem autor], [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 40.

<sup>979</sup> DEVEREUX, Stephen. *Theories of Famine*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993.

<sup>980</sup> BONASERA, Jacopo. 'Green' Malthus? A Bibliographical Itinerary between neo-Malthusianism and Environmentalism. *Storicamente*, v. 18, n. 11, 2022. DOI: 10.52056/9791254691984/11; BASHFORD, Alison. *Global population: history, geopolitics, and life on earth*. Nova York: Columbia University Press, 2014.

Foi contra esse movimento que se posicionou Josué. A ideia de que a fome endêmica causava altas taxas de natalidade causou barulho. Neomalthusianos como William Vogt foi a público contestar a tese central “estranhando referências tão elogiosas de um Pearl Buck, de um Frank Boudreau, diretor-executivo da Fundação Milbank grande especialista em problemas de população”.<sup>981</sup> Josué foi chamado a Nova York pelo grupo de Vogt, *The Population Reference Bureau*, para apresentar provas da sua teoria e o neomalthusiano também enviou cartas para Norris Dodd, então diretor-geral da FAO, e seu vice Herbert Broadley. Além disso, fez pressão através dos seus grupos que se dedicavam à divulgação de dados sobre os problemas da população, repreendendo a FAO por se associar a Castro.<sup>982</sup> O apelo a FAO veio depois dos editores mencionarem o cargo de Castro na capa do livro, apesar do pedido do autor para que não a fizesse.<sup>983</sup> Isso gerou um mal-estar com a agência internacional. “Como esperado, a FAO está sendo coberta com cartas pró e contra meu livro e artigos. As reclamações se baseiam particularmente no fato de que os editores puseram meu título de presidente do Conselho da FAO na capa, o que pareceu indicar apoio da FAO às ideias nele contidas.”<sup>984</sup>

Outras contestações surgiram, como a do colaborador científico do *The New York Times*, Jonathan Leonard,<sup>985</sup> ou a do sociólogo e demógrafo americano Kingsley Davis, professor na Universidade de Columbia. Davis era apontado como um dos propagadores da expressão “explosão demográfica” e escreveu uma crítica avassaladora na *American Sociological Review* em 1952:

A sociologia dos cientistas engajados na controvérsia popular precisa de atenção. O livro de De Castro, um exemplo típico do suposto homem da ciência tentando chegar às manchetes, levanta algumas questões sobre o papel do cientista na sociedade moderna. A fórmula para tal homem é disfarçar-se sob o manto e o prestígio da ciência, mas jogar fora, sem admiti-lo, todos os cânones da lógica e das evidências científicas. [...] o público é

---

<sup>981</sup> GUERRA, José Augusto. Um livro faz a volta ao mundo. *Diário de Notícias*, 26 de julho de 1959, p. 08. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>982</sup> Carta de Hebert Broadley a Josué de Castro, 15 de maio de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 570.

<sup>983</sup> “Seria inadequado que certas ideias de meu livro, que podem desagradar alguns dos mais importantes países-membros da FAO, fossem ditas em condição oficial.” Carta de Josué de Castro a Ned Bradford (editor Little, Brown & Co.), 10 de dezembro de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 570.

<sup>984</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Gerome Greenburger, 14 de abril de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 570.

<sup>985</sup> CUNNINGHAM, James. A fome aumenta a natalidade? *Correio Paulistano*, 22 de março de 1952. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

levado a comprar um conjunto de conclusões falsas, mas emocionalmente excitantes, sob a confortável impressão de que está comprando conhecimento. [...] a teoria de que “a fome específica é a causa do excesso de população” está simplificada ao ponto do absurdo. As rígidas regras de ciências usadas nas considerações do dr. Josué de Castro sobre deficiências de vitaminas, proteínas e cálcio são substituídas por dogmas quando considerada sua teoria. Fatos e números isolados são retirados com muita habilidade da história natural para apoiar a conclusão preconcebida [...] o dr. Josué de Castro despreza as outras forças que se juntam para determinar o número de uma população [...].<sup>986</sup>

O termo fome, englobando seu fenômeno endêmico, também se tornou ponto de debate, com alguns referendando e outros atacando a definição. Davis foi um dos que não concordavam:

ele utiliza uma definição ambígua de ‘fome’ para que possa usá-la convenientemente de maneiras diferentes. Abrange, diz [Josué], “tudo, desde as deficiências latentes... até a fome absoluta”. Uma vez que o trabalho geralmente se refere a um estado subjetivo, e uma vez que, por uma definição estrita, ninguém obtém todos os elementos alimentares de que precisa idealmente, torna-se bastante fácil pintar um quadro muito negro de um mundo ‘faminto’.<sup>987</sup>

Ao mesmo tempo em que sofreu severas críticas, Castro foi respaldado por outros cientistas e personalidades. Fritz Katz, médico, referendando a definição mais expandida de fome, escreveu:

A fome aguda transforma suas vítimas em esqueletos. A fome oculta provoca deficiências crônicas sem que apareçam os sintomas externos. Entre essas duas formas existe uma enorme escala de diferentes estados de fome. Quando se fala em fome coletiva comumente pensa-se naquela primeira aguda e violenta como se esta fosse a única forma existente. Entretanto existem outras, muito mais graves, do ponto de vista social, pois afetam a grande parte da população mundial como as consequências aniquiladoras transmitidas de uma geração para outra.<sup>988</sup>

O apoio especializado vinha de pontos diversos do espaço internacional de produção de conhecimento sobre alimentação. Três defensores de Josué eram estreitamente ligados à FAO: Lord John Boyd Orr, Noris Dodd, W. R. Aykroyd.<sup>989</sup> Também François Perroux, sociólogo e economista do Collège de France, saiu em defesa do livro, assim como o filósofo marxista britânico Maurice Cornforth.<sup>990</sup> O demógrafo Imre Ferenczi, encarregado de dados e

---

<sup>986</sup> DAVIS, Kingsley. Reviewed Work: The Geography of Hunger by Josue de Castro. *American Sociological Review*, v. 17, n. 4, agosto de 1952. p. 500-501.

<sup>987</sup> DAVIS, Kingsley. *Op. Cit.*

<sup>988</sup> KATZ, Fritz. *Fome - Problema Mundial*. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 237.

<sup>989</sup> Lord John Boyd Orr foi o primeiro diretor-geral da agência, Noris Dodd era o diretor-geral à época e W. R. Aykroyd era diretor da Divisão de Nutrição.

<sup>990</sup> Duas correntes debatem o problema contra a fome. *Diário de Notícias*, 28 de dezembro de 1962, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

políticas de população e migração na Organização Internacional do Trabalho (OIT), escreveu: “[a] doutrina principal de Malthus ‘foi, assim, completamente desmentida pela evolução real’”.<sup>991</sup> Bayard Simmons, poeta e sufragista, escreveu que considerava *Geopolítica da fome* um dos mais notáveis estudos sociológicos dos últimos anos:

o termo ‘fome’ é usado de maneira abrangente, como desnutrição permanente, e não em seu sentido literal de fome absoluta. Quando usada neste sentido mais amplo, o Dr. de Castro não tem dificuldade em demonstrar que a fome é uma doença mundial da humanidade: América, África, Ásia, até a Europa, o continente mestre do século XIX [...].<sup>992</sup>

As teses anti-malthusianas aproximaram ainda mais Josué dos grupos católicos, tanto nos Estados Unidos quanto na França, como o Padre Leuret e o Abade Pierre, da organização *Economie et Humanisme*. Vários segmentos católicos celebraram o lançamento e saíram em defesa de Josué e de suas ideias contra o controle de natalidade. Para a *Catholic Herald*, “os neomalthusianos perderam o ritmo do pensamento moderno, tornando-se, numa palavra, os reacionários por definição”.<sup>993</sup> Também o Conselho Nacional das Senhoras Católicas dos Estados Unidos aprovou uma deliberação em defesa da tese de Castro em *Geopolítica da fome*<sup>994</sup> enquanto o Papa Pio XII fazia críticas públicas ao controle de natalidade.<sup>995</sup> Josué fez algumas visitas ao Papa e sabemos pelo menos de duas, em 1953 e 1957.<sup>996</sup>

Resumindo, de um lado tínhamos as teorias neomalthusianas com Vogt na ponta, que partiam de uma definição mais estreita de fome – crise e inanição – e davam, como solução, o protagonismo do controle populacional como medida principal e a necessidade de aumento da produtividade das áreas já cultivadas a partir da ideia de que os recursos eram escassos e limitados. De outro, o grupo em que estavam John Boyd Orr, os membros da FAO e Josué de Castro, este na ponta, possuía uma definição ampliada de fome e chamava atenção para a necessidade do aumento das terras cultivadas, a expansão das possibilidades de fontes de alimentos ainda não exploradas, como gordura comestível do carvão ou alimentos do

---

<sup>991</sup> CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome*. Op. Cit. p. 28.

<sup>992</sup> RIDLEY, F. A. A new kind of geography. *The Freethinker*, 1 março de 1953. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 407.

<sup>993</sup> Textos transcritos. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 132.

<sup>994</sup> Anti-malthusianismo. *Diário de Notícias*, 27 de abril de 1952, p 37. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>995</sup> Recorte de jornal, [s.d.] [s.n.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 541.

<sup>996</sup> SCHMIDT, Afonso. Josué de Castro. *Notícias de Hoje*, 22 de setembro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

petróleo, e a diminuição da pobreza dos países que passaram a ser chamados de subdesenvolvidos. Josué, entre os que tinham projeção, era o que mais enfatizava as raízes coloniais, imperialistas e estruturais da fome.

Os usos e operações dos conceitos eram mais nublados que uma separação simplista que é exigida a título de compreensão das disputas em jogo. Temos, como exemplo, o demógrafo Sripathi Chandrasekhar, convicto das teorias neomalthusianas, mas que afirmou que “as grandes áreas de fome endêmica do mundo são exatamente as áreas coloniais”.<sup>997</sup> Da mesma forma Julien Huxley, biólogo, Diretor Geral da UNESCO e eugenista, era reivindicado, citado e defendido por Josué,<sup>998</sup> mas também pelos neomalthusianos. Huxley dizia que

o problema da população é o problema da nossa época. No meio do século XX, quem viaja pelo mundo, como eu fiz recentemente, não pode deixar de se impressionar com os sinais da pressão crescente da população sobre os recursos do nosso planeta. [...] Nós precisamos de uma política populacional.<sup>999</sup>

Josué partilhava notas e críticas positivas com a imprensa brasileira, causando o frenesi necessário para o lançamento aqui da obra que foi primeiro publicada nos Estados Unidos. Em 1952, o livro foi lançado pelo editor Victor Colanez, em Londres, com prefácio de Lord Boyd Orr, na França pela *Éditions Ouvrières*, do movimento católico *Économie et Humanisme*, com apresentação do geógrafo e professor da Sorbonne, Max Sorre, na Argentina e no Brasil. *Geopolítica da fome* foi então publicada em 24 idiomas com o total de mais de um milhão de exemplares vendidos.<sup>1000</sup>

Com essa repercussão, tanto em termos de críticas positivas como negativas, o novo livro de Josué de Castro foi muito comentado internacionalmente, como ele pretendia. Seu prestígio, como escreveu o escritor chileno Moisés Poblete Troncoso, professor da Universidade de Santiago, se tornou “continental e europeu”.<sup>1001</sup> Josué intensificou ainda mais sua atuação internacional, unindo a repercussão do livro com a eleição para a

---

<sup>997</sup> CHANDRASEKHAR, Sripati. *Hungry People and Empty Lands: An Essay on Population Problems and International Tensions*. Londres: allen & unwin, 1954. p. 249.

<sup>998</sup> Sonho e realidade da UNESCO. *Diário de Pernambuco*, 31 de maio de 1949, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Bndigital.

<sup>999</sup> HUXLEY, Julian. World Population. *Scientific American*, v. 194, n. 3, 1956, p. 66.

<sup>1000</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 68.

<sup>1001</sup> Extraordinária repercussão no estrangeiro, de um livro brasileiro. *Diário de Pernambuco*, 26 de setembro de 1948. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 109.

presidência do Conselho da FAO. Participava de inúmeros congressos internacionais, disputava “com Jorge Amado o páreo das traduções”<sup>1002</sup> e consolidava sua imagem, “sem dúvida que Josué de Castro é a personalidade brasileira de maior audiência mundial”<sup>1003</sup>. Quando estava no Brasil, as recepções na sua casa tinham Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Luís Carlos Prestes, Graciliano Ramos, Walter Moreira Salles ou Marechal Lott, apenas para citar alguns exemplos. Josué havia acumulado o capital simbólico dos investimentos que fez ao longo de sua trajetória, desde o consultório médico no Rio de Janeiro, quando conheceu a família Vargas, passando pelas universidades, pelo aparato estatal e pelos espaços de circulação internacional. Para formar uma rede nesse último, Josué se valeu da projeção dos seus livros, dos encontros entre especialistas e da FAO.

### **6.3. Revolucionário comparado a Copérnico**

A FAO surgiu a partir da Conferência das Nações Unidas sobre Agricultura e Alimentação na cidade estadunidense de Hot Spring em 1943, ficando conhecida como a Conferência de Hot Spring. Naquele momento, a alimentação era ponto chave na Segunda Guerra Mundial, como já vimos. Os que atuavam nessa frente, especializados em nutrição dentro da Organização de Saúde, na Liga das Nações,<sup>1004</sup> como Lord John Boyd Orr, André Mayer e Frank Boudreau, articularam para que fosse feita a conferência e dela tiraram oito resoluções, sendo a primeira a luta contra a fome. Para isso, segundo eles, era necessário aumentar a produtividade agrícola e o nível de vida das pessoas ao redor do mundo, com aumento de renda. A delegação brasileira foi presidida por Alexandre Moscoso, que também tinha participado da conferência latina em 1939<sup>1005</sup> e com quem Josué tinha aberto uma

---

<sup>1002</sup> Repercussão da “Geopolítica”. *A noite*, 2 de março de 1953, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1003</sup> Notícias do lançamento de Sete Palmos de Terra e um Caixão em Portugal. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 96.

<sup>1004</sup> A Liga das Nações nasceu em 1919, fruto da reunião dos vencedores da Primeira Guerra Mundial, na tentativa de uma organização internacional de maior alcance para assegurar a paz. Com a Segunda Guerra Mundial e, vendo seus objetivos fracassados, ela foi dissolvida para depois dar lugar a Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>1005</sup> BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz - COC/FIOCRUZ, 2012.

disputa direta. Desse encontro, tirou-se a resolução para a criação da FAO dois anos depois, em 1945.

Essa agência estava voltada para a realização de pesquisas sobre o estado de alimentação no mundo, coleta de dados em diferentes países, assessoria técnica e recomendação de ações. Estava dividida em cinco áreas técnicas: Agricultura, Economia, Floresta, Pesca e Nutrição, cada uma era chefiada por um especialista. Como explicou Josué em uma entrevista:

Estão envolvidos em trabalhos de irrigação, de seleção de sementes, fertilização de solos, de combate à pragas de gafanhotos e outros insetos daninhos, industrialização de alimentos, de programa de merenda escolar, de investigação de novas fontes alimentares, de reforma das estruturas agrárias, de métodos de crédito agrícola, de enriquecimento nutritivo de dietas habituais e de várias outras estratégias, estão sendo levadas a cabo nos quatro cantos do mundo com a colaboração e assistência técnica da FAO.<sup>1006</sup>

A FAO era um lugar de aglutinação de pessoas que pensavam alimentação e também de ministros, em especial da Agricultura, deputados e senadores de diversos países.<sup>1007</sup> Era um órgão de alto prestígio na ONU, dado que de 27% a 29% de toda a verba destinada a agências internacionais da Organização iam para a FAO. O governo brasileiro dava importância à agência e aportava uma quantia relativamente alta, 130 mil dólares só em 1947.<sup>1008</sup> Esse valor era equivalente ao destinado pelos Países Baixos e Argentina, bem acima da média de colaboração, mas longe dos mais de um milhão de dólares enviado pelos EUA, o grande patrocinador da agência.<sup>1009</sup> Apesar do aporte significativo, o Brasil tinha uma participação errática e sem proeminência, pois a maioria dos representantes brasileiros estava ligada à diplomacia e não era tão familiarizada com o tema.<sup>1010</sup> Newton Castro Belleza, engenheiro agrônomo, era presidente da Comissão de Relações Agrícolas Internacionais do Ministério da Agricultura, membro do Comitê Executivo<sup>1011</sup> da FAO, chefe da delegação brasileira e

---

<sup>1006</sup> RIBAMAR, José. *O combate à fome no mundo*, setembro de 1954. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 83.

<sup>1007</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 381.

<sup>1008</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 421.

<sup>1009</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 716.

<sup>1010</sup> Na conferência de 1945 no Quebec, por exemplo, participaram também Lourival Fontes, Edgar de Mello, Câmara Souza e Wladimir Murtinho, todos ligados à diplomacia. In: BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 269.

<sup>1011</sup> Em substituição a esse Comitê Executivo, formou-se o Conselho Executivo da agência em 1947, de caráter consultivo e opinativo. Os países membros eram eleitos na Conferência da FAO e se reuniam, em média, duas vezes no ano com o papel de fazer análises sobre a situação alimentar no mundo, orientar proposições e o funcionamento da FAO, e propor temas para a Conferência. In: Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 421.

participava dos encontros desde a Conferência de Hot Springs, ou seja, a pessoa mais próxima da agência até então.

Josué virou delegado pelo Brasil em 1947, quando João Pinto da Silva, cônsul-geral do Brasil em Genebra, presidiu a delegação.<sup>1012</sup> Apesar de ter o aval do governo federal de Dutra, Josué não era de sua base aliada e por isso teve dificuldades de construir uma inserção maior nessa agência via governo federal. Por isso, essas inserções se deram por dentro da FAO, a partir do momento em que virou delegado.

Heitor Fróes, Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública do Brasil, ainda em 1947, solicitou informações sobre a situação alimentar do país a Castro por causa de um dossiê que preparava para a ida de Lord John Boyd Orr, diretor-geral da FAO, a países da América Latina, entre eles o Brasil. Josué enviou fascículos dos *Arquivos Brasileiros de nutrição*, editado pelo Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, dirigido por ele, a Arturo Vergara, membro da Divisão de Nutrição da FAO. Passaram assim pelo Brasil, como narrou Orr em suas memórias:

Com a possível exceção de Sydney, o Rio de Janeiro tem o porto mais bonito do mundo, mas foi lá que vimos o maior contraste entre os ricos e os pobres que viviam em abrigos precários nos arredores da cidade e nas colinas que a cercam. Fomos convidados para jantar com os ministros às oito horas no hotel onde estávamos hospedados. [...] Lá conhecemos o professor de Castro, que era o representante brasileiro na FAO e um forte defensor de uma política alimentar mundial. Ele escreveu um livro sobre a terrível fome das pessoas pobres do mundo e me pediu para escrever um prefácio a ele. O livro foi um pouco chocante, mas vendeu bem e ajudou a despertar o interesse pela fome e pobreza no mundo.<sup>1013</sup>

Na mesma viagem, Belleza levou Lord Boyd Orr ao Instituto de Nutrição, presidido por Castro. Dali seguiu-se um contato frequente entre Orr e Castro, até a morte daquele em 1971. No mesmo ano, em 1947, Josué, através da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição, decidiu homenagear e indicar Wallace Aykroyd como membro honorário, que também recebeu partes do livro *Geografia da fome*, e gostou do que leu.<sup>1014</sup> Assim, no mesmo ano de sua primeira participação, Josué foi convidado para colaborar em algumas reuniões do Comitê Permanente de Nutrição da FAO, constituído por dez especialistas em nutrição de diferentes países e chefiado por Wallace Aykroyd.

---

<sup>1012</sup> BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 266.

<sup>1013</sup> ORR, Lord John Boyd. *As I Recall*. Londres: Macgibbon & Kee, 1966. p. 188.

<sup>1014</sup> Carta de Wallace Aykroyd a Josué de Castro. Washington, 26 jun. 1947, RG 57.1, Series A3, FAO. *Apud*, BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 266.



Lord Boyd Orr desejava incluir um sul-americano no Comitê de Nutrição de forma permanente e Aykroyd respondeu a ele:

O professor Castro participou do último encontro e fez contribuições úteis. Provavelmente é um membro adequado para ser indicado [...]. Sinto, contudo, que seria sensato postergar a indicação de um membro da América do Sul para depois da Conferência de Nutrição [de Montevideu em 1948], o que nos possibilitará avaliar outros possíveis nomeáveis.<sup>1015</sup>

Quando a lista foi divulgada no ano seguinte, em 1948, Castro achou que seu nome estaria no Comitê permanente, mas não constava. Então escreveu ao secretário e genro de Orr, David Lubbock, perguntado sobre o motivo da ausência, sendo, depois, convidado. Apesar de não figurar entre os principais nomes dos países centrais, Josué foi percebendo que seu estigma, ser um *outsider*, poderia ser um trunfo em alguns circuitos e em determinados momentos. Isso quer dizer que o fato dele ser sul-americano, continente fora do centro de poder internacional, foi levado em consideração para ele ser escolhido.

Em 1949, foi indicado pela OMS para um comitê misto para a alimentação e nutrição composto por dez especialistas desta agência e da FAO que se reuniria em Genebra.<sup>1016</sup> Maria Letícia Bizzo explica que isso se deu porque os diretores estavam preocupados em equilibrar geograficamente as áreas das agências. Por isso, faziam uma convocação principal entre os técnicos dos países centrais e depois ocupavam os cargos restantes com representantes de países periféricos.<sup>1017</sup> No mesmo ano, Castro representou o Brasil na Conferência Latino-Americana de Técnicos de Nutrição em Montevideo, citada por Aykroyd, para a qual foi eleito vice-presidente. Nessa conferência foi decidido que o próximo evento seria em Petrópolis, em 1950, com ele enquanto presidente. O evento ocorreu e recebeu representantes dos 20 países latino-americanos e membros da FAO, como Aykroyd, e de outras organizações internacionais, fazendo com que Josué fortalecesse ainda mais sua rede.

Nesse período, Norris Dodd passou a ser o diretor-geral da FAO (entre 1948 e 1953) e representava uma linha diferente de Orr. Norte-americano, Dodd era fazendeiro, dirigira o Setor de Serviços de Campo, da Administração de Mercado e Produção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e estava ligado à assistência técnica e não à nutrição

---

<sup>1015</sup> Memorando de Wallace Aykroyd ao diretor-geral da FAO. Washington, 17 out. 1947, RG 57.1, Series A6, FAO. *Apud* BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 266.

<sup>1016</sup> Carta de Fang (diretor da Divisão de Promoção de Saúde da OMS) a Josué de Castro, 03 de outubro de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>1017</sup> BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 270.

social como o ex-diretor-geral, que havia renunciado em 1948.<sup>1018</sup> Por isso, o maior legado do período de sua gestão foi a intensificação da assistência técnica a partir da FAO. Dodd convidou Castro em 1949 para participar de um comitê que discutiria necessidades calóricas e que fixaria normas nutricionais.<sup>1019</sup> Castro aceitou, mas não pôde ir, não sabemos o motivo. Essas indicações denotam que seu esforço para a inserção nessa agência estava rendendo frutos.

Alguns membros do governo argumentavam que, apesar do Brasil participar da FAO desde o ano de sua fundação, 1945, o país não tinha conquistado prestígio nessa instituição a despeito do dinheiro que destinava à agência, via Itamaraty. Era preciso construir uma posição de protagonismo, alegação usada por Antônio Mendes Vianna, Chefe da Comissão de Organismos Internacionais, para sugerir Josué de Castro como chefe da delegação do Brasil, em 1949, com Newton Belleza como seu suplente.<sup>1020</sup> Já Belleza atribuía a falta de protagonismo do Brasil não à postura de seus representantes, mas ao pouco espaço que a FAO dava para as produções e questões do país e da América Latina. Com a ascensão de Josué, travou-se uma disputa entre os dois pelo protagonismo brasileiro na FAO e isso não passou despercebido pelos jornais:

[Newton Belleza] homem prudente que é, raramente abre a boca na FAO, o que dá ao Brasil uma curiosa posição de país figurando entre os quais mais necessitam dela e que parece dela se afastar, desdenhoso, deixando uma contribuição de 135 mil dólares. [...] Mas a felicidade nunca é completa, pois lhe surge na frente um concorrente perigoso, dada a sua atividade e capacidade que tem de mexer com pistolões: o sr. Josué de Castro. [...] acastelado no Ministério da Educação, resolveu apoderar-se da representação brasileira na FAO, ameaçando, desse modo, o cômodo, discreto e rendoso monopólio usufruído pelo sr. Newton. [...] A guerra entre os dois dura há já três anos.<sup>1021</sup>

Ainda em 1949, Josué passou a chefiar a delegação brasileira e Belleza foi substituído por João Gonçalves de Souza.<sup>1022</sup> A eleição de Getúlio Vargas em 1950 foi fundamental para o papel que Josué cumpriria na FAO. Sendo seu aliado político de primeira ordem, Josué

---

<sup>1018</sup> *Ibidem.* p. 119.

<sup>1019</sup> Carta de Norris Dodd (diretor-geral da FAO) a Josué de Castro, 27 de maio de 1949. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>1020</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 421.

<sup>1021</sup> Não instalou a comissão nacional de agricultura e alimentação da ONU no Rio. *Tribuna da Imprensa*, 1 de fevereiro de 1950, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1022</sup> Delegação brasileira à Conferência de Agricultura da O.N.U. *Correio Paulistano*, 30 de setembro de 1949, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

conseguiu trazer a representação da FAO para o Comissão Nacional de Alimentação (CNA) em abril de 1951, ainda no início do governo de Getúlio. Na conferência da FAO, em outubro, Belleza já não fazia mais parte.<sup>1023</sup> Com isso, Castro passou a ser o presidente da delegação brasileira e presidente da CNA. A partir desse lugar, sua rede se intensificou ainda mais e foram muitas cartas trocadas com setores distintos da instituição e Norris Dodd. Essa mudança do cenário político nacional era conhecida pelos dirigentes da FAO: “soubemos – por favor mantenha isto estritamente confidencial – que Castro provavelmente tornar-se-á [...] muito importante no Brasil quando o novo presidente assumir”.<sup>1024</sup>

Nesse mesmo ano, o escritório da América Latina para produtos florestais no Rio de Janeiro, um dos braços da FAO, virou escritório regional da agência para o leste da América Latina (Brasil, Argentina, Guiana, Paraguai e Uruguai), sendo inaugurado com a presença de Vargas e outras autoridades, mantido e cedido pelo governo brasileiro.<sup>1025</sup> O Brasil fechou o primeiro acordo de cooperação técnica para a agricultura, que era o foco de atuação dessa agência,<sup>1026</sup> tendo Josué participado das articulações para cooperação técnica, para o envio de especialistas brasileiros ao exterior para estudos com bolsa da FAO e para pesquisas sobre questões específicas da fome e nutrição.<sup>1027</sup> Também solicitou a presença de dois técnicos para estudos no Brasil sobre a questão da reforma agrária, assunto que estava sendo discutido nas divisões técnicas da FAO, para que auxiliasse a Comissão Nacional de Política Agrária. Propôs ainda que o Brasil sediasse a realização do Seminário Latino-Americano sobre Problemas Fundiários.<sup>1028</sup> O Seminário fazia parte da resolução da FAO de estimular encontros regionais para a discussão sobre a posse de terra e para a sensibilização dos

---

<sup>1023</sup> A delegação brasileira era composta por, além de Josué, João Gonçalves de Sousa, Antonio Xavier da Rocha e Everaldo Dayrell de Lima. *In*: O prof. Josué de Castro na chefia da Delegação Brasileira na Conferência de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas. *A noite*, 6 de outubro de 1951, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1024</sup> Ofício confidencial de Wallace Aykroyd a Frederick W. Clements, 22 de dezembro de 1950, RG 57.1, *Series A2, FAO. Apud* BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.*

<sup>1025</sup> Entre 1952 e 1956 foi ampliado para toda a América Latina, depois de 1956 voltou a cuidar apenas desses países mencionados no corpo do texto, sendo o escritório Geral da América Latina transferido para o Chile, o que desagradou Josué. *In*: Carta de Josué de Castro a Norris Dodd (diretor-geral da FAO), 27 de setembro de 1951. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

<sup>1026</sup> Em cerimônia realizada no Itamarati. *Jornal do Brasil*, 6 de abril de 1951, p. 11. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1027</sup> Carta de Josué de Castro a Herbert Broadley (Acting Director General - FAO), 14 de abril de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

<sup>1028</sup> Carta de Herbert Broadley a Josué de Castro, 15 de maio de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 570.

governos sobre a necessidade de se criar programas na área.<sup>1029</sup> O evento aconteceu em Campinas, em 1953, patrocinado pela FAO, governo brasileiro, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e Banco Internacional de Reconstrução e Fomento. Teve apoio do Instituto Agrônômico de Campinas e do Ministério da Agricultura. Em nome do combate à fome, os sistemas de pensamento e proposição sobre o tema se adensavam e criavam circuitos próprios que mobilizavam recursos, pessoas e órgãos dos mais diferentes tipos.

Josué foi eleito para a presidência do Conselho da FAO no final de 1951, substituindo Lord Bruce, Visconde de Melbourne, em uma eleição apertada. Na primeira fase, quando o Conselho lançava os nomes, houve um impasse entre a escolha de Arcot Ramaswami Mudaliar, da Índia, e Josué. Com a votação indo para a 6ª Conferência da FAO, em Roma, Josué ganhou.<sup>1030</sup> A candidatura do indiano foi patrocinada pelos EUA, Grã-Bretanha e França e a do brasileiro foi lançada pelo bloco latino-americano e apoiada pelos países com menor peso dentro da FAO, como a Liga Árabe e países do Extremo Oriente.<sup>1031</sup> Josué passou a marcar aqui sua atuação enquanto representante dos países subdesenvolvidos, nos termos dele, e nessa posição tentava fortalecer os países latino-americanos, pedindo que organizassem dados e preparassem melhor seus representantes.<sup>1032</sup>

Josué foi reeleito em 1953 para atuar no biênio seguinte, 1954-1955. O Conselho não era o principal cargo da FAO, sendo esse o de diretor-geral, mas o presidente dessa instância tinha o segundo cargo mais importante da agência e alto prestígio. A sua função era articular com as diretorias e os países-membros a condução das propostas a partir dos objetivos debatidos nas conferências anuais. Josué disse que queria transformar a FAO em “uma espécie de quartel-general do exército daqueles que lutam contra a fome e a miséria, em busca da paz e da prosperidade universal. Isso depende em grande parte do Conselho, que deve

---

<sup>1029</sup> BIZZO, Maria Leticia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 126.

<sup>1030</sup> Eleito o delegado brasileiro presidente do Conselho da F.A.O. *Correio Paulistano*, 30 de novembro de 1951, p. 01. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1031</sup> O Brasil e a FAO. *A Noite*, 4 de janeiro de 1952, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1032</sup> Carta de Josué de Castro a Norris Odd (diretor-geral da FAO), 13 de outubro de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 562.

traçar as linhas da política”.<sup>1033</sup> Como presidente, discursava pelo potencial das agências internacionais.

Um dos mais frutíferos centros de ação e irradiação do trabalho construtivo da humanidade é, sem dúvida, a Organização das Nações Unidas. Em seu seio se encontram os homens de estado, estudiosos, homens da ciência, filósofos, técnicos e administradores das mais variadas tendências. Mas todos fraternalmente comprometidos com o objetivo comum de preservar o mundo das consequências desastrosas da guerra, engendrada na maioria das vezes pela incompreensão, pelo ódio, pelo espírito de competição [...].<sup>1034</sup>

Ao mesmo tempo em que se tornar presidente do Conselho da FAO fez com que fosse representante do prestígio dessa instituição, esse posto lhe conferiu prestígio pessoal pelo fato de ter sido eleito entre os pares – autorizados e legítimos portadores das habilidades necessárias para acabar com a fome. Isso quer dizer que a eleição não foi apenas a consagração, mas também o início de outro ciclo de acúmulo de capital simbólico a partir dessa nova posição.

Na presidência do Conselho, Josué tentou emplacar a Reserva Internacional de Alimentos, ideia que vinha do tempo em que Lord Boyd Orr atuou como diretor-geral – “uma reserva mundial de gêneros alimentícios para conjurar o perigo da fome”.<sup>1035</sup> A proposta era usar os excedentes de alguns países para compor uma reserva de emergência, que poderia ser acionada nos momentos de crise por aqueles que precisassem.

A primeira vantagem é a de prevenir-se contra episódios de fome conseqüente às secas, inundações e outras calamidades naturais. A segunda é a [de] utilizar a existência dessas reservas como um instrumento de estabilização dos preços, evitando a descontrolada ascensão do custo de vida nos países subdesenvolvidos.<sup>1036</sup>

Para isso, Josué se encontrou com o presidente dos Estados Unidos, Harry Truman e o secretário de Agricultura, Charles Brannan, além de conversas com Winston Churchill, na Inglaterra, e com o ministro Mansholt, na Holanda. “[Truman disse que] não poderia trazer apoio ao nosso projeto porque este país necessitava manipular os seus excedentes alimentares politicamente [...]”,<sup>1037</sup> esse tinha sido o mesmo argumento quando Orr tentou com que o

---

<sup>1033</sup> Carta de Josué de Castro a Stane Krasovec, 10 de março de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>1034</sup> Discurso como presidente da FAO. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 86.

<sup>1035</sup> Problemas de Alimentação Mundial. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 44.

<sup>1036</sup> Plano de melhor distribuição para as reservas alimentares. *Jornal do Comércio*, 20 de julho de 1958, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1037</sup> *Ibidem*.

Plano Marshall de ajuda aos países afetados pela Segunda Guerra Mundial passasse pela FAO. Estados Unidos e mais tarde também a Grã-Bretanha barraram a recomendação da criação de uma reserva mundial de alimentos porque era preciso usar as próprias reservas para as políticas internacionais desses países.<sup>1038</sup> A proposta de Josué para a criação da Reserva Internacional de Alimentos foi derrotada na Conferência da FAO de 1953 alegando-se impraticabilidade operacional.<sup>1039</sup>

Essa divergência em torno de até onde poderia atuar a FAO mostrava as disputas relacionadas à função dessa agência. Um grupo formado por pessoas como Orr e Castro queriam que não fosse apenas um lugar de sugestões: “[a] FAO não pode ser um órgão só de conselho e apoio técnico, mas precisa de orçamento para atuar efetivamente”.<sup>1040</sup> Esse foi um projeto derrotado pelos governos hegemônicos. A agência não conseguiu ter poder para atuar diretamente com os famintos, ficando focada em uma atuação indireta de assistência técnica e sugestão aos governos. É preciso considerar que a resistência dos países hegemônicos, sobretudo Estados Unidos, transformava-se em limitação orçamentária que impedia ações de impacto direto. Além disso, apesar de publicamente terem apoiado Josué na controvérsia com as teorias neomalthusianas ou se mantido em silêncio, internamente críticas eram feitas, como essa de Aykroyd em carta:

O livro parece sincero e certamente merece ser lido. Se desconsiderados os numerosos erros, seu tema geral não fica muito distante do nosso World Food Survey. Não atinge, entretanto, o padrão de precisão necessário mesmo para a mais popular das publicações científicas populares e, por isso, provavelmente, antagonizará administradores e pessoal técnico. A longo prazo, nada se ganha sacrificando a precisão por um apelo dramático. Pessoalmente acho lamentável que o autor seja descrito na capa como presidente do Conselho e que o livro tenha sido cancelado por um ex-diretor da FAO.<sup>1041</sup>

No discurso de despedida do Conselho, Castro mostrou sua frustração com a capacidade de atuação da agência, opinião que ia e voltava de tempos em tempos:

Peço que me perdoem por falar, com uma sinceridade um tanto brutal, que me sinto decepcionado diante da obra que realizamos. Decepcionado pelo que fizemos, porque, a meu ver, não elaboramos até hoje uma política de

---

<sup>1038</sup> BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 116.

<sup>1039</sup> *Ibidem.* p. 127.

<sup>1040</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 94.

<sup>1041</sup> Memorando confidencial de Wallace Aykroyd a Gove Hambidge, representante regional da FAO para a América do Norte, 10 de março de 1952, RG 57.1, Series A4, FAO. *Apud* BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 116; p. 280-281.

alimentação realista que ponha em linha de conta, ao mesmo tempo, as desesperadas necessidades do mundo e nossos objetivos.<sup>1042</sup>

Essa posição era corroborada por outras pessoas que passaram pela agência, como Orr. Apesar do discurso decepcionado, tiveram os que homenagearam Josué, como André Mayer, representante da França declarando que, em nome da sua delegação, desejava “agradecer não só pelo que fizera o cientista brasileiro, conduzindo os trabalhos do Conselho, mas também pelo trabalho de maior envergadura realizado pelo Josué de Castro para fazer compreender ao mundo inteiro a importância da missão da FAO”, e terminou ainda “dizendo que a sua presidência estivera à altura da importância dos seus livros [...]”.<sup>1043</sup>

Mesmo depois que deixou a presidência do Conselho Executivo, no final de 1955, Castro continuou ativo na FAO, chefiando, fazendo parte das delegações brasileiras e participando de eventos específicos até 1964. Opinava sobre as nomeações brasileiras que eram feitas para a agência, aconselhava ou desaconselhava caminhos.<sup>1044</sup>

Era próximo do indiano Binay Ranjan Sen,<sup>1045</sup> diretor-geral entre 1956 e 1967, o maior mandato até então. Sen conseguiu ampliar o orçamento da agência e a participação de outros países. Com ele e Hernán Santa Cruz,<sup>1046</sup> Josué concebeu a Campanha Mundial Contra a Fome, que ocorreu entre 1960 e 1965. Entre os objetivos estavam, no primeiro momento, a sensibilização das pessoas para o problema da fome, o aumento da arrecadação de recursos que viriam de outros doadores além de governos e depois a intensificação da pressão para que governos e entidades atuassem no problema com concretização de projetos para o combate à fome. Para isso, participaram outras agências da ONU, indústrias e entidades não governamentais, como grupos católicos, a própria ASCOFAM e a Fundação Rockefeller. Católicos da Alemanha Ocidental arrecadaram 8 milhões de dólares em uma semana.<sup>1047</sup>

---

<sup>1042</sup> CASTRO, Josué de. *A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo*. Lisboa: Edições Itáu, 1968. p. 63-64.

<sup>1043</sup> LA VALLE, Mercedes. A situação alimentar no mundo. *A Gazeta*, novembro de 1955. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 292.

<sup>1044</sup> Carta de Josué de Castro a Juscelino Kubitschek, 08 de novembro de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>1045</sup> Sen, antes de ser diretor-geral da FAO, foi ministro da Agricultura e responsável pela Administração Alimentar na Índia durante a guerra. In: BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. *Op. Cit.* p. 130.

<sup>1046</sup> Hernán Santa Cruz foi um dos fundadores da CEPAL, chefe da delegação chilena na ONU e consultor da FAO para assuntos de bem-estar social. Bastante influente na FAO, possivelmente um dos interlocutores para que a delegação regional da América Latina mudasse para o Chile.

<sup>1047</sup> Significação política da campanha contra a fome. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

Josué protagonizou e atuou enquanto representante da ASCOFAM e como presidente do Comitê Governamental. Apesar de ser um país subdesenvolvido, Josué acreditava que o Brasil havia conquistado prestígio na agência.<sup>1048</sup> Estava falando de sua própria posição. Germán Arciniegas, embaixador da Colômbia junto ao governo da Itália, disse na 10ª Conferência da FAO realizada em Roma, quando foi aprovado o plano da campanha, que a nova política adotada foi determinada por Josué, seu livro *Geopolítica da fome* e sua denúncia do problema da subnutrição nas áreas mais vastas do mundo como o principal do nosso tempo. Foi a partir dessa denúncia, disse Arciniegas, que Sen propôs a luta contra a fome e a desnutrição como o problema básico da FAO para os próximos anos.<sup>1049</sup> As chances de sucesso na empreitada da reivindicação de novas categorias sociais aumentavam conforme quem a enunciava. Castro, que tinha força acumulada de outros momentos, viu a definição de fome que ele e seus pares vinham reivindicando sendo implantada na campanha da FAO.

Foi como consequência dessa pressão para ampliação da forma de atuação da agência que surgiu o Programa Mundial de Alimentos, em 1962. Segundo Castro, esse programa era a concretização daquilo que ele havia proposto enquanto presidente do Conselho, “a primeira tentativa multilateral para regular a distribuição de excedentes agrícolas”.<sup>1050</sup> Apesar do esforço e da implicação clara de pessoas como Sen e Castro, a campanha foi perdendo força e foi mais eficiente na denúncia do problema do que nas ações diretas para combatê-lo. Entre as décadas de 1950 e 1960, Josué passou a apontar os limites da ONU e das agências vinculadas à organização, “embora disponha de técnicos competentes, aquela entidade está paralisada pela inação da ONU”.<sup>1051</sup> Esse foi um dos motivos pelos quais Josué criou a ASCOFAM.

Como já dito, Josué de Castro era um dos que pensavam fome a partir de uma definição mais alargada. Apesar de defender ideias e prescrições relacionadas ao seu entendimento, como a reforma agrária, as operações relacionadas a essa definição ficavam engessadas porque existiam, na agência, posições e projetos divergentes. Além disso, havia inúmeras limitações para operar, entre elas, a de recursos. Por isso, os resultados alcançados

---

<sup>1048</sup> Carta de Josué de Castro a Horácio Lafer (Ministro das Relações Exteriores). [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 627.

<sup>1049</sup> Plano Quinquenal contra a fome aprovado na FAO. *Diário de Notícias*, 6 de março de 1960, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1050</sup> Conferência da FAO discute plano mundial de alimentos. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>1051</sup> Declara Josué de Castro que a FAO é incapaz de atacar o problema da fome. *Correio Paulistano*, 16 de março de 1957, p. 04. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.



não eram fruto apenas de suas prescrições, mas das consequências dessas forças operantes em disputa por um modo de funcionamento nesse equilíbrio instável de poder.

Eram os agentes com a procuração para atuar contra a fome que criaram e procuravam financiamento para os espaços específicos de circulação desses agentes, disputando poder dentro desses espaços. Apesar disso, ou por isso, a FAO foi fundamental para que Josué conquistasse mais capital simbólico e prestígio. Em 1962, na VII Conferência Regional da FAO, no Rio de Janeiro, Josué, que chefiava a delegação brasileira, recebeu na casa dele representantes de 20 repúblicas latino-americanas. Entre eles, seis ministros da Agricultura e Hernán Santa Cruz, diretor-adjunto da FAO para a América Latina.<sup>1052</sup> Do Rio, foram juntos a Recife onde fizeram reuniões com a SUDENE e ASCOFAM. Hernán participou do programa de televisão que a associação mantinha, “ASCOFAM a serviço do Nordeste”, na TV Jornal do Comércio.<sup>1053</sup>

Josué havia se tornado uma pessoa internacionalmente conhecida. São inúmeros os relatos de seu prestígio e seria impossível colocá-los todos aqui. Otávio de Freitas disse que estava em “Paris, [...] caminhávamos pelo Quartier Latin e, bruscamente nos vimos ante seu retrato, numa grande ampliação, enchendo toda uma vitrine da livraria ‘Presses Universitaires’ onde somente outro retrato havia, o de Hemingway [...]”.<sup>1054</sup> Também Darcy Ribeiro:

Na década de 50, 60, a importância dele era tão grande, que havia umas cinco personalidades importantes na humanidade, que tinham que estar reunidas quando a ONU fizesse alguma coisa, que ocorresse alguma coisa que importasse ao gênero humano, entre essas pessoas três eram indispensáveis: Lord Boyd Orr, Bertrand Russell e Josué de Castro.<sup>1055</sup>

Ou Jorge Amado:

Sei disso como testemunha de vista, por ter comprovado, em vários anos, nas minhas andanças pela Europa e pela Ásia. [...] Por onde tenho passado, país capitalista, socialista, subdesenvolvido, povo da Europa, da Ásia, da África, na Índia e na Islândia de Laxness, na severa Birmânia e na doce Itália, invariavelmente perguntavam-me pelo escritor brasileiro. Falaram-me de seus livros e de sua obra como de coisas capitais, importantes realidades

---

<sup>1052</sup> Delegados à conferência da FAO comemoram o vatapá. *Última Hora*, 26 de novembro de 1962, p.5. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1053</sup> Diretor da FAO hoje no Recife. *Jornal do Comércio*, 10 de março de 1962, p 03. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1054</sup> *Jornal do Commercio*, de 2 de julho de 1961. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 26.

<sup>1055</sup> SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué de Castro: Para uma poética da fome. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998.

de nosso tempo. [...] Nós, intelectuais, devemos agradecer a Josué de Castro.<sup>1056</sup>

Quando Josué ganhou a medalha da Cidade de Paris, o Presidente do Conselho, Frederic Dupront, pronunciou: “Vós realizastes, com efeito, uma revolução de certa forma comparável à de Copérnico, quando invertestes os termos do problema da fome no mundo”.<sup>1057</sup> Josué estava em um lugar autorizado por seus pares e se via nesse lugar:

Alertei o mundo para o problema milenar da fome. [...] Na verdade [...] mesmo depois da publicação do citado livro em 1948 e ainda após a minha eleição para a FAO em 1952 o problema da fome era sempre abordado timidamente, sob o rótulo menos contundente de ‘subnutrição’ [...] Consegui pôr por terra o tabu – continuou – e fazer entrar a noção de fome na mentalidade oficial.<sup>1058</sup>

No plano internacional é preciso considerar que Josué ganhou mais uma qualificação, intelectual proveniente da América Latina e do Brasil, do mundo subdesenvolvido, esse grupo de países que ele reivindicava. Nesse momento, já inserido e seguro, Josué começou a chamar atenção para sua proximidade com o tema da fome não enquanto cientista, mas na sua vida.

A mais tremenda emoção de minha vida foi quando alcancei a presidência do Conselho da FAO. Minha grande emoção foi sentar na cadeira da presidência, olhar um a um os representantes das grandes potências e recordar os mocambos do Recife, onde se reproduzia o ciclo do caranguejo, onde viviam outros meninos de rua, como eu tinha sido. Pensei, comovido, na tremenda responsabilidade que carregava, e na injustiça que a vida escreve, de eu não poder correr à casa de meu pai e, depois, à casa de minha mãe, para lhes contar [...] que seu filho estava sentado na cadeira da presidência.<sup>1059</sup>

Ou quando disse:

Eu ficava horas e horas imóvel, sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem, como se fosse uma fita de cinema. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer.<sup>1060</sup>

Josué usou o que era encarado como demérito – não pertencer às elites brasileiras ou internacionais – para se autorizar enquanto portador da sua temática, a fome. Seu discurso anti-imperialista e anticolonialista, aquele que lutava pelo desenvolvimento e contra a fome

---

<sup>1056</sup> AMADO, Jorge. Uma testemunha de vista depõe. Homenagem ao cinquentenário de Josué de Castro. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 268.

<sup>1057</sup> Josué de Castro condecorado com a ‘grande medalha da cidade de Paris’. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>1058</sup> Alertei o mundo para o problema milenar da fome: Josué de Castro. *Jornal da Bahia*, 9 de julho de 1961. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1059</sup> Pedro Bloch entrevista Josué de Castro. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, n. 625, p. 12, abril 1964.

<sup>1060</sup> CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos... Op. Cit.* p. 18-19.

no mundo, ganhou legitimidade por sua trajetória. Foi apenas depois da consagração que ele fez um movimento de se aproximar da fome como uma temática que conheceu a partir da sua vida e, portanto, o conhecimento científico partilhado entre seus pares não era suficiente para que eles conhecessem aquela realidade. Ele era mais autorizado a falar sobre o assunto. O autor olhando de forma retrospectiva, construiu uma narrativa linear e natural para sua história, criando o mito de autogeração, assim como fez Freud.<sup>1061</sup> Quando consagrado, ele pôde evocar a história da infância pobre no mangue para justificar seu olhar vanguardista para a fome.<sup>1062</sup> O que era antes evitado, agora se tornava parte fundante de sua biografia.

Quando consagrado, ele pôde reivindicar seu passado *outsider*, diferenciando-se, assim, dos outros cientistas com os quais disputava espaço. Os estabelecidos, apesar de configurarem um grupo menor, também não formavam uma unidade coesa e disputavam entre si. Compartilhavam a validação e o reconhecimento de pertencerem a esse grupo, mas competiam por recursos materiais e simbólicos. Esse movimento de aproximar sua vida da fome alicerçado em seus estigmas, consciente ou não, era para destacar-se entre os estabelecidos e figurar como aquele que estava autorizado a falar sobre o assunto, em uma posição segura o suficiente para se afastar do universo do grupo dominante e atrelar sua vida à sua temática.

#### 6.4. Cidadão do mundo

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961, a situação brasileira novamente mudou para Josué. João Goulart, o vice que assumiu o cargo de presidente da República, era próximo ao autor e de seu partido, o PTB. Nessa época, ele era deputado federal por Pernambuco e foi construindo um caminho de atuação internacional.

Estou com grandes esperanças que este projeto [ASCOFAM] se transforme numa sólida realidade a qual eu possa dedicar o melhor de minhas energias que, como V. sabe, continuam inaplicáveis ao Brasil. Tenho a impressão de

---

<sup>1061</sup> Neste texto, Freud quer tomar as rédeas da psicanálise como algo de sua autoria e ele enquanto fundador absoluto, formando o mito fundador usado até hoje para falar dessa área do conhecimento. Cf: FREUD, Sigmund. “Contribuição à história do movimento psicanalítico”. In: IIIII> *Obras completas*, volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327. Essa abordagem sobre Freud foi proposta por: ROBERT, Marcio R. Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, 2016.

<sup>1062</sup> Josué se tornou o portador da temática da fome e um homem do Nordeste. Apesar de ter se mudado esse espaço se manteve importante para ele. Pernambuco foi um lugar de forte incidência política depois que ele virou deputado federal pelo estado. Mas foi também o local onde ele vinculou sua identidade, onde tinha conhecido a fome. *Apud* LIMA, Eronides da Silva. *Mal de fome e não mal de raça*. Op. Cit. p. 124.

que as circunstâncias me impõem a decisão de transferir para o mundo cada vez mais o meu campo de atividades, desde que as possibilidades de realização de alguma coisa séria no Brasil me parece cada vez mais remotas. As resistências são enormes, as condescendências e as concessões e se fazer cada vez me assustam mais, de maneira que continuo a considerar o Brasil um país de futuro, mas de um futuro ainda impossível para os limites de minha vida.<sup>1063</sup>

Por isso, quando Jango assumiu a presidência, veio um convite para ocupar a embaixada do Canadá, onde Josué tinha relações por causa da ASCOFAM. Mas esse não era o lugar que ele queria atuar e por isso o convite não lhe agradou. A sua articulação era para que ele pudesse ficar na Europa. Alguns boatos diziam que ele queria ser embaixador em Paris, mas lhe foi proposto a representação do Brasil na ONU:

Tendo [o] Embaixador Sette Câmara aceito cargo de Prefeito em Brasília e considerando convite formulado pelo Presidente João Goulart a cerca Delegação Genebra, peço ao eminente amigo suspender definitivamente [a] hipótese do Canadá, voltando à solução inicial de Genebra. Agora, sem impedimento, regressarei.<sup>1064</sup>

Em 20 de março de 1962, a indicação de Josué como embaixador do Brasil na ONU, com sede em Genebra, foi aprovada pela Comissão de Relações Exteriores do Senado por unanimidade. Em 22 do mesmo mês ele foi aprovado no Senado, por 32 votos contra 4.

Nesse período, Josué começou a se engajar em apontar a ligação entre fome e guerra, ou seja, para alcançar a paz era necessário que se acabasse com a fome. Essa ideia já tinha sido colocada antes por Lord Boyd Orr que, ainda em 1947, disse que a comida era a única arma contra a bomba atômica. Em carta para Alberto Carocci, Josué mencionou um dos tantos livros que planejava escrever e que acabou não acontecendo, *Fome e paz*.

É um livro que estuda a necessidade urgente da transformação da economia da guerra em uma economia de paz, transferir recursos financeiros, técnicos e humanos do campo da indústria de guerra para o campo do desenvolvimento nas regiões subdesenvolvidas do mundo. O livro também contém exemplos concretos dessa parte doutrinária, sobre experimentos, que foram realizados com sucesso em determinadas regiões. Os exemplos que escolhi são os da China e de Israel, na luta contra a fome.<sup>1065</sup>

Em agosto de 1962, indo para Paris e depois Genebra com toda a família para tomar posse enquanto embaixador, sofreram um acidente de avião no aeroporto do Galeão. Foi quando Josué perdeu os originais de *Fome e paz*. A obra seria lançada pela editora

---

<sup>1063</sup> Carta de Josué de Castro ao Embaixador e Ministro Licurgo Costa, 28 de novembro de 1956. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 300.

<sup>1064</sup> Carta de Josué de Castro ao Ministro San Tiago Dantas. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 179.

<sup>1065</sup> Carta de Josué de Castro a Alberto Carocci, 14 de junho de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

estadunidense *Little Brown & Co*, a mesma de *Geopolítica da fome*, e já tinha um adiantamento de 10 mil dólares.

O tema das armas nucleares e do desarmamento estava no centro dos holofotes pela tensão da Guerra Fria. Josué participava do *World Parliament Association*, um projeto com Lord Bertrand Russell e outros intelectuais para compor um governo mundial e elaborar uma constituição dos povos, em que esse assunto era frequentemente discutido. Também esteve na Assembleia de Acra, em 1952, para debater um mundo sem bomba.<sup>1066</sup> Josué foi escolhido presidente da I Conferência Internacional preparatória para a elaboração da nova constituição mundial dos povos que aconteceu nos EUA, em Dover. Dela participaram Lord Bertrand Russell, Lord Boyd Orr, Edgar Faure, Ezequiel Padilha, Ralph Bunche, Abbé Pierre, Gabriel d'Arboussier, Henri Laurier e Umberto Campagnolo.<sup>1067</sup>

Na década de 1960, a representação do Brasil na Campanha Mundial contra a Fome orientava que governos latino-americanos “intensifiquem o seu esforço em prol do desarmamento progressivo e universal e recomendem a utilização crescente das economias desta forma obtidas, na realização de programas e projetos capazes de libertar o mundo, em vias de desenvolvimento, do flagelo da fome e da subnutrição”. A proposta era que se reduzisse o valor gasto em armamento em 20% e repassasse esse montante para acabar com a fome: “gastam 100 bilhões com a corrida armamentista e bastariam 20 bilhões para acabar com a fome”<sup>1068</sup>. As verbas seriam transferidas aos países subdesenvolvidos para que pudessem acabar com a fome pelo Fundo de Reversão e Desenvolvimento.<sup>1069</sup>

Por isso, quando assumiu o cargo de embaixador do Brasil na ONU, em Genebra, Josué passou a atuar nesse tema, com uma abordagem que articulava armamento e fome ficando cada vez mais forte. Já conhecido internacionalmente e autorizado por seus pares a falar sobre o assunto, Josué podia modular o discurso para os temas que ele julgava necessário

---

<sup>1066</sup> Escolhidos os brasileiros que irão a Acra para debater mundo sem bomba. *Jornal do Brasil*, 10 de maio de 1952, p. 12. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1067</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 29.

<sup>1068</sup> Não se acaba a fome porque não se quer. *Jornal do Commercio*, 12 de novembro de 1961, p. 06. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1069</sup> Apoio unânime ao Brasil em Genebra: Cortes militares. *Tribuna da Imprensa*, 14 de fevereiro de 63, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

em cada período. “A fome, sem dúvida alguma, é o mais ativo sabotador da paz no mundo”, declarou Josué em 1963.<sup>1070</sup>

Josué de Castro, chefe da nossa delegação diplomática em Genebra, tem demonstrado que sua enorme popularidade pode ser traduzida em crédito para a nossa diplomacia. Sua simples presença na Suíça já suscitou a lembrança de nosso país para integrar várias posições de relevo em entidades internacionais. O Brasil será proximamente, na pessoa de Josué de Castro, membro do Comitê Executivo da Organização Mundial da Saúde, do Conselho Administrativo do BIT e do Comitê Executivo da Organização Meteorológica Mundial.<sup>1071</sup>

Em abril de 1963 ele foi eleito Presidente da Comissão Intergovernamental de Migração Europeia. Se tornou também representante do Brasil na OIT, OMS e continuou participando dos encontros da FAO. Enquanto embaixador, Josué chefiou a delegação brasileira na Conferência do Desarmamento, substituindo Afonso Arinos de Melo Franco no começo de 1963. Articulou, junto com a representante do México, Elisa Aguirre, que os países latino-americanos se unissem contra as pesquisas nucleares para a guerra e o projeto teve aderência da Índia, Birmânia, Nigéria, Etiópia, Suécia e República Árabe Unida. O lema de Josué passou a ser os 3 D: desenvolvimento, descolonização e desarmamento.<sup>1072</sup>

Com o golpe militar em 1964, Josué estava na primeira lista de pessoas que foram cassadas ou tiveram seus direitos políticos suspensos por 10 anos. Também perdeu o cargo de embaixador em Genebra assim como outros embaixadores que haviam sido nomeados por Jango e não eram da carreira do Itamaraty.<sup>1073</sup> Quando as notícias do golpe e da suspensão de direitos se espalharam, Josué recebeu diversos convites. Para ir a Cuba, Chile, México, Uruguai ou Peru para ocupar cátedras universitárias.<sup>1074</sup> Mas acabou por aceitar a direção do Centro Internacional para o Desenvolvimento (CID) e se estabeleceu em Paris.

---

<sup>1070</sup> FAO começou ontem guerra contra a fome. *Tribuna da Imprensa*, 15 de março de 1963, p. 02. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1071</sup> Adeus, Beduíno. Coluna Pomona Politis. *Diário de Notícias*, 14 de março de 1963, p. 19. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1072</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 31.

<sup>1073</sup> Cassados Mandatos e direitos políticos. *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1964, p. 10. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1074</sup> Josué: cargo internacional. *Tribuna da Imprensa*, 24 de abril de 1964, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

O CID, na verdade, era sua criação em conjunto com outras pessoas de diversos países em 1962.<sup>1075</sup> Com o arrefecimento das atividades da ASCOFAM e a impossibilidade de atuar no Brasil, Josué optou por concentrar seus esforços no desenvolvimento. “A finalidade central desta associação era a de encorajar e estimular, de empreender e de realizar pesquisas, estudos, projetos e outras iniciativas capazes de promover ou acelerar desenvolvimento econômico autêntico e equilibrado do mundo”.<sup>1076</sup>

O termo desenvolvimento tinha entrado de vez no vocabulário de Josué. A ideia um tanto vaga de que era preciso desenvolver o país já constava em suas proposições antes do termo. Ele passou a entrar em seu discurso na segunda metade dos anos 1950 e podemos ver como foi ganhando espaço pelas reedições do livro *Geografia da fome* que, em 1961, teve o termo incorporado e o subtítulo alterado para enfatizar o “dilema do pão e do aço”. “Chegara o momento de rever e atualizar este livro de forma a que ele não fosse apenas um retrato histórico da fome no Brasil, mas um retrato atual da atuação de fome no nosso país”. A inserção do subtítulo, “o dilema brasileiro: o pão ou o aço”, tinha o objetivo de atrair leitores que possuísem antigas edições não atualizadas.<sup>1077</sup>

No prefácio à nova edição, publicado no jornal *Diário de notícias*, Josué apresentou os termos da sua crítica. O primeiro ponto era o modelo de desenvolvimento do governo de Juscelino Kubitschek:

Os planos de desenvolvimento econômico postos em execução pelo governo do Sr. Juscelino Kubitschek, embora com o patriótico objetivo de promover em ritmo acelerado o desenvolvimento econômico do país, não proporcionou, entretanto, os instrumentos adequados a esse nivelamento reequilibrante do conjunto econômico nacional, e por isto não contribuiu com a necessária eficácia para eliminar a fome de certas áreas do país.<sup>1078</sup>

Agora, sem Juscelino na presidência, Josué se permitiu fazer essa crítica mais aberta ao ex-presidente e amigo. Estava aí o dilema do aço, no caso o desenvolvimento industrial centrado no Sudeste, e do pão, que representava a agricultura. Josué defendia a ideia de que

---

<sup>1075</sup> Os signatários iniciais eram: Angelo Angelopoulos (Grécia), Josef Bogner (Hungria), Jean Fourastien (França), Luis las Casas (Peru), Padre Joseph Lebrecht (França), James Patton (EUA), Ilka Pont (Índia), François Perroux (França), Raymond Scheyven (Bélgica) e Presidente Leopold Senghor (Senegal), sendo presidido por Josué.

<sup>1076</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 314.

<sup>1077</sup> Carta de Josué de Castro a Caio Graccho Prado (Editora Brasiliense), 29 de agosto de 1960. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 115.

<sup>1078</sup> CASTRO, Josué de. O dilema brasileiro: pão ou aço II. *Diário de Notícias*, 18 de março de 1962, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

era preciso desenvolver os países que não haviam chegado ao patamar europeu e mantinha esse conceito elástico o suficiente para usar em diferentes momentos, apesar da permanência constante de uma visão teleológica da história.

A coisa é tão complexa, tão difícil que há um sociólogo que se chama Sanger, ou Singer, dependendo do idioma que se fala, que se pergunta: O que é o subdesenvolvimento? Ele disse: Bem, o subdesenvolvimento é algo tão difícil de definir, mas muito mais fácil de reconhecer. Você diz: olha, um país subdesenvolvido, pois você fala meia hora com qualquer pessoa e diz aqui é subdesenvolvido. Mas se você for perguntado porque, não é fácil. Não é fácil caracterizar. [...] Há um traço que é mais característico, mais típico do subdesenvolvimento, e esse é o traço da fome. Um país é tanto mais subdesenvolvido quanto mais faminto, isso é infalível. [...] De tal forma que atrevo a dizer-lhes que a fome nada mais é do que a expressão biológica de um fenômeno econômico, o subdesenvolvimento. Fome e subdesenvolvimento são a mesma coisa.<sup>1079</sup>

Não era uma questão apenas de acesso financeiro, mas as mudanças necessárias para a distribuição igualitária desse dinheiro. Josué dizia que não adiantava um desenvolvimento desigual, tanto internamente, entre as diferentes regiões do Brasil, quanto mundialmente, somado a uma política “paternalista do ajuda-o-teu-irmão nas épocas calamitosas da seca”.<sup>1080</sup> Isso não emanciparia o Brasil.

“A ideia de desenvolvimento implicava a ideia de subdesenvolvimento, palavra que por acaso, talvez por azar meu, fui o primeiro a usar.”<sup>1081</sup> Assim como estabelecidos e *outsiders*, desenvolvidos e subdesenvolvidos partia do paradigma do grupo hegemônico, os desenvolvidos. Por isso, apesar de ser o porta-voz dos subdesenvolvidos, Josué se manteve nos termos e dinâmicas que separavam o mundo entre aqueles que eram o modelo a ser seguido e aqueles sobre os quais se agia – era preciso desenvolvê-los.

Sendo assim, Josué acreditava que poderia convencer os países desenvolvidos que era necessário atuar nos atrasados e que, com a consciência que a mazela existia, as pessoas iriam

---

<sup>1079</sup> Palestra de Josué de Castro, 24 de fevereiro de 1969. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 93.

<sup>1080</sup> CASTRO, Josué de. Desenvolvimento Econômico e a Fome no Brasil - II. *Diário de Notícias*, 28 de fevereiro de 1961, p. 05. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1081</sup> CASTRO, Josué de. Estratégia global de desenvolvimento e as perspectivas do Terceiro Mundo. Palestra no Instituto Centro-americano de Administração Pública (ICAP), 07 de maio de 1970. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 388.



agir para que ela acabasse.<sup>1082</sup> Era para isso que o CID existia, um grupo de pressão em nome dos subdesenvolvidos. Além da exposição das mazelas, o grupo pretendia dar consultoria para a escolha de especialistas para estudos sobre os temas relacionados.

Assim que chegou a Paris, Josué enviou diversas cartas a antigos interlocutores contando da sua nova morada e convidando os que ainda não faziam parte do CID. Entre eles estavam Abade Pierre, Padre Leuret, o economista François Perroux, o geógrafo Pierre Monbeig e o engenheiro agrícola Michel Cépède. Apesar de não necessariamente trabalharem pelo CID, ter esses nomes nos conselhos ou cargos honorários dava credibilidade para sua empreitada. Juscelino Kubitschek, com quem Josué teve contato até o fim da vida, foi convidado para compor o conselho consultivo da organização.

Da mesma forma que na ASCOFAM, o grande desafio para a manutenção do CID era financeiro e há um grande volume de cartas trocadas com ministros, embaixadores e outros cargos pedindo financiamento para a instituição. Josué dizia que o CID era o único centro que tinha uma função de avaliar, outra de investigar e outra de atuar, criando um corpo de assessores versados no desenvolvimento.<sup>1083</sup> Era necessário, para atacar o problema do subdesenvolvimento, criar programas educacionais e pesquisas sobre o assunto para formar técnicos preparados. Mas as respostas positivas a esses pedidos eram poucas. O CID teve o apoio de sete países – Argentina, Chile, Peru, Senegal, Israel, Polônia e Irã. As negativas vieram de países como Congo, Bélgica, Suíça, Alemanha, Áustria, México, Venezuela, Espanha, Dinamarca, Grã-Bretanha, o governo ditatorial da Nicarágua, de Anastácio Somoza, e o próprio governo brasileiro.<sup>1084</sup> Além disso, Josué tentou financiamento de grandes empresas como a Unilever, Fiat, Standard Oil, British Petroleum e Fundação Ford. Apesar do aparente contrassenso da crítica que Josué fazia ao neocolonialismo, esse diálogo era coerente com seu discurso, em razão de dizer que a mudança viria com a tomada de consciência dos

---

<sup>1082</sup> “Esperava-se que os países mais bem desenvolvidos, sob a perspectiva de uma nova consciência política perante as armas atômicas e de uma nova estratégia das forças mundiais, admitissem que o desenvolvimento harmonioso e equilibrado do Terceiro Mundo representasse um elemento indispensável à segurança internacional e merecesse, assim, uma duplicação dos esforços de todos para que fosse obtido a curto prazo. Esperava-se, pois, o reconhecimento, em Nova Delhi, de que a assistência não é um favor, um ato de caridade, mas um problema econômico, um bom investimento em um sistema econômico, cujo objetivo central é a vida do homem e a sobrevivência da espécie humana.” CASTRO, Josué de. De Bandung a Nova Delhi: A grande Crise do Terceiro Mundo. (texto datilografado. O original, em francês, foi escrito para a *Revue Générale Belge*, em abril de 1968). Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 277.

<sup>1083</sup> FERRETTI, Federico. A Coffin for Malthusianism: Josué De Castro’s Subaltern Geopolitics. *Geopolitics*, 2019. p. 408. DOI: 10.1080/14650045.2019.1583213 408.

<sup>1084</sup> *Ibidem*.

desenvolvidos e com a participação das empresas: “é necessário que os países do Terceiro Mundo abandonem sua comoção arcaico-socialista do anticapitalismo. [...] No Terceiro Mundo, nenhum progresso industrial será feito sem um apelo maciço às indústrias estrangeiras, sejam elas privadas ou socialistas”.<sup>1085</sup> O termo *terceiro mundo* entrou no vocabulário de Josué apenas no final da década de 1960.<sup>1086</sup>

A escolha de Paris foi estratégica, pois era um lugar aglutinador das elites e onde Castro tinha muitas conexões. Assim como a mudança para o Rio de Janeiro tinha sido importante para a constituição da carreira de Josué, também foi o caso de Paris. Se, por um lado, ele já tinha uma rede robusta quando se mudou, por outro, estar lá permitiu a ele fazer a manutenção e ampliação dessa rede que era grande e envolvia diferentes espectros políticos e nacionalidades. Ia de pessoas no espectro da esquerda, como Jorge Amado ou lideranças russas, até conservadores como o presidente da França, Charles de Gaulle. De lá, Castro continuou a participar de inúmeros encontros de diversos tipos, como conferências, congressos e simpósios na Europa, nos Estados Unidos, diversos países da América Latina, Índia e Israel. Em junho de 1965, foi recebido pelo presidente da Argentina Arturo Illia em sua viagem aos países da América do Sul para apresentar o CID, provocando a indignação de Castelo Branco, presidente da ditadura militar brasileira.<sup>1087</sup> Josué visitou o Brasil algumas vezes, passando um mês em 1967 e outro em 1972, aproveitando a visita ao presidente da Venezuela, Rafael Caldera. Esses compromissos se intercalavam com o acirramento das suas crises de saúde, que lhe acompanharam a vida toda, provavelmente quadros depressivos.

Em maio de 1970, em missão pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) a convite de Paul Hauffmann, Josué visitou diversos países da América Central e suas anotações dessa viagem demonstram quão consciente ele era das estratégias de inserção. No primeiro país que visitou, Nicarágua, não tinha encontro marcado com o presidente e atribuiu isso à falta de prestígio da equipe que organizou a missão. Para

---

<sup>1085</sup> CASTRO, Josué de. Un plan para el Tercer Mundo. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 140.

<sup>1086</sup> O termo ganhou força depois da Primeira Conferência de Solidariedade Afro-Asiática na cidade de Bandung, Indonésia, em 1955. Nessa ocasião estiveram representados 29 países e passou-se a adotar o termo que havia sido criado em 1952 por pesquisadores franceses. In: PEREIRA, Analúcia; MEDEIROS, Klei. A emergência da periferia no sistema mundial: da conferência de Bandung à conferência de Buenos Aires (1955-1978). *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v. 4, n. 7, jan/jun, 2015. p. 119-138.

<sup>1087</sup> Relatório do Embaixador dos Estados Unidos em 07 de junho de 1965. (Documentação cedida por Mário Magalhães).

essa conversa com o presidente, Josué foi criando caminhos e foi bem-sucedido em sua empreitada. Fez um discurso na inauguração do I Congresso Nacional de Alimentação.

O discurso que improvisei provocou uma emoção extraordinária, além da expectativa de todos. Estavam presentes e presidindo a cerimônia o Presidente da República e a sua mulher. Quando terminei, ambos se levantaram para me cumprimentar efusivamente, apesar de todas as verdades e denúncias que fiz no meu discurso, contra o colonialismo, o paternalismo e a caridade que finge tentar resolver o problema da fome. Em seu discurso de encerramento o presidente fez uma longa, elogiosa, emocionante referência ao meu discurso. Estava conquistado o ambiente e mudada por completo a atmosfera no país.<sup>1088</sup>

Foi convidado para almoçar no dia seguinte na casa de campo do presidente. No evento tinha mais de cem pessoas, mas o presidente “chamou-me a parte e subimos apenas os dois para o primeiro andar onde sentamo-nos no terraço e tivemos uma conversa que durou duas horas – até 13:30h da tarde”.<sup>1089</sup> Em Honduras aconteceu a mesma coisa, então ele teve “que desenvolver nova ação de presença para obter uma entrevista”.<sup>1090</sup> Nessa visita, Josué colocou suas impressões sobre o país:

O homem que me impressionou com sua firmeza, clareza e desassombro em dizer a coisa foi o Ministro da Economia. O resto é de nível medíocre e incolor. Não vejo em curto prazo como liberar o país da miséria que se estampa na fisionomia da própria capital – com um povo mal vestido, mal nutrido e com atitudes de atraso alarmante em suas reações sociais. Foi este, até agora, o país mais visivelmente subdesenvolvido que visitei na área centro-americana.<sup>1091</sup>

Os parâmetros desejados de performance pelas classes dirigentes foram os exercidos e prescritos por Josué. Isso porque, apesar de enxergar a estrutura desigual, Josué formulava suas análises nas chaves produzidas pela ciência moldada em países como Inglaterra e Estados Unidos. Não apenas nas prescrições alimentares, baseadas na ciência nascente da nutrição que recomendava o consumo de carne e leite, mas também no comportamento e no modelo de sociedade que valorizava. Nessa viagem, ainda visitou Guatemala e El Salvador e depois foi para os Estados Unidos.

Durante o exílio sua atividade na imprensa francesa foi intensa, com artigos de sua autoria publicados no *Le Monde* principalmente através do jornalista Marcel Niedergang. O perfil de Castro, que já era visto como o porta-voz dos subdesenvolvidos, tinha um novo

---

<sup>1088</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 234.

<sup>1089</sup> *Ibidem*.

<sup>1090</sup> *Ibidem*.

<sup>1091</sup> Diário de Josué de Castro. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 234.

apelo naquele momento para o público francês. Josué era um ativista contra a fome com livros de ampla tiragem, não tinha sua imagem vinculada a um cargo político governamental como no Brasil e ainda havia sido injustiçado pela suspensão dos seus direitos políticos. Continuou dando entrevistas e escrevendo artigos denunciando a fome no mundo e contando as novidades dos grupos que criava. Uma delas era o projeto da Universidade Internacional do Desenvolvimento, ligada ao CID, que formaria quadros em diversas universidades pelo mundo, projeto que nunca se concretizou.

Os boatos no Brasil davam conta de como Josué continuou as atividades depois do golpe: “[o] exilado político de maior êxito no estrangeiro é o Embaixador Josué de Castro que tem um escritório próximo dos Campos Elíseos com duas secretárias e um automóvel a seu serviço colocado pelo CID”.<sup>1092</sup> Suas atividades também eram registradas na imprensa brasileira, como o sucesso do livro *Homens e caranguejos*, lançado no Brasil em 1966 e figurando entre os mais vendidos.<sup>1093</sup>

Aparentemente o CID foi perdendo força, assim como aconteceu com a ASCOFAM, acima de tudo por falta de financiamento. Então, em 1968, ele se tornou professor do Departamento de Geografia da Universidade de Paris VII - Vincennes, um lugar recém-criado pela efervescência social dos acontecimentos daquele ano e que aglutinava intelectuais de esquerda e geógrafos como Yves Lacoste e Jean Dresch, sendo este quem convidou Castro.<sup>1094</sup> Antes ele havia lecionado cursos na Sorbonne, através de Perroux no *Institut d'Etudes du Développement* e de Monbeig no *Institut des Hautes Etudes sur l'Amérique Latine*.

Na nova Universidade, Castro lecionou Geografia da alimentação e da fome, América Latina, Introdução ao problema do subdesenvolvimento, Introdução à ecologia humana, Estruturas agrárias e problemas da América Latina e Ecologia do Terceiro Mundo. Em 1972, formou um grupo dentro da Universidade para estudar Amazônia e pediu sua divulgação no jornal *Le monde*: “[p]ara que esse grupo de trabalho ganhe peso e consiga contar com a

---

<sup>1092</sup> Coluna Umas & Outras. *Última Hora*, 11 de agosto de 1964, p. 21. Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil), Bndigital.

<sup>1093</sup> Josué de Castro. *Diário de Pernambuco*, [s.d.] 1968. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 112.

<sup>1094</sup> DAVIES, Archie. Josué de Castro's Geografia Combatente and the political ecology of hunger. PhD in Geography at King's College London, 2019.

colaboração de elementos válidos que estejam interessados sentir a este problema, seria desejável para divulgar a notícia da criação deste grupo de pesquisa”.<sup>1095</sup>

O exílio debilitou sua saúde e diversos compromissos foram cancelados por conta disso. Quando seu passaporte diplomático venceu em 1967, as renovações foram atrasadas ou negadas. A última, solicitada em 1973, tardou e só chegou após a sua morte em Paris, em 24 de setembro, logo após completar 65 anos.<sup>1096</sup>

## 6. 5. Epílogo

Há diversos estudos sobre Josué de Castro que enfatizam sua capacidade intelectual.<sup>1097</sup> Ao longo deste capítulo, vimos, entretanto, que Josué trabalhou e se valeu de estratégias diversas para ascender, ganhar prestígio e ser o autorizado profeta da fome, validado pelos seus pares. O ponto máximo do prestígio para si e seus interlocutores era o Prêmio Nobel, organizado pela fundação homônima e que diferenciava os que valiam a pena serem nomeados por participar de algum evento e os que não. Por exemplo, quando Josué divulgou sua coleção – *Obras completas de Josué de Castro* – lançada em 1957 pela editora Brasiliense, dizia a propaganda: “prefaciada em suas edições estrangeiras por personalidades invulgares como Lord Boy Orr – prêmio Nobel da Paz e Pearl Buck – prêmio Nobel de Literatura”.<sup>1098</sup> Ou em 1963, na divulgação da assembleia para debater a libertação da fome organizada por Sen, que dizia contar com líderes de diferentes partes do mundo e 28 vencedores de prêmios Nobel.<sup>1099</sup> Ser ganhador de um prêmio Nobel era a adjetivação máxima que uma pessoa poderia ter nesse espaço e Josué se cercou delas. Ele próprio ganhou uma série de prêmios e homenagens, que, tamanho o volume, é difícil mapear por

---

<sup>1095</sup> Carta de Josué de Castro a André Fontaine (jornal *Le Monde*), 9 de março de 1972. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 303.

<sup>1096</sup> AMORIM, Helder Remígio. “Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2019. p. 54-58.

<sup>1097</sup> Como exemplo: SILVA, Mercês F. Josué de Castro, Pensamento e Ação: A gênese do Plano de Segurança Alimentar no Brasil. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Para um panorama dos estudos sobre Josué de Castro, consultar: SILVA, Mercês F. Josué de Castro, um legado esquecido? Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Campinas, 2016.

<sup>1098</sup> *O Estado de São Paulo*, 12 de setembro de 1957. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 33.

<sup>1099</sup> STAPLES, Amy. *The birth of development: how the World Bank, Food and Agriculture Organization, and World Health Organization changed the world, 1945-1965*. Kent: The Kent State University Press, 2006. p. 118.

completo.<sup>1100</sup> A sua saga para ganhar o prêmio Nobel é o epílogo que demonstra as articulações em torno de um projeto de ascensão.

A ideia de Castro ser indicado para o prêmio Nobel foi aventada pela primeira vez logo após o lançamento do seu livro *Geopolítica da fome*. Ao que tudo indica, Claudio de Souza, representando o PEN Club do Brasil<sup>1101</sup> conversou com Josué em 1953 sobre sua possível nomeação. Josué indicou Pearl Buck, prêmio Nobel de Literatura, para que Cláudio pudesse, com ela, articular a sugestão. Buck se encantou com a possibilidade, pois considerava o trabalho de Josué uma “devoção ao serviço da humanidade”.<sup>1102</sup> Com o aceite, Claudio e Pearl começaram a trabalhar para que Josué ganhasse outras indicações, mandando cartas para a rede em torno do autor, apontada por ele.<sup>1103</sup> O primeiro nome que pensaram era o de Lord Boyd Orr, mas esse disse que não poderia se juntar à empreitada pois já havia indicado uma organização escocesa,<sup>1104</sup> o que de fato aconteceu. Ele havia mandado o nome da *Edinburgh Festival Society*. Josué também passou a escrever cartas pedindo apoio, como para seu agente, Sanford. “Segundo minhas informações, Pearl Buck já deveria ter feito a indicação ao Prêmio Nobel. Talvez você e *Little, Brown & Co* estivessem interessados em obter o apoio de organizações e personalidades notáveis para esta indicação – é por isso que me ocorreu contar a vocês”.<sup>1105</sup>

---

<sup>1100</sup> Alguns deles: Professor Honoris Causa da Universidade de São Domingos; Professor Honoris Causa da Universidade de São Marcos, Lima; Membro honorário da Associação Médica Dominicana; Membro honorário da Sociedade Acadêmica de Medicina, do Recife, Pernambuco; Membro honorário da Academia de Medicina de Lima, Perú; Membro correspondente do Comitê Italiano para o Estudo dos Problemas da População, Roma; Membro correspondente da Nutrition Foundation, Nova York; Membro honorário da Liga Uruguaia contra o Reumatismo; Membro permanente do Instituto Brasileiro do Direito, Medicina e Seguro Social; Membro honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar; Membro honorário da Sociedade Brasileira de Biologia; Membro da Sociedade Interamericana de Antropologia e Geografia; Membro da Academia Americana de Política e Ciências Sociais; Membro honorário da Associazione Italiana per lo Studio della Alimentazione; membro do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBEC) ligado à UNESCO; Presidente Honorário da Sociedade Brasileira de Dietista; Membro da Associação Americana de Saúde Pública; Premiado pela Associação Brasileira de Escritores (Geografia da fome); Premiado pela Academia Brasileira de Letras (Geografia da Fome); Prêmio Franklin D. Roosevelt, da Academia Americana de Ciência Política (Geopolítica da Fome); Oficial da Legião de Honra, França; Membro da Academia de Ciências da União Soviética; Grande Cruz do Mérito Médico, Brasil; Prêmio Internacional da Paz, do Conselho Mundial da Paz. *In*: Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 393.

<sup>1101</sup> PEN Club do Brasil é uma organização de escritores fundada em 1936 que defende a liberdade de expressão e os direitos e valores humanistas. Faz parte do PEN Club presente em outros países.

<sup>1102</sup> Carta de Pearl Buck a Lewis Hoskins, 02 de janeiro de 1953. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 268.

<sup>1103</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 263.

<sup>1104</sup> Carta de Lord John Boyd Orr a Claudio de Souza, 12 de maio de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 552.

<sup>1105</sup> Carta de Josué de Castro a Sanford Jerome Greenburger, 31 de dezembro de 1952. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 157.

Porém, o comitê do prêmio respondeu a Buck que ela não poderia indicar ninguém ao Nobel da Paz. Isso só poderia ser feito por entidades e por pessoas que haviam ganhado o prêmio específico da Paz, não qualquer Nobel. Por isso, os três, Cláudio, Josué e Pearl deram a tentativa por fracassada e pensaram em organizar a investida para o ano seguinte. O que eles não ficaram sabendo é que Josué acabou de fato sendo sugerido por essa rede que foi acionada. Foi o ano em que ele recebeu mais indicações, três: uma dos professores brasileiros Victor Leal e Eremildo Viana, outra de Richard Acland, membro do Partido Trabalhista inglês, e, por fim, de Aneurin Bevan, ex-ministro da Saúde britânico. Cláudio morreu no ano seguinte e o projeto do Nobel passou a acontecer por outras pessoas.

As justificativas giravam em torno da importância do livro *Geopolítica da fome*, da luta contra a fome através da presidência do Conselho da FAO ou da ASCOFAM e da necessidade de se acabar com a fome para que a paz acontecesse. Esse nível de detalhamento dos documentos, a rede acionada e o fato deles estarem no acervo de Josué indicam que ele tinha, não apenas conhecimento, mas participação ativa no processo que gerava a indicação. Os documentos revelam que existia uma dinâmica própria nesse processo. Partia de pessoas muito próximas a Josué, com a sua referendação ou provocação. A partir daí, grupos eram criados para promover a candidatura ao Nobel e mapear os possíveis patrocinadores da ideia. Cartas eram enviadas com pedido de apoio para que aumentasse o número de vezes que a pessoa era indicada para o comitê julgador.<sup>1106</sup> Esses nomes eram pensados a partir da rede de Josué, pessoas que poderiam fazer a candidatura em nome de um coletivo e que tinham reconhecimento. Para os aliados, defender a candidatura de Josué era defender também as redes nas quais estavam inseridos e suas próprias ideias.

Em 1954, houve uma indicação ao Nobel de Medicina pelo cientista espanhol Antonio Salvat Navarro, que havia sido convocado um ano antes, por Pearl Buck e Cláudio de Souza. Dessa vez, formou-se um comitê brasileiro pró-candidatura do professor Josué de Castro, sem nomes nas correspondências relacionadas, que pedia a nomeação de Josué. Em 1963, a articulação ocorreu em torno da *World Parliament Association*. Formou-se um comitê para a candidatura de Castro ao prêmio Nobel com Lord Attlee, ex-primeiro ministro da Inglaterra; Edgar Faure, ex-primeiro ministro da França; Halldór Laxness, Prêmio Nobel de Literatura; Lord Boyd Orr, Prêmio Nobel da Paz; o economista François Perroux; Jean Rostand, da

---

<sup>1106</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 98.

Academia Francesa; Louis Maire, presidente do Conselho da FAO; Prof. J. Bernal, Presidente do Conselho Mundial da Paz; Charles Maurin, Presidente da Academia de Ciências da França e Robert Buron, ex-ministro de estado da França. Ofereceram um jantar em homenagem à indicação de Josué em Londres, com a presença de cento e quarenta “personalidades inglesas, principalmente parlamentares”.<sup>1107</sup> Atrás desse movimento vieram várias pessoas, como Henry Gluckman, ex-ministro da Saúde Pública da África do Sul, Abade Pierre e os deputados brasileiros Odilon Ribeiro Coutinho e Ranieri Mazzilli, que pediram à Câmara que se juntasse ao movimento concentrado na Grã-Bretanha. Uma carta da ASCOFAM francesa trazia uma lista de signatários que apoiavam o projeto, entre eles estavam Roger Bastide, René Dumont, Padre Lebret, Daniel Mayer, Pierre Monbeig e François Perroux.<sup>1108</sup>

Cada indicação era fartamente noticiada na imprensa do Brasil e do exterior. Jornais como *L'Express*, *Le Combat*, *Le Monde*, *Times* e outros publicaram artigos sobre o possível ganhador do prêmio Nobel da Paz de 1963, Josué de Castro. O professor Adrien Robinet de Clery, da Faculdade de Direito da Universidade de Genebra, declarou que,

nesta oportunidade em que se realiza a Assembleia Geral da ONU, fazia votos para que o ‘Prêmio Nobel da Paz’ seja conferido, no fim deste ano, ao professor Josué de Castro. O embaixador do Brasil junto às Nações Unidas em Genebra é, ao mesmo tempo, um grande sábio que se especializou na luta contra a fome e pela industrialização das regiões subdesenvolvidas. Por isso, a destinação do Prêmio Nobel a Josué de Castro encorajará a todos aqueles que o vêm estimulando a perseverar no caminho que até hoje vem seguindo.<sup>1109</sup>

Apesar de toda essa organização, só uma indicação consta nos arquivos do Nobel, a de Lord Silkin.<sup>1110</sup> Lord Bertrand Russell, que era do mesmo grupo e havia sido laureado com o Nobel de Literatura em 1950, foi indicado 45 vezes em 1963. Provavelmente algumas dessas iriam para Josué. Em 1964 o comitê se organizou novamente com mais um argumento. Agora Josué era exilado político.

Acreditamos que esses eventos recentes confirmam ainda os títulos do Professor de Castro para o Prêmio Nobel da Paz. Seria totalmente compatível com tradições do Comitê Nobel conceder este ano o Prêmio a um homem que, como Albert Luthuli, é difamado e oprimido em seu próprio

---

<sup>1107</sup> Josué de Castro pode ganhar Prêmio Nobel. *Tribuna da Imprensa*, 17 de abril de 1963. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>1108</sup> Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 688.

<sup>1109</sup> Nobel da Paz deve ser para Josué de Castro pela luta contra a fome. *Diário de Notícias*, 22 de setembro de 1963. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 45.

<sup>1110</sup> Disponível em: [https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show\\_people.php?id=1660](https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=1660). Acesso em: 05 fev. 2023.



país, mas, no entanto, goza do respeito por todos os homens amantes da paz. Tal gesto encorajaria muito aqueles que, no Brasil ou em outros lugares, dedicaram e estão dedicando seus esforços, apesar de todas dificuldades, em prol da paz, da liberdade, felicidade e progresso social da humanidade.<sup>1111</sup>

Quem consta nos arquivos como indicador era Gilbert McAllister, também da *World Parliament Association*. O mesmo se repetiu em 1965, com a indicação novamente por Lord Silk e por Vieille Ville, deputado francês. Em 1970, Castro foi sugerido por Lord John Boyd Orr. Josué não ganhou em nenhuma das tentativas, mas foi o brasileiro que mais vezes foi indicado ao prêmio pelo menos até os anos 1980.<sup>1112</sup>

Os arquivos evidenciam que outras pessoas foram mais bem sucedidas em organizar as indicações, como o próprio Bertrand Russell ou Frank Buchman, sugerido 25 vezes em 1953. Mas não foram eles os laureados. Quem ganhou em 1953 foi George Marshall, presidente da Cruz Vermelha, indicado 6 vezes. Já o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e Liga das Sociedades da Cruz Vermelha ganharam 1963, com 5 indicações. Em 1964 quem ganhou foi Martin Luther King, com apenas duas indicações e em 1965 foi o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Em 1970, quem ganhou foi Norman Borlaug, do Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo, por suas colaborações para a revolução verde.<sup>1113</sup> Isso demonstra que, apesar de um movimento ativo para que Castro fosse premiado com um Nobel, há dinâmicas específicas de funcionamento para a premiação que nem sempre são orientadas pelas articulações dos proponentes. O comitê gestor e votante do Nobel não pertencia aos círculos de Josué, diferentemente de outros prêmios que vimos, o que também explica ele não ter sido bem-sucedido nesta empreitada. Fora isso, é preciso considerar o caráter eurocêntrico das escolhas dos laureados, com presença massiva de pessoas do eixo Europa e Estados Unidos.

Josué se estabeleceu a partir da mobilização de uma nova categoria de fome. Seu prestígio em tantas esferas é um indicativo da pertinência e habilidade do autor em manejar os temas e suas repercussões. Não foi formado apenas por seu objeto, mas também pela hábil construção do seu capital social e simbólico, em um movimento que se retroalimentava. O tema em voga, o problema social da fome, fazia com que ele fosse mais procurado e

---

<sup>1111</sup> Carta de Gabriel Veraldi [sem destinatário]. [s.d.]. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 263.

<sup>1112</sup> Ano limite em que a fundação Nobel tem os arquivos abertos para consulta.

<sup>1113</sup> MLA style: Nomination Archive. NobelPrize.org. Nobel Prize Outreach AB 2023. Disponível em: [https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show\\_people.php?id=1660](https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=1660). Acesso em: 15 jan. 2023.

conquistasse mais prestígio. Ao mesmo tempo, sua posição proeminente fazia com que ele conseguisse mais espaço para o tema, como o financiamento de documentários, entrevistas ou verbas para projetos. Ao todo, seus livros foram publicados em 24 idiomas.<sup>1114</sup>

Pode-se supor que afirmar que Josué ascendeu por ser portador dessa temática e que ele fazia cálculos de ascensão através de diferentes estratégias – ao estabelecer relações com pessoas que ele julgava importante, organizar e participar de congressos, construir articulações político-governamentais – queira dizer que ele não defendia de fato o fim da fome. Nada poderia ser mais equivocado. Não há necessariamente uma oposição entre o desejo e a crença em suas ideias e as estratégias de ascensão e consagração. As ideias não estão isoladas dos sujeitos que a produzem. Assim como foi para Josué, o desejo de um país e, mais tarde, um mundo sem fome, conviveu com sua luta por ações e mudanças sociais e eram retroalimentadas por estratégias outras, como foi visto neste capítulo. Estratégias essas que não são necessariamente sempre conscientes e, por isso, corroboram, em sua naturalidade, a habilidade que Josué tinha em ocupar os espaços de consagração.

---

<sup>1114</sup> São elas: alemão, inglês, árabe, português (Brasil), português (Portugal), búlgaro, catalão, chinês, dinamarquês, espanhol, francês, hebreu, holandês, húngaro, iraniano, italiano, japonês, norueguês, polonês, romeno, russo, sueco, tchecoslovaco e usbeque. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 178.

## CONCLUSÃO

A fome se manteve, apesar dos esforços de Josué de Castro. No final da vida, mais pessimista em suas análises sobre a sociedade, Josué admitiu que

[d]esde que eu escrevi o meu primeiro livro sobre a fome, em 1946, até agora, a situação alimentar do mundo não se modificou. Mudança houve no conhecimento do problema. Até hoje nenhum programa capaz de resolver essa magna questão foi aplicado. Os meus livros valeram enquanto contribuíram para que as pessoas passassem a falar mais sobre a fome no mundo, mesmo onde anteriormente não podiam fazer.<sup>1115</sup>

Ao mesmo tempo em que negou a mudança no fenômeno, Josué reconheceu que seus trabalhos fomentaram o debate sobre o assunto. Esse processo de surgimento da fome endêmica enquanto um assunto discutido aconteceu por diferentes condicionantes e por estratégias diversas dele e de seus pares, como encontros, publicações, documentários e a formação de associações.

É preciso considerar, todavia, que tanto a emergência de uma nova questão social, a fome endêmica, quanto seu portador, Josué de Castro, foram efetivos porque legitimados pelo conjunto de atores do *espaço público letrado* onde suas ideias circularam. O rendimento simbólico da nova enunciação sobre a fome só se produziu na medida em que os pares reconheceram Josué de Castro como tendo o direito de exercê-la. Josué se constituiu, dessa forma, em uma figura de prestígio e se tornou o portador da temática da fome.<sup>1116</sup>

Seu protagonismo na enunciação de um novo entendimento sobre o fenômeno da fome evidencia a habilidade do autor em ler as discussões da época. Assim como um bom jogador se posiciona no campo para capturar a bola no momento certo, o cientista perspicaz consegue fazer boas escolhas sem precisar necessariamente calcular: lugares de publicação, quais eventos participar, assuntos sobre os quais falar, alianças a estabelecer, etc. Essa capacidade de atuação indica que Castro, apesar de não ter nascido entre as classes dirigentes de sua época, soube angariar capital cultural e social para se estabelecer socialmente enquanto autoridade no assunto.<sup>1117</sup>

---

<sup>1115</sup> *A capital*, 29 de março de 1972. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 25.

<sup>1116</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1982] 1996. p. 95.

<sup>1117</sup> BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, [1997] 2004. p. 29.

Os esforços de Josué de Castro e seus pares para colocar a fome endêmica nas discussões vigentes foram amparados por condicionantes que possibilitaram seu sucesso. Ao longo da tese vimos como a fome endêmica enquanto questão social se colocou no *espaço público letrado* e quais as consequências do protagonismo que a temática teve. Em um primeiro momento, analisamos como as condicionantes materiais na Europa Ocidental - a predominância da renda para aquisição e o adensamento das cadeias de produção e circulação dos alimentos - diminuíram as crises de fome nesse local. Somadas a outros fatores, como a racionalização que os cientistas propuseram para entender o mundo social e a demanda pelo desempenho dos trabalhadores, ensejaram a emergência de categorias analíticas que possibilitaram o enquadramento da fome endêmica como questão pública no século XX.

Assim, a alimentação passou a ser medida através de calorias, proteínas e nutrientes. Mediante esse paradigma, constitui-se o mínimo ideal, podendo ser identificado, também, quem estava abaixo dele. Estabeleceu-se, assim, o alargamento do conceito de fome para a apresentação em seu sentido *moderno*: a fome endêmica. Se novas condicionantes do capitalismo mudaram a forma como a fome endêmica era produzida, os termos dos debates propostos por Josué e seus pares também foram gestados na consolidação dessa sociedade. Identificar a gênese das ferramentas utilizadas para construir as análises discutidas nesta tese implica não apenas apontar suas especificidades. Tem-se por objetivo também indicar os propósitos de sua criação: “modernizar” e “desenvolver”. A maior parte das formulações sobre alimentação ideal desse período era formada através de prescrições que tinham como objetivo fazer com que o país alcançasse um ideal definido segundo categorias de análise da ciência europeia, especialmente britânica. Sendo assim, também é possível entender por que as prescrições para combater a fome endêmica - nas agências internacionais, nas universidades ou no aparato administrativo - eram representadas em termos do que se definia como *moderno*: impessoais, científicas e racionais.

Enquanto a fome diminuiu nos países centrais da consolidação do capitalismo, os países periféricos continuaram a conviver com seu fenômeno enquanto crise, como no Brasil. A condição estrutural da fome se intensificava em determinados momentos por fenômenos catalisadores, como a Grande Seca do final do século XIX, a seca de 1932 ou a de 1958. Essa manifestação também aumentava os debates do *espaço público letrado* e, apesar das crises ocuparem uma parte significativa da atenção ao fenômeno da fome, como vimos na produção literária da primeira metade do século XX, a fome enquanto problema crônico foi se impondo como um novo modelo interpretativo. A formação da ciência da Nutrição no Brasil foi um

passo importante para a entrada dessas discussões no *espaço público letrado* nacional. O que essa nascente ciência chamava de má nutrição e ou subnutrição, disse Josué, podia ser chamado de fome endêmica.

Com a entrada de novos agentes advindos das classes médias no *espaço público letrado*, as representações tradicionais da fome foram confrontadas com novas perspectivas. Dessa forma, a ampliação do entendimento de fome foi construída em disputa com a conexão estabelecida entre crise e fome. Isso ocorreu pois a subversão da *doxa* encontrou resistência dos grupos estabelecidos há mais tempo. Mas a proposta de ampliar o conceito de fome tinha espaço amplo e as ideias de Josué se tornaram balizas para as discussões. Com o alargamento do significado de fome, os *enunciadores*, aqueles espectadores que propunham determinada interpretação sobre o fenômeno, passaram a formar um mundo social em torno da emergência dessa questão.

Nesta tese, isso implicou em compreender o trabalho coletivo - muitas vezes realizado em um contexto de competição e luta - que foi necessário para que o problema da fome endêmica fosse reconhecido como legítimo, publicável e político.<sup>1118</sup> Assim como qualquer outro espaço social, os agentes implicados nessa nova definição de fome passaram a disputar ideias, cargos, verbas e projetos de nação. Conseqüentemente, o trabalho de Josué de Castro e de seus pares adensou aparatos burocráticos em diferentes instâncias em nome da fome: estatais, das agências internacionais, organizações civis e científicos (universidade, grupos de pesquisas, congressos). Com isso, a luta contra a fome endêmica se profissionalizou.

Apesar de ciência e aparato administrativo serem vistas como duas esferas de autoridades separadas, vimos que elas partilharam, em muitos casos, os mesmos projetos e agentes profissionalmente vinculados a gestão da fome endêmica. O Estado se apropriou com frequência das ferramentas discutidas no campo científico e a proliferação dos órgãos ligados ao tema expressa a aderência que o combate à fome endêmica tinha naquele momento, como o SAPS, a CNA e a Política de Alimentação Escolar. Com uma imagem cientificamente instituída, essas políticas tinham, no entanto, práticas escamoteadas de sua aparência pública. A execução das políticas acontecia também a partir do capital social formado de quem as formulara, das alianças com líderes locais e associações, como a ASCOFAM, e da troca de favores. Seus agentes tinham que lidar com contingências diversas, como falta de verba ou problemas logísticos. Sendo assim, a implementação era delimitada por condicionantes que não estavam expostas na composição da política, mas constituíam o modo como se dava a

---

<sup>1118</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, [1989] 2011. p. 37-38.

intervenção no mundo social.

Esse percurso pela gênese e gestão da fome endêmica como questão social foi feito através da trajetória de Josué de Castro. Como protagonista nessa constituição e profícuo na atuação em diversas frentes, Castro se mostrou um caminho privilegiado. No processo de tornar a fome endêmica um problema público de primeira grandeza, ele teve que atuar, por exemplo, tanto nas métricas da fome definidas pela FAO como na distribuição de leite em pó para seus aliados políticos no interior de Pernambuco. Ao mesmo tempo em que reivindicava esse problema como público, fazia sua vinculação à problemática e construiu, assim, sua carreira. Apesar da assimetria da produção científica e da relação entre os países "desenvolvidos" e "subdesenvolvidos", Castro se estabeleceu como uma autoridade internacional, valendo-se tanto das produções científicas que permitiram que ele fosse validado enquanto cientista, quanto da autoridade que lhe pode ser conferida como aquele que havia conhecido a fome de perto. Foi presidente do conselho da FAO, fundou a ASCOFAM e o CID, concorreu seis vezes ao prêmio Nobel e foi autorizado como aquele que falava sobre a fome.

Apesar disso, as estruturas sociais vigentes apontavam os limites de sua atuação. Era frequentemente deslegitimado por ser “filho do entregador de leite” e “mulato”. A reforma agrária, prescrição científica para lidar com o “subdesenvolvimento” e a fome endêmica, não foi efetivada, a despeito da grande aderência naquele momento. Castro “dizia em alto e bom som, que nada poderia ser feito antes da mudança das estruturas econômicas e políticas dos países em questão [...]”.<sup>1119</sup> Mesmo admitindo a necessidade de uma mudança estrutural, Josué não deixou de atuar contra a fome endêmica em projetos de acesso direto ou de educação alimentar. Por meio dos panfletos, entrevistas, campanhas e publicações, empenhou-se na sensibilização para a temática. Organizou a vinda de leite em pó ou a fortificação da farinha de mandioca sabendo que essa não era a saída efetiva para o problema. A exemplo de Josué, esse é o dilema de muitos *enunciadores atuantes*.

Fome endêmica ou *comer até matar a fome* eram expressões das ausências, da vida insegura. Enunciar a ausência de alimentos para além do seu sentido de crise, de falta total, prevaleceu *no espaço público letrado*. Mas insegurança alimentar não era um termo utilizado durante o período analisado por esta tese no sentido que é apresentado hoje. Tal categoria surgiu a partir de pesquisas dos anos 1980 e começou a basear trabalhos no Brasil nos anos

---

<sup>1119</sup> Citado em discurso sobre Josué de Castro e atribuído a: NIEDERGANG, Marcel. Acervo Josué de Castro, FUNDAJ. Pasta 133.

2000. Há uma diferença fundamental entre as abordagens: enquanto a base da definição de fome endêmica era formada por dados clínicos, como quantidade de proteína consumida e falta de determinados nutrientes; insegurança alimentar é fundamentada na experiência da pessoa investigada e sua percepção a partir de perguntas como: “os moradores deste domicílio tiveram preocupação de que os alimentos acabassem antes de poderem comprar ou receber mais comida?”<sup>1120</sup> Com isso, houve um deslocamento de uma régua estritamente clínica para a interpretação da experiência de acesso daquele ou daquela em situação de fome. Hoje, o termo (in)segurança alimentar se tornou a expressão prevalecente entre os técnicos para a ausência parcial de alimentos enquanto fome seria o último nível de insegurança alimentar.<sup>1121</sup> Por isso, apesar de o olhar para a ausência parcial de alimentos ter se consolidado no período analisado nesta tese, considero que esta não é a história da gênese do termo segurança alimentar, como é apontada por alguns autores.<sup>1122</sup>

Historicizar os debates em torno da fome não significa a deslegitimação desse conceito. A fome é frequentemente expressa como fato evidente por si mesmo, naturalmente elegível enquanto um problema social a ser resolvido. O estatuto histórico do conceito de fome não esvazia a materialidade do fenômeno. Essa é a história de como a fome era enxergada pelo *espaço público letrado*. Foi necessário, portanto, realizar uma análise histórica e social da emergência dos problemas elegidos por esse grupo, no caso a fome endêmica, e como ela se estabeleceu progressivamente. Esse movimento trouxe à tona os espaços de disputa, projetos políticos e a ordenação de moralidades. Ao mesmo tempo em que a fome se estabeleceu como uma questão socialmente relevante, formou-se, através dela, um espaço social que engendrava um grupo e os elementos inerentes a sua constituição. Esta foi uma tese sobre Josué de Castro e a fome, mas não apenas sobre eles. Foi uma história sobre como e por que os problemas são constituídos como públicos, portanto políticos. Foi uma história, em suma, das possibilidades e dos limites do trato intelectual e político de questões sociais na nossa sociedade.

---

<sup>1120</sup> SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos. Estudo Técnico: Escala Brasileira de Insegurança Alimentar – EBIA: análise psicométrica de uma dimensão da Segurança Alimentar e Nutricional. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2014. p. 08.

<sup>1121</sup> Essa nomenclatura está em discussão. In: RIBEIRO Jr, José Raimundo Sousa. A fome como processo e a reprodução social capitalista. *Boletim Paulista De Geografia*, vol. 1, n. 105, 2021. p. 15–39. Recuperado de <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1992>

<sup>1122</sup> SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação*. A gênese do Plano de Segurança Alimentar. Dissertação (Mestrado), Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

## REFERÊNCIAS

### Acervos

- Acervo Josué de Castro. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Recife, Pernambuco.  
Acervo da Câmara dos Deputados, Brasília.  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).  
Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/>>  
Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>  
Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>  
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bdigital.bn.gov.br/>>  
Instituto Câmara Cascudo, Natal, Rio Grande do Norte.  
Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://ims.com.br/>>  
O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>  
Acervo do prêmio Nobel. Nomination Archive. Disponível em: <[NobelPrize.org](https://NobelPrize.org)>

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, [1933] 2010.
- AMÉRICO DE ALMEIDA, José. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1928] 2010.
- AMORIM, Helder Remigio de. "Um pequeno pedaço do incomensurável": a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado), Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOBATO, Rosângela. Imagens da seca de 1877-78 no Ceará: contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 114, 1994.
- ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. *A miséria e os dias: história social da mendicância no Ceará*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- ASCOFAM. *O Drama Universal da Fome*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1958.



- AWARD to professor H. C. Sherman. *Science*, Vol. 77, Abril de 1997. p. 346. DOI: 10.1126/science.77.1997.346.a
- AZEVEDO, Carmen Lucia de. Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BARONA, Josep L. Nutrition and Health. The international Context During the Inter-war Crisis. *SocialHistory of Medicine*. vol. 21, n.1. abr. 2005.
- BARONE, Ana Claudia Castilho. Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana. *Anais XVI Enanpur*. Belo Horizonte, 2015.
- BARROS, Maria Sylvia Carvalho; TARTAGLIA, José Carlos. A política de alimentação e nutrição no Brasil: breve histórico, avaliação e perspectivas. *Alimentos e Nutrição*, Araraquara, v. 14, n. 1, 2003.
- BASHFORD, Alison. *Global population: history, geopolitics, and life on earth*. Nova York: Columbia University Press, 2014.
- BASTOS, Daniel Schneider. O direito à subsistência em xeque: um olhar sobre a lei dos pobres e o ato de emenda de 1934. *História Econômica & história de empresas*, v. 21, n. 01, 2018.
- BASTOS, Élide Rugai. *As ligas camponesas*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BEZERRA, Marcos Otávio. *Em nome das "bases": política, favor e dependência pessoal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- BILTEKOF, Charlotte. Critical Nutrition Studies. In: PILCHER, Jeffrey (org.). *The Oxford Handbook of Food History*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- BIZZO, Maria Letícia Galluzzi. Ação política e pensamento social em Josué de Castro. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 3, set.-dez. 2009. p. 401-420.
- \_\_\_\_\_. Agências internacionais e agenda local: atores e ideias na interlocução entre nutrição e país (1932-1964). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz - COC/FIOCRUZ, 2012.
- BLANCO, Lis Furlani. *Dar forma à fome: uma etnografia das políticas públicas de segurança alimentar na trajetória do Programa Fome Zero*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, 2022.
- BOLTANSKI, Luc. Note sur les échanges philosophiques internationaux. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 1, n. 5-6, novembre 1975.
- \_\_\_\_\_. *Distant suffering: morality, media and politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

- BOM MEIHY, José Carlos Sebe; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. São Paulo: Bertolucci, 1994.
- BONASERA, Jacopo. ‘Green’ Malthus? A Bibliographical Itinerary between neo-Malthusianism and Environmentalism. *Storicamente*, v. 18, n. 11, 2022. DOI: [10.52056/9791254691984/11](https://doi.org/10.52056/9791254691984/11)
- BORDINI, Maria Isabel. Conflito de visões em *Calunga*, um romance proletário de Jorge de Lima. *VirtuaJus*, v. 2, n. 3, Belo Horizonte, 2o sem. 2017.
- BORGES, Dain. “Inchado, feio, preguiçoso e inerte”: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. *Teoria e pesquisa*, n. 47, jul/dez 2005.
- BOSI, Alfredo. Céu, inferno. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo e Facioli, Valentim. *Graciliano Ramos*. São Paulo, Ática, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador [1966]. In: POUILLON, Jean. *et al.*, *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1968.
- \_\_\_\_\_. "Les trois états du capital culturel". *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n. 30, novembro de 1979. p. 03-06.
- \_\_\_\_\_. Le capital social: notes provisoires. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 31, 1980. p. 02-03.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1982] 1996.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, [1989] 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp, [1997] 2004.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-1992)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Fome Zero: Uma História Brasileira*. Brasília, 2010.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: Volume 2 – Os Jogos de Trocas*. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1996.
- \_\_\_\_\_. *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII: Volume 1 – As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível*. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1995.
- BROCK, John. F.; AUTRET, Marcel. *Kwashiorkor in Africa*. *World Health Organization, Monograph Series*, n. 8, 1952.

- BUCKLEY, Eve. *Technocrats and the Politics of Drought and Development in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2017.
- \_\_\_\_\_. Drought in the *sertão* as a natural or social phenomenon: establishing the Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, 1909-1923. *Boletim do Museu do Pará Emílio Goeldi*, Belém, v. 5, n. 2, maio-ago. 2010. p. 379-398.
- BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unes, 2005.
- BUSCHINI, José. La alimentación como problema científico y objeto de políticas públicas en la Argentina: Pedro Escudero y el Instituto Nacional de la Nutrición, 1928-1946. *Apuntes*, n. 79, Vol. XLIII, 2016.
- CALHOUN, Craig. The idea of emergency: humanitarian action and global (dis)order. In: FASSIN, Didier; PANDOLFI, Mariella (org.). *Contemporary States of Emergency*. Cambridge, MA: Zone Books, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. [1964] 2010.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1965] 2006.
- CARMO, José Messias do. *Política Alimentar Brasileira*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Nutrição, 1937.
- CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Luta e persistência por um mundo sem fome em Josué de Castro: uma revisão da geografia da alimentação. *Geosul*, v. 21, n. 41, jan./jun. 2006.
- CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. *Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira – 1934/1956: uma contribuição à historiografia do pensamento geográfico nacional*. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. O Motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 13 n. 38. São Paulo, Oct. 1998.
- CASE, Holly. The “social question”, 1820-1920. *Modern Intellectual History*, Cambridge, v. 13, n. 3, 2016.
- CASTRO, Anna Maria. *Nutrição e desenvolvimento, análise de uma política*. Tese (Livre-docência em Sociologia). Instituto de Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

- \_\_\_\_\_. (org.). *Fome, um tema proibido*. Últimos escritos de Josué de Castro. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- CASTRO, Josué de. *A questão do salário mínimo*. Departamento de Estatística e Publicidade. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936.
- \_\_\_\_\_. *Documentário do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- \_\_\_\_\_. *A alimentação Brasileira á luz da Geografia Humana*. Porto Alegre: Edições Globo, 1937.
- \_\_\_\_\_.; Meireles, Cecília; *A Festa das Letras*. 4. ed. São Paulo: Global, [1937] 2015.
- \_\_\_\_\_. *Science et Technique*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1937.
- \_\_\_\_\_. *O problema da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Geografia Humana*. Porto Alegre: Globo, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Alimentazione e acclimatazione umana nei tropici*. Milão: [s.n.], 1939.
- \_\_\_\_\_. O Serviço Técnico da Alimentação Nacional e os Arquivos Brasileiros de Nutrição. *Arquivos Brasileiros da Nutrição*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, maio, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, [1946] 1948.
- \_\_\_\_\_. *Geopolítica da Fome*. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante, 1952.
- \_\_\_\_\_. *O Livro Negro da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Death in the Northeast: Poverty and Revolution in the Northeast Brazil*. New York: Random House, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Explosão Demográfica e a Fome no Mundo*. Lisboa: Edições Itáu, 1968.
- \_\_\_\_\_. O Nordeste do Brasil e a Campanha Mundial contra a Fome – Projeto Tracunhaém. In: ANDRADE, Manuel Correia de (et al.). *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- CASTRO, Therezinha de. Carlos Delgado de Carvalho. In: IBGE. *Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro*, 2008.
- CHANDRASEKHAR, Sripati. *Hungry People and Empty Lands: An Essay on Population Problems and International Tensions*. Londres: allen & unwin, 1954.
- CHAVES, Nelson; LIMA, Oswaldo Gonçalves. *A mucunã vermelha na nutrição: novos comentários*. Recife: Imprensa Oficial, 1949.

- COELHO, Tiago da Silva. Candido Portinari e Graciliano Ramos: diálogos de *Vidas Secas* com os *Retirantes*. *Baleia na rede – estudos em arte e sociedade*. n. 11, vol. 1, 2014.
- COGGIOLA, Osvaldo. Programas Sociais Compensatórios: a experiência brasileira. *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social*, v. 23, n. 01, jan-jun 2013.
- COIMBRA, Marcos; DE MEIRA, João Francisco; STARLING, Monica Barros de Lima (orgs.). *Comer e aprender: uma história da Alimentação escolar no Brasil*. Belo Horizonte: MEC, 1982.
- COLLINGHAM, Lizzie. *The taste of war – World War II and the battle for food*. New York: The PenguinPress, 2012.
- COORDENAÇÃO da Mobilização Econômica. *Serviço Técnico da Alimentação Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Perfecta, 1943.
- COSTA, Dante. *Alimentação do Escolar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Alimentação e Progresso*. Rio de Janeiro: SAPS, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Principais deficiências nutritivas de crianças em idade escolar no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SAPS, 1960.
- COSTA, Patrícia Coelho. Delgado de Carvalho: a trajetória de um educador. Trabalho apresentado no II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador. In: IBGE. *Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro*, 2008.
- COUTINHO, Ruy. *Valor Social da Alimentação*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca de Divulgação Científica, 1937.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Penguin-Companhia, [1902] 2019.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem Guerra: A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- D'ALENCOURT NOGUEIRA, Marcelo. *As relações políticas de João Goulart e Leonel Brizola no governo Jango (1961-1964)*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal Fluminense, 2006.
- DAVIES, Archie. *Josué de Castro's Geografia Combatente and the political ecology of hunger*. PhD in Geography at King's College London, 2019.
- DAVIS, Kingsley. Reviewed Work: The Geography of Hunger by Josue de Castro. *American Sociological Review*, v. 17, n. 4, agosto de 1952.

- DAVIS, Mike. *Holocaustos coloniais: a criação do terceiro mundo*. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, [2002] 2022.
- DE LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1578.
- DESRORIÈRES, Alain. *The Politics of Large Numbers: A History of Statistical Reasoning*. Boston: Harvard University Press, 2010.
- DEVEREUX, Stephen. *Theories of famine*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- DEZEMONE, Marcus. A questão agrária, o governo Goulart e golpe de 1964 meio século depois. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 71, 2016.
- DIMITROV, Eduardo. Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa* (o sistema totêmico na Austrália). São Paulo: Paulus, [1912] 2021.
- EDKINS, Jenny. *Whose Hunger? Concepts of famine, practices of aid*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- \_\_\_\_\_; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ENGELS, Friedreich. *The Condition of the Working Class in England*. London: Penguin Books, [1845] 1987.
- ESCOBAR, Arturo. *Encountering development: the making and unmaking of the third world*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Arroz e Feijão, Discos e Livros: história e memória do Serviço de Alimentação da Previdência Social, SAPS (1940-1967)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, 2012.
- FABRIS, Annateresa; FABRIS Mariarosaria. A função social da arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 38. São Paulo, 1995.
- FAGUNDES JÚNIOR, João Peregrino da Rocha. *Alimentação: problema nacional*. Rio de Janeiro: Mauá, 1941.
- FARIA, Luiz de Castro. *Oliveira Vianna. De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41 – Niterói: o autor, os livros, a obra*. Rio de Janeiro: Relume Dumará:, Coleção de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.
- FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A UDF, sua vocação política e científica: um legado para se pensar a universidade hoje. *Pro-Posições*. v. 15, n. 3 (45) set./dez., 2004.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução*. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- FERNANDEZ, Rafaella Andréa. Edição crítico-genética de três narrativas carolinianas: o caráter proverbial nos cenários do devir-fome amarela. *Manuscritica*, Campinas, n. 32, 2017.
- FERRAZ, Francisco César. *Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FERRETTI, Federico. A Coffin for Malthusianism: Josué De Castro's Subaltern Geopolitics. *Geopolitics*, 2019. DOI: 10.1080/14650045.2019.1583213 408.
- FOGAGNOLI, Marcela Martins. "*Almoçar bem é no SAPS!*": os trabalhadores e o Serviço de Alimentação da Previdência Social (1940-1950). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Alimentar também é educar: a merenda escolar no Brasil*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2017.
- FONSECA, Claudia; SCALCO, Lucia Mury; CASTRO, Heloisa Canfield de. Etnografia de uma política pública: controle social pela mobilização popular. *Horizontes antropológicos*, v. 24, n. 50, p. 271-303, jan./abr. 2018.
- FOSTER, John Bellamy. Marx's Theory of Metabolic Rift: Classical Foundations for Environmental Sociology. *American Journal of Sociology*, v.105, n. 2, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Martins Fontes: São Paulo, [1978] 2008.
- FREUD, Sigmund. "Contribuição à história do movimento psicanalítico". In: IIIII> *Obras completas*, volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1933.
- FRIEDMANN, Harriet. International Regimes of Food and Agriculture Since 1870. In: SHANIN, Teodor (org.). *Peasants and Peasant Societies*. Oxford: Blackwell, 1987.
- FURTADO, Celso. *Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.

- \_\_\_\_\_; CASTRO, Josué de. Operação Nordeste: dois nomes e duas opiniões. *O observador econômico e financeiro*. n. 278, abr. de 1959.
- \_\_\_\_\_. *et al. O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- GALBRAITH, John Kenneth. *The new industrial state*. Houghton: Mifflin and Company, 1967.
- GARCIA, Afrânio; GRYNSZPAN, Mario. Veredas da questão agrária e enigmas do grande sertão. In: MICELI, Sergio (org.). *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-2002)*. São Paulo: ANPOCS/ Editora Sumaré; Brasília: Capes, 2002.
- GIL, Rebeca de Lemos Gonzalez. *Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenelle, 1953.
- GLASMAN, Joël. *Humanitarianism and the Quantification of Human Needs*. London: Routledge, 1999.
- GODOY, José Henrique Artigas de. Economia Humana e desenvolvimentismo católico: o pensamento e a ação de Louis-Joseph Lebret no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 24, n. 1, 2015. p. 40-53.
- GOMES, Angela de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil, 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- GONÇALVES, Paulo Cesar. O mandacaru não floresceu: a ciência positivista a serviço do combate à seca de 1877-1879. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2018, p. 515-539. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702018000200012>
- GRADA, Cormac Ó. *Famine: a short history*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. Famine Past, Famine's Future. *Development and Change*, v. 42, n. 1, 2011.
- GRYNSZPAN, Mario. O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores. In: FERREIRA, Marieta. (org.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HOBBSAWM, Eric J. *Os Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.



- \_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- HOWE, Paul; DEVEREUX, Stephen. *Famine Intensity and Magnitude Scales: A proposal for an instrumental definition of famine*. *Disasters*. v. 4. n. 24. 2004.
- HUXLEY, Julian. World Population. *Scientific American*, v. 194, n. 3, 1956.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, [1960] 2014.
- \_\_\_\_\_. *Pedaços da fome*. São Paulo: Aquila, 1963.
- JIMÉNEZ, C. Bolsonaro: “Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista”. *El país*, 19 de julho de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685\\_513257.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html) Acesso em 01 de mar. 2023.
- KAMMINGA, Harmke; CUNNINGHAM, Andrew. *Science and Culture of Nutrition, 1840-1940*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1995.
- KELLEHER, Margaret. *The Feminisation of Famine: Expressions of the Inexpressible?* Cork: Cork University Press, 1997.
- KENEALLY, Thomas. *Three famines*. New York: Public Affairs, 2011.
- KENNY, Mary Lorena. Landscapes of Memory Concentration Camps and Drought in Northeastern Brazil. *Latin American Perspectives*. vol. 36, n. 05, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. Crisis. *Journal of the History of Ideas*, v. 67, n. 2, abril 2006.
- LA BLACHE, Vidal de. *Principes de Géographie Humaine*. Paris: Librairie Armand Colin, 1936.
- LACERDA, Carlos. O cordeiro de Deus sai da lama. *Revista Acadêmica*, n. 13, ago. 1935.
- LARANJEIRA, Raymundo. *Colonização e reforma agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- LAVAREDA, Antônio. *A democracia nas urnas*. Rio de Janeiro: Rio Fundo; Iuperj, 1991.
- LEME, Adriana Salay; RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo Sousa; BLANCO, Lis Furlani; ANTIPON, Livia Cangiano. *Fome e Assistência Alimentar na Pandemia*. São Paulo: Paulus, 2022.
- LEVENSTEIN, Harvey. *Revolution at the table*. The transformation of the American Diet. Berkeley: University of California Press, 2003.
- LIEBIG, Justus. *Animal Chemistry*. London: Cambridge University Press, 1842.

- LIMA, Antonio Carlos de Souza (Org.). *Gestar e Gerir: estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. *Revista de Antropologia*, v. 55, n. 2, 2013. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2012.59295. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59295>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- LIMA, Eronides da Silva. *Mal de fome e não mal de raça*. Gênese, constituição e ação política da educação alimentar no Brasil – 1934-1946. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2000.
- LIMA, Jamesson Ferreira. Consciência contra a fome. In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.
- LIMA, Jorge de. *Calunga*. São Paulo: Cosac Naify, [1935] 2014.
- \_\_\_\_\_; MENDES, Murilo. *Tempo e Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1935.
- LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de. *Antropologia Brasileira*. Ciência e Educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LIMA, Sérgio Eduardo Moreira; ALMEIDA, Paulo Roberto de; FARIAS, Rogério de Souza (org.). *Oswaldo Aranha: um estadista brasileiro*. Brasília: FUNAG, 2017. v. 2.
- LINHARES, Maria Yedda. *História do abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918)*. Brasília: Binagri, 1979.
- \_\_\_\_\_; Silva, Francisco Carlos Teixeira da. *História Política do Abastecimento (1918-1974)*. Brasília: BINAGRI, 1979.
- LIPTON, Michael. *Why poor people stay poor: a study of urban bias in world development*. London: Temple-Smith, 1977.
- LIRA, Augusto. “O Drama das Secas”: alegorias da fome no filme documentário de Rodolfo Nanni. *Bilros*, Fortaleza, v. 6, n. 12, 2018. p. 33-56.
- LISBOA, João Francisco. Obras. São Luiz do Maranhão: Typ. de B. de Mattos, 4 vols, 1865. Vol v. II2.
- LUDEMIR, Bernardo. Josué e as circunstâncias. In: ACADEMIA PERNAMBUCANA DE MEDICINA. *Ciclo de estudos sobre Josué de Castro: depoimentos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1983.
- MAGALHÃES, Mário. *Marighella - O Guerrilheiro Que Incendiou o Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. São Paulo: LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972.
- MALTHUS, Thomas. *An Essay on the Principle of Population*. [1798] 1998. Capítulo VII. Disponível em: <http://www.esp.org/books/malthus/population/malthus.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2019.
- MARTINS, André Luiz de Miranda. Alimentando pelejas: notas sobre a polêmica travada entre Josué de Castro e Gilberto Freyre acerca da dieta do escravo brasileiro. ANPUH – 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553688191\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Anpuh\\_2019\\_MARTINS\\_ALM\\_versao\\_final.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553688191_ARQUIVO_Artigo_Anpuh_2019_MARTINS_ALM_versao_final.pdf) Acesso em: 01 ago. 2022.
- MARTINS, Luis Carlos dos Passos. Salário, Inflação e Subversão: a visão da grande imprensa do Rio de Janeiro sobre o aumento de 100% do salário mínimo durante o segundo governo Vargas. *Historiae*, v. 2, n. 1, 2011.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.
- MCDONALD, Bryan L. *Food Power: rise and fall of the postwar American food system*. New York: Oxford University Press, 2017.
- MELLO, Marisa S. Breve história da consagração literária de Graciliano Ramos: a recepção de VidasSecas. *Revista Língua & Literatura*. v. 14, n. 22, ago. 2012.
- MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). *Josué de Castro: série perfis parlamentares*. Brasília: Plenarium, Câmara dos Deputados, (Perfil Parlamentar n.52).
- MELO, Normando Jorge de Albuquerque. Josué de Castro antes da fome. *Aurora*. Marília: Unesp, v. 7, 2011.
- MENDONÇA, Marina Gusmão de. O combatente da fome. Josué de Castro: 1930-1973. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2021.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. Ensino agrícola e influência norte-americana no Brasil (1945- 1961). *Tempo, Revista do Departamento de História da UFF*, v. 15, n. 29, jul.-dez. 2010.
- MENEZES, Anna Waleska N. Cunha de. *Os embates entre ciência e política na experiência parlamentar de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MILLAN-FUERTES, Amado A. Cannibalisme. In: POULAIN, Jean-Pierre (ed.). *Dictionnaire des cultures alimentaires*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.
- MINISTÉRIO da Educação e Saúde. A conjuntura alimentar e o problema de nutrição no Brasil. *Plano geral de trabalho - 1953/54*.
- MITCHELL, Timothy. *Rule of experts: Egypt, techno-politics and modernity*. Los Angeles: University of California Press, 2002.
- MONTEIRO, Renata Felipe. Deslocados da seca: o cotidiano dos flagelados na hospedaria Getúlio Vargas e a migração para diversas paragens (1943-1959). In: Anais 30. Simpósio Nacional de História, Recife. Recife: ANPUH, 2019.
- MOORE JUNIOR, Barrigton. *Aspectos morais do crescimento econômico*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MOREIRA, Vânia Maria. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 1950. *Revista Brasileira de História*, v.18. n. 35, 1998.
- MOSCOSO, Alexandre. Alimentação dos Escolares. *Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico Social*. Seção de Informação, Propaganda e Educação Sanitária. Rio de Janeiro, 1935.
- \_\_\_\_\_. Alimentação do Trabalhador. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde / Serviço Nacional de Educação Sanitária. 5. ed. 1944.
- MOSSE, David. *Cultivating Development: an ethnography of aid policy and practice*. London: Pluton Press, 2005.
- MOTA FILHO, Cândido. *Contagem Regressiva: memórias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.
- MOURA, Denise Aparecida Soares de. *Consumo e Abastecimento na História*. São Paulo: Alameda, 2001.
- MUKHERJE, Ayesha (ed.). *A cultural history of famine: food security and the environment in India and Britain*. Oxon: Routledge, 2019.
- MUNIZ, Érico Silva Alves. Comida, trabalho e assistência social: a alimentação na agenda política brasileira (1939-1947). Tese (Doutorado), História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2014.
- MURPHY, David T. *The Heroic Earth: Geopolitical Thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent: Kent State University Press, 1997.
- NASCIMENTO, Claudia Louback do. Entre Homens e Caranguejos: o debate em torno da obra de Josué de Castro em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

- NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. *Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- NATIVIDADE, Melissa de Miranda. *A questão agrária no Brasil (1961-1964): uma arena de luta de classe e intraclasse*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, 2013
- NEIBURG, Federico. Buscando a vida na economia e na etnografia. *Mana*, v. 28, n. 2, 2022. p. 09. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a900>
- NEVES, Frederico de Castro. Curral dos bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 29, 1995.
- \_\_\_\_\_. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n° 40, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Desbriamento” e “perversão”: olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. *Projeto História*, São Paulo, n. 27, dez. 2003.
- NEWMAN, Lucile F (org.). *Hunger in History*. Oxford: Blackwell, 1995.
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. *Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- OLIVEIRA, Marina Colli de. *Os retirantes de Portinari: crítica comentada sobre as obras da série pertencente ao MASP*. Dissertação (Mestrado) em Artes, Universidade Federal de Uberlândia, 2018.
- ORR, Lord John Boyd. *As I Recall*. London, MacGibbon & Kee, 1966.
- PALMEIRA, Miguel Soares. Dos efeitos de um exílio: Moses Finley na Inglaterra. *Revista de História*. n° 176, a01117, 2017. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.127336.
- PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e Questão Agrária. *Estudos Avançados*, v. 3, n. 7, p. 87-108, 1989. p. 92.
- \_\_\_\_\_. Nordeste: violência e política no Século XX. *Revista de Ciências Sociais*. vol. 37, n. 1, 2006.
- PEREIRA, Analúcia; MEDEIROS, Klei. A emergência da periferia no sistema mundial: da conferência de Bandung à conferência de Buenos Aires (1955-1978). *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v. 4, n. 7, jan/jun, 2015.
- PINHEIRO NETO, Armando. De curral da fome a campo santo: o campo de concentração de retirantes na seca de 1915 em Fortaleza. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

- POHL-VALERO, Stefan; DOMÍNGUEZ, Joel Vargas (ed.). *El hambre de los otros: ciência y políticas alimentarias en Latinoamérica, signos XX y XXI*. Bogotá: Editorial Universidade del Rosario, 2021.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nossa época*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1944] 2021.
- PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das “Coleções Brasilianas” nas décadas de 1930-1940 e 50. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 26, p. 56-89, 1988.
- PORTO, Adolfo. *Fome de pão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1946.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1930] 2012.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins Fontes, [1938] 1970.
- RANGEL, Carlos. “Após a glória, solidão e felicidade”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de junho, 1975.
- REDE PENSSAN. II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]. São Paulo, 2022.
- REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1932] 2001.
- RIBEIRO, Guilherme Leite. *Frente Parlamentar Nacionalista: trajetória e ação política (1956-1964)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.
- RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo S. Uma resposta política para a fome: Josué de Castro e as ligas camponesas. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, 2020.
- \_\_\_\_\_. A fome como processo e a reprodução social capitalista. *Boletim Paulista De Geografia*, vol. 1, n. 105, 2021. p. 15–39.
- RIDENTI, Marcelo. *O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- ROBERT, Marcio R. Histórias da psicanálise em Curitiba: surgimento e difusão de uma cultura psicanalítica entre clínica, teoria e política. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, 2016.
- ROCHA PITA, Sebastião da. *História da América Portuguesa desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro*. Lisboa: Officina de Joseph Antônio da Silva, 1730.

- RODRIGUES, Jaime. *Alimentação, vida material e privacidade*. Uma história social de trabalhadores em São Paulo nas décadas de 1920 a 1960. São Paulo: Alameda, 2011.
- ROWNTREE, Seebohm. *Poverty, a study of town life*. London: Macmillan and Co, 1901.
- SANTIAGO, Vandek. *Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001 (Perfil Parlamentar, Século XX).
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Plano de Educação Higiênica de Belisário Penna. 1900-1930. *Dynamis*, Granada, v.32, n.1, 2012.
- SANTOS, Walter. Merenda escolar. *Ciência Médica*, 1948.
- \_\_\_\_\_. O problema da Educação Alimentar no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Nutrição*, tomo 7, 1951.
- \_\_\_\_\_; PAES, Jitíia Dias. *Cartilha da Merenda Escolar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.
- SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos. Estudo Técnico: Escala Brasileira de Insegurança Alimentar – EBIA: análise psicométrica de uma dimensão da Segurança Alimentar e Nutricional. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2014.
- SCHLOSSER, Kolson. Malthus at mid-century: neo-Malthusianism as bio-political governance in the post-WWII. *Cultural Geographies*, v. 16, n. 4. Oct, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCOTT, James. *Seeing Like a State: how certain schemes to improve human condition have failed*. New Haven: Yale University Press, 1998.
- SEN, Amartya. *Poverty and Famines*. An essay on entitlement and deprivation. Oxford: Oxford University Press, 1982
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Claiton Marcio; ANDRADE, Rômulo de Paula. O SAPS e a cooperação técnica entre o Brasil e Estados Unidos (1945-1950). *Estudios Sociales del Estado*. v. 8, n. 16, 2022. DOI: 10.35305/esse.v8i16.305
- SILVA, Geraldo Rosa. Alimentação e Subdesenvolvimento no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, v. XXVI, n. 03, julho-setembro de 1964.

- SILVA, Marcelo Cândido da. Os agentes públicos e a fome nos primeiros séculos da Idade Média. *Varia*, v. 32, n. 60, set-dez. 2016.
- \_\_\_\_\_. Crise e fome na Alta Idade Média: o exemplo dos capitularmos calolíngios. *Anos 90*, v. 24, n. 45, jul. 2017.
- SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Josué de Castro: pensamento e ação. A gênese do Plano de Segurança Alimentar*. Dissertação (Mestrado), Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Josué de Castro, um legado esquecido?* Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Campinas, 2016.
- SILVA, Nauber Gavski da. *O “mínimo” em disputa: Salário mínimo, política, alimentação e gênero na cidade de Porto Alegre (c. 1940 – c. 1968)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- SILVA, Sandro Pereira. *A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, discontinuidades e consolidação*. Brasília/ Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2014.
- SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: Para uma poética da fome*. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1998.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Memória do Saber: Josué de Castro*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.
- SILVEIRA, Joel. *A Guerra Contra a Fome. Diretrizes*, Rio de Janeiro, abril de 1943.
- SIMMONS, Dana. *Vital Minimum: need, science, and politics in modern France*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Scarcity is a lie: hunger stories from the science archive*. No prelo.
- SMITH, Adam. *Wealth of Nations*. Lausanne: Metalibri, [1776] 2007.
- SOARES, José Arlindo. *A Frente do Recife e o governo Arraes: nacionalismo em crise 1955-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOUSA, Geraldo de Paula; CINTRA, Ulhôa.; CARVALHO, Pedro E. Inquérito sobre alimentação popular em um bairro de São Paulo. *Boletim do Instituto de Higiene de São Paulo*, n. 58, 1935.
- SOUZA, Itamar de; MEDEIROS FILHO, João. *Os degradados filhos da seca*. Petrópolis: Vozes. 1983.



- STAPLES, Amy. *The birth of development: how the World Bank, Food and Agriculture Organization, and World Health Organization changed the world, 1945-1965*. Kent: The Kent State University Press, 2006.
- STEDILE, João Pedro (org.). *Experiências históricas de reforma agrária no mundo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- STEIN, Leila de Menezes. *Trabalhismo, círculos operários e política: a formação do sindicato dos trabalhadores agrícolas no Brasil (1954-1964)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.
- TARANTO, Giuseppe Di. *Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Belém: CEJUP, 1993.
- TAVARES, Maria da Conceição; ANDRADE, Manuel Corrêa de; PEREIRA, Raimundo Rodrigues. *Seca e poder, entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- TEIXEIRA, Carla Costa; LIMA, Antonio Carlos de Souza. A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão? In: Duarte, Luiz Fernando Dias; Martins, Carlos Benedito (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- TEÓFILO, Rodolfo. *História da Seca no Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- \_\_\_\_\_. *A fome: cenas da seca do Ceará*. São Paulo: Tordesilhas, [1890] 2011.
- THOMPSON, Edward. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, [1980] 1998.
- TILLY, Charles (org.). *The Formation of National States in Western Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1975.
- TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.
- TOOZE, Adam. *Statistics and the German State, 1900-1945. The Making of Modern Economic Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- TOSCANO, Frederico de Oliveira. *Yes, Nós Temos Coca-Cola: O Ideal da Fatura Norte-Americana na Mesa do Nordeste (1930-1964)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- TOWNSEND, Joseph A. *Dissertation on the Poor Laws*. Berkeley: University of California Press, [1786] 1971.

- VALLE, Franco Della. *A construção da autoridade de jurista: Cesarino Junior, a Faculdade de Direito da USP e o Direito do Trabalho (1938-1976)*. Tese (Doutorado) em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968). *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 303-316, abr.-jun, 1999.
- \_\_\_\_\_. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, v. 8, n. 2, 2001.
- \_\_\_\_\_. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. *Revista de Nutrição*. Campinas, vol. 15. n. 2, maio/ago, 2002.
- \_\_\_\_\_. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas à Lula. *Revista de Nutrição*, vol. 18 n. 4, ago 2005.
- \_\_\_\_\_; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. Tributo a Manoel da Gama Lobo (1835-1883), pioneiro na epidemiologia da deficiência de vitamina A no Brasil. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. 14 (4). Out-dez de 2007.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- VERNON, James. *Hunger, a modern history*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: Belknap Press, 2007.
- VOGT, William. *Road to Survival*. New York: William Sloane Associates, Inc., 1948.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos para a sobrevivência*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1917] 1982.
- WOORTMAN, Klas. Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda Relatório Final. Brasília: Editora da UnB, 1978.(Série Antropologia). p. 19-107.
- XAVIER, Libânia N. Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2. abr.-jun. 2012.